LITERATURA PORTUGUESA

COLEÇÃO PRESTÍGIO

# Os Lusíadas

Camões

Uma das mais famosas epopéias em todo o mundo, dividida em dez cantos, contendo 1102 oitavas e 8816 versos. Camões exalta os bravos feitos dos antigos navegadores lusitanos, pintando em belíssimas cores o descobrimento da Índia. Personagens mitológicos e reais aparecem em quadros de surpreendente beleza e em situações que causam forte emoção ao leitor. Todas as conquistas e glórias dos portugueses estão descritas em sublimes versos que colocam Camões como o maior dos clássicos da língua portuguesa.

CAMÕES

Os Lusíadas

70386

# Camões

# Os Lusíadas

*Edição crítica de*

Francisco da Silveira Bueno

COLEÇÃO PRESTÍGIO

EDIOURO/70386

COLEÇÃO PRESTÍGIO

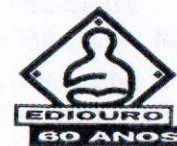
# LUÍS DE CAMÕES



# OS LUSÍADAS

*Comentados por*

Francisco da Silveira Bueno
Catedrático de Filosofia Portuguesa da
Universidade de São Paulo — Brasil

11ª Edição

As gravuras deste volume referentes aos Cantos foram reproduzidas da "Edição Comemorativa do 3° Centenário da Morte de Camões", publicação da Emilio Biel, edição de 1880. A capa e as outras figuras são reproduções da publicação "Camões e as Artes Plásticas", de Xavier Coutinho - Livraria Figueirinhas, Porto.

Agradecimentos ao Real Gabinete Português de Leitura pela colaboração nas reproduções desta edição

Visite nosso novo site
www.ediouro.com.br

ISBN 85-00-70386-5

EDIOURO PUBLICAÇÕES S.A.
Rua Nova Jerusalém, 345
21042-230 Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (021) 560-6122 – Fax: (021) 280-2438
Av. Jabaquara, 1799/1803 Mirandópolis
04045-003 São Paulo - SP
Tel.: (011) 5589-3300 – Fax: (011) 5589-3300 r. 232 ou 233
e-mail: ediouroeditsp@uol.com.br

DEDICATÓRIA

À memória sempre querida
de Júlio Afrânio Peixoto,
o maior camonista do Brasil,
fundador da cadeira de Estudos Camonianos
do Curso de Letras de Lisboa,
comovida e sincera homenagem do autor.

**O Retrato mais Antigo de Camões**
*(Trabalho assinado por Fernando Gomes e cujo realismo pressupõe que tenha sido feito do natural)*

PREFÁCIO — BIOGRAFIA DE LUÍS VAZ DE CAMÕES — A FORMAÇÃO DA EPOPÉIA — O MELHOR TEXTO CAMONIANO — AS LUSÍADAS OU OS LUSÍADAS? — O EXEMPLAR DE *OS LUSÍADAS* DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO — BIBLIOGRAFIA.

## Prefácio

*Na coleção Prestígio, damos à publicidade esta edição comentada e crítica de Os Lusíadas de Luís de Camões. Ativemo-nos, de modo especial, aos aspectos filológicos do Poema, instituindo comparações entre a língua do século XVI e a de hoje, pondo em ressalto aqueles pontos em que o português do Brasil responde às expressões empregadas pelo sumo cantor. Destinando-se o livro aos estudiosos do nosso país, chamamos sempre a atenção do leitor para aqueles fatos lingüísticos já desaparecidos em Portugal e mantidos em nossa Pátria, com o intuito de comprovar o cunho conservador da nossa expressão nacional. Tomamos por guia o texto da edição "princeps" em confronto com o da edição de Augusto Epifânio da Silva Dias, em nossa opinião, o mais perfeito comentador de Os Lusíadas no que respeita aos esclarecimentos filológicos da obra monumental. Cotejamos sempre com as críticas feitas pelo Dr. José Maria Rodrigues nas suas "Algumas observações a uma Edição Comentada dos Lusíadas", a edição do grande Augusto Epifânio da Silva Dias. Muitos autores foram cotejados, como se pode ver pela bibliografia citada neste livro. Esperamos que a crítica esclareça os lugares que ficaram obscuros e nos ministre luzes para as futuras edições desta obra.*

Prof. Dr. Francisco da Silveira Bueno
*Catedrático de Filologia Portuguesa da Universidade de São Paulo.*

Retrato de Camões (1816) —
*(Gravura aberta a ponta seca, de concepção original, assinada por S. von Perger e J. G. Mansfeld)*

## Luís Vaz de Camões

A mais extensa biografia de Camões é ainda a que escreveu Guilherme Storck e que constitui a primeira parte da grande obra "*Vida e Obras de Luís de Camões*". Traduziu esta parte biográfica a insigne Dona Carolina Michaëlis de Vasconcelos, tendo sido impressa em Lisboa, "Por ordem e na Tipografia da Academia Real das Ciências", MDCCCXCVII. Numerosas notas da tradutora aclaram os pontos mais obscuros, pois, como escreveu o autor no "Prólogo": "Na vida de Camões há poucos fatos documentados. Foi com tradições e conjecturas que os estudiosos tentaram preencher as lacunas e ainda hoje procedem do mesmo modo. Mas em quase todos os casos é somente o maior ou menor grau de probabilidade que levou e leva a aceitar ou declinar afirmações e suposições". Quem, portanto, quiser aprofundar-se bastante na biografia de Camões, deverá estudar este alentadíssimo volume. Em quase todas as edições de "Os Lusíadas" existem traços biográficos do poeta e outra cousa não vamos fazer senão seguir a maioria dos que se entregaram a este labor de comentar a grande epopéia portuguesa.

De acordo com o que disse Storck, quase tudo são suposições e conjecturas na existência atormentada de Luís Vaz de Camões, a começar pela vinda de Simão Vaz de Camões, seu pai, fidalgo da Galícia, mudança obrigatória de domicílio e de prática por ter tomado parte na luta entre Pedro, o Cruel, e Henrique de Trastâmara, pretendentes ao trono espanhol. Partidário do primeiro, que foi morto pelo segundo, apesar de ser irmão natural, seguiu ainda o partido de D. Fernando que os galegos levantaram como novo pretendente ao mesmo trono. O fidalgo galego, na opinião do historiador D. José Santiago y Gama, era "...vecino de Bayona... cuyo solar estaba radicado en el valle de Miñor" (História de Vigo). Joaquim da Silveira conclui que a família de Camões devia proceder da freguesia de Santa Eulália de Camós, que é também chamada freguesia de *Camones* em documento latino do século XIII, ano de 1228, e *Camues* em outro documento dos meados do mesmo século. Esta terminação *ues* emprega-se em documentos portugueses da época, como Midues, Fundues, para substituir *ões* que hoje dizemos: Midões, Fundões. A antecedente da palavra *Camones* devia ser *Calamones*, plural latino de nome de ave *camão*, que é uma pernalta que aninha entre canas e trigos, cujo tronco se diz *calamus*. A letra *l* caiu e os dois *aa* mudos contraíram-se em *a* aberto (Biblos III —).

Simão Vaz de Camões casou-se com D. Ana de Macedo, natural de Santarém, da família dos Condes de Vimioso e deste casamento nasceu Luís Vaz de Camões, o grande poeta português. Onde nasceu? Provavelmente em Santarém, pois, aí residiam os pais, possuidores da "Quinta do Judeu" neste lugar. Em que data nasceu? Ainda provavelmente entre 1524 e 1525. Cedo deveriam os pais de Camões ter transferido sua residência para Lisboa e entrado na corte de D. João III, pois contando apenas três anos de idade, fugiu com todos os nobres para Coimbra, impelidos pelo pavor da peste que grassava na capital. Dentro das probabilidades, D. Ana de Macedo faleceu nessa ocasião, casando-se Simão Vaz de Camões com outra Ana, D. Ana de Sá, madrasta do poeta. Coimbra não era um exílio para o menino e adolescente Camões, pois, aí, residia seu tio João Vaz de Camões, casado com Inês Gomes da Silva. Devia ser pessoa de qualidade porque exercera vários cargos públicos. O primo Antão Vaz de Camões, filho do precedente, casado com D. Guiomar, parenta de Vasco da Gama, o futuro herói principal da epopéia. Ao lado destes bem conceituados na sociedade conimbricense, havia ainda o Cônego Bento de Camões, prior do mosteiro de Santa Cruz e chanceler da Universidade, pessoa muito aceite a D. João III como escreve o Prof. Antônio de Oliveira Matos em seu livro "Vida de Luís de Camões — Ensaio sobre documentos, alguns inéditos" — Lisboa — MCMXLIII.º. O primo Antão Vaz de Camões, filho de João Vaz de Camões, casado com D. Guiomar da Gama, foi pai de Isabel Tavares, a primeira paixão do poeta em sua adolescência em Coimbra.

Presume-se que o pai de Camões tenha falecido entre 1530 e 1537, passando o futuro épico português a viver sob a tutela do Cônego Bento, no mosteiro de Santa Cruz ou talvez, com a própria madrasta, mas sob a proteção do ilustre eclesiástico, a pessoa providencial que bem encaminhou o poeta nos estudos clássicos do tempo. Desde os 12 anos freqüenta aulas do *Colégio das Artes* onde fizera o seu curso humanístico em preparação para a Universidade. Como era do tempo, estavam em grande evidência o latim, o grego, a filosofia clássica, mas sobretudo a mitologia greco-latina, lastro primeiro e essencial de todas as composições literárias do momento. Estes foram os estudos em que mais se aprofundou Camões, especialmente latim e mitologia, literatura renascentista, mas nada de grego. Das línguas modernas conheceu somente o espanhol, idioma em grande voga desde que as rainhas de Portugal vinham todas de Castela. Gil Vicente já havia dado o exemplo, escrevendo em castelhano, no que fora seguido por Sá de Miranda e por outros clássicos ou de transição entre o período arcaico e o clássico. Foi através do espanhol que Camões entrou em contacto com a literatura italiana e até com muitos autores latinos que ele não conheceu diretamente. Toda a influência petrarquiana que revelará em suas composições líricas, com uma única citação em "Os Lusíadas", não foi de fonte direta, em obras de Petrarca, mas indireta, através dos renascentistas espanhóis. Por não conhecer diretamente Petrarca, errou quando quis citar o verso "*tra la spica e la man qual muro he messo*" (IX — 78). Terminados os estudos humanísticos, teria entrado para a Universidade? Parece-nos que não. Houve um momento, depois que sofreu o pri-



meiro golpe amoroso, com o casamento de Isabel Tavares, sua primeira paixão, em que pensou em fazer-se padre, sendo providencialmente impedido pelo tio o Cônego Bento Camões. Que grande perda teria sido para as letras de todo o mundo se tal fantasia do adolescente Camões se tivesse realizado! Padre, que faria? Com o gênio turbulento que trazia de seus antepassados, quando muito daria um missionário e nada mais. Leia-se a nossa conferência "As Mulheres que Camões amou" (Arquivo Camoniano — Academia Brasileira de Letras — 1944).

Em 1543 já está na corte, em Lisboa, onde começa a parte turbulenta de sua vida, dado a valentias, facilmente inflamadiço em amores. Certamente tomou parte nos famosos serões literários do paço de Santa Clara, residência da Princesa D. Maria, filha de D. Manuel. Presume-se que fosse culta, vivendo cercada de outras mulheres inteligentes como Joana Vaz (parenta de Camões?), erudita em latim, grego e hebraico; Luísa Sigéia que falava árabe, siríaco, hebraico, grego e latim... Paula Vicente, filha de Gil Vicente, atriz de primeira plana no tempo. Ainda que haja em tudo isto grande exagero, pois, nenhuma obra nos ficou de tão sábias senhoras, o cenáculo era de letras e nele Camões brilharia, vencendo a todos os seus contemporâneos, quer pela sua genialidade, quer pelo seu preparo acima do comum. Daqui as primeiras e as mais fundas invejas literárias, fontes de sua agitada vida de poeta, e daqui a fonte mais profunda de sua desdita, o grande amor votado à Princesa D. Maria. É certo que esta tese do camonista J. M. Rodrigues tem sido muito combatida por outros que outras teses apresentam, todas meramente conjecturais. Camões, como todos os poetas, fantasiou muito a respeito de seus amores e, preludiando a grande doença do romantismo, exagerou as suas mágoas, os sofrimentos do coração. Nada se sabe ao certo senão que amou muito e variadamente: em todas as raças: desde a negra com a famosa Bárbara, até a amarela, com Dinamene, passando pela branca nos braços de várias damas da corte. Amou em todas as partes conhecidas no mundo daquele tempo: na Europa, na África, na Ásia. Amou em todas as classes sociais: desde a Bárbara, escrava; desde Dinamene, livre; até D. Maria, a princesa. E o resultado de tanta paixão, de tanto esbanjamento de amor, foi viver sozinho e morrer solitário. Enganam-se os poetas com as mulheres: quando muito gostam elas das poesias do poeta, nunca, porém, do poeta. A um gênio como Camões, mas poeta, isto é, sem fundamentos econômicos seguros, preferem o mais bronco negociante, de férias garantidas e economia certa.

Com tal temperamento e com tais qualidades literárias, despertou o poeta invejas e melindrou certos pundonores de uma corte, toda ao contrário da que tinha sido a de D. Manuel. D. João III e a Rainha D. Catarina eram de uma religiosidade que raiava no fanatismo. Não toleraram as fantasias amorosas dos jovens nobres, baixando rigoroso regulamento onde tudo era proibido, onde tudo estava acompanhado de penalidades e ameaças. Por isto disse Storck: "Ao contrário da franqueza cordial da vida da corte no reinado de D. Manuel, El-rei D. João III e sua esposa a Rainha D. Catarina, preferiram uma certa reserva, mostrando-se sempre solenes, sempre majestáticos, quase sempre severos. A aristocracia imitou este novo tom. Sucessos desagradáveis, escândalos desacostumados, casos freqüentes de culpa, ocasionaram cordatas admoestações e avisos bem-intencionados, mas infrutíferos. Depois recorreu-se a medidas mais rigorosas. Um regulamento interno, minuciosamente elaborado, cominando penas e castigos, devia precaver o paço contra fáceis amores nos seus aposentos". Camões foi uma vítima deste ambiente, condenado a exílio dentro da pátria, mas proibido de aparecer em Lisboa e muito menos na corte. Qual teria sido o lugar desse primeiro exílio do poeta? Acham uns que foi Santarém, outros que Constância, outros Coimbra. Antônio de Oliveira Matos, em sua supracitada obra, aduz argumentos aceitáveis a favor do castelo de Belver, à beira do Tejo, entre Abrantes e Vila Velha do Ródão, no distrito de Santarém, concelho de Mação (pág.61). Desde os tempos do Rei D. Afonso V que o castelo de Belver tinha sido declarado lugar de homizio. Começa o documento com estas palavras: "Ao castello da comenda de Belver privilegyo para quantos meziados que no dito castello e a redor delle morarem". E Camões tinha sido condenado pela corte justamente à pena de homizio. Terminado o prazo deste exílio, provavelmente, em 1549, regressou a Lisboa. Não encontrando propício o meio da corte e ainda mais acirradas as invejas de seu talento, foi como era da praxe dos nobres fazer seu tirocínio militar em Ceuta onde o encontramos em 1552. Em batalha é ferido, segundo a tradição, por um estilhaço que não só lhe vazou o olho direito, mas lhe levou boa parte do rosto, deformando-o terrivelmente. Nesse mesmo ano já está em Lisboa, talvez, à procura de remédio para o seu ferimento. Deu-se então a sua briga com um dos servidores da corte, um tal Gonçalo Borges, numa procissão de "Corpus Christi". Pelos ferimentos causados ao capanga da corte foi Camões metido em ferros. Em tamanha desdita, pobre, pois, segundo a tradição já havia esbanjado o que herdara dos pais, encarcerado, só lhe resta uma porta para a liberdade: a Índia. Requer ao Rei D. João III a sua liberdade com a condição de incorporar-se às forças que partiam para a Ásia e assim parte como simples soldado para esse extremo Oriente onde passará o resto da vida e donde regressará, já gasto pelos sofrimentos e trabalhos, para publicar "Os Lusíadas".

Era o dia 26 de março de 1553. Partia como soldado raso, tomando lugar em a nau "S. Bento" da armada comandada por Fernando Álvares Cabral. A 12 de setembro do mesmo ano chegava a Goa. Ficaria na Índia 16 anos, regressando a Lisboa em 1569. Em 1572 via

enfim publicado o seu poema para falecer em 1575, levado pela peste que desde a infância o perseguia.

Na Índia foi a vida de Camões penosa e triste. Como soldado combateu na expedição a Chembe, no estreito de Ormuz, fez a campanha das Molucas. Combateu nos mares da China, em Malaca e esteve em Macau. Em 1555, sendo govenador Francisco Barreto, amigo do poeta, foi este nomeado *Provedor-mor dos defuntos e ausentes*, em Macau, deixando assim a vida militar. Tinha por vencimentos 15.000 réis anuais, quantia respeitável para o tempo, dado o grande valor do real português. A nomeação do cargo era por três anos, mas antes que o prazo terminasse, foi preso e acusado de não exercer devida fiscalização sobre os subalternos. De Macau foi levado para Goa a fim de ser julgado pelo Governador. Mas na foz do rio Mecom, nas costas perigosas de Camboja, naufragou o galeão. Salvou-se o poeta a nado, levando como única riqueza o manuscrito de "Os Lusíadas". Preso em Goa, sofrendo as injustiças do governador Constantino de Bragança, teve de esperar a chegada do seu amigo, o Conde de Redondo, D. Francisco Coutinho, que o absolveu. Esteve preso até 1562, quase cinco anos! Com a amizade do vice-rei, parece-nos que passou o poeta mais tranqüilamente os seus últimos anos, pois, em 1563, quando aparece a primeira edição do famoso livro de Garcia da Orta "Colóquios dos Simples e Drogas da Índia", na tipografia de Joanes de Endem, em Goa, é Camões o padrinho, apresentando a obra ao vice-rei com uma ode, a de n.º VIII, que foi a primeira obra poética do grande épico a ser impressa no mundo. Com a morte do vice-rei, Conde de Redondo, em 1564, nada mais tinha Camões que fazer na Índia. As suas vistas voltaram-se então para a pátria. Somente em 1567 podia, contudo, dar o primeiro passo em seu regresso, embarcando-se em uma nau sob o comando de Pedro Barreto Rolim, a caminho de Moçambique onde esperava encontrar condução para Portugal. Vinha tão pobre que toda a viagem a fizera de graça, como convidado do comandante da nau. Foi nessa época, enquanto esperava transporte, em Moçambique, que Diogo do Couto o encontrou em situação muito precária: "Em Moçambique achamos aquele Príncipe dos Poetas, Luís de Camões, tão pobre que comia de amigos e para se embarcar para o reino, lhe ajuntamos toda a roupa que houve mister e não faltou quem lhe desse de comer. E aquele inverno, que esteve em Moçambique, acabando de aperfeiçoar as suas *Lusíadas* pera as imprimir, foi escrevendo muito em um livro que intitulava *Parnaso de Luís de Camões*, livro de muita erudição, doutrina e filosofia, o qual lhe furtaram. E nunca pude saber no reino, dele, por muito que inquiri. E foi furto notável. E em Portugal morreu este excelente poeta em pura pobreza" (Décadas — VIII, 28; IX, 20). Ambos fizeram viagem juntos, em a nau *Santa Clara*, partindo no ano de l567, chegando a Cascais em 1568. Eram decorridos 17 anos de ausência da pátria e bem se pode imaginar como se sentisse estranho nos meios literários e cortesanescos de Lisboa. Vê-se pelo relato de Diogo do Couto a impossibilidade de Camões trazer consigo o famoso escravo Jau, ele que estava reduzido à extrema miséria ao ponto de comer em casa alheia e de não ter nem roupa com que pudesse fazer a viagem. Quanto mais ter escravo seu! A figura deste Jau é uma das piedosas e românticas invenções da literatura, especialmente, de Garrett.

É de presumir-se que apesar dos anos de ausência, da sua situação paupérrima, encontrou Camões a ajuda de vários nobres de cujas casas era conhecido, sem o que não se explica a rapidez com a qual foi liberado pela Inquisição o manuscrito do poema, obtida a aceitação de D. Sebastião, aparecendo a grande epopéia um ano apenas depois do regresso do poeta a Lisboa. O patrono de Camões foi, como escreveu Storck, D. Manuel de Portugal: "É o próprio Poeta quem nos comunica em uma das suas Odes (Ode VII) o nome do generoso Mecenas, que apresentou a epopéia ao monarca português. *O Senhor D. Manoel de Portugal*, entre a aristocracia portuguesa do século XVI um dos mais brilhantes espíritos, era respeitado por todos os poetas, seus contemporâneos" (Storck — pág. 686). O alvará, que trazia o privilégio para a impressão dos *Lusíadas*, foi passado a 24 de setembro de 1571. Ei-lo como se encontra na obra supracitada:

> "Eu El Rey faço saber a quantos este Alvará virem que eu ey por bem, e me praz dar licença a Luis de Camões para que possa fazer imprimir nesta cidade de Lisboa hũa obra em outava rima chamada *os Lusíadas*, que contem dez cantos perfeitos, na qual por ordem poetica, em versos se declarão os principais (feitos dos Portuguezes nas partes da India depois que se descobrio a navegação para ellas por mandado d'El Rey D. Manuel, meu visavo (que santa gloria aja). E isto com prevelegio, pera que em tempo de dez annos que se começarão do dia que se a dita obra acabar de emprimir em diante, se não possa emprimir nem vender em meus reinos e senhorios nem trazer a elles de fora, nem levar das ditas partes da India pera se vender sem licença do dito Luis de Camões, ou da pessoa que pera isso seu poder tiver, sob pena de, quem o contrário fizer, pagar cincoenta cruzados e perder os volumes que imprimir ou vender, a metade para o dito Luis de Camões, e a outra metade pera quem os acusar. E antes de se a dita obra vender lhe será posto o preço na mesa do despacho dos meus desembargadores do paço, o qual se declarará e porá impresso na primeira folha da dita obra pera ser a todos notorio. E antes de se imprimir será vista e examinada na meza do conselho geral do santo officio da Inquisição pera com sua licença se aver de imprimir. E se o dito Luis de Camões tiver acrescenta-



> dos mais alguns cantos, também se imprimirão avendo pera isso licença do santo officio como acima he dito..."

Fazia-se necessário, antes de tudo, que a Inquisição aprovasse o manuscrito do poema sem o que estaria inutilizado o alvará obtido com tanto custo. "É provável que a mesa do Santo Officio não demorasse muito a sua censura, ou por outra, a sua "licença". Presumo que o padre-revedor conhecia de antemão a epopéia dos *Lusíadas*. De resto, todos desejavam satisfazer o desejo do soberano. O atestado de Frei Bartolomeu Ferreira não tem data, infelizmente. O teor dele é como segue:

> "Vi por mandado da Santa e Geral Inquisição estes dez Cantos dos Lusiadas de Luis de Comoens, dos valerosos feitos em armas que Portuguezes fizeram em Asia e Europa, e não achei nelles cousa alguma escandalosa, nem contraria á fé e bons costumes. Somente me pareceo que era necessario advertir os lectores que o author, pera encarecer a difficuldade da navegação e entrada dos Portuguezes na India, usa de uma ficção dos Deuses dos Gentios. E ainda que Santo Augustinho nas suas *Retractações* se retracte de ter chamado nos livros que compoz *"De Ordine"* as Musas *"Deoses"*, todavia, como isto he poesia e fingimento, e o author como poeta não pretende mais que ornar o estilo poetico, não tivemos por inconveniente ir esta fabula dos Deoses na obra, conhecendo-a por tal, e ficando sempre salva a verdade de nossa sancta fé, que todos os deoses dos gentios são "demonios". E por isso me pareceo o livro digno de se imprimir; e o author mostra nelle muito engenho e muita erudição nas sciencias humanas. Em fé do qual assiney aqui:
>
> *Frei Bartholomeu Ferreira"*.
> (Storck — págs. 691-692).

De posse, pois, destes dois documentos, podia Camões publicar a epopéia que não só imortalizaria o seu nome, mas também o de Portugal, pois, se a posição de Portugal ainda é pequena no conjunto literário das outras nações, sem *Os Lusíadas* seria completamente desconhecido. Foi o poema impresso por Antônio Gonçalves, péssimo impressor, com o texto inteiramente crivado de erros e enganos tipográficos. Era o formato in-quarto: tem no frontispício a célebre portada em cuja parte superior se encontra a figura do pelicano com o colo voltado à esquerda do leitor, ladeado por dois golfinhos. Duas colunas assentadas em plinto florido formam o quadro em cuja face se lê:

OS
LVSIADAS
de Luis de
Camoẽs.
Com Privilegio
Real
Impressos em Lisboa, com licença da
sancta Inquisição, & do Ordina-
rio: em casa de Antonio
Gõçalvez Impressor.
1572

D. Sebastião tinha ainda uma dívida por cumprir com o poeta: pelos serviços prestados na Índia e em força de sua designação para determinado cargo administrativo em Chaul, de que não pode tomar posse, o Governo de Portugal estava na obrigação de dar uma tença, um ordenado com que se pudesse manter o grande soldado-poeta. O cumprimento da dívida veio a 28 de julho de 1572:

> "Eu El Rey faço saber aos que este alvará virem que, havendo respeito ao serviço que Luis de Camões, cavaleiro fidalgo de minha casa, me tem feito nas partes da India por muitos annos, e aos que espero que ao diante me fará, e á informação que tenho de seu engenho e habilidade, e á suficiencia que mostrou no livro que fez das cousas da India, hei por bem e me praz de lhe fazer mercê de quinze mil reis de tença em cada ano, por tempo de tres annos somente, que começaro de doze dias do mes de março deste anno presente de 1572 em diante, que lhe fiz esta mercê, e lhe serão pagos no meu thesoureiro-mór, ou em quem seu cargo servir cada hum dos ditos tres annos, com certidão de Francisco de Siqueira, escrivão da matricola dos moradores de minha casa, de como elle Luis de Camões reside em minha corte".

Esta soma de quinze mil-réis por ano tem despertado rios de eloqüência contra a sovinice do governo português. É necessário levar em conta o grande valor da moeda portuguesa nessa época e o custo extremamente baixo dos gêneros de primeira necessidade. A. de O. Matos, escrevendo em 1943, afirmava que a moeda valia 80 vezes mais do que em nossa época. A comparação estabelecida por Storck entre a tença de Camões e as de outras gran-

des personalidades mostra que D. Sebastião, se não foi generoso, não foi tampouco mesquinho. Vasco da Gama, almirante-mor dos Mares Índicos, recebia 300 mil-réis por ano. Fernão de Magalhães tinha 12 mil-réis e saiu de Portugal, passando-se para Castela porque o rei não quis elevar-lhe a tença a 14 mil e duzentos réis. Pedro Nunes, a maior figura da Universidade, grande matemático e cosmógrafo, ganhava 40 mil-réis. D. Catarina de Ataíde, grande dama do paço, mantinha-se apenas com 12 mil-réis. Já se vê que Camões poderia viver perfeitamente bem com a tença outorgada pelo rei. E a tão propalada miséria do Poeta? Explicam todos os biógrafos que houve demora no pagamento da tença, como ainda hoje acontece nestes regímens de papelório e emperrada burocracia. Correm várias anedotas, todas falsas, a respeito da vida miserável que levava Camões em seus últimos anos, mantido às expensas das esmolas que o escravo Antônio Jau conseguia pelas ruas. Já em outra parte ficou dito que tal escravo nunca existiu, sendo piedosa e romântica invenção de outros posteriores, sobretudo, de Pedro Mariz e Faria e Sousa. Camilo Castelo Branco escreveu a este respeito: "...nem essas hipóteses de fomes, frios e mendicidades... deve aceitá-las a crítica desligada de velhos preconceitos". "Eu creio tanto na mendicidade de Homero como nos peditórios noturnos de esmola do Antônio de Java para sustentar Camões." A amizade dos Dominicanos, cujo convento ficava próximo à residência do Poeta, na Mouraria, era suficiente para socorrê-lo e a madrasta que, parece, ainda vivia em companhia dele.

Publicado o poema, pôde Camões encher-se de orgulho e de satisfação com a acolhida simplesmente extraordinária que teve a obra em outros países da Europa. Duas traduções em espanhol e Tasso passa por ter escrito um soneto de louvor a Vasco da Gama e de haver dito que só a Camões temia. D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, em nota a Storck (pág. 705), acha que todo este caso de Tasso deve ser falso, pelo menos, grandemente fantasioso. Em Portugal foi grande a admiração despertada pelos "Lusíadas" se bem que, como é natural, outros aparecessem para desdenhar do poema, para criticar os seus neologismos e latinismos, a começar pela *fúria* que o Poeta solicita às Tágides na estrofe 5 do 1.° canto. Tudo isto vinha e continua vindo como argumento do grande valor de "Os Lusíadas", certamente, o livro mais comentado, mais criticado de toda a literatura portuguesa: não se critica, não se exalta, não se deprime aquilo que não tenha grande valor.

São obscuros os últimos quatro anos da vida de Camões. Nada de novo publicou e na peste aparecida, novamente, em 1579, foi o cantor do Gama uma de suas vítimas. É tradição que um de seus protetores, D. Francisco de Portugal ou D. Manuel, tio deste, enviou um lençol para amortalhar o mais alto cantor que as Tágides haviam inspirado. Em que dia teria falecido? Não se sabe: alguns aventam a hipótese de ter sido a 10 de junho de 1580. Eis como nos conta Storck, baseando-se nas autoridades que pôde consultar:

"O Poeta falleceu n'um *pobre leito* ou *miseravel catre*, em uma *pobre casinha* em que vivera na Mouraria, perto do mosteiro de freiras franciscanas da invocação de Santa Anna, segundo uns; ou n'um *hospital*, segundo outros; ou ainda em uma *casa de pousadas* ou *asylo*, segundo a tradição recolhida por Faria e Sousa. A triplicidade d'estas indicações talvez possa ser explicada do seguinte modo: o Poeta adoeceu na sua propria morada, a humilde casinha da Mouraria; D. Anna de Sá, que devia ser, pelo menos, septuagenaria, não tinha forças para tratar do enfermo, e é bem possível que também estivesse adoentada. Eis porque o levaram a uma casa de pousadas, que o cuidado de caritativos religiosos transformara em *hospital* n'aquelles dias de tremenda peste. O Poeta, mortalmente ferido e sem esperanças de recobrar a saude, levou consigo o seu único trofeu, um exemplar dos *Lusíadas!* Assistiu-lhe com soccorros religiosos, administrando-lhe o sacramento, um carmelita descalço, frei Josepe Indio, talvez conhecido seu do tempo da sua expatriação. Depois de commungar pela ultima vez, entregou ao sacerdote o exemplar dos *Lusíadas* que levara consigo. E o religioso, que cerrou os olhos ao cadaver do grande mas ditoso Poeta, e o benzeu, escreveria, comovido, na primeira folha do precioso volume, as palavras seguintes, em castelhano:

"Que cosa mas lastimosa que ver un tan grande genio mallogrado! Yo lo bi morir en un hospital en Lisboa sin tener una sabana con que cobrirse, después de aver triunfado en la India Oriental, de aver navegado 5:500 leguas por mar! Que aviso tan grande para los que de noche y dia se cançan, estudiando sin provecho, como la araña en urdir telas para cazar moscas".

"O enfermo não tinha lençol com que cobrir-se. Faltava-lhe portanto a mortalha com que descer á cova. Da casa dos Condes do Vimioso, talvez da parte de D. Francisco de Portugal, ou de seu tio D. Manuel, o magnanimo protector do Poeta, é que lhe veiu esta ultima esmola piedosa. Sem psalmos, nem acompanhamentos, levaram o corpo morto embrulhado, porque nem caixão teve, á proxima egrijinha de Santa Anna, onde foi lançado apressadamente, como outros mortos de peste, no carneiro subterraneo, está claro que sem pôrem signal algum em que mais tarde fosse possivel reconhecer o cantor dos *Lusíadas*, o immortal glorificador de Portugal. O dia da morte, e certamente o do enterro, era uma sexta-feira, 10 de junho de 1580" (Págs. 729-731).

D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, em notas a estas páginas de Storck, diz que foi o camonista Souza Botelho, o Morgado de Mateus, quem encontrou aquela preciosa nota do frade carmelita. Transcrevemos a passagem do citado comentador de Camões:



"Emfim levaram-no ao hospital em que se curam os pobres: e alli falleceo, no anno de 1579, em tal esquecimento, que até se ignora o dia e mez em que acabou a vida (provavelmente no principio do anno). Não pode mais duvidar-se que foi este o seu tragico fim, como refere Diogo Barbosa, porque no original de Lord Holland, que tenho presente, e que pertenceo a hum Fray Josepe Indio, que o deixou no convento dos Carmelitas descalços de Guadalaxara, acho confirmada esta opinião no que este Religioso escreveo de sua letra na primeira folha, aonde diz como testemunha ocular, etc." Seguem-se as palavras em castelhano acima transcritas. (LXIII).

O túmulo exato de Camões nunca foi encontrado: colocado o seu cadáver juntamente com outros no mesmo carneiro subterrâneo da igreja de Santa Ana, sem caixão, sem a menor indicação que servisse aos pósteros, muito tempo aí esteve esquecido. Faria e Sousa é o primeiro a dizer, em 1639, do lugar onde haviam sepultado o Poeta: "*luego al entrar de la puerta casi al rincón de la mano izquierda*". Repetia, porém, por ouvir dizer, não por pesquisas próprias. Conta ainda que D. Gonçalo Coutinho transferiu a sepultura para quase o meio da igreja, colocando-lhe esta inscrição:

*Aqui jaz Luis de Camoens*
*Principe*
*Dos Poetas de seu Tempo;*
*Viveo pobre e miseravelmente*
*E assi morreo*
*Anno de M. D. LXXIX.*

Storck não aceita que tivesse o fidalgo encontrado os restos mortais de Camões: "...direi que na minha opinião foi *impossivel* encontrarem os ossos, porque uma sepultura privativa nunca existira. E esta circunstancia obrigou o admirador do Poeta, que desejava honrar a sua memoria, a collocar a lapide com a inscripção commemorativa em um sitio qualquer que fosse bem visivel, isto é, no meio (ou perto do meio) da egreja" (732). Diz-nos ainda o mesmo historiador que a este primeiro epitáfio foi acrescentado outro em dísticos latinos compostos pelo P. Matheus Cardoso S. J. a pedido de Martim Gonçalves da Câmara, irmão do P. Luís Gonçalves. Mais tarde, Miguel Leitão de Andrade mandou colocar, na parede, uma quintilha portuguesa, cercada de azulejos. Tudo isto desapareceu quando com o terremoto de Lisboa de 1755 veio abaixo a igreja de Santa Ana.

Souza Botelho traz o epitáfio mandado fazer por D. Gonçalo Coutinho com uma frase a mais:

*Aqui jaz Luis de Camões: Principe dos Poetas do seu tempo;*
*Viveu pobre e miseravelmente, e assim morreu no anno de MDLXXIX.*
*Esta campa lhe mandou pôr Dom Gonçalo Coutinho,*
*Na qual se não enterrará pessoa alguma.*

Várias tentativas foram feitas para encontrar os restos mortais de Camões. A comissão presidida por Juromenha só encontrou muitos ossos. Certa de que entre esses estariam os do Poeta, mandou guardá-los todos num caixão que ficou depositado no coro das freiras de Santa Ana, a 15 de maio de 1855. No ano de 1880, como prelúdio às grandiosas festas do Centenário, estes restos, juntamente com as cinzas do descobridor da Índia, Vasco da Gama, foram solenemente trasladados em urnas cingidas de coroas de prata, para o Panteon da dinastia manuelina, a igreja dos Jerônimos de Belém. Foi no dia 8 de junho que os depositaram aí com honras reais, em uma das capelas. A urna de Camões ficou à direita, a de Vasco da Gama à esquerda do sarcófago de D. Sebastião (Storck — 734-5).

Hoje, à entrada da igreja dos Jerônimos, lá se encontram os dois túmulos que encerram as cinzas dos dois maiores gênios que Portugal produziu: Vasco da Gama, o descobridor do caminho da Índia, feito que mudou a face da civilização no mundo, e Luís de Camões, o cantor que imortalizou todos os grandes homens da sua pátria, tomando por figura principal o Almirante-Mor dos Mares da Índia. Não há coração português, não há coração brasileiro, que, ao deparar com estes dois túmulos, contemplando as estátuas jacentes dos grandes gênios que aí dormem, não sinta dobrarem-se-lhe os joelhos, marejarem-se-lhe os olhos! Aí estivemos por muitas vezes e por muitas vezes sentimos aquilo que a pena, ainda a melhor aparada, não consegue transmitir. Entra o filho do Brasil, entra o literato brasileiro, entra o professor de português, todo embebido de leituras clássicas, todo ressoante de versos e estrofes de "Os Lusíadas" e, ao ver estes dois túmulos, quase não pode reger o tumulto de recordações que lhe vêm do seu interior, como esse revolto mar tantas vezes descrito por Camões. A voz da procela, as queixas do velho de Restelo, a melancólica saudação do sumo Poeta à pátria, tudo retine e reboa na amplidão silenciosa do templo, jóia enfeitada da mais bela imaginação portugesa, aberta na pedra eterna. Dificilmente os pés se movem para outras belezas porque ali lhe está preso o coração, cativo desses dez cantos da epopéia, dessas dez amarras que ao infinito alçam o mortal forasteiro. (Veja o livro "Pelos Caminhos do Mundo", pág. 33).

I — A FORMAÇÃO DA EPOPÉIA.
II — O CONTO E A FÁBULA, LENDA E MITO.
III — INFLUÊNCIAS CLÁSSICAS NOS LUSÍADAS.

## A) Introdução

1 — POESIA LÍRICA E ÉPICA: A primeira é a expressão dos sentimentos; a segunda é a narração dos acontecimentos. Nem sempre estão separadas na realidade, porque muitos fatos, acontecimentos, despertam os sentimentos e a expressão daqueles nunca consegue ser completamente objetiva, trazendo sempre emoções, expansões da parte subjetiva do narrador.

2 — POESIA HERÓICA OU NACIONAL: É aquela que celebra os fatos patrióticos da nação: as batalhas vencidas, as invasões repelidas, etc. Canta os heróis que lançaram os fundamentos da nacionalidade, elogia suas virtudes, transformando-os em modelos de imitação. Enumera as dificuldades vencidas, ataca os inimigos, criando o espírito nacional; predomina o lirismo pela exaltação, pelo entusiasmo, pela maneira imaginosa de apresentar os assuntos. Se a forma é lírica, a matéria já é fundamentalmente épica.

3 — A POESIA HERÓICA É A BASE DA EPOPÉIA: À medida que passa o tempo, que se firmam as bases da nacionalidade, diminui o elemento lírico dessa poesia e cresce o épico. Os entusiasmos se arrefecem, o povo já reflete mais e os fatos são expostos de maneira mais objetiva, mais concreta, preparando a poesia verdadeiramente nacional; o patriotismo, então, passa a ser expresso pela poesia épica. As características principais da poesia heróica ou nacional, enquanto não passa a ser epopéia, são as seguintes:

a) predominância do elemento lírico, subjetivo;
b) forma fragmentária e ocasional;
c) numerosas variantes do mesmo episódio, com acréscimos locais, regionais;
d) a língua é rude, arcaica, muitas vezes dialetal;
e) os autores, se foram conhecidos outrora, tornaram-se anônimos e as poesias correm por conta do povo, são populares;
f) não há unidade nem seqüência nesses cantos e muitas vezes nem sequer coerência.

Se não houver um espírito superior que recolha esse material disperso e confuso, desaparecerá a poesia heróica ou nacionalista.

4 — APARIÇÃO DA EPOPÉIA: Firmada a nacionalidade e desaparecidas as causas heróicas que deram motivo às canções, surgem outros ideais no povo que, se ainda gosta de repetir os episódios antigos, já os vai esquecendo, tendo mesmo dificuldade em compreendê-los por causa da língua arcaica em que se encontram. Torna-se necessário que apareça, então, alguém genialmente capaz de dar nova vida à poesia heróica. Todo o seu trabalho reduz-se a:

a) reunir e selecionar os episódios;
b) dar-lhes nexo interno ou externo;
c) vazá-los numa forma adequada e apropriada à compreensão dos contemporâneos.

O resultado desse trabalho será a poesia épica, nacional, a epopéia.
Conseqüências:

a) Essa poesia é una: os espisódios fragmentários, desconexos, regionais, por efeito do talento do poeta, formam uma *unidade*, um todo, cujas partes se desenvolvem de tal maneira que uma serve de preparo à outra, sem contradições nem incoerências. Essa unidade dificilmente poderá ser intrínseca, de causa e efeito; mas comumente é apenas extrínseca, de narração.

b) Essa poesia é *una* ainda pela forma poética adotada e pela língua usada. Desaparecem as variantes métricas, desaparecem as variantes dialetais. O poema adotará, por exemplo, estrofes rimadas, decassílabos, tercetos, oitavas, décimas ou apenas uma seqüência de versos brancos. A língua será a do poeta de gênio, servindo mais tarde de padrão, tornando-se clássica.

c) Desde o momento do aparecimento do poema épico, desaparecem as poesias heróicas, vulgares, anônimas, ofuscadas pela beleza da forma atual.

d) A epopéia continua a ter o elemento subjetivo, que depende da escolha e seleção que o poeta faz dos episódios; da forma por ele escolhida ou criada; do arranjo dado aos fatos; da unidade artificial que deu aos fatos poetizados.

e) Mas predomina o elemento objetivo: os fatos. O poeta não pode alterá-los, dando-lhes qualquer contribuição da sua fantasia. Este elemento objetivo é normal e fixo; aquele subjetivo é variável, arbitrário. Da predominância maior de um deles depende o cunho da epopéia.

5 — OS ELEMENTOS ESSENCIAIS DA EPOPÉIA: São estes: os fatos, as idéias, as personagens, a forma. Os fatos provêm da tradição nacional, conservados não só em poesia mas também em prosa. O poeta épico irá procurá-los, quer na tradição oral do povo, nas narrativas dos velhos, no folclore, enfim, quer nas poesias épicas fragmentárias, quer ainda nas



crônicas, nas memórias, nos arquivos da nação. É o elemento objetivo, básico, ao qual o poeta nada poderá acrescentar. As idéias apresentam maior liberdade: serão nacionais, políticas, religiosas, morais. Da predominância dessas idéias depende a característica da epopéia. No "Paraíso Perdido" de Milton predominam as idéias religiosas, através das quais são expostas as outras. Na "Eneida" de Vergílio as idéias nacionalistas predominam. Em Dante a superioridade das idéias políticas é evidente, servindo-se o poeta da filosofia e da teologia católicas para reforçar suas idéias políticas. Nos poemas índicos aparecem as idéias morais, que nunca se separam das religiosas. Todas essas idéias, entretanto, devem ser tiradas dos ideais do povo, da nacionalidade. O poema de Milton, pelo seu cunho religioso protestante, nunca poderia ter sido escrito ou inspirado na Itália, na Espanha, países católicos. Na escolha das idéias reside a personalidade do poeta, que por elas traduz as suas predileções, a sua alma. As personagens são sempre heróicas, isto é, acima do homem comum do povo: deuses, gênios, reis, chefes guerreiros, modelos de virtudes cívicas e religiosas, mulheres superiores. O povo aparece também, representado por certos tipos simbólicos e finalmente os inimigos quase sempre em situação antipática, cheios de defeitos, de vícios. Acima de todos, porém, está o herói por excelência: deve encarnar todas as virtudes da nação. A parte psicológica não aparece: o poeta apresenta seus personagens como a tradição os forjou.

A forma é da livre escolha e invenção do poeta. Mas até nessa parte arbitrária se tem fixado e firmado certa tradição que nos veio dos gregos e dos romanos. O hexâmetro dactílico, a divisão em cantos ou livros são criações dos alexandrinos. A forma primitiva da "Odisséia" e da "Ilíada" era muito diferente, pois, segundo a opinião de Victor Bérard, eram destinadas à representação, à audição. Foram os alexandrinos que, coligindo as variantes dos episódios, selecionando-as, lhes deram a forma que ainda hoje temos. Os dois poemas passaram então a ser lidos e não mais ouvidos. Vergílio já conheceu os trabalhos de Homero nessa forma, que imitou na "Eneida". Foram fixadas as quatro partes: invocação, dedicatória, proposição, execução. As línguas românticas adotaram o decassílabo e mais raramente o alexandrino, em estâncias ou oitavas rimadas. O verso branco foi empregado muito recentemente.

## B) A Marcha da Epopéia

Há fatos históricos de grande repercussão no povo; celebrados pelos poetas, acrescidos de circunstâncias cada vez mais heróicas à medida que os anos passam, tornam-se, nas gerações posteriores, fatos míticos. O povo, não podendo explicá-los mais de modo natural e humano, recorre aos elementos sobrenaturais, mitificando os acontecimentos. Aparece então o elemento chamado "maravilhoso". Há intervenção de forças sobrenaturais, gênios, fadas, deuses, mágicos etc. Os fatos assim mitificados, lendários, são celebrados pelos intelectuais sob formas várias, acrescidos de novas circunstâncias. Vem o poeta de gênio, reúne as variantes, seleciona-as, dá-lhes unidade, vaza-as em sua forma poética, em sua língua própria e cria a epopéia. Desaparece a poesia heróica, nacionalista, vulgar.

## C) O Maravilhoso na Epopéia

Os fatos heróicos, que servem de matéria primeiramente às poesias nacionais, aos cantos patrióticos, pelas dificuldades de sua execução impressionam vivamente a imaginação do povo. Com a passagem dos anos, desaparecendo as gerações contemporâneas dos acontecimentos, vai diminuindo a força impressionadora e é necessário então recorrer às circunstâncias que possam manter a heroicidade dos fatos. Aparece a intervenção dos seres superiores, favoráveis uns, contrários outros. Os fatos passam aos limites da lenda, do mito. A ação do sobrenatural na execução dos fatos poéticos é o maravilhoso da epopéia. Não só os feitos se tornam assim extraordinários, mas os próprios heróis podem passar à deificação, tornando-se também eles deuses ou gênios. Isso, que pertence às primeiras idades do mundo, formou o fundo maravilhoso de todos os poemas de maior antiguidade. Em épocas já mais próximas do Cristianismo, por exemplo no século de Augusto, continuou a entrar o maravilhoso na epopéia, mas, ao menos para as classes intelectuais, apenas como um recurso artístico, como uma exigência da técnica da epopéia, sem que nele cressem os espíritos adiantados do tempo: Vergílio, Horácio, Ovídio e outros. Nas epopéias dos séculos já cristãos continuou o elemento maravilhoso somente como recurso de técnica, havendo apenas a substituição da mitologia pagã pelo conjunto sobrenatural do Cristianismo: anjos, demônios, santos, Jesus Cristo. Assim vemos em Ariosto, Tasso, Milton, Klopstock, Camões. Na obra deste último, o maravilhoso pagão mistura-se com o cristão, chegando Vênus a advogar perante Júpiter a causa dos portugueses, porque eles vão pregar a verdadeira fé, o catolicismo. Camões manteve o maravilhoso pagão por fidelidade aos cânones clássicos da epopéia, como todos os renascentistas, embora cristãos e até mesmo eclesiásticos, mantiveram em suas produções toda a mitologia greco-romana. Na própria Roma dos Papas as denominações cristãs foram muitas vezes substituídas pelas pagãs: Maria era então Minerva ou Vênus; Cristo, Apolo; o Padre Eterno era Zeus ou Júpiter. Camões não chegou a tanto e subordinou sempre os deuses gregos aos santos católicos. Jamais envolveu tal mistura qualquer convicção do poeta, que a tal recorreu por ser assim a tradição da técnica e por ser do momento renascentista essa moda da volta aos temas

clássicos. Muito antes de Camões, já na França e na Alemanha o maravilhoso pagão era apropriado às lendas do Rei Artur e Carlos Magno. Gaston paris ("Histoire Poétique de Charles Magne", Paris, 1865, cap. I, Livro III, L'Élement Mythique) trata longamente do assunto. A narração das esposas injustamente repudiadas pelos maridos, as quais terminam por provar sua inocência por meio de uma intervenção sobrenatural — Berta, Hildegarda, Brancaflor, Sibila — é a apropriação cristã da lenda da esposa do Sol, escrava ou infamada durante o inverno, que recupera, entretanto, todos os seus direitos à chegada da nova estação. Os amores criminosos de Carlos Magno com a própria irmã, de que nasceu Rolando; do Rei Artur, amante da irmã e ambos pais do Gouvain, são a adaptação do que se passou entre Osíris e Ísis, entre Zeus e Hera. O Cristianismo introduz um milagre para salvar Carlos Magno e desculpar Artur, afirmando que não sabiam quem eram suas companheiras de leito. A mitologia germânica atribuiu a Carlos Magno vários feitos de seus deuses antigos. O grande imperador cristão faz brotar uma fonte de um rochedo, para matar a sede dos soldados após a batalha. Isto fora outrora um dos feitos sobrenaturais do deus Balder. Tal milagre de Carlos Magno foi depois consagrado pela Igreja católica no ofício dedicado ao herói, no século XII. A constelação da Grande Ursa, que era chamada na Alemanha "o carro de Odin", passou nas poesias do ciclo carolíngio a ser chamada "o carro de Carlos Magno". Acreditava-se que o grande imperador estivesse sepultado na montanha de Odin-Gudensberg, à espera da ressurreição, lenda que pertencia ao deus germânico. Camões não foi, portanto, o primeiro nem o único a misturar o maravilhoso pagão com o cristão, tendo toda a tradição francesa e germânica em que se apoiar.

## II – O Conto e a Fábula

Os homens, desde que se consagraram em coletividades sociais, sentiram a necessidade de precisar os laços recíprocos de deveres e direitos para que pudesse existir a união social do grupo humano. Todos os atos, principalmente os que serviam para afirmar tais laços mútuos, mas também os que eram nocivos a tal finalidade, foram objetos de narrativas em prosa e verso. Assim, primeiramente orais e anônimas, depois escritas e muitas vezes com autoria conhecida, tais narrações encerraram sempre uma finalidade social, educativa, moralística. Tinham, portanto, uma finalidade prática, utilitária: manter a união do grupo social, pondo-lhe pelos ouvidos, por meio de metáforas e comparações, os benefícios dos deveres observados e os malefícios das transgressões e inobservância das leis naturais. Esta parte utilitarista servia também de excitamento à execução de atos necessários à vida social: pescas, caçadas, caminhadas e até guerras. O conto, portanto, era moralista. Como exemplos: Adão e Eva punidos por transgredirem a lei divina; (a hitória do pecado original, pelo qual somos punidos por Deus), a torre de Babel (o orgulho), certas histórias que contêm o objetivo da transgressão de certos rituais e por isso de resultado nulo, como nas pescarias, caça e outros empreendimentos sociais, dando lugar às superstições proibitivas como, por exemplo, o ritual da declaração de guerra em Roma, a proibição de executar certos atos em determinados dias ou estações, luas, etc.

Dessa primeira fase utilitária e moralista do conto, das narrativas, em que os personagens eram seres humanos, passou-se à segunda, em que tomam parte os animais, os seres inanimados, que apresentam qualidades e defeitos humanos. A finalidade moralística, educativa, social ainda continua, porque se quer com tais fábulas exaltar a esperteza, a coragem, a tenacidade, o devotamento, ou então, de maneira negativa, a pusilanimidade, o medo, a ingratidão, etc.

Em ambas as fases, a narrativa, conto ou fábula, possui a dupla finalidade de moralizar e de instruir.

Finalmente, na presunção de que os grupos sociais já não necessitam de tais auxílios, por causa do progresso moral e social a que chegaram, despem-se as narrativas de qualquer intuito utilitarista e passam a ser então meros recreios intelectuais.

Notemos ainda que tais narrativas, contos ou fábulas, são anônimas, sem características topográficas, aplicando-se a qualquer país, individualizados os seus personagens. A sua forma, estereotipada, é sempre: "Era uma vez um príncipe que vivia num país longínquo..." etc.

### Lenda e Mito

Quando a narrativa traz personagens individualizadas, cujos atos possuem fundamento histórico e de proporções heróicas, passado em lugares determinados, entra então na esfera da lenda. Esta exige, portanto: — lugar determinado, personagens individualizadas, ações heróicas, fundamento histórico. As narrativas do Rei Artur, de Carlos Magno, de Albuquerque, de Vasco da Gama, de Borba Gato, de Bartolomeu Bueno da Silva ou de Pais Leme são lendas e não contos e muito menos fábulas. Podem ser objeto de crença.

Se o local em que se passa a ação heróica não pode ser atingido pelos seres humanos e os personagens já são seres divinizados, a lenda passa a mito. O que distingue a primeira do segundo são apenas a divinização dos heróis e a localização das ações. Os gregos colocaram os seus mitos no alto do Olimpo, então inacessível aos homens; certos indígenas preferiram o interior dos oceanos, da terra, acima das nuvens, no céu. Passa-se desta forma da lenda ao mito pela sublimação dos heróis ou pela personificação das forças naturais (sol, ventos, chuvas) ou das virtudes e vícios humanos (valentia, isolamento, fidelidade, embriaguez) em



seres humanos que depois são divinizados. Nessas metamorfoses devemos incluir os totens: determinados animais que se transformam em seres humanos, os primitivos pais do grupo humano, cujas virtudes e vícios foram herdados e conservados pelos descendentes. O urso, o elefante, a vaca, são venerados totens de boa parte da humanidade. Muitos acrescentam que a lenda, em oposição ao conto e à fábula, é objeto de crença. E o mito distingue-se da lenda por agregar a essa crença um ritual que deve ser observado para que tal crença produza o seu efeito. O mito do sol, por exemplo, tem o seu ritual próprio, com pequenas variantes entre os povos.

## III – Influências Clássicas nos Lusíadas

Como latino, Camões podia perfeitamente sentir a renovação clássica do Renascimento, o que não poderia acontecer a Milton, a Klopstock ou a outro anglo-saxão qualquer. A época em que viveu, o momento histórico do século XVI, foram outros fatores que o levaram a ser o cantor das grandes conquistas portuguesas, como Vergílio, pelas mesmas causas, o foi das de Roma. A sua formação intelectual completou e desenvolveu essas possibilidades, permitindo-lhe aplicar aos feitos de Portugal, quase as mesmas expressões e os mesmos auxílios da mitologia clássica habilmente continuada com a ajuda católica. Camões de tal modo se identificou com a vida intelectual e artística de Roma que, em muitos pontos, chegou a seguir paralelamente a vida de vários poetas latinos. Como Ovídio, goza da familiaridade da corte; num instante de imprudência compromete todo o seu futuro, partindo também para o exílio em terras selvagens e inimigas. Como Ovídio, compõe, nesse exílio, o melhor de seus poemas; tenta, como ele, regressar à pátria e novamente reconciliar-se com a corte. Ao morrer, acodem-lhe ainda à pena as palavras de Cipião: "Ingrata patria, non possidebis ossa mea", mas pôde enfim morrer na pátria. Pode-se estabelecer outro paralelo, com Vergílio, que escreveu poema nacionalista para celebrar os feitos romanos; Camões, porém, — se afirma que a linguagem portuguesa, com pequenas alterações, é quase a latina — coloca os portugueses acima dos romanos (I, 24), que foram vencidos ainda quando eram bárbaros (I, 26). Ainda outra comparação pode ser feita, com Homero, porque os "Lusíadas" narram viagens e casos marítimos, dificuldades ainda mais numerosas do que as que se encontram na Odisséia. Por isso disse Woodberry: "It is as if Ulysses had written the Odyssey". Homero narrou o que se passou com Ulisses, ao passo que Camões narra em grande parte o que se passou com ele próprio. O Mediterrâneo percorrido por Ulisses não se compara com os oceanos percorridos pelos portugueses e pelo próprio poeta. Os "Lusíadas" são um poema e ao mesmo tempo a epopéia do patriotismo, do amor, do mar e do comércio e do catolicismo em sua luta contra o islamismo.

Vitórias de Viriato: I, 26; III, 22; VIII, 6, 36.
Vitórias de Sertório: I, 26; III, 63; VIII, 8.
Superioridade dos portugueses sobre todos os antigos: V, 116.
Camões se diz maior que Homero e Vergílio, que Enéias
e Ulisses: V, 86, 87, 88, 89, 93.
Lisboa será nova Roma: VI, 7.
Baco se queixa de que os lusíadas serão maiores que os romanos; e terminarão
por ser deuses e os deuses simples humanos: VI, 15 etc.

Tudo isso prova a dependência clássica dos Lusíadas. Por isso Montesquieu achava nos "Lusíadas" "o encanto da Odisséia e a magnificência da Eneida". Pizzagalli ("Camões e Vergílio") diz que: o plano, o estilo, a mitologia, os caracteres, todo o conteúdo dos Lusíadas mostra que Camões era um humanista no verdadeiro sentido da palavra.

Das três grandes finalidades de "Os Lusíadas", a nacionalista, a moralista e, como conseqüência desta, a religiosa, as duas primeiras comprovam facilmente a inspiração clássica de Camões. Portugal, no século XVI, podia comparar-se a Roma em seus feitos heróicos. Havia descoberto e conquistado vasto império e em terras distantes, como fizera Roma. A justa vaidade de seus filhos pedia um poema que tais cometimentos celebrasse. Era necessário que o patriotismo, transformado em inspiração poética, deixasse em versos os feitos da gente lusitana. Para atender a tal necessidade nacionalista, já não bastavam as crônicas, a história já grandíloqua das Décadas e muito menos a narrativa imaginosa, mas descuidada, de naufrágios e aventuras nessa grande e épica aventura das Índias. Exigiu-se a epopéia, a mais alta e solene forma poética, assim como já haviam feito gregos e romanos. Camões, condensando em si mesmo toda a nação portuguesa, experimentando nesses mesmos oceanos as aventuras de seus antespassados, foi o poeta de gênio capaz de realizar tamanho intento nacionalista. Vergílio aí estava para seu modelo, com a Eneida, cuja primeira finalidade foi a de celebrar os feitos militares de seu povo, quando este atingira as culminâncias de Augusto. Como Vergílio, que primeiramente se ensaiara no verso lírico ("Ille ego qui quondam gracili modulatus avena"), Camões também se exercita antes de tudo nas pequenas composições do lirismo português ("verso humilde... agrestes avena e frauta ruda", I, 4, 5), para depois, seguindo o divino Mantuano, celebrar "As armas e os barões assinalados", "de tuba canora e belicosa" (I, 1, 5). O nacionalismo vibrava em ambos, que nada mais queriam senão imortalizar em

versos a glória de seus compatriotas: "Que se espalhe e cante no universo, se tão sublime preço cabe em verso" (I, 5).

Atingindo o ápice de seu desenvolvimento suntuário, entrou Roma em grande perdição moral. Já ninguém mais afagava aqueles ideais antigos de austeridade e desprendimento que fizeram dos romanos os invencíveis do mundo. O luxo, as riquezas, as facilidades de viver diminuíram o fundo moral do povo, destruíram as bases da crença. Augusto tentou reagir e o fez através dos poetas. Encomendou-lhes que celebrassem os ideais antigos, a simplicidade do viver no campo e, sobretudo, que pusessem diante dos olhos de seus leitores os grandes exemplos da probidade romana. Os heróis de outrora trazidos à cena e postos como modelos de imitação aos seus degenerados descendentes. Era a grande finalidade moral da Eneida. Vergílio não desconhece a lendária formação do povo romano, oriundo de um incesto e herdeiro de um grupo de salteadores. Ao povo-rei não lhe convinha tão maculada origem. Foi buscar, então, Enéias, prófugo de Tróia, semideus de filiação divina, para tronco primeiro dos romanos. Roma cresceu e agigantou-se pelo auxílio dos salteadores do aventino, porém, pelo influxo e proteção dos deuses. Por isso mesmo, vários de seus reis e imperadores já se tinham alçado ao Olimpo, entrando para a corte dos divinizados. Os fumos da Ásia, as riquezas, que de todas as partes do mundo chegavam a Lisboa, então o maior empório do Atlântico, haviam também enfraquecido a fibra heróica dos portugueses. O luxo, a facilidade dos costumes, a moral em plena descensão transformaram o povo em aglomerado humano, egoísta e materialista a quem o destino da pátria pouco interessava, contanto que estivesse satisfeito o estômago. O próprio trono se enfraquecera, estéril em descendência, estéril em planos, embora vivesse entre ilusórias fumaradas de incenso e blandiciosos hinos religiosos. A realidade era simplesmente espantosa, com a agitação fúnebre de outra bandeira que não mais a das chagas de Cristo. Camões avalia o perigo e procura na celebração dos heróis antigos, encomiasticamente elevados a super-homens, agitar o adormecido patriotismo, salvando o que já lhe parecia totalmente perdido. Incita o jovem rei a ser "a bem nascida segurança da lusitana antiga liberdade" (I, 6), pondo-lhe ante os olhos "Hum novo exemplo de amor dos patrios feitos valerosos" (I, 9). Insiste em afirmar que tais feitos não são meros recursos literários, "vãs façanhas, phantasticas, fingidas, mentirosas" (I, 11) de que andavam cheios os poemas de outros povos. A galeria de heróis começa imediatamente: "hum Nuno fero, hum Egas e hum Don Fuas, os doze de Inglaterra e seu Magriço, aquelle illustre Gama, que para si de Eneas toma a fama" (I, 12). Continua a enumeração gloriosa: "o primeiro Affonso, outro Joanne, o quarto e quinto Affonsos e o terceiro" (I, 13). "Hum Pacheco fortissimo e os temidos Almeidas, Albuquerque terribil, Castro forte e outros, em quem poder não teve a morte" (I, 14). Todos os dez cantos do poema não são outra coisa que o contínuo apelo aos exemplos do passado com o objetivo patriótico de, colocando-os ante os olhos da nobreza e dos intelectuais, produzirem a reforma do carácter português, tão decaído do que fora outrora.

No canto final, prevendo a derrota das forças portuguesas e a conseqüente sujeição de Portugal a estrangeiros, ousa dizer ao próprio rei:

> "Fazei, senhor, que nunca os admirados
> Alemães, Gallos, Ítalos e Inglezes
> possão dizer que são pera mandados
> mais que pera mandar os Portugueses." (X, 152)

O abandono da antiga disciplina militar, sobretudo pela nobreza, que já não achava digna de si a guerra, deixando-a ao povo, recebe do poeta amargo sermão:

> "A disciplina militar prestante
> não se aprende, senhor, na phantasia,
> sonhando, imaginando ou estudando,
> senão vendo, tratando e pelejando." (X, 153)

Na grande luta que dentro de si próprio trazia o poeta, da esperança de ver seus contemporâneos melhorados com os exemplos da antiga gente e da quase certeza de que seus esforços todos eram vãos, deixa, enfim, escapar de sua lira inspirada os desalentados versos da estrofe 145, canto X:

> "No' mais, Musa, no' mais, que a lyra tenho
> destemperada e a voz enrouquecida,
> e não do canto, mas de ver que venho
> cantar a gente surda e endurecida.
> O favor com que mais se accende o engenho
> não no dá a patria, não, que está mettida
> no gosto da cubiça e na rudeza
> de hũa austera, apagada e vil tristeza".

Grande parte da responsabilidade de tal decadência moral e nacionalista cabia, certamente, ao clero. Não que faltassem padres e igrejas, bispos e confessores reais. Ao contrário, do numero excessivo deles é que decorriam todos os males. Religiosos indolentes, com raríssimas exceções ilustrados, dormiam na ilusão do céu já alcançado na terra, descuidosos da reforma, que punha em provas o catolicismo. Desde D. João III que a Inquisição, de que mais tarde o próprio poeta seria vítima, dominava. Os tempos alegres e humanos de D. Manuel tinham-se transformado nessa "austera, apagada e vil tristeza". Desmandavam-se os costumes até dos eclesiásticos e aquele ardor combativo do catolicismo, que fizera de cada proa de caravela um altar marítimo, dormia agora nos templos dourados mas vazios. Regurgitava a corte de bispos e abades, cúpidos de glória e de dinheiro mais que de glória. A eles dirige-se Camões:



> "Tenhão Religiosos exercícios
> de rogarem por vosso regimento,
> com jejũs, disciplina pelos vicios
> comuns; toda a ambição terão por vento,
> que o bom Religioso verdadeiro
> glória vã não pretende nem dinheiro." (X, 150)

Se assim era o clero, como não deveria ser o simples fiel, que tinha tão mau exemplo para seguir?

Como em Roma andava muito esquecida a religião antiga e os deuses escarnecidos, quando não totalmente negados, também em Portugal não tinha melhor sorte o catolicismo. Queria Augusto ressuscitar o perdido fervor do povo, restaurando templos, mandando que os poetas revigorassem com seus versos as já enfraquecidas crenças. Teve Camões o mesmo intento, desde as primeiras estrofes do poema. O catolicismo aí está vibrante através de seus símbolos, superpostos ao fundo maravilhoso pagão de que necessitava o poeta para ser fiel aos cânones da epopéia. Parecia-lhe absolutamente necessário reerguer do passado a contribuição decisiva da fé aos feitos do patriotismo, convenções que muitas vezes de tal modo se integram mutuamente, que era difícil saber qual delas produzira tamanhos feitos.

Lembra Camões a luta contra o maometismo, cujas derrotas marcaram, primeiramente, a extensão da pátria portuguesa, de norte para sul; secundariamente, a expansão a ultramar em Ceuta e Ceilão. Nenhum escritor eclesiástico simboliza mais perfeitamente o espírito hostil do catolicismo contra o muçulmanismo do que Camões. Ele encarna sozinho todo o ódio europeu e cristão ao invasor asiático e herético. Os mouros são sempre pérfidos na pena desse poeta; suas terras sempre viciosas; o caráter, o pior possível, enganoso, hipócrita e simulado. Urge voltar à fé que fez tão grande o povo luso. Ao próprio monarca lhe recorda Camões o que deve ao catolicismo:

> "Vós, tenro e novo ramo florescente
> de hũa arvore de Christo mais amada
> que nenhũa nascida no Occidente,
> Cesarea ou Christianissima chamada,
> vede-o no vosso escudo, que presente
> vos amostra a victoria já passada
> na qual vos deu por armas e deixou
> as que elle pera si na Cruz tomou." (I, 7)

A missão que coube outrora aos reis portugueses é a mesma que ainda então compete ao novo monarca:

> "Vós, que esperamos jugo e vituperio
> do torpe Ismaelita cavalleiro,
> do Turco Oriental e do Gentio
> que inda bebe o licor do sancto rio." (I, 8)

Urge retomar a Cruz e enlaçá-la à espada, fazer de cada soldado um missionário, forte no patriotismo, são nos costumes porque fiel aos preceitos da religião. Desta forma, os grandes ideais de Vergílio são os mesmos de Camões e ambos os poemas têm essa finalidade reformadora, nacionalista, moralista e religiosa. Nenhuma epopéia reproduziu melhor tais influências clássicas do que "Os Lusíadas". É o único poema nacionalista por excelência que o Renascimento produziu. Por isso, Camões é o único poeta cristão que se coloca ao lado de Homero e Vergílio.

## Influências Clássicas no Plano do Poema

Desde que os filólogos de Alexandria reduziram a compêndio narrativo, a texto escolar, portanto, para ser lido, a ILÍADA e a ODISSÉIA de Homero, que antes se destinavam a ser ouvidas nas representações teatrais do tempo, ficou definitivamente aceita a divisão interna da epopéia em *proposição, invocação, dedicatória e execução.* Tais partes internas da epopéia, não no-las deixaram os alexandrinos com a discriminação exata que hoje temos, porém, nos estudos posteriormente feitos dos poemas, assim ficaram determinadas.

Na *proposição* aparece o tema geral da epopéia, a súmula da substância: "As armas e os barões assinalados" etc., que lembra o "Arma virumque cano" de Vergílio, isto é, os feitos militares e os notáveis que os praticaram. Ainda que a figura central do poema seja Vasco da Gama, não é ele o herói de Camões e, sim, muitos outros, tanto que usou o plural: *barões assinalados* — quando Vergílio empregou o singular: *virum* — Enéias. Vasco da Gama é um deles, talvez o maior mas não o único. Camões serve-se dessa figura para dar unidade extrínseca aos "Lusíadas", como Dante se valeu de Vergílio com a mesma finalidade em todo o seu "Inferno", a parte melhor da "Divina Comédia". Nesta proposição, versos 1 a 3 da 1.ª estrofe, são muitas as reminiscências latinas. *Taprobana*, por exemplo, já fora empregada por Ovídio (Ex Ponto, 1-5, 79, 80), Plínio o Antigo (N. H. IV, parág. 81), como o ponto extremo da terra conhecida. Em Camões é Ceilão. A oposição *"engenho e arte"* é outro latinismo muito comum. Ovídio: "Enim ingenio maximus, arte rudis" (Trist. I-424). Quintiliano: *"Cessem, cesse"*, etc., era corrente em latim: "Cediti Romani scriptores, cedit Grai..." (Propércio II, 32, 65, 66). Quem desconhece o "Cedant arma togae" de Cícero?

A *invocação* era também da praxe clássica: pedia o poeta, numa demonstração de falsa humildade, o socorro divino dos deuses ou das musas para que lhe dessem inspiração. Camões, sempre nacionalista, invoca as Tágides, pretensas ninfas do Tejo (Tagus). A própria palavra *tágides*, é latinismo fabricado por André de Resende, que já havia cunhado o vocábulo *Lusíadas*. Vergílio diz apenas: "Musa mihi causas memora..." (I, 8). Na estrofe 4 do canto I, ainda encontramos *"verso humilde, som alto e sublimado"* e na seguinte *"hũa furia grande e sonorosa, agresta avena e frauta ruda"*, com que o poeta se refere às suas primeiras composições líricas, de menor inspiração e agora ao poema, a mais alta expressão épica. São lembranças vergilianas, pois Vergílio assim também procedeu: "Ille, ego qui quondam *gracili* modulatus *avena*". A insiração poética era já em latim uma fúria, com furor.

Da invocação passa, no mesmo tom declamatório, à *dedicatória* a D. Sebastião (I, 6-18). As reminiscências não são de Vergílio, que não dedicou a Eneida a ninguém. Apenas no livro VI, 790 e seguintes, saúda o poeta ao Imperador, mas em termos de intimidade e não de pedido, como fez Camões:

> "...Hic Caesar et ommis Iuli
> progenies, magnum caeli ventura sub axem.
> Hic vir, hic est, tibi quem promitti saepius audis,
> Augustus Caesar, Divi genus" etc.

Se algumas lembranças quisermos encontrar de Vergílio, será então, como nota Epifânio, nas Geórgicas, I, 24:

> "Tuque adeo, quem mox quae sint habitura deorum
> concilia, incertum est, urbesne invisere, Caesar,
> terrarumque velis curam, et te maximus orbis
> auctorem frugum, tempestatumque potentem
> adcipiat, cingens materna tempora myrto..."

Em Ovídio (Fastos I, 3, 26) há também passagens que poderiam ter inspirado Camões.

A *execução* começa na estrofe 19:

> "Já no largo oceano navegavão
> as inquietas ondas afastando..." etc.

Vergílio escreveu:

> "Vix e conspectu Siculae telluris in altum
> vela dabant laeti et spuma salis aere ruebant"
> (Liber I, 34, 35)

Observa Epifânio que até nesse ponto Camões seguiu a Vergílio: como este apresenta o seu herói já na altura da Sicília e somente depois vai Enéias contar a Dido o que até este ponto fizera, Camões também apresenta os seus heróis em alto mar e somente mais tarde contará Vasco da Gama ao rei de Melinde o que se passou desde a partida de Lisboa (Epifânio, I, pág. 16).

Se dessas generalidades de construção do poema exigidas pela técnica do gênero épico, passamos a pormenores de vocabulário, sintaxe, recursos literários, figuras, comparações, em tudo encontramos as influências clássicas que fizeram de "Os Lusíadas" o poema por excelência renascentista e de Camões o maior representante de tal época literária, não só em Portugal, mas também na Europa inteira. Vejamos agora o estilo.

## Estilo

De acodo com as tradições homéricas, o estilo de "Os Lusíadas" é sublime, como convinha ao assunto épico, heróico, nacionalista. Tudo o que deve ser dito, fá-lo o poeta elevada e grandiosamente, procurando no tom declamatório a expressão da majestade do assunto.



Todas as expressões são solenes, raramente simples, quase sempre figuradas. As frases são escolhidas, bem como o vocabulário. O metro clássico foi sempre o hexâmetro dactílico, que tem sua melhor correspondência no decassílabo italiano de cesura na sexta sílaba. Como parte integrante deste todo de grandiosidade, a extensão do poema devia ser respeitável. "Os Lusíadas" contam 8.816 versos em dez cantos e 1.102 estrofes, pouco menor que a Eneida. A oitava, erradamente dita camoniana, pertence a Ariosto. Comparem-se:

> "Quivi parendo a lei d'esser sicura
> e lontana a Rinaldo mille miglia,
> dalla via stanca e dall'estiva arsura,
> di riposare alquanto si consiglia.
> Tra fiori smonta, e lascia alla pastura
> andare il palafren senza la briglia;
> e quel va errando intorno alle chiare onde,
> che di fresca erba avena pien le sponde."
> (Ariosto — "Orlando Furioso")

> "Vês o conde Dom Pedro que sustenta
> dous cercos contra a Barbaria;
> vês, outro conde está, que representa
> em terra Marte em forças e ousadia;
> de poder defender se não contenta
> alcacere da ingente companhia,
> mas do seu Rei defende a cara vida,
> pondo por muro a sua, ali perdida."
> (Camões — "Lusíadas", VIII, 38)

Segue exatamente o esquema de rimas — abababcc, que o poeta inaugurara em seu poema. Não é, pois, invenção de Camões e, por isso, erradamente se diz "oitava camoniana". Pertence a Ariosto. Teria sido imitado diretamente? Não o cremos, pois era tal forma estrófica imitada na Espanha: Garcilaso de la Vega a empregava freqüentemente:

> "Flerida, para mí dulce y sabrosa
> más que la fruta del cercado ajeno;
> más blanca que la leche, y más hermosa
> qu'el prado por Abril, de flores lleno:
> si tú respondes pura y amorosa
> al verdadero amor de tu Thyrreno,
> a mi majada arribarás primero
> qu'el cielo nos amuestre su lucero". (Égloga, III)

Camões observa o ensino de Aristóteles, que exige no gênero épico "tudo acima do lugar-comum": palavras raras ou de pouco emprego, recursos e matáforas, expressões escolhidas, etc.

## Arcaísmos

Nenhum escritor conseguiu furtar-se aos encantos dos arcaísmos, do velho termo que tem tanta majestade em sua própria velhice. Vergílio foi mestre de todos, empregando, sempre que lhe foi possível, palavras e frases arcaicas. Camões seguiu o mestre e assim encontramos: *assi, si, acude, afeitar-se, Affrica, Alexandro, apousentar, aliphante, sérvense, ármanse, antiguo, immigo, ventagem, baxo, barão, bivora, cangrejo, consume, cyclopa, despois, dino, dões, alheo, encenço, enveja, este, fuge, vas* (vais), *Jesu, milhor, mi, missilhão, mortindade, orfindade, oucioso, ouliveira, pentem, piadade, piadoso, pubrico, pubricar, sembrante, frauta, frexa, ingrez, saluço*, — ausência da crase etc. Na sintaxe, há também várias construções arcaicas bem como na morfologia, como por exemplo, os imperativos: *fuge, acude, consume*, acima citados.

## Figuras Literárias

AFÉRESE: inda (ainda) — IV, 16.
ASSIMILAÇÃO: vede-los alemães — VII, 4.
DIÁSTOLE: idolátra (idólatra) — II, 54; Anibál (Aníbal) — VII, 71; X, 153.
SÍSTOLE: Samária (Samaría) — VII, 39; Próteu (Proteu) — I, 19.
METÁTESE: Rugeiro (Rogério) — I, 11.
SÍNCOPE: imigo (inimigo) — II, 59.
ALITERAÇÃO: fumo, ferro, flamas — X, 36; pouca falta vos faz a falta minha — VI, 55.
ANACOLUTO: as lusitanicas fadigas que... (as fadigas dos lusitanos que) — IX, 38.
ANÁSTROFE: no gesto natural se converteu d'um mouro — I, 77.
QUIASMO: Ó Progne crua! ó mágica Medea! — III, 32; por Sara Faraó, Sichen por Dina — III, 140.

ENÁLAGE: olhos da real benignidade (olhos de rei benigno) — I, 9.
ENDÍADE: indo Hidaspe a terra ardente — I, 55.
TROCADILHO: entre no reino d'agua o rei do vinho — VI, 14.
REPETIÇÃO: amaina, disse o mestre a grandes brados, amaina, disse, amaina a grande vela — VI, 71. alija, disse o mestre rijamente, alija tudo ao mar — VI, 72.
APÓSTROFE: III, 119; X, 118; III, 120; III, 71.
HIPÉRBOLE: banquetes mil a cada hora e cada dia — VI, 67.
METONÍMIA: fúria horrenda de Vulcano (artilharia), rigor de Marte furioso (luta) — II, 69.
METÁFORA: colo de alabastro — III, 132; mil nadantes aves (navios) IV, 49; armar madeiro leve (navio).
ONOMATOPÉIA: c'hum tom de voz nos falla horrendo e grosso — V, 40.
PARONOMÁSIA: os feridos com grita os ceos feriam — III, 113.
PERSONIFICAÇÃO: Adamastor — V, 37. (Vide "Classical Studies", págs. 192, 194 e seguintes).

## Vocabulário

Para darmos bom exemplo de imitação que de Vergílio fez Camões, basta-nos citar o belo estudo de Afrânio Peixoto: "Vergílio e Camões", no livro "Ensaios Camonianos", Coimbra, 1932, pág. 148. Tomemos uma estrofe, por exemplo:

"Nunca com Marte instructo e furioso
se viu ferver a Leucate, quando Augusto
nas civis Actias Guerras, animoso,
o capitão venceu romano injusto,
que dos povos da Aurora e do famoso
Nilo e do Bactra Scitico e robusto
a victoria trazia e presa rica,
preso da Egipcia linda e não pudica". (II, 53)

Abra-se a Eneida, canto VIII, 675/678 e 685/688:

"In medio clases aeratas, Actia bella,
cernere erat totumque instructo Marte videres
fervere Leucaten, auroque effulgere fluctus,
hinc Augustus agens ..........................................
..........................................................................
hinc ope barbarica variisque Antinius armis
victor ab Aurorae populis et littore rubro
Aegyptum viresque Orientis et lumina secum
Bactra vehit; sequiturque, negas! Aegyptia conjurix".

Afrânio Peixoto continua traduzindo e comparando as palavras sublinhadas, trabalho que achamos dispensável por supor que os leitores são capazes de fazê-lo por si mesmos. De modo mais suscinto, vamos transcrever algumas das palavras que são tidas como latinismos na obra de Camões: abundoso, aério, almo, altíssimo, amaro, animoso, Ausônia, aquosa, arquétipo, argênteo, aríete, armígero, áuspice, aspérrima, asperíssimo, atônito, avena, aurífero, austero, austrino, axe, belacíssimo, belígero, belicoso, blasfemar, cálido, canino, canoro, cervo, celso, cerúleo, claro, conselho, cógnito, cornígero, crástino, crebro, dea, defensa, deidade, deáfano, divícias, divo, doctrina, ebúrneo, ensífero, equóreo, especular (contemplar), esquálido, estanho (lago), estelífero, estupendo, exício, experto, exquisito, famélico, fatídico, ferver (trabalhar com afã), fido, fins (confins), frodente, fulvo, furibundo, galero, gramíneo, hórrido, horrífico, horríssono, hospício, ignaro, ígneo, immoto, impudico, íncola, inconcesso, indômito, infesto, infando, infante (criança), infido, iníquo, inópia, instructo, insila, insonso, invicto, jucundo, lácteo, lanígero, lascivo (brincalhão), licor, mártio, mesto, miserando, misérrima, mortífero, natura, niqícia, níveo, noto, nudoso, numeroso (cadenciado), odorífero, obumbra-se, orbe, pando, philomela, piscoso, plúmbeo, presago, prisco, procella, profano (ímpio), pudicícia, próvido, purpúreo, quadrupedante, rábido, remisso, repugnantes (que lutam), rúbido, sacro, sagitíferom salso, salutífero, secreto, seio (golfo), semicarpo, sevo sitibundo, sublime, sulfúreo, trifauce, tuba, tuba, túmido, undívago, vagabundo, vaporar, venusto, véspero, viola, etc. (Vide "Ensaio sbre os latinismos dos Lusíadas", Carlos Eugênio Correa da Silva).

## Sintaxe

1) — Concordância do predicado com o aposto do sujeito e não com o sujeito: I, 30 (vs. 2-3) e VII, 4 (vs. 1-4).

2) — *Cidade Beja, cidade Repelin, reyno Ormuz* (supressão da preposição *de*). O mais curioso é que os nossos "sábios" dão essas construções como galicismos, ignorando que eram formas latinas apropriadas por todos os clássicos...



3) — *Mas porém:* Mas porém quando as gentes Mauritanas
a possuir o Hespérico terreno entraram pelas terras de Castela... (III, 99)
Diz o autor acima citado que estes dois vocábulos, *mas porém*, representam o latim *sed tamen*. Não estamos de acordo com ele. Primeiro temos de explicar que *porém* não é conjunção adversativa e sim expressão partitiva, equivalendo a *por isso*. Depois a correspondência latina seria *sed per inde*.

4) — *Negação mitigada:* "Nunca com Semiramis gente tanta
veio os campos Hidaspicos enchendo. (III, 109).
Quer o autor dizer com isto que Camões, usando de uma só palavra negativa na frase, seguiu a prescrição latina de não multiplicar a negação porque duas negativas formam uma afirmativa: non nullus = ullus; non nihil = aliquid, etc. Isso porque os autores contemporâneos não se arreceavam de empregar duas, três e mais negativas juntas, porque em português jamais duas negativas formaram uma afirmação. Não se sabe como ainda hoje os mesmos "sábios" acima referidos vivem a afirmar o contrário, que, dizer-se "ninguém não viu" seria igual a "alguém viu", "não tenho nada" seria igual a "tenho alguma coisa". Isto é de tal forma estúpido que dispensa qualquer comentário. O próprio Camões escreveu: "Não as romperam nunca pés humanos" (IV, 70): "que não há nenhum delles que não saia" (IX,66).

5) — *Complemento da mesma raiz do verbo:*
"Feitos de armas grandíssimos fazendo" (II, 50).

6) — *Particípio futuro:* "A Deos pedi que removesse os duros casos que Adamastor contou futuros" (V, 60). Nas redondilhas usou Camões da forma gerundiva: "rio *admirando*". Colocamos esta nota apenas para completar, porque o assunto se refere especialmente aos Lusíadas.

7) — *Integrante infinitiva:* o latim vulgar e até mesmo o literário dos gêneros mais simples, como as epístolas, já havia substituído a oração integrante infinitiva com o sujeito no acusativo pela integrante regida de *quod* e verbo no tempo finito. Camões e outros clássicos voltaram a empregar a infinitiva do latim literário:

"Eu o vi certamente, e não presumo
que a vista me enganava, levantar-se
no ar hum vaporzinho e sutil fumo
e do vento trazido rodear-se..." (V, 19)

Outros latinismos haveria para citar, mas estes bastam ao nosso intento. Falta-nos agora tocar numa das objeções mais desagradáveis aos portugueses: toda essa variada cultura de Camões, revelada em seu precioso poema, é ciência sua, de primeira mão, ou apenas erudição haurida em autores intermediários, certamente, espanhóis?

## A Ciência de Camões

A maioria dos comentadores está pela direta ciência de Camões, não cessando a série dos que lhe estudam os conhecimentos em todos os ramos do saber humano: na geografia, na astronomia, nas ciências naturais, na medicina, na astrologia, na teologia, na filosofia, etc., etc. Deste coro numeroso e de peso, alguns há que cantam fora, negando tais conhecimentos ao poeta. Não era possível, dizem esses, que em tão pouco tempo e em condições totalmente negativas a estudos sérios, Camões pudesse executar todos esses estudos, cada qual mais amplo e profundo.

Souza Viterbo foi dos negadores mais tenazes, negando todo o elogio que Faria e Souza havia feito do saber enciclopédico de Camões. Das razões de Viterbo transcrevemos esta passagem:

"Por muito grande que fosse a erudição do cantor dos Lusíadas, custaria ainda assim a admitir que ele tivesse tido tempo e paciência para ler tantos autores. Não foram longos os anos de seu trânsito na terra, esses mesmos ocupados e agitados, e mal se compreende que a sorte lhe reservasse tão apetecidos e apetitosos ócios literários. Isso era bom para um Sá de Miranda, a quem o mimo de duas rendosas comendas, além de outros bens de fortuna, permitiam filosofar senecamente no remanso florido dos riozinhos pitorescos, que lhe serpenteavam a solarenga propriedade minhota".

A estas razões devemos acrescentar outras: estudou apenas dos doze aos dezesseis anos em Coimbra, estudos humanísticos com que se preparava para entrar na Universidade. Depois foi para Lisboa e a vida da corte com todos os seus enleios e perigos não lhe permitiu mais estudos e leituras sérias, de reflexão. Tinha de tomar parte nos serões do Paço, glosar os motes das damas, dirigir versos às namoradas. De outro lado, sabemos que foi turbulenta a sua passagem por Lisboa, cheia de duelos e brigas de que resultaram desterros. Ainda muito moço esteve, como diríamos hoje, no serviço militar, na África. E que aqui também não teve tempo para ler latinos, gregos e italianos, prova o pouco tempo de sua estada e esse tempo mesmo em combates terríveis de que lhe resultou a deformidade do rosto. Pouco tempo se demorou depois em Lisboa, foi novamente preso e por fim enviado à Índia, a fim de libertar-se do cárcere. Na Índia, onde passou todo o resto de sua vida bastante curta, foi sol-

dado e soldado raso, enviado a combates, preso, processado, vítima de naufrágios, existência que não lhe deixaria tanto ócio para leituras e estudos científicos. E ainda que houvesse tido tempo, onde teria encontrado bibliotecas, arquivos, obras para consultar? Ninguém duvida hoje de que Camões não sabia grego. Suas citações são de segunda mão, neste particular. Sabia latim, está claro, pois no Renascimento até as mulheres eram latinistas. Saberia italiano também? Não, não devia saber italiano. A influência que recebeu de Petrarca foi da escola deste e não da língua do mestre. Confundem quase todos estes dois pontos: influência de escola literária e influência da língua, do idioma dessa escola. A Europa toda imitou Dante e Petrarca desde o século XIV, por exemplo, mas a maioria ignorava a língua italiana. Existe, sabemos, uma frase toda de Petrarca: "tra la spica e la man qual muro è messo", mas é a única (IX, 78).

Podemos ter argumentos para provar que toda a formação renascentista de Camões e seus contemporâneos foi feita através da Espanha e não bebida diretamente na Itália. No capítulo, por exemplo, dos latinismos introduzidos por Camões na língua portuguesa, temos todos os seguintes que, muitos anos antes, desde os séculos XIV e XV, eram já correntes nos autores espanhóis: — *dulcíssimo, convívio, exílio, illeso, leticia, flumen, honorificencia*, e estão em Berceo; no poema do mesmo autor, "Apolonio", estão: *conturbado, lapidar, malicia, idolo, vicario*; no "Alexandre": *prólogo, tributário, silogismo, licencia, versificar, elemento, qualidade*, etc. Don Juan Manuel, no século XIV, declaradamente escreve de seus trabalhos: "Sabed que todas las razones son dichas por muy buenas palabras et por los más fermosos latines", apud R. Lapesa, "Historia de la Lengua Española", pág. 134. Desde os últimos anos do século XIV que a Espanha conhece imitações de Dante, Petrarca e Boccacio. Ayala traduziu este último ("La Caída de Príncepes"), Afonso V de Aragão conquistou Nápoles (1443) e o influxo italiano é ainda mais forte e sobretudo mais direto. Santillana e Juan de Mena são os dois chefes dos movimentos e são também os mais lidos e imitados em Portugal, sobretudo o último, por Gil Vicente. Fernández de Heredia traduziu Tucídides, Ayala traduz ainda Boécio e Tito Lívio, Henrique de Villena, Juan de Mena e outros traduzem Vergílio, Homero, Sêneca e Platão. Lapesa dá, como resultado de tudo isto:

> "Resultado de tanta admiracíon fué el intento de trasplantar al romance usos sintácticos latinos, sin dilucidar antes si encajaban o no dentro del sistema linguístico del español. Se pretende, por ejemplo, remedar el hipérbaton latino dislocando violentamente el adjectivo del substantivo: "pocos hallos que *de las mias* se paguen *obras*" (a quienes gusten mis obras); "*a la moderna* volviéndome *rueda*"; "*las potencias* del ánima *tres*". Se adopta el participio de presente en lugar del gerundio, de la oración de relativo o de otros giros, como en estos versos de Santillana: "Oh vos, *dubitantes*, creed las estorias!"; "querria ser *demandante*, / *guardante*, / su cirimonia, / si el puerco de Calidonia / se mostró tan *admirante*". Se emplea mucho el infinitivo dependiente de otro verbo, a la manera latina: "honestidad e contenencia non es dubda *ser* muy grandes e escogidas virtudes". (Opus citat; pág. 140 - 1.ª ediç.).

Aparecem latinismos que depois se encontram em Camões: *exhortar, disolver, subsidio, colegir, servar* (conservar), *estilo, mestrua, obtuso, fuscado, rubicundo, igneo, turbulento, repugnar*, (como nos Lusíadas), *ultriz, locuela, punir, fruir, noturno* e alguns italianismos: *uxel* (uccello), *dona, mulher*, etc. Na época do Cancioneiro de Resende a influência castelhana é tal que quase todos os poetas desta coleção escrevem bilingüemente. A imitação dos espanhóis chega até a cópia. No século de ouro centuplica-se esta influência. Camões escreve em castelhano, como já haviam feito Gil Vicente, Sá de Miranda e farão Rodrigues Lobo e Dom Francisco Manuel de Melo. Seria impossível que o grande poeta desconhecesse os grandes poetas e prosadores em cuja língua devia escrever. E vemos que Garcilaso de la Vega, Boscán são seus mestres diretos, fontes em que bebeu todas as influências renascentistas depois empregadas nos Lusíadas. Parece-nos que foi Herrera quem serviu de guia a Camões nas questões de estilo e de cultura mitológica. Para ele "ningún poeta puede merecer la estimación de noble poeta, que fuese fácil a todos e no tuviesse encubierta mucha erudición". Lapesa, que citamos, continua afirmando: "Herrera prodiga recursos mitológicos dificiles, en los que muestra su familiaridad con los poetas grecolatinos y atiende com nimio cuidado a la pompa y majestad de la forma" (págs. 166-167). No vocabulário de Herrera encontramos: *languideza, ondoso, lassamiento, sublimar, consilio, hórrido, aura, ceruleo, horrisono, flamígero, argentear, rutilar, infando, ledo, ufano, ufania*. Todos esses vocábulos estão em Camões, principalmente *ledo*, de que tanto usou e abusou. Se não todos, pelo menos grande parte dos grecismos e dos latinismos apontados no poeta português, já corriam nos autores espanhóis desde o século XIV até o tempo de Camões. Foi nesta parte, portanto, da península que o poeta encontrou as suas influências clássicas e não diretamente na Itália e nos autores de primeira mão. Corrobora a nossa afirmação o fato de já ter Garcilaso empregado, como atrás ficou explicado, a famosa oitava de Ariosto, depois dita, erradamente, camoniana. Acaba de ser publicado na Espanha o livro "La Canción Petrarquista en la Lírica Española del Siglo de Oro", de E. Segura Covarsi, Madrid, 1949, que ainda nos ministra argumentos para aceitarmos que até na poética menor, nas canções, foi de Espanha que Portugal recebeu as influências e não



diretamente da Itália. Por tudo isto, terminamos convencidos de que Camões não conheceu as fontes primeiras do Renascimento Italiano; foi discípulo dos poetas espanhóis, o que não lhe diminui o mérito dehaver criado a maior epopéia nacionalista que o Renascimento pôde produzir.

Quanto aos argumentos de Correa da Silva, basta dizer que as afirmativas de Camões ("Nem me falta na vida honesto estudo" — X, 154) provam apenas que o poeta era homem de preparo acima do comum, grande observador, com conhecimento, como ele próprio declara em outra passagem, "de experiências feito".

Storck e Michaëlis acham que o poeta não conhecia grego e duvidam do seu conhecimento de francês. Pois se há dúvidas quanto a esses dois idiomas, nada de admirar se também duvidemos do seu conhecimento de italiano. Conhecia, isto sim, e muito bem, latim; depois castelhano, em que poetou e foi este idioma a chave que lhe deu a conhecer o Renascimento da Itália.

## O Melhor Texto Camoniano

Em 1572 foi publicada a primeira edição de "Os Lusíadas", nas oficinas de António Gonçalves, tendo o poeta obtido alvará de publicação em setembro de 1571 (4 de setembro — diz Manuel de Faria e Sousa: "Aviendo pues, llegado el P. a Lisboa en año de 1569, el de 1572 publicó por medio de la Estampa su Lusiada, aviendosele concedido Privilegio Real en 4 de Setembre de 1571" — Lusíadas comentados — Madrid, 1639).

Com a mesma data, o mesmo formato, as mesmas gravuras, o mesmo papel e até os mesmos tipos apareceu, mais tarde, outra edição do poema que, a princípio, passou despercebida dos estudiosos. O primeiro a levantar a questão da duplicidade das edições foi *Manuel de Faria e Sousa* (n. 1590-1649), em obra póstuma, a segunda vida do poeta, aparecida juntamente com as Rimas de Camões, Lisboa, 1685: "El gasto desta impresión fué de manera, que el mismo año se hizo otra. Cosa que aconteció rara vez en el mundo; y en Portugal ninguna más de esta. Y porque esto he examinado bien en las mismas dos ediciones que yo tengo; por differencias de caracteres; de orthografia, de erratas que ay en la primera, y se ven emendadas en la segunda y de algunas palabras com que mejoró lo dicho" (Apud Tito de Noronha — "A Primeira Edição dos Lusíadas" — Porto — 1880 — pág. 11).

Antes deste comentador nenhum outro suspeitou das duas edições, ao menos não fez alusão à segunda, como por exemplo: *Pedro Mariz* (1613); *Manuel Correia* que tinha sido amigo de Camões e fizera comentários ao poema, comentários que o próprio Poeta desejava ver publicados: "Fiz ha muytos annos estas annotações sobre os Cantos de Luis de Camões, a petição de um amigo, sem intento de os imprimir, porque se o pretendéra, com muyto mais razão o fizera em vida de Luis de Camões, que mo pedio com muita instancia" (Lusíadas — Lisboa — 1613 — edição de Pedro Mariz); *Manuel Severin de Faria* (Discursos vários — Évora — 1624); *Manuel de Faria e Sousa* (Lusíadas comentados — Madrid — 1639).

*Manuel de Faria e Sousa* só percebeu a existência de mais de uma edição quando escreveu a segunda vida do Poeta, publicada, postumamente, na edição das Rimas, em seguida ao prólogo, onde expõe a opinião de que a segunda edição foi feita para corrigir a primeira. Seguem-na vários comentadores: o *Morgado de Matheus* (Lusíadas — Paris — 1817); o *Abade de Sever* (Bibliotheca Lusitana — vol. III, 74); *os editores da edição de Hamburgo* (Obras de Luís de Camões — Hamburgo — 1834); *D. José Maria de Sousa Botelho* (edição de Paris — 1817), o primeiro que fez a colação dos dois textos, estabelecendo a lista completa das diferenças todas; o acadêmico *Sebastião Francisco de Mendo Trigoso* (Exame crítico das cinco primeiras edições dos Lusíadas — publ. na Hist. e Mem. da Academia, vol. VIII — Lisboa — 1823); o *Visconde de Juromenha* (na edição das obras do Poeta — 1860).

Aparece, depois, a estranha opinião de *José Feliciano Castilho Barreto e Noronha*, bibliotecário da Biblioteca Nacional de Lisboa, então residente no Rio de Janeiro, que, em comunicação feita a Juromenha e depois publicada no "Relatório acerca da Biblioteca Nacional de Lisboa" — Vol. IV — pág. 11 — Lisboa — 1845) diz que houve quatro, ou pelo menos três edições dos Lusíadas em 1572!!! (Vide Tito de Noronha — op. cit.13-14). Foi engano do bibliotecário: como acontece em toda edição de qualquer livro e ainda hoje se dá isto, alguns exemplares trazem defeitos: nesta falta um caderno, naquele o caderno está trocado e, baseado nestes enganos foi que ele tomou cada exemplar como representante de uma nova edição.

Foi, certamente, baseado nesta opinião, mas querendo tomar o lado oposto, que *Silva Tullio* (Fac-simile do rosto da primeira edição dos Lusíadas — 1572. O artigo aparece no — Archivo Pittoresco — vol. IV, pág. 102) afirmou que só houve uma edição dos Lusíadas, reduzindo toda a questão a diferença de revisão de texto. Estas duas últimas opiniões estão, hoje, postas de lado e toda a questão gira em torno de duas edições com a data de 1572.

## Qual a Primeira das Duas Edições de 1572?

Tito de Noronha assim descreve as primeiras edições: "Como se sabe, as edições de 1572 são in-4.º, de duas folhas innumeradas, 186 numeradas no recto, caracteres italicos. O rosto mettido em portada de madeira, composto de plintho, duas columnas canelladas na metade in-

ferior, com capacetes ao meio, e superiormente um entablamento com dois golfinhos e no centro um pelicano: desenho mediocre e gravura idem" (Op. cit. 18-19).

Vários autores têm estudado as diferenças extrínsecas, isto é, gravuras, tipos, desenhos, papel, e intrínsecas, isto é, linguagem, pontuação, divisão de estrofes.

*Diferenças extrínsecas*

1) Diferenças apresentadas pelo Morgado de Matheus — Na edição de Paris, 1817, no suplemento à nota 1.ª (pág. 415), tratando do rosto das edições, diz: "Na primeira a Tarja he hum tanto mais larga, e menos alta que a segunda: o Pelicano que tem em cima vê-se na primeira com o collo voltado à nossa direita, em quanto que na segunda he voltado à esquerda: os filetes das columnas descem na primeira da direita para a esquerda, e vice-versa na segunda: os typos deste frontispicio são naquella maiores do que nesta" (Tito de Noronha, op. cit. 19).

2) Diferenças apresentadas por Tito de Noronha — Continuando as diferenças extrínsecas, Tito de Noronha, depois de enumerar as que acima transcrevemos, diz: "Seguindo a ordem numeral do Morgado de Matheus vê-se que na primeira o alvará de privilegio contém trinta e quatro linhas e a data está escripta por extenso — vinte e quatro dias do mez de setembro — e na outra trinta e tres linhas e a data em caracteres romanos — XXIIIJ de setembro — as linhas deixam de ser idênticas na partição desde a vigésima segunda em diante".

Da comparação feita entre os tipos da primeira e segunda, vê-se que estão mais gastos, achatados, com vários defeitos nas hastes das letras. Dá-se o mesmo com o desenho da portada que, tendo servido já em muitas outras obras anteriores, foi sendo cada vez mais diminuída; quando se fez a segunda edição foi necessário renovar o desenho e, por incúria do gravador, saiu a peça às avessas: o pelicano traz o colo voltado para o lado direito do leitor quando o trazia para o lado esquerdo.

3) José Maria Rodrigues repete estas razões extrínsecas de Tito de Noronha, embora não lhes indique a fonte.

*Diferenças intrínsecas*

1) Argumentação de Epifânio da Silva — (Os Lusíadas — 2.ª ed. Porto, 1916) — (Introd. III, pág. XXVI) — Designa o autor com a letra A a primeira edição de 1572, a que tem o pelicano com o bico voltado à esquerda do leitor e com a letra B a segunda, a que traz o pelicano com o bico voltado à direita do leitor.

| *Edição A* | *Edição B* |
|---|---|
| Pelicano com o bico voltado à esquerda | Pelicano com o bico voltado à direita |
| O ditongo ão grafado *ão* | O ditongo ão grafado *am* |
| I — 5-2: a vena | avena |
| I — 29-8: Tornarão | Começaram |
| I — 29-8: rata | rota |
| I — 38-5: queres | queiras |
| II — I-7: infidas gentes | fingidas gentes |
| II — 74-6: findo | fundo |
| IV — 25-5: não | nã |
| VIII — 32-3: Portugues Cipião | Portugues Capitam |
| VIII — 65-3: niquicia | iniquicia |
| IX — 17-7: tam perfeito | tom perfeito |

Para Epifânio, a edição A é a primeira porque o autor da B, não entendendo vários termos novos, puros latinismos introduzidos na primeira pelo Poeta, tratou de acomodá-los aos vocábulos já conhecidos na língua e com os quais apresentavam alguma semelhança fonética ou semântica.

Tais são os casos de *infidas, niquicia* e outros. Mas o argumento decisivo para o ilustre autor está na palavra Cipião (Portugues Cipião — VIII, 32, 3) que apareceu em B substituído por Portugues Capitam: a tendência natural do homem é a de substituir um termo novo, ignorado, por outro antigo e conhecido; ora, entre Cipião e Capitam, certamente o primeiro é mais difícil e menos comum. Seria inacreditável que o autor fizesse o contrário, isto é, que substituísse Capitam por Cipião. Logo a edição A deve ser anterior. Outro argumento: no canto IX, 17, 7 a edição A traz esta redação: cada hum tem por gosto tam perfeito... Na edição A o advérbio *tão* escrito *tam*, tem a haste superior do *a* bastante gasta de tal forma que, lendo depressa a palavra, se tem a impressão de ser o e não *a*. Foi justamente o que aconteceu ao editor de B que transcreveu o verso:

cada hum tem por gosto tom perfeito

2) Argumentação de José Maria Rodrigues — (Os Lusíadas — Lisboa — 1921 — reimpressão fac-similada da verdadeira primeira edição dos Lusíadas de 1572).

A argumentação deste especialista coincide em tudo com a de Epifânio, aceitando, também, como primeira a edição A a que ele dá o nome de Ee; e denomina E a edição B já nossa conhecida. Apenas a documentação é muito mais numerosa, e minuciosa, afastanto-se no fim quando não aceita que ambas as edições sejam de 1572, no que vai concordar com



Tito Noronha de quem tirou todos os argumentos extrínsecos para tal conclusão. Para o ilustre comentador de Camões, a edição "princeps" é tão-só a edição Ee; a edição E é uma pretendida correção da anterior. Portanto, Ee é a primeira e E a segunda. Como prova esta sua afirmação? Da seguinte maneira:

| *Edição Ee* | *Edição E* |
|---|---|
| Pelicano com o bico à esquerda | Pelicano com o bico do lado direito |
| Base da denominação: I — 1-7 = E entre gente remota edificarão... | = Entre gente remota edificaram. |
| I — 24-4: De Luso... (Passando o substantivo a adjetivo). | = Do Luso... |
| VI — 18-6: Phebe | = Phebo (mudou a divindade e o sexo). |
| X — 1-1: Amador da Larissea. | = Amador de Larissea (mudou o adjetivo para substantivo). |
| IV — 103-5: Prometheo | = Prometeu. |
| II — 56-2: Filho de Maia. | = Filho de Maria. |
| VI — 24-6: Que Circes... | = Que Circos... |
| VI — 38-6: Do Eoo Emisperio | = Do Eolo. |
| VI — 82-2: Doutra Scylla | = Doutro Scylla. |
| VI — 85-6: ensifero Orionte | = ensifero Oriente. |
| IX — 63 : responde-lhe Philomela. | = responde-lhe Philomena. |
| II — 54-5: E sogeita a rica Aurea Chersoneso. | = e sogeita a rica Aureo Chersoneso. |

## Correções Fonéticas

A grafia variava muito e num mesmo autor se encontravam palavras diferentemente escritas, obedecendo ao mais disparatado sistema de sinais. Assim, *mao* aparecia com til — *mão* — e só o contexto o distinguia do vocábulo *mão*. Da mesma forma a palavra *mai, may, mãi, mãe*. Quanto a esta notamos em nossa tese (O Auto das Regateiras de Lisboa) que ainda no século XVII não estava generalizada a nasalação. Camões escreveu *mão* (mau) no canto V-71-2 — Danoso e mão ao fraco corpo humano — (Ee); o autor de E tirou o til = mao. No canto IV-26-3 — (Ee) = Rezando as *mais...;* aparece com til em E: Rezando as mãis. No canto III-84-2 — Camões usou da assimilação ou fonética sintática: E *do rios* as agoas etc. — O editor de E corrigiu: E *dos rios...* Ainda hoje ouvimos ao povo que diz: *Derreis — Dessustões* em lugar de *Dez réis, Dez tostões* — Estas diferenças provam que a edição Ee é a primeira porque não seria possível que alguém, escrevendo *do rios, mais, mão*, etc., fosse depois outro querer "corrigir" para *dos rios, mãis, mao*, etc. O contrário foi o que se deu, evidentemente; logo a edição Ee é anterior.

## Correções de Número

O canto I-47-5 — traz em Ee: Das cintas para cima vam despidos — na edição E: Da cinta para cima etc. No canto II-24-7 — está em Ee: os estava um maritimo penedo ameaçando — em E: o estava etc. No canto IV-102-7 — há em Ee: Nas ondas vela pós em seco lenho; E corrigiu: Nas ondas velas pós etc. Estas e outras mais passagens, que se podem ver em José Maria Rodrigues, provam que E corrigiu Ee, atualizando, por assim dizer, os empregos plurais e singulares de Camões, que lhe pareceram antiquados ou errados.

## Correções Gráficas

Como era do tempo do poeta, o nome (ou o segundo nome) próprio dos patronímicos, pois o primeiro denominamos prenome, era escrito com minúscula: Vasco da gama (I-44-1) — Egas moniz (III-36-7) — etc; as palavras que se referiam a Deus eram escritas com minúscula — padre (I-38-1) — spirito (II-11-2) — Do alto e Sancto spirito). A edição E uniformizou: escreveu com maiúscula o nome e os sinônimos da divindade. Muitos outros pontos se encontram no minucioso e exaustivo estudo do autor que estamos citando, e convém consultá-lo.

## De que Época é a Edição E ou B ou Simplesmente 2.ª ?

Epifânio não nos diz nada a este respeito, dando-nos a crer que admitia serem ambas da mesma data, 1572. Tito de Noronha, com argumentação muito ponderada e aceitável, acha que a segunda foi feita em 1585. O poema tivera pequena repercussão literária quando foi publicado porque estava Camões há muito tempo ausente da pátria, nem sendo já conhecido dos mais novos; muitos inimigos surgiram para diminuir-lhe o valor, uns por despeito e inveja, outros por velhas questões passionais. O momento não era propício às letras: havia pestes, guerras e a grave ameaça da dominação espanhola que chegou nos últimos dias de Camões. Não havia, portanto, razões de fazer-se imediatamente, no mesmo ano, nova edição

OS

LVSIADAS

de Luis de Ca-
moës.

COM PRIVILEGIO
REAL.

*Impressos em Lisboa, com licença da*
*sancta Inquisição, & do Ordina-*
*rio: em casa de Antonio*
*Gõçaluez Impressor.*

1572.

*Portada original da edição de "Os Lusíadas".*
*O pelicano tem o bico voltado para a esquerda do leitor.*



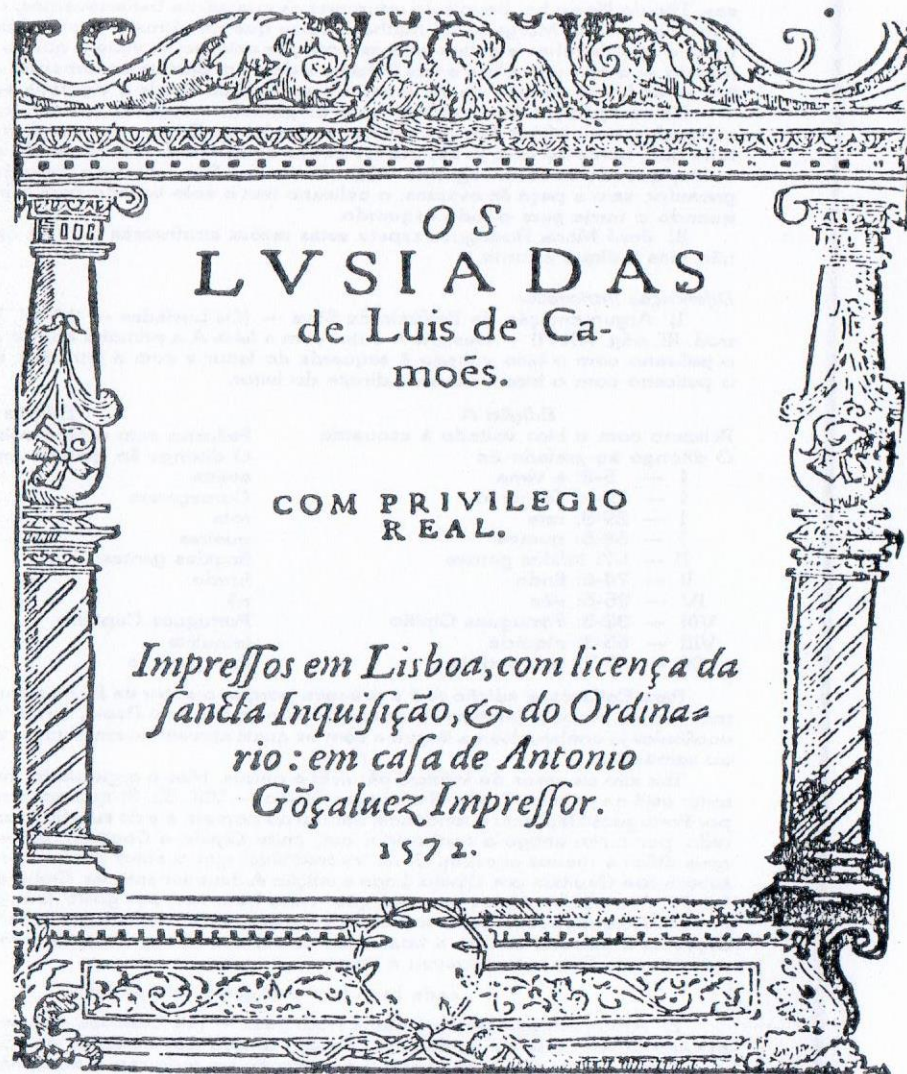
OS

LVSIADAS

de Luis de Ca-
moës.

COM PRIVILEGIO
REAL.

*Impressos em Lisboa, com licença da*
*sancta Inquisição, & do Ordina=*
*rio: em casa de Antonio*
*Gõçaluez Impressor.*

1572.

*Portada refeita para a edição apócrifa de "Os Lusíadas".*
*O pelicano está com o bico voltado para a direita do leitor.*

como pensaram os primeiros comentadores. Não houve também a vontade de corrigir a primeira edição dos seus muitos erros porque o poeta estava doente e velho, desanimado desde a composição do poema como ele próprio no-lo declara. Está claro hoje que Camões não reviu as provas dos Lusíadas porque, certamente, se as revisse, não teria deixado sair como saíram. Acresce a tudo isto que o privilégio real se estendia por dez anos e o editor primeiro, que comprou o alvará e o manuscrito do poeta ou a família dele saberia zelar com rigor pelos seus interesses financeiros, impedindo a nova edição ou contra ela movendo a justiça. Tito de Noronha pensa que a edição foi feita em 1585 porque, nesta época, já estavam mortos o poeta e o impressor e a própria viúva deste já se havia desfeito da tipografia, vendendo-a a André Lobato que teve tipografia em Lisboa de 1583 a 1587: este foi o autor da contrafação B ou E.

Como se pode provar isto?

Pelo exame da portada e dos tipos empregados. A famosa portada com o pelicano voltado para a esquerda do leitor apareceu, pela primeira vez, em 1551, na obra de Germão Galharde. Em 1554 o mesmo impressor publicou "Tratado de la vida loores y excelencias del glorioso apostol... san Joan" de Diogo d'Estella, com a mesma portada do pelicano. Mas já aqui a gravura sofreu alguns danos: as hastes e os cotos das alabardas estão cortados. Reaparece a portada em 1554 em outra obra impressa por Germão Galharde: "Primeira parte de las Sentencias que... estan por diuersos. Autores escritas". Serviu ainda e já sem as lanças na edição da "Doctrina de principios e fundamentos d'christãdade" do bispo do Algarve, D. João de Mello. Esta obra, diz Noronha, deve ter aparecido entre 1554 e 1564, antes desta e depois daquela data porque Germão Galharde morreu em 1560, sua viúva vendeu em 1563 a tipografia ao Sr. António Gonçalves que imprimiu, em 1572, a primeira edição dos Lusíadas. A portada aparece ainda nesta obra e como se pode imaginar, já muito gasta e amassada pelos prelos da época, pois, antes da obra de Camões já tinha Gonçalves publicado o "Repertório dos Tempos", aproveitando sempre a mesma e famosa portada do pelicano. Os tipos itálicos, empregados na composição dos "Lusíadas", tinham sido usados na obra de Cadaval Gravio, a "Pythographia" e a "Brachyologia" publicada em 1568, estando já bem usados quando se imprimiu o poema de Camões. Não havendo necessidade de uma nova edição camoniana no mesmo ano de 1572 pelas razões há pouco lembradas, quando se quis fazer a contrafação desta, a portada deveria estar por demais gasta e desfigurada, de tal modo que o impressor mandou gravar nova portada, imitando em tudo a primeira.

O gravador foi inábil, não conseguiu reproduzir todos os pormenores, invertendo ainda a posição das figuras segundo disse o Morgado de Matheus. Mas quando se fez tudo isso? Depois de 1584 e por quê? Porque neste ano apareceu a famosa edição denominada dos *piscos*, o mais tremendo e estupefaciente atentado feito contra a epopéia camoniana! O autor foi tão corajoso que se ocultou, não assinando a nefanda obra que teve, por mira principal, tirar dos Lusíadas tudo o que fosse mitologia e paganismo. Assim até a palavra deuses foi substituída por ídolos, senhores, fados, dando os maiores disparates como se vêem de alguns exemplos:

*canto I, 23:* Os outros deoses todos assentados
Os outros idolos todos assentados

o que veio, no substituído aumentar uma sílaba, quebrar a métrica.

*canto X, 3:* Está co a bella deosa o claro Gama
Estava com a Rainha o claro Gama

A edição dos piscos, assim chamada porque o autor, não sabendo o que significasse *pis-coso, piscosa*, inventou, nos comentários, uns tais piscos que, em certa época do ano, se juntavam para passar à África. Trata-se do canto III-65:

Com estas sojugada foi Palmella
E a piscosa Cezimbra...

De tal modo a obra camoniana ficou desfigurada que foi necessário tirar nova edição em tudo igual à primeira de 1572; mas para isto, seria necessário recorrer ao Santo Ofício e, de modo algum, seria permitida a nova edição segundo o verdadeiro texto porque a de 1584 fora feita justamente para expurgar a obra camoniana do fermento pagão... Alguém, então, audacioso, sem escrúpulos mesmo, para escapar ao Santo Tribunal, fez essa imitação conhecida por edição E ou B. Todos estes argumentos foram resumidos de Tito Noronha.

O impressor André Lobato, que comprara o espólio de António Gonçalves, foi o publicador da edição E-B (a do pelicano com o bico à direita) porque em 1587 imprimiu por ordem do moço de capela Afonso Lopes, a segunda edição da *Compilaçam* de Gil Vicente; em 1588 os *"Autos e Comédias* feitas por Antonio Prestes e Luís de Camões e outros" e em todas estas obras aparece a famosa portada do pelicano, mas, com o bico à direita, tal qual na edição E dos Lusíadas, ora inteira, ora mutilada, nos diversos livros de que se compõe, por exemplo, a *Compilação*. Noronha acha que a edição dos Lusíadas é posterior à edição dos "piscos"



— 1584 e anterior à *"Compilaçam"* — 1586. José Maria Rodrigues opina pelo ano de 1586 porque, diz ele, encontra nos textos dos *Autos e Comédias* as mesmas correções, as mesmas preocupações filológicas de que estão cheios os *Lusíadas* da edição E.

## As Lusíadas ou Os Lusíadas?

Se bem que a edição "princeps" traga, com todas as letras *OS LUSÍADAS*, aparece o nome sob várias formas, a começar por *AS LUSÍADAS*, na referência feita por Diogo do Couto, quando se encontrou com Camões, em Moçambique, em situação de miséria, vindo juntos para Portugal, no mesmo navio, como se pode ver na biografia do Poeta que antecede estas páginas. A tradução latina de Frei Francisco de Santo Agostinho Macedo, revista por António José Viale, Lisboa, 1880, traz *A LUSÍADA*. Outras variantes surgiram em obras diversas, escrevendo uns *As Lusíadas, Lusíadas* (sem o artigo), *Lusíada, Elusíadas, Os Lusíadas*. Nada temos de ver com tais variantes desde que a edição "princeps" aí está para servir-nos de base. Existe, porém, o problema da palavra *Lusíadas:* quem a cunhou? Foi André de Resende? Foi Jorge Coelho? Já existia antes em italiano? Encontrava-se já em grego e latim? Todos estes problemas estão discutidos e tratados com larga documentação no livro *"AS LUSÍADAS e OS LUSÍADAS"* de Bernardo Xavier da Costa Coutinho — Livraria Lopes da Silva: Editora — 101 Rua Chã 103 — Porto — 1938. Não sendo muito conhecido, no Brasil, este estudo do Padre Bernardo X. da C. Coutinho, professor do seminário do Porto, dele tomamos as seguintes notas.

O camonista Padre José Maria Rodrigues foi o primeiro autor português a tratar da palavra *Lusíadas*, procurando estabelecer a sua cunhagem erudita e renascentista. Em sua publicação *Fontes dos Lusíadas I*, em *Camões e André de Resende* publicado na revista o *Instituto* e em outros artigos aparecidos na *"Revista Scientifica e Literaria"* não se pronunciou, a começo, definitivamente, pela paternidade de André de Resende, propendendo a atribuí-la a Jorge Coelho por uma questão de prioridade de obra impressa. Conhecia, então, somente o poema latino de André de Resende *Vicentius Levita et Martyr*, impresso em 1545, onde, em nota esclarecedora ao verso 195, afirmava André de Resende que fora ele o autor da palavra *Lusíadas:* "A Luso, unde Lusitania dicta est, *Lusíadas adpellavimus Lusitanos* et a Lysa Lysiadas, sicut ab Aenea Aeneadas dixit Virgilius". Ora, muito antes, outro humanista português, Jorge Coelho, numa poesia latina em que celebra a consagração cardinalícia do Infante D. Afonso, filho de D. Manuel, publicado em 1526, já aparecia a palavra *Lusíadas*. Não podia ser, portanto, da autoria de André de Resende. Mais tarde, com a argumentação de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos e, sobretudo, com o estudo de Braacamp Freire que descobriu outro poemeto latino de André de Resende: *Erasmi Encomium*, publicado em Basiléia, na oficina Frobeniana, em 1531, mas escrito muitos anos antes, deu-se por vencido e aceitou a solução de que o autor da palavra era, de fato, Resende e não Jorge Coelho. Realmente, nesse *Erasmi Encomium*, fala o autor da palavra *Lusíadas*, de sua autoria, dizendo que a sua invenção havia agradado a muitos escritores, especialmente a Jorge Coelho:

"Ne male subcessit. Nam video id multis adhibuisset, praesertim Georgio Coelio, Lusitanae nostrae omamentum sive poeticam facultatem, sive Ciceronianae orationes aemulationem spectes" (Anti. Lusit. II vol. 79).

Ficou então assente que a autoria da palavra *Lusíadas* pertencia ao humanista André de Resende, feliz criação do latinista, que a muitos autores agradou e foi freqüentemente empregada na literatura clássica portuguesa.

Em 1933, Alfredo Pimenta, em vários artigos na imprensa de Portugal, negou peremptoriamente a paternidade de André de Resende, pois, tinha encontrado o termo *Lusíadas* em um autor italiano, Ricchieri Rhodigino, cuja obra apareceu entre 1516 e 1517: "Lodovici Caelii Rhodigini lectionum Antiquarum libri XVI. Forbenianis ex typis apud inclytam Basileam". Estes artigos de Alfredo Pimenta abriram o caminho às pesquisas do Padre Bernardo Xavier da Costa Coutinho, então, estudante de letras na Universidade de Lovaina. A obra de Rhodigino, que foi muitíssimo divulgada no século XVI, traz uma citação de outra obra famosa na antiguidade, *"Deipnosophistai"* ou "O Banquete dos Sofistas", enciclopédia deixada por Atheneu de Naucratis, que viveu no império de Cômodo, em 193 a. C. Narrando os costumes dos sibaritas, habitantes de Sibaris, cidade do sul da Itália, conta:

χαι του ϑερους οί νεωτεξοι αυτων εις τα των
Νυμφων αντξα τῳν Λουσιαδων αποδημουντες
διέτελον μετα πασης τϱυφης.

trecho que Schweighauser traduziu em latim: "Aestivo tempore, iuniores in Nympharum Lusiadum antra secedentes, in omni luxuriae genere vitam ibi agebant" (Athenaiei Naucritiae Deipnosophistarum libri quindecim" — Estraburgo, Societ. Bipont., tomo IV — págs. 429-431). Costumavam, portanto, os jovens, no verão, refugiar-se nas grutas das ninfas *Lusíadas*, e aí se entregavam a toda sorte de vida luxuriosa. Aqui está a palavra *Lusíadas* como nome de umas ninfas que habitavam tais grutas nas proximidades de Sibaris, no sul da Itália. Seria de

Atheneu a palavra? Parece a muitos que não, pois, nessa passagem está o autor citando outro mais antigo, Timeu de Tauromênio, autor do III século antes de Cristo. O termo é, portanto, muitíssimo velho e não poderia ser invenção de André de Resende nem de Jorge Coelho que apareceram quase 1.900 anos depois. Qual a etimologia de *Lusiades* (latim) ou *Lousiades* (grego)? O Padre Bernardo Xavier da Costa Coutinho aduz duas: 1) do mesmo tema de *louo (luo)*, lavo, banho-me, e seria então *ninfa baiante.* 2) Chapouthier acha que venha de *Lousias* ou *Lousion,* nome do rio que banhava essa região, hoje *Lucino* ou *Lucido.* De *Lousias* se fez *Lousiades:* a ninfa do rio Lousias, assim como de *Tagus* fez Camões *Tágides,* as ninfas do Tejo.

Essa obra, porém, de Atheneu, seria conhecida dos humanistas portugueses para que em suas páginas descobrissem o termo *Lusíadas?* Sim, devia ser conhecida em Portugal, na tradução latina que dela fizera, em 1566, portanto, muito antes que Camões publicasse o poema, Natale de Comitibus. Nesta tradução latina do original grego há esta passagem:

> "cum plures quinque milibus essent Sybaritarum equites, crocotas inducti supra thoraces procedebant in pompam, iunioresque ipsorum per aestatem in antra *Nympharum Lusiadum* secedentes omnibus cum deliciis degunt."

Mas a própria obra grega de Atheneu era largamente difundida nos países de cultura clássica, sobretudo, na Itália e na Suíça de hoje, na Alemanha daquela época, especialmente em Basiléia onde estudava André de Resende. Havia uma edição de Marcus Masurus, feita em Veneza: *apud Aldum et Andream socerum mense augusto 1514.* Outra feita em Basiléia: "Athenaei Dipnosophistarum, hoc est argute sciteque in convivio disserentum, lib. XV..." (Edidit Jacobus Bedrontus, Christiano Herbino adjuvante, Basileae apud J. Valderum, 1535). Os eruditos portugueses poderiam, assim, ter tido conhecimento direto da palavra, quer em grego, quer em latim. Em 1516 estava publicada a obra de Rhodigino, onde se faz a citação da palavra *Lusíadas,* e André de Resende não poderia ter ignorado livro de cultura clássica de tanto valor. A curiosidade dos humanistas foi tanta que, no mesmo ano de 1517, simultaneamente, apareceram duas edições, uma em Paris, outra em Basiléia, feita pelo editor J. Frobênio, o mesmo que editará, em 1531, o *Erasmi Incomium* de André de Resende. Este não poderia, de modo algum, ignorar Rhodigino.

Em que consiste, portanto, o trabalho criador de André de Resende? Em cunhar a palavra? Não: ela já estava cunhada em grego e adaptada ao latim. A contribuição do humanista português foi totalmente semântica: de simples nome de ninfas passou a palavra a significar os descendentes de *Luso,* os lusitanos, os portugueses. Foi um neologismo de André de Resende? Sim, foi: neologismo semântico, não morfológico. Mas apesar de toda essa contribuição do notável homem de letras; apesar de ser dito por ele que o termo tinha agradado a muitos, a começar por Jorge Coelho, se Camões não o tomasse por título de sua epopéia, *Lusíadas* seria, hoje, termo desconhecido, encantonado nalgum verbete de dicionário, o museu das palavras mortas, tal qual aconteceu com *Lysiadas,* feito de *Lysias.* A consagração do neologismo semântico de Resende foi dada por Camões, desde o dia em que apareceu no frontispício da maior epopéia que já surgiu nos domínios das línguas românticas.

## O Exemplar dos Lusíadas do Instituto Histórico do Rio de Janeiro

Existe, no Instituto Histórico do Rio de Janeiro, um exemplar de "Os Lusíadas" que, segundo numerosas autoridades, pertenceu a Luís de Camões. Além desta fama possui outro título de glória, — o de ter pertencido a Dom Pedro II que o levou consigo quando foi expatriado pela República. Afrânio Peixoto, em uma conferência feita no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro a 10 de junho de 1926, assim falou extensivamente: "A 15 de novembro de 1889, deposta a dinastia, exilada a família imperial, a sorte do Brasil e da monarquia não privara a D. Pedro II, partindo para o desterro, num dia de revolução, de pedir que lhe trouxessem de Petrópolis um exemplar de livro precioso, que desejava levar consigo. Perdia tudo, e de tudo se consolava, com uns *Lusíadas.* Este livro já tinha uma história, presumível, quase autêntica, autenticável talvez; daí por diante ia tê-la, por isso mesmo, ainda maior: sobre a presunção de um autógrafo e uma posse, de quem o escrevera, o divino Luís de Camões, a eleição de um magnânimo monarca, numa hora trágica de seu destino e aventurosa de nossa nacionalidade. Ei-lo aqui, conservado numa caixa de madeira, como na posse de seu augusto dono, o último dono, Sua Majestade o Imperador do Brasil, porque o primeiro se presume ter sido o próprio autor, de uma inscrição na folha do privilégio, que diz, em letra do século XVI, *Luís de Camões seu dono 576.* A D. Pedro II viera em setembro de 1845, de Santa Catarina, por intermédio do senador por aquela província José da Silva Mafra, doação de Frei João de S. Boaventura Cardoso. Este o houvera da livraria do Convento de São Bento da Saúde, em Lisboa; à qual fora ter por morte do monge beneditino Frei Alexandre da Paixão, a quem uma declaração manuscrita do ante-rosto atribui a autoria de folhas intercaladas, com estrofes escritas, que substituem as impressas, de páginas que se perderam. Nessa livraria de S. Bento o vira, e examinara Sebastião Francisco Mendo Trigoso, autor de memória



sobre as primeiras edições dos *Lusíadas,* o qual dele escreveu: "O mais célebre destes exemplares com anotações é o que ainda hoje se conserva na livraria do Mosteiro de S. Bento da Saúde, o qual é tradição que fora do uso do mesmo poeta. Este exemplar, que é da segunda edição de 1572, está bastante maltratado e falto de folhas. Em baixo da que contém o privilégio está escrito em uma linha, com letra daquele tempo: *Luís de Camões seu dono.* Ainda há outra palavra adiante, que não pode ler-se, por se terem roçado as letras, enquanto a tinta estava fresca. Este livro está cheio de notas, de letra diferente, posto que algum tanto parecida com a primeira; notas que certamente não são do Poeta, que não era capaz de escrever inépcias, etc. E continua Afrânio Peixoto: "Depois de Pedro II, 1845, há a memória do conselheiro José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha, de 1848, na qual examina o exemplar e as notas, cataloga as remissões feitas pelo anotador, dá relação dos assuntos tratados nos comentários, concluindo: "que nunca foram de Camões as notas que se escreveram no exemplar de Sua Majestade Imperial, sendo "mui possível, provável mesmo" — pelo testemunho da tradição, pela letra do século XVI, que não torna a aparecer no volume, sem afetação posta em baixo de uma página, roçada ainda quando fresca a tinta, o que tudo exclui um cálculo doloso, e que atribui a posse do livro ao Poeta, que "este exemplar pertenceu na primitiva a Luís de Camões, o qual todavia nele não escreveu uma só linha de comentos". Conta ainda Afrânio Peixoto que este exemplar "esteve exposto à veneração do público, na "Exposição Camoniana" com que, sob Ramiz Galvão, a Biblioteca Nacional celebrou, a 10 de junho de 1880, o 3.º centenário da morte de Camões". Reproduzindo palavras de Rodolfo Garcia, continua o conferencista: "Com efeito, conta Rodolfo Garcia, que em São Cristóvão, "gostava (o Imperador) de mostrá-lo aos entendidos que freqüentavam o Paço e nunca se esquecia de perguntar: "Quer ver a letra de Camões?" Este exemplar, encontrado entre os objetos mais caros ao monarca, escreveu Afonso Celso, no "Jornal do Brasil" de 28 de março de 1922, o recolheu a sua digna filha, a Princesa Redentora. Por morte desta, seu esposo, o Conde d'Eu, pensara em oferecer o livro a quem dele era digno, a este Instituto, sacrário da memória imperial... Mas também a morte não lhe permitiu realizar o desejo, e ele foi cumprido por seu filho, o Príncipe D. Pedro de Orléans e Bragança, que no-lo trouxe, pessoalmente.

Na memória escrita por Trigoso, declarou este que além da assinatura de Luís de Camões "Ainda há outra palavra adiante que não pode ler-se..." Esta outra palavra foi lida pelo Barão de Ramiz Galvão. Eis como no-lo conta Afrânio Peixoto: "Descobrindo ao lado dessa declaração a data 576, Ramiz Galvão ajuntou novo elemento à documentação sobre o autógrafo de Camões". De que edição é o exemplar em apreço? A maioria afirmava que era da segunda, da apócrifa. Mas depois dos estudos de José Maria Rodrigues, firmando que a edição *Ee* é a verdadeira e falsa a edição *E,* comprovou-se que o famoso exemplar de D. Pedro II era da verdadeira e não da apócrifa: "O nosso exemplar, tido erroneamente como da segunda edição, é, portanto, bem da edição princeps, da única de 1572, e assim diz muito bem a inscrição do dorso do livro, quando afirma, na encadernação, ser "da 1.ª edição". Ela tem todos os característicos de *Ee,* desde a portada — o pelicano com o bico voltado para a esquerda, até certos erros de alguns exemplares dessa edição". Afrânio Peixoto continua, em sua conferência, a verificação destes erros, tendo sempre por guia o camonista José Maria Rodrigues. E conclui: "Aos argumentos até agora trazidos, que aumentam a probabilidade da posse do livro e do autógrafo de Camões, trazemos mais este: que não é ele, como se supunha, da 2.ª edição do Poema, mas que é da 1.ª, a única de 1572, a que viu o Poeta..." (Afrânio Peixoto — Camões e o Brasil — págs. 271-291).

Em 1940, Álvaro Pinto, diretor da revista *Ocidente,* português que vivera muito tempo no Brasil, começou, em Portugal, uma campanha para reaver o precioso exemplar do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Foram tentados todos os meios, desde o da compra do livro até a devolução por vias diplomáticas. O Instituto recusou-se a qualquer transação, firmando-se no argumento de que fora o livro doação da família imperial, sendo, portanto, riqueza histórica, essencialmente brasileira. Diante desta impossibilidade, começou-se, em Portugal, com auxílio de alguns brasileiros mal-informados, um grande trabalho de descrédito do livro, tendo por único objetivo provar que a assinatura de Camões era apócrifa, não tendo, portanto, valor algum o exemplar tão ciosamente guardado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Concretizando todos os argumentos, publicou, Eleutério Cerdeira, *"Duas Grandes Fraudes Camonianas",* edição da Companhia Editora do Minho — Barcelos — 1946. Uma das fraudes era a segunda edição de *Os Lusíadas,* falsamente datada de 1572, conhecida pela designação de *E* pelo Dr. José Maria Rodrigues. A segunda fraude era o exemplar de que estamos tratando. Lidas e relidas as suas razões de tipógrafo, podemos resumi-las assim: 1) Camões não iria escrever num livro que era seu *Luís de Camões seu dono.* Isto seria "à laia de colegial para que outro menino não lho tirasse ou lho trocasse" (pag. 103). 2) O volume impresso em 1572 só chegaria às mãos do seu autor em 1576. 3) Numa poesia (completamente desconhecida) de António Moreira Cabral, recitada no Porto, depois impressa pelo autor existe uma *assinatura de Camões* embaixo do retrato do Poeta, com a afirmação do Sr. Moreira Cabral de que "foi copiada fielmente" da assinatura, que se julga ser do próprio Camões, escrita na parte inferior da folha, em que vem o privilégio dos *Lusíadas,* primeira edição, 1572, cujo exemplar existia na Biblioteca Particular de Sua Majestade D. Pedro II, Imperador do Bra-

sil. 4) Que as notas existentes em outras folhas do exemplar não são de Camões pelos absurdos que encerram. Conclusão: o exemplar é apócrifo. Estas razões do tipógrafo Cerdeira nada provam. Que é que impedia a Camões de escrever, naquele exemplar, que era seu? Só quem nunca escreveu livro algum pode tomar a sério a chalaça do Sr. Cerdeira, que, ao que nos consta, só tem este livrinho publicado. É comum entre os autores de obras ter um exemplar de sua preferência, seja pelo momento em que o recebeu, seja pelo melhor acabamento do exemplar, enfim, por muitas outras razões íntimas. Por que lhe teria chegado tão tardiamente aquele exemplar? Não se conclui dessa data (1576) que só nesse ano tivesse recebido o exemplar. Certamente o tinha de muito antes, mas só então lhe ocorreu de apor a sua assinatura a esse exemplar de sua preferência. É muito comum que os primeiros exemplares recebidos pelo autor sejam imediatamente oferecidos por ele a pessoas amigas e se veja depois na contingência de arranjar outros, mais tarde, porque os primeiros já se haviam desaparecido em ofertas. Isto se dá com todos os autores que não somos Camões, quanto mais com o Poeta. A historieta contada pelo Sr. Moreira Cabral, "vizinho do Sr. Cerdeira quando moço" (pág. 101) não tem o menor valor comprovante: diz que foi copiada fielmente da assinatura existente no exemplar de D. Pedro II: pura mentira! Nessa época, 1891, o exemplar não estava na Biblioteca Particular de Sua Majestade Imperador do Brasil. Nesse ano de 1891 falecia D. Pedro num quarto de hotel em Paris. Como pôde o Sr. Moreira Cabral copiar ou mandar copiar a assinatura do livro famoso? Quem a fez? E foi fielmente? Não o foi: basta comparar ambas para que se veja a diferença, tanto que a da poesia do Sr. Moreira Cabral nem traz o til da palavra Camões. Esta, sim, a do famoso vizinho do Sr. Cerdeira é que é falsíssimamente falsa. O argumento Aquiles deste tipógrafo, argumento tomado de um artigo superficialíssimo do Sr. Gladstone Chaves de Melo, vereador no Rio de Janeiro, conclui muito mais do que é permitido tirar de premissas meramente supostas: as anotações do exemplar não podem ser de Camões, logo nem tampouco a assinatura aposta sob o privilégio! Note-se que não houve comparação caligráfica, mas somente se tirou tamanha conclusão porque as anotações são ineptas. Desde os tempos de Feliciano Castilho Barreto e Noronha que se admitia isto: as anotações são de outra pessoa e não de Camões. O problema gira ao redor da assinatura e não das anotações.

O Sr. Gladstone Chaves de Melo, por algum tempo assistente do Porf. Sousa da Silveira, pessoa curiosa de questões de lingüística, autor de um livro que contém simplesmente este absurdo: Que a língua média do Brasil é a de Minas Gerais, — certamente, por ser seu Estado natal, escreveu em "O Jornal", do Rio de Janeiro, 8 de novembro de 1942, um artigo do qual tomou Cerdeira quase todos os seus argumentos. Que valor tem este artigo? Começa a dizer que não estudou detidamente o exemplar: "Da minha turística visita saí, porém, com impressão céptica". Em outro lugar: "A mim me parece que a questão está a exigir um estudo sério, feito por especialistas, paleógrafos e filólogos, honestos e competentes. Dirá o paleógrafo se a letra e a tinta são do século XVI, a quantos punhos pertencem as anotações marginais, se a mão que firmou "Luís de Camões seu dono", é a mesma que lavrou os comentários, etc." Como acima ficou dito, desde 1845 é que se tem por coisa muito diversa a assinatura de Camões e a caligrafia das anotações. Depois de muito discorrer, termina o artigo: *Adhuc sub iudice lis est*, como lá diz o velho Horácio (Ars Poetica, 78). O próprio Sr. Gladstone Chaves de Melo nada concluiu, esperando que outros estudos sejam mais rigorosamente feitos. Como pode, portanto, o Sr. Cerdeira afirmar que o caso está decidido para sempre? Não, não está decidido ainda. Se em Portugal, mais por partidarismo do que por amor à verdade, já deram, todos os que vêm repetindo o Sr. Cerdeira, sem certamente lhe ter pesado os fracos argumentos de sua tese, o caso por encerrado, proclamando a falsidade do fato, pensamos que não, que só depois de exames feitos por peritos estrangeiros, nem portugueses nem brasileiros, se poderá chegar a uma conclusão final. Até que tal exame seja feito, está muito certo o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro de considerar o precioso volume duplamente sagrado: por ter pertencido a Camões e por ter pertencido a D. Pedro II.

## Influências Vergilianas

Sumário: Vergílio no Renascimento — A imitação literária e não o plágio — Dante, Camões e Milton — Juno e Baco — Vênus e Júpiter — O concílio dos Deuses na Eneida e em "Os Lusíadas" — As fontes históricas — A escolha das variantes dos episódios — Ausência de psicologia — As mulheres na Eneida e em "Os Lusíadas" — A invocação das Tágides e de Calíope — A "Beócia" em ambos os poemas — Anacronismos e contradições — Milton, o campeão dos anacronismos — Os sonhos e as aparições — Acusações aos romanos e aos portugueses — A grandiosidade, nota característica da epopéia — O vocabulário, os arcaísmos e os neologismos de Camões — O humorismo na Eneida e em "Os Lusíadas" — O lirismo — A comparação com as flores — Poemas do nacionalismo e do patriotismo.

Na veneração dos escritores do Renascimento às manifestações literárias das grandes épocas do latim e do grego, muito mais às do latim, cujos autores eram diretamente estudados e imitados, do que às do grego, conhecidos indiretamente, através dos latinos, Cícero e Vergílio ocuparam os postos de maior importância. Na própria latinidade, quer dos períodos imperial e pós-imperial, quer durante toda a Idade Média, Cícero foi sempre o supra-sumo da perfeição literária em prosa, e, na poesia, Vergílio. Entre um e outro, Tito Lívio conseguiu colocar-se como modelo entre os historiadores e Ovídio entre os poetas em suas expansões de lirismo. O Renascimento português voltou-se, de modo especial, a Cícero e a Tito Lívio: este como o mestre, por exemplo, de João de Barros, de Diogo do Couto; aquele, nos dias melhores do humanismo, guia e espelho de André de Resende, Jerônimo Osório, Jorge Coelho. Os poetas líricos do século XVI preocuparam-se especialmente com os modelos que lhes vinham da Itália, mas através da Espanha, mirando quase exclusivamente a Petrarca. Camões, em seu lirismo, fez parte dos petrarquistas, porém, como épico seguiu, passo a passo, a Vergílio e depois deste a Ovídio que foi o seu guia nos meandros da mitologia, o elemento essencial do maravilhoso pagão, nota obrigatória das epopéias clássicas. A Eneida foi o grande e insuperável modelo dos Lusíadas. Os quadros gerais, muitos dos episódios, não poucos recursos da técnica narrativa, da apresentação dos assuntos, do poema português, são acomodações, imitações, decalques, arranjos da matéria épica vergiliana.



Não conheceu a antiguidade clássica latina e a renascentista européia os melindres de que se ouriçam os nossos tempos relativamente ao recurso literário da imitação, por nós de hoje acoimado de plágio. A utilização das ofertas dos antecessores era norma geral. Longe de constituir procedimento vituperável, era indício de erudição e de bom gosto artístico. Nunca houve, porém, a cópia servil e direta: cada autor de talento imitava um seu predecessor, juntando ao seu trabalho notas próprias, características da sua própria genialidade. Toda a literatura latina, a começar por Ênio, Lucílio, Plauto até Horácio e Vergílio foi emanação das fontes gregas, mas com o sainete peculiar de Roma. As "Bucólicas" de Vergílio descendem de Teócrito, Calímaco e toda a delicada técnica dos alexandrinos está refletida nessas primeiras composições do divino mantuano. Os seus pastores, porém, não são aqueles da Sicília: os campos de Mântua, a vida rural em que viveu o poeta em Ande trazem o colorido italiano do norte, da Cisalpina. A pedido de Pollion, faz Vergílio uma imitação de um idílio de Teócrito: *A Feiticeira*. É apenas à maneira de Teócrito porque o assunto reflete os acontecimentos próprios do círculo literário de Roma onde fora o poeta acolhido e onde se encontravam Varus, Pollion, Gallus, Horatius, e tantos outros grandes nomes do momento. Muitos personagens da obra vergiliana tomaram nomes gregos como Tityras, Corydon, Iollas, Meliboeus, Ayntas, Menalcas, Alexis, etc., mas sob tais nomes gregos vivem romanos. Quando Vergílio, em plena maturidade de seu gênio, escreve a Eneida, continua o mesmo processo de adaptação: serve-se de ânforas gregas, porém, o vinho de que as enche é puramente romano. Os templos e as preces, os sacrifícios que Enéias visita ou faz nesses primeiros tempos da sua entrada na Itália são descritos com os recursos que Vergílio conhecia dos templos e do ritual de Roma. O seu arsenal, entretanto, não foi diretamente a Ilíada de Homero que os filólogos de Alexandria haviam preparado para o resto da posteridade. No grande trabalho de colecionar e colacionar os episódios dispersos e fragmentários de Homero, deixaram os alexandrinos muitos destes episódios fora da sua coleção que passou depois a ser a clássica. Muitas de tais variantes, bem de vezes com circunstâncias locais interessantíssimas, que não foram aproveitadas pelos filólogos, tiveram acolhida da parte dos trágicos como Sófocles, Ésquilo. Vergílio seguiu preferentemente a maneira destes trágicos gregos, dando-lhes preferência em face da apresentação mais sóbria e menos lírica dos literatos de Alexandria. Por isto, o método e a forma da epopéia se aproximam, em Vergílio, muito mais do método e da forma da cena grega. O grande épico de Roma não imitou, portanto, diretamente a Homero e sim aos trágicos do teatro grego, acrescentando a tudo a sua própria inspiração romana. Camões, que não sabia grego, nem isto poderia fazer. O que há de "homérico" ou simplesmente grego em "Os Lusíadas", veio-lhe de Vergílio.

Vergílio foi o mestre de Camões como antes já tinha sido de Dante na "Divina Comédia" e o será muito mais abundantemente de Milton no "Paradise Lost". Segue o épico português ao Mantuano em todo o processo de sua epopéia. Vênus era a mãe de Enéias, e, portanto, a sua incansável protetora. Juno é a inimiga imortal de Enéias e a mais temível lutadora contra Vênus. Camões segue o mesmo caminho: Vênus, nunca esquecida dos romanos, seus descendentes, filhos do seu filho Enéias, toma sob a sua proteção os portugueses porque vê neles os continuadores dos de Roma pela coragem, pelas qualidades bélicas, mas, sobretudo, pela língua:

> "Sustentava contra ele Vênus bela,
> Afeiçoada à gente Lusitana
> Por quantas qualidades via nela
> Da antiga, tão amada sua Romana,
> Nos fortes corações, na grande estrela
> Que mostraram na terra Tingitana,
> E na língua, na qual quando imagina,
> Com pouca corrupção crê que é a Latina". (I-33)

Juno aí está com a sua nunca saciada inveja. Conserva-lhe Camões os mesmos defeitos que Vergílio lhe atribuía. As atividades, porém, desenvolvidas por Juno contra Enéias e seus descendentes, transferiu-as Camões a Baco. À semelhança de Juno que, desde os primeiros livros da Eneida, se apresenta como força mortalmente inimiga e só desaparece no livro XII depois de vencida, em combate, Baco é apresentado logo no primeiro canto de "Os Lusíadas" na estrofe 30, quando, em pleno concílio dos deuses, ousa contradizer a Júpiter, opondo-se decididamente contra os portugueses. Baco e não Juno foi escolhido por Camões por vários motivos: todo o objetivo de "Os Lusíadas" e todos os seus maiores feitos visavam à Ásia, parte do mundo em que Baco dominava como soberano: a mitologia e a tradição poética davam a Baco como conquistador da Índia; Fulgêncio, em sua "Mythologia", vol. II-12 — escreveu: "Hic (Dionysios) Indiam debellavit". A Índia era justamente o objetivo da expedição de Vasco da Gama. Eis por que toma Camões a Baco por inimigo mortal dos portugueses assim como fizera Vergílio com Juno. Por todo o poema, é ele a alma danada das incessantes maquinações contra os navegantes lusos: transforma-se em mouro, aparece em sonhos, toma até a figura de pseudocristão, desce ao fundo do oceano, desencadeia tempestades, tudo para que os potugueses não cheguem à Índia. E Baco não deveria tomar tal atitude porque, afinal, os lusitanos descendiam de Luso, filho do próprio Baco. Esta razão já Marte havia atirado à cara de Dionísio quando tomou a palavra na presença de Júpiter, para sustentar as razões de Vênus:

"Que, se aqui a razão se não mostrasse
Vencida do temor demasiado,
Bem fora que aqui Baco os sustentasse,
Pois que de Luso vem, seu tão privado;
Mas esta tenção sua agora passe,
Porque enfim vem de estâmago danado,
Que nunca tirará alheia enveja
O bem que outrem merece e o Céu deseja".
(I-39)

Aponta Marte a injustiça de Baco: nenhuma razão teria para perseguir os seus descendentes se não fosse o "temor demasiado" de perder sua influência na Índia, se não fosse a enorme inveja que lhe rói as entranhas "estâmago danado". Vê-se, portanto, como o poeta de "Os Lusíadas", imitando a Vergílio, soube contribuir com essas particularidades que faziam ao seu poema: substituiu Juno por Baco, pois se Juno tinha intenções futuras sobre a Itália, Baco as nutria sobre a Índia, conquista sua, reino seu, que passaria aos portugueses.

Vênus tem papel diferente na Eneida que não teve na Ilíada: nota Guillemin que o amor representado pela deusa, o amor-paixão, o amor-volúpia, foi transformado por Vergílio em amor materno. Vênus protege Enéias, protegerá sempre os romanos, porque eram seus descendentes, filhos seus. Só uma vez a presença de Vênus perturba voluptuosamente a Vulcano, quando lhe vai pedir que forje para Enéias uma armadura completa: De repente sentiu-se inflamado o coração de Vulcano e ele começou a sentir que o antigo desejo, como um calor lhe percorria as entranhas, abalando até os ossos: "ille repente/ Adcepit solitam flammam, notumque medullam/ Intravit calor et labefacta per ossa cucurrit" (Aen. VIII-388-390). Conservou Camões a mesma Vênus maternal, que luta pelos portugueses porque neles vê os descendentes dos romanos pelo valor e pelo idioma. Só uma vez, quando toda a luta perigava por causa das vantagens obtidas por Baco, recorre Vênus a seus antigos predicados para vencer o coração de Júpiter. Passa-se este episódio no canto II, estrofe 34 a 44. O próprio Júpiter sentiu as influências irresistíveis desta Vênus a quem não pudera resistir o Vulcano. Camões, com arte precisa, dá a Vênus um papel grandemente feminino: não pede, exigindo; pede rogando. Entre lágrimas e soluços reprocha a Júpiter o que ele tem permitido a Baco nessa encarniçada luta contra os lusos; dora em diante, quando quiser que Júpiter tome o seu partido dela, pedirá justamente que persiga os portugueses, que auxilie a Baco. Assim, Júpiter só por contrariá-la fará o oposto e protegerá os seus lusitanos. Na Eneida, livro X - 16 a 62 — é justamente esta a atitude de Vênus quando, atingida pelas palavras de Júpiter, se defende no concílio dos deuses. O modelo seguido por Camões aqui está bem como aqui está o episódio do concílio dos deuses, Lusíadas, c. I - 20.

O majestoso início do livro X da Eneida, onde Vergílio dá solenidade pouco vulgar em todo o seu poema, devia estar muito vivo na memória de Camões. Há expressões que se equivalem, chegando a ser quase tradução fiel, artisticamente disfarçada: *Num assento de estrelas cristalino (Sideream in sedem); Quando os deuses no Olimpo luminoso, convocados da parte do Tonante (Conciliumque vocat divom pater); Onde o governo está da humana gente (Divom pater atque hominum rex)*, etc. A descrição da abertura deste concílio dos deuses segue, na Eneida, os mesmos costumes da abertura do Senado em Roma. Vergílio serve-se dos costumes e das idéias do seu tempo para que os seus contemporâneos possam compreendê-lo. Camões segue a lição: aplica os costumes e as idéias da sua época. Há o mensageiro (Mercúrio) que vai convocar os deuses como ia o arauto do rei levar aos do seu conselho a ordem de convocação. Observa Camões o ritual das precedências hierárquicas no conselho real, o que não se encontra em Vergílio. Usa das idéias de Ptolomeu, correntes ain-



da; utiliza-se da Via-Láctea como caminho dos deuses de acordo com a tradição do seu tempo, tendo sido essa mesma Via-Láctea, por exemplo, o caminho pelo qual o apóstolo São Tiago havia chegado à Galícia, passando então, na tradição luso-galaica, a ser denominada simplesmente o "Caminho de Santiago". Cmparando-se o concílio dos deuses de "Os Lusíadas" com o da Eneida, levou Camões grande superioridade sobre Vergílio.

* * *

Primeiro que fosse escrita a Eneida, passavam os "Annales" de Ênio ante a admiração dos romanos como sendo o repositório cronológico dos acontecimentos da grande nação. Eram, porém, meramente narrativos, em ordem cronológica, sem maiores vôos de talento ou de poesia. Serviram de modelo aos futuros "Annales" da história romana como, apenas para citar o mais importante, foram os "Annales" de Tácito. Vergílio conheceu a obra de Ênio de que ainda nos restam 600 versos fragmentários. Com o talento próprio dos grandes épicos, abandona o poeta a ordem cronológica dos "Annales". Assim já havia feito Homero na Ilíada. Ao contrário de Vergílio, Lucano, muito menor em talento, retomou, na "Pharsalia" a ordem cronológica dos acontecimentos, o que provocou acirrada crítica dos seus contemporâneos. Camões atém-se aos moldes clássicos: quando inicia propriamente o poema, já nos coloca diante dos olhos, em pleno mar, velejando, a esquadra portuguesa. É um dos quadros mais belos da epopéia. Tudo aí respira tranqüilidade e grandeza:

"Já no largo Oceano navegavam,
As inquietas ondas apartando;
Os ventos brandamente respiravam,
Das naus as velas côncavas inchando;
Da branca escuma os mares se mostravam
Cobertos, onde as proas vão cortando
As marítimas águas consagradas,
Que do gado de Próteu são cortadas".
(I - 19)

Os fatos, que constituem o entrecho histórico do poema, começam a ser narrados pelo Gama ao Samorim de Calecut, somente no terceiro canto:

"Prontos estavam todos escuitando
O que o sublime Gama contaria,
Quando depois de um pouco estar cuidando,
Alevantando o rosto assi dizia:
"Mandas-me, ó Rei, que conte declarando
De minha gente a grão genealogia;
Não me mandas contar estranha história,
Mas mandas-me louvar dos meus a glória".
(C. III - 3)

Serviu-se Vergílio dos analistas latinos, das "Origens" de Catão, das "Antiguidades" de Varrão e Camões, seguindo o exemplo, recorre aos "Cronistas", às "Décadas" de J. de Barros, não, porém, às "Décadas" continuadas por Diogo do Couto. Os fatos que, possivelmente, aparecem em "Os Lusíadas" e na obra de Couto, foram por ambos encontrados em outras fontes. Couto é contemporâneo de Camões. Serve-se do "Roteiro" de Vasco da Gama, da "História do Descobrimento e Conquista da Índia" de Castanheda, das "Lendas da Índia" de Gaspar Correa, aproveitando-se também da tradição oral, dos comentários que tantos feitos vinham despertando na imaginação do povo, todos muito vivos na época dos estudos e das viagens de Camões. Certamente, no meio militar e de navegantes em que viveu o poeta; nas diversas partes das possessões portuguesas, tanto na África como na Ásia, teria ouvido Camões muitas narrativas de tais acontecimentos, engrandecidas freqüentemente, deturpadas também, pela transmissão popular. Tudo isso fez parte das fontes e do material épico de "Os Lusíadas". Nas variantes dos episódios que ainda estavam flutuantes na opinião dos autores, Vergílio tomava a liberdade de escolher a versão que mais condissesse com as circunstâncias, servindo-se da outra variante do mesmo episódio em outra ocasião, ou fundia ambas numa só. É o caso de Enéias que fora por uns considerado traidor de Príamo e desertor de Tróia que entregou aos gregos; por outros fora o último herói da resistência da cidade e a abandonou somente quando os deuses lhe deram tal ordem. Esta última versão era a que servia às intenções de Vergílio para dá-lo como o fundador do novo povo de que os romanos provinham. No conselho dos deuses, quando Juno toma a palavra para rebater os argumentos de Vênus, toda a sua ira se desencadeia contra Enéias e ironicamente pergunta: "Fomos nós que entregamos os troianos aos gregos?" (...nos? ar miseros fui Troas Achivis objecit? — Aen. X - 89). Aqui usa Vergílio a primeira versão que foi mais tarde largamente empregada por Tertuliano contra os romanos pagãos: "Enéias foi comprovado traidor da sua pátria, Enéias e também Antenor. E se os seus defensores não aceitam esta traição, Enéias sem dúvida algu-

ma, quando ardia Tróia, abandonou seus compatriotas para ir submeter-se ao jugo de uma mulher cartaginesa" (Tertul. Ad Nationes — II - 2). Camões segue a lição de Vergílio em vários lances do seu poema: no c. III - 21 escreveu:

"Esta foi Lusitânia, derivada
De Luso ou Lisa, que de Baco antigo
Filhos foram, parece, ou companheiros,
E nela então os íncolas primeiros".

Resumiu o poeta, com certa dúvida, as duas tradições que já vinham dos escritores latinos: "Lusum enim Liberi patris ac Lysam cum eo bacchantem nomen dedisse Lusitaniae" (Plínio — N. Hist. III - § 8). Coloca, porém, em primeiro lugar *Luso* porque este convinha mais a *Lusitânia*. No canto VIII-2-3 — já escreveu:

"Este que vês, é Luso, donde a fama
O nosso reino "Lusitânia" chama".
(VIII-2)

"Foi filho e companheiro do Tebano..."
(VIII-3)

Desaparece a dúvida do poeta que simplesmente afirma a filiação de Luso, embora fosse companheiro do pai, Baco, também chamado *Líbero*. Lisa seria outro companheiro como esclareceu André de Resende: "Quorum verborum (Lusus et Lysa) hic est sensus. Lusum Liberi patris filium non autem socium, ut quidam contra loquendi usum interpretatur, una cum Lysa, nimirum Liberi socio, nomen Lusitaniae nostra dedisse" (Vicentius).

---

Nas epopéias, composições de caráter essencialmente objetivo e descritivo, há muito pequeno lugar para a psicologia. Os personagens são todos iguais pela altivez do caráter, pelo denodo e coragem de seus atos, pela lealdade e franqueza de suas ações. Os adversários, ao contrário, só apresentam defeitos, covardia, traição, mesquinhez de temperamento, falsos e perjuros. Em "Os Lusíadas" os orientais, maometanos e brâmanes, o menos que podem ser se resume nesta palavra tantas vezes repetida pelo poeta: *pérfidos!* Apesar disto, isto é, apesar de nada haver de psicologia nos poemas épicos, existe boa observação quanto ao caráter do Catual que tenta, com recursos vários, dilatar a estada dos portugueses no porto até que cheguem as naus do Egito para atacá-los. Nenhuma psicologia, porém, nos discursos de Vasco da Gama que, falando ao rei maometano, de cuja simpatia necessitava no momento, faz referências às derrotas da "maometana gente" da "gente sarracena" em termos secos e crus, que, certamente, não teriam agradado ao poderoso monarca de Calecut. As mulheres aparecem sempre formosas, fracas, indefesas, chorando. D. Maria, rainha de Castela, vem pedir o auxílio do pai, Afonso IV, contra a grande ofensiva dos mouros:

"Entrava a fermosíssima Maria,
Pelos paternais paços sublimados,
Lindo o gesto, mas fora de alegria,
E seus olhos em lágrimas banhados;
Os cabelos angélicos trazia
Pelos ebúrneos ombros espalhados;
Diante do pai, ledo que a agasalha,
Estas palavras tais chorando espalha".
(III-102)

No episódio dos "Doze de Inglaterra" as damas ofendidas são fracas, não encontram quem as defenda:

"A feminil fraqueza pouco usada
Ou nunca a opróbrios tais, vendo-se nua
De forças naturais convenientes,
Socorro pede a amigos e parentes"
(VI-45)

Na formosa narração de "Inês de Castro" agrava o Poeta esta nota de formosura e de fraqueza da heroína:

"Estavas, linda Inês,... De teus fermosos olhos... contra
hũa fraca dama delicada..." (III-120, 123)

Esta era a receita que já vinha de Homero e através de Vergílio chegara a Camões, a famosa *muliebris impotentia* para se defender. Ainda quando Dido é virilmente a dominadora de seu povo, perde toda a sua energia tocada pela paixão a Enéias. Em "Os Lusíadas" não há nenhuma mulher com tais predicados.

* * *



Logo no primeiro canto invoca o Poeta as *Tágides* para que o inspirem em sua nova modalidade épica. Mas ao iniciar o canto III, faz outra invocação a Calíope, a Musa da poesia heróica. À primeira vista parece-nos um esquecimento de Camões. Não foi assim. Vergílio, que não inicia a Eneida com invocação alguma, volta-se a uma divindade qualquer, capaz de dar-lhe inspiração, toda vez que deve relatar um episódio de grande importância. Ao começar o livro VII dirige-se a Érato:

"Tu vatem, tu, diva, mone. Dicam horrida bella;
Dicam aciem actosque animis in funera reges..."
(40-41)

Vai narrar as guerras horríveis; vai descrever os exércitos, os feitos dos reis encarniçados e por isto pede à divina Érato que o inspire: "Tu vatem, tu, diva, mone". No livro IX invoca a mesma Calíope do canto III de "Os Lusíadas": Camões o imita porque a essência histórica do seu poema está nesse canto III e vai ser narrada pelo próprio Vasco da Gama, o herói da epopéia. Desta maneira, quando no canto I invoca as Tágides, pede Camões, por assim dizer, uma inspiração geral, sem nada de extremamente importante. As ninfas do Tejo eram suficientes para tanto. Mas quando deve dar início ao grande quadro histórico da formação de Portugal e da sua atuação no mundo, a essência mesma do poema, então, seguindo a Vergílio, volta-se à Musa inspiradora da própria poesia épica, Calíope. O discípulo atém-se rigorosamente ao modelo do mestre.

---

Sempre que o poeta épico português deve descrever os preparativos de uma batalha enumera os reis, as nações que se aliam contra os lusos. Outras vezes, conta a procedência dos que foram desbaratados e vão fugindo. Já na dedicatória do primeiro canto vem a série dos grandes capitães, cujas façanhas os portugueses farão empalidecer. Seguem-se a enumeração dos principais heróis de "Os Lusíadas": Pacheco, Almeidas, Albuquerque, Castro, Joane, Afonsos, Nuno, Egas, Fuas, Magriço etc., etc. Na estrofe 24 aparecem assírios, persas, gregos e romanos. Depois os castelhanos, os mouros, as indianas gentes belicosas, Felipe de Macedônia, Alexandro, os turcos belacíssimos, os reis da Índia. No canto III, estrofe 44:

"Cinco reis mouros são os inimigos
Dos quais o principal Ismar se chama".

Na estrofe 53 aparecem novamente "Cinco reis vencidos". Na estrofe 77 cita os povos que se unem para combater os cristãos e na seguinte enumera:

"Entrava com toda esta companhia
O Miralmomini em Portugal;
Treze reis Mouros leva de valia".

Este processo enumerativo de povos e chefes inimigos fora inaugurado por Homero na Ilíada, no livro II: é a "Beócia" assim chamada por serem os Beócios os primeiros dessa enumeração. Segundo nos ensina Guillemin (Virgile - 226), todas as epopéias posteriores imitaram tal processo que passou a ser uma das exigências do gênero épico. Vergílio, no livro VII da Eneida — V. 698, exibe os povos que se haviam coligado contra Enéias. Camões, portanto, está fiel aos preceitos da épica, se bem que as suas enumerações não tenham, nem de longe, a força descritiva das de Vergílio.

---

No canto III, um dos mais interessantes de "Os Lusíadas", Vasco da Gama, narrando ao Samorim os fatos principais da história de Portugal, comete vários anacronismos. Mas anacronismos aparecem ainda com maior evidência no canto IX, quando Tétis dá a ver a Vasco da Gama, numa esfera toda de prodígios, o que acontecerá aos futuros portugueses. Muitos dos fatos aí mostrados, como ainda por virem, eram já coisa consumada, pertencendo ao passado e não ao futuro. Em outras passagens do poema há contradições e enganos, por exemplo, quando, no episódio dos Doze da Inglaterra, confunde Camões Erinis, a deusa da vingança com Eris, a deusa da discórdia. Para o poeta, D. Henrique de Borgonha era húngaro, e, faz total confusão quando se refere à ascendência do fundador de Portugal. Outras confusões e enganos aparecem nos dados geográficos e históricos. Até nisto teve Camões o exemplo de Vergílio: no livro VII da Eneida, que, em valor histórico, vem a corresponder ao canto III de "Os Lusíadas", o épico romano, descrevendo os primórdios da fundação de que seria, muito mais tarde, o Império Romano, já nos dá a descrição de Roma que ainda não podia existir. Como Vasco da Gama contempla, na esfera explicada por Tétis, o desfile de heróis futuros, heróis que, para o tempo em que Camões fazia o poema, pertenciam ao passado, Enéias vê, na visita que faz a Anquises, no Inferno, os que farão a grandeza de Roma. Entre outros, Rômulo que fundará Roma e até Augusto, o fundador do Império. Mas se para Enéias eram, naturalmente, figuras do porvir, não o eram para Vergílio, agravando-se o anacronismo com o desfile de Augusto já morto, já nos "Campos Elísios", quando estava muito bem vivo e sobreviveria ao próprio cantor da Eneida. Tanto estes descuidos de Vergílio como aqueles de Camões são pequenos cochilos dos Homeros... Em matéria, porém, de absurdos anacro-

nismos, ninguém poderá disputar a Milton a supremacia. No "Paraíso Perdido", lutam anjos rebeldes e anjos fiéis, arremessando rochedos uns contra os outros. Se isto já é absurdo porque os anjos, sendo espíritos, não tinham corpos, maior ainda é aquele outro que se segue: usam de armas bélicas das mais modernas dentre as correntes na época de Milton. Em seu furor protestante, coloca no exército revoltado, os frades que lutam com Satã contra Deus!!! Se o assunto básico do poema era a desobediência dos anjos maus, ocorrida muito antes que o homem fosse criado, como poderiam lá estar os frades? Milton, em seu sectarismo protestante, antes de cegar dos olhos, já cegara do espírito. O poeta inglês, entretanto, pode-se arrimar em Vergílio: as tropas de Enéias, estrangeiro que vinha prófugo de Tróia, e as de seus inimigos da Itália, que ainda não podiam ser chamados romanos, combatem sempre de acordo com a tática de Roma, desde aquela inaugurada contra Aníbal até as últimas das legiões imperiais. Os generais daqueles primórdios faziam os mesmos sacrifícios, consultavam os mesmos arúspices, comandavam as mesmas cavalarias e infantarias legionárias dos futuros dias de César. Todo o aparato bélico desses tempos pré-românticos eram romanos sem a menor influência das táticas gregas ou troianas. Leiam-se as passagens: II-601-618; IX-503-625; XI-515 da Eneida para confirmar o que ficou resumido.

Um dos recursos mais comuns da literatura clássica eram os sonhos e as aparições. Era de noite, narra Vergílio, *Nox erat* — e o sono havia dominado as terras, os animais cansados — *et terras animalia fessa per omnis/altituum pecudumque genus sopor altus habebat* — Enéias, entristecido pelas preocupações da guerra, deitou-se também, procurando repouso a seus membros, embora tardio: *Aeneas, tristi turbatus pectora bello/, Procubuit, seramque dedit per membra quietum.* Pareceu-lhe então que o Tibre, o deus desses lugares, por entre as ramas dos choupos começou a falar-lhe, predizendo-lhe o futuro que o esperava apesar das perturbações da guerra (Aen. VIII-29-65). Esta aparição do Rio Tibre a Enéias, as suas palavras proféticas, serviram de modelo a Camões: D. Manuel está preocupado com os problemas da Índia; a noite aproxima-se e as estrelas o convidam a dormir:

"... no tempo que a luz clara
Foge, e as estrelas nítidas que saem,
A repouso convidam quando caem,"
(V-67)

Deita-se o rei em leito de ouro quando Enéias adormecia sobre as margens do Tibre. Fecha-lhe os olhos o sono, mas como o herói troiano, continuam as preocupações do espírito.

"Estando já deitado no áureo leito...
Os olhos lhe ocupou o sono aceito
Sem lhe desocupar o coração."
(IV-68)

Depois de se ver arrebatado por Morfeu às alturas do céu, descortinando o espetáculo da terra,

"Viu de antigos, longínquos e altos montes
Nasceram duas claras e altas fontes."
(IV-69)

Estas águas, cada vez mais volumosas, tomam forma humana: já são dois anciões: o Indo e o Ganges, que profetizam a D. Manuel o que farão os portugueses na Índia:

"Ó tu, a cujos reinos e coroa
Grande parte do mundo está guardada,
Nós outros, cuja fama tanto voa,
Cuja cerviz bem nunca foi domada,
Te avisamos que é tempo que já mandes
A receber de nós tributos grandes."
(IV-73)

"Eu sou o ilustre Ganges, que na terra
Celeste tenho o berço verdadeiro;
Est'outro é o Indo, Rei, que nesta serra
Que vês, seu nascimento tem primeiro.
Custar-te-emos contudo dura guerra;
Mas insistindo tu, por derradeiro,
Com não vistas vitórias, sem receio,
A quantas gentes vês porás o freio."
(IV-74)

Camões usa, como Vergílio, do discurso direto; ambos, quando fazem falar os rios, começam pela exclamação *oh!:*



O sate deom, Trojanam ex hostibus urbem
Qui revehis nobis...

Ó tu, a cujos reinos e coroa
Grande parte do mundo está guardada...

Em ambos os sonhos falam os rios em guerras e dificuldades futuras, que terminarão em vitórias e triunfos:

Hic tibi certa domus; certi, ne absite, Penates:
Neu belli terrere minis; tremor omnis et irae
Concessere deom.

Haud incerta cano: nunc qua ratione, quod instat,
Expedias victor, paucis adverte, docebo.

Custar-te-emos contudo dura guerra;
Mas insistindo tu, por derradeiro,
Com não vistas vitórias, sem receio,
A quantas gentes vês, porás o freio.

Tanto Vergílio quanto Camões usaram do mesmo verbo: *dixit — não disse mais* — como final dos discursos dos rios, e, ao amanhecer, Enéias e Manuel procuram comunicar a outros o que sonharam: aquele volta-se às Ninfas e este convoca o seu conselho. Ambos os poetas se referem à noite que vai abandonar os heróis, à luz que reaparece:

Nox aeneam somnumque reliquit:
Surgit, et, aetherii spectans orientia Solis
Lumina, rite cavis undam de flumine palmis
Sustulit, ac talis effundit ad aetherea voces,
Nymphae, Laurentes Nymphae...

"Acorda Emanuel com um novo espanto
E grande alteração de pensamento.
Estendeu nisto Febo o claro manto
Pelo escuro Hemisfério sonolento;
Veio a manhã no céu pintando as cores
De pudibunda rosa e roxas flores."
(IV-75)

"Chama o Rei os senhores a conselho
E propõe-lhe as figuras da visão."
(IV-76)

A influência vergiliana é profunda neste sonho de D. Manuel, não porque seja simplesmente um sonho, pois, antes de Vergílio outros poetas e prosadores já tinham lançado mão deste recurso narrativo, mas por serem rios personificados que aparecem, profetizando os acontecimentos. Na personificação do Tibre, o rio principal da história romana, em cujas margens surgirão Alba e Roma, simbolizou Vergílio toda a Itália que seria o teatro principal das façanhas de Enéias e de seus descendentes. Simbolizou Camões no Indo e no Ganges, os dois rios sagrados da Índia, toda esta vasta região que seria o país por excelência do Império Português de ultramar, onde as armas lusitanas se fariam imortais. A velha ficção latina e pagã em que até o Tibre era um deus, — serviu a Camões para explicar o novo ardor, a fase nova e destinada dos descobrimentos marítimos, levando a D. Manuel a empreender, por meio de Vasco da Gama, não só o maior feito da audácia portuguesa, mas o maior que jamais a Europa conheceu: o descobrimento do caminho da Índia, — fato que determinou completa mudança na face do mundo. As cidades e os povos que da Ásia comerciavam com a Europa através das caravanas e depois do Mediterrâneo, decairão, desaparecerão porque a rota do Atlântico deslocará o mundo, fazendo surgir em paragens até então desconhecidas outros povos, outras nações e outras cidades.

Na visita que Enéias faz a Anquises, nos Campos Elíseos, ouve dos lábios desse que já era uma simples "sombra" as maiores acusações contra a crueldade dos romanos, das suas guerras e de modo especial contra as guerras civis. Foi um hábil recurso literário de Vergílio para dizer, impunemente, tudo o que pensava dos defeitos da gente militar romana que só pensava em guerra, em destruições, em ambições, em materialidades. Camões é mais corajoso que Vergílio: não coloca em lábios de mortos aquilo que quer dizer aos seus contemporâneos; ataca-os diretamente como fez nesse admirável canto X. Velho, pobre e mais do que tudo isto, profundamente entristecido por ver-se abandonado justamente daqueles cujas façanhas celebrara, volta-se ainda uma vez a Calíope, a única divindade que lhe poderá dar alguma recompensa:

"Aqui, minha Calíope, te invoco
Neste trabalho extremo, porque em pago
me tornes do que escrevo, e em vão pretendo,
O gosto de escrever, que vou perdendo."
(X-8)

Está velho, sente-se perder as forças e os desgostos são excessivos, embora ainda assim, apesr de todas as ingratidões, não perca de vista a pátria sempre adorada:

"Vão os anos descendo e já do Estio
Há pouco que passar até o Outono;
A Fortuna me faz o engenho frio,
Do qual já não me jacto nem me abono;
Os desgotos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento e eterno sono.
Mas tu, me dá que cumpra, ó grão rainha
Das Musas, co'o que quero à nação minha."
((X-9)

Desta queixa geral passa a outras mais diretas e pormenorizadas, como quando ataca a surdez e a ingratidão dos portugueses:

No' mais, Musa, no' mais, que a lira tenho
Destemperada e a voz enrouquecida,
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda e endurecida.
O favor com que mais se acende o engenho
Não no dá a pátria, não, que está metida
No gosto da cobiça e na rudeza
De ũa austera, apagada e vil tristeza.
(X-145)

Ataca o Poeta o clero (estrofe 150), os cavaleiros, os soldados de fantasia, hábeis planejadores de batalhas em que nunca tomarão parte (estrofe 153). Indiretamente colocou o Poeta nos lábios do "Velho de Restelo" palavras duras contra as expedições marítimas, como Vergílio havia feito falar a Anquises.

---

Estudando Guillemin, em seu belo trabalho "Virgile, poète, artiste et penseur", a arte de Eneida, conclui segundo a opinião de todos os grandes críticos da antiguidade que o grande poema de Vergílio "représente la maturité féconde du poète". O mesmo diremos de Camões: "Os Lusíadas", que não foram compostos de uma só vez, mas ocuparam muitos anos da vida do Poeta, atestam a maturidade completa e fecunda do maior inspirado das letras lusas. A idéia de grandeza, grandeza física, moral e espiritual é a nota primeira, muito mais em Camões do que em Vergílio. A grandeza física dos heróis lusitanos está acrescida pela sua valentia moral, pela ferocidade de suas armas: Vasco da Gama é sempre sublime como sublime é sempre o rei de Portugal. Nuno é *fero;* o Gama toma a fama de Enéias; Joane é *invicto cavaleiro;* Pacheco é *fortíssimo;* os Almeidas são os *temidos;* Albuquerque é *terríbil;* Castro, *forte.* Esta qualidade de *grandeza* revela-se não só nos episódios, nas guerras, onde tão poucos venceram a tantos, mas até na forma do verso decassílabo, o mais largo do tempo clássico, no uso das construções perifrásticas de auxiliar e gerúndio, construção muito mais solene e vigorosa do que a mais moderna, tão em moda hoje em Portugal e não no Brasil, a perifrástica de auxiliar e infinito impessoal. Se fôssemos substituir aquele por esta, perderia o poema camoniano a sua feição de solene grandiosidade. Dirão que por isto se tornou monótono: engano! a monotonia faz parte da grandeza, da solenidade, dando maior elevação e majestade aos fatos narrados.

Camões, seguindo a Vergílio, escolhe o seu vocabulário, as suas expressões entre as mais solenes. Recorrem ambos os poetas aos arcaísmos como nota estilística de grandiosidade ou de solenidade, trazendo para as expressões de seus heróis aquelas frases, aqueles modos de dizer de que usaram os antigos, muitas vezes frases e ditos do ritual religioso, tudo para infundir no poema esse aspecto de solene grandeza. Isto de dizer-se que o vocabulário de Camões era o do seu tempo, não é totalmente verdadeiro: o vocabulário camoniano é o nosso de hoje, mas não foi o de seus contemporâneos. Os empréstimos que tomou da língua arcaica, de mistura com as inovações clássicas que chegavam por intermédio da Espanha, especialmente de Herrera, constituíram a nota que de mais pronto feriu a ironia de seus compatriotas que o chamavam "O Poeta da *fúria*", referindo-se ao pedido de Camões na invocação:

"Dai-me uma fúria grande e sonorosa".

Esta fúria, esta exaltação dos sentidos, que deveria transformar a sua *"frauta ruda"* em *"tuba belicosa"* fazia parte da grandeza da inspiração épica. Personagens excepcionalmente grandes deveriam falar também de maneira excepcionalmente elevada e solene. Daqui os constantes discursos, a forma oratória das simples comunicações dos heróis, o tom declamatório de todo o poema. Não eram defeitos dos poetas, mas exigências da arte poética pela qual se regia a composição dos poemas.



Para que tanta solenidade e elevação de estilo não esmagasse o leitor com todo o seu peso, era dos preceitos da escola que entremeasse o poeta alguma nota, algum episódio mais lírico com os outros de tom humorístico. O lirismo em Vergílio se sucede na descrição dos campos, das flores, mas de modo especial na descrição sempre liricamente entristecida da morte dos jovens, dos moços. Aparece aqui uma nota que se repetirá em Camões: a comparação dessas vidas tão precocemente cortadas como as flores que ainda no viço de suas cores são cortadas. Lembre-se de Inês de Castro, o episódio essencialmente lírico de "Os Lusíadas", onde a juventude é a circunstância que mais nos toca o coração; compara à "bonina, que cortada antes do tempo foi... O cheiro traz perdido e a cor murchada: tal está, morta, a pálida donzela, secas do rosto as rosas e perdida a branca e viva cor, co'a doce vida." (III-134). Euríalo é comparado por Vergílio a uma flor de púrpura, a uma flor ensangüentada: "Purpureus veluti quum flos, succisus aratro, / languescit moriens," esmagada pelo arado languescia agonizando, ou a uma papoula cuja corola tomba da haste sob o peso das chuvas: "lassove papavera collo / demisere caput, pluvia quum forte gravantur", assim tombava a bela fronte do jovem Euríalo decepada pelo inimigo. (Aen. IX-435-437).

O tom humorístico, já mais raro, documenta-se com a figura sempre engraçada, um tanto fanfarrônica de Veloso que, no canto V-31 e seguintes, vai sozinho, confiando na força do braço em seguimento dos africanos e volta correndo, em grande perigo de vida. Os companheiros o tomam em galhofa:

"Disse então a Veloso um companheiro
(Começando-se todos a sorrir):
"— Oulá, Veloso amigo, aquele outeiro
É melhor de descer que de subir?"

mas recebem todos a ironia do Veloso que não se dá por achado:

"— Sim, é, responde o ousado aventureiro;
Mas, quando eu para cá vi tantos vir
Daqueles cães, depressa um pouco vim,
Por me lembrar que estáveis cá sem mim."
(V-35)

Não correu de medo dos negros, mas de medo que os portugueses, sem a sua ajuda, não pudessem resistir ao ataque...

Dessa forma, muito viva é a influência de Vergílio em Camões, estando quase sempre ante seus olhos os episódios, os recursos de técnica literária da Eneida, o grande modelo de "Os Lusíadas". Assim como toda a grandeza de Roma se espelha nas páginas imortais do maior poeta que jamais produziu a língua latina, assim também se refletem nos cantos do maior poeta que até hoje produziu a língua portuguesa a majestade da história de Portugal. Ambos são os cantores do patriotismo, do nacionalismo e ambos os poemas atestarão a todos os séculos futuros o que pode construir a inspiração da Pátria nos lábios dos gênios.

## Segunda Parte

## OS LUSÍADAS

OS LVSIADAS
DE LVIS DE
CAMÕES.

Canto primeiro.

AS armas, & os barões assinalados,
Que da Occidental praya Lusitana,
Por mares nunca de antes navegados,
Passaram, ainda alem da Taprobana,
Em perigos, & guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana.
E entre gente remota edificarão
Nouo Reino, que tanto sublimarão.

E tambem as memorias gloriosas 2
Daquelles Reis, que forão dilatando
A Fee, o Imperio, & as terras viciosas
De Affrica, & de Asia, andarão deuastando,
E aquelles que por obras valerosas
Se vão da ley da Morte libertando.
Cantando espalharey por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho & arte.
A Cessem

*Reprodução fac-similar do início do canto primeiro de "Os Lusíadas" (1.ª edição, 1572).*

---

Nota — Os resumos, que antecedem cada canto do poema, foram atribuídos a João Franco Barreto e apareceram, pela primeira vez, na edição de "Os Lusíadas" de 1644.

**CANTO I, E. 10**
Vereis amor da pátria, não movido
Do prêmio vil, mas alto e quase eterno,

# Canto Primeiro

**Argumento**

Fazem concílio os Deuses n'alta corte,
Opõe-se Baco à lusitana gente.
Favorece Vênus e Mavorte;
E em Moçambique lança o férreo dente:
Depois de aqui mostrar seu braço forte,
Estruindo e matando juntamente,
Torna as partes buscar da roxa Aurora,
E chegando a Mombaça surge fora.

1 As armas e os Barões assinalados (1)
Que, da Ocidental praia Lusitana,
Por mares nunca de antes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana, (2)
Em perigos e guerras esforçados,
Mais do que nunca prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;

2 E também as memórias gloriosas (1)
Daqueles Reis que foram dilatando (2)
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando, (3)
E aqueles que por obras valerosas
Se vão da lei da Morte libertando:
Cantando espalharei por toda a parte, (4)
Se a tanto me ajudar o engenho e a arte. (5)

3 Cessem do sábio Grego e do Troiano (1) (2)
As navegações grandes que fizeram;
Cale-se de Alexandro e de Trajano(3)
A fama das vitórias que tiveram;
Que eu canto o peito ilustre Lusitano, (4) (5)
A que Netuno e Marte obedeceram.
Cesse tudo que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.

4 E vós, Tágides minhas, pois criado (1)
Tendes em mim um novo engenho ardente,
Se sempre em verso humilde, celebrado (2)
Foi de mim vosso rio alegremente,
Dai-me agora um som alto, e sublimado,
Um estilo grandíloco e corrente,
Porque de vossas águas Febo ordene, (3)
Que não tenham enveja às de Hipocrene. (4)

5 Dai-me uma fúria grande e sonorosa, (1)
E não de agreste ou de frauta ruda, (2)
Mas de tuba canora e belicosa,
Que o peito acende e a cor ao gesto muda; (3)
Dai-me igual canto aos feitos da famosa
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda,
Que se espalhe e se cante no Universo,
Se tão sublime preço cabe em verso.

6 E vós, ó bem nascida segurança (1)
Da Lusitana antiga leberdade,
E não menos certíssima esperança
De aumento da pequena Cristandade,
Vós, ó novo temor da Maura lança, (2)
Maravilha fatal da nossa idade, (3)
Dada ao mundo por Deus, que todo o mande
Pera do mundo a Deus dar parte grande;

7 Vós, tenro e novo ramo florescente
De uma árvore, de Cristo mais amada
Que nenhuma nascida no Ocidente,
Cesárea ou Cristianíssima chamada,
(Vede-o no vosso escudo, que presente (1)
Vos amostra a vitória já passada,
Na qual vos deu por armas e deixou
As que ele pera si na Cruz tomou):

8 Vós poderoso Rei, cujo alto Império
O Sol, logo em nascendo, vê primeiro,
Vê-o também no meio do Hemisfério,
E quando desce o deixa derradeiro; (1)
Vós, que esperamos jugo e vitupério (2)
Do torpe Ismaelita cavaleiro, (3)
Do Turco Ocidental e do Gentio (4)
Que inda bebe o licor do santo Rio, (5)

9 Inclinai por um pouco a majestade (1)
Que nesse tenro gesto vos contemplo,
Que já se mostra qual na inteira idade,
Quando subindo ireis ao Eterno Templo; (2)
Os olhos da real benignidade
Ponde no chão: vereis um novo exemplo
De amor dos pátrios feitos valerosos, (3)
Em versos divulgado numerosos. (4)

10 Vereis amor da pátria, não movido
Do prêmio vil, mas alto e quase eterno,
Que não é prêmio vil ser conhecido
Por um pregão do ninho meu paterno, (1)
Ouvi: vereis o nome engrandecido
Daqueles de quem sois senhor supremo, (2)
E julgareis qual é mais excelente,
Se ser do mundo Rei, se de tal gente.

11 Ouvi: que não vereis com vãs façanhas,
Fantásticas, fingidas, mentirosas,
Louvar os vossos, como das estranhas (1)
Musas, de engrandecer-se desejosas
As verdadeiras vossas são tamanhas
Que excedem as sonhadas, fabulosas,
Que excedem Rodamonte e o vão Rugeiro (2)
E Orlando, inda que fora verdadeiro.

12 Por estes vos darei um Nuno fero, (1)
Que fez ao Rei e ao Reino tal serviço,
Um Egas e um dom Fuas, que de Homero (2)
A cítara para eles só cobiço;
Pois polos Doze Pares dar-vos quero (3)
Os Doze de Inglaterra e o seu Magriço. (4)
Dou-vos também aquele ilustre Gama, (5)
Que para si de Enéias toma a fama. (6)

13 Pois se a troco de Carlos, Rei da França, (1)
Ou de César, quereis igual memória, (2)
Vede o primeiro Afonso, cuja lança (3)
Escura faz qualquer estranha glória, (4)
E aquele que a seu Reino a segurança
Deixou, com a grande e próspera vitória,
Outro Joane, invicto cavaleiro, (5)
O quarto e quinto Afonsos e o terceiro.

14 Nem deixarão meus versos esquecidos
Aqueles que, nos Reinos lá da Aurora, (1)
Se fizeram por armas tão subidos, (2)
Vossa bandeira sempre vencedora: (3)
Um Pacheco fortíssimo e os temidos (4)
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora, (5)
Alburquerque terríbil, Castro forte, (6)
E outros em quem poder não teve a morte. (7)

15 E, em quanto eu estes canto e a vós não posso,
Sublime Rei, que não me atrevo a tanto,
Tomai as rédeas vós do Reino vosso:
Dareis matéria a nunca ouvido canto.
Comecem a sentir o peso grosso
(Que polo mundo todo faça espanto)
De exércitos e feitos singulares
De África as terras e do Oriente os mares.

16 Em vós os olhos tem o Mouro frio, (1)
Em quem vê seu exício afigurado; (2)
Só com vos ver, o bárbaro Gentio
Mostra o pescoço ao jugo já inclinado.
Tétis todo o cerúleo senhorio (3)
Tem pera vós por dote aparelhado,
Que, afeiçoada ao gesto belo e tenro,
Deseja de comprar-vos pera genro. (4)

17 Em vós se vêm, da Olímpica morada, (1)
Dos dois avôs as almas cá famosas, (2)
Uma, na paz angélica dourada,
Outra, pelas batalhas sanguinosas.
Em vós esperam ver-se renovada
Sua memória e obras valerosas;
E lá vos têm lugar, no fim da idade,
No templo da suprema Eternidade.

18 Mas em quanto este tempo passa lento
De regerdes os povos, que o desejam, (1)
Dai vós favor ao novo atrevimento, (2)
Pera que estes meus versos vossos sejam;
E vereis ir cortando o salso argento (3)
Os vossos Argonautas, porque vejam (4)
Que são vistos de vós no mar irado,
E costumai-vos já a ser invocado.

19 Já no largo Oceano navegavam, (1)
As inquietas ondas apartando;
Os ventos brandamente respiravam,
Das naus as velas côncavas inchando; (2)
Da branca escuma os mares se mostravam (3)
Cobertos, onde as proas vão cortando (4)
As marítimas águas consagradas,
Que do gado de Próteu são cortadas, (5)

20 Quando os Deuses no Olimpo luminoso,
Onde o governo está da humana gente,
Se ajuntam em consílio glorioso, (1) (2)
Sobre as cousas futuras do Oriente.
Pisando o cristalino Céu fermoso, (3)
Vêm pela Via Láctea juntamente, (4)
Convocados, da parte de Tonante, (5)
Pelo neto gentil do velho Atlante. (6)



21 Deixam dos Sete Céus o regimento, (1)
Que do Poder mais alto lhe foi dado, (2)
Alto poder, que só co'o pensamento
Governa o Céu, a Terra e o Mar irado.
Ali se acharam juntos, num momento,
Os que habitam o Arcturo congelado (3)
E os que o Austro têm e as partes onde (4)
A Aurora nasce e o claro Sol se esconde.

22 Estava o Padre ali, sublime e dino, (1)
Que vibra os feros raios de Vulcano, (2)
Num assento de estrelas cristalino,
Com gesto alto, severo e soberano.
Do rosto respirava um ar divino,
Que divino tornara um corpo humano; (3)
Com ũa coroa e cetro rutilante, (4)
De outra pedra mais clara que diamante.

23 Em luzentes assentos, marchetados (1)
De ouro e de perlas, mais abaixo estavam (2)
Os outros Deuses, todos assentados
Como a Razão e a Ordem concertavam: (3)
Precedem os antigos, mais honrados,
Mais abaixo os menores se assentavam;
Quando Júpiter alto, assim dizendo,
C'um tom de voz começa grave e horrendo: (4)

24 Eternos moradores do luzente,
Estelífero Polo e claro Assento: (1)
Se do grande valor da forte gente
De Luso não perdeis o pensamento, (2)
Deveis de ter sabido claramente,
Como é dos Fados grandes certo intento, (3)
Que por ela se esqueçam os humanos (4)
De Assírios, Persas, Gregos e Romanos.

25 Já lhe foi (bem o vistes) concedido.
C'um poder tão singelo e tão pequeno, (1)
Tomar ao Mouro forte e guarnecido
Toda a terra que rega o Tejo ameno.
Pois contra o Castelhano tão temido
Sempre alcançou favor do Céu sereno: (2)
Assim que sempre, enfim, com fama e glória,
Teve os troféus pendentes da vitória. (3)

26 Deixo, Deuses, atrás a fama antiga
Que co'a gente de Rômulo alcançaram,
Quando com Viriato, na inimiga (1)
Guerra Romana, tanto se afastaram;
Também deixo a memória que os obriga
A grande nome, quando alevantaram
Um por seu capitão, que, peregrino, (2)
Fingiu na cerva espírito divino.

27 Agora vêdes bem que, cometendo (1)
O duvidoso mar num lenho leve, (2)
Por vias nunca usadas, não temendo
De Áfrico e Noto a força, a mais se atreve; (3)
Que, havendo tanto já que as partes vendo
Onde o dia é comprido e onde breve,
Inclinam seu propósito e perfia (4)
A ver os berços onde nasce o dia.

28 Prometido lhe está do fado eterno, (1)
Cuja alta lei não pode ser quebrada,
Que tenham longos tempos o governo (2)
Do mar que vê do Sol a roxa entrada. (3)
Nas águas tem passado o duro Inverno;
A gente vem perdida e trabalhada;
Já parece bem feito que lhe seja
Mostrada a nova terra que deseja.

29 E porque, como vistes, tem passados (1)
Na viagem tão ásperos perigos, (2)
Tantos climas e céus exprimentados,
Tanto furor de ventos inimigos,
Que sejam, determino, agasalhados
Nesta costa Africana como amigos,
E, tendo guarnecida a lassa frota, (3)
Tornarão a seguir sua longa rota. (4)

30 Estas palavras Júpiter dizia,
Quando os Deuses, por ordem respondendo,
Na sentença um do outro diferia, (1)
Razões diversas dando e recebendo.
O padre Baco ali não consentia (2)
No que Júpiter disse, conhecendo
Que esquecerão seus feitos no Oriente, (3)
Se lá passar a Lusitana gente.

31 Ouvido tinha aos Fados que viria
Uma gente fortíssima de Espanha (1)
Pelo mar alto, a qual sujeitaria
Da Índia tudo quanto Dóris banha, (2)
E com novas vitórias venceria
A fama antiga, ou sua ou fosse estranha. (3)
Altamente lhe dói perder a glória
De que Nisa celebra inda a memória. (4)

32 Vê que já teve o Indo sojugado, (1)
E nunca lhe tirou fortuna ou caso
Por vencedor da Índia ser cantado
De quantos bebem a água de Parnaso. (2)
Teme agora que seja sepultado
Seu tão célebre nome em negro vaso
De água do esquecimento, se lá chegam (3)
Os fortes Portugueses que navegam.

33 Sustentava contra ele Vênus bela, (1)
Afeiçoada à gente Lusitana,
Por quantas qualidades via nela
Da antiga tão amada sua Romana,
Nos fortes corações, na grande estrela (2)
Que mostraram na terra Tingitana, (3)
E na língua, na qual quando imagina, (4)
Com pouca corrupção crê que é a Latina.

34 Estas causas moviam Citeréia, (1)
E mais, porque das Parcas claro entende (2)
Que há-de ser celebrada, a clara Deia,
Onde a gente belígera se estende.
Assi que, um, pela infância que arreceia, (3)
E o outro, polas honras que pretende, (4)
Debatem e na perfia permanecem;
A qualquer seus amigos favorecem. (5)

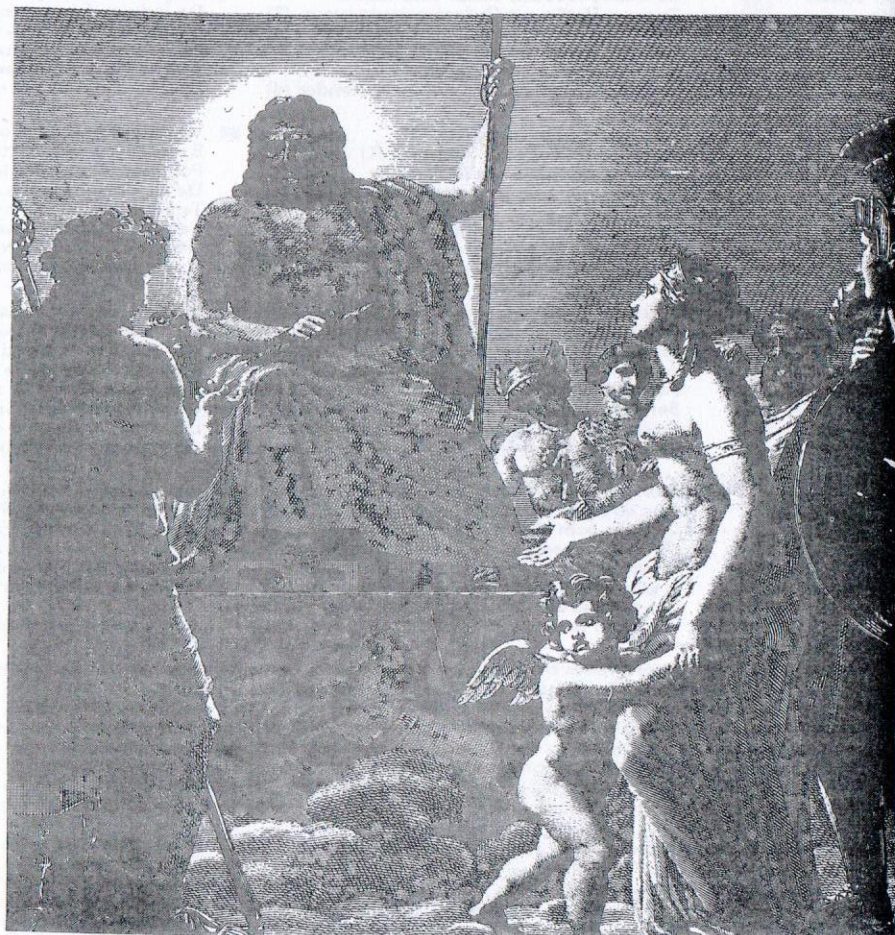
35 Qual Austro fero ou Bóreas, na espessura (1)
De silvestre arvoredo abastecida,
Rompendo os ramos vão da mata escura,
Com ímpeto e braveza desmedida,
Brama toda montanha, o som murmura, (2)
Rompem-se as folhas, ferve a serra erguida: (3)
Tal andava o tumulto levantado
Entre os Deuses, no Olimpo consagrado.

36 Mas Marte, que da Deusa sustentava
Entre todos as partes em porfia,
Ou porque o amor antigo o obrigava,
Ou porque a gente forte o merecia,
De antes os Deuses em pé se levantava (1)
(Merencório no gesto parecia): (2)
O forte escudo, ao colo pendurado
Deitando para trás, medonho e irado. (3)

37 A viseira do elmo de diamente (1)
Alevantando um pouco, mui seguro,
Por dar seu parecer se pôs diante
De Júpiter, armado, forte e duro
E dando uma pancada penetrante
Co'o conto do bastão no sólio puro, (2)
O céu tremeu, e Apolo, de torvado,
Um pouco a luz perdeu, como enfiado.

38 E disse assi: Ó Padre, a cujo império
Tudo aquilo obedece que criaste,
Se esta gente que busca outro Hemisfério,
Cuja valia e obras tanto amaste,
Não queres que padeçam vitupério, (1)
Como há já tanto tempo que ordenaste,
Não ouças mais, pois és juiz direito,
Razões de quem parece que é suspeito.

39 Que, se aqui a razão se não mostrasse (1)
Vencida do temor demasiado,
Bem fora que aqui Baco os sustentasse,
Pois que de Luso vem, seu tão privado; (2)
Mas esta tenção sua agora passe,
Porque enfim vem de estâmago danado; (3)
Que nunca tirará alheia inveja
O bem que outrem merece e o Céu deseja.

40 E tu, Padre de grande fortaleza,
Da determinação que tens tomada (1)
Não tornes por detrás, pois é fraqueza (2)
Desistir-se da cousa começada. (3)
Mercúrio, pois excede em ligeireza
Ao vento leve e à seta bem talhada,
Lhe vá mostrar a terra onde se informe
Da Índia, e onde a gente se reforme. (4)

CANTO I, E. 33
Sustentava contra ele Vênus bela,
Afeiçoada à gente Lusitana,



41 Como isto disse, o Padre poderoso, (1)
A cabeça inclinada, consentiu (2)
No que disse Mavorte valeroso (3)
E néctar sobre todos esparziu. (4)
Pelo caminho lácteo glorioso
Logo cada um dos Deuses se partiu,
Fazendo seus reais acatamentos, (5)
Para os determinados apousentos. (6)

42 Enquanto isto se passa na fermosa
Casa etérea do Olimpo onipotente,
Cortava o mar a gente belicosa
Já lá da banda do Austro e do Oriente,
Entre a costa Etiópica e a famosa (1)
Ilha de São Lourenço; e o Sol ardente (2)
Queimava então os Deuses que Tifeu (3)
Co'o temor grande em peixes converteu.

43 Tão brandamente os ventos os levavam
Como quem o Céu tinha por amigo;
Sereno o ar e os tempos se mostravam, (1)
Sem nuvens, sem receio de perigo.
O promontório Prasso já passavam (2)
Na costa de Etiópia, nome antigo,
Quando o mar, descobrindo, lhe mostrava
Novas ilhas, que em torno cerca e lava.

44 Vasco da Gama, o forte Capitão
Que a tamanhas empresas se oferece,
De soberbo e de altivo coração,
A quem fortuna sempre favorece, (1)
Para se aqui deter não vê razão, (2)
Que inabitada a terra lhe parece.
Por diante passar determinava,
Mas não lhe sucedeu como cuidava.

45 Eis aparecem logo em companhia (1)
Uns pequenos batéis, que vêm daquela
Que mais chegada à terra parecia, (2)
Cortando o longo mar com larga vela. (3)
A gente se alvoroça e, de alegria,
Não sabe mais que olhar a causa dela.
Que gente será esta? em si diziam; (4)
Que costumes, que Lei, que Reino teriam?

46 As embarcações eram na maneira (1)
Mui velozes, estreitas e compridas; (2)
As velas com que vêm eram de esteira,
Dumas folhas de palma, bem tecidas;
A gente da cor era verdadeira
Que Faëton, nas terras acendidas, (3)
Ao mundo deu, de ousado e não prudente.
O Pado o sabe e Lampetusa o sente. (4)

47 De panos de algodão vinham vestidos,
De várias cores, brancos e listrados; (1)
Uns trazem derredor de si cingidos,
Outros em modo airoso sobraçados; (2)
Das cintas para cima vêm despidos;
Por armas tem adagas e terçados. (3)
Com toucas na cabeça; e, navegando, (4)
Anafis sonorosos vão tocando. (5)

48 Co'os panos e co'os braços acenavam
Às gentes Lusitanas, que esperassem;
Mas já as proas ligeiras se inclinavam,
Para que junto às Ilhas amainassem.
A gente e marinheiros trabalhavam
Como se aqui os trabalhos se acabassem;
Tomam velas, amaina-se a verga alta, (1)
De âncora o mar ferido em cima salta.

49 Não eram ancorados, quando a gente
Estranha pelas cordas já subia.
No gesto ledos vêm, e humanamente (1)
O Capitão sublime os recebia.
As mesas manda pôr em continente;
Do licor que Lieu prantado havia (2)
Enchem vasos de vidro, e do que deitam
Os de Faeton queimados nada enjeitam. (3)

50 Comendo alegremente, perguntavam,
Pela Arábica língua, donde vinham,
Quem eram, de que terra, que buscavam,
Ou que partes do mar corrido tinham?
Os fortes Lusitanos lhe tornavam (1)
As discretas respostas que convinham:
Os Portugueses somos do Ocidente, (2)
Imos buscando as terras do Oriente. (3)

51 Do mar temos corrido e navegado
Toda a parte do Antártico e Calisto, (1)
Toda a costa Africana rodeado,
Diversos céus e terras temos visto.
Dum Rei potente somos, tão amado,
Tão querido de todos e benquisto, (2)
Que não no largo mar, com leda fronte,
Mas no lago entraremos de Aqueronte. (3)

52 E por mandado seu buscando andamos
A terra oriental que o Indo rega; (1)
Por ele o mar remoto navegamos
Que só dos feios focas se navega. (2)
Mas já razão parece que saibamos,
Se entre vós a verdade não se nega,
Quem sois, que terra é esta que habitais,
Ou se tendes da Índia alguns sinais.

53 Somos, um dos das Ilhas lhe tornou,
Estrangeiros na terra, lei e nação; (1)
Que os próprios são aqueles que criou
A Natura, sem lei e sem razão. (2)
Nós temos a lei certa que ensinou,
O claro descendente de Abraão, (3)
Que agora tem do mundo o senhorio
A mãe Hebreia teve e o pai Gentio. (4)

54 Esta ilha pequena que habitamos
É em toda esta terra certa escala, (1)
De todos os que as ondas navegamos, (2)
De Quíloa, de Mombaça e de Sofala, (3)
E, por ser necessária, procuramos
Como próprios da terra, de habitá-la;
E por que tudo enfim vos notifique,
Chama-se a pequena ilha Moçambique. (4)

55 E já que de tão longe navegais,
Buscando o Indo, Hidaspe e terra ardente, (1)
Piloto aqui tereis, por quem sejais (2)
Guiados pelas ondas sabiamente.
Também será bem feito que tenhais
Da terra algum refresco, e que o Regente (3)
Que esta terra governa, que vos veja
E do mais necessário vos proveja.

56 Isto dizendo, o Mouro se tornou (1)
A seus batéis com toda a companhia;
Do Capitão e gente se apartou
Com mostras de devida cortesia.
Nisto Febo nas águas encerrou, (2)
Co'o carro de cristal, o claro dia,
Dando cargo à Irmã que alumiasse (3)
O largo mundo, enquanto repousasse. (4)

57 A noite se passou, na lassa frota,
Com estranha alegria e não cuidada,
Por acharem, da terra tão remota,
Nova de tanto tempo desejada.
Qualquer então consigo cuida e nota (1)
Na gente e na maneira desusada,
E como os que na errada Seita creram, (2)
Tanto por todo o mundo se estenderam.

58 Da Lũa os claros raios rutilavam (1)
Polas argênteas ondas Netuninas;
As Estrelas os Céus acompanhavam,
Qual campo revestido de boninas;
Os furiosos ventos repousavam
Pelas covas escuras peregrinas; (2)
Porém da armada a gente vigiava,
Como por longo tempo costumava.

59 Mas, assi como a Aurora marchetada (1)
Os fermosos cabelos espalhou
No céu sereno, abrindo a roxa entrada
Ao claro Hiperiônio, que acordou, (2)
Começa a embaideirar-se toda a armada
E de toldos alegres se adornou,
Por receber com festas e alegria
O Regedor da Ilhas, que partia. (3)

60 Partia, alegremente navegando,
A ver as naus ligeiras Lusitanas, (1)
Com refresco da terra, em si cuidando
Que são aquelas gentes inumanas (2)
Que, os apousentos Cáspios habitando,
A conquistar as terras Asianas
Vieram e, por ordem do Destino,
O Império tomaram a Constantino. (3)

61 Recebe o Capitão alegremente
O Mouro e toda sua companhia;
Dá-lhe de ricas peças um presente,
Que só para este feito já trazia;
Dá-lhe conserva doce e dá-lhe o ardente,
Não usado licor, que dá alegria. (1)
Tudo o Mouro contente bem recebe,
E muito mais contente come e bebe.

62 Está a gente marítima de Luso
Subida pela enxárcia, de admirada,
Notando o estrangeiro modo e uso
E a linguagem tão bárbara e enleada.
Também o Mouro astuto está confuso,
Olhando a cor, o trajo e a forte armada;
E, perguntando tudo, lhe dizia (1)
Se porventura vinham de Turquia.

63 E mais lhe diz, também, que ver deseja
Os livros de sua Lei, preceito ou fé,
Para ver se conforme à sua seja,
Ou se são dos de Cristo, como crê;
E porque tudo note e tudo veja, (1)
Ao Capitão pedia que lhe dê (2)
Mostra das fortes armas de que usavam
Quando co'os inimigos pelejavam.

64 Responde o valeroso Capitão,
Por um que a língua escura bem sabia:
Dar-te-ei, Senhor ilustre relação
De mi, da Lei, das armas que trazia. (1)
Nem sou da terra, nem da geração
Das gentes enojosas de Turquia;
Mas sou da forte Europa belicosa,
Busco as terras da Índia tão famosa.

65 A lei tenho d'Aquele a cujo império
Obedece o visíbil e invisíbil, (1)
Aquele que criou todo o Hemisfério,
Tudo o que sente e todo o insensíbil;
Que padeceu desonra e vitupério,
Sofrendo morte injusta e insofríbil,
E que do céu à terra, enfim, desceu,
Por subir os mortais da terra ao céu. (2)

66 Deste Deus-Homem, alto e infinito, (1)
Os livros que tu pedes não trazia, (2)
Que bem posso escusar trazer escrito
Em papel o que na alma andar devia. (3)
Se as armas querer ver, como tens dito,
Cumprindo esse desejo te seria; (4)
Como amigo as verás, porque eu me obrigo (5)
Que nunca as queiras ver como inimigo.

67 Isto dizendo, manda os diligentes
Ministros amostrar as armaduras: (1)
Vêm arneses e peitos reluzentes, (2)
Malhas finas e lâminas seguras,
Escudos de pinturas diferentes, (3)
Pelouros, espingardas de aço puras, (4)
Arcos e sagitíferas aljavas, (5)
Partasanas agudas, chuças bravas. (6)

68 As bombas vêm de fogo, e juntamente (1)
As panelas sulfúreas, tão danosas; (2)
Porém aos de Vulcano não consente (3)
Que dêem fogo às bombardas temerosas; (4)
Porque o generoso ânimo e valente
Entre gentes tão poucas e medrosas (5)
Não mostra quanto pode; e com razão:
Que é fraqueza entre ovelhas ser leão. (6)

69 Porém disto que o Mouro aqui notou, (1)
E de tudo o que viu, com olho atento,
Um ódio certo na alma lhe ficou, (2)
Uma vontade má de pensamento. (3)
Nas mostras e no gesto o não mostrou,
Mas, com risonho e ledo fingimento,
Tratá-los brandamente determina,
Até que mostrar possa o que imagina. (4)

70 Pilotos lhe pedia o Capitão,
Por quem pudesse à Índia ser levado;
Diz-lhe que o largo prêmio levarão (1)
Do trabalho que nisso for tomado.
Promete-lhos o Mouro, com tenção
De peito venenoso e tão danado
Que a morte, se pudesse, neste dia,
Em lugar de pilotos lhe daria.

71 Tamanho o ódio foi e a má vontade
Que aos estrangeiros súpito tomou, (1)
Sabendo ser sequaces da Verdade (2)
Que o filho de David nos ensinou.
Ó segredos daquela Eternidade
A quem juízo algum não alcançou: (3)
Que nunca falte um pérfido inimigo
Àqueles de quem foste tanto amigo!

72 Partiu-se nisto, enfim, co'a companhia,
Das naus o falso Mouro despedido,
Com enganosas e grande cortesia,
Com gesto ledo a todos e fingido.
Cortaram os batéis a curta via
Das águas de Netuno; e recebido
Na terra do obseqüente ajuntamento, (1)
Se foi o Mouro ao cógnito apousento. (2)



73 Do claro Assento etéreo, o grão Tebano (1)
Que da paternal coxa foi nascido,
Olhando o ajuntamento lusitano
Ao Mouro ser molesto e aborrecido,
No pensamento cuida um falso engano,
Com que seja de todo destruído;
E, enquanto isto só na alma imaginava,
Consigo estas palavras praticava: (2)

74 "Está do Fado já determinado
Que tamanhas vitórias, tão famosas, (1)
Hajam os Portugueses alcançado
Das Indianas gentes belicosas,
E eu só, filho do Padre sublimado,
Com tantas qualidades generosas,
Hei-de sofrer que o Fado favoreça (2)
Outrem, por quem meu nome se escureça?

75 Já quiseram os Deuses que tivesse (1)
O filho de Filipo, nesta parte (2)
Tanto poder que tudo sometesse (3)
Debaixo do seu jugo o fero Marte;
Mas há-se de sofrer que o Fado desse (4)
A tão poucos tamanho esforço e arte,
Que eu, co'o grão Macedônio e Romano, (5)
Demos lugar ao nome Lusitano?

76 Não será assi, porque, antes que chegado
Seja este Capitão, astutamente
Lhe será tanto engano fabricado
Que nunca veja as partes do Oriente.
Eu descerei à Terra e o indignado
Peito revolverei da Maura gente,
Porque sempre por via irá direita
Quem do oportuno tempo se aproveita."

77 Isto dizendo, irado e quase insano, (1)
Sobre a terra africana descendeu. (2)
Onde, vestindo a forma e gesto humano,
Para o Prasso sabido se moveu; (3)
E, por melhor tecer o astuto engano,
No gesto natural se converteu
Dum Mouro, em Moçambique conhecido,
Velho, sábio, e co'o Xeque mui valido. (4)

78 E entrando assi a falar-lhe, a tempo e horas (1)
A sua falsidade acomodadas, (2)
Lhe diz como eram gentes roubadoras (3)
Estas que ora de novo são chegadas;
Que das nações na costa moradoras
Correndo a fama veio, que roubadas
Foram por estes homens, que passavam,
Que com pactos de paz sempre ancoravam. (4)

79 E sabe mais, lhe diz, como entendido
Tenho destes cristãos sanguinolentos,
Que quase todo o mar tem destruído
Com roubos, com incêndios violentos;
E trazem já de longe engano urdido
Contra nós, e que todos seus intentos
São pera nos matarem e roubarem,
E mulheres e filhos cativarem. (1)

80 E também sei que tem determinado
De vir por água a terra, muito cedo, (1)
O Capitão, dos seus acompanhado,
Que da tenção danada nasce o medo.
Tu deves de ir também co'os teus armado
Esperá-lo em cilada, oculto e quedo.
Porque, saindo a gente descuidada,
Cairão facilmente na cilada. (2)

81 E se inda não ficarem deste jeito
Destruídos ou mortos totalmente,
Eu tenho imaginada no conceito (1)
Outra manha e ardil que te contente: (2)
Manda-lhe dar piloto que de jeito
Seja astuto no engano, e tão prudente
Que os leve aonde sejam destruídos,
Desbaratados, mortos ou perdidos.

82 Tanto que estas palavras acabou (1)
O Mouro, nos tais casos sábio e velho,
Os braços pelo colo lhe lançou,
Agradecendo muito o tal conselho;
E logo nesse instante concertou (2)
Pera a guerra o belígero aparelho, (3)
Para que ao Português se lhe tornasse (4)
Em roxo sangue a água que buscasse.

83 E busca mais, pera o cuidado engano,
Mouro que por piloto à nau lhe mande,
Sagaz, astuto e sábio em todo o dano, (1)
De quem fiar se possa um feito grande. (2)
Diz-lhe que, acompanhando o Lusitano
Por tais costas e mares com ele ande
Que, se daqui escapar, que lá diante
Vá cair onde nunca se alevante.

84 Já o raio apolíneo visitava (1)
Os montes Namateios acendido, (2)
Quando Gama co'os seus determinava (3)
De vir por água a terra apercebido. (4)
A gente nos batéis se concertava
Como se fosse o engano já sabido;
Mas póde suspeitar-se facilmente,
Que o coração pressago nunca mente. (5)

85 E mais também mandado tinha a terra,
De antes, pelo piloto necessário,
E foi-lhe respondido em som de guerra,
Caso do que cuidava mui contrário.
Por isto, e porque sabe quanto erra
Quem se crê de seu pérfido adversário,
Apercebido vai como podia
Em três batéis somente que trazia.

86 Mas os Mouros que andavam pela praia,
Por lhe defender a água desejada, (1)
Um de escudo embraçado e de azagaia, (2)
Outro de arco encurvado e seta ervada,
Esperam que a guerreira gente saia,
Outros muitos já postos em cilada,
E. porque o caso leve se lhe faça,
Poem uns poucos diante por negaça.

87 Andam pela ribeira alva, arenosa, (1)
Os belicosos Mouros acenando
Com a adarga e co'a hástea perigosa, (2)
Os fortes Portugueses incitando.
Não sofre muito a gente generosa (3)
Andar-lhe os Cães os dentes amostrando;
Qualquer em terra salta, tão ligeiro, (4)
Que nenhum dizer pode que é primeiro:

88 Qual no corro sanguino o ledo amante, (1)
Vendo a formosa dama desejada,
O touro busca, e pondo-se diante, (2)
Salta, corre, sibila, acena e brada,
Mas o animal atroce, nesse instante, (3)
Com a fronte cornígera inclinada, (4)
Bramando, duro corre e os olhos cerra,
Derriba, fere e mata e põe por terra. (5)

89 Eis nos batéis o fogo se levanta (1)
Na furiosa e dura artilheria, (2)
A plúmbea péla mata, o brado espanta, (3)
Ferido, o ar retumba e assovia; (4)
O coração dos Mouros se quebranta,
O temor grande o sangue lhe resfria;
Já foge o escondido, de medroso, (5)
E morre o descoberto aventuroso.

90 Não se contenta a gente portuguesa,
Mas, seguindo a vitória, estrui e mata; (1)
A povoação sem muro e sem defesa
Esbombardeia, acende e desbarata.
Da cavalgada ao Mouro já lhe pesa, (2)
Que bem cuidou comprá-la mais barata;
Já blasfema da guerra, e maldizia, (3)
O velho inerte e a mãe que o filho cria. (4)

91 Fugindo, a seta o Mouro vai tirando (1)
Sem força, de covarde e de apressado,
A pedra, o pau e o canto arremessando; (2)
Dá-lhe armas o furor desatinado.
Já a ilha, e todo o mais, desamparando, (3)
À terra firme foge amedrontado;
Passa e corta do mar o estreito braço,
Que a ilha em torno cerca em pouco espaço.

92 Uns vão nas almadias carregadas, (1)
Um corta o mar a nado, diligente;
Quem se afoga nas ondas encurvadas, (2)
Quem bebe o mar e o deita juntamente.
Arrombam as miúdas bombardadas (3)
Os pangaios sutis da bruta gente. (4)
Desta arte o Português, enfim, castiga
A vil malícia, pérfida, inimiga.

93 Tornam vitoriosos pera a armada,
Co'o despojo da guerra e rica presa,
E vão, a seu prazer, fazer aguada,
Sem achar resistência nem defesa.
Ficava a Maura gente magoada,
No ódio antigo mais que nunca acesa,
E, vendo sem vingança tanto dano,
Somente estriba no segundo engano. (1)

94 Pazes cometer manda, arrependido, (1)
O Regedor daquela inica terra, (2)
Sem ser dos Lusitanos entendido
Que, em figura de paz, lhe manda guerra;
Porque o piloto falso prometido,
Que toda a má tenção no peito encerra,
Para os guiar à morte lhe mandava,
Como em sinal das pazes que tratava.

95 O Capitão, que já lhe então convinha
Tornar a seu caminho acostumado,
Que tempo concertado e ventos tinha
Pera ir buscar o Indo desejado,
Recebendo o piloto que lhe vinha,
Foi dele alegremente agasalhado, (1)
E respondendo ao mensageiro, a tento, (2)
As velas manda dar ao largo vento.

96 Desta arte despedida, a forte armada
As ondas de Anfitrite dividia, (1)
Das filhas de Nereu acompanhada,
Fiel, alegre e doce companhia.
O Capitão, que não caía em nada
Do enganoso ardil que o Mouro urdia,
Dele mui largamente se informava
Da Índia toda, e costas que passava.

97 Mas o Mouro, instruído nos enganos
Que o malévolo Baco lhe ensinara,
De morte ou cativeiro novos danos,
Antes que à Índia chegue, lhe prepara;
Dando razão dos portos Indianos,
Também tudo o que pede lhe declara,
Que, havendo por verdade o que dizia,
De nada a forte gente se temia.

98 E diz-lhe mais, co'o falso pensamento
Com que Sinon os Frígios enganou, (1)
Que perto está uma ilha cujo assento (2)
Povo antigo Cristão sempre habitou.
O Capitão, que a tudo estava a tento,
Tanto com estas novas se alegrou
Que com dádivas grandes lhe rogava (3)
Que o leve à terra onde esta gente estava.

99 O mesmo o falso Mouro determina
Que o seguro Cristão lhe manda e pede: (1)
Que a ilha é possuída da malina (2)
Gente que segue o torpe Mahamede. (3)
Aqui o engano e morte lhe imagina,
Porque em poder e forças muito excede (4)
À Moçambique esta ilha, que se chama
Quíloa, mui conhecida pola fama.

100 Pera lá se inclinava a leda frota; (1)
Mas a Deusa em Citera celebrada (2)
Vendo como deixava a certa rota
Por ir buscar a morte não cuidada,
Não consente que em terra tão remota
Se perca a gente dela tanto amada, (3)
E com ventos contrairos a desvia (4)
Donde o piloto falso a leva e guia.

101 Mas o malvado Mouro, não podendo
Tal determinação levar àvante,
Outra maldade inica cometendo,
Ainda em seu propósito constante,
Lhe diz que, pois as águas, discorrendo,
Os levaram por força por diante,
Que outra ilha tem perto, cuja gente
Eram Cristãos com Mouros juntamente. (1)

102 Também nestas palavras lhe mentia,
Como por regimento, enfim, levava,
Que aqui gente de Cristo não havia,
Mas a que a Mahamede celebrava.
O Capitão, que em tudo o Mouro cria, (1)
Virando as velas, a ilha demandava;
Mas, não querendo a Deusa guardadora,
Não entra pela barra, e surge fora.

103 Estava a ilha à terra tão chegada
Que um estreito pequeno a dividia; (1)
Uma cidade nela situada,
Que na fronte do mar aparecia, (2)
De nobres edifícios fabricada,
Como por fora, ao longe, descobria, (3)
Regida por um Rei de antiga idade:
Mombaça é o nome da ilha e da cidade.

104 E sendo a ela o Capitão chegado,
Estranhamente ledo porque espera (1)
De poder ver o povo baptizado,
Como o falso piloto lhe dissera,
Eis vêm batéis da terra com recado (2)
Do Rei, que já sabia a gente que era; (3)
Que Baco muito de antes o avisara,
Na forma doutro Mouro, que tomara.



105 O recado, que trazem, é de amigos,
Mas debaxo o veneno vem coberto, (1)
Que os pensamentos eram de inimigos,
Segundo foi o engano descoberto.
Ó grandes e gravíssimos perigos!
Ó caminho de vida nunca certo,
Que aonde a gente põe sua esperança (2)
Tenha a vida tão pouca segurança!

106 No mar tanta tormenta e tanto dano, (1)
Tantas vezes a morte apercebida! (2)
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida!
Onde pode acolher-se um fraco humano,
Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme e se indigne o Céu sereno
Contra um bicho da terra tão pequeno? (3)

CANTO I, E. 92
Desta arte o Português, enfim, castiga
A vil malícia, pérfida, inimiga.

CANTO II, E. 42
Co'o vulto alegre, qual, do Céu subido,
Torna sereno e claro o ar escuro,

# Canto Segundo

**Argumento**

Dar el Rei do Mombaça o fim prepara
Ao Gama ilustre com mortal engano:
Doce Vênus ao mar, a frota ampara,
E falar soba ao Padre soberano:
Jove os casos futuros lhe declara,
Aparece Mercúrio ao Lusitano:
Chega a frota a Melinde e o Rei potente
Em seu porto a recebe alegremente.

1 Já neste tempo o lúcido planeta (1)
Que as horas vai do dia distinguindo
Chegava à desejada e lenta meta, (2)
A luz celeste às gentes encobrindo,
E da casa marítima secreta (3)
Lhe estava o Deus Noturno a porta abrindo, (4)
Quando as infidas gentes se chegaram (5)
Às naus, que pouco havia que ancoraram.

2 De antre eles um, que traz encomendado (1)
O mortífero engano, assi dizia:
"Capitão valeroso, que cortado
Tens de Netuno o reino e salsa via, (2)
O Rei que manda esta ilha, alvoroçado, (3)
Da vinda tua tem tanta alegria
Que não deseja mais que agasalhar-te,
Ver-te e do necessário reformar-te. (4)

3 E porque está em extremo desejoso
De te ver, como cousa nomeada, (1)
Te roga que, de nada receoso,
Entres a barra, tu com toda armada; (2)
E porque do caminho trabalhoso
Trará a gente débil e cansada,
Diz que na terra podes reformá-la,
Que a natureza obriga a desejá-la;

4 E se buscando vás mercadorias (1)
Que produze o aurífero Levante, (2)
Canela, cravo, ardente especiaria (3)
Ou droga salutífera e prestante;
Ou se queres luzente pedraria,
O rubi fino, o rígido diamante,
Daqui levarás tudo tão sobejo
Com que faças o fim a teu desejo." (4)



5 Ao mensageiro o Capitão responde,
As palavras do Rei agradecendo,
E diz que, porque o sol no mar se esconde,
Não entra pera dentro, obedecendo; (1)
Porém que, como a luz mostrar por onde (2)
Vá sem perigo a frota, não temendo,
Cumprirá sem receio seu mandado,
Que a mais por tal senhor está obrigado.

6 Pergunta-lhe depois se estão na terra (1)
Cristãos, como o piloto lhe dizia;
O mensageiro astuto, que não erra,
Lhe diz que a mais da gente em Cristo cria. (2)
Desta sorte do peito lhe desterra
Toda a suspeita e cauta fantasia;
Por onde o Capitão seguramente (3)
Se fia da infiel e falsa gente. (4)

7 E de alguns que trazia, condenados
Por culpas e por feitos vergonhosos,
Porque pudessem ser aventurados (1)
Em casos desta sorte duvidosos,
Manda dous mais sagazes, ensaiados, (2)
Porque notem dos Mouros enganosos
A cidade e poder, e porque vejam
Os Cristãos, que só tanto ver desejam.

8 E por estes ao Rei presentes manda,
Porque a boa vontade, que mostrava,
Tenha firme, segura, limpa e branda,
A qual bem ao contrário em tudo estava.
Já a companhia pérfida e nefanda (1)
Das naus se despedia e o mar cortava.
Foram com gestos ledos e fingidos, (2)
Os dous da frota em terra recebidos.

9 E despois que ao Rei apresentaram, (1)
Co'o recado, os presentes que traziam,
A cidade correram, e notaram
Muito menos daquilo que queriam;
Que os Mouros cautelosos se guardaram (2)
De lhe mostrarem tudo o que pediam.
Que onde reina a malícia, está o receio
Que a faz imaginar no peito alheio.

10 Mas aquele que sempre a mocidade (1)
Tem no rosto perpétua, e foi nascido
De duas mães, que urdia a falsidade (2)
Por ver o navegante destruído,
Estava numa casa da cidade,
Com rosto humano e hábito fingido,
Mostrando-se Cristão, e fabricava
Um altar sumptuoso que adorava.

11 Ali tinha em retrato afigurada
Do alto e Santo spírito a pintura,
A cândida Pombinha debuxada (1)
Sobre a única Fênix, Virgem pura. (2)
A companhia santa está pintada,
Dos doze, tão torvados na figura (3)
Como os que, só das línguas que caíram (4)
De fogo, várias línguas referiram. (5)

12 Aqui os dous companheiros conduzidos
Onde com este engano Baco estava,
Põem em terra os giolhos, e os sentidos (1)
Naquele Deus que o Mundo governava.
Os cheiros excelentes, produzidos
Na Pancaia odorífera, queimava (2)
O Tioneu, e assi por derradeiro (3)
O falso Deus adora o verdadeiro.

13 Aqui foram de noite agasalhados,
Com todo o bom e honesto tratamento,
Os dous Cristãos, não vendo que enganados
Os tinha o falso e santo fingimento.
Mas assi como os raios espalhados
Do sol foram no mundo, e num momento
Apareceu no rúbido horizonte
Da moça de Titão a roxa fronte, (1)

14 Tornam da terra os Mouros co'o recado
Do Rei para que entrassem, e consigo
Os dous que o Capitão tinha mandado,
A quem se o Rei mostrou sincero amigo; (1)
E sendo o Português certificado
De não haver receio de perigo
E que gente de Cristo em terra havia,
Dentro no salso rio entrar queria. (2)

15 Dizem-lhe os que mandou, que em terra viram
Sacras aras e sacerdote santo; (1)
Que ali se agasalharam e dormiram
Enquanto a luz cobriu o escuro manto;
E que no Rei e gentes não sentiram
Senão contentamento e gosto tanto
Que não podia, certo, haver suspeita
Numa mostra tão clara e tão perfeita.

16 Com isto o nobre Gama recebia
Alegremente os Mouros que subiam;
Que levemente um ânimo se fia
De mostras que tão certas pareciam.
A nau da gente pérfida se enchia,
Deixando a bordo os barcos que traziam.
Alegres vinham todos porque crem (1)
Que a presa desejada certa tem.

17 Na terra cautamente aparelhavam
Armas e munições, que, como vissem (1)
Que no rio os navios ancoravam,
Neles ousadamente se subissem; (2)
E nesta treição determinavam (3)
Que os de Luso de todo destruíssem, (4)
E que, incautos, pagassem deste jeito
O mal que em Moçambique tinham feito.

18 As âncoras tenaces vão levando,
Com a náutica grita costumada; (1)
Da proa as velas sós ao vento dando,
Inclinam para a barra abalisada. (2)
Mas a linda Ericina, que guardando (3)
Andava sempre a gente assinalada,
Vendo a cilada grande e tão secreta,
Voa do Céu ao mar como uma seta.

19 Convoca as alvas filhas de Nereu, (1)
Com toda a mais cerúlea companhia,
Que, porque no salgado mar nasceu, (2)
Das águas o poder lhe obedecia,
E propondo-lhe a causa a que desceu,
Com todos juntamente se partia,
Para estorvar que a armada não chegasse (3)
Aonde pera sempre se acabasse.

20 Já na água erguendo vão, com grande pressa,
Com as argênteas caudas branca escuma; (1)
Cloto co'o peito corta e atravessa (2)
Com mais furor o mar do que costuma.
Salta Nise, Nerine se arremessa (3)
Por cima da água crespa em força suma.
Abrem caminho as ondas encurvadas,
De temor das Nereidas apressadas.

**21** Nos ombros de um Tritão, com gesto aceso, (1)
Vai a linda Dione furiosa; (2)
Não sente quem a leva o doce peso,
De soberbo com carga tão fermosa.
Já chegam perto donde o vento teso (3)
Enche as velas da frota belicosa;
Repartem-se e rodeiam nesse instante
As naus ligeiras, que iam por diante.

**22** Põe-se a Deusa com outras em direito (1)
Da proa capitaina, e ali fechando (2)
O caminho da barra, estão de jeito
Que em vão assopra o vento, a vela inchando.
Poem no madeiro duro o brando peito,
Para detrás a forte nau forçando; (3)
Outras em derredor levando-a estavam (4)
E da barra inimiga a desviavam.

**23** Quais pera a cova as próvidas formigas, (1)
Levando o peso grande acomodado,
As forças exercitam, de inimigas
Do inimigo Inverno congelado;
Ali são seus trabalhos e fadigas,
Ali mostram vigor nunca esperado:
Tais andavam as Ninfas estorvando
À gente portuguesa o fim nefando. (2)

**24** Torna pera detrás a nau forçada, (1)
Apesar dos que leva, que, gritando
Mareiam velas; ferve a gente irada, (2)
O leme a um bordo e a outro atravessando.
O mestre astuto em vão da popa brada,
Vendo como diante ameaçando
Os estava um marítimo penedo,
Que de quebrar-lhe a nau lhe mete medo.

**25** A celeuma medonha se alevanta (1)
No rudo marinheiro que trabalha; (2)
O grande estrondo a Maura gente espanta
Como se vissem hórrida batalha.
Não sabem a razão de fúria tanta,
Não sabem nesta pressa quem lhe valha; (3) (4)
Cuidam que seus enganos são sabidos (5)
E que hão de ser por isso aqui punidos.

**26** Ei-los subitamente se lançavam (1)
A seus batéis veloces que traziam;
Outros em cima o mar alevantavam
Saltando n'água, a nado se acolhiam;
De um bordo e de outro súbito saltavam,
Que o medo os compelia do que viam;
Que antes querem ao mar aventurar-se
Que nas mãos inimigas entregar-se.

**27** Assi como em selvática alagoa (1)
As rãs, no tempo antigo, Lícia gente, (2)
Se sentem porventura vir pessoa,
Estando fora da água incautamente,
Daqui e dali saltando (o charco soa), (3)
Por fugir do perigo que se sente, (4)
E, acolhendo-se ao couto que conhecem,
Sós as cabeças na água lhe aparecem:

**28** Assi fogem os Mouros; e o piloto,
Que ao perigo grande as naus guiara,
Crendo que seu engano estava noto, (1)
Também foge, saltando na água amara. (2)
Mas, por não darem no penedo imoto, (3)
Onde percam a vida doce e cara,
A âncora solta logo a capitaina,
Qualquer das outras junto dela amaina. (4)

**29** Vendo o Gama, atentado, a estranheza (1)
Dos Mouros, não cuidada, e juntamente
O piloto fugir-lhe com presteza,
Entende o que ordenava a bruta gente; (2)
E vendo, sem contraste e sem braveza (3)
Dos ventos ou das águas sem corrente,
Que a nau passar àvante não podia,
Havendo-o por milagre, assi dizia: (4)

**30** "Oh! Caso grande, estranho e não cuidado! (1)
Oh! Milagre claríssimo e evidente!
Oh! Descoberto engano inopinado, (2)
Oh! Pérfida, inimiga e falsa gente!
¿ Quem poderá do mal aparelhado
Livrar-se sem perigo, sabiamente,
Se lá de cima a Guarda Soberana (3)
Não acudir à fraca força humana?

**31** Bem nos mostra a Divina Providência
Destes portos a pouca segurança;
Bem claro temos visto na aparência
Que era enganada a nossa confiança.
Mas pois saber humano nem prudência (1)
Enganos tão fingidos não alcança, (2)
Ó tu, Guarda Divina, tem cuidado
De quem sem ti não pode ser guardado!

**32** E, se te move tanto a piedade
Desta mísera gente peregrina, (1)
Que, só por tua altíssima bondade,
Da gente a salvas pérfida e malina,
Nalgum porto seguro de verdade (2)
Conduzir-nos, já agora, determina,
Ou nos amostra a terra que buscamos,
Pois só por teu serviço navegamos."

**33** Ouviu-lhes estas palavras piadosas (1)
A fermosa Dione e, comovida, (2)
De antre as Ninfas se vai, que saüdosas (3)
Ficaram desta súbita partida.
Já penetra as estrelas luminosas, (4)
Já na terceira Esfera recebida (5)
Àvante passa, e lá no Sexto Céu,
Pera onde estava o Padre, se moveu. (6)

**34** E, como ia afrontada do caminho, (1)
Tão fermosa no gesto se mostrava
Que as estrelas e o céu e o ar vizinho
E tudo quanto a via, namorava. (2)
Dos olhos, onde faz seu filho o ninho, (3)
Uns espíritos vivos inspirava (4)
Com que os polos gelados acendia,
E tornava do fogo a esfera, fria.

**35** E, por mais namorar o soberano
Padre, de quem foi sempre amada e cara,
Se lhe apresenta assi como ao Troiano, (1)
Na selva Ideia, já se apresentara.
Se a vira o caçador que o vulto humano (2)
Perdeu, vendo Diana na água clara,
Nunca os famintos galgos o mataram, (3)
Que primeiro desejos o acabaram.

**36** Os crespos fios de ouro se esparziam
Pelo colo que a neve escurecia;
Andando, as lácteas tetas lhe tremiam, (1)
Com quem Amor brincava e não se via.
Da alva petrina flamas lhe saíam, (2)
Onde o Minino as almas acendia; (3)
Pelas lisas colunas lhe trepavam (4)
Desejos, que como hera se enrolavam. (5)

**37** C'um delgado cendal as partes cobre (1)
De quem vergonha é natural reparo; (2)
Porém nem tudo esconde nem descobre
O véu, dos roxos lírios pouco avaro;
Mas, para que o desejo acenda e dobre,
Lhe põe diante aquele objecto raro. (3)
Já se sentem no Céu, por toda a parte,
Ciúmes em Vulcano, amor em Marte. (4)

**38** E mostrando no angélico semblante (1)
Co'o riso uma tristeza misturada,
Como dama que foi do incauto amante
Em brincos amorosos mal tratada,
Que se aqueixa e se ri num mesmo instante
E se torna entre alegre magoada,
Desta arte a Deusa a quem nenhuma iguala,
Mais mimosa que triste, ao Padre fala: (2)

**39** "Sempre eu cuidei, ó Padre poderoso,
Que, pera as cousas que eu do peito amasse (1)
Te achasse brando, afábil e amoroso, (2)
Posto que a algum contrairo lhe pesasse; (3)
Mas, pois que contra mi te vejo iroso,
Sem que to merecesse nem te errasse, (4)
Faça-se como Baco determina;
Assentarei, enfim, que fui mofina. (5)

**40** Este povo, que é meu, por quem derramo (1)
As lágrimas que em vão caídas vejo,
Que assaz de mal lhe quero pois que o amo,
Sendo tu tanto contra meu desejo,
Por ele a ti rogando, choro e bramo,
E contra minha dita enfim pelejo. (2) (3)
Ora pois, porque o amo é mal tratado,
Quero-lhe querer mal: será guardado. (4)

**41** Mas moura, enfim, nas mãos das brutas gentes, (1)
Que pois eu fui..." E nisto, de mimosa,
O rosto banha em lágrimas ardentes,
Como co'o orvalho fica a fresca rosa.
Calada um pouco, como se entre os dentes
Lhe impedira a fala piedosa, (2)
Torna a segui-la; e, indo por diante,
Lhe atalha o poderoso e grão Tonante. (3)

**42** E destas brandas mostras comovido,
Que moveram de um tigre o peito duro, (1)
Co'o vulto alegre, qual, do Céu subido, (2)
Torna sereno e claro o ar escuro,
As lágrimas lhe alimpa e, acendido,
Na face a beija e abraça o colo puro.
De modo que dali, se só se achara, (3)
Outro novo Cupido se gerara.

**43** E, co'o seu apertando o rosto amado,
Que os saluços e lágrimas aumenta, (1)
Como minino da ama castigado,
Que quem no afaga o choro lhe acrescenta, (2)
Por lhe pôr em sossego o peito irado,
Muitos casos futuros lhe apresenta,
Dos fados as entranhas revolvendo,
Desta maneira, enfim, lhe está dizendo:

**44** "Fermosa filha minha, não temais (1)
Perigo algum nos vossos Lusitanos,
Nem que ninguém comigo possa mais
Que esses chorosos olhos soberanos;
Que eu vos prometo, filha, que vejais
Esquecerem-se Gregos e Romanos, (2)
Pelos ilustres feitos que esta gente (3)
Há de fazer nas partes do Oriente.

**45** Que, se o facundo Ulisses escapou (1)
De ser na Ogígia ilha eterno escravo (2)
E se Antenor os seios penetrou (3)
Ilíricos e a fonte de Timavo, (4)
E se o piedoso Enéias navegou (5)
De Scila e de Caríbdis o mar bravo, (6)
Os vossos, mores cousas atentando,
Novos mundos ao mundo irão mostrando.

**46** Fortalezas, cidades e altos muros
Por eles vereis, filha, edificados;
Os Turcos belacíssimos e duros (1)
Deles sempre vereis desbaratados.
Os Reis da Índia, livres e seguros,
Vereis ao Rei potente sojugados; (2)
E por eles, de tudo enfim senhores,
Serão dadas na terra leis melhores.

**47** Vereis este, que agora, pressuroso, (1)
Por tantos medos o Indo vai buscando,
Tremer dele Netuno, de Medroso,
Sem vento suas águas encrespando. (2)
Ó caso nunca visto e milagroso,
Que trema e ferva o mar, em calma estando!
Ó gente forte e de altos pensamentos,
Que também dela hão medo os Elementos!

**48** Vereis a terra que a água lhe tolhia
Que inda há de ser um porto mui decente,
Em que vão descansar da longa via (1)
As naus que navegarem do Ocidente.
Toda esta costa, enfim, que agora urdia
O mortífero engano, obediente
Lhe pagará tributos, conhecendo
Não poder resistir ao Luso horrendo. (2)

**49** E vereis o Mar Roxo tão famoso
Tornar-se-lhe amarelo, de enfiado; (1)
Vereis de Ormuz o Reino poderoso
Duas vezes tomado e sojugado;
Ali vereis o Mouro furioso
De suas mesmas setas traspassado.
Que quem vai contra os vossos, claro veja
Que, se resiste, contra si peleja.

**50** Vereis a inexpugnábil Diu forte
Que dous cercos terá, dos vossos sendo. (1)
Ali se mostrará seu preço e sorte,
Feitos de armas grandíssimos fazendo. (2)
Invejoso vereis o grão Mavorte (3)
Do peito lusitano, fero e horrendo.
Do Mouro ali verão que a voz extrema
Do falso Mahamede ao Céu blasfema. (4)

**51** Goa vereis aos Mouros ser tomada,
A qual virá despois a ser senhora
De todo o Oriente, e sublimada
Co'os triunfos da gente vencedora.
Ali, soberba altiva e exalçada,
Ao Gentio que os ídolos adora (1)
Duro freio porá, e a toda a terra
Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

**52** Vereis a fortaleza sustentar-se
De Cananor, com pouca força e gente;
E vereis Calecu desbaratar-se,
Cidade populosa e tão potente;
E vereis em Cochim assinalar-se
Tanto um peito soberbo e insolente, (1)
Que cítara jamais cantou vitória
Que assi mereça eterno nome e glória.

**53** Nunca com Marte instructo e furioso (1)
Se viu ferver Leucate, quando Augusto (2)
Nas civis Áctias guerras, animoso, (3)
O Capitão venceu Romano injusto, (4)
Que dos povos da Aurora e do famoso
Nilo e do Bactra Cítico e robusto (5) (6)
A vitória trazia e presa rica,
Preso da Egípcia linda e não pudica, (7)

**54** Como vereis o mar fervendo aceso (1)
Co'os incêndios dos vossos, pelejando,
Levando o idololatra e o Mouro preso, (2)
De nações diferentes triunfando,
E, sujeita a rica Áurea Quersoneso, (3)
Até o longinco China navegando (4) (5)
E as ilhas mais remotas do Oriente, (6)
Ser-lhe-há todo o Oceano obediente.

**55** De modo, filha minha, que de jeito
Amostrarão esforço mais que humano,
Que nunca se verá tão forte peito,
Do gangético mar ao gaditano, (1)
Nem das boreais ondas ao estreito (2)
Que mostrou o agravado Lusitano,
Posto que em todo o mundo, de afrontados,
Ressuscitassem todos os passados."

**56** Como isto disse, manda o consagrado (1)
Filho de Maia à Terra, por que tenha (2)
Um pacífico porto e sossegado,
Pera onde sem receio a frota venha;
E, pera que em Mombaça, aventurado, (3)
O forte Capitão se não detenha,
Lhe manda mais, que em sonhos lhe mostrasse
A terra onde quieto repousasse.

**57** Já pelo ar o Cileneu voava; (1)
Com as asas nos pés à Terra desce; (2)
Sua vara fatal na mão levava, (3)
Com que os olhos cansados adormece.
Com esta, as tristes almas revocava
Do Inferno, e o vento lhe obedece.
Na cabeça o galero costumado. (4)
E desta arte a Melinde foi chegado.

**58** Consigo a Fama leva, por que diga (1)
Do Lusitano o preço grande e raro,
Que o nome ilustre a um certo amor obriga,
E faz, a quem o tem, amado e caro.
Desta arte vai fazendo a gente amiga,
Co'o rumor famosíssimo e perclaro, (2)
Já Melinde em desejos arde todo (3)
De ver da gente forte o gesto e modo.

**59** Dali pera Mombaça logo parte
Aonde as naus estavam temerosas,
Pera que à gente mande que se aparte
Da barra imiga e terras suspeitosas;
Porque mui pouco val esforço e arte (1)
Contra infernais vontades enganosas,
Pouco val coração, astúcia e siso,
Se lá dos céus não vem celeste aviso.

**60** Meio caminho a noite tinha andado
E as estrelas no céu, co'a luz alheia, (1)
Tinham o largo mundo alumiado;
E só co'o sono a gente se recreia.
O Capitão ilustre, já cansado
De vigiar a noite, que arreceia,
Breve repouso então aos olhos dava,
A outra gente a quartos vigiava; (2)

**61** Quando Mercúrio em sonhos, lhe aparece,
Dizendo: "Fuge, fuge, Lusitano, (1)
Da cilada que o Rei malvado tece
Por te trazer ao fim e extremo dano.
Fuge, que o vento e o céu te favorece, (2)
Sereno o tempo tens e o oceano
E outro Rei mais amigo, noutra parte,
Onde podes seguro agasalhar-te.

**62** Não tens aqui senão aparelhado (1)
O hospício que o cru Diomedes dava, (2)
Fazendo ser manjar acostumado
De cavalos a gente que hospedava;
As aras de Busíris infamado, (3)
Onde os hóspedes tristes imolava,
Terás certas aqui, se muito esperas:
Fuge das gentes pérfidas e feras!

**63** Vai-te ao longo da costa discorrendo
E outra terra acharás de mais verdade,
Lá quase junto donde o Sol, ardendo,
Iguala o dia e noite em quantidade.
Ali tua frota alegre recebendo,
Um Rei, com muitas obras de amizade,
Gasalhado seguro te daria (1)
E, para a Índia, certa e sábia guia."

**64** Isto Mercúrio disse e o sono leva
Ao Capitão, que, com mui grande espanto,
Acorda e vê ferida a escura treva
De uma súbita luz e raio santo.
E vendo claro quanto lhe releva (1)
Não se deter na terra iníqua tanto, (2)
Com novo sprito ao mestre seu mandava (3)
Que as velas desse ao vento que assoprava.

**65** "Dai velas", disse, "dai ao largo vento,
Que o céu nos favorece e Deus o manda,
Que um mensageiro vi do claro assento, (1)
Que só em favor de nossos passos anda."
Alevanta-se nisto o movimento
Dos marinheiros, de uma e de outra banda:
Levam gritando as âncoras acima,
Mostrando a ruda força, que se estima.

**66** Neste tempo que as âncoras levavam, (1)
Na sombra escura os Mouros escondidos
Mansamente as amarras lhe cortavam,
Por serem, dando à costa, destruídos.
Mas com vista de linces vigiavam (2)
Os Portugueses, sempre apercebidos.
Eles, como acordados os sentiram.
Voando, e não remando, lhe fugiram.

**67** Mas já as agudas proas apartando
Iam as vias húmidas de argento;
Assopra-çhe galerno o vento e brando, (1)
Com suave e seguro movimento.
Nos perigos passados vão falando,
Que mal se perderão do pensamento (2)
Os casos grandes, donde em tanto aperto
A vida em salvo escapa por acerto. (3)

**68** Tinha uma volta dado o Sol ardente
E noutra começava, quando viram
Ao longe dois navios, brandamente (1)
Co'os ventos navegando, que respiram.
Porque haviam de ser da Maura gente,
Para eles arribando, as velas viram. (2)
Um, de temor do mal que arreceava,
Por se salvar a gente à costa dava.



**69** Não é o outro, que fica, tão manhoso, (1)
Mas nas mãos vai cair do Lusitano,
Sem o rigor de Marte furioso (2)
E sem a fúria horrenda de Vulcano;
Que, como fosse débil e medroso (3)
Da pouca gente o fraco peito humano,
Não teve resistência; e, se a tivera, (4)
Mais dano, resistindo, recebera.

**70** E, como o Gama muito desejasse
Piloto pera a Índia, que buscava,
Cuidou que entre estes Mouros o tomasse; (1)
Mas não lhe sucedeu como cuidava,
Que nenhum deles há que lhe ensinasse (2)
A que parte dos céus a Índia estava; (3)
Porém dizem-lhe todos que tem perto
Melinde, onde acharão piloto certo.

**71** Louvam do Rei os Mouros a bondade,
Condição liberal, sincero peito, (1)
Magnificência grande e humanidade,
Com partes de grandíssimo respeito. (2)
O Capitão o assela por verdade, (3)
Porque já lho dissera deste jeito
O Cileneu em sonhos, e partia
Para onde o sonho e o Mouro lhe dizia. (4)

**72** Era no tempo alegre quando entrava
No roubador de Europa a luz Febéia, (1)
Quando um e outro corno lhe aquentava,
E Flora derramava o de Amaltéia. (2)
A memória do dia renovava
O pressuroso Sol, que o Céu rodeia, (3)
Em que Aquele a quem tudo está sujeito
O selo pôs a quanto tinha feito;

**73** Quando chegava a frota àquela parte
Onde o Reino Melinde já se via, (1)
De toldos adornada e leda, de arte
Que bem mostra estimar o santo dia. (2)
Treme a bandeira, voa o estandarte,
A cor purpúrea ao longe aparecia;
Soam os atambores e pandeiros; (3)
E assi entravam ledos e guerreiros.

**74** Enche-se toda a praia Melindana
Da gente que vem ver a leda armada,
Gente mais verdadeira e mais humana
Que toda a de outra terra atrás deixada.
Surge diante a frota Lusitana,
Pega no fundo a âncora pesada.
Mandam fora um dos Mouros, que tomaram,
Por quem sua vinda ao Rei manifestaram.

**75** O Rei, que já sabia da nobreza
Que tanto os Portugueses engrandece,
Tomarem o seu porto tanto preza
Quanto a gente fortíssima merece;
E com verdadeiro ânimo e pureza,
Que os peitos generosos enobrece,
Lhe manda rogar muito que saíssem,
Para que de seus reinos se servissem.

**76** São oferecimentos verdadeiros
E palavras sinceras, não dobradas,
As que o Rei manda aos nobres cavaleiros (1)
Que tanto mar e terras tem passadas. (2)
Manda-lhe mais lanígeros carneiros (3)
E galinhas domésticas cevadas, (4)
Com as frutas que então na terra havia;
E a vontade à dádiva excedia.

**77** Recebe o Capitão alegremente
O mensageiro ledo e seu recado;
E logo manda ao Rei outro presente,
Que de longe trazia aparelhado:
Escarlata purpúrea, cor ardente, (1)
O ramoso coral, fino e prezado,
Que debaixo das águas mole crece,
E, como é fora delas, se endurece. (2)

**78** Manda mais um, na prática elegante, (1)
Que co'o Rei nobre as pazes concertasse
E que de não sair, naquele instante,
De suas naus em terra, o desculpasse.
Partido assi o embaixador prestante,
Como na terra ao Rei se apresentasse,
Com estilo que Palas lhe ensinava, (2)
Estas palavras tais falando orava:

**79** "Sublime Rei, a quem do Olimpo puro (1)
Foi da suma Justiça concedido
Refrear o soberbo povo duro,
Não menos dele amado, que temido.
Como porto mui forte e mui seguro, (2)
De todo o Oriente conhecido,
Te vimos a buscar, para que achemos (3)
Em ti o remédio certo que queremos.

**80** Não somos roubadores que, passando
Pelas fracas cidades descuidadas,
A ferro e a fogo as gentes vão matando
Por roubar-lhe as fazendas cobiçadas; (1)
Mas, da soberba Europa navegando,
Imos buscando as terras apartadas (2)
Da Índia, grande e rica, por mandado
De um Rei que temos, alto e sublimado. (3)

**81** Que geração tão dura há hi de gente, (1)
Que bárbaro costume e usança feia,
Que não vedem os portos tão somente,
Mas inda o hospício da deserta areia? (2)
Que má tenção, que peito em nós se sente? (3)
Que de tão pouca gente se arreceia,
Que, com laços armados, tão fingidos,
Nos ordenassem ver-nos destruídos?

**82** Mas tu, em quem mui certo confiamos
Achar-se mais verdade, ó Rei benino, (1)
E aquela certa ajuda em ti esperamos (2)
Que teve o perdido Ítaco em Alcino, (3)
A teu porto seguros navegamos,
Conduzidos do intérprete divino;
Que, pois a ti nos manda, está mui claro
Que és de peito sincero, humano e raro.

**83** E não cuides, ó Rei, que não saísse
O nosso Capitão esclarecido
A ver-te ou a servir-te, porque visse
Ou suspeitasse em ti peito fingido;
Mas saberás que o fez, porque cumprisse
O regimento, em tudo obedecido,
De seu Rei, que lhe manda que não saia,
Deixando a frota, em nenhum porto ou praia.

**84** E porque é de vassalos o exercício
Que os membros têm, regidos da cabeça,
Não quererás, pois tens de Rei o ofício,
Que ninguém a seu Rei desobedeça;
Mas as mercês e o grande benefício
Que ora acha em ti, promete que conheça
Em tudo aquilo que ele e os seus puderem,
Enquanto os rios para o mar correrem." (1)

85 Assi dizia; e todos juntamente,
Uns com outros em prática falando,
Louvavam muito o estâmago da gente (1)
Que tantos céus e mares vai passando;
E o Rei ilustre, o peito obediente
Dos Portugueses na alma imaginando,
Tinha por valor grande e mui subido
O do Rei que é tão longe obedecido.

86 E, com risonha vista e ledo aspeito, (1)
Responde ao embaixador, que tanto estima:
Toda a suspeita má tirai do peito,
Nenhum frio temor em vós se imprima;
Que vosso preço e obras são de jeito
Pera vos ter o mundo em muita estima;
E quem vos fez molesto tratamento
Não pode ter subido pensamento. (2)

87 De não sair em terra toda a gente,
Por observar a usada preminência, (1)
Ainda que me pese estranhamente,
Em muito tenho a muita obediência.
Mas, se lho o regimento não consente,
Nem eu consentirei que a excelência
De peitos tão leais em si desfaça,
Só porque a meu desejo satisfaça. (2)

88 Porém, como a luz crástina chegada (1)
Ao mundo for, em minhas almadias
Eu irei visitar a forte armada,
Que ver tanto desejo há tantos dias. (2)
E, se vier do mar desbaratada
Do furioso vento e longas vias,
Aqui terá de limpos pensamentos
Piloto, munições e mantimentos.

89 Isto disse; e nas águas se escondia
O filho de Latona, e o mensageiro, (1)
Co'a embaixada, alegre se partia
Pera a frota no seu batel ligeiro.
Enchem-se os peitos todos de alegria,
Por terem o remédio verdadeiro
Pera acharem a terra que buscavam;
E assi ledos a noite festejavam.

90 Não faltam ali os raios de artifício, (1)
Os trêmulos cometas imitando; (2)
Fazem os bombardeiros seu ofício,
O céu, a terra e as ondas atroando.
Mostra-se dos Ciclopas o exercício, (3)
Nas bombas que de fogo estão queimando;
Outros com vozes com que o céu feriam,
Instrumentos altíssonos tangiam. (4)

91 Respondem-lhe da terra juntamente
Co'o raio volteando com zunido; (1)
Anda em giros no ar a roda ardente,
Estoura o pó sulfúreo escondido; (2)
A grita se alevanta ao céu, da gente; (3)
O mar se via em fogos acendido
E não menos a terra; e assi festejada (4)
Um ao outro, a maneira de peleja.

92 Mas já o céu inquieto, revolvendo, (1)
As gentes incitava a seu trabalho;
E já a mãe de Menon, a luz trazendo, (2)
Ao sono longo punha certo atalho. (3)
Iam-se as sombras lentas desfazendo,
Sobre as flores da terra, em frio orvalho,
Quando o Rei Melindano se embarcava
A ver a frota, que no mar estava.

93 Viam-se em derredor ferver as praias, (1)
Da gente que a ver só concorre leda; (2)
Luzem da fina púrpura as cabaias, (3)
Lustram os panos da tecida seda. (4)
Em lugar de guerreiras azagaias
E do arco que os cornos arremeda
Da Lũa, trazem ramos de palmeira, (5)
Dos que vencem, coroa verdadeira.

94 Um batel grande e largo, que toldado
Vinha de sedas de diversas cores,
Traz o Rei de Melinde, acompanhado
De nobres de seu Reino e de senhores.
Vem de ricos vestidos adornado,
Segundo seus costumes e primores: (1)
Na cabeça, uma fota guarnecida (2)
De ouro, e de seda e de algodão tecida;

95 Cabaia de Damasco rico e dino,
Da Tíria cor, entre eles estimada; (1)
Um colar ao pescoço, de ouro fino,
Onde a matéria da obra é superada,
C'um resplandor reluze adamantino; (2)
Na cinta a rica adaga, bem lavrada; (3)
Nas alparcas dos pés, em fim de tudo, (4)
Cobre ouro e aljôfar ao veludo. (5)

96 Com um redondo emparo alto de seda, (1)
Numa alta e dourada hástea enxerido, (2)
Um ministro à solar quentura veda
Que não ofenda e queime o Rei subido.
Música traz na proa, estranha e leda,
De áspero som, horríssono ao ouvido, (3)
De trombetas arcadas em redondo,
Que, sem concerto, fazem rudo estrondo.

97 Não menos guarnecido, o Lusitano,
Nos seus batéis, da frota se partia,
A receber no mar o Melindano,
Com lustrosa e honrada companhia.
Vestido o Gama vem ao modo Hispano, (1)
Mas Francesa era a roupa que vestia, (2)
De cetim da Adriática Veneza, (3)
Carmesi, cor que a gente tanto preza. (4)

98 De botões de ouro as mangas vem tomadas,
Onde o Sol, reluzindo, a vista cega;
As calças soldadescas, recamadas (1)
Do metal que Fortuna a tantos nega; (2)
E com pontas do mesmo, delicadas,
Os golpes do gibão ajunta e achega; (3)
Ao Itálico modo a áurea espada; (4)
Pruma na gorra, um pouco declinada. (5)

99 Nos de sua companhia se mostrava (1)
Da tinta que dá o múrice excelente, (2)
A vária cor, que os olhos alegrava,
E a maneira do trajo diferente.
Tal o fermoso esmalte se notava
Dos vestidos, olhados juntamente,
Qual aparece o arco rutilante
Da bela Ninfa, filha de Taumante. (3)

100 Sonorosas trombetas incitavam
Os ânimos alegres, ressoando; (1)
Dos mouros os batéis o mar coalhavam,
Os toldos pelas águas arrojando;
As bombardas horríssonas bramavam,
Com as nuvens de fumo o Sol tomando;
Amiúdam-se os brados acendidos, (2)
Tapam com as mãos os Mouros os ouvidos.



101 Já no batel entrou no Capitão
O Rei, que nos seus braços o levava; (1)
Ele, co'a cortesia que a razão
(Por ser Rei) requeria, lhe falava.
C'umas mostras de espanto e admiração,
O Mouro o gesto e o modo lhe notava,
Como quem em mui grande estima tinha
Gente que de tão longe à Índia vinha.

102 E com grandes palavras lhe oferece
Tudo o que de seus reinos lhe cumprisse; (1)
E que, se mantimento lhe falece,
Como se próprio fosse, lho pedisse.
Diz-lhe mais que, por fama, bem conhece
A gente Lusitana, sem que a visse;
Que já ouviu dizer que noutra terra
Com gente de sua Lei tivesse guerra. (2)

103 E como por toda África se soa, (1)
Lhe diz, os grandes feitos que fizeram,
Quando nela ganharam a coroa
Do Reino onde as Hespérides viveram; (2)
E com muitas palavras apregoa
O menos que os de Luso mereceram
E o mais que pela fama o Rei sabia.
Mas desta sorte o Gama respondia:

104 "Ó tu que, só, tiveste piedade, (1)
Rei benigno, da gente Lusitana, (2)
Que com tanta miséria e adversidade
Dos mares experimenta a fúria insana:
Aquela alta e divina Eternidade
Que o céu revolve e rege a gente humana,
Pois que de ti tais obras recebemos,
Te pague o que nós outros não podemos. (3)

105 Tu só, de todos quantos queima Apolo, (1)
Nos recebes em paz, do mar profundo;
Em ti, dos ventos hórridos de Eolo (2)
Refúgio achamos, bom, fido e jucundo. (3)
Enquanto apascentar o largo Polo (4)
As Estrelas, e o Sol der lume ao Mundo,
Onde quer que eu viver, com fama e glória. (5)
Viverão teus louvores em memória".

106 Isto dizendo, os barcos vão remando (1)
Para a frota, que o Mouro ver deseja;
Vão as naus uma e uma rodeando,
Porque de todas tudo note e veja.
Mas para o céu Vulcano fuzilando, (2)
A frota co'as bombardas o festeja
E as trombetas canoras lhe tangiam;
Co'os anafis os Mouros respondiam.

107 Mas, despois de ser tudo já notado
Do generoso Mouro, que pasmava (1)
Ouvindo o instrumento inusitado, (2)
Que tamanho terror em si mostrava, (3)
Mandava estar quieto e ancorado (4)
N'água o batel ligeiro que os levava,
Por falar de vagar co'o forte Gama
Nas cousas de que tem notícia e fama.

108 Em práticas o Mouro diferentes
Se deleitava, perguntando agora (1)
Pelas guerras famosas e excelentes
Co'o povo havidas que a Mafona adora;
Agora lhe pergunta pelas gentes
De toda a Hespéria última, onde mora; (2)
Agora, pelos povos seus vizinhos,
Agora, pelos húmidos caminhos.

109 "Mas antes, valeroso Capitão, (1)
Nos conta", lhe dizia, "diligente,
Da terra tua o clima e região
Do mundo onde morais, distintamente;
E assi de vossa antiga geração,
E o princípio do Reino tão potente,
Co'os sucessos das guerras do começo, (2)
Que, sem sabê-las, sei que são de preço. (3)

110 E assi também nos conta dos rodeios (1)
Longos em que te traz o mar irado,
Vendo os costumes bárbaros, alheios,
Que a nossa África ruda tem criado.
Conta, que agora vêm co'os áureos freios
Os cavalos que o carro marchetado
Do novo Sol, da fria Aurora trazem;
O vento dorme, o mar e as ondas jazem. (2)

111 E não menos co tempo se parece
O desejo de ouvir-te o que contares;
Que quem há que por fama não conhece (1)
As obras portuguesas singulares?
Não tanto desviado resplandece
De nós o claro sol, pera julgares
Que os Melindanos têm tão rudo peito, (2)
Que não estimem muito um grande feito.

112 Cometeram soberbos os Gigantes (1)
Com guerra vão o Olimpo claro e puro;
Tentou Perito e Teseu, de ignorantes, (2)
O Reino de Plutão horrendo e escuro.
Se houve feitos no mundo tão possantes,
Não menos é trabalho ilustre e duro,
Quando foi cometer inferno e céu,
Que outrem cometa a fúria de Nereu.

113 Queimou o sagrado templo de Diana, (1)
Do sutil Ctesifônio fabricado, (2)
Heróstrato, por ser da gente humana (3)
Conhecido no mundo e nomeado;
Se também com tais obras nos engana
O desejo de um nome aventajado, (4)
Mais razão é que queira eterna glória,
Quem faz obras tão dignas de memória."

**CANTO II, E. 101**
Já no batel entrou no Capitão
O Rei, que nos seus braços o levava;

**Canto III, E. 119**
Deste causa à molesta morte sua,
Como se fora pérfida inimiga.

# Canto Terceiro

## Argumento

A populosa Europa se descreve,
De Egaz Moniz o feito sublimado,
Lusitânia, que Reis, que guerras teve,
Cristo a Afonso se expõe Crucificado:
De Dona Inês de Castro a pura neve
Em púrpura converte o povo irado,
Mostra-se o vil descuido de Fernando,
E o grão poder de um gesto suave e brando.

1 Agora tu, Calíope, me ensina (1) (2)
O que contou ao Rei o ilustre Gama;
Inspira imortal canto e voz divina
Neste peito mortal, que tanto te ama.
Assi o claro inventor da Medicina, (3)
De quem Orfeu pariste, ó linda dama, (4)
Nunca por Dafne, Clície ou Leucote (5) (6)
Te negue o amor devido, como soe. (7)

2 Põe tu, Ninfa, em efeito meu desejo,
Como merece a gente Lusitana;
Que veja e saiba o mundo que do Tejo
O licor de Aganipe corre e mana. (1)
Deixa as flores de Pindo, que já vejo (2)
Banhar-me Apolo na água soberana;
Se não direi que tens algum receio
Que se escureça o teu querido Orfeio. (3)

3 Prontos estavam todos escuitando (1) (2)
O que o sublime Gama contaria,
Quando, despois de um pouco estar cuidando,
Alevantando o rosto, assi dizia:
"Mandas-me, ó Rei, que conte declarando (3)
De minha gente a grão genealogia; (4)
Não me mandas contar estranha história,
Mas mandas-me louvar dos meus a glória.

4 Que outrem possa louvar esforço alheio,
Cousa é que se costuma e se deseja; (1)
Mas louvar os meus próprios, arreceio
Que louvor tão suspeito mal me esteja;
E, para dizer tudo, temo e creio
Que qualquer longo tempo curto seja;
Mas, pois o mandas, — tudo se te deve, —
Irei contra o que devo e serei breve.

5 Além disso, o que a tudo enfim me obriga
É não poder mentir no que disser
Porque de feitos tais, por mais que diga, (1)
Mais me há de ficar inda por dizer.
Mas, porque nisto a ordem leve e siga, (2)
Segundo o que desejas de saber,
Primeiro tratarei de larga terra,
Depois direi da sanguinosa guerra.

6 Entre a Zona que o Cancro senhoreia, (1)
Meta setentrional do Sol luzente
E aquela que por fria se arreceia
Tanto, como a do meio por ardente,
Jaz a soberba Europa, a quem rodeia,
Pela parte do Arcturo e do Ocidente,
Com suas salsas ondas, o Oceano,
E, pela Austral, o Mar Mediterrano. (2)

7 Da parte donde o dia vem nascendo,
Com Ásia se avizinha; mas o rio (1)
Que dos montes Rifeios vai correndo
Na alagoa Meotis, curvo e frio, (2) (3)
As divide, e o mar que, fero e horrendo,
Viu dos Gregos o irado senhorio,
Onde agora de Tróia triunfante (4)
Não vê mais que a memória o navegante.

8 Lá onde mais debaixo está do Polo, (1)
Os montes Hiperbóreos aparecem (2)
E aqueles onde sempre sopra Eolo, (3)
E co'o nome dos sopros se enobrecem.
Aqui tão pouca força têm de Apolo
Os raios que no mundo resplandecem,
Que a neve está contino pelos montes, (4)
Gelado o mar, geladas sempre as fontes.

9 Aqui dos Citas grande quantidade (1)
Vivem, que antigamente grande guerra
Tiveram, sobre a humana antiguidade, (2)
Co'os que tinham então a Egípcia terra.
Mas quem tão fora estava da verdade (3)
(Já que o juízo humano tanto erra),
Para que do mais certo se informara,
Ao campo Damasceno o perguntara. (4)

10 Agora nestas partes se nomeia (1)
A Lápia fria, a inculta Noruega, (2)
Escandinávia ilha, que se arreia (3)
Das vitórias que Itália não lhe nega. (4)
Aqui, enquanto as águas não refreia
O congelado Inverno, se navega
Um braço do Sarmático Oceano (5)
Pelo Brúsio, Suécio e frio Dano. (6)

11 Entre este Mar e o Tánais vive estranha (1)
Gente, Rutenos, Moscos e Livónios, (2)
Sármatas outro tempo; e na montanha
Hircínia os Marcomanos são Polônios. (3)
Sujeitos ao Império de Alemanha
São Saxones, Boémios e Panónios (4)
E outras várias nações, que o Reno frio
Lava, e o Danúbio, Amasis e Álbis rio. (5)

12 Entre o remoto Istro e o claro Estreito (1)
Aonde Hele deixou, co'o nome, a vida,
Estão os Traces de robusto peito,
Do fero Marte pátria tão querida,
Onde, co'o Hemo, o Ródope sujeito
Ao Otomano está, que sometida
Bizâncio tem a seu serviço indino,
Boa injúria do grande Constantino!

13 Logo de Macedônia estão as gentes,
A quem lava do Áxio a água fria; (1)
E vós também, ó terras excelentes
Nos costumes, engenhos e ousadias,
Que criastes os peitos eloqüentes
E os juízos de alta fantasia
Com quem tu, clara Grécia, o céu penetras
E não menos por armas, que por letras.

14 Logo os Dálmatas vivem; e no seio (1) (2)
Onde Antenor já muros levantou,
A soberba Veneza está no meio
Das águas, que tão baixa começou.
Da terra um braço vem ao mar, que, cheio (3)
De esforço, nações várias sujeitou
Braço forte, de gente sublimada
Não menos nos engenhos que na espada. (4)

15 Em torno o cerca o Reino Netunino, (1)
Co'os muros naturais por outra parte; (2)
Pelo meio o divide o Apenino, (3)
Que tão ilustre fez o pátrio Marte;
Mas, despois que o Porteiro tem divino, (4)
Perdendo o esforço veio e bélica arte;
Pobre está já de antiga potestade:
Tanto Deus se contenta de humildade! (5)

16 Gália ali se verá, que nomeada (1)
Co'os Cesáreos triunfos foi no mundo, (2)
Que do Séquana e Ródano é regada (3)
E do Garuna frio e Reno fundo.
Logo os montes da Ninfa sepultada, (4)
Pirene, se alevantam, que, segundo
Antiguidades contam, quando arderam,
Rios de ouro e de prata então correram.

17 Eis aqui se descobre a nobre Espanha, (1)
Como cabeça ali de Europa toda,
Em cujo senhorio e glória estranha
Muitas voltas tem dado a fatal roda; (2)
Mas nunca poderá, com força ou manha,
A Fortuna inquieta pôr-lhe noda (3)
Que lha não tire o esforço e ousadia
Dos belicosos peitos que em si cria. (4)

18 Com Tingitânia entesta; e ali parece (1)
Que quer fechar o Mar Mediterrano
Onde o sabido Estreito se enobrece (2)
Co'o extremo trabalho do Tebano.
Com nações diferentes se engrandece,
Cercadas com as ondas do Oceano;
Todas de tal nobreza e tal valor
Que qualquer delas cuida que é melhor. (3)

19 Tem o Tarragonês, que se fez claro (1)
Sujeitando Parténope inquieta;
O Navarro, as Astúrias, que reparo
Já foram contra a gente Mahometa; (2)
Tem o Galego cauto e o grande e raro
Castelhano, a quem fez o seu Planeta (3)
Restituidor de Espanha e senhor dela;
Bétis, Lião, Granada, com Castela. (4)

20 Eis aqui, quase cume da cabeça (1)
De Europa toda, o Reino Lusitano,
Onde a terra se acaba e o mar começa
E onde Febo repousa no Oceano. (2)
Este quis o céu justo que floreça
Nas armas contra o torpe Mauritano,
Deitando-o de si fora; e lá na ardente
África estar quieto o não consente.



21 Esta é a ditosa pátria minha amada,
À qual se o céu me dá que eu sem perigo (1)
Torne, com esta empresa já acabada,
Acabe-se esta luz ali comigo.
Esta foi Lusitânia, derivada
De Luso ou Lisa, que de Baco antigo (2)
Filhos foram, parece, ou companheiros, (3)
E nela então os íncolas primeiros. (4)

22 Desta o pastor nasceu que no seu nome (1)
Se vê que de homem forte os feitos teve;
Cuja fama ninguém virá que dome,
Pois a grande de Roma não se atreve. (2)
Esta, o velho que os filhos próprios come, (3)
Por decreto do céu, ligeiro e leve,
Veio a fazer no mundo tanta parte,
Criando-a reino ilustre; e foi desta arte:

23 Um rei, por nome Afonso, foi na Espanha, (1)
Que fez aos Sarracenos tanta guerra,
Que, por armas sanguinas, força e manha, (2)
A muitos fez perder a vida e a terra.
Voando deste rei a fama estranha
Do herculano Calpe à Cáspia Serra, (3)
Muitos, para na guerra esclarecer-se,
Vinham a ele e à morte oferecer-se.

24 E com um amor intrínseco acendidos
Da Fé, mais que das honras populares,
Eram de várias terras conduzidos,
Deixando a pátria amada e próprios lares.
Despois que em feitos altos e subidos
Se mostraram nas armas singulares,
Quis o famoso Afonso que obras tais
Levassem prêmio digno e dões iguais. (1)

25 Destes Anrique (dizem que segundo (1)
Filho de um rei de Hungria experimentado), (2)
Portugal houve em sorte, que no mundo (3)
Então não era ilustre nem prezado;
E, pera mais sinal de amor profundo,
Quis o rei Castelhano que casado
Com Teresa, sua filha, o Conde fosse; (4)
E com ela das terras tomou posse.

26 Este, depois que contra os descendentes (1)
Da escrava Agar vitórias grandes teve,
Ganhando muitas terras adjacentes,
Fazendo o que a seu forte peito deve,
Em prêmio destes feitos excelentes
Deu-lhe o supremo Deus, em tempo breve,
Um filho que ilustrasse o nome ufano (2)
Do belicoso Reino. Lusitano.

27 Já tinha vindo Anrique da conquista
Da cidade Hierosólima sagrada, (1)
E do Jordão a areia tinha vista, (2)
Que viu de Deus a carne em si lavada
(Que, não tendo Gotfredo a quem resista, (3)
Despois de ter Judéia sojugada,
Muitos que nestas guerras o ajudaram
Pera seus senhorios se tornaram),

28 Quando, chegado ao fim de sua idade,
O forte e famoso Húngaro estremado, (1)
Forçado da fatal necessidade,
O sprito deu a Quem lho tinha dado.
Ficava o filho em tenra mocidade, (2)
Em quem o pai deixava seu traslado,
Que do mundo os mais fortes igualava,
Que de tal pai tal filho se esperava.

29 Mas o velho rumor, não sei se errado, (1)
Que em tanta antiguidade não há certeza,
Conta que a mãe, tomando todo o estado,
Do segundo himeneu não se despreza.
O filho órfão deixava deserdado,
Dizendo que nas terras a grandeza
Do senhorio toda só sua era,
Porque, para casar, seu pai lhas dera.

30 Mas o Príncipe Afonso (que desta arte (1)
Se chamava, do avô tomando o nome),
Vendo-se em suas terras não ter parte,
Que a mãe com seu marido as manda e come, (2)
Fervendo-lhe no peito o duro Marte,
Imagina consigo como as tome:
Revolvidas as causas no conceito, (3)
Ao propósito firme segue o efeito.

31 De Guimarães o campo se tingia
Co'o sangue próprio da intestina guerra,
Onde a mãe, que tão pouco o parecia,
A seu filho negava o amor e a terra.
Com ele posta em campo já se via,
E não vê a soberba o muito que erra
Contra Deus, contra o maternal amor;
Mas nela o sensual era maior.

32 Ó Progne crua, ó mágica Medéia, (1)
Se em vossos próprios filhos vos vingais
Da maldade dos pais, da culpa alheia,
Olhai que inda Teresa peca mais!
Incontinência má, cobiça feia
São as causas deste erro principais:
Cila, por uma, mata o velho pai; (2)
Esta, por ambas, contra o filho vai.

33 Mas já o Príncipe claro o vencimento
Do padrasto e da inica mãe levava; (1)
Já lhe obedece a terra, num momento,
Que primeiro contra ele pelejava;
Porém, vencido de ira o entendimento,
A mãe em ferros ásperos atava; (2)
Mas de Deus foi vingada em tempo breve: (3)
Tanta veneração aos pais se deve!

34 Eis se ajunta o soberbo castelhano (1)
Para vingar a injúria de Teresa,
Contra o tão raro em gente Lusitano, (2)
A quem nenhum trabalho agrava ou pesa.
Em batalha cruel, o peito humano,
Ajudado da angélica defesa, (3)
Não só contra tal fúria se sustenta,
Mas o inimigo aspérrimo afugenta.

35 Não passa muito tempo, quando o forte (1)
Príncipe em Guimarães está cercado
De infinito poder, que desta sorte
Foi refazer-se o inimigo magoado;
Mas, com se oferecer à dura morte
O fiel Egas amo, foi livrado; (2)
Que, de outra arte, pudera ser perdido,
Segundo estava mal apercebido.

36 Mas o leal vassalo, conhecendo (1)
Que seu senhor não tinha resistência,
Se vai ao castelhano, prometendo
Que ele faria dar-lhe obediência.
Levanta o inimigo o cerco horrendo,
Fiado na promessa e consciência
De Egas Moniz; mas não consente o peito
Do moço ilustre a outrem ser sujeito.

37 Chegado tinha o prazo prometido,
Em que o rei castelhano já aguardava
Que o Príncipe, a seu mando sometido,
Lhe desse a obediência que esperava.
Vendo Egas que ficava fementido, (1)
O que dele Castela não cuidava,
Determina de dar a doce vida
A troco da palavra mal cumprida.

38 E com seus filhos e mulher se parte
A alevantar co'eles a fiança,
Descalços e despidos, de tal arte (1)
Que mais move a piedade que a vingança. (2)
"Se pretendes, rei alto, de vingar-te
De minha temerária confiança",
Dizia, "eis aqui venho oferecido
A te pagar co'a vida o prometido.

39 Vês aqui trago as vidas inocentes
Dos filhos sem pecado e da consorte; (1)
Se a peitos generosos e excelentes
Dos fracos satisfaz a fera morte,
Vês aqui as mãos e a língua delinqüentes: (2)
Nelas sós exprimenta toda sorte
De tormentos, de mortes, pelo estilo (3)
De Sinis e do touro de Perilo." (4)

40 Qual diante do algoz o condenado,
Que já na vida a morte tem bebido,
Põe no cepo a garganta e, já entregado,
Espera pelo golpe tão temido:
Tal diante do Príncipe indinado
Egas estava, a tudo oferecido.
Mas o rei vendo a estranha lealdade, (1)
Mais pôde, enfim, que a ira a piedade.

41 Ó grão fidelidade Portuguesa (1)
De vassalo, que a tanto se obrigava!
Que mais o persa fez naquela empresa (2)
Onde rosto e narizes se cortava? (3)
Do que ao grande Dario tanto pesa, (4)
Que, mil vezes dizendo, suspirava
Que mais o seu Zopiro são prezara (5)
Que vinte Babilónias que tomara.

42 Mas já o Príncipe Afonso aparelhava
O lusitano exército ditoso,
Contra o mouro que as terras habitava
De além do claro Tejo deleitoso;
Já no campo de Ourique se assentava
O arraial soberbo e belicoso,
Defronte do inimigo sarraceno,
Pôsto que em força e gente tão pequeno;

43 Em nenhuma outra cousa confiado,
Senão no sumo Deus que o céu regia,
Que tão pouco era o povo batizado,
Que, pera um só, cem mouros haveria. (1)
Julga qualquer juízo sossegado
Por mais temeridade que ousadia
Cometer um tamanho ajuntamento,
Que pera um cavaleiro houvesse cento.

44 Cinco reis mouros são os inimigos,
Dos quais o principal Ismar se chama; (1)
Todos exprimentados nos perigos
Da guerra, onde se alcança a ilustre fama.
Seguem guerreiras damas seus amigos, (2)
Imitando a fermosa e forte dama (3)
De quem tanto os troianos se ajudaram,
E as que o Termodonte já gostaram. (4)

45 A matutina luz, serena e fria,
As estrelas do polo já apartava,
Quando na cruz o Filho de Maria, (1)
Amostrando-se a Afonso, o animava.
Ele, adorando Quem lhe aparecia,
Na fé todo inflamado assi gritava:
Aos infiéis, Senhor, aos infiéis,
E não a mi, que creio o que podeis!

46 Com tal milagre os ânimos da gente
Portuguesa inflamados, levantavam
Por seu rei natural este excelente
Príncipe, que do peito tanto amavam;
E diante do exército potente
Dos imigos, gritando, o céu tocavam,
Dizendo em alta voz: "Real, real, (1)
Por Afonso, alto rei de Portugal!"

47 Qual co'os gritos e vozes incitado,
Pela montanha, o rábido moloso (1)
Contra o touro remete, que fiado
Na força está do corno temeroso;
Ora pega na orelha, ora no lado,
Latindo mais ligeiro que forçoso,
Até que enfim, rompendo-lhe a garganta,
Do bravo a força horrenda se quebranta:

48 Tal do rei novo o estâmago acendido (1)
Por Deus e polo povo juntamente,
O bárbaro comete, apercebido
Co'o animoso exército rompente.
Levantam nisto os perros o alarido (2)
Dos gritos; tocam a arma, ferve a gente, (3)
As lanças e arcos tomam, tubas soam,
Instrumentos de guerra tudo atroam!

49 Bem como quando a flama que ateada
Foi nos áridos campos (assoprando
O sibilante Bóreas), animada
Co'o vento, o seco mato vai queimando;
A pastoral companha, que deitada (1)
Co'o doce sono estava, despertando
Ao estridor do fogo que se ateia,
Recolhe o fato e foge para a aldeia: (2)

50 Desta arte o mouro, atônito e torvado,
Toma sem tento as armas mui depressa;
Não foge, mas espera confiado,
E o ginete belígero arremessa. (1)
O português o encontra denodado,
Pelos peitos as lanças lhe atravessa;
Uns caem meios mortos e outros vão (2)
A ajuda convocando do Alcorão.

51 Ali se vem encontros temerosos,
Para se desfazer uma alta serra,
E os animais correndo furiosos (1)
Que Netuno amostrou, ferindo a terra.
Golpes se dão medonhos e forçosos;
Por toda a parte andava acesa a guerra;
Mas o de Luso arnês, couraça e malha,
Rompe, corta, desfaz, abola e talha. (2)

52 Cabeças pelo campo vão saltando,
Braços, pernas, sem dono e sem sentido,
E doutros as entranhas palpitando,
Pálida a cor, o gesto amortecido.
Já perde o campo o exército nefando;
Correm rios do sangue desparzido, (1)
Com que também do campo a cor se perde
Tornado carmesi de branco e verde.



53 Já fica vencedor o lusitano,
Recolhendo os troféus e presa rica;
Desbaratado e roto o mauro hispano,
Três dias o grão rei no campo fica. (1)
Aqui pinta no branco escudo ufano,
Que agora esta vitória certifica,
Cinco escudos azuis esclarecidos, (2)
Em sinal destes cinco reis vencidos.

54 E nestes cinco escudos pinta os trinta (1)
Dinheiros por que Deus fora vendido,
Escrevendo a memória, em vária tinta,
Daquele de Quem foi favorecido.
Em cada um dos cinco, cinco pinta, (2)
Porque assi fica o número cumprido, (3)
Contando duas vezes o do meio,
Dos cinco azuis que em cruz pintando veio.

55 Passado já algum tempo que passada
Era esta grão vitória, o rei subido
A tomar vai Leiria, que tomada
Fora, mui pouco havia, do vencido.
Com esta a forte Arronches sojugada
Foi juntamente; e o sempre ennobrecido
Scabelicastro, cujo campo ameno (1)
Tu, claro Tejo, regas tão sereno.

56 A estas nobres vilas sometidas
Ajunta também Mafra, em pouco espaço,
E, nas serras da Lũa conhecidas, (1)
Sojuga a fria Sintra o duro braço; (2)
Sintra, onde as Naiades, escondidas (3)
Nas fontes, vão fugindo ao doce laço
Onde Amor as enreda brandamente,
Nas águas acendendo fogo ardente.

57 E tu, nobre Lisboa, que no mundo (1)
Facilmente das outras és princesa,
Que edificada foste do facundo (2)
Por cujo engano foi Dardânia acesa; (3)
Tu, a quem obedece o mar profundo,
Obedeceste à força portuguesa,
Ajudada também da forte armada
Que das boreais partes foi mandada.

58 Lá do germânico Álbis e do Reno (1)
E da fria Bretanha conduzidos,
A destruir o povo sarraceno
Muitos com tenção santa eram partidos.
Entrando a boca já do Tejo ameno,
Co'o arraial do grande Afonso unidos,
Cuja alta fama então subia aos céus,
Foi posto cerco aos muros ulisseus.

59 Cinco vezes a Lũa se escondera
E outras tantas mostrara cheio o rosto, (1)
Quando a cidade entrada se rendera
Ao duro cerco que lhe estava posto.
Foi a batalha tão sanguina e fera
Quanto obrigava o firme pressuposto (2)
De vencedores ásperos e ousados
E de vencidos já desesperados.

60 Desta arte, enfim, tomada se rendeu
Aquela que, nos tempos já passados,
À grande força nunca obedeceu
Dos frios povos cíticos ousados, (1)
Cujo poder a tanto se estendeu
Que o Ibero o viu e o Tejo amedrontados; (2)
E, enfim, co'o Bétis tanto alguns puderam (3)
Que à terra de Vandália nome deram.

61 ¿Que cidade tão forte porventura
Haverá que resista, se Lisboa
Não pôde resistir à força dura
Da gente cuja fama tanto voa?
Já lhe obedece toda a Estremadura, (1)
Óbidos, Alanquer (por onde soa (2)
O tom das frescas águas entre as pedras,
Que murmurando lava) e Torres Vedras.

62 E vós também, ó terras transtaganas, (1)
Afamadas co'o dom da flava Ceres, (2)
Obedeceis às forças mais que humanas,
Entregando-lhe os muros e os poderes;
E tu, lavrador mouro, que te enganas,
Se sustentar a fértil terra queres;
Que Elvas e Moura e Serpa, conhecidas,
E Alcácere do Sal estão rendidas.

63 Eis a nobre cidade, certo assento (1)
Do rebelde Sertório antigamente, (2)
Onde ora as águas nítidas de argento
Vem sustentar de longe a terra e a gente,
Pelos arcos reais, que, cento e cento, (3)
Nos ares se alevantam nobremente,
Obedeceu por meio e ousadia
De Giraldo, que medos não temia. (4)

64 Já na cidade Beja vai tomar (1) (2)
Vingança de Trancoso destruída
Afonso, que não sabe sossegar
Por estender co'a fama a curta vida.
Não se lhe pode muito sustentar
A cidade; mas, sendo já rendida,
Em toda a cousa viva a gente irada
Provando os fios vai da dura espada.

65 Com estas sojugada foi Palmela
E a piscosa Cezimbra e, juntamente, (1)
Sendo ajudado mais de sua estrela,
Desbarata um exército potente:
(Sentiu-o a vila e viu-o a serra dela), (2)
Que a socorrê-la vinha diligente
Pela fralda da serra, descuidado
Do temeroso encontro inopinado.

66 O Rei de Badajoz era alto Mouro (1)
Com quatro mil cavalos furiosos
Inúmeros peões, de armas e de ouro (2)
Guarnecidos, guerreiros e lustrosos.
Mas, qual no mês de Maio o bravo touro,
Co'os ciúmes da vaca, arreceosos,
Sentindo gente, o bruto e cego amante,
Salteia o descuidado caminhante:

67 Desta arte Afonso, súbito mostrado,
Na gente dá, que passa bem segura; (1)
Fere, mata, derriba denodado; (2)
Foge o rei mouro e só da vida cura.
Dum pânico terror todo assombrado, (3)
Só de segui-lo o exército procura;
Sendo estes que fizeram tanto abalo
No'mais que só sessenta de cavalo. (4)

68 Logo segue a vitória, sem tardança,
O grão rei incansábil, ajuntando
Gentes de todo o reino, cuja usança
Era andar sempre terras conquistando.
Cercar vai Badajoz e logo alcança
O fim de seu desejo, pelejando
Com tanto esforço e arte e valentia,
Que a fez fazer às outras companhia. (1)

69 Mas o alto Deus, que para longe guarda
O castigo daquele que o merece,
Ou pera que se emende, às vezes tarda,
Ou por segredos que homem não conhece,
Se até'qui sempre o forte rei resguarda
Dos perigos a que ele se oferece,
Agora lhe não deixa ter defesa
Da maldição da mãe que estava presa: (1)

70 Que, estando na cidade que cercara, (1)
Cercado nela foi dos lioneses,
Porque a conquista dela lhe tomara,
De Lião sendo e não dos portugueses.
A pertinácia aqui lhe custa cara,
Assi como acontece muitas vezes,
Que em ferros quebra as pernas, indo aceso (2)
À batalha, onde foi vencido e preso.

71 O famoso Pompeio, não te pene (1)
De teus feitos ilustres a ruína,
Nem ver que a justa Némesis ordene (2)
Ter seu sogro de ti vitória dina,
Posto que o frio Fásis ou Siene, (3) (4)
Que para nenhum cabo a sombra inclina
O Bootes gelado e a Linha ardente (5)
Temessem o teu nome geralmente;

72 Posto que a rica Arábia e que os feroces (1)
Heníocos e Colcos, cuja fama (2)
O véu dourado estende, e os Capadoces
E Judeia, que um Deus adora e ama,
E que os moles Sofenos e os atroces
Cilícios, com a Arménia, que derrama
As águas dos dois rios cuja fonte
Está noutro mais alto e santo monte,

73 E posto, enfim, que desde o mar de Atlante (1)
Até o Cítico Tauro, monte erguido, (2)
Já vencedor te vissem, não te espante
Se o campo Emátio só te viu vencido; (3)
Porque Afonso verás, soberbo e ovante,
Tudo render e ser despois rendido.
Assi o quis o Conselho alto, celeste,
Que vença o sogro a ti e o genro a este. (4)

74 Tornado o rei sublime, finalmente,
Do divino juízo castigado,
Depois que em Santarém soberbamente,
Em vão, dos sarracenos foi cercado,
E despois que do mártire Vicente (1)
O santíssimo corpo venerado
Do Sacro Promontório conhecido
À cidade Ulisseia foi trazido;

75 Por que levasse àvante seu desejo,
Ao forte filho manda, o lasso velho, (1)
Que às terras se passasse de Alentejo,
Com gente e co'o belígero aparelho.
Sancho, de esforço e de ânimo sobejo,
Àvante passa e faz correr vermelho
O rio que Sevilha vai regando, (2)
Co'o sangue mouro, bárbaro e nefando.

76 E, com esta vitória cobiçoso,
Já não descansa o moço até que veja (1)
Outro estrago como este, temeroso,
No bárbaro que tem cercado Beja.
Não tarda muito o príncipe ditoso
Sem ver o fim daquilo que deseja.
Assi estragado, o mouro na vingança
De tantas perdas põe sua esperança.

77 Já se ajuntam do monte a quem Medusa (1)
O corpo fez perder que teve o Céu;
Já vem do promontório de Ampelusa (2)
E do Tinge, que assento foi de Anteu. (3)
O morador de Abila não se escusa, (4)
Que também com suas armas se moveu,
Ao som da Mauritana e ronca tuba, (5)
Todo o reino que foi do nobre Juba. (6)

78 Entrava, com toda esta companhia,
O Miralmumini em Portugal; (1)
Treze reis mouros leva de valia,
Entre os quais tem o cetro imperial.
E assi, fazendo quanto mal podia,
O que em partes podia fazer mal,
Dom Sancho vai cercar em Santarém;
Porém não lhe sucede muito bem.

79 Dá-lhes combates ásperos, fazendo
Ardis de guerra mil, o Mouro iroso;
Não lhe aproveita já trabuco horrendo, (1)
Mina secreta, aríete forçoso; (2)
Porque o filho de Afonso, não perdendo
Nada do esforço e acordo generoso, (3)
Tudo provê com ânimo e prudência,
Que em toda a parte há esforço e resistência.

80 Mas o velho, a quem tinham já obrigado
Os trabalhosos anos ao sossego,
Estando na cidade cujo prado
Enverdecem as águas do Mondego, (1)
Sabendo como o filho está cercado,
Em Santarém, do mauro povo cego,
Se parte diligente da cidade;
Que não perde a presteza co'a idade.

81 E co'a famosa gente, à guerra usada,
Vai socorrer o filho; e assi ajuntados,
A portuguesa fúria costumada
Em breve os mouros tem desbaratados.
A campina, que toda está coalhada
De marlotas, capuzes variados, (1)
De cavalos, jaezes, presa rica, (2)
De seus senhores mortos cheia fica.

82 Logo todo o restante se partiu
De Lusitânia, postos em fugida;
O Miralmumini só não fugiu,
Porque, antes de fugir, lhe foge a vida.
A Quem lhe esta vitória permitiu
Dão louvores e graças sem medida,
Que, em casos tão estranhos, claramente
Mais peleja o favor de Deus que a gente.

83 De tamanhas vitórias triunfava
O velho Afonso, Príncipe subido,
Quando quem tudo enfim vencendo andava
Da larga e muita idade foi vencido.
A pálida doença lhe tocava,
Com fria mão, o corpo enfraquecido;
E pagaram seus anos, deste jeito, (1)
À triste Libitina seu direito

84 Os altos promontórios o choraram,
E dos rios as águas saüdosas (1)
Os semeados campos alagaram,
Com lágrimas correndo piadosas.
Mas tanto pelo mundo se alargaram,
Com fama, suas obras valerosas,
Que sempre no seu reino chamarão:
"Afonso, Afonso", os ecos; mas em vão.



85 Sancho, forte mancebo, que ficara (1)
Imitando seu pai na valentia,
E que em sua vida já se exprimentara
Quando o Bétis de sangue se tingia (2)
E o bárbaro poder desbaratara
Do Ismaelita rei de Andaluzia,
E mais quando os que Beja em vão cercaram,
Os golpes de seu braço em si provaram,

86 Despois que foi por rei alevantado, (1)
Havendo poucos anos que reinava,
A cidade de Silves tem cercado,
Cujos campos o bárbaro lavrava, (2)
Foi das valentes gentes ajudado
Da germânica armada que passava, (3)
De armas fortes e gente apercebida,
A recobrar Judeia já perdida.

87 Passavam a ajudar na santa empresa
O roxo Federico, que moveu (1)
O poderoso exército, em defesa
Da cidade onde Cristo padeceu,
Quando Guido, co'a gente em sede acesa, (2)
Ao grande Saladino se rendeu,
No lugar onde aos mouros sobejavam
As águas que os de Guido desejavam.

88 Mas a formosa armada, que viera
Por contraste de vento àquela parte,
Sancho quis ajudar na guerra fera,
Já que em serviço vai do santo Marte.
Assi como a seu pai acontecera
Quando tomou Lisboa, da mesma arte
Do germano ajudado, Silves toma
E o bravo morador destrui e doma.

89 E se tantos troféus do Mahometa (1)
Alevantando vai, também do forte
Lionês não consente estar quieta
A terra, usada aos casos de Mavorte,
Até que na cerviz seu jugo meta
Da soberba Tuí, que a mesma sorte (2)
Viu ter a muitas vilas suas vizinhas,
Que, por armas, tu, Sancho, humildes tinhas.

90 Mas, entre tantas palmas, salteado
Da temerosa morte, fica herdeiro
Um filho seu, de todos estimado,
Que foi segundo Afonso e rei terceiro.
No tempo deste, aos mauros foi tomado
Alcácere do Sal, por derradeiro;
Porque dantes os mouros o tomaram,
Mas agora estruídos o pagaram. (1)

91 Morto despois Afonso, lhe sucede
Sancho segundo, manso e descuidado,
Que tanto em seus descuidos se desmede
Que de outrem, quem mandava, era mandado. (1)
De governar o Reino, que outro pede,
Por causa dos privados foi privado,
Porque, como por eles se regia,
Em todos os seus vícios consentia.

92 Não era Sancho, não, tão desonesto
Como Nero, que um moço recebia
Por mulher e, despois, horrendo incesto
Com a mãe Agripina cometia;
Nem tão cruel às gentes e molesto
Que a cidade queimasse onde vivia; (1)
Nem tão mau como foi Heliogabalo, (2)
Nem como o mole Rei Sardanapalo. (3)

93 Nem era o povo seu tiranizado,
Como Sicília foi de seus tiranos;
Nem tinha, como Fálaris, achado (1)
Gênero de tormentos inumanos;
Mas o Reino, de altivo e costumado
A senhores em tudo soberanos,
A Rei não obedece nem consente
Que não for mais que todos excelente.

94 Por esta causa, o Reino governou
O Conde Bolonhês, despois alçado (1)
Por Rei, quando da vida se apartou
Seu irmão Sancho, sempre ao ócio dado.
Este, que Afonso, o Bravo, se chamou,
Despois de ter o Reino segurado,
Em dilatá-lo cuida, que em terreno (2)
Não cabe o altivo peito, tão pequeno.

95 Da terra dos Algarves, que lhe fora (1)
Em casamento dada, grande parte
Recupera co'o braço, e deita fora
O mouro, mal querido já de Marte.
Este, de todo, fez livre e senhora
Lusitânia, com força e bélica arte;
E acabou de oprimir a nação forte,
Na terra que aos de Luso coube em sorte.

96 Eis despois vem Dinis, que bem aparece (1)
Do bravo Afonso estirpe nobre e dina,
Com quem a fama grande se escurece
Da liberalidade alexandrina. (2)
Com este o Reino próspero florece
(Alcançada já a paz áurea divina)
Em constituições, leis e costumes,
Na terra já tranqüila claros lumes.

97 Fez primeiro em Coimbra exercitar-se (1)
O valeroso ofício de Minerva;
E de Helicona as Musas fez passar-se (2)
A pisar de Mondego a fértil erva.
Quando pode de Atenas desejar-se
Tudo o soberbo Apolo aqui reserva.
Aqui as capelas dá tecidas de ouro, (3)
Do bácaro e do sempre verde louro. (4)

98 Nobres vilas de novo edificou,
Fortalezas, castelos mui seguros,
E quase o Reino todo reformou
Com edifícios grandes e altos muros;
Mas despois que a dura Átropos cortou (1)
O fio de seus dias já maduros,
Ficou-lhe o filho, pouco obediente, (2)
Quarto Afonso, mas forte e excelente.

99 Este sempre as soberbas castelhanas (1)
Co'o peito desprezou firme e sereno,
Porque não é das forças lusitanas
Temer poder maior, por mais pequeno; (2)
Mas porém, quando as gentes mauritanas, (3)
A possuir o hespérico terreno, (4)
Entraram pelas terras de Castela,
Foi o soberbo Afonso a socorrê-la.

100 Nunca com Semiramis gente tanta (1)
Veio os campos idáspicos enchendo, (2)
Nem Átila, que Itália toda espanta, (3)
Chamando-se de Deus açoute horrendo,
Gótica gente trouxe tanta, quanta (4)
Do sarraceno bárbaro, estupendo,
Co'o poder excessivo de Granada,
Foi nos campos tartéssios ajuntada. (5)

101 E, vendo o Rei sublime castelhano
A força inexpugnábil, grande e forte,
Temendo mais o fim do povo hispano
(Já perdido uma vez) que a própria morte,
Pedindo ajuda ao forte lusitano
Lhe mandava a caríssima consorte, (1)
Mulher de quem a manda e filha amada
Daquele a cujo Reino foi mandada.

102 Entrava a fermosíssima Maria
Pelos paternais paços sublimados,
Lindo o gesto, mas fora de alegria,
E seus olhos em lágrimas banhados.
Os cabelos angélicos trazia
Pelos ebúrneos ombros espalhados. (1)
Diante do pai ledo, que a agasalha,
Estas palavras tais, chorando, espalha:

103 "Quantos povos a terra produziu
De África toda, gente fera e estranha,
O grão Rei de Marrocos conduziu (1)
Para vir possuir a nobre Espanha:
Poder tamanho junto não se viu,
Despois que o salso mar a terra banha.
Trazem ferocidade e furor tanto
Que a vivos medo e a mortos faz espanto! (2)

104 Aquele que me deste por marido,
Por defender sua terra amedrontada,
Co'o pequeno poder, oferecido
Ao duro golpe está da maura espada.
E, se não for contigo socorrido, (1)
Ver-me hás dele e do Reino ser privada;
Viúva e triste e posta em vida escura,
Sem marido, sem Reino e sem ventura.

105 Portanto, ó Rei, de quem com puro medo
O corrente Muluca se congela, (1)
Rompe toda a tardança, acude cedo (2)
À miseranda gente de Castela.
Se esse gesto, que mostras claro e ledo,
De pai o verdadeiro amor assela,
Acude e corre, pai, que, se não corres,
Pode ser que não aches quem socorres." (3)

106 Não de outra sorte a tímida Maria
Falando está que a triste Vênus, quando
A Júpiter, seu pai, favor pedia
Para Enéias, seu filho, navegando; (1)
Que a tanta piedade o comovia
Que, caído das mãos o raio infando,
Tudo o clemente Padre lhe concede,
Pesando-lhe do pouco que lhe pede.

107 Mas já co'os esquadrões da gente armada
Os eborenses campos vão coalhados; (1)
Lustra co'o Sol o arnês, a lança, a espada;
Vão rinchando os cavalos jaezados.
A canora trombeta embandeirada
Os corações, à paz acostumados,
Vai às fulgentes armas incitando,
Pelas concavidades retumbando.

108 Entre todos no meio se sublima, (1)
Das insígnias reais acompanhado,
O valeroso Afonso, que por cima
De todos leva o colo alevantado,
E somente co'o gesto esforça e anima
A qualquer coração amedrontado.
Assi entra nas terras de Castela
Com a filha gentil, Rainha dela.

109 Junto os dois Afonsos, finalmente
Nos campos de Tarifa estão defronte (1)
Da grande multidão da cega gente,
Para quem são pequenos campo e monte.
Não há peito tão alto e tão potente
Que de desconfiança não se afronte,
Enquanto não conheça e claro veja
Que co'o braço dos seus Cristo peleja. (2)

110 Estão de Agar os netos quase rindo (1)
Do poder dos Cristãos, fraco e pequeno,
As terras como suas repartindo,
Antemão, entre o exército Agareno, (2)
Que, com título falso, possuindo
Está o famoso nome sarraceno.
Assi também, com falsa conta e nua, (3)
À nobre terra alheia chamam sua.

111 Qual o membrudo e bárbaro Gigante, (1)
Do Rei Saúl, com causa, tão temido,
Vendo o pastor inerme estar diante, (2)
Só de pedras e esforço apercebido,
Com palavras soberbas, o arrogante,
Despreza o fraco moço mal vestido,
Que, rodeando a funda, o desengana (3)
Quanto mais pode a Fé que a força humana.

112 Desta arte o mouro pérfido despreza
O poder dos cristãos, e não entende
Que está ajudado da alta Fortaleza (1)
A quem o Inferno horrífico se rende. (2)
Com ela o castelhano, e com destreza,
De Marrocos o Rei comete e ofende; (3)
O Português, que tudo estima em nada,
Se faz temer ao Reino de Granada.

113 Eis as lanças e espadas retiniam (1)
Por cima dos arneses (bravo estrago);
Chamam, segundo as leis que ali seguiam, (2)
Uns Mafamede e os outros Santiago. (3)
Os feridos com grita o céu feriam,
Fazendo de seu sangue bruto lago, (4)
Onde outros, meios mortos, se afogavam, (5)
Quando do ferro as vidas escapavam.

114 Com esforço tamanho estrui e mata
O Luso ao Granadil, que, em pouco espaço,
Totalmente o poder lhe desbarata,
Sem lhe valer defesa ou peito de aço. (1)
De alcançar tal vitória tão barata
Inda não bem contente o forte braço,
Vai ajudar ao bravo Castelhano,
Que pelejando está co'o Mauritano.

115 Já se ia o Sol ardente recolhendo
Para a casa de Tétis, e inclinado (1)
Para o Ponente, o Véspero trazendo, (2)
Estava o claro dia memorado,
Quando o poder do Mauro, grande e horrendo
Foi pelos fortes Reis desbaratado,
Com tanta mortindade que a memória (3)
Nunca no mundo viu tão grão vitória.

116 Não matou a quarta parte o forte Mário (1)
Dos que morreram neste vencimento,
Quando as águas co'o sangue do adversário (2)
Fez beber ao exército sedento;
Nem o Peno, asperíssimo contrário (3)
Do Romano poder, de nascimento,
Quando tantos matou da ilustre Roma,
Que alqueires três de anéis dos mortos tomou.



117 E se tu tantas almas só pudeste (1)
Mandar ao reino escuro de Cocito, (2)
Quando a santa Cidade desfizeste (3)
Do povo pertinaz no antigo rito,
Permissão e vingança foi celeste
E não força de braço, ó nobre Tito, (4)
Que assi dos Vates foi profetizado (5)
E despois por JESU certificado. (6)

118 Passada esta tão próspera vitória, (1)
Tornado Afonso à lusitana terra,
A se lograr da paz com tanta glória (2)
Quanta soube ganhar na dura guerra,
O caso triste e dino da memória (3) (4)
Que do sepulcro os homens desenterra,
Aconteceu da mísera e mesquinha (5)
Que despois de ser morta foi rainha. (6)

119 Tu só, tu, puro amor, com força crua, (1)
Que os corações humanos tanto obriga,
Deste causa à molesta morte sua,
Como se fora pérfida inimiga.
Se dizem, fero Amor, que a sede tua (2)
Nem com lágrimas tristes se mitiga, (3)
É porque queres, áspero e tirano,
Tuas aras banhar em sangue humano.

120 Estavas, linda Inês, posta em sossego, (1)
De teus anos colhendo doce fruito, (2)
Naquele engano da alma ledo e cego, (3)
Que a Fortuna não deixa durar muito, (4)
Nos saüdosos campos do Mondego,
De teus fermosos olhos nunca enxuito, (5)
Aos montes ensinando e às ervinhas
O nome que no peito escrito tinhas.

121 Do teu Príncipe ali te respondiam
As lembranças que na alma lhe moravam, (1)
Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus fermosos se apartavam;
De noite, em doces sonhos que mentiam,
De dia, em pensamentos que voavam;
E quanto, enfim, cuidava e quanto via,
Eram tudo memórias de alegria. (2)

122 De outras belas senhoras e princesas
Os desejados tálamos enjeita, (1)
Que tudo, enfim, tu, puro amor, desprezas
Quando um gesto suave te sujeita.
Vendo estas namoradas estranhezas
O velho pai sesudo, que respeita (2)
O murmurar do povo e a fantasia (3)
Do filho, que casar-se não queria,

123 Tirar Inês ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho que tem preso,
Crendo co'o sangue só da morte indina
Matar do firme amor o fogo aceso.
Que furor consentiu que a espada fina (1)
Que pôde sustentar o grande peso
Do furor mauro, fosse alevantada
Contra uma fraca dama delicada? (2)

124 Traziam-na os horríficos algozes (1)
Ante o Rei, já movido a piedade: (2)
Mas o povo, com falsas e ferozes (3)
Razões, à morte crua o persuade.
Ela, com tristes e piedosas vozes,
Saídas só da mágoa e saüdade (4)
Do seu Príncipe e filhos, que deixava,
Que mais que a própria morte a magoava,

125 Pera o céu cristalino alevantando
Com lágrimas, os olhos piedosos,
(Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
Um dos duros ministros rigorosos), (1)
E despois nos meninos atentando, (2)
Que tão queridos tinha e tão mimosos,
Cuja orfindade como mãe temia, (3)
Para o avô cruel assi dizia:

126 "Se já nas brutas feras, cuja mente (1)
Natura fez cruel de nascimento, (2)
E nas aves agrestes, que somente
Nas rapinas aéreas tem o intento,
Com pequenas crianças viu a gente (3)
Terem tão piedoso sentimento,
Como co'a a mãe de Nino já mostraram (4)
E co'os irmãos que Roma edificaram: (5)

127 Ó tu, que tens de humano o gesto e o peito (1)
(Se de humano é matar uma donzela (2)
Fraca e sem força, só por ter sujeito (3)
O coração a quem soube vencê-la),
A estas criancinhas tem respeito,
Pois o não tens à morte escura dela;
Mova-te a piedade sua e minha,
Pois te não move a culpa que não tinha.

128 E se, vencendo a maura resistência,
A morte sabes dar com fogo e ferro, (1)
Sabe também dar vida, com clemência,
A quem para perdê-la não fez erro.
Mas, se to assim merece esta inocência, (2)
Põe-me em perpétuo e mísero desterro,
Na Cítia fria ou lá na Líbia ardente, (3)
Onde em lágrimas viva eternamente.

129 Põe-me onde se use toda a feridade,
Entre leões e tigres, e verei
Se neles achar posso a piedade
Que entre peitos humanos não achei.
Ali, co'o amor intrínseco e vontade
Naquele por quem mouro, criarei (1)
Estas relíquias suas que aqui viste,
Que refrigério sejam da mãe triste." (2)

130 Queria perdoar-lhe o Rei benino, (1)
Movido das palavras que o magoam;
Mas o pertinaz povo e seu destino
(Que desta sorte o quis) lhe não perdoam.
Arrancam das espadas de aço fino
Os que por bom tal feito ali apregoam.
Contra uma dama, ó peitos carniceiros, (2)
Feros vos amostrais e cavaleiros?

131 Qual contra a linda moça Policena, (1)
Consolação extrema da mãe velha,
Porque a sombra de Aquiles a condena,
Co'o ferro o duro Pirro se aparelha;
Mas ela, os olhos com que o ar serena
(Bem como paciente e mansa ovelha)
Na mísera mãe postos, que endoudece,
Ao duro sacrifício se oferece:

132 Tais contra Inês os brutos matadores,
No colo de alabastro, que sustinha
As obras com que Amor matou de amores (1)
Aquele que depois a fez rainha,
As espadas banhando, e as brancas flores, (2)
Que ela dos olhos seus regadas tinha,
Se encarniçavam, férvidos e irosos,
No futuro castigo não cuidosos.

133 Bem puderas, ó Sol, da vista destes,
Teus raios apartar aquele dia,
Como da seva mesa de Tiestes, (1)
Quando os filhos por mão de Atreu comia!
Vós, ó côncavos vales, que pudestes
A voz extrema ouvir da boca fria,
O nome do seu Pedro, que lhe ouvistes,
Por muito grande espaço repetistes.

134 Assi como a bonina que cortada
Antes do tempo foi, cândida e bela,
Sendo das mãos lascivas maltratada (1)
Da menina que a trouxe na capela,
O cheiro traz perdido e a cor murchada:
Tal está, morta, a pálida donzela,
Secas do rosto as rosas e perdida
A branca e viva cor, co'a doce vida.

135 As filhas do Mondego a morte escura (1)
Longo tempo chorando memoraram,
E, por memória eterna, em fonte pura,
As lágrimas choradas transformaram.
O nome lhe puseram, que inda dura, (2)
Dos amores de Inês, que ali passaram.
Vêde que fresca fonte rega as flores,
Que lágrimas são a água e o nome amores.

136 Não correu muito tempo que a vingança
Não visse Pedro das mortais feridas,
Que, em tomando do Reino a governança,
A tomou dos fugidos homicidas. (1)
Do outro Pedro cruíssimo os alcança, (2)
Que ambos, imigos das humanas vidas,
O concerto fizeram, duro e injusto, (3)
Que com Lépido e António fez Augusto.

137 Este castigador foi rigoroso
De latrocínios, mortes e adultérios;
Fazer nos maus cruezas, fero e iroso,
Eram os seus mais certos refrigérios.
As cidades guardando, justiçoso,
De todos os soberbos vitupérios,
Mais ladrões, castigando, à morte deu, (1)
Que o vagabundo Alcides ou Teseu. (2)

138 Do justo e duro Pedro nasce o brando (1)
(Vêde da natureza o desconcerto)!
Remisso e sem cuidado algum, Fernando, (2)
Que todo o Reino pôs em muito aperto;
Que, vindo o castelhano devastando
As terras sem defesa, esteve perto
De destruir-se o Reino totalmente;
Que um fraco Rei faz fraca a forte gente.

139 Ou foi castigo claro do pecado
De tirar Leonor a seu marido (1)
E casar-se com ela, de enlevado
Num falso parecer mal entendido; (2)
Ou foi que o coração, sujeito e dado
Ao vício vil, de quem se viu rendido,
Mole se fez e fraco; e bem parece
Que um baixo amor os fortes enfraquece.

140 Do pecado tiveram sempre a pena
Muitos, que Deus o quis e permitiu: (1)
Os que foram roubar a bela Helena, (2)
E com Ápio também Tarquino o viu, (3)
Pois, por quem David Santo se condena? (4)
Ou quem o tribo ilustre destruiu (5)
De Benjamim? Bem claro no-lo ensina (6)
Por Sarra Faraó, Siquém por Dina. (7)

141 E pois, se os peitos fortes enfraquece
Um inconcesso amor desatinado, (1)
Bem no filho de Alcmena se parece (2)
Quando em Onfale andava transformado.
De Marco António a fama se escurece
Com ser tanto a Cleópatra afeiçoado. (3)
Tu também, Peno próspero, o sentisse (4)
Depois que ũa moça vil na Apúlia viste.

142 Mas quem pode livrar-se, porventura,
Dos laços que Amor arma brandamente,
Entre as rosas e a neve humana pura, (1)
O ouro e o alabastro transparente?
Quem, de uma peregrina fermosura, (2)
De um vulto de Medusa propriamente,
Que o coração converte, que tem preso,
Em pedra, não, mas em desejo aceso?

143 Quem viu um olhar seguro, um gesto brando,
Uma suave e angélica excelência,
Que em si está sempre as almas transformando,
Que tivesse contra ela resistência?
Desculpado por certo está Fernando,
Para quem tem de amor experiência;
Mas antes, tendo livre a fantasia,
Por muito mais culpado o julgaria.

**CANTO IV, E. 73**
"Ó tu, a cujos reinos e coroa
Grande parte do mundo está guardada,

# Canto Quarto

**Argumento**

Aclamado João de Pedro herdeiro,
Convoca Lianor ao Castelhano,
Opõe-se Nuno intrépido guerreiro,
Dá-se batalha, vence o Lusitano:
Quem a Aurora buscar tentou primeiro,
Pelas túmidas ondas do Oceano:
E como ao Gama coube esta alta empresa
Para afinar a glória portuguesa.

1 Despois de procelosa tempestade, (1)
Nocturna sombra e sibilante vento,
Traz a manhã serena claridade, (2)
Esperança de porto e salvamento;
Aparta o Sol a negra escuridade,
Removendo o temor ao pensamento.
Assi no Reino forte aconteceu
Despois que o Rei Fernando faleceu. (3)

2 Porque, se muito os nossos desejaram
Quem os danos e ofensas vá vingando (1)
Naqueles que tão bem se aproveitaram
Do descuido remisso de Fernando,
Despois de pouco tempo o alcançaram,
Joane, sempre ilustre, alevantando (2)
Por Rei, como de Pedro único herdeiro
(Ainda que bastardo) verdadeiro. (3)

3 Ser isto ordenação dos céus divina
Por sinais muito claros se mostrou,
Quando em Évora a voz de uma menina, (1)
Ante tempo falando, o nomeou,
E, como cousa, enfim, que o céu destina,
No berço o corpo e a voz alevantou:
"Portugal, Portugal", alçando a mão,
Disse, "polo Rei novo, Dom João."

4 Alteradas então do Reino as gentes (1)
Co'o ódio que ocupado os peitos tinha,
Absolutas cruezas e evidentes
Faz do povo o furor por onde vinha;
Matando vão amigos e parentes
Do adúltero Conde e da Rainha,
Com quem sua incontinência desonesta
Mais, despois de viúva, manifesta.

**5** Mas ele, enfim, com causa desonrado, (1)
Diante dela a ferro frio morre, (2)
De outros muitos na morte acompanhado, (3)
Que tudo o fogo erguido queima e corre:
Quem, como Astianás, precipitado,
Sem lhe valerem ordens, de alta torre; (4)
A quem ordens, nem aras, nem respeito; (5)
Quem nu por ruas e em pedaços feito. (6)

**6** Podem-se pôr em longo esquecimento (1)
As cruezas mortais que Roma viu,
Feitas do feroz Mário e do cruento
Sila, quando o contrário lhe fugiu.
Por isso Leonor, que o sentimento
Do morto Conde ao mundo descobriu,
Faz contra Lusitânia vir Castela,
Dizendo ser sua filha herdeira dela. (2)

**7** Beatriz era a filha, que casada (1)
Co'o Castelhano está, que o Reino pede,
Por filha de Fernando reputada, (2)
Se a corrompida fama lho concede.
Com esta voz, Castela alevantada,
Dizendo que esta filha ao pai sucede,
Suas forças ajunta, pera as guerras,
De várias regiões e várias terras.

**8** Vem de toda a província que de um Brigo (1)
(Se foi) já teve o nome derivado;
Das terras que Fernando e que Rodrigo (2)
Ganharam do tirano e mauro estado.
Não estimam das armas o perigo
Os que cortando vão co'o duro arado
Os campos lioneses, cuja gente
Co'os mouros foi nas armas excelente.

**9** Os Vândalos, na antiga valentia (1)
Ainda confiados, se ajuntavam
Da cabeça de toda Andaluzia, (2)
Que do Guadalquibir as águas lavam.
A nobre ilha também se apercebia (3)
Que antigamente os Tírios habitavam,
Trazendo por insígnias verdadeiras
As hercúleas colunas nas bandeiras. (4)

**10** Também vem lá do Reino de Toledo,
Cidade nobre e antiga, a quem cercando
O Tejo em torno vai, suave e ledo,
Que das serras de Conca vem manando. (1)
A vós outros também não tolhe o medo,
Ó sórdidos Galegos, duro bando, (2)
Que, para resistirdes, vos armastes,
Àqueles cujos golpes já provastes.

**11** Também movem da guerra as negras fúrias
A gente Biscainha, que carece (1)
De polidas razões, e que as injúrias
Muito mal dos estranhos compadece.
A terra de Guipúscua e das Astúrias,
Que com minas de ferro se enobrece,
Armou dele os soberbos matadores, (2)
Pera ajudar na guerra a seus senhores.

**12** Joane, a quem do peito o esforço cresce,
Como a Sansão hebreu da guedelha, (1)
Posto que tudo pouco lhe parece,
Co'os poucos de seu Reino se aparelha;
E, não porque conselho lhe falece,
Co'os principais senhores se aconselha,
Mas só por ver das gentes as sentenças,
Que sempre houve entre muitos diferenças.

**13** Não falta, com razões, quem desconcerte (1)
Da opinião de todos, na vontade,
Em quem o esforço antigo se converte
Em desusada e má deslealdade;
Podendo o temor mais, gelado, inerte,
Que a própria e natural fidelidade,
Negam o Rei e a Pátria e, se convém,
Negarão, como Pedro, o Deus que tem. (2)

**14** Mas nunca foi que este erro se sentisse (1)
No forte Dom Nuno Álvares; mas antes, (2)
Posto que em seus irmãos tão claro o visse,
Reprovando as vontades inconstantes,
Àquelas duvidosas gentes disse,
Com palavras mais duras que elegantes,
A mão na espada, irado e não facundo, (3)
Ameaçando a terra, o mar e o mundo:

**15** Como! da gente ilustre portuguesa
Há-de haver quem refuse o pátrio Marte?
Como! desta província, que princesa
Foi das gentes na guerra em toda parte,
Há-de sair quem negue ter defesa?
Quem negue a fé, o amor, o esforço e arte
De português, e por nenhum respeito
O próprio Reino queira ver sujeito?

**16** Como! Não sois vós inda os descendentes
Daqueles que debaixo da bandeira
Do grande Henriques, feros e valentes,
Vencestes esta gente tão guerreira, (1)
Quando tantas bandeiras, tantas gentes
Puseram em fugida, de maneira (2)
Que sete ilustres condes lhe trouxeram (3)
Presos, afora a presa que tiveram?

**17** Com quem foram contino sopeados (1)
Estes, de quem o estais agora vós,
Por Dinis e seu filho sublimados,
Senão co'os vossos fortes pais e avós? (2)
Pois se, com seus descuidos ou pecados,
Fernando em tal fraqueza assim vos pôs,
Torne-vos vossas forças o Rei novo,
Se é certo que co'o Rei se muda o povo.

**18** Rei tendes tal que, se o valor tiverdes
Igual ao Rei que agora alevantastes,
Desbaratareis tudo o que quiserdes,
Quanto mais a quem já desbaratastes.
E se com isto, enfim, vos não moverdes
Do penetrante medo que tomastes,
Atai as mãos a vosso vão receio,
Que, eu só, resistirei ao jugo alheio.

**19** Eu só, com meus vassalos e com esta
(E dizendo isto arranca meia espada),
Defenderei da força dura e infesta (1)
A terra nunca de outrem sojugada,
Em virtude do Rei, da pátria mesta, (2)
Da lealdade já por vós negada,
Vencerei não só estes adversários,
Mas quantos a meu Rei forem contrários.

**20** Bem como entre os mancebos recolhidos
Em Canúsio, relíquias sós de Canas, (1)
Já para se entregar quase movidos
À fortuna das forças africanas,
Cornélio moço os faz que, compelidos (2)
Da sua espada, jurem que as romanas (3)
Armas não deixarão, enquanto a vida
Os não deixar ou nelas for perdida:



**21** Dest'arte a gente força e esforça Nuno, (1)
Que, com lhe ouvir as últimas razões,
Removem o temor frio, importuno,
Que gelados lhe tinha os corações.
Nos animais cavalgam de Netuno,
Brandindo e volteando arremessões;
Vão correndo e gritando, a boca aberta: (2)
"Viva o famoso Rei que nos liberta!"

**22** Das gentes populares, uns aprovam
A guerra com que a pátria se sustinha;
Uns as armas alimpam e renovam,
Que a ferrugem da paz gastadas tinha; (1)
Capacetes estofam, peitos provam, (2)
Arma-se cada um como convinha;
Outros fazem vestidos de mil cores, (3)
Com letras e tenções de seus amores. (4)

**23** Com toda esta lustrosa companhia
Joane forte sai da fresca Abrantes,
Abrantes, que também da fonte fria
Do Tejo logra as águas abundantes.
Os primeiros armígeros regia (1)
Quem pera reger era os mui possantes
Orientais exércitos sem conto
Com que passava Xerxes o Helesponto. (2)

**24** Dom Nuno Álvares digo: verdadeiro
Açoute de soberbos castelhanos,
Como já o fero Huno o foi primeiro (1)
Pera franceses, pera italianos.
Outro também, famoso cavaleiro,
Que a ala direita tem dos lusitanos,
Apto pera mandá-los e regê-los,
Mem Rodrigues se diz de Vasconcelos. (2)

**25** E da outra ala, que a esta corresponde, (1)
Antão Vasques de Almada é capitão, (2)
Que despois foi de Abranches nobre conde;
Das gentes vai regendo a sestra mão. (3)
Logo na retaguarda não se esconde (4)
Das Quinas e Castelos o pendão, (5) (6)
Com Joane, Rei forte em toda parte, (7)
Que escurecendo o preço vai de Marte.

**26** Estavam pelos muros, temerosas
E de um alegre medo quase frias, (1)
Rezando, as mães, irmãs, damas e esposas,
Prometendo jejuns e romarias.
Já chegam as esquadras belicosas (2)
Defronte das imigas companhias,
Que com grita grandíssima os recebem;
E todas grande dúvida concebem.

**27** Respondem as trombetas mensageiras,
Pífaros sibilantes e atambores; (1)
Alférezes volteiam as bandeiras, (2)
Que variadas são de muitas cores.
Era no seco tempo que nas eiras
Ceres o fruto deixa aos lavradores; (3)
Entra em Astréia o Sol, no mês de Agosto; (4)
Baco das uvas tira o doce mosto.

**28** Deu sinal a trombeta castelhana,
Horrendo, fero, ingente e temeroso;
Ouviu-o o monte Artabro, e Guadiana (1)
Atrás tornou as ondas de medroso.
Ouviu o Douro e a terra Transtagana;
Correu ao mar o Tejo duvidoso;
E as mães que o som terríbil escutaram,
Aos peitos os filhinhos apertaram. (2)

**29** Quando rostos ali se vem sem cor,
Que ao coração acode o sangue amigo!
Que, nos perigos grandes, o temor
É maior muitas vezes que o perigo.
E se o não é, parece-o, que o furor (1)
De ofender ou vencer o duro imigo
Faz não sentir que é perda grande e rara
Dos membros corporais, da vida cara.

**30** Começa-se a travar a incerta guerra:
De ambas partes se move a primeira ala; (1)
Uns leva a defensão da própria terra,
Outros as esperanças de ganhá-la.
Logo o grande Pereira, em quem se encerra
Todo o valor, primeiro se assinala:
Derriba e encontra e a terra enfim semeia
Dos que a tanto desejam, sendo alheia.

**31** Já pelo espesso ar os estridentes
Farpões, setas e vários tiros voam;
Debaxo dos pés duros dos ardentes
Cavalos treme a terra, os vales soam.
Espedaçam-se as lanças e as freqüentes
Quedas co'as duras armas tudo atroam.
Recrescem os imigos sobre a pouca
Gente do fero Nuno, que os apouca. (1)

**32** Eis ali seus irmãos contra ele vão (1)
(Caso feio e cruel)! — mas não se espanta.
Que menos é querer matar o irmão,
Quem contra o Rei e a Pátria se alevanta.
Destes arrenegados muitos são (2)
No primeiro esquadrão, que se adianta
Contra irmãos e parentes (caso estranho)!
Quais nas guerras civis de Júlio e Magno. (3)

**33** Ó tu, Sertório, ó nobre Coriolano,
Catilina, e vós outros dos antigos (1)
Que contra vossas pátrias, com profano
Coração, vos fizestes inimigos;
Se lá no reino escuro de Sumano (2)
Receberdes gravíssimos castigos,
Dizei-lhe que também dos portugueses
Alguns treidores houve algumas vezes. (3)

**34** Rompem-se aqui dos nossos os primeiros,
Tantos dos inimigos a eles vão.
Está ali Nuno, qual pelos outeiros
De Ceuta está o fortíssimo leão,
Que cercado se vê dos cavaleiros
Que os campos vão correr de Tutuão: (1)
Perseguem-no com as lanças, e ele, iroso,
Torvado um pouco está, mas não medroso.

**35** Com torva vista os vê, mas a natura
Ferina e a ira não lhe compadecem
Que as costas dê, mas antes na espessura
Das lanças se arremessa, que recrescem.
Tal está o cavaleiro, que a verdura
Tinge co'o sangue alheio; ali perecem
Alguns dos seus, que o ânimo valente
Perde a virtude contra tanta gente.

**36** Sentiu Joane a afronta que passava
Nuno, que, como sábio capitão,
Tudo corria e via e a todos dava, (1)
Com presença e palavras, coração.
Qual parida leoa, fera e brava,
Que os filhos, que no ninho sós estão,
Sentiu que, enquanto pasto lhe buscara,
O pastor de Massília lhos furtara, (2)

**37** Corre raivosa e freme e com bramidos
Os montes Sete Irmãos atroa e abala: (1)
Tal Joane, com outros escolhidos
Dos seus, correndo acode à primeira ala:
"Ó fortes companheiros, ó subidos
Cavaleiros, a quem nenhum se iguala,
Defendei vossas terras, que a esperança
Da liberdade está na vossa lança!

**38** Vedes-me aqui, Rei vosso e companheiro,
Que entre as lanças e setas e os arneses
Dos inimigos corro e vou primeiro;
Pelejai, verdadeiros portugueses!"
Isto disse o magnânimo guerreiro
E, sopesando a lança quatro vezes, (1)
Com força tira; e deste único tiro (2)
Muitos lançaram o último suspiro.

**39** Porque eis os seus acesos novamente
De uma nobre vergonha e honroso fogo,
Sobre qual mais, com ânimo valente,
Perigos vencerá do Márcio jogo, (1)
Porfiam: tinge o ferro o sangue ardente; (2)
Rompem malhas primeiro e peitos logo.
Assi recebem junto e dão feridas,
Como a quem já não dói perder as vidas.

**40** A muitos mandam ver o Estígio lago, (1)
Em cujo corpo a morte e o ferro entrava. (2)
O Mestre morre ali de Santiago,
Que fortíssimamente pelejava.
Morre também, fazendo grande estrago,
Outro Mestre cruel des Calatrava.
Os Pereiras também, arrenegados,
Morrem, arrenegando o céu e os fados.

**41** Muitos também do vulgo vil, sem nome, (1)
Vão, e também dos nobres, ao Profundo,
Onde o trifauce Cão perpétua fome (2)
Tem das almas que passam deste mundo.
E porque mais aqui se amanse e dome
A soberba do imigo furibundo,
A sublime bandeira castelhana
Foi derribada aos pés da lusitana.

**42** Aqui a fera batalha se encruece (1)
Com mortes, gritos, sangue e cutiladas;
A multidão da gente que perece
Tem as flores da própria cor mudadas. (2)
Já as costas dão e as vidas; já falece (3)
O furor e sobejam as lançadas;
Já de Castela o Rei desbaratado
Se vê e de seu propósito mudado.

**43** O campo vai deixando ao vencedor,
Contente de lhe não deixar a vida.
Seguem-no os que ficaram, e o temor
Lhe dá, não pés, mas asas à fugida.
Encobrem no profundo peito a dor
Da morte, da fazenda despendida,
Da mágoa, da desonra e triste nojo (1)
De ver outrem triunfar de seu despojo.

**44** Alguns vão maldizendo e blasfemando
Do primeiro que guerra fez no mundo;
Outros a sede dura vão culpando (1)
Do peito cobiçoso e sitibundo, (2)
Que, por tomar o alheio, o miserando
Povo aventura às penas do Profundo,
Deixando tantas mães, tantas esposas,
Sem filhos, sem maridos, desditosas.

**45** O vencedor Joane esteve os dias (1)
Costumados no campo, em grande glória;
Com ofertas, despois, e romarias,
As graças deu a Quem lhe deu vitória. (2)
Mas Nuno, que não quer por outras vias
Entre as gentes deixar de si memória
Senão por armas sempre soberanas,
Pera as terras se passa transtaganas.

**46** Ajuda-o seu destino de maneira
Que fez igual o efeito ao pensamento,
Porque a terra dos Vândalos, fronteira, (1)
Lhe concede o despojo e o vencimento.
Já de Sevilha a Bética bandeira,
E de vários senhores, num momento
Se lhe derriba aos pés, sem ter defesa,
Obrigados da força portuguesa.

**47** Destas e outras vitórias longamente
Eram os castelhanos oprimidos,
Quando a paz, desejada já da gente, (1)
Deram os vencedores aos vencidos,
Despois que quis o Padre onipotente
Dar os Reis inimigos por maridos (2)
Às duas ilustríssimas inglesas,
Gentis, fermosas, ínclitas princesas.

**48** Não sofre o peito forte, usado à guerra,
Não ter imigo já a quem faça dano;
E assim, não tendo a quem vencer na terra, (1)
Vai cometer as ondas do Oceano.
Este é o primeiro Rei que se desterra
Da pátria, por fazer que o africano
Conheça, pelas armas, quando excede
A lei de Cristo à lei de Mafamede.

**49** Eis mil nadantes aves, pelo argento (1) (2)
Da furiosa Tétis inquieta,
Abrindo as pandas asas vão ao vento, (3)
Pera onde Alcides pôs a extrema meta.
O monte Abila e o nobre fundamento (4)
De Ceita toma, e o torpe Mahometa (5)
Deita fora, e segura toda Espanha
Da Juliana, má e desleal manha. (6)

**50** Não consentiu a morte tantos anos
Que de herói tão ditoso se lograsse (1)
Portugal, mas os coros soberanos
Do céu supremo quis que povoasse.
Mas, pera defensão dos lusitanos,
Deixou Quem o levou, quem governasse
E aumentasse a terra mais que dantes:
Ínclita geração, altos Infantes. (2)

**51** Não foi do Rei Duarte tão ditoso
O tempo que ficou na suma alteza,
Que assim vai alternando o tempo iroso
O bem co'o mal, o gosto co'a tristeza.
Quem viu sempre um estado deleitoso?
Ou quem viu em Fortuna haver firmeza?
Pois inda neste Reino e neste Rei
Não usou ela tanto desta lei?

**52** Viu ser cativo o santo irmão Fernando (1)
(Que a tão altas empresas aspirava), (2)
Que, por salvar o povo miserando (3)
Cercado, ao sarraceno se entregava.
Só por amor da pátria está passando
A vida, de senhora feita escrava,
Por não se dar por ele a forte Ceita.
Mais o público bem que o seu respeita.



**53** Codro, porque o inimigo não vencesse, (1)
Deixou antes vencer da morte a vida;
Régulo, porque a pátria não perdesse, (2)
Quis mais a liberdade ver perdida. (3)
Este, porque se Espanha não temesse,
A cativeiro eterno se convida.
Codro, nem Cúrcio, ouvido por espanto, (4)
Nem os Décios leais, fizeram tanto. (5)

**54** Mas Afonso, do Reino único herdeiro, (1)
Nome em armas ditoso em nossa Hespéria, (2)
Que a soberba do bárbaro fronteiro,
Tornou em baixa e humílima miséria,
Fora por certo invicto cavaleiro, (3)
Se não quisera ir ver a terra Ibéria.
Mas África dirá ser impossíbil
Poder ninguém vencer o Rei terríbil.

**55** Este pôde colher as maçãs de ouro
Que somente o Tiríntio colher pôde. (1)
Do jugo que lhe pôs o bravo Mouro
A cerviz inda agora não sacode.
Na fronte a palma leva e o verde louro
Das vitórias do bárbaro, que acode
A defender Alcácer, forte vila, (2)
Tângere populoso e a dura Arzila.

**56** Porém elas, enfim, por força entradas, (1)
Os muros abaixaram de diamante (2)
Às portuguesas forças, costumadas
A derribarem quanto acham diante.
Maravilhas em armas, estremadas
E de escrituras dinas elegante, (3)
Fizeram cavaleiros nesta empresa,
Mais afinado a fama portuguesa.

**57** Porém despois, tocado de ambição (1)
E glória de mandar, amara e bela,
Vai cometer Fernando de Aragão,
Sobre o potente Reino de Castela.
Ajunta-se a inimiga multidão
Das soberbas e várias gentes dela,
Desde Cáliz ao alto Perineu, (2)
Que tudo ao Rei Fernando obedeceu.

**58** Não quis ficar nos Reinos ocioso (1)
O mancebo Joane, e logo ordena
De ir ajudar o pai ambicioso,
Que então lhe foi ajuda não pequena.
Saiu-se, enfim, do trance perigoso, (2)
Com fronte não torvada, mas serena.
Desbaratado o pai sanguinolento,
Mas ficou duvidoso o vencimento:

**59** Porque o filho, sublime e soberano,
Gentil, forte, animoso cavaleiro,
Nos contrários fazendo imenso dano,
Todo um dia ficou no campo inteiro.
Desta arte foi vencido Octaviano, (1)
E António vencedor, seu companheiro,
Quando daqueles que César mataram
Nos Filípicos campos se vingaram.

**60** Porém, despois que a escura noite eterna
Afonso apousentou no céu sereno,
O Príncipe que o Reino então governa
Foi Joane segundo o Rei trezeno. (1)
Este, por haver fama sempiterna,
Mais do que tentar pode homem terreno
Tentou, que foi buscar da roxa Aurora
Os términos, que eu vou buscando agora. (2)

**61** Manda seus mensageiros, que passaram (1)
Espanha, França, Itália celebrada,
E lá no ilustre porto se embarcaram
Onde já foi Parténope enterrada: (2)
Nápoles, onde os Fados se mostraram, (3)
Fazendo-a a várias gentes subjugada,
Pola ilustrar, no fim de tantos anos,
Co'o senhorio de ínclitos hispanos.

**62** Pelo mar alto Sículo navegam; (1)
Vão-se às praias de Rodes arenosas (2)
E dali às ribeiras altas chegam
Que com morte de Magno são famosas. (3)
Vão a Mênfis e às terras que se regam
Das enchentes Nilóticas undosas;
Sobem à Etiópia, sobre Egipto, (4)
Que de Cristo lá guarda o santo rito.

**63** Passam também as ondas Eritréias, (1)
Que o povo de Israel sem nau passou;
Ficam-lhe atrás as serras Nabatéias, (2)
Que o filho de Ismael co'o nome ornou.
As costas odoríferas Sabéias, (3)
Que a mãe do belo Adónis tanto honrou, (4)
Cercam, com toda a Arábia descoberta,
Feliz, deixando a Pétrea e a Deserta. (5)

**64** Entram no Estreito Pérsico, onde dura (1)
Da confusa Babel inda a memória;
Ali co'o Tigre o Eufrates se mistura,
Que as fontes onde nascem tem por glória.
Dali vão em demanda da água pura,
Que causa inda será de larga história,
Do Indo, pelas ondas do Oceano,
Onde não se atreveu passar Trajano. (2)

**65** Viram gentes incógnitas e estranhas
Da Índia, da Carmânia e Gedrosia, (1)
Vendo vários costumes, várias manhas,
Que cada região produze e cria. (2)
Mas de vias tão ásperas, tamanhas,
Tornar-se facilmente não podia.
Lá morreram, enfim, e lá ficaram,
Que à desejada pátria não tornaram.

**66** Parece que guardava o claro céu
A Manuel e seus merecimentos (1)
Esta empresa tão árdua, que o moveu (2)
A subidos e ilustres movimentos.
Manuel, que a Joane sucedeu
No Reino e nos altivos pensamentos,
Logo como tomou do Reino cargo, (3)
Tomou mais a conquista do mar largo. (4)

**67** O qual, como do nobre pensamento
Daquela obrigação que lhe ficara
De seus antepassados, cujo intento
Foi sempre acrescentar a terra cara,
Não deixasse de ser um só momento
Conquistado, no tempo que a luz clara
Foge, e as estrelas nítidas que saem
A repouso convidam quando caem, (1)

**68** Estando já deitado no áureo leito,
Onde imaginações mais certas são,
Revolvendo contínuo no conceito
De seu ofício e sangue a obrigação,
Os olhos lhe ocupou o sono aceito,
Sem lhe desocupar o coração;
Porque, tanto que lasso se adormece, (1)
Morfeu em várias formas lhe aparece. (2)

**69** Aqui se lhe apresenta que subia (1)
Tão alto que tocava à prima Esfera, (2)
Donde diante vários mundos via,
Nações de muita gente, estranha e fera.
E lá bem junto donde nasce o dia,
Despois que os olhos longos estendera, (3)
Viu de antigos, longínquos e altos montes, (4)
Nascerem duas claras e altas fontes. (5)

**70** Aves agrestes, feras e alimárias (1)
Pelo monte selvático habitavam;
Mil árvores silvestres e ervas várias
O passo e o trato às gentes atalhavam.
Estas duras montanhas, adversárias
De mais conversação, por si mostravam
Que, dês que Adão pecou aos nossos anos, (2)
Não as romperam nunca pés humanos.

**71** Das águas se lhe antolha que saíam, (1)
Para ele os largos passos inclinando, (2)
Dous homens, que mui velhos pareciam,
De aspeito, inda que agreste, venerando. (3)
Das pontas dos cabelos lhe caíam
Gotas, que o corpo todo vão banhando;
A cor da pele baça e denegrida,
A barba hirsuta, intonsa, mas comprida. (4)

**72** De ambos de dois a fronte coroada (1)
Ramos não conhecidos e ervas tinha.
Um deles a presença traz cansada, (2)
Como quem de mais longe ali caminha;
E assi a água, com ímpeto alterada,
Parecia que doutra parte vinha,
Bem como Alfeu de Arcádia em Siracusa (3)
Vai buscar os abraços de Aretusa.

**73** Este, que era o mais grave na pessoa,
Dest'arte para o Rei de longe brada:
"Ó tu, a cujos reinos e coroa
Grande parte do mundo está guardada,
Nós outros, cuja fama tanto voa,
Cuja cerviz bem nunca foi domada,
Te avisamos que é tempo que já mandes
A receber de nós tributos grandes.

**74** Eu sou o ilustre Ganges, que na terra (1)
Celeste tenho o berço verdadeiro;
Est'outro é o Indo, Rei, que, nesta serra (2)
Que vês, seu nascimento tem primeiro.
Custar-te hemos contudo dura guerra;
Mas, insistindo tu, por derradeiro,
Com não vistas vitórias, sem receio
A quantas gentes vês porás o freio."

**75** Não disse mais o rio ilustre e santo, (1)
Mas ambos desaparecem num momento.
Acorda Emanuel c'um novo espanto (2)
E grande alteração de pensamento.
Estendeu nisto Febo o claro manto
Pelo escuro Hemispério sonolento; (3)
Veio a manhã no céu pintando as cores
De pudibunda rosa e roxas flores.

**76** Chama o Rei os senhores a conselho
E propõe-lhe as figuras da visão;
As palavras lhe diz do santo velho,
Que a todos foram grande admiração.
Determinam o náutico aparelho,
Pera que, com sublime coração,
Vá a gente que mandar cortando os mares
A buscar novos climas, novos ares.

**77** Eu, que bem mal cuidava que, em efeito, (1)
Se pusesse o que o peito me pedia
Que sempre grandes cousas deste jeito,
Presago, o coração me prometia, (2)
Não sei por que razão, por que respeito,
Ou por que bom sinal que em mim se via,
Me põe o ínclito Rei, nas mãos, a chave (3)
Deste cometimento grande e grave.

**78** E com rogo e palavras amorosas,
Que é um mando nos Reis que a mais obriga,
Me disse: "As cousas árduas e lustrosas (1)
Se alcançam com trabalho e com fadiga;
Faz as pessoas altas e famosas
A vida que se perde e que periga,
Que, quando ao medo infame não se rende,
Então, se menos dura, mais se estende. (2)

**79** Eu vos tenho entre todos escolhido
Para uma empresa, qual a vós se deve, (1)
Trabalho ilustre, duro e esclarecido,
O que eu sei que por mi vos será leve."
Não sofri mais, mas logo: "Ó Rei subido, (2)
Aventurar-me a ferro, a fogo, a neve,
É tão pouco por vós que mais me pena (3)
Ser esta vida cousa tão pequena.

**80** Imaginai tamanhas aventuras
Quais Euristeu a Alcides inventava: (1)
O leão Cleonéu, Harpias duras,
O porco de Erimanto, a Hidra brava,
Descer, enfim, às sombras vãs e escuras
Onde os campos de Dite a Estige lava; (2)
Porque a maior perigo, a mor afronta,
Por vós, ó Rei, o esprito e carne é pronta."

**81** Com mercês sumptuosas me agradece
E com razões me louva esta vontade;
Que a virtude louvada vive e cresce
E o louvor altos casos persuade.
A acompanhar-me logo se oferece,
Obrigado de amor e de amizade,
Não menos cobiçoso de honra e fama,
O caro meu irmão Paulo da Gama. (1)

**82** Mais se me ajunta Nicolau Coelho, (1)
De trabalhos mui grande sofredor.
Ambos são de valia e de conselho, (2)
De experiência em armas e furor.
Já de manceba gente me aparelho,
Em que cresce o desejo do valor;
Todos de grande esforço; e assi parece
Quem a tamanhas cousas se oferece.

**83** Foram de Emanuel remunerados,
Porque com mais amor se apercebessem,
E com palavras altas animados
Pera quantos trabalhos sucedessem.
Assi foram os Mínias ajuntados, (1)
Pera que o véu dourado combatessem, (2)
Na fatídica nau, que ousou primeira (3)
Tentar o mar Euxínio, aventureira. (4)

**84** E já no porto da ínclita Ulisséia, (1)
C'um alvoroço nobre e c'um desejo
(Onde o licor mistura e branca areia
Co'o salgado Netuno o doce Tejo)
As naus prestes estão; e não refreia (2)
Temor nenhum o juvenil despejo, (3)
Porque a gente marítima e a de Marte
Estão para seguir-me a toda parte.



**85** Pelas praias vestidos os soldados
De várias cores vem e várias artes,
E não menos de esforço aparelhados
Pera buscar do mundo novas partes.
Nas fortes naus os ventos sossegados
Ondeiam os aéreos estandartes.
Elas prometem, vendo os mares largos, (1)
De ser no Olimpo estrelas, como a de Argos.

**86** Despois de aparelhados, desta sorte,
De quanto tal viagem pede e manda,
Aparelhámos a alma pera a morte, (1)
Que sempre aos nautas ante os olhos anda.
Para o sumo Poder, que a etérea Corte
Sustenta só co'a vista veneranda,
Implorámos favor que nos guiasse
E que nossos começos aspirasse. (2)

**87** Partimo-nos assi do santo templo (1)
Que nas praias do mar está assentado,
Que o nome tem da terra, pera exemplo,
Donde Deus foi em carne ao mundo dado.
Certifico-te, ó Rei, que, se contemplo
Como fui destas praias apartado,
Cheio dentro de dúvida e receio,
Que apenas nos meus olhos ponho o freio. (2)

**88** A gente da cidade, aquele dia,
(Uns por amigos, outros por parentes, (1)
Outros por ver somente) concorria,
Saüdosos na vista e descendentes.
E nós, co'a virtuosa companhia
De mil religiosos diligentes,
Em procissão solene, a Deus orando,
Para os batéis viemos caminhando.

**89** Em tão longo caminho e duvidoso
Por perdidos as gentes nos julgavam,
As mulheres c'um choro piedoso,
Os homens com suspiros que arrancavam.
Mães, esposas, irmãs, que o temeroso
Amor mais desconfia, acrescentavam
A desesperação e frio medo
De já nos não tornar a ver tão cedo.

**90** Qual vai dizendo: "Ó filho, a quem eu tinha
Só para refrigério e doce amparo
Desta cansada já velhice minha,
Que em choro acabará, penoso e amaro,
Por que me deixas, mísera e mesquinha?
Por que de mi te vás, ó filho caro, (1)
A fazer o funéreo enterramento
Onde sejas de peixes mantimento?"

**91** Qual em cabelo: "Ó doce e amado esposo, (1)
Sem quem não quis Amor que viver possa,
Por que is aventurar ao mar iroso (2)
Essa vida que é minha e não é vossa?
Como, por um caminho duvidoso,
Vos esquece a afeição tão doce nossa?
Nosso amor, nosso vão contentamento,
Quereis que com as velas leve o vento?"

**92** Nestas e outras palavras que diziam,
De amor e de piedosa humanidade,
Os velhos e os meninos os seguiam,
Em quem menos esforço põe a idade.
Os montes de mais perto respondiam,
Quase movidos de alta piedade;
A branca areia as lágrimas banhavam, (1)
Que em multidão com elas se igualavam.

**93** Nós outros, sem a vista alevantarmos
Nem a mãe, nem a esposa, neste estado,
Por nos não magoarmos, ou mudarmos
Do propósito firme começado,
Determinei de assi nos embarcarmos,
Sem o despedimento costumado,
Que, posto que é de amor usança boa,
A quem se aparta, ou fica, mais magoa.

**94** Mas um velho, de aspeito venerando, (1)
Que ficava nas praias, entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Três vezes a cabeça, descontente,
A voz pesada um pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
C'um saber só de experiências feito,
Tais palavras tirou do experto peito: (2)

**95** "Ó glória de mandar, ó vã cobiça
Desta vaidade a quem chamamos Fama! (1)
Ó fraudulento gosto, que se atiça (2)
C'uma aura popular, que honra se chama!
Que castigo tamanho e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades neles exprimentas!

**96** Dura inquietação d'alma e da vida,
Fonte de desemparos e adultérios, (1)
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos e de impérios!
Chamam-te ilustre, chamam-te subida,
Sendo dina de infames vitupérios;
Chamam-te Fama e Glória soberana,
Nomes com quem se o povo néscio engana! (2)

**97** A que novos desastres determinas (1)
De levar estes Reinos e esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas,
Debaixo dalgum nome preminente? (2)
Que promessas de reinos e de minas
De ouro, que lhe farás tão facilmente?
Que famas lhe prometerás? Que histórias?
Que triunfos? Que palmas? Que vitórias?

**98** Mas, ó tu, geração daquele insano (1)
Cujo pecado e desobediência (2)
Não somente do Reino soberano
Te pôs neste desterro e triste ausência,
Mas inda doutro estado, mais que humano,
Da quieta e da simpres inocência, (3)
Idade de ouro, tanto te privou,
Que na de ferro e de armas te deitou: (4)

**99** Já que nesta gostosa vaidade (1)
Tanto enlevas a leve fantasia, (2)
Já que à bruta crueza e feridade
Puseste nome, esforço e valentia, (3)
Já que prezas em tanta quantidade
O desprezo da vida, que devia
De ser sempre estimada, pois que já
Temeu tanto perdê-la Quem a dá: (4)

**100** Não tens junto contigo o ismaelita,
Com quem sempre terás guerras sobejas?
Não segue ele do Arábio a lei maldita,
Se tu pela de Cristo só pelejas? (1)
Não tem cidades mil, terra infinita,
Se terras e riqueza mais desejas?
Não é ele por armas esforçado, (2)
Se queres por vitórias ser louvado?

**101** Deixas criar às portas o inimigo, (1)
Por ires buscar outro de tão longe, (2)
Por quem se despovoe o Reino antigo,
Se enfraqueça e se vá deitando a longe;
Buscas o incerto e incógnito perigo
Por que a Fama te exalte e te lisonje (3)
Chamando-te senhor, com larga cópia,
Da Índia, Pérsia, Arábia e de Etiópia?

**102** Oh! Maldito o primeiro que, no mundo, (1)
Nas ondas vela pôs em seco lenho!
Digno da eterna pena do Profundo, (2)
Se é justa a justa Lei que sigo e tenho!
Nunca juízo algum alto e profundo,
Nem cítara sonora ou vivo engenho,
Te dê por isso fama nem memória, (3)
Mas contigo se acabe o nome e glória!

**103** Trouxe o filho de Jápeto do céu (1)
O fogo que ajuntou ao peito humano,
Fogo que o mundo em armas acendeu,
Em mortes, em desonras (grande engano)!
Quanto melhor nos fora, Prometeu,
E quanto pera o mundo menos dano,
Que a tua estátua ilustre não tivera (2)
Fogo de altos desejos que a movera!

**104** Não cometera o moço miserando (1)
O carro alto do pai, nem o ar vazio
O grande arquitector co'o filho, dando, (2)
Um, nome ao mar, e, o outro, fama ao rio.
Nenhum cometimento alto e nefando (3)
Por fogo, ferro, água, calma e frio,
Deixa intentado a humana geração.
Mísera sorte! Estranha condição!"

**CANTO IV, E. 95**
"Ó glória de mandar, ó vã cobiça
Desta vaidade a quem chamamos Fama!

**CANTO V, E. 49**
Mais ia por diante o monstro horrendo,
Dizendo nossos Fados, quando, alçado,

# Canto Quinto

## Argumento

Relata o Gama ilustre ao Rei potente
Sua viagem longa e incerta via,
As estranhas nações de África ardente
E de Fernão Veloso a ousadia:
Como Adamastor viu, gigante ingente,
Que um dos filhos da Terra se dizia;
E as cousas que passou até seu porto,
Onde repouso achou e são conforto.

**1** Estas sentenças tais o velho honrado
Vociferando estava, quando abrimos (1)
As asas ao sereno e sossegado (2)
Vento, e do porto amado nos partimos.
E, como é já no mar costume usado,
A vela desfraldando, o céu ferimos,
Dizendo: "Boa viagem!" Logo o vento (3)
Nos troncos fez o usado movimento. (4)

**2** Entrava neste tempo o eterno lume
No animal Nemeio truculento (1)
E o mundo, que com tempo se consume, (2)
Na sexta idade andava, enfermo e lento. (3)
Nela vê, como tinha por costume,
Cursos do Sol catorze vezes cento, (4)
Com mais noventa e sete, em que corria,
Quando no mar a armada se estendia.

**3** Já a vista, pouco e pouco, se desterra
Daqueles pátrios montes, que ficavam;
Ficava o caro Tejo e a fresca serra
De Sintra, e nela os olhos se alongavam.
Ficava-nos também na amada terra
O coração, que as mágoas lá deixavam,
E, já despois que toda se escondeu,
Não vimos mais, enfim, que mar e céu.

**4** Assi fomos abrindo aqueles mares,
Que geração alguma não abriu, (1)
As novas ilhas vendo e os novos ares (2)
Que o generoso Henrique descobriu; (3)
De Mauritânia os montes e lugares,
Terra que Anteu num tempo possuiu, (4)
Deixando à mão esquerda, que à direita
Não há certeza doutra, mas suspeita. (5)

**5** Passámos a grande ilha da Madeira,
Que do muito arvoredo assi se chama;
Das que nós povóamos a primeira,
Mais célebre por nome que por fama.
Mas, nem por ser do mundo a derradeira, (1)
Se lhe aventajam quantas Vênus ama; (2)
Antes, sendo esta sua, se esquecera
De Cipro, Gnido, Pafos e Citera. (3)

**6** Deixámos de Massília a estéril costa, (1)
Onde seu gado os Azenegues pastam, (2)
Gente que as frescas águas nunca gosta (3)
Nem as ervas do campo bem lhe abastam;
A terra a nenhum fruto, enfim, disposta,
Onde as aves no ventre o ferro gastam,
Padecendo de tudo extrema inópia,
Que aparta a Barbaria de Etiópia.

**7** Passámos o limite aonde chega (1)
O Sol, que para o Norte os carros guia, (2)
Onde jazem os povos a quem nega
O filho de Climene a cor do dia. (3)
Aqui gentes estranhas lava e rega
Do negro Sanagá a corrente fria, (4)
Onde o Cabo Arsinário o nome perde, (5)
Chamando-se dos nossos Cabo Verde.

**8** Passadas tendo já as Canárias ilhas,
Que tiveram por nome Fortunadas,
Entrámos, navegando, pelas filhas
Do velho Hespério, Hespéridas chamadas, (1) (2)
Terras por onde novas maravilhas
Andaram vendo já nossas armadas.
Ali tomámos porto com bom vento,
Por tomarmos da terra mantimento.

**9** Àquela ilha aportámos que tomou
O nome do guerreiro Santiago, (1)
Santo que os Espanhóis tanto ajudou
A fazerem nos Mouros bravo estrago.
Daqui, tanto que Bóreas nos ventou, (2)
Tornámos a cortar o imenso lago
Do salgado Oceano, e assim deixámos
A terra onde o refresco doce achámos. (3)

**10** Por aqui roedando a larga parte
De África, que ficava ao Oriente:
A província Jalofo, que reparte (1)
Por diversas nações a negra gente,
A mui grande Mandinga, por cuja arte (2)
Logramos o metal rico e luzente,
Que do curvo Gambeia as águas bebe, (3)
As quais o largo Atlântico recebe;

**11** As Dórcadas passámos, povoadas (1)
Das irmãs que outro tempo ali viviam,
Que, de vista total sendo privadas,
Todas três dum só olho se serviam.
Tu só, tu, cujas tranças encrespadas
Netuno lá nas águas acendiam,
Tornada já de todas a mais feia,
De víboras enchestes a ardente areia. (2)

**12** Sempre, enfim, para o Austro a aguda proa,
No grandíssimo golfão nos metemos, (1)
Deixando a serra aspérrima Leoa,
Co'o Cabo a quem das Palmas nome demos.
O grande rio, onde batendo soa
O mar nas praias notas, que ali temos,
Ficou, co'a ilha ilustre, que tomou (2)
O nome dum que o lado a Deus tocou.

**13** Ali o mui grande reino está de Congo, (1)
Por nós já convertido à fé de Cristo,
Por onde o Zaire passa, claro e longo, (2)
Rio pelos antigos nunca visto.
Por este largo mar, enfim, me alongo
Do conhecido polo de Calisto, (3)
Tendo o término ardente já passado (4)
Onde o meio do Mundo é limitado.

**14** Já descoberto tínhamos diante,
Lá no novo Hemisfério, nova estrela (1)
Não vista de outra gente, que, ignorante,
Alguns tempos esteve incerta dela.
Vimos a parte menos rutilante (2)
E, por falta de estrelas, menos bela,
Do Polo fixo, onde inda se não sabe (3)
Que outra terra comece ou mar acabe.

**15** Assi, passando aquelas regiões
Por onde duas vezes passa Apolo, (1)
Dous invernos fazendo e dous verões,
Enquanto corre dum ao outro Polo,
Por calmas, por tormentas e opressões,
Que sempre faz no mar o irado Eolo, (2)
Vimos as Ursas, a pesar de Juno, (3)
Banharem-se nas águas de Netuno.

**16** Contar-te longamente as perigosas
Cousas do mar, que os homens não entendem,
Súbitas trovoadas temerosas,
Relâmpados que o ar em fogo acendem, (1)
Negros chuveiros, noites tenebrosas,
Bramidos de trovões, que o mundo fendem,
Não menos é trabalho que grande erro,
Ainda que tivesse a voz de ferro. (2)

**17** Os casos vi que os rudos marinheiros, (1)
Que tem por mestra a longa experiência,
Contam por certos sempre e verdadeiros,
Julgando as cousas só pela aparência,
E que os que tem juízos mais inteiros, (2)
Que só por puro engenho e por ciência
Vem do Mundo os segredos escondidos,
Julgam por falsos ou mal entendidos.

**18** Vi, claramente visto, o lume vivo (1)
Que a marítima gente tem por santo,
Em tempo de tormenta e vento esquivo,
De tempestade escura e triste pranto.
Não menos foi a todos excessivo
Milagre, e cousa, certo, de alto espanto,
Ver as nuvens do mar, com largo cano, (2)
Sorver as altas águas do Oceano.

**19** Eu o vi certamente (e não presumo (1)
Que a vista me enganava): levantar-se
No ar um vaporzinho e sutil fumo
E, do vento trazido, rodear-se; (2)
De aqui levado um cano ao Polo sumo
Se via, tão delgado, que enxergar-se
Dos olhos facilmente não podia;
Da matéria das nuvens parecia. (3)

**20** Ia-se pouco e pouco acrescentando (1)
E mais que um largo masto se engrossava; (2)
Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
Os golpes grandes de água em si chupava;
Estava-se co'as ondas ondeando;
Em cima dele ũa nuvem se espessava,
Fazendo-se, maior, mais carregada,
Co'o cargo grande d'água em si tomada. (3)



**21** Qual roxa sanguessuga se veria (1)
Nos beiços da alimária que, imprudente, (2)
Bebendo a recolheu na fonte fria,
Fartar co'o sangue alheio a sede ardente;
Chupando, mais e mais se engrossa e cria,
Ali se enche e se alarga grandemente;
Tal a grande coluna, enchendo, aumenta
A si e a nuvem negra que sustenta.

**22** Mas, despois que de todo se fartou,
O pé que tem no mar a si recolhe
E pelo céu, chovendo, enfim voou,
Por que co'a água a jacente água molhe;
Às ondas torna as ondas que tomou,
Mas o sabor do sal lhe tira e tolhe, (1)
Vejam agora os sábios na escritura (2)
Que segredos são estes de Natura. (3)

**23** Se os antigos filósofos, que andaram
Tantas terras, por ver segredos delas,
As maravilhas que eu passei, passaram, (1)
A tão diversos ventos dando as velas,
Que grandes escrituras que deixaram! (2)
Que influïção de signos e de estrelas, (3)
Que estranhezas, que grandes qualidades!
E tudo, sem mentir, puras verdades.

**24** Mas já o planeta que no céu primeiro (1)
Habita, cinco vezes, apressada, (2)
Agora meio rosto, agora inteiro,
Mostrara, enquanto o mar cortava a armada,
Quando da etérea gávea um marinheiro, (3)
Pronto co'a vista: "Terra, terra", brada. (4)
Salta no bordo alvoroçada a gente, (5)
Co'os olhos no horizonte do Oriente.

**25** A maneira de nuvens se começam (1)
A descobrir os montes que enxergamos;
As âncoras pesadas se adereçam; (2)
As velas, já chegados, amainamos:
E, pera que mais certas se conheçam
As partes tão remotas onde estamos,
Pelo novo instrumento do astrolábio, (3)
Invenção de sutil juízo e sábio:

**26** Desembarcamos logo na espaçosa
Parte, por onde a gente se espalhou,
De ver cousas estranhas desejosa
Da terra que outro povo não pisou.
Porém eu, co'os pilotos, na arenosa
Praia, por vermos em que parte estou,
Me detenho em tomar do sol a altura
E compassar a universal pintura. (1)

**27** Achámos ter de todo já passado
Do semicapro Peixe a grande meta, (1)
Estando entre ele e o círculo gelado
Austral, parte do mundo mais secreta.
Eis, de meus companheiros rodeado (2)
Vejo um estranho vir, de pele preta,
Que tomaram por força, enquanto apanha (3)
De mel os doces favos na montanha.

**28** Torvado vem na vista, como aquele (1)
Que não se vira nunca em tal extremo;
Nem ele entende a nós, nem nós a ele, (2)
Selvagem mais que o bruto Polifemo. (3)
Começo-lhe a mostrar da rica pele (4)
De Colcos o gentil metal supremo,
A prata fina, a quente especiaria: (5)
A nada disto o bruto se movia. (6)

**29** Mando mostrar-lhe peças mais somenos: (1)
Contas de cristalino transparente,
Alguns soantes cascavéis pequenos, (2)
Um barrete vermelho, cor contente:
Vi logo, por sinais e por acenos,
Que com isto se alegra grandemente.
Mando-o soltar com tudo e assi caminha
Para a povoação, que perto tinha.

**30** Mas, logo ao outro dia, seus parceiros, (1)
Todos nus, e da cor da escura treva,
Descendo pelos ásperos outeiros,
As peças vem buscar que est'outro leva,
Domésticos já tanto e companheiros (2)
Se nos mostram, que fazem que se atreva
Fernão Veloso a ir ver da terra o trato
E partir-se com eles pelo mato.

**31** É Veloso no braço confiado (1)
E, de arrogante, crê que vai seguro;
Mas, sendo um grande espaço já passado,
Em que algum bom sinal saber procuro,
Estando, a vista alçada, co'o cuidado (2)
No aventureiro, eis pelo monte duro
Aparece e, segundo ao mar caminha,
Mais apressado do que fora, vinha.

**32** O batel de Coelho foi depressa
Polo tomar, mas, antes que chegasse, (1)
Um etíope ousado se arremessa
A ele, porque não se lhe escapasse.
Outro e outro lhe saem; vê-se em pressa (2)
Veloso, sem que alguém lhe ali ajudasse. (3)
Acudo eu logo, e, enquanto o remo aperto, (4)
Se mostra um bando negro, descoberto.

**33** Da espessa nuvem setas e pedradas (1)
Chovem sobre nós outros, sem medida;
E não foram ao vento em vão deitadas,
Que esta perna trouxe eu dali ferida:
Mas nós, como pessoas magoadas,
A resposta lhe demos tão tecida
Que em mais que nos barretes se suspeita
Que a cor vermelha levam desta feita. (2)

**34** E, sendo já Veloso em salvamento, (1)
Logo nos recolhemos pera a armada,
Vendo a malícia feia e rudo intento
Da gente bestial, bruta e malvada,
De quem nenhum melhor conhecimento
Podemos ter da Índia desejada
Que estarmos inda muito longe dela.
E assi tornei a dar ao vento a vela.

**35** Disse então a Veloso um companheiro
(Começando-se todos a sorrir): (1)
"Oulá! Veloso amigo, aquele outeiro (2)
É melhor de descer que de subir?"
"Sim, é, responde o ousado aventureiro;
Mas, quando eu para cá vi tantos vir
Daqueles cães, depressa um pouco vim,
Por me lembrar que estáveis cá sem mim." (3)

**36** Contou então que, tanto que passaram (1)
Aquele monte os negros de quem falo,
Avante mais passar o não deixaram,
Querendo, se não torna, ali matá-lo;
E tornando-se, logo se emboscaram,
Porque, saindo nós pera tomá-lo,
Nos pudessem mandar ao reino escuro,
Por nos roubarem mais a seu seguro. (2)

37 Porém já cinco Sóis eram passados (1)
Que dali nos partíramos, cortando
Os mares nunca d'outrem navegados,
Prosperamente os ventos assoprando,
Quando uma noite, estando descuidados (2)
Na cortadora proa vigiando,
Uma nuvem, que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças aparece.

38 Tão temerosa vinha e carregada,
Que pôs nos corações um grande medo;
Bramindo, o negro mar de longe brada,
Como se desse, em vão, nalgum rochedo.
Ó Potestade, disse, sublimada (1)
Que ameaço divino ou que segredo
Este clima e este mar nos apresenta,
Que mor cousa parece que tormenta?

39 Não acabava, quando uma figura
Se nos mostra no ar, robusta e válida, (1)
De disforme e grandíssima estatura;
O rosto carregado, a barba esquálida, (2)
Os olhos encovados, e a postura (3)
Medonha e má e a cor terrena e pálida;
Cheios de terra e crespos os cabelos,
A boca negra, os dentes amarelos.

40 Tão grande era de membros que bem posso
Certificar-te que este era o segundo
De Rodes estranhíssimo Colosso, (1)
Que um dos sete milagres foi do mundo. (2)
C'um tom de voz nos fala, horrendo e grosso,
Que pareceu sair do mar profundo.
Arrepiam-se as carnes e o cabelo,
A mi e a todos, só de ouvi-lo e vê-lo!

41 E disse: "Ó gente ousada, mais que quantas
No mundo cometeram grandes cousas,
Tu, que por guerras cruas, tais e tantas,
E por trabalhos vãos nunca repousas,
Pois os vedados términos quebrantas
E navegar meus longos mares ousas,
Que eu tanto tempo há já que guardo e tenho,
Nunca arados de estranho ou próprio lenho: (1)

42 Pois vens ver os segredos escondidos (1)
Da natureza e do húmido elemento,
A nenhum grande humano concedidos
De nobre ou de imortal merecimento,
Ouve os danos de mi que apercebidos (2)
Estão a teu sobejo atrevimento,
Por todo o largo mar e pola terra
Que inda hás de sojugar com dura guerra.

43 Sabe que quantas naus esta viagem
Que tu fazes, fizerem, de atrevidas, (1)
Inimiga terão esta paragem,
Com ventos e tormentas desmedidas!
E da primeira armada, que passagem
Fizer por estas ondas insofridas, (2)
Eu farei, de improviso, tal castigo (3)
Que seja mor o dano que o perigo!

44 Aqui espero tomar, se não me engano,
De quem me descobriu suma vingança;
E não se acabará só nisto o dano
De vossa pertinace confiança: (1)
Antes, em vossas naus vereis, cada ano,
Se é verdade o que meu juízo alcança,
Naufrágios, perdições de toda sorte, (2)
Que o menor mal de todos seja a morte!

45 E do primeiro Ilustre, que a ventura (1)
Com fama alta fizer tocar os céus,
Serei eterna e nova sepultura,
Por juízos incógnitos de Deus.
Aqui porá da turca armada dura (2)
Os soberbos e prósperos troféus;
Comigo de seus danos o ameaça
A destruída Quíloa com Mombaça. (3)

46 Outro também virá, de honrada fama (1)
Liberal, cavaleiro, enamorado,
E consigo trará a fermosa dama
Que Amor por grão mercê lhe terá dado.
Triste ventura e negro fado os chama
Neste terreno meu, que, duro e irado,
Os deixará dum cru naufrágio vivos,
Pera verem trabalhos excessivos. (2)

47 Verão morrer com fome os filhos caros, (1)
Em tanto amor gerados e nascidos,
Verão os Cafres, ásperos e avaros, (2)
Tirar à linda dama seus vestidos;
Os cristalinos membros e perclaros (3)
À calma, ao frio, ao ar, verão despidos, (4)
Despois de ter pisada, longamente, (5)
Co'os delicados pés a areia ardente.

48 E verão mais os olhos que escaparem (1)
De tanto mal, de tanta desventura,
Os dois amantes míseros ficarem
Na férvida, implacábil espessura.
Ali, despois que as pedras abrandarem
Com lágrimas de dor, de mágoa pura,
Abraçados, as almas soltarão
Da fermosa e misérrima prisão.

49 Mais ia por diante o monstro horrendo,
Dizendo nossos Fados, quando, alçado, (1) (2)
Lhe disse eu: Quem és tu? Que esse estupendo
Corpo, certo me tem maravilhado!
A boca e os olhos negros retorcendo
E dando um espantoso e grande brado,
Me respondeu, com voz pesada e amara,
Como quem da pergunta lhe pesara: (3)

50 "Eu sou aquele oculto e grande Cabo (1)
A quem chamais vós outros Tormentório,
Que nunca a Ptolomeu, Pompónio, Estrabo, (2)
Plínio e quantos passaram fui notório.
Aqui toda a Africana costa acabo
Neste meu nunca visto Promontório,
Que pera o Polo Antártico se estende,
A quem vossa ousadia tanto ofende!

51 Fui dos filhos aspérrimos da Terra, (1)
Qual Encélado, Egeu e o Centimano; (2)
Chamei-me Adamastor, e fui na guerra (3)
Contra o que vibra os raios de Vulcano; (4)
Não que pusesse serra sobre serra,
Mas, conquistando as ondas do Oceano, (5)
Fui capitão do mar, por onde andava
A armada de Netuno, que eu buscava.

52 Amores da alta esposa de Peleu (1)
Me fizeram tomar tamanha empresa.
Todas as deusas desprezei do céu,
Só por amar das águas a princesa.
Um dia a vi, co'as filhas de Nereu, (2)
Sair nua na praia: e logo presa
A vontade senti de tal maneira
Que inda não sinto cousa que mais queira.



53 Como fosse impossíbil alcançá-la
Pela grandeza feia de meu gesto, (1)
Determinei por armas de tomá-la
E a Dóris este caso manifesto.
De medo a deusa então por mi lhe fala;
Mas ela, c'um fermoso riso honesto,
Respondeu: "Qual será o amor bastante (2)
De ninfa, que sustente o dum gigante?"

54 "Contudo, por livrarmos o Oceano
De tanta guerra, eu buscarei maneira
Com que, com minha honra, escuse o dano."
Tal resposta me torna a mensageira:
Eu, que cair não pude neste engano
(Que é grande dos amantes a cegueira),
Encheram-me, com grandes abondanças, (1) (2)
O peito de desejos e esperanças.

55 Já néscio, já da guerra desistindo,
Uma noite de Dóris prometida,
Me aparece de longe o gesto lindo
Da branca Tetis, única, despida.
Como doudo corri de longe, abrindo (1)
Os braços pára aquela que era vida
Deste corpo, e começo os olhos belos
A lhe beijar, as faces e os cabelos.

56 Oh! Que não sei de nojo como o conte: (1)
Que, crendo ter nos braços quem amava,
Abraçado me achei c'um duro monte
De áspero mato e de espessura brava. (2)
Estando c'um penedo fronte a fronte,
Que eu pelo rosto angélico apertava,
Não fiquei homem, não; mas mudo e quedo (3)
E, junto dum penedo, outro penedo!

57 Ó ninfa, a mais fermosa do Oceano,
Já que minha presença não te agrada, (1)
Que te custava ter-me neste engano, (2)
Ou fosse monte, nuvem, sonho ou nada?
Daqui me parto, irado e quase insano
Da mágoa e da desonra ali passada,
A buscar outro mundo, onde não visse
Quem de meu pranto e de meu mal se risse.

58 Eram já neste tempo meus irmãos
Vencidos e em miséria extrema postos,
E, por mais segurar-se os deuses vãos,
Alguns a vários montes sotopostos;
E, como contra o céu não valem mãos,
Eu, que chorando andava meus desgostos,
Comecei a sentir do Fado imigo, (1)
Por meus atrevimentos, o castigo.

59 Converte-se-me a carne em terra dura; (1)
Em penedos os ossos se fizeram;
Estes membros que vês, e esta figura,
Por estas longas águas se estenderam:
Enfim, minha grandíssima estatura
Neste remoto cabo converteram (2)
Os deuses; e, por mais dobradas mágoas,
Me anda Tetis cercando destas águas.

60 Assi contava; e, c'um medonho choro, (1)
Súbito d'ante os olhos se apartou.
Desfez-se a nuvem negra, e c'um sonoro
Bramido muito longe o mar soou.
Eu, levantando as mãos ao santo coro
Dos anjos, que tão longe nos guiou,
A Deus pedi que removesse os duros (2)
Casos, que Adamastor contou futuros.

61 Já Flegon e Piróis vinham tirando, (1)
Co'os outros dois, o carro radiante,
Quando a terra alta se nos foi mostrando
Em que foi convertido o grão gigante.
Ao longo desta costa, começando
Já de cortar as ondas do Levante,
Por ela abaixo um pouco navegámos, (2)
Onde segunda vez terra tomámos.

62 A gente que esta terra possuía,
Posto que todos Etiopes eram,
Mais humana no trato parecia
Que os outros que tão mal nos receberam.
Com bailos e com festas de alegria
Pela praia arenosa a nós vieram,
As mulheres consigo e o manso gado
Que apascentavam, gordo e bem criado.

63 As mulheres, queimadas, vem em cima
Dos vagarosos bois, ali sentadas,
Animais que eles têm em mais estima
Que todo o outro gado das manadas.
Cantigas pastoris, ou prosa ou rima,
Na sua língua cantam, concertadas
Co'o doce som das rústicas avenas, (1)
Imitando de Títiro as Camenas. (2)

64 Estes, como na vista prazenteiros
Fossem, humanamente nos trataram,
Trazendo-nos galinhas e carneiros
A troco doutras peças que levaram.
Mas como nunca, enfim, meus companheiros
Palavra sua alguma lhe alcançaram
Que desse algum sinal do que buscamos,
As velas dando, as âncoras levamos. (1)

65 Já aqui tínhamos dado um grão rodeio
À costa negra de África, e tornava
A proa a demandar o ardente meio
Do céu, e o polo antártico ficava.
Aquele ilhéu deixámos onde veio (1)
Outra armada primeira, que buscava
O Tormentório Cabo e, descoberto,
Naquele ilhéu fez seu limite certo.

66 Daqui fomos cortando muitos dias,
Entre tormentas tristes e bonanças, (1)
No largo mar fazendo novas vias,
Só conduzidos de árduas esperanças. (2)
Co'o mar um tempo andámos em porfias,
Que, como tudo nele são mudanças,
Corrente nele achámos tão possante,
Que passar não deixava por diante.

67 Era maior a força em demasia, (1)
Segundo para trás nos obrigava,
Do mar, que contra nós ali corria,
Que por nós a do vento que assoprava.
Injuriado Noto da porfia (2)
Em que co'o mar (parece) tanto estava,
Os assopros esforça iradamente,
Com que nos fez vencer a grão corrente.

68 Trazia o Sol o dia celebrado
Em que três Reis das partes do Oriente (1)
Foram buscar um Rei, de pouco nado, (2)
No qual Rei outros três há juntamente.
Neste dia outro porto foi tomado
Por nós, da mesma já contada gente,
Num largo rio, ao qual o nome demos (3)
Do dia em que por ele nos metemos.

69 Desta gente refresco algum tomámos (1)
E do rio fresca água; mas contudo
Nenhum sinal aqui na Índia achámos
No povo, com nós-outros quase mudo.
Ora vê, Rei, quamanha terra andámos, (2)
Sem sair nunca deste povo rudo, (3)
Sem vermos nunca nova nem sinal
Da desejada parte oriental.

70 Ora imagina agora quão coitados
Andaríamos todos, quão perdidos (1)
De fomes, de tormentas quebrantados,
Por climas e por mares não sabidos!
E do esperar comprido tão cansados (2)
Quanto a desesperar já compelidos,
Por céus não naturais, de qualidade (3)
Inimiga de nossa humanidade.

71 Corrupto já e danado o mantimento,
Danoso e mau ao fraco corpo humano;
E, além disso, nenhum contentamento, (1)
Que se quer da esperança fosse engano.
Crês tu que, se este nosso ajuntamento
De soldados não fora lusitano,
Que durara ele tanto obediente,
Porventura, a seu rei e a seu regente?

72 Crês tu que já não foram levantados (1)
Contra seu capitão, se os resistira, (2)
Fazendo-se piratas, obrigados
De desesperação, de fome, de ira?
Grandemente, por certo, estão provados,
Pois que nenhum trabalho grande os tira
Daquela portuguesa alta excelência
De lealdade firme e obediência.

73 Deixando o porto, enfim, do doce rio
E tornando a cortar a água salgada,
Fizemos desta costa algum desvio,
Deitando para o pego toda a armada; (1)
Porque, ventando Noto, manso e frio,
Não nos apanhasse a água da enseada
Que a costa faz ali, daquela banda
Donde a rica Sofala o ouro manda. (2)

74 Esta passada, logo o leve leme (1)
Encomendado ao sacro Nicolau, (2)
Para onde o mar na costa brada e geme,
A proa inclina duma e doutra nau;
Quando, indo o coração que espera e teme
E que tanto fiou dum fraco pau,
Do que esperava já desesperado, (3)
Foi duma novidade alvoroçado.

75 E foi que, estando já da costa perto,
Onde as praias e vales bem se viam,
Num rio, que ali sai ao mar aberto,
Batéis a vela entravam e saíam. (1)
Alegria mui grande foi, por certo,
Acharmos já pessoas que sabiam
Navegar, porque entre elas espéramos
De achar novas algumas, como achámos. (2)

76 Etiopes são todos, mas parece (1)
Que com gente melhor comunicavam;
Palavra alguma arábia se conhece (2)
Entre a linguagem sua que falavam;
E com pano delgado, que se tece
De algodão, as cabeças apertavam;
Com outro, que de tinta azul se tinge,
Cada um as vergonhosas partes cinge.

77 Pela arábica língua, que mal falam
E que Fernão Martins mui bem entende, (1)
Dizem que por naus que em grandeza igualam (2)
As nossas, o seu mar se corta e fende; (3)
Mas que, lá donde sai o Sol, se abalam
Pera onde a costa ao Sul se alarga e estende,
E do Sul pera o Sol, terra onde havia
Gente, assi como nós, da cor do dia.

78 Mui grandemente aqui nos alegrámos
Co'a gente, e com as novas muito mais.
Pelos sinais que neste rio achámos
O nome lhe ficou dos Bons Sinais. (1)
Um padrão nesta terra alevantámos,
Que, para assinalar lugares tais,
Trazia alguns; o nome tem do belo (2)
Guiador de Tobias a Gabelo.

79 Aqui de limos, cascas e de ostrinhos, (1)
Nojosa criação das águas fundas, (2)
Alimpámos as naus, que dos caminhos
Longos do mar vem sórdidas e imundas, (3)
Dos hóspedes que tínhamos vizinhos,
Com mostras aprazíveis e jucundas,
Houvemos sempre o usado mantimento,
Limpos de todo o falso pensamento.

80 Mas não foi, da esperança grande e imensa
Que nesta terra houvemos, limpa e pura
A alegria; mas logo a recompensa
A Ramnúsia com nova desventura: (1)
Assi no céu sereno se dispensa;
Com esta condição, pesada e dura,
Nascemos: o pesar terá firmeza,
Mas o bem logo muda a natureza.

81 E foi que, de doença crua e feia, (1)
A mais que eu nunca vi, desampararam
Muitos a vida, e em terra estranha e alheia
Os ossos para sempre sepultaram.
Quem haverá que, sem o ver, o creia,
Que tão disformemente ali lhe incharam
As gengivas na boca, que crescia
A carne e juntamente apodrecia?

82 Apodrecia c'um fétido e bruto (1)
Cheiro, que o ar vizinho inficionava.
Não tínhamos ali médico astuto, (2)
Cirurgião sutil menos se achava; (3)
Mas qualquer, neste ofício pouco instruto, (4)
Pela carne já podre assi cortava
Como se fora morta, e bem convinha,
Pois que morto ficava quem a tinha.

83 Enfim que, nesta incógnita espessura
Deixámos para sempre os companheiros
Que em tal caminho e em tanta desventura
Foram sempre conosco aventureiros. (1)
Quão fácil é ao corpo a sepultura!
Quaisquer ondas do mar, quaisquer outeiros
Estranhos, assi mesmo como aos nossos,
Receberão de todo o ilustre os ossos. (2)

84 Assi que, deste porto nos partimos
Com maior esperança e mor tristeza,
E pela costa abaixo o mar abrimos,
Buscando algum sinal de mais firmeza.
Na dura Moçambique, enfim surgimos, (1)
De cuja falsidade e má vileza
Já serás sabedor, e dos enganos
Dos povos de Mombaça, pouco humanos.



85 Até que aqui, no teu seguro porto, (1)
Cuja brandura e doce tratamento
Dará saúde a um vivo e vida a um morto, (2)
Nos trouxe a piedade do alto Assento.
Aqui repouso, aqui doce conforto, (3)
Nova quietação do pensamento,
Nos deste. E vês aqui, se atento ouviste,
Te contei tudo quanto me pediste.

86 Julgas agora, Rei, se houve no mundo
Gentes que tais caminhos cometessem?
Crês tu que tanto Enéias e o facundo
Ulisses pelo mundo se estendessem? (1)
Ousou algum a ver do mar profundo, (2)
Por mais versos que dele se escrevessem,
Do que eu vi, a poder de esforço e de arte, (3)
E do que inda hei de ver, a oitava parte?

87 Esse que bebeu tanto da água Aônia, (1)
Sobre quem tem contenda peregrina (2)
Entre si, Rodes, Smirna e Colofônia,
Atenas, Ios, Argo e Salamina;
Ess'outro que esclarece toda Ausônia, (3)
A cuja voz, altíssona e divina,
Ouvindo, o pátrio Míncio se adormece, (4)
Mas o Tibre co'o som se ensoberbece: (5)

88 Cantem, louvem e escrevam sempre extremos
Desses seus semideuses e encareçam,
Fingindo magas Circes, Polifemos, (1)
Sirenas que co'o canto os adormeçam; (2)
Dem-lhe mais navegar a vela e remos
Os Cícones e a terra onde se esquecem (3)
Os companheiros, em gostando o loto; (4)
Dem-lhe perder nas águas o piloto; (5)

89 Ventos soltos lhe finjam e imaginem (1)
Dos odres e Calipsos namoradas; (2)
Harpias que o manjar lhe contaminem; (3)
Descer às sombras nuas já passadas: (4)
Que, por muito e por muito que se afinem (5)
Nestas fábulas vãs, tão bem sonhadas,
A verdade que eu conto, nua e pura,
Vence toda grandíloca escritura!" (6)

90 Da boca do facundo capitão
Pendendo estavam todos, embebidos,
Quando deu fim à longa narração
Dos altos feitos, grandes e subidos.
Louva o Rei o sublime coração
Dos Reis em tantas terras conhecidos;
Da gente louva a antiga fortaleza, (1)
A lealdade de ânimo e nobreza.

91 Vai recontando o povo, que se admira, (1)
O caso cada qual que mais notou.
Nenhum deles da gente os olhos tira
Que tão longos caminhos rodeou.
Mas já o mancebo Délio as rédeas vira (2)
Que o irmão de Lampécia mal guiou, (3)
Por vir a descansar nos Tétios braços; (4)
E el-Rei se vai do mar aos nobres paços.

92 Quão doce é o louvor e a justa glória
Dos próprios feitos, quando são soados!
Qualquer nobre trabalha que em memória (1)
Vença ou iguale os grandes já passados.
As invejas da ilustre e alheia história (2)
Fazem mil vezes feitos sublimados.
Quem valerosas obras exercita,
Louvor alheio muito o esperta e incita. (3)

93 Não tinha em tanto os feitos gloriosos
De Aquiles, Alexandro, na peleja, (1)
Quanto de quem o canta os numerosos (2)
Versos: isso só louva, isso deseja.
Os troféus de Melcíades famosos,
Temístocles despertam só de inveja, (3)
E diz que nada tanto o deleitava
Como a voz que seus feitos celebrava.

94 Trabalha por mostrar Vasco da Gama (1)
Que essas navegações, que o mundo canta,
Não merecem tamanha glória e fama
Como a sua, que o céu e a terra espanta.
Si; mas aquele Herói que estima e ama (2)
Com dões, mercês, favores e honra tanta
A lira mantuana, faz que soe (3)
Eneias, e a Romana glória voe.

95 Dá a terra Lusitana Cipiões, (1)
Césares, Alexandros, e dá Augustos;
Mas não lhe dá, contudo, aqueles dões
Cuja falta os faz duros e robustos.
Octávio, entre as maiores opressões, (2)
Compunha versos doutos e venustos
(Não dirá Fúlvia, certo, que é mentira, (3)
Quando a deixava António por Glafira). (4)

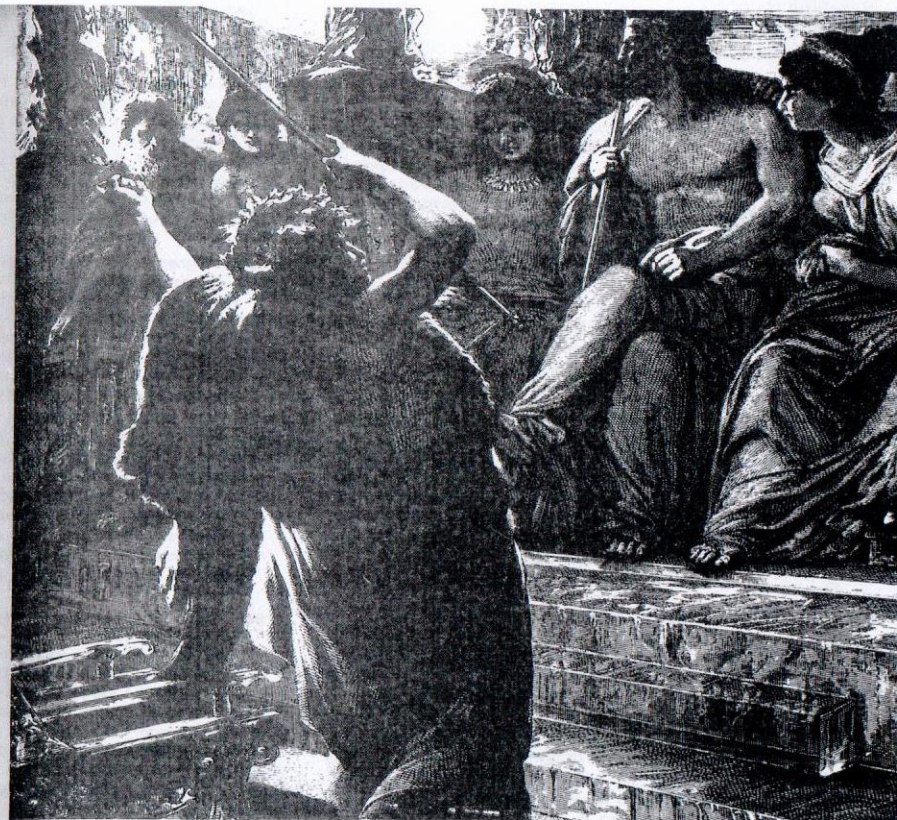
96 Vai César sujugando toda França (1)
E as armas não lhe impedem a ciência;
Mas, nũa mão a pena e noutra a lança,
Igualava de Cícero a eloqüência.
O que de Cipião se sabe e alcança (2)
É nas comédias grande experiência.
Lia Alexandro a Homero de maneira
Que sempre se lhe sabe à cabeceira.

97 Enfim, não houve forte capitão (1)
Que não fosse também douto e ciente,
Da lácia, grega ou bárbara nação,
Senão da portuguesa tão somente.
Sem vergonha o não digo: que a razão (2)
De algum não ser por versos excelente
É não se ver prezado o verso e rima:
Porque quem não sabe arte, não na estima.

98 Por isso, e não por falta de natura, (1)
Não há também Vergílios nem Homeros;
Nem haverá, se este costume dura
Pios Enéias nem Aquiles feros.
Mas o pior de tudo é que a ventura
Tão ásperos os fez e tão austeros,
Tão rudos e de engenho tão remisso,
Que a muitos lhe dá pouco ou nada disso.

99 Às musas agradeça o nosso Gama (1)
O muito amor da pátria, que as obriga
A dar aos seus, na lira, nome e fama
De toda a ilustre e bélica fadiga;
Que ele, nem quem na estirpe seu se chama,
Calíope não tem por tão amiga
Nem as filhas do Tejo, que deixassem
As telas de ouro fino e que o cantassem.

100 Porque o amor fraterno e puro gosto (1)
De dar a todo o lusitano feito
Seu louvor, é somente o prossuposto
Das Tágides gentis, e seu respeito.
Porém não deixe, enfim, de ter disposto
Ninguém a grandes obras sempre o peito,
Que, por esta ou por outra qualquer via,
Não perderá seu preço e sua valia.

CANTO V, E. 83
Enfim que, nesta incógnita espessura
Deixamos para sempre os companheiros

CANTO VI, E. 28
Que descuido foi este em que viveis?
Quem pode ser que tanto vos abrande

# Canto Sexto

## Argumento

Parte-se de Melinde o ilustre Gama
Com pilotos da terra e mantimento:
Desceu Lieu ao mar, Neptuno chama
Todos os deuses do húmido elemento:
Conta Veloso, aos seus dando honra e fama
Dos doze de Inglaterra o vencimento:
Socorre Vênus a afligida armada,
E à Índia chega tanto desejada.

1 Não sabia em que modo festejasse
O rei pagão os fortes navegantes, (1)
Pera que as amizades alcançasse
Do rei cristão, das gentes tão possantes.
Pesa-lhe que tão longe o aposentasse (2)
Das européias terras abundantes
A ventura, que não no fez vizinho (3)
Donde Hércules ao mar abriu caminho. (4)

2 Com jogos, danças e outras alegrias, (1)
A segundo a polícia melindana, (2)
Com usadas e ledas pescarias,
Com que a Lageia Antônio alegra e engana, (3)
Este famoso rei, todos os dias,
Festeja a companhia lusitana,
Com banquetes, manjares desusados,
Com frutas, aves, carnes e pescados.

3 Mas, vendo o Capitão que se detinha
Já mais do que devia, e o fresco vento (1)
O convida que parta e tome asinha (2)
Os pilotos da terra e mantimento,
Não se quer mais deter, que ainda tinha
Muito pera cortar do salso argento.
Já do pagão benigno se despede,
Que a todos amizade longa pede.

4 Pede-lhe mais que aquele porto seja
Sempre com suas frotas visitado,
Que nenhum outro bem maior deseja
Que dar a tais barões seu reino e estado; (1)
E que, enquanto seu corpo o espírito reja, (2)
Estará de contino aparelhado (3)
A pôr a vida e reino totalmente
Por tão bom rei, por tão sublime gente.

5 Outras palavras tais lhe respondia
O Capitão, e logo, as velas dando,
Para as terras da Aurora se partia,
Que tanto tempo há já que vai buscando.
No piloto, que leva não havia
Falsidade, mas antes vai mostrando
A navegação certa; e assi caminha
Já mais seguro do que dantes vinha.

6 As ondas navegavam do Oriente,
Já nos mares da Índia, e enxergavam
Os tálamos do Sol, que nasce ardente: (1)
Já quase seus desejos se acabavam.
Mas o mau de Tioneu, que na alma sente (2)
As venturas que então se aparelhavam
À gente lusitana, delas dina,
Arde, morre, blasfema e desatina. (3)

7 Via estar todo o céu determinado
De fazer de Lisboa nova Roma; (1)
Não no pode estorvar, que destinado
Está doutro Poder que tudo doma.
Do Olimpo desce enfim, desesperado;
Novo remédio em terra busca e toma:
Entra no húmido reino e vai-se à corte
Daquele a quem o mar caiu em sorte. (2)

8 No mais interno fundo das profundas
Cavernas altas, onde o mar se esconde, (1)
Lá donde as ondas saem furibundas
Quando às iras do vento o mar responde,
Netuno mora e moram as jucundas
Nereidas e outros deuses do mar, onde
As águas campo deixam às cidades
Que habitam estas húmidas deidades. (2)

9 Descobre o fundo nunca descoberto
As areias ali de prata fina; (1)
Torres altas se vem, no campo aberto,
Da transparente massa cristalina; (2)
Quanto se chegam mais os olhos perto (3)
Tanto menos a vista determina
Se é cristal o que vê, se diamante,
Que assi se mostra claro e radiante.

10 As portas de ouro fino e marchetadas
Do rico aljôfar que nas conchas nasce,
De escultura fermosa estão lavradas,
Na qual do irado Baco a vista pace;
E vê primeiro, em cores variadas,
Do velho Caos a tão confusa face; (1)
Vem-se os quatro elementos trasladados, (2)
Em diversos ofícios ocupados.

11 Ali, sublime, o Fogo estava em cima (1)
Que em nenhũa matéria se sustinha;
Daqui as cousas vivas sempre anima, (2)
Depois que Prometeu furtado o tinha.
Logo após ele, leve se sublima
O invisíbil Ar, que mais asinha
Tomou lugar e, nem por quente ou frio,
Algum deixa no mundo estar vazio. (3)

12 Estava a Terra, em montes, revestida
De verdes ervas e árvores floridas,
Dando pasto diverso e dando vida
Às alimárias nela produzidas. (1)
A clara forma ali estava esculpida
Das Águas, entre a terra desparzidas,
De pescados criando vários modos,
Com seu humor mantendo os corpos todos.

13 Noutra parte, esculpida estava a guerra
Que tiveram os deuses co'os gigantes;
Está Tifeu debaixo da alta serra (1)
De Etna, que as flamas lança crepitantes.
Esculpido se vê, ferindo a terra,
Netuno, quando as gentes, ignorantes,
Dele o cavalo houveram, e a primeira (2)
De Minerva pacífica ouliveira. (3)

14 Pouca tardança faz Lieu irado (1)
Na vista destas cousas, mas entrando
Nos paços de Netuno, que, avisado (2)
Da vinda sua, o estava já aguardando,
Às portas o recebe, acompanhado
Das Ninfas, que se estão maravilhando
De ver que, cometendo tal caminho,
Entre no reino da água o Rei do vinho. (3)

15 "Ó Netuno", lhe disse, "não te espantes
De Baco nos teus reinos receberes; (1)
Porque também co'os grandes e possantes
Mostra a Fortuna injusta seus poderes.
Manda chamar os deuses do mar, antes
Que fale mais, se ouvir-me o mais quiseres. (2)
Verão da desventura grandes modos;
Ouçam todos o mal que toca a todos."

16 Julgando já Netuno que seria
Estranho caso aquele, logo manda
Tritão, que chame os deuses da água fria, (1)
Que o mar habitam duma e doutra banda.
Tritão, que de ser filho se gloria
Do Rei e de Salácia veneranda,
Era mancebo grande, negro e feio,
Trombeta de seu pai e seu correio.

17 Os cabelos da barba e os que decem (1)
Da cabeça nos ombros, todos eram
Uns limos prenhes de água, e bem parecem (2)
Que nunca brando pente conheceram.
Nas pontas pendurados não falecem
Os negros mexilhões, que ali se geram. (3)
Na cabeça, por gorra, tinham posta (4)
Uma mui grande casca de lagosta.

18 O corpo nu, e os membros genitais,
Por não ter ao nadar impedimento,
Mas porém de pequenos animais (1)
Do mar todos cobertos, cento e cento: (2)
Camarões e cangrejos e outros mais, (3)
Que recebem de Febe crescimento. (4)
Ostras e briguigões, do musgo sujos, (5)
As costas co'a casca os caramujos. (6)

19 Na mão a grande concha retorcida
Que trazia, com força já tocava; (1)
A voz grande, canora, foi ouvida
Por todo o mar, que longe retumbava.
Já toda a companhia, apercebida,
Dos deuses para os paços caminhava
Do deus que fez os muros de Dardânia, (2)
Destruídos depois da grega insânia.

20 Vinha o padre Oceano, acompanhado (1)
Dos filhos e das filhas que gerara;
Vem Nereu, que com Dóris foi casado,
Que todo o mar de Ninfas povoara.
O profeta Proteu, deixando o gado (2)
Marítimo pascer pela água amara,
Ali veio também, mas já sabia
O que o padre Lieu no mar queria.



21 Vinha por outra parte a linda esposa (1)
De Netuno, de Celo e Vesta filha,
Grave e leda no gesto, e tão fermosa
Que se amansava o mar, de maravilha. (2)
Vestida uma camisa preciosa
Trazia, de delgada beatilha, (3)
Que o corpo cristalino deixa ver-se,
Que tanto bem não é pera esconder-se.

22 Anfitrite formosa como as flores (1)
Neste caso não quis que falecesse; (2)
O delfim traz consigo que aos amores
Do rei lhe aconselhou que obedecesse, (3)
Co'os olhos, que de tudo são senhores,
Qualquer parecerá que o Sol vencesse. (4)
Ambas vem pela mão, igual partido, (5)
Pois ambas são esposas dum marido.

23 Aquela que, das fúrias de Atamante (1)
Fugindo, veio a ter divino estado,
Consigo traz o filho, belo infante, (2)
No número dos deuses relatado.
Pela praia brincando vem, diante,
Com as lindas conchinhas, que o salgado
Mar sempre cria e, às vezes, pela areia
No colo o toma a bela Panopeia. (3)

24 E o deus que foi num tempo corpo humano (1)
E, por virtude da erva poderosa,
Foi convertido em peixe, e deste dano
Lhe resultou deidade gloriosa,
Inda vinha chorando o feio engano (2)
Que Circes tinha usado co'a fermosa
Cila, que ele ama, desta sendo amado, (3)
Que a mais obriga amor mal empregado.

25 Já finalmente todos assentados
Na grande sala, nobre e divinal,
As deusas em riquíssimos estrados,
Os deuses em cadeiras de cristal,
Foram todos do Padre agasalhados,
Que co'o Tebano tinha assento igual.
De fumos enche a casa a rica massa (1)
Que no mar nasce e Arábia em cheiro passa. (2)

26 Estando sossegado já o tumulto
Dos deuses e de seus recebimentos,
Começa a descobrir do peito oculto
A causa o Tioneu de seus tormentos.
Um pouco carregando-se no vulto, (1)
Dando mostra de grandes sentimentos,
Só por dar aos de Luso triste morte
Co'o ferro alheio, fala desta sorte:

27 Príncipe, que de juro senhoreias, (1)
Dum polo ao outro polo, o mar irado,
Tu, que as gentes da terra toda enfreias,
Que não passem o termo limitado;
E tu, padre Oceano, que rodeias
O mundo universal e o tens cercado,
E com justo decreto assi permites
Que dentro vivam só de seus limites;

28 E vós, deuses do mar, que não sofreis
Injúria alguma em vosso reino grande,
Que com castigo igual vos não vingueis
De quem quer que por ele corra e ande:
Que descuido foi este em que viveis?
Quem pode ser que tanto vos abrande
Os peitos, com razão endurecidos
Contra os humanos, fracos e atrevidos?

29 Vistes que, com grandíssima ousadia,
Foram já cometer o céu supremo; (1)
Vistes aquela insana fantasia
De tentarem o mar com vela e remo; (2)
Vistes, e ainda vemos cada dia,
Soberbas e insolências tais, que temo
Que do mar e do céu, em poucos anos,
Venham deuses a ser, e nós, humanos. (3)

30 Vedes agora a fraca geração
Que dum vassalo meu o nome toma, (1)
Com soberbo e altivo coração
A vós e a mi e o mundo todo doma.
Vedes, o vosso mar cortando vão, (2)
Mais do que fez a gente alta de Roma;
Vedes, o vosso reino devassando, (3)
Os vossos estatutos vão quebrando.

31 Eu vi que contra os Mínias, que primeiro (1)
No vosso reino este caminho abriram,
Bóreas, injuriado, e o companheiro
Áquilo e os outros todos resistiram.
Pois se do ajuntamento aventureiro
Os ventos esta injúria assi sentiram.
Vós, a quem mais compete esta vingança,
Que esperais? Por que a pondes em tardança?

32 E não consinto, deuses, que cuideis
Que por amor de vós do céu desci,
Nem da mágoa da injúria que sofreis, (1)
Mas da que se me faz também a mi;
Que aquelas grandes honras que sabeis
Que no mundo ganhei, quando venci
As terras indianas do Oriente,
Todas vejo abatidas desta gente.

33 Que o grão Senhor e Fados, que destinam, (1)
Como lhe bem parece, o baixo mundo,
Famas mores que nunca determinam
De dar a estes barões no mar profundo. (2)
Aqui vereis, ó deuses, como ensinam
O mal também a deuses: que, a segundo (3)
Se vê, ninguém já têm menos valia
Que quem com mais razão valer devia.

34 E por isso do Olimpo já fugi,
Buscando algum remédio a meus pesares,
Por ver o preço que no céu perdi, (1)
Se por dita acharei nos vossos mares."
Mais quis dizer, e não passou daqui,
Porque as lágrimas já, correndo a pares,
Lhe saltaram dos olhos, com que logo
Se acendem as deidades da água em fogo. (2)

35 A ira com que súbito alterado
O coração dos Deuses foi num ponto, (1)
Não sofreu mais conselho bem cuidado
Nem dilação nem outro algum desconto: (2)
Ao grande Eolo mandam já recado,
Da parte de Netuno, que sem conto
Solte as fúrias dos ventos repugnantes, (3)
Que não haja no mar mais navegantes.

36 Bem quisera primeiro ali Proteu
Dizer, neste negócio, o que sentia,
E, segundo o que a todos pareceu,
Era alguma profunda profecia;
Porém, tanto o tumulto se moveu,
Súbito, na divina companhia,
Que Tetis, indignada, lhe bradou:
"Netuno sabe bem o que mandou!"

37 Já lá o soberbo Hipótades soltava (1)
Do cárcere fechado os furiosos
Ventos, que com palavras animava
Contra os barões audaces e animosos. (2)
Súbito, o céu sereno se obumbrava, (3)
Que os ventos, mais que nunca, impetuosos,
Começam a novas forças a ir tomando,
Torres, montes e casas derribando.

38 Enquanto este conselho se fazia (1)
No fundo aquoso, a leda, lassa frota
Com vento sossegado prosseguia,
Pelo tranqüilo mar, a longa rota. (2)
Era no tempo quando a luz do dia
Do Eõo Hemisfério está remota: (3)
Os do quarto da prima se deitavam, (4)
Pera o segundo os outros despertavam.

39 Vencidos vem do sono e mal despertos;
Bocejando, a miúdo, se encostavam (1)
Pelas antenas, todos mal cobertos (2)
Contra os agudos ares que assopravam;
Os olhos contra seu querer abertos,
Mas estregando, os membros estiravam. (3)
Remédios contra o sono buscar querem,
Histórias contam, casos mil referem.

40 "Com que melhor podemos", um dizia,
"Este tempo passar, que é tão pesado,
Se não com algum conto de alegria,
Com que nos deixe o sono carregado?" (1)
Responde Lionardo, que trazia
Pensamentos de firme namorado:
"Que contos poderemos ter melhores, (2)
Pera passar o tempo, que de amores?"

41 "Não é", disse Veloso, "cousa justa
Tratar branduras em tanta aspereza,
Que o trabalho do mar, que tanto custa,
Não sofre amores nem delicadeza; (1)
Antes de guerra férvida e robusta
A nossa história seja, pois, dureza
Nossa vida há de ser, segundo entendo,
Que o trabalho por vir mo está dizendo."

42 Consentem nisto todos, e encomendam
A Veloso que conte isto que aprova.
"Contarei", disse, "sem que me reprendam (1)
De contar cousa fabulosa ou nova;
E porque os que me ouvirem daqui aprendam
A fazer feitos grandes de alta prova, (2)
Dos nascidos direi na nossa terra,
E estes sejam os doze de Inglaterra. (3)

43 No tempo que o reino a rédea leve,
João, filho de Pedro, moderava, (1)
Despois que sossegado e livre o teve
Do vizinho poder, que o molestava, (2)
Lá na grande Inglaterra, que da neve
Boreal sempre abunda, semeava
A fera Erínis dura e má cizânia, (3)
Que lustre fosse a nossa Lusitânia. (4)

44 Entre as damas gentis da corte inglesa
E nobres cortesãos, acaso um dia (1)
Se levantou discórdia, em ira acesa
(Ou foi opinião, ou foi porfia): (2)
Os cortesãos, a quem tão pouco pesa
Soltar palavras graves de ousadia,
Dizem que provarão que honras e famas
Em tais damas não há pera ser damas;

45 E que, se houver alguém, com lança e espada, (1)
Que queira sustentar a parte sua, (2)
Que eles, em campo raso ou estacada, (3)
Lhe darão feia infâmia ou morte crua.
A feminil fraqueza, pouco usada, (4)
Ou nunca, a opróbrios tais, vendo-se nua
De forças naturais convenientes,
Socorro pede a amigos e parentes.

46 Mas, como fossem grandes e possantes
No reino os inimigos, não se atrevem
Nem parentes, nem férvidos amantes,
A sustentar as damas, como devem.
Com lágrimas fermosas, e bastantes
A fazer que em socorro os deuses levem
De todo o céu, por rostos de alabastro,
Se vão todas ao Duque de Alencastro. (1)

47 Era este inglês potente e militara (1)
Co'os portugueses já contra Castela,
Onde as forças magnânimas provara
Dos companheiros, e benigna estrela.
Não menos nesta terra experimentara
Namorados afeitos, quando nela (2)
A filha viu que tanto o peito doma
Do forte rei que por mulher a toma. (3)

48 Este, que socorrer-lhe não queria (1)
Por não causar discórdias intestinas,
Lhe diz: "Quando o direito pretendia
Do reino lá das terras iberinas,
Nos lusitanos vi tanta ousadia,
Tanto primor e partes tão divinas,
Que eles sós poderiam, se não erro,
Sustentar vossa parte a fogo e ferro. (2)

49 E se, agravadas damas, sois servidas,
Por vós lhe mandarei embaixadores,
Que, por cartas discretas e polidas,
De vosso agravo os façam sabedores.
Também, por vossa parte, encarecidas
Com palavras de afagos e de amores
Lhe sejam vossas lágrimas, que eu creio
Que ali tereis socorro e forte esteio."

50 Dest'arte as aconselha o duque experto (1)
E logo lhe nomeia doze fortes; (2)
E por que cada dama um tenha certo,
Lhe manda que sobre eles lancem sortes, (3)
Que elas só doze são; e descoberto
Qual a qual tem caído das consortes, (4)
Cada uma escreve ao seu, por vários modos,
E todas a seu rei e o duque a todos.

51 Já chega a Portugal o mensageiro;
Toda a corte alvoroça a novidade;
Quisera o rei sublime ser primeiro,
Mas não lho sofre a régia majestade. (1)
Qualquer dos cortesãos aventureiro (2)
Deseja ser, com férvida vontade,
E só fica por bem-aventurado
Quem já vem pelo duque nomeado.

52 Lá na leal cidade donde teve (1)
Origem (como é fama) o nome eterno
De Portugal, armar madeiro leve (2)
Manda o que tem o leme do governo.
Apercebem-se os doze, em tempo breve, (3)
De armas e roupas de uso mais moderno,
De elmos, cimeiras, letras e primores, (4)
Cavalos, e concertos de mil cores.



53 Já do seu rei tomado tem licença,
Para partir do Douro celebrado, (1)
Aqueles que escolhidos por sentença
Foram do duque inglês exprimentado.
Não há na companhia diferença
De cavaleiro, destro ou esforçado;
Mas um só, que Magriço se dizia, (2)
Dest'arte fala à forte companhia:

54 "Fortíssimos consócios, eu desejo (1)
Há muito já de andar terras estranhas,
Por ver mais águas que as do Douro e Tejo,
Várias gentes e leis e várias manhas. (2)
Agora que aparelho certo vejo, (3)
Pois que do mundo as cousas são tamanhas,
Quero, se me deixais, ir só por terra,
Porque eu serei convosco em Inglaterra. (4)

55 E quando caso for que eu, empedido
Por Quem das cousas é última linha, (1)
Não for convosco ao prazo instituído, (2)
Pouca falta vos faz a falta minha: (3)
Todos por mi fareis o que é devido.
Mas, se a verdade o esprito me adivinha,
Rios, montes, Fortuna ou sua inveja
Não farão que eu convosco lá não seja."

56 Assi diz e, abraçados os amigos (1)
E tomada licença, enfim se parte.
Passa Leão, Castela, vendo antigos
Lugares que ganhara o pátrio Marte;
Navarra, co'os altíssimos perigos
Do Perineu, que Espanha e Gália parte. (2)
Vistas, enfim, de França as cousas grandes,
No grande empório foi parar de Frandes. (3)

57 Ali chegado, ou fosse caso ou manha,
Sem passar se deteve muitos dias;
Mas dos onze a ilustríssima companha (1)
Cortam do mar do Norte as ondas frias.
Chegados de Inglaterra à costa estranha,
Pera Londres já fazem todos vias: (2)
Do duque são com festa agasalhados
E das damas servidos e amimados.

58 Chega-se o prazo e dia assinalado (1)
De entrar em campo já co'os doze ingleses,
Que pelo rei já tinham segurado; (2)
Armam-se de elmos, grevas e de arneses. (3)
Já as damas têm por si, fulgente e armado,
O Mavorte feroz dos portugueses;
Vestem-se elas de cores e de sedas,
De ouro e de jóias mil, ricas e ledas.

59 Mas aquela a quem fora em sorte dado
Magriço, que não vinha, com tristeza
Se veste, por não ter quem nomeado
Seja seu cavaleiro nesta empresa;
Bem que os onze apregoam que acabado (1)
Será o negócio assi na corte inglesa, (2)
Que as damas vencedoras se conheçam,
Posto que dois e três dos seus faleçam. (3)

60 Já num sublime e público teatro (1)
Se assenta o rei inglês com toda a corte.
Estavam três e três e quatro e quatro, (2)
Bem como a cada qual coubera em sorte;
Não são vistos do sol, do Tejo ao Bactro, (3)
De força, esforço e de ânimo mais forte,
Outros doze sair, como os ingleses,
No campo, contra os onze portugueses.

61 Mastigam os cavalos escumando, (1)
Os áureos freios, com feroz semblante; (2)
Estava o sol nas armas rutilando,
Como em cristal ou rígido diamante;
Mas enxerga-se, num e noutro bando,
Partido desigual e dissonante
Dos onze contra os doze; quando a gente
Começa a alvoroçar-se geralmente.

62 Viram todos o rosto aonde havia
A causa principal do reboliço:
Eis entra um cavaleiro, que trazia
Armas, cavalo, ao bélico serviço;
Ao rei e às damas fala e logo se ia (1)
Pera os onze, que este era o grão Magriço.
Abraça os companheiros, como amigos
A quem não falta, certo nos perigos.

63 A dama, como ouviu que este era aquele (1)
Que vinha a defender seu nome e fama, (2)
Se alegra e veste ali do animal de Hele, (3)
Que a gente bruta mais que virtude ama.
Já dão sinal, e o som da tuba impele
Os belicosos ânimos, que inflama;
Picam de esporas, largam rédeas logo,
Abaixam lanças, fere a terra fogo.

64 Dos cavalos o estrépito parece
Que faz que o chão debaixo todo treme; (1)
O coração no peito que estremece
De quem os olha, se alvoroça e teme.
Qual do cavalo voa, que não dece; (2)
Qual, co'o cavalo em terra dando, geme;
Qual vermelhas as armas faz de brancas; (3)
Qual co'os penachos do elmo açouta as ancas. (4)

65 Algum dali tomou perpétuo sono (1)
E fez da vida ao fim breve intervalo; (2)
Correndo, algum cavalo vai sem dono, (3)
E noutra parte o dono sem cavalo.
Cai a soberba inglesa de seu trono.
Que dois ou três já fora vão do valo. (4)
Os que de espada vem fazer batalha,
Mais acham já que arnês, escudo e malha. (5)

66 Gastar palavras em contar extremos (1)
De golpes feros, cruas estocadas, (2)
É desses gastadores, que sabemos,
Maus do tempo, com fábulas sonhadas.
Basta, por fim do caso, que entendemos (3)
Que, com finezas altas e afamadas,
Co'os nossos fica a palma da vitória
E as damas vencedoras e com glória.

67 Recolhe o duque os doze vencedores
Nos seus paços, com festas e alegria;
Cozinheiros ocupa e caçadores,
Das damas a fermosa companhia, (1)
Que querem dar aos seus libertadores
Banquetes mil, cada hora e cada dia, (2)
Enquanto se detém em Inglaterra,
Até tornar à doce e cara terra.

68 Mas dizem que, contudo, o grão Magriço,
Desejoso de ver as cousas grandes,
Lá se deixou ficar, onde um serviço (1)
Notável à condessa fez de Frandes. (2)
E, como quem não era já noviço
Em todo trance onde tu, Marte, mandes,
Um francês mata em campo, que o destino (3)
Lá teve de Torcato e de Corvino

69 Outro também dos doze em Alemanha (1)
Se lança e teve um fero desafio
C'um germano enganoso, que, com manha (2)
Não devida o quis pôr no extremo fio. (3)
Contando assim Veloso, já a companha
Lhe pede que não faça tal desvio
Do caso de Magriço e vencimento,
Nem deixe o de Alemanha em esquecimento.

70 Mas, neste passo, assim prontos estando, (1)
Eis o mestre, que olhando os ares anda,
O apito toca: acordam, despertando, (2)
Os marinheiros duma e doutra banda.
E, porque o vento vinha refrescando,
Os traquetes das gáveas tomar manda. (3)
Alerta, disse, estai, que o vento cresce
Daquela nuvem negra que aparece.

71 Não eram os traquetes bem tomados,
Quando dá a grande e súbita procela. (1)
"Amaina", disse o mestre, a grandes brados,
"Amaina", disse, "amaina a grande vela!" (2)
Não esperam os ventos indignados
Que amainassem, mas, juntos dando nela,
Em pedaços a fazem c'um ruído (3)
Que o mundo pareceu ser destruído!

72 O céu fere com gritos nisto a gente,
C'um súbito temor e desacordo;
Que, no romper da vela, a nau pendente
Toma grão suma de água pelo bordo.
"Alija", disse o mestre rijamente, (1)
"Alija tudo ao mar, não falte acordo!
Vão outros dar à bomba, não cessando; (2)
À bomba, que nos imos alagando!"

73 Correm logo os soldados animosos (1)
A dar à bomba; e, tanto que chegaram,
Os balanços que os mares temerosos
Deram à nau, num bordo os derribaram.
Três marinheiros, duros e forçosos, (2)
A menear o leme não bastaram;
Talhas lhe punham, duma e doutra parte, (3)
Sem aproveitar dos homens força e arte.

74 Os ventos eram tais que não puderam
Mostrar mais força de ímpeto cruel,
Se para derribar então vieram (1)
A fortíssima torre de Babel, (2)
Nos altíssimos mares, que creceram,
A pequena grandura dum batel (3)
Mostra a possante nau, que move espanto,
Vendo que se sustém nas ondas tanto.

75 A nau grande, em que vai Paulo da Gama,
Quebrado leva o masto pelo meio, (1)
Quase toda alagada; a gente chama
Aquele que a salvar o mundo veio.
Não menos gritos vãos ao ar derrama (2)
Toda a nau de Coelho, com receio,
Com quanto teve o mestre tanto tento (3)
Que primeiro amainou que desse o vento.

76 Agora sobre as nuvens os subiam (1)
As ondas de Netuno furibundo;
Agora a ver parece que deciam
As íntimas entranhas do Profundo.
Noto, Austro, Bóreas, Áquilo, queriam (2)
Arruinar a máquina do mundo; (3)
A noite negra e feia se alumia
Co'os raios em que o Polo todo ardia! (4)

77 As Alcíoneas aves triste canto (1)
Junto da costa brava levantaram,
Lembrando-se de seu passado pranto,
Que as furiosas águas lhe causaram.
Os delfins namorados, entretanto, (2)
Lá nas covas marítimas entraram,
Fugindo à tempestade e ventos duros,
Que nem no fundo os deixa estar seguros.

78 Nunca tão vivos raios fabricou
Contra a fera soberba dos gigantes
O grão ferreiro sórdido que obrou (1)
Do enteado as armas radiantes (2)
Nem tanto o grão Tonante arremessou
Relâmpados ao mundo, fulminantes, (3)
No grão dilúvio donde sós viveram (4)
Os dous que em gente as pedras converteram. (5)

79 Quantos montes, então, que derribaram
As ondas que batiam denodadas! (1)
Quantas árvores velhas arrancaram
Do vento bravo as fúrias indignadas! (2)
As forçosas raízes não cuidaram
Que nunca para o céu fossem viradas,
Nem as fundas areias que pudessem
Tanto os mares que em cima as revolvessem.

80 Vendo Vasco da Gama que tão perto (1)
Do fim de seu desejo se perdia,
Vendo ora o mar até o inferno aberto,
Ora com nova fúria ao céu subia,
Confuso de temor, da vida incerto,
Onde nenhum remédio lhe valia,
Chama aquele remédio santo e forte
Que o impossíbil pode, desta sorte:

81 "Divina Guarda, angélica, celeste,
Que os céus, o mar e terra senhoreias:
Tu, que a todo Israel refúgio deste
Por metade das águas eritréias; (1)
Tu, que livraste Paulo e defendeste (2)
Das Sirtes arenosas e ondas feias, (3)
E guardaste, co'os filhos, o segundo (4)
Povoador do alagado e vácuo mundo:

82 Se tenho novos medos perigosos
Doutra Cila e Caríbdis já passados, (1)
Outra Sirtes e baixos arenosos,
Outros Acroceráunios infamados, (2)
No fim de tantos casos trabalhosos,
Por que somos de Ti desamparados,
Se este nosso trabalho não te ofende,
Mas antes teu serviço só pretende?

83 Ó ditosos aqueles que puderam
Entre as agudas lanças africanas
Morrer, enquanto fortes sustiveram
A santa Fé nas terras mauritanas,
De quem feitos ilustres se souberam, (1)
De quem ficam memórias soberanas,
De quem se ganha a vida, com perdê-la, (2)
Doce fazendo a morte as honras dela!" (3)

84 Assi dizendo, os ventos, que lutavam
Como touros indómitos, bramando,
Mais e mais a tormenta acrescentavam,
Pela miúda enxárcia assoviando. (1)
Relâmpados medonhos não cessavam,
Feros trovões, que vêm representando (2)
Cair o céu dos eixos sobre a terra,
Consigo os elementos terem guerra.



85 Mas já a amorosa estrela cintilava (1)
Diante do sol claro, no horizonte,
Mensageira do dia, e visitava
A terra e o largo mar, com leda fronte.
A deusa que nos céus a governava,
De quem foge o ensífero Orionte, (2)
Tanto que o mar e a cara armada vira,
Tocada junto foi de medo e de ira.

86 "Estas obras de Baco são, por certo,"
Disse; "mas não será que avante leve
Tão danada tenção, que descoberto
Me será sempre o mal a que se atreve."
Isto dizendo, dece ao mar aberto,
No caminho gastando espaço breve,
Enquanto manda as Ninfas amorosas
Grinaldas nas cabeças pôr de rosas. (1)

87 Grinaldas manda pôr de várias cores
Sobre cabelos louros à porfia. (1)
Quem não dirá que nascem roxas flores
Sobre ouro natural, que Amor enfia? (2)
Abrandar determina, por amores,
Dos ventos a nojosa companhia, (3)
Mostrando-lhe as amadas Ninfas belas,
Que mais formosas vinham que as estrelas.

88 Assi foi; porque, tanto que chegaram
À vista delas, logo lhe falecem
As forças com que dantes pelejaram,
E já, como rendidos, lhe obedecem.
Os pés e mãos parece que lhe ataram
Os cabelos que os raios escurecem.
A Bóreas, que do peito mais queria,
Assi disse a belíssima Oritia: (1)

89 "Não creias, fero Bóreas, que te creio (1)
Que me tiveste nunca amor constante,
Que brandura é de amor mais certo arreio (2)
E não convém furor a firme amante. (3)
Se já não pões a tanta insânia freio,
Não esperes de mi, daqui em diante,
Que possa mais amar-te, mas temer-te;
Que amor, contigo, em medo se converte."

90 Assi mesmo a formosa Galateia (1)
Dizia ao fero Noto, que bem sabe
Que dias há que em vê-la se recreia,
E bem crê que com ele tudo acabe. (2)
Não sabe o bravo tanto bem se o creia,
Que o coração no peito lhe não cabe,
De contente de ver que a dama o manda.
Pouco cuida que faz, se logo abranda.

91 Desta maneira as outras amansavam
Subitamente os outros amadores;
E logo à linda Vênus se entregavam,
Amansadas as iras e os furores.
Ela lhe prometeu, vendo que amavam,
Sempiterno favor em seus amores,
Nas belas mãos tomando-lhe homenagem (1)
De lhe serem leais esta viagem.

92 Já a manhã clara dava nos outeiros
Por onde o Ganges murmurando soa, (1)
Quando da celsa gávea os marinheiros (2)
Enxergaram terra alta, pela proa. (3)
Já fora de tormenta e dos primeiros
Mares, o temor vão do peito voa.
Disse alegre o piloto melindano:
"Terra é de Calecu, se não me engano".

93 "Esta é, por certo, a terra que buscais
Da verdadeira Índia, que aparece;
E, se do mundo mais não desejais,
Vosso trabalho longo aqui fenece." (1)
Sofrer aqui não pôde o Gama mais, (2)
De ledo em ver que a terra se conhece:
Os geolhos no chão, as mãos ao céu, (3)
A mercê grande a Deus agradeceu.

94 As graças a Deus dava, e razão tinha,
Que não somente a terra lhe mostrava
Que, com tanto temor, buscando vinha,
Por quem tanto trabalho exprimentava,
Mas, via-se livrado, tão asinha,
Da morte, que no mar lhe aparelhava
O vento duro, férvido e medonho,
Como quem despertou de horrendo sonho. (1)

95 Por meio destes hórridos perigos,
Destes trabalhos graves e temores,
Alcançam os que são de fama amigos
As honras imortais e graus maiores:
Não encostados sempre nos antigos (1)
Troncos nobres de seus antecessores;
Não nos leitos dourados, entre os finos
Animais de Moscóvia zibelinos; (2)

96 Não co'os manjares novos e exquisitos,
Não co'os passeios moles e ociosos,
Não co'os vários deleites e infinitos,
Que afeminam os peitos generosos,
Não co'os nunca vencidos apetitos, (1)
Que a Fortuna tem sempre tão mimosos,
Que não sofre a nenhum que o passo mude (2)
Para alguma obra heróica de virtude:

97 Mas com buscar, co'o seu forçoso braço,
As honras que ele chame próprias suas; (1)
Vigiando e vestindo o forjado aço, (2)
Sofrendo tempestades e ondas cruas,
Vencendo os torpes frios no regaço (3)
Do Sul, e regiões de abrigo nuas;
Engolindo o corrupto mantimento
Temperado com um árduo sofrimento;

98 E com forçar o rosto, que se enfia,
A parecer seguro, ledo, inteiro,
Para o pelouro ardente que assovia (1)
E leva a perna ou braço ao companheiro.
Dest'arte o peito um calo honroso cria,
Desprezador das honras e dinheiro,
Das honras e dinheiro que a ventura
Forjou, e não virtude justa e dura. (2)

99 Dest'arte se esclarece o entendimento,
Que experiências fazem repousado,
E fica vendo, como de alto assento,
O baixo trato humano embaraçado. (1)
Este, onde tiver força o regimento
Direito e não de afeitos ocupado, (2)
Subirá (como deve) a ilustre mando,
Contra vontade sua, e não rogando. (3)

CANTO VI, E. 87
Mostrando-lhe as amadas Ninfas belas
Que mais formosas vinham que as estrelas.

CANTO VII, E. 44
Na praia um regedor do reino estava
Que, na sua língua, Catual se chama,

# Canto Sétimo

**Argumento**

Dá fundo a frota a Calecut chegada,
Manda-se mensageiro ao Rei potente:
Chega Monçaide a ver a lusa armada,
E da província informa largamente:
Faz Gama ao Samori sua embaixada,
E recebido bem da índica gente,
Co Regedor da terra ao mar se torna,
Que de toldos e flâmulas se adorna.

1 Já se viam chegados junto à terra,
Que desejada já de tantos fora,
Que entre as correntes índicas se encerra
E o Ganges, que no céu terreno mora. (1)
Ora sus, gente forte, que na guerra (2)
Quereis levar a palma vencedora:
Já sois chegados, já tendes diante (3)
A terra de riquezas abundante!

2 A vós, ó geração de Luso, digo,
Que tão pequena parte sois no mundo,
Não digo inda no mundo, mas no amigo (1)
Curral de Quem governa o Céu rotundo; (2)
Vós, a quem não somente algum perigo (3)
Estorva conquistar o povo imundo,
Mas nem cobiça ou pouca obediência
Da Madre que nos céus está em essência; (4)

3 Vós, portugueses, poucos quanto fortes, (1)
Que o fraco poder vosso não pesais;
Vós, que, à custa de vossas várias mortes,
A lei da vida eterna dilatais: (2)
Assi do céu deitadas são as sortes
Que vós, por muito poucos que sejais, (3)
Muito façais na santa Cristandade, (4)
Que tanto, ó Cristo, exaltas a humildade!

4 Vede'los alemães, soberbo gado, (1)
Que por tão largos campos se apascenta;
Do sucessor de Pedro rebelado, (2)
Novo pastor e nova seita inventa. (3)
Vede'lo em feias guerras ocupado, (4)
Que inda co'o cego error se não contenta, (5)
Não contra o superbíssimo otomano, (6)
Mas por sair do jugo soberano. (7)

5 Vede'lo duro Inglês, que se nomeia (1)
Rei da velha e santíssima cidade, (2)
Quem o torpe ismaelita senhoreia
(Que viu honra tão longe da verdade?).
Entre as boreais neves se recreia,
Nova maneira faz de Cristandade: (3)
Para os de Cristo tem a espada nua. (4)
Não por tomar a terra que era sua.

6 Guarda-lhe, por entanto, um falso rei
A cidade Hierosólima terrestre, (1)
Enquanto ele não guarda a santa lei
Da cidade Hierosólima celeste.
Pois de ti, Galo indigno, que direi? (2)
Que o nome "*cristianíssimo*" quiseste, (3)
Não para defendê-lo nem guardá-lo,
Mas para ser contra ele e derribá-lo!

7 Achas que tens direito em senhorios (1)
De Cristãos, sendo o teu tão largo e tanto,
E não contra o Cinífio e Nilo rios, (2)
Inimigos do antigo nome santo?
Ali se hão de provar da espada os fios
Em quem quer reprovar da Igreja o canto. (3)
De Carlos, de Luís, o nome e a terra (4)
Herdaste, e as causas não da justa guerra?

8 Pois que direi daqueles que em delícias,
Que o vil ócio no mundo traz consigo,
Gastam as vindas, logram as divícias, (1)
Esquecidos de seu valor antigo?
Nascem da tirania inimicícias, (2)
Que o povo forte tem, de si inimigo.
Contigo, Itália, falo, já submersa
Em vícios mil, e de ti mesma adversa.

9 Ó míseros cristãos, pola ventura
Sois os dentes de Cadmo desparzidos, (1)
Que uns aos outros se dão à morte dura,
Sendo todos de um ventre produzidos?
Não vedes a divina sepultura
Possuída de cães, que, sempre unidos, (2)
Vos vêm tomar a vossa antiga terra,
Fazendo-se famosos pela guerra?

10 Vedes que têm por uso e por decreto, (1)
Do qual são tão inteiros observantes,
Ajuntarem o exército inquieto
Contra os povos que são de Cristo amantes;
Entre vós nunca deixa a fera Alecto (2)
De semear cizânias repugnantes. (3)
Olhai se estais seguros de perigos,
Que eles, e vós, sois vossos inimigos.

11 Se cobiça de grandes senhorios
Vos faz ir conquistar terras alheias,
Não vedes que Pactolo e Hermo rios (1)
Ambos volvem auríferas areias?
Em Lídia, Assíria, lavram de ouro os fios; (2)
África esconde em si luzentes veias.
Mova-vos já, sequer, riqueza tanta, (3)
Pois mover-vos não pode a Casa Santa.

12 Aquelas invenções, feras e novas,(1)
De instrumentos mortais da artilharia
Já devem de fazer as duras provas
Nos muros de Bizâncio e de Turquia.
Fazei que torne lá às silvestres covas
Dos Cáspios montes e da Cítia fria
A turca geração, que multiplica
Na polícia da vossa Europa rica. (2)

13 Gregos, traces, armênios, georgianos,
Bradando vos estão que o povo bruto
Lhe obriga os caros filhos aos profanos (1)
Preceptos do Alcorão (duro tributo!). (2)
Em castigar os feitos inumanos
Vos gloriai de peito forte e astuto,
E não queirais louvores arrogantes
De serdes contra os vossos mui possantes.

14 Mas, entanto que cegos e sedentos (1)
Andais de vosso sangue, ó gente insana,
Não faltaram cristãos atrevimentos
Nesta pequena casa lusitana.
De África tem marítimos assentos;
É na Ásia mais que todas soberana;
Na quarta parte nova os campos ara; (2)
E, se mais mundo houvera, lá chegara.

15 E vejamos, entanto, que acontece
Àqueles tão famosos navegantes,
Depois que a branda Vénus enfraquece
O furor vão dos ventos repugnantes; (1)
Depois que a larga terra lhe aparece,
Fim de suas porfias tão constantes,
Onde vêm semear de Cristo a lei (2)
E dar novo costume e novo rei.

16 Tanto que à nova terra se chegaram,
Leves embarcações de pescadores
Acharam, que o caminho lhe mostraram
De Calecu, onde eram moradores. (1)
Pera lá logo as proas se inclinaram,
Porque esta era a cidade, das melhores (2)
Do Malabar, melhor, onde vivia
O rei que a terra toda possuía.

17 Além do Indo jaz e aquém do Gange (1)
Um terreno mui grande e assaz famoso,
Que pela parte austral o mar abrange
E para o norte o Emodio cavernoso. (2)
Jugo de reis diversos o constrange
A várias leis: alguns o vicioso (3)
Mahoma, alguns os ídolos adoram, (4)
Alguns os animais que entre eles moram.

18 Lá bem no grande monte que, cortando
Tão larga terra, toda Ásia discorre,
Que nomes tão diversos vai tomando
Segundo as regiões por onde corre,
As fontes saem donde vêm manando
Os rios cuja grão corrente morre
No mar Índico, e cercam todo o peso
Do terreno, fazendo-o quersoneso. (1)

19 Entre um e o outro rio, em grande espaço
Sai da larga terra ũa longa ponta,
Quase piramidal, que, no regaço (1)
Do mar, com Ceilão ínsula confronta; (2)
E junto donde nasce o largo braço
Gangético, o rumor antigo conta
Que os vizinhos, da terra moradores,
Do cheiro se mantêm das finas flores. (3)

20 Mas agora, de nomes e de usança
Novos e vários são os habitantes:
Os Deliis, os Patanes, que, em possança (1)
De terra e gente, são mais abundantes;
Decaniis, Oriás, que a esperança
Têm de sua salvação nas ressonantes (2)
Águas do Gange, e a terra de Bengala,
Fértil de sorte que outra não lhe iguala;



21 O Reino de Cambaia belicoso (1)
(Dizem que foi de Poro, rei potente); (2)
O Reino de Narsinga, poderoso (3)
Mais de ouro e pedras que de forte gente.
Aqui se enxerga, lá do mar undoso,
Um monte alto, que corre longamente,
Servindo ao Malabar de forte muro,
Com que do Canará vive seguro. (4)

22 Da terra os naturais lhe chamam Gate,
Do pé do qual, pequena quantidade,
Se estende ũa fralda estreita, que combate
Do mar a natural ferocidade.
Aqui de outras cidades, sem debate, (1)
Calecu tem a ilustre dignidade
De cabeça de Império, rica e bela;
Samorim se intitula o senhor dela.

23 Chegada a frota ao rio senhorio,
Um português, mandado, logo parte (1)
A fazer sabedor o rei gentio
Da vinda sua a tão remota parte.
Entrando o mensageiro pelo rio
Que ali nas ondas entra, a não vista arte, (2)
A cor, o gesto estranho, o trajo novo,
Fez concorrer a vê-lo todo o povo.

24 Entre a gente que a vê-lo concorria,
Se chega um maometa, que nascido (1)
Fora na região da Berberia, (2)
Lá onde fora Anteu obedecido. (3)
(Ou, pela vizinhança, já teria (4)
O Reino Lusitano conhecido,
Ou foi já assinalado de seu ferro; (5)
Fortuna o trouxe a tão longo desterro).

25 Em vendo o mensageiro, com jucundo
Rosto, como quem sabe a língua hispana, (1)
Lhe disse: "Quem te trouxe a estoutro mundo,
Tão longe da tua pátria lusitana?"
"Abrindo", lhe responde, "o mar profundo
Por onde nunca veio gente humana;
Vimos buscar do Indo a grão corrente,
Por onde a Lei divina se acrescente."

26 Espantado ficou da grão viagem
O Mouro, que Monçaide se chamava, (1)
Ouvindo as opressões que, na passagem
Do mar, o lusitano lhe contava.
Mas vendo, enfim, que a força da mensagem
Só para o rei da terra relevava (2)
Lhe diz que estava fora da cidade,
Mas de caminho pouca quantidade. (3)

27 E que, entanto que a nova lhe chegasse
De sua estranha vinda, se queria,
Na sua pobre casa repousasse
E do manjar da terra comeria;
E, depois que se um pouco recreasse, (1)
Com ele para a armada tornaria,
Que alegria não pode ser tamanha
Que achar gente vizinha em terra estranha.

28 O português aceita de vontade
O que o ledo Monçaide lhe oferece;
Como se longa fora já a amizade,
Com ele come e bebe e lhe obedece.
Ambos se tornam logo da cidade
Para a frota, que o mouro bem conhece.
Sobem à capitaina, e toda a gente (1)
Monçaide recebeu benignamente.

29 O Capitão o abraça, em cabo, ledo, (1)
Ouvindo clara a língua de Castela; (2)
Junto de si o assenta e, pronto e quedo, (3)
Pela terra pergunta e cousas dela.
Qual se ajuntava em Ródope o arvoredo, (4)
Só por ouvir o amante da donzela (5)
Eurídice, tocando a lira de ouro,
Tal a gente se ajunta a ouvir o mouro.

30 Ele começa: "Ó gente, que a natura
Vizinha fez de meu paterno ninho,
Que destino tão grande ou que ventura
Vos trouxe a cometerdes tal caminho?
Não é sem causa, não, oculta e escura, (1)
Vir do longinco Tejo e ignoto Minho, (2)
Por mares nunca doutro lenho arados,
A reinos tão remotos e apartados.

31 Deus, por certo, voz traz, porque pretende
Algum serviço seu por vós obrado;
Por isso só vos guia e vos defende (1)
Dos imigos, do mar, do vento irado.
Sabei que estais na Índia, onde se estende
Diverso povo, rico e prosperado
De ouro luzente e fina pedraria,
Cheiro suave, ardente especiaria.

32 Esta província, cujo porto agora
Tomado tendes, Malabar se chama;
Do culto antigo os ídolos adora,
Que cá por estas partes se derrama;
De diversos reis é, mas dum só fora
Noutro tempo, segundo a antiga fama:
Saramá Perimal foi derradeiro (1)
Rei que este reino teve unido e inteiro.

33 Porém, como a esta terra então viessem
De lá do seio Arábico outras gentes (1)
Que o culto maomético trouxessem,
No qual me instituíram meus parentes,
Sucedeu que, pregando, convertessem
O Perimal, de sábios e eloqüentes; (2)
Fazem-lhe a Lei tomar com fervor tanto
Que prossupôs de nela morrer santo. (3)

34 Naus arma e nelas mete, curioso,
Mercadoria que ofereça rica,
Para ir nelas a ser religioso
Onde o Profeta jaz que a Lei publica. (1)
Antes que parta, o reino poderoso
Co'os seus reparte; porque não lhe fica
Herdeiro próprio, faz os mais aceitos
Ricos, de pobres, livres de sujeitos.

35 A um Cochim e a outro Cananor, (1)
A qual Chale, a qual a ilha da pimenta,
A qual Coulão, a qual dá Cranganor,
E os mais, a quem o mais serve e contenta. (2)
Um só moço, a quem tinha muito amor,
Depois que tudo deu, se lhe apresenta:
Para este Calecu somente fica,
Cidade já por trato nobre e rica.

36 Esta lhe dá, co'o título excelente
De imperador, que sobre os outros mande, (1)
Isto feito, se parte diligente (2)
Para onde em santa vida acabe e ande.
E daqui fica o nome de potente
Camori, mais que todos digno e grande,
Ao moço e descendentes, donde vem
Este que agora o Império manda e tem.

37 A lei da gente toda, rica e pobre,
De fábulas compostas se imagina.
Andam nus e somente um pano cobre
As partes que a cobrir Natura ensina.
Dois modos há de gente, porque a nobre (1)
Naires chamados são, e a menos digna (2)
Poleás tem por nome, a quem obriga
A lei não misturar a casta antiga. (3)

38 Porque os que usaram sempre um mesmo ofício,
De outro não podem receber consorte; (1)
Nem os filhos terão outro exercício
Senão o de seus passados, até morte.
Pera os Naires é, certo, grande vício
Destes serem tocados; de tal sorte
Que, quando algum se toca porventura, (2)
Com cerimónias mil se alimpa e apura.

39 Desta sorte o judaico povo antigo
Não tocava na gente de Samária. (1)
Mais estranhezas inda das que digo
Nesta terra vereis de usança vária.
Os Naires sós são dados ao perigo (2)
Das armas; sós defendem da contrária
Banda o seu rei, trazendo sempre usada
Na esquerda a adarga e na direita a espada. (3)

40 Brâmenes são os seus religiosos, (1)
Nome antigo e de grande preminência; (2)
Observam os preceitos tão famosos
Dum que primeiro pôs nome à ciência. (3)
Não matam cousa viva e, temerosos,
Das carnes têm grandíssima abstinência.
Somente no venéreo ajuntamento
Têm mais licença e menos regimento.

41 Gerais são as mulheres, mas somente (1)
Para os da geração de seus maridos.
Ditosa condição, ditosa gente,
Que não são de ciúmes ofendidos!
Estes e outros costumes variamente
São pelos malabares admitidos.
A terra é grossa em trato, em tudo aquilo (2)
Que as ondas podem dar, da China ao Nilo.

42 Assi contava o mouro; mas vagando
Andava a fama já, pela cidade,
Da vinda desta gente estranha, quando
O rei saber mandava da verdade.
Já vinham pelas ruas caminhando,
Rodeados de todo sexo e idade,
Os principais que o rei buscar mandara
O Capitão da armada que chegara.

43 Mas ele, que do rei já tem licença (1)
Para desembarcar, acompanhado
Dos nobres portugueses, sem detença
Parte, de ricos panos adornado.
Das cores a fermosa diferença
A vista alegra ao povo alvoroçado.
O remo compassado fere frio (2)
Agora o mar, despois o fresco rio.

44 Na praia um regedor do reino estava
Que, na sua língua, Catual se chama,
Rodeado de Naires, que esperava
Com desusada festa o nobre Gama.
Já na terra, nos braços o levava (1)
E num portátil leito ũa cama (2)
Lhe oferece em que vá, (costume usado),
Que nos ombros dos homens é levado. (3)

45 Dest'arte o malabar, dest'arte o luso, (1)
Caminham lá para onde o rei o espera.
Os outros portugueses vão ao uso
Que infantaria segue, esquadra fera. (2)
O povo que concorre vai confuso
De ver a gente estranha, e bem quisera
Perguntar; mas, no tempo já passado,
Na torre de Babel lhe foi vedado. (3)

46 O Gama e o Catual iam falando
Nas cousas que lhe o tempo oferecia;
Monçaide, entre eles, vai interpretando
As palavras que de ambos entendia.
Assi pela cidade caminhando,
Onde uma rica fábrica se erguia
De um sumptuoso templo já chegavam, (1)
Pelas portas do qual juntos entravam.

47 Ali estão das Deidades as figuras,
Esculpidas em pau e em pedra fria,
Vários de gestos, vários de pinturas, (1)
A segundo o Demónio lhe fingia.
Vêm-se as abomináveis esculturas,
Qual a Quimera em membros se varia. (2)
Os cristãos olhos, a ver Deus usados
Em forma humana, estão maravilhados.

48 Um na cabeça cornos esculpidos,
Qual Júpiter Amon em Líbia estava; (1)
Outro num corpo rostos tinha unidos,
Bem como o antigo Jano se pintava; (2)
Outro, com muitos braços divididos,
A Briareu parece que imitava; (3)
Outro fronte canina tem de fora,
Qual Anúbis Menfítico se adora. (4)

49 Aqui feita do bárbaro gentio
A supersticiosa adoração,
Direitos vão, sem outro algum desvio,
Pera onde estava o rei do povo vão. (1)
Engrossando-se vai da gente o fio
Co'os que vêm ver o estranho capitão:
Estão pelos telhados e janelas (2)
Velhos e moços, donas e donzelas.

50 Já chegam perto, e não com passos lentos,
Dos jardins odoríferos fermosos, (1)
Que em si escondem os régios aposentos,
Altos de torres não, mas sumptuosos.
Edificam-se os nobres seus assentos (2)
Por entre os arvoredos deleitosos.
Assi vivem os reis daquela gente,
No campo e na cidade juntamente.

51 Pelos portais da cerca a sutileza (1)
Se enxerga da Dedálea faculdade, (2)
Em figuras mostrando, por nobreza,
Da Índia a mais remota antiguidade.
Afiguradas vão com tal viveza
As histórias daquela antiga idade, (3)
Que quem delas tiver notícia inteira,
Pela sombra conhece a verdadeira.

52 Estava um grande exército, que pisa
A terra oriental que o Hidaspe lava; (1)
Rege-o um capitão de fronte lisa, (2)
Que com frondentes tirsos pelejava, (3)
Por ele edificada estava Nisa (4)
Nas ribeiras do rio que manava,
Tão próprio que, se ali estiver Semele, (5)
Dirá, por certo, que é seu filho aquele.



53 Mais avante, bebendo, seca o rio
Mui grande multidão da assíria gente,
Sujeita a feminino senhorio (1)
De uma tão bela como incontinente.
Ali tem, junto ao lado nunca frio,
Esculpido o feroz ginete ardente (2)
Com quem teria o filho competência:
Amor nefando, bruta incontinência!

54 Daqui mais apartadas, tremulavam (1)
As bandeiras de Grécia gloriosas
(Terceira Monarquia), e sojugavam (2)
Até as águas gangéticas undosas.
Dum capitão mancebo se guiavam, (3)
De palmas rodeado valerosas,
Que já não de Filipo, mas, sem falta, (4)
De progénie de Júpiter se exalta. (5)

55 Os portugueses vendo estas memórias,
Dizia o Catual ao Capitão:
"Tempo cedo virá que outras vitórias (1)
Estas que agora olhais abaterão.
Aqui se escreverão novas histórias (2)
Por gentes estrangeiras que virão,
Que os nossos sábios magos o alcançaram (3)
Quando o tempo futuro especularam.

56 E diz-lhe mais a mágica ciência
Que, para se evitar força tamanha,
Não valerá dos homens resistência,
Que contra o céu não val da gente manha;
Mas também diz que a bélica excelência,
Nas armas e na paz, da gente estranha
Será tal, que será no mundo ouvido
O vencedor por glória do vencido." (1)

57 Assi falando, entravam já na sala
Onde aquele potente imperador
Numa camilha jaz, que não se iguala (1) (2)
De outra alguma no preço e no lavor.
No recostado gesto se assinala
Um venerando e próspero senhor;
Um pano de ouro cinge, e na cabeça (3)
De preciosas gemas se adereça.

58 Bem junto dele, um velho reverente,
Co'os geolhos no chão, de quando em quando
Lhe dava a verde folha da erva ardente, (1)
Que a seu costume estava ruminando. (2)
Um brâmene, pessoa preminente,
Pera o Gama vem com passo brando, (3)
Pera que ao grande príncipe o apresente,
Que diante lhe acena que se assente.

59 Sentado o Gama junto ao rico leito,
Os seus, mais afastados, pronto em vista (1)
Estava o Samori no trajo e jeito
Da gente nunca de antes dele vista.
Lançando a grave voz do sábio peito,
Que grande autoridade logo aquista (2)
Na opinião do rei e do povo todo, (3)
O capitão lhe fala deste modo:

60 "Um grande rei, de lá das partes onde (1)
O céu volúbil, com perpétua roda, (2)
Da terra a luz solar co'a Terra esconde,
Tingindo, a que deixou, de escura noda, (3)
Ouvindo do rumor que lá responde (4)
O eco, como em ti da Índia toda
O principado está e a majestade,
Vínculo quer contigo de amizade.

61 E por longos rodeios a ti manda (1)
Por te fazer saber que tudo aquilo
Que sobre o mar, que sobre as terras anda,
De riquezas, de lá do Tejo ao Nilo,
E desde a fria plaga de Gelanda (2)
Até bem donde o Sol não muda o estilo (3)
Nos dias, sobre a gente de Etiópia,
Tudo tem no seu reino em grande cópia.

62 E se queres, com pactos e lianças (1)
De paz e de amizade, sacra e nua, (2)
Comércio consentir das abundanças
Das fazendas da terra sua e tua, (3)
Por que cresçam as rendas e abastanças
(Por quem a gente mais trabalha e sua)
De vossos reinos, será certamente
De ti proveito, e dele glória ingente.

63 E sendo assi que o nó desta amizade
Entre vós firmemente permaneça,
Estará pronto, a toda adversidade
Que por guerra a teu reino se ofereça,
Com gente, armas e naus, de qualidade (1)
Que por irmão te tenha e te conheça;
E da vontade em ti sobre isto posta
Me dês a mi certíssima reposta." (2)

64 Tal embaixada dava o capitão,
A quem o rei gentio respondia
Que, em ver embaixadores de nação
Tão remota, grão glória recebia;
Mas neste caso a última tenção
Com os de seu conselho tomaria,
Informando-se certo de quem era
O rei e a gente e terra que dissera.

65 E que, entanto, podia do trabalho
Passado ir repousar; e em tempo breve
Daria a seu despacho um justo talho,
Com que a seu rei reposta alegre leve.
Já nisto punha a noite o usado atalho
Às humanas canseiras, por que ceve (1)
De doce sono os membros trabalhados,
Os olhos ocupando, ao ócio dados.

66 Agasalhados foram juntamente (1)
O Gama e portugueses no aposento
Do nobre Regedor da Índica gente,
Com festas e geral contentamento.
O Catual, no cargo diligente
De seu rei, tinha já por regimento (2)
Saber da gente estranha donde vinha,
Que costumes, que lei, que terra tinha.

67 Tanto que os ígneos carros do fermoso (1)
Mancebo Délio viu, que a luz renova, (2)
Manda chamar Monçaide, desejoso
De poder-se informar da gente nova.
Já lhe pergunta, pronto e curioso, (3)
Se tem notícia inteira e certa prova
Dos estranhos, quem são; que ouvido tinha
Que é gente de sua pátria mui vizinha;

68 Que particularmente ali lhe desse
Informação mui larga, pois fazia (1)
Nisso serviço ao rei, por que soubesse
O que neste negócio se faria.
Monçaide torna: "Posto que eu quisesse
Dizer-te disto mais, não saberia;
Somente sei que é gente lá de Espanha,
Onde o meu ninho e o Sol no mar se banha. (2)

69 Tem a lei dum Profeta que gerado (1) (2)
Foi sem fazer na carne detrimento
Da mãe, tal que por Bafo está aprovado (3)
Do Deus que tem do mundo o regimento.
O que entre meus antigos é vulgado (4)
Deles, é que o valor sanguinolento
Das armas no seu braço resplandece;
O que em nossos passados se parece.

70 Porque eles, com virtude sobre-humana, (1)
Os deitaram dos campos abundosos
Do rico Tejo e fresco Guadiana, (2)
Com feitos memoráveis e famosos.
E não contentes inda, e na africana
Parte, cortando os mares procelosos,
Nos não querem deixar viver seguros,
Tomando-nos cidades e altos muros.

71 Não menos tem mostrado esforço e manha (1)
Em quaisquer outras guerras que aconteçam,
Ou das gentes belígeras de Espanha,
Ou lá dalguns que do Pirene deçam. (2)
Assi que nunca, enfim, com lança estranha
Se tem que por vencidos se conheçam; (3)
Nem se sabe inda, não, te afirmo e asselo, (4)
Para estes Anibais nenhum Marcelo.

72 E se esta informação não for inteira
Tanto quanto convém, deles pretende
Informar-te, que é gente verdadeira,
A quem mais falsidade enoja e ofende.
Vai ver-lhe a frota, as armas e a maneira
Do fundido metal que tudo rende, (1)
E folgarás de veres a polícia (2) (3)
Portuguesa, na paz e na milícia."

73 Já com desejos o idolatra ardia (1)
De ver isto que o mouro lhe contava.
Manda esquipar batéis, que ir ver queria (2)
Os lenhos em que o Gama navegava.
Ambos partem da praia, a quem seguia (3)
A Naira geração, que o mar coalhava.
À capitaina sobem, forte e bela,
Onde Paulo os recebe a bordo dela. (4)

74 Purpúreos são os toldos, e as bandeiras
Do rico fio são que o bicho gera;
Nelas estão pintadas as guerreiras
Obras que o forte braço já fizera;
Batalhas têm campais aventureiras,
Desafios cruéis, pintura fera,
Que, tanto que ao gentio se apresenta,
A tento nela os olhos apascenta. (1)

75 Pelo que vê pergunta; mas o Gama (1)
Lhe pedia primeiro que se assente
E que aquele deleite que tanto ama
A seita epicuréia experimente. (2)
Dos espumantes vasos se derrama
O licor que Noé mostrara à gente;
Mas comer o gentio não pretende,
Que a seita que seguia lho defende. (3)

76 A trombeta, que, em paz, no pensamento
Imagem faz de guerra, rompe os ares;
Co'o fogo o diabólico instrumento (1)
Se faz ouvir no fundo lá dos mares.
Tudo o gentio nota; mas o intento
Mostrava sempre ter nos singulares
Feitos dos homens que, em retrato breve,
A muda poesia ali descreve. (2)

77 Alça-se em pé, com ele o Gama junto, (1)
Coelho de outra parte e o mauritano; (2)
Os olhos põe no bélico transunto (3)
De um velho branco, aspeito venerando, (4) (5)
Cujo nome não pode ser defunto
Enquanto houver no mundo trato humano;
No trajo a grega usança está perfeita;
Um ramo, por insígnia, na direita.

78 Um ramo na mão tinha... Mas, ó cego,
Eu, que cometo, insano e temerário, (1)
Sem vós, ninfas do Tejo e do Mondego,
Por caminho tão árduo, longo e vário!
Vosso favor invoco, que navego
Por alto-mar, com vento tão contrário
Que, se não me ajudais, hei grande medo
Que o meu fraco batel se alague cedo.

79 Olhai que há tanto tempo que, cantando
O vosso Tejo e os vossos lusitanos,
A Fortuna me traz peregrinando,
Novos trabalhos vendo e novos danos:
Agora o mar, agora exprimentando
Os perigos mavórcios inumanos, (1)
Qual Cánace, que à morte se condena, (2)
Numa mão sempre a espada e noutra a pena; (3)

80 Agora, com pobreza aborrecida, (1)
Por hospícios alheios degradado; (2)
Agora, da esperança já adquirida,
De novo, mais que nunca, derribado;
Agora às costas escapando a vida, (3)
Que dum fio pendia tão delgado
Que não menos milagre foi salvar-se
Que para o rei judaico acrescentar-se. (4)

81 E ainda, ninfas minhas, não bastava (1)
Que tamanhas misérias me cercassem,
Senão que aqueles que eu cantando andava
Tal prémio de meus versos me tornassem:
A troco dos descansos que esperava,
Das capelas de louro que me honrassem, (2)
Trabalhos nunca usados me inventaram,
Com que em tão duro estado me deitaram!

82 Vede, ninfas, que engenhos de senhores
O vosso Tejo cria valerosos,
Que assi sabem prezar, com tais favores,
A quem os faz, cantando, gloriosos! (1)
Que exemplos a futuros escritores,
Pera espertar engenhos curiosos,
Pera porem as cousas em memória
Que merecerem ter eterna glória!

83 Pois logo, em tantos males, é forçado
Que só vosso favor me não faleça (1)
Principalmente aqui, que sou chegado (2)
Onde feitos diversos engrandeça:
Dai-mo vós sós, que eu tenho já jurado
Que não no empregue em quem o não mereça, (3)
Nem por lisonja louve algum subido,
Sob pena de não ser agradecido.

84 Nem creiais, ninfas, não, que fama desse (1)
A quem ao bem comum e do seu rei
Antepuser seu próprio interesse,
Imigo da divina e humana lei.
Nenhum ambicioso que quisesse
Subir a grandes cargos, cantarei,
Só por poder com torpes exercícios
Usar mais largamente de seus vícios;



85 Nenhum que use de seu poder bastante
Para servir a seu desejo feio,
E que, por comprazer ao vulgo errante,
Se muda em mais figuras que Proteio. (1)
Nem, Camenas, também cuideis que cante (2)
Quem, com hábito honesto e grave, veio, (3)
Por contentar o rei, no ofício novo,
A despir e roubar o pobre povo;

86 Nem quem acha que é justo e que é direito
Guardar-se a lei do rei severamente,
E não acha que é justo e bom respeito
Que se pague o suor da servil gente; (1)
Nem quem sempre, com pouco experto peito,
Razões aprende, e cuida que é prudente, (2)
Pera taxar, com mão rapace e escassa, (3)
Os trabalhos alheios que não passa.

87 Aqueles sós direi que aventuraram (1)
Por seu Deus, por seu rei, a amada vida,
Onde, perdendo-a, em fama a dilataram,
Tão bem de suas obras merecida.
Apolo e as Musas, que me acompanharam, (2)
Me dobrarão a fúria concedida,
Enquanto eu tomo alento, descansado,
Por tornar ao trabalho, mais folgado.

**CANTO VII, E. 75**
Pelo que vê pergunta; mas o Gama
Lhe pedia primeiro que se assente

**CANTO VIII, E.3**
Que ali quis dar aos já cansados ossos
Eterna sepultura, e nome aos nossos.

# Canto Oitavo

## Argumento

Vem-se de Lusitânia os fundadores,
E aqueles que por feitos valerosos
De alta memória são merecedores,
De hinos e de versos numerosos:
Como de Calecut os Regedores
Consultam os arúspices famosos,
E corruptos com dádivas possantes
Tratam de destruir os navegantes.

1 Na primeira figura se detinha
O Catual, que vira estar pintada,
Que por divisa um ramo na mão tinha,
A barba branca, longa e penteada.
Quem era e por que causa lhe convinha
A divisa que tem na mão tomada?
Paulo responde, cuja voz discreta
O mauritano sábio lhe interpreta: (2)

2 "Estas figuras todas que aparecem,
Bravos em vista e feros nos aspeitos,
Mais bravos e mais feros se conhecem, (1)
Pela fama, nas obras e nos feitos.
Antigos são, mas inda resplandecem
Co'o nome, entre os engenhos mais perfeitos.
Este, que vês, é Luso, donde a fama (2)
O nosso reino *Lusitânia* chama.

3 Foi filho e companheiro do Tebano (1)
Que tão diversas partes conquistou;
Parece vindo ter ao ninho hispano
Seguindo as armas, que contínuo usou.
Do Douro, Guadiana o campo ufano,
Já dito Elíseo, tanto o contentou (2)
Que ali quis dar aos já cansados ossos
Eterna sepultura, e nome aos nossos.

4 O ramo, que lhe vês, pera divisa,
O verde tirso foi de Baco usado; (1)
O qual à nossa idade amostra e avisa
Que foi seu companheiro e filho amado. (2)
Vês outro, que do Tejo a terra pisa, (3)
Despois de ter tão longo mar arado,
Onde muros perpétuos edifica,
E templo a Palas, que em memória fica? (4)



5 Ulisses é o que faz a santa casa (1)
À deusa que lhe dá língua facunda; (2)
Que se lá na Ásia Tróia insigne abrasa,
Cá na Europa Lisboa ingente funda."
"Quem será est'outro cá, que o campo arrasa
De mortos, com presença furibunda?
Grandes batalhas tem desbaratadas,
Que as Águias nas bandeiras tem pintadas." (3)

6 Assi o gentio diz. Responde o Gama:
"Este que vês, pastor já foi de gado;
Viriato sabemos que se chama, (1)
Destro na lança mais que no cajado.
Injuriada tem de Roma a fama,
Vencedor invencíbil, afamado.
Não tem com ele, não, nem ter puderam,
O primor que com Pirro já tiveram. (2)

7 Com força, não, com manha vergonhosa
A vida lhe tiraram que os espanta, (1)
Que o grande aperto, em gente inda que honrosa,
Às vezes leis magnânimas quebranta.
Outro está aqui que, contra a pátria irosa, (2)
Degradado, conosco se alevanta.
Escolheu bem com quem se alevantasse
Pera que eternamente se ilustrasse.

8 Vês, conosco também vence as bandeiras
Dessas aves de Júpiter validas; (1)
Que já naquele tempo as mais guerreiras
Gentes de nós souberam ser vencidas. (2)
Olha tão sutis artes e maneiras (3)
Pera adquirir os povos, tão fingidas,
A fatídica cerva que o avisa. (4)
Ele é Sertório, e ela a sua divisa.

9 Olha est'outra bandeira, e vê pintado
O grão progenitor dos reis primeiros. (1)
Nós húngaro o fazemos, porém nado (2)
Crêem ser em Lotoríngia os estrangeiros.
Depois de ter, co'os mouros, superado
Galegos e lioneses cavaleiros,
À Casa Santa passa o santo Henrique, (3)
Por que o tronco dos reis se santifique."

10 Quem é, me dize, est'outro que me espanta (1)
(Pergunta o malabar maravilhado),
Que tantos esquadrões, que gente tanta,
Com tão pouca, tem roto e destroçado? (2)
Tantos muros aspérrimos quebranta,
Tantas batalhas dá, nunca cansado,
Tantas coroas tem, por tantas partes,
A seus pés derribadas, e estandartes?

11 "Este é o primeiro Afonso", disse o Gama,
"Que todo Portugal aos mouros toma; (1)
Por quem no Estígio lago jura a Fama (2)
De mais não celebrar nenhum de Roma.
Este é aquele zeloso a quem Deus ama,
Com cujo braço o mouro imigo doma, (3)
Para quem de seu reino abaixa os muros,
Nada deixando já para os futuros.

12 Se César, se Alexandre Rei, tiveram (1)
Tão pequeno poder, tão pouca gente,
Contra tantos imigos quantos eram
Os que desbaratava este excelente,
Não creias que seus nomes se estenderam
Com glórias imortais tão largamente;
Mas deixa os feitos seus inexplicáveis,
Vê que os de seus vassalos são notáveis.

13 Este que vês olhar, com gesto irado,
Para o rompido aluno mal sofrido, (1)
Dizendo-lhe que o exército espalhado
Recolha, e torne ao campo defendido;
Torna o moço, do velho acompanhado,
Que vencedor o torna de vencido:
Egas Moniz se chama, o forte velho,
Para leais vassalos claro espelho.

14 Vê-lo cá vai co'os filhos a entregar-se, (1)
A corda ao colo, nu de seda e pano, (2)
Porque não quis o moço sujeitar-se,
Como ele prometera, ao castelhano. (3)
Fez com siso e promessas levantar-se (4)
O cerco, que já estava soberano.
Os filhos e mulher obriga à pena:
Para que o senhor salve, a si condena.

15 Não fez o cônsul tanto que cercado (1)
Foi nas Forcas Caudinas, de ignorante,
Quando a passar por baixo foi forçado
Do Samnítico jugo triunfante.
Este, pelo seu povo injuriado,
A si se entrega só, firme e constante;
Est'outro a si e os filhos naturais (2)
E a consorte sem culpa, que dói mais.

16 Vês este que, saindo da cilada, (1)
Dá sobre o rei que cerca a vila forte?
Já o rei tem preso e a vila descercada;
Ilustre feito, digno de Mavorte.
Vê-lo cá vai pintado nesta armada,
No mar também aos mouros dando a morte, (2)
Tomando-lhe as galés, levando a glória (3)
Da primeira marítima vitória.

17 É Dom Fuas Roupinho, que na terra
E no mar resplandece juntamente,
Co'o fogo que acendeu junto da serra
De Ábila, nas galés da Maura gente.
Olha como em tão justa e santa guerra,
De acabar pelejando está contente.
Das mãos dos mouros entra a felice alma, (1)
Triunfando, nos céus, com justa palma.

18 Não vês um ajuntamento, de estrangeiro (1)
Trajo, sair da grande armada nova
Que ajuda a combater o rei primeiro
Lisboa, de si dando santa prova?
Olha Henrique, famoso cavaleiro, (2)
A palma que lhe nasce junto à cova.
Por eles mostra Deus milagre visto;
Germanos são os mártires de Cristo. (3)

19 Um sacerdote vê, brandindo a espada
Contra Arronches, que toma, por vingança (1)
De Leiria, que de antes foi tomada
Por quem por Mafamede enresta a lança: (2)
É Teotónio Prior. Mas vê cercada (3)
Santarém, e verás a segurança (4)
Da figura nos muros que, primeira (5)
Subindo, ergueu das Quinas a bandeira.

20 Vê-lo cá donde Sancho desbarata (1)
Os Mouros de Vandália em fera guerra; (2)
Os imigos rompendo, o alferes mata
E hispálico pendão derriba em terra. (3)
Mem Moniz é, que em si o valor retrata
Que o sepulcro do pai co'os ossos cerra,
Digno destas bandeiras, pois sem falta
A contrária derriba e a sua exalta.

21 Olha aquele que desce pela lança, (1)
Com as duas cabeças dos vigias,
Onde a cilada esconde, com que alcança
A cidade, por manhas e ousadias.
Ela por armas toma a semelhança
Do cavaleiro que as cabeças frias
Na mão levava (feito nunca feito!), (2)
Giraldo Sem Pavor é o forte peito.

22 Não vês um castelhano, que, agravado (1)
De Afonso nono, Rei, pelo ódio antigo
Dos de Lara, co'os mouros é deitado,
De Portugal fazendo-se inimigo?
Abrantes vila toma, acompanhado
Dos duros infiéis que traz consigo.
Mas vê que um português com pouca gente
O desbarata e o prende ousadamente.

23 Martim Lopes se chama o cavaleiro (1)
Que destes levar pode a palma e o louro.
Mas olha um eclesiástico guerreiro, (2)
Que em lança de aço torna o bago de ouro. (3)
Vê-lo, entre os duvidosos, tão inteiro
Em não negar batalha ao bravo mouro?
Olha o sinal no céu, que lhe aparece, (4)
Com que nos poucos seus o esforço cresce.

24 Vês, vão os reis de Córdova e Sevilha
Rotos, co'os outros dois, e não de espaço. (1)
Rotos? Mas antes mortos; maravilha
Feita de Deus, que não de humano braço.
Vês? Já a vila de Alcácere se humilha,
Sem lhe valer defesa ou muro de aço,
A Dom Mateus, o bispo de Lisboa, (2)
Que a coroa de palma ali coroa.

25 Olha um Mestre que dece de Castela, (1)
Português de nação, como conquista
A terra dos Algarves, e já nela
Não acha que por armas lhe resista. (2)
Com manha, esforço e com benigna estrela,
Vilas, castelos, toma a escala vista. (3)
Vês Tavila tomada aos moradores, (4)
Em vingança dos sete caçadores. (5)

26 Vês, com bélica astúcia ao mouro ganha
Silves, que ele ganhou com força ingente:
É Dom Paio Correia, cuja manha
E grande esforço faz inveja à gente.
Mas não passes os três que em França e Espanha(1)
Se fazem conhecer perpetuamente
Em desafios, justas e tornéus, (2)
Nelas deixando públicos troféus.

27 Vê-los co'o nome vem de aventureiros
A Castela, onde o preço sós levaram
Dos jogos de Belona verdadeiros, (1)
Que com dano de alguns se exercitaram.
Vê mortos os soberbos cavaleiros
Que o principal dos três desafiaram,
Que Gonçalo Ribeiro se nomeia,
Que pode não temer a lei Leteia. (2)

28 Atenta num que a fama tanto estende (1)
Que de nenhum passado se contenta,
Que a pátria, que de um fraco fio pende,
Sobre seus duros ombros a sustenta.
Não no vês tinto de ira, que reprende (2)
A vil desconfiança, inerte e lenta,
Do povo, e faz que tome o doce freio
De rei seu natural, e não de alheio?

29 Olha: por seu conselho e ousadia,
De Deus guiada só e de santa estrela,
Só pôde o que impossíbil parecia:
Vencer o povo ingente de Castela. (1)
Vês, por indústria, esforço e valentia,
Outro estrago e vitória, clara e bela, (2)
Na gente, assi feroz como infinita,
Que entre o Tarteso e Guadiana habita. (3)

30 Mas não vês quase já desbaratado
O poder lusitano, pela ausência
Do capitão devoto, que, apartado, (1)
Orando invoca a Suma e Trina Essência?
Vê-lo com pressa já dos seus achado,
Que lhe dizem que falta resistência
Contra poder tamanho, e que viesse
Porque consigo esforço aos fracos desse.

31 Mas olha com que santa confiança,
Que inda não era tempo, respondia, (1)
Como quem tinha em Deus a segurança
Da vitória que logo lhe daria.
Assi Pompílio, ouvindo que a possança (2) (3)
Dos imigos a terra lhe corria,
A quem lhe a dura nova estava dando,
"Pois eu", responde, "estou sacrificando."

32 Se quem com tanto esforço em Deus se atreve (1)
Ouvir quiseres como se nomeia,
Português Cipião chamar-se deve; (2)
Mas mais de Dom Nuno Álvares se arreia (3)
Ditosa pátria que tal filho teve!
Mas antes pai: que, enquanto o Sol rodeia (4)
Este globo de Ceres e Netuno, (5)
Sempre suspirará por tal aluno! (6)

33 Na mesma guerra vê que presas ganha (1)
Est'outro capitão de pouca gente;
Comendadores vence e o gado apanha
Que levavam roubado ousadamente.
Outra vez vê que a lança em sangue banha
Destes, só por livrar, co'amor ardente,
O preso amigo, preso por leal: (2)
Pero Rodrigues é do Landroal.

34 Olha este desleal o como paga (1)
O perjúrio que fez e vil engano;
Gil Fernandes é de Elvas quem o estraga
E faz vir a passar o último dano:
De Xerez rouba o campo e quase alaga
Co'o sangue de seus donos castelhano.
Mas olha Rui Pereira, que co'o rosto (2)
Faz escudo às galés, diante posto.

35 Olha que dezessete lusitanos, (1)
Neste outeiro subidos, se defendem
Fortes, de quatrocentos castelhanos,
Que em derredor, pelos tomar, se estendem; (2)
Porém logo sentiram, com seus danos,
Que não só se defendem, mas ofendem: (3)
Digno feito de ser, no mundo, eterno, (4)
Grande no tempo antigo e no moderno!

36 Sabe-se antigamente que trezentos (1)
Já contra mil romanos pelejaram,
No tempo que os viris atrevimentos
De Viriato tanto se ilustraram;
E deles alcançando vencimentos (2)
Memoráveis, de herança nos deixaram
Que os muitos, por ser poucos, não temamos
O que despois mil vezes amostramos.



37 Olha cá dous Infantes, Pedro e Henrique, (1)
Progênie generosa de Joane:
Aquele faz que fama ilustre fique
Dele em Germânia, com que a morte engane; (2)
Este, que ela nos mares o publique
Por seu descobridor, e desengane
De Ceita a maura túmida vaidade,
Primeiro entrando as portas da cidade. (3)

38 Vês o Conde Dom Pedro, que sustenta (1)
Dois cercos contra toda a Barbaria;
Vês outro Conde está, que representa (2)
Em terra Marte, em forças e ousadia.
De poder defender se não contenta
Alcácere, da ingente companhia,
Mas do seu rei defende a cara vida,
Pondo por muro a sua, ali perdida.

39 Outros muitos verias, que os pintores
Aqui também por certo pintariam; (1)
Mas falta-lhe pincel, faltam-lhe cores:
Honra, prémio, favor, que as artes criam. (2)
Culpa dos viciosos sucessores,
Que degeneraram, certo, e se desviam
Do lustre e do valor dos seus passados,
Em gostos e vaidades atolados. (3)

40 Aqueles pais ilustres que já deram
Princípio à geração que deles pende, (1)
Pela virtude muito então fizeram
E por deixar a casa que descende.
Cegos, que, dos trabalhos que tiveram,
Se alta fama e rumor deles se estende,
Escuros deixam sempre seus menores, (2)
Com lhe deixar descansos corrutores! (3)

41 Outros também há grandes e abastados
Sem nenhum tronco ilustre donde venham: (1)
Culpa de reis, que às vezes, a privados (2)
Dão mais que a mil que esforço e saber tenham.
Estes os seus não querem ver pintados,
Crendo que cores vãs lhe não convenham,
E, como a seu contrário natural,
À pintura, que fala, querem mal. (3)

42 Não nego que há, contudo, descendentes
Do generoso tronco e casa rica,
Que, com costumes altos e excelentes,
Sustentam a nobreza que lhe fica;
E se a luz dos antigos seus parentes (1)
Neles mais o valor não clarifica, (2)
Não falta, ao menos, nem se faz escura.
Mas destes acha poucos a pintura." (3)

43 Assi está declarando os grandes feitos
O Gama, que ali mostra a vária tinta (1)
Que a douta mão tão claros, tão perfeitos, (2)
Do singular artífice ali pinta.
Os olhos tinha prontos e direitos (3)
O Catual na história bem distinta;
Mil vezes perguntava e mil ouvia
As gostosas batalhas que ali via.

44 Mas já a luz se mostrava duvidosa,
Porque a alâmpada grande se escondia (1)
Debaixo do horizonte e, luminosa,
Levava aos Antípodas o dia, (2)
Quando o gentio e a gente generosa
Dos Naires da nau forte se partia,
A buscar o repouso que descansa
Os lassos animais, na noite mansa.

45 Entretanto, os arúspices famosos (1)
Na falsa opinião, que em sacrifícios
Antevêm sempre os casos duvidosos
Por sinais diabólicos e indícios,
Mandados do rei próprio, estudiosos,
Exercitavam a arte e seus ofícios,
Sobre esta vinda desta gente estranha, (2)
Que às suas terras vem da ignota Espanha.

46 Sinal lhe mostra o Demo verdadeiro (1)
De como a nova gente lhe seria
Jugo perpétuo, eterno cativeiro,
Destruição de gente e de valia. (2)
Vai-se espantado o atônito agoureiro (3)
Dizer ao rei (segundo o que entendia)
Os sinais temerosos que alcançara
Nas entranhas das vítimas que olhara.

47 A isto mais se ajunta que um devoto (1)
Sacerdote da lei de Mafamede,
Dos ódios concebidos não remoto (2)
Contra a divina Fé, que tudo excede, (3)
Em forma do Profeta falso e noto (4)
Que do filho da escrava Agar procede, (5)
Baco odioso em sonhos lhe aparece,
Que de seus ódios inda se não desce.

48 E diz-lhe assi: "Guardai-vos, gente minha,
Do mal que se aparelha pelo imigo (1)
Que pelas águas húmidas caminha, (2)
Antes que esteis mais perto do perigo." (3)
Isto dizendo, acorda o mouro asinha, (4)
Espantado do sonho; mas consigo
Cuida que não é mais que sonho usado. (5)
Torna a dormir, quieto e sossegado. (6)

49 Torna Baco, dizendo: "Não conheces
O grão legislador que a teus passados
Tem mostrado o preceito a que obedeces,
Sem o qual foreis muitos batizados? (1)
Eu por ti, rudo, velo, e tu adormeces? (2)
Pois saberás que aqueles que chegados
De novo são, serão mui grande dano
Da lei que eu dei ao néscio povo humano.

50 Enquanto é fraca a força desta gente, (1)
Ordena como em tudo se resista, (2)
Porque, quando o Sol sai, facilmente
Se pode nele pôr a aguda vista;
Porém, depois que sobe claro e ardente,
Se agudeza dos olhos o conquista,
Tão cega fica, quanto ficareis
Se raízes criar lhe não tolheis."

51 Isto dito, ele e o sono se despede. (1)
Tremendo fica o atônito agareno; (2)
Salta da cama, lume aos servos pede,
Lavrando nele o férvido veneno.
Tanto que a nova luz que ao sol precede
Mostrara rosto angélico e sereno,
Convoca os principais da torpe seita,
Aos quais do que sonhou dá conta estreita. (3)

52 Diversos pareceres e contrários
Ali se dão, segundo o que entendiam;
Astutas traições, enganos vários, (1)
Perfídias, inventavam e teciam;
Mas, deixando conselhos temerários,
Destruição da gente pretendiam,
Por manhas mais sutis e ardis melhores,
Com peitas adquirindo os regedores. (2)

53 Com peitas, ouro e dádivas secretas
Conciliam da terra os principais, (1)
E com razões notáveis e discretas
Mostram ser perdição dos naturais, (2)
Dizendo que são gentes inquietas,
Que, os mares discorrendo ocidentais,
Vivem só de piráticas rapinas, (3)
Sem rei, sem leis humanas ou divinas.

54 Oh! Quanto deve o rei que bem governa (1)
De olhar que os conselheiros ou privados
De consciência e de virtude interna
E de sincero amor sejam dotados!
Porque, como este posto na superna (2)
Cadeira, pode mal dos apartados
Negócios ter notícia mais inteira
Do que lhe der a língua conselheira. (3)

55 Nem tão pouco direi que tome tanto (1)
Em grosso a consciência limpa e certa,
Que se enleve num pobre e humilde manto, (2)
Onde ambição acaso ande encoberta.
E quando um bom em tudo é justo e santo
E em negócios do mundo pouco acerta,
Que mal com eles poderá ter conta (3)
A quieta inocência, em só Deus pronta. (4)

56 Mas aqueles avaros Catuais
Que o gentílico povo governavam,
Induzidos das gentes infernais,
O português despacho dilatavam.
Mas o Gama, que não pretende mais,
De tudo quanto os mouros ordenavam,
Que levar a seu rei um sinal certo
Do mundo que deixava descoberto,

57 Nisto trabalha só; que bem sabia (1)
Que, despois que levasse esta certeza,
Armas e naus e gentes mandaria
Manuel, que exercita a suma alteza,
Com que a seu jugo e lei someteria
Das terras e do mar a redondeza;
Que ele não era mais que um diligente
Descobridor das terras do Oriente.

58 Falar ao rei gentio determina, (1)
Por que com seu despacho se tornasse,
Que já sentia em tudo da malina (2)
Gente impedir-se quanto desejasse.
O rei, que da notícia falsa e indina
Não era de espantar se se espantasse, (3)
Que tão crédulo era em seus agouros,
E mais sendo afirmados pelos mouros,

59 Este temor lhe esfria o baixo peito; (1)
Por outra parte, a força da cobiça,
A quem por natureza está sujeito, (2)
Um desejo imortal lhe acende e atiça:
Que bem vê que grandíssimo proveito
Fará, se, com verdade e com justiça,
O contrato fizer, por longos anos,
Que lhe comete o rei dos lusitanos.

60 Sobre isto, nos conselhos que tomava, (1)
Achava mui contrários pareceres;
Que naqueles com quem se aconselhava
Executa o dinheiro seus poderes. (2)
O grande capitão chamar mandava,
A quem chegado disse: "Se quiseres
Confessar-me a verdade limpa e nua,
Perdão alcançarás da culpa tua.

61 Eu sou bem informado que a embaixada
Que de teu rei me deste, que é fingida; (1)
Porque nem tu tens rei, nem pátria amada,
Mas vagabundo vás passando a vida. (2)
Que quem da Hespéria última alongada, (3)
Rei ou senhor de insânia desmedida,
Há de vir cometer, com naus e frotas,
Tão incertas viagens e remotas?

62 E, se de grandes reinos poderosos
O teu rei tem a régia majestade,
Que presentes me trazes valerosos,
Sinais de tua incógnita verdade?
Com peças e dões altos, sumptuosos, (1)
Se lia dos reis altos a amizade; (2)
Que sinal nem penhor não é bastante (3)
As palavras dum vago navegante.

63 Se porventura vindes desterrados,
Como já foram homens de alta sorte, (1)
Em meu reino sereis agasalhados,
Que toda a terra é pátria para o forte; (2)
Ou se piratas sois, ao mar usados, (3)
Dizei-mo sem temor de infâmia ou morte,
Que, por se sustentar, em toda idade
Tudo faz a vital necessidade."

64 Isto assim dito, o Gama, que já tinha
Suspeitas das insídias que ordenava
O Maomético ódio, donde vinha
Aquilo que tão mal o rei cuidava,
C'uma alta confiança, que convinha,
Com que seguro crédito alcançava,
Que Vênus Acidália lhe influía, (1)
Tais palavras do sábio peito abria:

65 "Se os antigos delitos que a malícia
Humana cometeu na prisca idade (1)
Não causaram que o vaso da nequícia, (2)
Açoute tão cruel da Cristandade,
Viera pôr perpétua inimicícia (3)
Na geração de Adão, co'a falsidade,
Ó poderoso rei, da torpe seita, (4)
Não conceberas tu tão má suspeita.

66 Mas, porque nenhum grande bem se alcança
Sem grandes opressões, e em todo o feito (1)
Segue o temor os passos da esperança,
Que em suor vive sempre de seu peito,
Me mostras tu tão pouca confiança
Desta minha verdade, sem respeito
Das razões em contrário que acharias
Se não cresses a quem não crer devias. (2)

67 Porque, se eu de rapinas só vivesse,
Undívago ou da pátria desterrado, (1)
Como crês que tão longe me viesse
Buscar assento incógnito e apartado?
Por que esperanças, ou por que interesse
Viria exprimentando o mar irado,
Os antárticos frios, e os ardores (2)
Que sofrem do Carneiro os moradores? (3)

68 Se com grandes presentes de alta estima
O crédito me pedes do que digo,
Eu não vim mais que a achar o estranho clima (1)
Onde a Natura pôs teu reino antigo;
Mas, se a Fortuna tanto me sublima,
Que eu torne à minha pátria e reino amigo,
Então verás o dom soberbo e rico
Com que minha tornada certifico. (2)



69 Se te parece, inopinado feito
Que rei da última Hespéria a ti me mande,
O coração sublime, o régio peito,
Nenhum caso possíbil tem por grande.
Bem parece que o nobre e grão conceito (1)
Do lusitano espírito demande
Maior crédito e fé de mais alteza, (2)
Que creia dele tanta fortaleza.

70 Sabe que há muitos anos que os antigos (1)
Reis nossos firmemente propuseram (2)
De vencer os trabalhos e perigos
Que sempre às grandes cousas se opuseram;
E, descobrindo os mares inimigos
Do quieto descanso, pretenderam
De saber que fim tinham e onde estavam
As derradeiras praias que lavavam.

71 Conceito digno foi do ramo claro (1)
Do venturoso rei que arou primeiro
O mar, por ir deitar do ninho caro (2)
O morador de Abila derradeiro;
Este, por sua indústria e engenho raro, (3)
Num madeiro ajuntando outro madeiro,
Descobrir pôde a parte que faz clara (4)
De Argos, da Hidra a luz, da Lebre e da Ara.

72 Crescendo co'os sucessos bons primeiros
No peito as ousadias, descobriram,
Pouco e pouco, caminhos estrangeiros,
Que, uns sucedendo aos outros, prosseguiram.
De África os moradores derradeiros,
Austrais, que nunca as Sete Flamas viram, (1)
Foram vistos de nós, atrás deixando
Quantos estão os trópicos queimando. (2)

73 Assi, com firme peito e com tamanho
Propósito vencemos a Fortuna,
Até que nós no teu terreno estranho
Viemos pôr a última coluna. (1)
Rompendo a força do líquido estanho, (2)
Da tempestade horrífica e importuna,
A ti chegámos, de quem só queremos
Sinal que ao nosso rei de ti levemos.

74 Esta é a verdade, rei; que não faria
Por tão incerto bem, tão fraco prémio,
Qual, não sendo isto assi esperar podia,
Tão longo, tão fingido e vão proémio;
Mas antes descansar me deixaria
No nunca descansado e fero grémio (1)
Da madre Tetis, qual pirata inico,
Dos trabalhos alheios feito rico.

75 Assi que, ó rei, se minha grão verdade
Tens por qual é, sincera e não dobrada, (1)
Ajunta-me ao despacho brevidade,
Não me impidas o gosto da tornada; (2)
E se inda te parece falsidade,
Cuida bem na razão que está provada,
Que com claro juízo pode ver-se,
Que fácil é a verdade de entender-se."

76 A tento estava o rei na segurança (1)
Com que provava o Gama o que dizia;
Concebe dele certa confiança, (2)
Crédito firme, em quanto proferia; (3)
Pondera das palavras a abastança, (4)
Julga na autoridade grão valia,
Começa de julgar por enganados
Os Catuais corruptos, mal julgados.

77 Juntamente, a cobiça do proveito
Que espera do contrato lusitano
O faz obedecer e ter respeito (1)
Co'o capitão, e não co'o mauro engano.
Enfim ao Gama manda que direito (2)
Às naus se vá e, seguro dalgum dano,
Possa a terra mandar qualquer fazenda
Que pela especiaria troque e venda.

78 Que mande da fazenda, enfim, lhe manda (1)
Que nos reinos gangéticos faleça, (2)
Se alguma traz idônea lá da banda
Donde a terra se acaba e o mar começa. (3)
Já da real presença veneranda
Se parte o capitão, para onde peça
Ao Catual que dele tinha cargo,
Embarcação, que a sua está de largo. (4)

79 Embarcação que o leve às naus lhe pede,
Mas o mau Regedor, que novos laços
Lhe maquinava, nada lhe concede,
Interpondo tardanças e embaraços.
Com ele parte ao cais, por que o arrede (1)
Longe quanto puder dos régios paços,
Onde, sem que seu rei tenha notícia,
Faça o que lhe ensinar sua malícia.

80 Lá bem longe lhe diz que lhe daria
Embarcação bastante em que partisse,
Ou que para a luz crástina do dia
Futuro sua partida diferisse. (1)
Já com tantas tardanças entendia (2)
O Gama que o gentio consentisse
Na má tenção dos mouros, torpe e fera,
O que dele até'li não entendera.

81 Era este Catual um dos que estavam
Corruptos pela Maometana gente,
O principal por quem se governavam (1)
As cidades do Samorim potente.
Dele somente os mouros esperavam
Efeito a seus enganos torpemente.
Ele, que no concerto vil conspira,
De suas esperanças não delira. (2)

82 O Gama com instância lhe requere (1)
Que o mande pôr nas naus, e não lhe val; (2)
E que assim lho mandara, lhe refere,
O nobre sucessor de Perimal.
"Por que razão lhe impede e lhe difere
A fazenda trazer de Portugal?
Pois aquilo que os reis já têm mandado
Não pode ser por outrem derrogado."

83 Pouco obedece o Catual corrupto
A tais palavras; antes, revolvendo
Na fantasia algum sutil e astuto
Engano diabólico e estupendo,
Ou como banhar possa o ferro bruto
No sangue aborrecido, estava vendo,
Ou como as naus em fogo lhe abrasasse,
Por que nenhuma à pátria mais tornasse.

84 Que nenhum torne à pátria só pretende
O Conselho infernal dos maometanos,
Por que não saiba nunca onde se estende
A terra Eoa o rei dos lusitanos. (1)
Não parte o Gama, enfim, que lho defende
O Regedor dos bárbaros profanos; (2)
Nem sem licença sua ir-se podia, (3)
Que as almadias todas lhe tolhia.

85 Aos brados e razões do capitão
Responde o idolatra que mandasse (1)
Chegar à terra as naus que longe estão,
Por que melhor dali fosse e tornasse.
"Sinal é de inimigo e de ladrão
Que lá tão longe a frota se alargasse", (2)
Lhe diz, "porque do certo e fido amigo (3)
É não temer do seu nenhum perigo."

86 Nestas palavras o discreto Gama
Enxerga bem que as naus deseja perto
O Catual, por que com ferro e flama
Lhas assalte, por ódio descoberto.
Em vários pensamentos se derrama;
Fantasiando está remédio certo
Que desce a quanto mal se lhe ordenava.
Tudo temia; tudo, enfim, cuidava.

87 Qual o reflexo lume do polido
Espelho de aço ou de cristal fermoso,
Que, do raio solar sendo ferido,
Vai ferir noutra parte, luminoso,
E, sendo da ociosa mão movido,
Pela casa, do moço curioso, (1)
Anda pelas paredes e telhado,
Trémulo, aqui e ali, e dessossegado: (2)

88 Tal o vago juízo flutuava
Do Gama preso, quando lhe lembrava
Coelho, se por caso o esperava (1)
Na praia co'os batéis, como ordenara.
Logo secretamente lhe mandava
Que se tornasse à frota, que deixara,
Não fosse salteado dos enganos
Que esperava dos feros Maometanos.

89 Tal há-de ser quem quer, co'o dom de Marte, (1)
Imitar os ilustres e igualá-los:
Voar co'o pensamento a toda parte,
Adivinhar perigos e evitá-los.
Com militar engenho e sutil arte,
Entender os imigos, e enganá-los,
Crer tudo, enfim; que nunca louvarei
O capitão que diga: "Não cuidei." (2)

90 Insiste o malabar em tê-lo preso
Se não manda chegar a terra a armada.
Ele, constante e de ira nobre aceso, (1)
Os ameaços seus não teme nada;
Que antes quer sobre si tomar o peso
De quanto mal a vil malícia ousada
Lhe andar armando, que pôr em ventura (2)
A frota de seu rei, que tem segura.

91 Aquela noite esteve ali detido,
E parte do outro dia, quando ordena (1)
De se tornar ao rei; mas impedido
Foi da guarda que tinha, não pequena.
Comete-lhe o gentio outro partido, (2)
Temendo de seu rei castigo ou pena
Se sabe esta malícia, a qual asinha (3)
Saberá, se mais tempo ali o detinha. (4)

92 Diz-lhe que mande vir toda a fazenda (1)
Vendíbil que trazia, para a terra,
Para que, devagar, se troque e venda;
Que, quem não quer comércio, busca guerra.
Posto que os maus propósitos entenda
O Gama, que o danado peito encerra,
Consente, porque sabe por verdade
Que compra co'a fazenda a liberdade.

93 Concertam-se que o negro mande dar (1)
Embarcações idôneas com que venha; (2)
Que os seus batéis não quer aventurar
Onde lhos tome o imigo, ou lhos detenha.
Partem as almadias a buscar
Mercadoria hispana que convenha.
Escreve a seu irmão que lhe mandasse
A fazenda com que se resgatasse.

94 Vem a fazenda a terra, aonde logo (1)
A agasalhou o infame Catual;
Com ela ficam Álvaro e Diogo, (2)
Que a pudessem vender pelo que val. (3)
Se mais que obrigação, que mando e rogo,
No peito vil o prémio pode e val,
Bem o mostra o gentio a quem o entenda,
Pois o Gama soltou pela fazenda.

95 Por ela o solta, crendo que ali tinha
Penhor bastante donde recebesse
Interesse maior do que lhe vinha
Se o capitão mais tempo detivesse.
Ele, vendo que já lhe não convinha
Tornar a terra, por que não pudesse
Ser mais retido, sendo às naus chegado,
Nelas estar se deixa descansado.

96 Nas naus estar se deixa, vagaroso, (1)
Até ver o que o tempo lhe descobre;
Que não se fia já do cobiçoso
Regedor, corrompido e pouco nobre.
Veja agora o juízo curioso
Quanto no rico, assi como no pobre,
Pode o vil interesse e sede imiga
Do dinheiro, que a tudo nos obriga.

97 A Polidoro mata o rei Treício, (1)
Só por ficar senhor do grão tesouro;
Entra, pelo fortíssimo edifício,
Com a filha de Acriso a chuva de ouro; (2)
Pode tanto em Tarpéia avaro vício (3)
Que, a troco do metal luzente e louro,
Entrega aos inimigos a alta torre,
Do qual quase afogada em pago morre. (4)

98 Este rende munidas fortalezas; (1)
Faz tredoros e falsos os amigos; (2)
Este a mais nobre faz fazer vilezas,
E entrega capitães aos inimigos;
Este corrompe virginais purezas,
Sem temer de honra ou fama alguns [perigos; (3)
Este deprava, às vezes, as ciências, (4)
Os juízos cegando e as consciências.

99 Este interpreta mais que sutilmente
Os textos; este faz e desfaz leis; (1)
Este causa os perjúrios entre a gente
E mil vezes tiranos torna os reis.
Até os que só a Deus onipotente
Se dedicam, mil vezes ouvireis
Que corrompe este encantador, e ilude;
Mas não sem cor, contudo, de virtude. (2)



**CANTO VIII, E. 60**
Confessar-me a verdade limpa e nua,
Perdão alcançarás da culpa tua.

**CANTO IX, E. 50**
Em coréias gentis, usança velha,
Para a ilha a que Vênus as guiava.

# Canto Nono

## Argumento

**Parte de Calecut o Lusitano**
**Com as alegres novas do Oriente,**
**E no meio do túmido oceano**
**Vênus lhe mostra ũa ínsula excelente:**
**Aqui de todo bem sofrido dano**
**Acha repouso assás conveniente.**
**E com ninfas gentis o mais do dia**
**Em festas passa e jogos de alegria.**

1 Tiveram longamente na cidade,
Sem vender-se a fazenda, os dois feitores, (1)
Que os infiéis, por manha e falsidade,
Fazem que não lha comprem mercadores;
Que todo seu propósito e vontade
Era deter ali os descobridores
Da Índia tanto tempo que viessem
De Meca as naus, que as suas desfizessem. (2)

2 Lá no seio eritreu, onde fundada (1)
Arsínoe foi do Egípcio Ptolomeu (2)
(Do nome da irmã sua assi chamada,
Que despois em Suez se converteu),
Não longe, o porto jaz da nomeada (3)
Cidade Meca, que engrandeceu
Com a superstição falsa e profana
Da religiosa água maometana. (4)

3 Gidá se chama o porto aonde o trato (1)
De todo o Roxo Mar mais florescia,
De que tinha proveito grande e grato
O Soldão que esse reino possuía. (2)
Daqui aos malabares, por contrato
Dos infiéis, fermosa companhia
De grandes naus, pelo Índico Oceano,
Especiaria vêm buscar cada ano.

4 Por estas naus os mouros esperavam,
Que, como fossem grandes e possantes,
Aquelas que o comércio lhe tomavam,
Com flamas abrasassem crepitantes.
Neste socorro tanto confiavam
Que já não querem mais dos navegantes
Senão que tanto tempo ali tardassem
Que da famosa Meca as naus chegassem.





5 Mas o Governador dos Céus e gentes,
Que, para quanto tem determinado,
De longe os meios dá convenientes
Por onde vem a efeito o fim fadado (1)
Influiu piadosos acidentes (2)
De afeição em Monçaide, que guardado
Estava para dar ao Gama aviso
E merecer por isso o Paraíso. (3)

6 Este, de quem se os mouros não guardavam
Por ser mouro como eles, antes era
Participante em quanto maquinavam,
A tenção lhe descobre torpe e fera.
Muitas vezes as naus que longe estavam
Visita, e com piadade considera
O dano sem razão que se lhe ordena
Pela maligna gente serracena.

7 Informa o cauto Gama das armadas (1)
Que de Arábica Meca vêm cada ano,
Que agora são dos seus tão desejadas,
Para ser instrumento deste dano.
Diz-lhe que vêm de gente carregadas
E dos trovões horrendos de Vulcano, (2)
E que pode ser delas oprimido,
Segundo estava mal apercebido. (3)

8 O Gama, que também considerava
O tempo que para a partida o chama,
E que despacho já não esperava
Melhor do rei, que os maometanos ama,
Aos feitores que em terra estão, mandava
Que se tornem às naus; e, por que a fama
Desta súbita vinda os não impida, (1)
Lhe manda que a fizessem escondida.

9 Porém não tardou muito que, voando,
Um rumor não soasse com verdade: (1)
Que foram presos os feitores, quando
Foram sentidos vir-se da cidade.
Esta fama as orelhas penetrando
Do sábio capitão, com brevidade
Faz represália nuns que às naus vieram (2)
A vender pedraria que trouxeram.

10 Eram, estes, antigos mercadores,
Ricos em Calecu e conhecidos.
Da falta deles, logo entre os melhores (1)
Sentido foi que estão no mar retidos.
Mas já nas naus os bons trabalhadores
Volvem o cabrestante e, repartidos (2)
Pelo trabalho, uns puxam pela amarra, (3)
Outros quebram co'o peito duro a barra, (4)

11 Outros pendem da verga e já desatam
A vela, que com grita se soltava,
Quando, com maior grita, ao rei relatam
A pressa com que a armada se levava.
As mulheres e filhos, que se matam,
Daqueles que vão presos, onde estava
O Samorim se aqueixam que perdidos (1)
Uns têm os pais, as outras os maridos.

12 Manda logo os feitores lusitanos
Com toda sua fazenda, livremente, (1)
Apesar dos imigos maometanos,
Por que lhe torne a sua presa gente.
Desculpas manda o rei de seus enganos;
Recebe o capitão de melhor mente (2)
Os presos que as desculpas e, tornando
Alguns negros, se parte, as velas dando. (3)

13 Parte-se costa abaixo, porque entende
Que em vão co'o rei gentio trabalhava (1)
Em querer dele paz, a qual pretende
Por firmar o comércio que tratava.
Mas como aquela terra, que se estende
Pela Aurora, sabida já deixava,
Com estas novas torna à pátria cara,
Certos sinais levando do que achara. (2)

14 Leva alguns malabares, que tomou
Por força, dos que o Samorim mandara
Quando os presos feitores lhe tornou;
Leva pimenta ardente, que comprara;
A seca flor de Banda não ficou; (1)
A noz e o negro cravo, que faz clara (2)
A nova ilha Maluco, co'a canela (3)
Com que Ceilão é rica, ilustre e bela.

15 Isto tudo lhe houvera a diligência
De Monçaide fiel, que também leva,
Que, inspirado de angélica influência,
Quer no livro de Cristo que se escreva. (1)
O ditoso africano, que a clemência
Divina assim tirou de escura treva.
E tão longe da pátria achou maneira
Para subir à pátria verdadeira! (2)

16 Apartadas assim da ardente costa
As venturosas naus, levando a proa
Para onde a Natureza tinha posta
A meta Austrina da Esperança Boa, (1)
Levando alegres novas e reposta (2)
Da parte Oriental pera Lisboa,
Outra vez cometendo os duros medos
Do mar incerto, tímidos e ledos,

17 O prazer de chegar à pátria cara,
A seus penates caros e parentes, (1)
Para contar a peregrina e rara
Navegação, os vários céus e gentes,
Vir a lograr o prêmio que ganhara,
Por tão longos trabalhos e acidentes:
Cada um tem por gosto tão perfeito,
Que o coração para ele é vaso estreito. (2)

18 Porém a deusa Cípria, que ordenada (1)
Era, pera favor dos lusitanos,
Do Padre Eterno, e por bom gênio dada, (2)
Que sempre os guia já de longos anos,
A glória por trabalhos alcançada,
Satisfação de bem sofridos danos,
Lhe andava já ordenando, e pretendia
Dar-lhe nos mares tristes alegria. (3)

19 Despois de ter um pouco revolvido
Na mente o largo mar que navegaram,
Os trabalhos que pelo deus nascido (1)
Nas Anfioneias Tebas se causaram, (2)
Já trazia de longe no sentido,
Pera prêmio de quanto mal passaram,
Buscar-lhe algum deleite, algum descanso,
No reino de cristal, líquido e manso,

20 Algum repouso, enfim, com que pudesse
Refocilar a lassa humanidade (1)
Dos navegantes seus, como interesse (2)
Do trabalho que encurta a breve idade.
Parece-lhe razão que conta desse
A seu filho por cuja potestade (3)
Os deuses faz decer ao vil terreno (4)
E os humanos subir ao céu sereno.

21 Isto bem revolvido, determina
De ter-lhe aparelhada, lá no meio
Das águas, alguma ínsula divina, (1)
Ornada de esmaltado e verde arreio; (2)
Que muitas tem no reino que confina (3)
Da primeira co'o terreno seio, (4)
Afora as que possuī soberanas
Para dentro das portas herculanas. (5)

22 Ali quer que as aquáticas donzelas (1)
Esperem os fortíssimos barões
(Todas as que têm título de belas,
Glória dos olhos, dor dos corações)
Com danças e coréias, porque nelas
Influirá secretas afeições,
Para com mais vontade trabalharem (2)
De contentar a quem se afeiçoarem. (3)

23 Tal manha buscou já, pera que aquele
Que de Anquises pariu, bem recebidos (1)
Fosse no campo que a bovina pele (2)
Tomou de espaço, por sutil partido.
Seu filho vai buscar, porque só nele
Tem todo seu poder, fero Cupido,
Que, assim como naquela empresa antiga
A ajudou já nest'outra a ajude e siga.

24 No carro ajunta as aves que na vida (1)
Vão da morte as exéquias celebrando,
E aquelas em que já foi convertida (2)
Perístera, as boninas apanhando.
Em derredor da deusa, já partida,
No ar lascivos beijos se vão dando.
Ela, por onde passa, o ar e o vento
Sereno faz, com brando movimento.

25 Já sobre os Idalios montes pende, (1)
Onde o filho frecheiro estava então, (2)
Ajuntando outros muitos, que pretende (3)
Fazer uma famosa expedição
Contra o mundo rebelde, por que emende
Erros grandes que, há dias, nele estão,
Amando cousas que nos foram dadas
Não pera ser amadas, mas usadas.

26 Via Acteon na caça tão austero, (1)
De cego na alegria bruta, insana,
Que, por seguir um feio animal fero,
Foge da gente e bela forma humana:
E por castigo quer, doce e severo,
Mostrar-lhe a fermosura de Diana; (2)
(E guarde-se não seja inda comido
Desses cães que agora ama, e consumido).

27 E vê do mundo todo os principais (1)
Que nenhum no bem púbrico imagina; (2)
Vê neles que não têm amor a mais
Que a si somente, e a quem Filáucia ensina: (3)
Vê que esses que freqüentam os reais
Paços, por verdadeira e sã doutrina
Vendem adulação, que mal consente
Mondar-se o novo trigo florescente. (4)

28 Vê que aqueles que devem à pobreza (1)
Amor divino, e ao povo caridade, (2)
Amam somente mandos e riqueza,
Simulando justiça e integridade.
Da feia tirania e de aspereza
Fazem direito e vã severidade.
Leis em favor do rei se estabelecem;
As em favor do povo só perecem. (3)

29 Vê, enfim, que ninguém ama o que deve,
Senão o que somente mal deseja. (1)
Não quer que tanto tempo se releve (2)
O castigo que duro e justo seja.
Seus ministros ajunta, por que leve
Exércitos conformes à peleja (3)
Que espera ter co'a mal regida gente
Que lhe não for agora obediente.

30 Muitos destes meninos voadores (1)
Estão em várias obras trabalhando:
Uns amolando ferros passadores, (2)
Outros hásteas de setas delgaçando.
Trabalhando, cantando estão de amores,
Vários casos em verso modulando;
Melodia sonora e concertada,
Suave a letra, angélica e soada. (3)

31 Nas frágoas imortais onde forjavam
Pera as setas as pontas penetrantes,
Por lenha corações ardendo estavam,
Vivas entranhas inda palpitantes.
As águas onde os ferros temperavam,
Lágrimas são de míseros amantes;
A viva flama, o nunca morto lume, (1)
Desejo é só que queima e não consume. (2)

32 Alguns exercitando a mão andavam (1)
Nos duros corações da plebe ruda;
Crebros suspiros pelo ar soavam (2)
Dos que feridos vão da seta aguda.
Formosas Ninfas são as que curavam
As chagas recebidas, cuja ajuda
Não somente dá vida aos mal feridos, (3)
Mas põe em vida os inda não nascidos.

33 Fermosas são algumas e outras feias,
Segundo a qualidade for das chagas,
Que o veneno espalhado pelas veias
Curam-no, às vezes, ásperas triagas. (1)
Alguns ficam ligados em cadeias
Por palavras sutis de sábias magas.
Isto acontece, às vezes, quando as setas
Acertam de levar ervas secretas. (2)

34 Destes tiros assi desordenados,
Que estes moços mal destros vão tirando,
Nascem amores mil desconcertados
Entre o povo ferido miserando; (1)
E também nos heróis de altos estados
Exemplos mil se vêem de amor nefando, (2)
Qual o das moças Bíbli e Cinirēia, (3)
Um mancebo de Assíria, um de Judéia. (4) (5)

35 E vós, ó poderosos, por pastoras
Muitas vezes ferido o peito vedes;
E por baixos e rudos, vós, senhoras,
Também vos tomam nas vulcâneas redes. (1)
Uns esperando andais nocturnas horas,
Outros subis telhados e paredes;
Mas eu creio que deste amor indino
É mais culpa a da mãe que a do menino. (2)

36 Mas já no verde prado o carro leve
Punham os brancos cisnes mansamente;
E Dione, que as rosas entre a neve (1)
No rosto traz, descia diligente.
O frècheiro que contra o céu se atreve
A recebê-la vem, ledo e contente;
Vêm todos os Cupidos servidores
Beijar a mão à deusa dos amores.



37 Ela, porque não gaste o tempo em vão,
Nos braços tendo o filho, confiada
Lhe diz: "Amado filho, em cuja mão
Toda minha potência está fundada;
Filho, em quem minhas forças sempre estão,
Tu, que as armas tiféias tens em nada, (1)
A socorrer-me a tua potestade (2)
Me traz especial necessidade.

38 Bem vês as lusitânicas fadigas,
Que eu já de muito longe favoreço,
Porque das Parcas sei, minhas amigas, (1)
Que me hão de venerar e ter em preço.
E, porque tanto imitam as antigas
Obras de meus romanos, me ofereço
A lhe dar tanta ajuda, em quanto posso,
A quanto se estender o poder nosso.

39 E porque das insídias do odioso
Baco foram na Índia molestados,
E das injúrias sós do mar undoso
Puderam mais ser mortos que cansados,
No mesmo mar, que sempre temeroso
Lhe foi, quero que sejam repousados,
Tomando aquele prêmio e doce glória
Do trabalho que faz clara a memória.

40 E para isso queria que, feridas
As filhas de Nereu no ponto fundo, (1)
De amor dos lusitanos incendidas
Que vêm de descobrir o novo mundo, (2)
Todas numa ilha juntas e subidas, (3)
Ilha que nas entranhas do profundo
Oceano terei aparelhada,
De dons de Flora e Zéfiro adornada; (4)

41 Ali, com mil refrescos e manjares,
Com vinhos odoríferos e rosas,
Em cristalinos paços singulares,
Formosos leitos, e elas mais formosas;
Enfim, com mil deleites não vulgares,
Os esperem as Ninfas amorosas,
De amor feridas, para lhe entregarem
Quanto delas os olhos cobiçarem.

42 Quero que haja no reino netunino,
Onde eu nasci, progénie forte e bela;
E tome exemplo o mundo vil, malino,
Que contra tua potência se rebela,
Porque entendam que muro adamantino (1)
Nem triste hipocrisia val contra ela;
Mal haverá na terra quem se guarde
Se teu fogo imortal nas águas arde."

43 Assi Vênus propôs; e o filho inico, (1)
Para lhe obedecer, já se apercebe:
Manda trazer o arco ebúrneo rico, (2)
Onde as setas de ponta de ouro embebe.
Com gesto ledo a Cípria, e impudico,
Dentro no carro o filho seu recebe;
A rédea larga às aves cujo canto
A faetontéia morte chorou tanto. (3)

44 Mas diz Cupido que era necessária
Uma famosa e célebre terceira, (1)
Que, posto que mil vezes lhe é contrária,
Outras muitas a tem por companheira:
A Deusa Gigantéia, temerária, (2)
Jactante, mentirosa e verdadeira,
Que com cem olhos vê, e, por onde voa,
O que vê, com mil bocas apregoa.

45 Vão-na buscar e mandam-a diante,
Que celebrando vá, com tuba clara,
Os louvores da gente navegante, (1)
Mais do que nunca os de outrem celebrara.
Já, murmurando, a Fama penetrante
Pelas fundas cavernas se espalhara;
Fala verdade, havida por verdade, (2)
Que junto a deusa traz Credulidade. (3)

46 O louvor grande, o rumor excelente, (1)
No coração dos deuses que indinados
Foram por Baco contra a ilustre gente,
Mudando, os fez um pouco afeiçoados.
O peito feminil, que levemente
Muda quaisquer propósitos tomados,
Já julga por mau zelo e por crueza
Desejar mal a tanta fortaleza.

47 Despede nisto o fero moço as setas,
Uma após outra: geme o mar co'os tiros;
Direitas pelas ondas inquietas
Algumas vão, e algumas fazem giros;
Caem as Ninfas, lançam das secretas
Entranhas ardentíssimos suspiros;
Cai qualquer, sem ver o vulto que ama, (1)
Que tanto como a vista pode a fama.

48 Os cornos ajuntou da ebúrnea Lũa, (1)
Com força, o moço indómito, excessiva,
Que Tetis quer ferir mais que nenhũa,
Porque mais que nenhũa lhe era esquiva.
Já não fica na aljava seta algũa, (2)
Nem nos equóreos campos Ninfa viva; (3)
E se, feridas, inda estão vivendo,
Será para sentir que vão morrendo.

49 Dai lugar, altas e cerúleas ondas,
Que, vedes, Vênus traz a medicina, (1)
Mostrando as brancas velas e redondas,
Que vêm por cima da água netunina,
Para que tu recíproco respondas,
Ardente Amor, à flama feminina,
É forçado que a pudicícia honesta
Faça quanto lhe Vênus amoesta. (2)

50 Já todo o belo coro se aparelha
Das Nereidas e junto caminhava
Em coréias gentis, usança velha, (1)
Para a ilha a que Vênus as guiava.
Ali a fermosa deusa lhe aconselha
O que ela fez mil vezes, quando amava.
Elas, que vão do doce amor vencidas,
Estão a seu conselho oferecidas.

51 Cortando vão as naus a larga via
Do mar ingente para a pátria amada,
Desejando prover-se de água fria
Para a grande viagem prolongada,
Quando, juntas, com súbita alegria,
Houveram vista da ilha namorada,
Rompendo pelo céu a mãe fermosa
De Menônio, suave e deleitosa. (1)

52 De longe a ilha viram, fresca e bela,
Que Vênus pelas ondas lha levava
(Bem como o vento leva branca vela)
Para onde a forte armada se enxergava;
Que, por que não passassem, sem que nela
Tomassem porto, como desejava,
Para onde as naus navegam a movia
A Acidália, que tudo, enfim, podia. (1)

53 Mas firme a fez e imóbil, como viu (1)
Que era dos nautas vista e demandada,
Qual ficou Delos, tanto que pariu (2)
Latona Febo e a deusa à caça usada.
Para lá logo a proa o mar abriu,
Onde a costa fazia uma enseada
Curva e quieta, cuja branca areia
Pintou de ruivas conchas Citereia. (3)

54 Três fermosos outeiros se mostravam, (1)
Erguidos com soberba graciosa,
Que de gramíneo esmalte se adornavam,
Na fermosa ilha, alegre e deleitosa.
Claras fontes e límpidas manavam
Do cume, que a verdura tem viçosa;
Por entre pedras alvas se deriva
A sonorosa linfa fugitiva.

55 Num vale ameno, que os outeiros fende,
Vinham as claras águas ajuntar-se,
Onde ũa mesa fazem, que se estende (1)
Tão bela quanto pode imaginar-se.
Arvoredo gentil sobre ela pende,
Como que pronto está para afeitar-se, (2)
Vendo-se no cristal resplandecente,
Que em si o está pintando propriamente.

56 Mil árvores estão ao céu subindo,
Com pomos odoríferos e belos; (1)
A laranjeira tem no fruito lindo (2)
A cor que tinha Dafne nos cabelos. (3)
Encosta-se no chão, que está caindo,
A cidreira co'os pesos amarelos;
Os fermosos limões ali cheirando,
Estão virgíneas tetas imitando.

57 As árvores agrestes, que os outeiros
Têm com frondente coma ennobrecidos, (1)
Álemos são de Alcides, e os loureiros (2)
Do louro deus amados e queridos; (3)
Mirtos de Citeréia, co'os pinheiros (4)
De Cibele, por outro amor vencidos; (5)
Está apontando o agudo cipariso (6)
Para onde é posto o etéreo Paraíso. (7)

58 Os dões que dá Pomona ali Natura (1)
Produze, diferentes nos sabores, (2)
Sem ter necessidade de cultura,
Que sem ela se dão muito melhores:
As cereijas, purpúreas na pintura, (3)
As amoras, que o nome têm de amores, (4)
O pomo que da pátria Pérsia veio, (5)
Melhor tornado no terreno alheio.

59 Abre a romã, mostrando a rubicunda
Cor, com que tu, rubi, teu preço perdes;
Entre os braços do ulmeiro está a jucunda
Vide, c'uns cachos roxos e outros verdes;
E vós, se na vossa árvore fecunda,
Peras piramidais, viver quiserdes, (1)
Entregai-vos ao dono que co'os bicos
Em vós fazem os pássaros inicos.

60 Pois a tapeçaria bela e fina (1)
Com que se cobre o rústico terreno,
Faz ser a de Aquemênia menos dina, (2)
Mas o sombrio vale mais ameno.
Ali a cabeça a flor Cifísia inclina (3)
Sôbolo tanque lúcido e sereno; (4)
Florece o filho e neto de Ciniras, (5)
Por quem tu, deusa Páfia, inda suspiras. (6)

61 Para julgar, difícil cousa fora,
No céu vendo e na terra as mesmas cores,
Se dava às flores cor a bela Aurora,
Ou se lha dão a ela as belas flores.
Pintando estava ali Zéfiro e Flora
As violas da cor dos amadores, (1)
O lírio roxo, a fresca rosa bela,
Qual reluze nas faces da donzela, (2)

62 A cândida cecem, das matutinas (1)
Lágrimas rociada, e a manjerona, (2)
Vêm-se as letras nas flores hiacintinas, (3)
Tão queridas do filho de Latona;
Bem se enxerga nos pomos e boninas
Que competia Clóris com Pomona.
Pois, se as aves no ar cantando voam,
Alegres animais o chão povoam.

63 A longo da água o níveo cisne canta,
Responde-lhe do ramo filomela (1)
Da sombra de seus cornos não se espanta
Acteon na água cristalina e bela. (2)
Aqui a fugace lebre se levanta (3)
Da espessa mata, ou tímida gazela; (4)
Ali no bico traz ao caro ninho
O mantimento o leve passarinho.

64 Nesta frescura tal desembarcavam
Já das naus os segundos Argonautas,
Onde pela floresta se deixavam (1)
Andar as belas deusas, como incautas. (2)
Algumas, doces cítaras tocavam,
Algumas, harpas e sonoras frautas;
Outras, co'os arcos de ouro, se fingiam
Seguir os animais que não seguiam.

65 Assi lho aconselhara a mestra experta:
Que andassem pelos campos espalhadas;
Que, vista dos barões a presa incerta, (1)
Se fizessem primeiro desejadas.
Algumas, que na forma descoberta
Do belo corpo estavam confiadas,
Posta a artificiosa fermosura, (2)
Nuas lavar se deixavam na água pura.

66 Mas os fortes mancebos, que na praia
Punham os pés, de terra cobiçosos
(Que não há nenhum deles que não saia),
De acharem caça agreste desejosos,
Não cuidam que, sem laço ou redes, caia
Caça naqueles montes deleitosos,
Tão suave, doméstica e benina,
Qual ferida lha tinha já Ericina. (1)

67 Alguns, que em espingardas e nas bestas, (1)
Para ferir os cervos, se fiavam, (2)
Pelos sombrios matos e florestas
Determinadamente se lançavam;
Outros, nas sombras, que de as altas sestas (3)
Defendem a verdura, passeavam
Ao longo da água, que, suave e queda,
Por alvas pedras corre à praia leda.

68 Começam de enxergar subitamente,
Por entre verdes ramos, várias cores,
Cores de quem a vista julga e sente
Que não eram das rosas ou das flores,
Mas da lã fina e seda diferente, (1)
Que mais incita a força dos amores,
De que se vestem as humanas rosas,
Fazendo-se por arte mais fermosas.



69 Dá Veloso, espantado, um grande grito:
"Senhores, caça estranha", disse, "é esta!
Se inda dura o gentio antigo rito,
A deusas é sagrada esta floresta.
Mais descobrimos do que humano esprito (1)
Desejou nunca, e bem se manifesta
Que são grandes as cousas e excelentes
Que o mundo encobre aos homens imprudentes.(2)

70 Sigamos estas deusas e vejamos
se fantásticas são, se verdadeiras."
Isto dito, veloces mais que gamos,
Se lançam a correr pelas ribeiras. (1)
Fugindo as ninfas vão por entre os ramos,
Mas, mais industriosas que ligeiras, (2)
Pouco e pouco, sorrindo e gritos dando,
Se deixam ir dos galgos alcançando.

71 Duma os cabelos de ouro o vento leva,
Correndo, e da outra as fraldas delicadas;
Acende-se o desejo, que se ceva
Nas alvas carnes, súbito mostradas.
Uma de indústria cai, e já releva, (1)
Como mostras mais macias que indinadas,
Que sobre ela, empecendo, também caia
Quem a seguiu pela arenosa praia.

72 Outros, por outra parte, vão topar (1)
Com as deusas despidas, que se lavam;
Elas começam súbito a gritar,
Como que assalto tal não esperavam.
Umas, fingindo menos estimar
A vergonha que a força, se lançavam
Nuas por entre o mato, aos olhos dando
O que às mãos cobiçosas vão negando.

**CANTO IX, E. 65**
Posta a artificiosa fermosura,
Nuas lavar se deixavam na água pura.

73 Outra, como acudindo mais depressa (1)
À vergonha da deusa caçadora,
Esconde o corpo n'água; outra se apressa
Por tomar os vestidos que tem fora.
Tal dos mancebos há que se arremessa,
Vestido assi e calçado (que, co'a mora
De se despir, há medo que inda tarde)
A matar na água o fogo que nele arde.

74 Qual cão de caçador, sagaz e ardido, (1)
Usado a tomar na água a ave ferida,
Vendo rosto o férreo cano erguido
Para a garcenha ou pata conhecida, (2)
Antes que soe o estouro, mal sofrido
Salta n'água e da presa não duvida,
Nadando vai e latindo: assi o mancebo
Remete à que não era irmã de Febo. (3)

75 Lionardo, soldado bem disposto, (1)
Manhoso, cavaleiro e namorado,
A quem Amor não dera um só desgosto (2)
Mas sempre fora dele mal tratado,
E tinha já por firme prossuposto (3)
Ser com amores mal afortunado,
Porém não que perdesse a esperança
De inda poder seu Fado ter mudança,

76 Quis aqui sua ventura que corria
Após Éfire, exemplo de beleza, (1)
Que mais caro que as outras dar queria
O que deu para dar-se a natureza. (2)
Já cansado, correndo, lhe dizia:
"Ó formosura indigna de aspereza,
Pois desta vida te concedo a palma,
Espera um corpo de quem levas a alma!

77 Todas de correr cansam, ninfa pura,
Rendendo-se à vontade do inimigo;
Tu só de mim só foges na espessura? (1)
Quem te disse que eu era o que te sigo?
Se to tem dito já aquela ventura
Que em toda a parte sempre anda comigo,
Oh! não na creias, porque eu, quando a cria,
Mil vezes cada hora me mentia.

78 Não canses, que me cansas; e se queres (1)
Fugir-me, porque não possa tocar-te,
Minha ventura é tal que, inda que esperes,
Ela fará que não possa alcançar-te.
Espera; quero ver, se tu quiseres,
Que sutil modo busca de escapar-te;
E notarás, no fim deste sucesso,
"Tra la spica e la man qual muro he messo". (2)

79 Oh! Não me fujas! Assi nunca o breve
Tempo fuja de tua fermosura;
Que, só com refrear o passo leve,
Vencerás da Fortuna a força dura.
Que imperador, que exército, se atreve (1)
A quebrantar a fúria da ventura
Que, em quanto desejei, me vai seguindo,
O que tu só farás não me fugindo?

80 Pões-te da parte da desdita minha?
Fraqueza é dar ajuda ao mais potente.
Levas-me um coração que livre tinha?
Solta-mo e correrás mais levemente.
Não te carrega essa alma tão mesquinha
Que nesses fios de ouro reluzente
Atada levas? Ou, depois de presa,
Lhe mudaste a ventura e menos pesa?

81 Nesta esperança só, te vou seguindo:
Que ou tu não sofrerás o peso dela,
Ou, na virtude de teu gesto lindo,
Lhe mudarás a triste e dura estrela.
E se se lhe mudar, não vás fugindo,
Que Amor te ferirá, gentil donzela,
E tu me esperarás, se Amor te fere; (1)
E se me esperas, não há mais que espere."

82 Já não fugia a bela ninfa tanto,
Por se dar cara ao triste que a seguia,
Como por ir ouvindo o doce canto,
As namoradas mágoas que dizia.
Volvendo o rosto, já sereno e santo, (1)
Toda banhada em riso e alegria,
Cair se deixa aos pés do vencedor,
Que todo se desfaz em puro amor.

83 Oh! Que famintos beijos na floresta,
E que mimoso choro que soava!
Que afagos tão suaves, que ira honesta,
Que em risinhos alegres se tornava!
O que mais passam na manhã e na sesta,
Que Vênus com prazeres inflamava,
Melhor é exprimentá-lo que julgá-lo;
Mas julgue-o quem não pode exprimentá-lo.

84 Desta arte, enfim, conformes já as formosas
Ninfas co'os seus amados navegantes,
Os ornam de capelas deleitosas
De louro e de ouro e flores abundantes.
As mãos alvas lhe davam como esposas;
Com palavras formais e estipulantes (1)
Se prometem eterna companhia,
Em vida e morte, de honra e alegria.

85 Uma delas, maior, a quem se humilha
Todo o coro das ninfas e obedece,
Que dizem ser de Celo e Vesta filha, (1)
O que no gesto belo se parece,
Enchendo a terra e o mar de maravilha,
O capitão ilustre, que o merece,
Recebe ali com pompa honesta e régia,
Mostrando-se senhora grande e egrégia, (2)

86 Que depois de lhe ter dito quem era,
C'um alto exórdio, de alta graça ornado,
Dando-lhe a entender que ali viera
Por alta influição do imóbil Fado,
Para lhe descobrir da unida Esfera (1)
Da terra imensa e mar não navegado
Os segredos, por alta profecia,
O que esta sua nação só merecia.

87 Tomando-o pela mão, o leva e guia
Para o cume dum monte alto e divino,
No qual ũa rica fábrica se erguia,
De cristal toda e de ouro puro e fino.
A maior parte aqui passam do dia,
Em doces jogos e em prazer contino.
Ela nos paços logra seus amores,
As outras pelas sombras, entre as flores.

88 Assi a fermosa e a forte companhia (1)
O dia quase todo estão passando
Numa alma, doce, incógnita alegria, (2)
Os trabalhos tão longos compensando.
Porque dos feitos grandes, da ousadia
Forte e famosa, o mundo está guardando
O prêmio lá no fim, bem merecido,
Com fama grande e nome alto e subido.



89 Que as ninfas do oceano, tão fermosas,
Tétis e a ilha angélica pintada,
Outra cousa não é que as deleitosas (1)
Honras que a vida fazem sublimada.
Aquelas preminências gloriosas,
Os triunfos, a fronte coroada
De palma e louro, a glória e maravilha:
Estes são os deleites desta ilha.

90 Que as imortalidades que fingia (1)
A antiguidade, que os ilustres ama,
Lá no estelante Olimpo, a quem subia (2)
Sobre as asas ínclitas da Fama,
Por obras valerosas que fazia,
Pelo trabalho imenso que se chama
Caminho da virtude, alto e fragoso,
Mas, no fim, doce, alegre e deleitoso:

91 Não eram senão prêmios que reparte, (1)
Por feitos imortais e soberanos,
O mundo co'os barões que esforço e arte
Divinos os fizeram, sendo humanos.
Que Júpiter, Mercúrio, Febo e Marte,
Enéias e Quirino e os dois Tebanos,
Ceres, Palas e Juno com Diana,
Todos foram de fraca carne humana.

92 Mas a Fama, trombeta de obras tais,
Lhe deu no mundo nomes tão estranhos
De deuses, semideuses, imortais,
Indígetes, heróicos e de magnos. (1)
Por isso, ó vós que as famas estimais,
Se quiserdes no mundo ser tamanhos,
Despertai já do sono do ócio ignavo,
Que o ânimo, de livre, faz escravo.

93 E ponde na cobiça um freio duro,
E na ambição também, que indignamente
Tomais mil vezes, e no torpe e escuro
Vício da tirania infame e urgente; (1)
Porque essas honras vãs, esse ouro puro,
Verdadeiro valor não dão à gente.
Melhor é merecê-los sem os ter.
Que possuí-los sem os merecer. (2)

94 Ou dai na paz as leis iguais, constantes,
Que aos grandes não dêm o dos pequenos,
Ou vos vesti nas armas rutilantes, (1)
Contra a lei dos imigos sarracenos:
Fareis os reinos grandes e possantes,
E todos tereis mais e nenhum menos:
Possuireis riquezas merecidas,
Com as honras que ilustram tanto as vidas.

95 E fareis claro o rei que tanto amais,
Agora co'os conselhos bem cuidados,
Agora co'as espadas, que imortais
Vos farão, como os vossos já passados.
Impossibilidades não façais,
Que quem quis, sempre pode; e numerados
Sereis entre os heróis esclarecidos
E nesta ilha de Vênus recebidos. (1)

**CANTO IX, E. 84**
Desta arte, enfim, conformes já as formosas
Ninfas co'os seus amados navegantes,

**CANTO X, E. 6**
Cantava a bela ninfa, e co'os acentos,
Que pelos altos paços vão soando,

# Canto Décimo

**Argumento**

A mesa de vivíficos manjares
Com as ninfas os Lusos valerosos
Ouvem de seus vindouros singulares
Façanhas, em acentos numerosos:
Mostra-lhe Tétis tudo quanto os mares,
E quanto os céus rodeiam luminosos,
A pequeno volume reduzido,
E torna a frota ao Tejo tão querido.

1 Mas já o claro amador da Larisséia (1)
Adúltera inclinava os animais (2)
Lá para o grande lago que rodeia
Temistitão, nos fins Ocidentais. (3)
O grande ardor do sol Favônio enfreia (4)
Co'o sopro que, nos tanques naturais,
Encrespa a água serena, e despertava
Os lírios e jasmins, que a calma agrava,

2 Quando as fermosas ninfas, co'os amantes
Pela mão, já conformes e contentes,
Subiam para os paços radiantes
E de metais ornados reluzentes,
Mandados da rainha, que abundantes
Mesas de altos manjares excelentes
Lhe tinha aparelhados, que a fraqueza
Restaurem da cansada natureza.

3 Ali, em cadeiras ricas, cristalinas,
Se assentam dous e dous, amante e dama; (1)
Noutras, à cabeceira, de ouro finas, (2)
Está co'a bela deusa o claro Gama.
De iguarias suaves e divinas,
A quem não chega a egípcia antiga fama, (3)
Se acumulam os pratos de fulvo ouro,
Trazidos lá do Atlântico tesouro. (4)

4 Os vinhos odoríferos, que acima
Estão não só do itálico Falerno (1)
Mas da ambrósia, que Jove tanto estima (2)
Com todo o ajuntamento sempiterno,
Nos vasos onde em vão trabalha a lima (3)
Crespas escumas erguem, que no interno
Coração movem súbita alegria,
Saltando co'a mistura da água fria.

5 Mil práticas alegres se tocavam; (1)
Risos doces, sutis e argutos ditos,
Que entre um e outro manjar se alevantavam,
Despertando os alegres apetitos; (2)
Músicos instrumentos não faltavam
(Quais, no profundo reino, os nus espritos (3)
Fizeram descansar da eterna pena) (4)
C'uma voz duma angélica Sirena. (5)

6 Cantava a bela ninfa, e co'os acentos,
Que pelos altos paços vão soando,
Em consonância igual, os instrumentos
Suaves vêm a um tempo conformando.
Um súbito silêncio enfreia os ventos
E faz ir docemente murmurando (1)
As águas, e nas casas naturais
Adormecer os brutos animais.

7 Com doce voz está subindo ao céu (1)
Altos varões que estão por vir ao mundo,
Cujas claras idéias viu Proteu (2)
Num globo vão, diáfano, rotundo,
Que Júpiter em dom lho concedeu
Em sonhos, e depois no Reino fundo,
Vaticinando, o disse, e na memória
Recolheu logo a ninfa a clara história.

8 Matéria é de coturno, e não de soco, (1)
A que a ninfa aprendeu no imenso lago;
Qual Iopas não soube, ou Demodoco, (2)
Entre os feaces um, outro em Cartago.
Aqui, minha Calíope, te invoco (3)
Neste trabalho extremo, porque em pago
Me tornes do que escrevo, e em vão pretendo,
O gosto de escrever, que vou perdendo. (4)

9 Vão os anos decendo, e já do Estio (1)
Há pouco que passar até o Outono;
A Fortuna me faz o engenho frio,
Do qual já não me jacto nem me abono;
Os desgostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento e eterno sono.
Mas tu me dá que cumpra, ó grão rainha (2)
Das Musas, co'o que quero à nação minha. (3)

10 Cantava a bela deusa que viriam (1)
Do Tejo, pelo mar que o Gama abrira,
Armadas que as ribeiras venceriam
Por onde o Oceano Índico suspira;
E que os gentios reis que não dariam
A cerviz sua ao jugo, o ferro e ira
Provariam do braço duro e forte,
Até render-se a ele ou logo à morte.

11 Cantava de um que tem nos malabares (1)
Do sumo sacerdócio a dignidade,
Que, só por não quebrar co'os singulares
Barões os nós que dera de amizade,
Sofrerá suas cidades e lugares,
Com ferro, incêndios, ira e crueldade,
Ver destruir do Samorim potente,
Que tais ódios terá co'a nova gente.

12 E canta como lá se embarcaria (1)
Em Belém o remédio deste dano,
Sem saber o que em si ao mar traria,
O grão Pacheco, Aquiles lusitano. (2)
O peso sentirão, quando entraria, (3)
O curvo lenho e o férvido Oceano,
Quando mais n'água os troncos que gemerem
Contra sua natureza se meterem.

13 Mas, já chegado aos fins orientais (1)
E deixado em ajuda do gentio
Rei de Cochim, com poucos naturais,
Nos braços do salgado e curvo rio
Desbaratará os Naires infernais,
No passo Cambalão, tornando frio
De espanto o ardor imenso do Oriente,
Que verá tanto obrar tão pouca gente.

14 Chamará o Samorim mais gente nova;
Virão reis de Bipur e de Tanor. (1)
Das serras de Narsinga, que alta prova (2)
Estarão prometendo a seu senhor;
Fará que todo o Naire, enfim, se mova
Que entre Calecu jaz e Cananor, (3)
De ambas as leis imigas para a guerra: (4)
Mouros por mar, gentios pola terra.

15 E todos outra vez desbaratando,
Por terra e mar, o grão Pacheco ousado,
A grande multidão que irá matando
A todo o Malabar terá admirado.
Cometerá outra vez, não dilatando,
O gentio os combates, apressado,
Injuriando os seus, fazendo votos
Em vão aos deuses vãos, surdos e imotos. (1)

16 Já não defenderá somente os passos,
Mas queimar-lhe há lugares, templos, casas;
Aceso de ira, o Cão, não vendo lassos (1)
Aqueles que as cidades fazem rasas,
Fará que os seus, de vida pouco escassos,
Cometam o Pacheco, que tem asas,
Por dois passos num tempo; mas voando
Dum noutro, tudo irá desbaratando.

17 Virá ali o Samorim, porque em pessoa
Veja a batalha e os seus esforce e anime;
Mas um tiro, que com zunido voa,
De sangue o tingirá no andor sublime. (1)
Já não verá remédio ou manha boa
Nem força que o Pacheco muito estime;
Inventará traições e vãos venenos,
Mas sempre (o céu querendo) fará menos. (2)

18 Que tornará a vez sétima (cantava)
Pelejar co'o invicto e forte luso,
A quem nenhum trabalho pesa e agrava;
Mas, contudo, este só o fará confuso.
Trará para a batalha, horrenda e brava,
Máquinas de madeiros fora de uso, (1)
Para lhe abalroar as caravelas,
Que até'li vão lhe fora cometê-las.

19 Pela água levará serras de fogo (1)
Para abrasar-lhe quanto armada tenha;
Mas a militar arte e engenho logo (2)
Fará ser vã a braveza com que venha.
Nenhum claro barão no Márcio jogo, (3)
Que nas asas da Fama se sustenha,
Chega a este, que a palma a todos toma.
E perdoe-me a ilustre Grécia ou Roma.

20 Porque tantas batalhas, sustentadas
Com muito pouco mais de cem soldados,
Com tantas manhas e artes inventadas,
Tantos Cães não imbeles profligados, (1)
Ou parecerão fábulas sonhadas,
Ou que os celestes coros, invocados,
Descerão a ajudá-lo e lhe darão
Esforço, força, ardil e coração. (2)



21 Aquele que nos campos maratônios (1)
O grão poder de Dário estrui e rende,
Ou quem, com quatro mil lacedemônios, (2)
O passo de Termópilas defende,
Nem o mancebo Cocles dos ausônios, (3)
Que com todo o poder tusco contende
Em defensa da ponte, ou Quinto Fábio,
Foi como este na guerra forte e sábio."

22 Mas neste passo a ninfa, o som canoro
Abaixando, fez ronco e entristecido, (1)
Cantando em baixa voz, envolta em choro,
O grande esforço mal agradecido.
"Ó Belisário (disse) que no coro (2)
Das Musas serás sempre engrandecido,
Se em ti viste abatido o bravo Marte,
Aqui tens com quem podes consolar-te.

23 Aqui tens companheiro, assi nos feitos
Como no galardão injusto e duro; (1)
Em ti e nele veremos altos peitos
A baxo estado vir, humilde e escuro,
Morrer nos hospitais, em pobres leitos, (2)
Os que ao rei e à lei servem de muro!
Isto fazem os reis cuja vontade
Manda mais que a justiça e que a verdade.

24 Isto fazem os reis quando embebidos
Numa aparência branda que os contenta;
Dão os prêmios, de Aiace merecidos, (1)
À língua vã de Ulisses fraudulenta.
Mas vingo-me: que os bens mal repartidos
Por quem só doces sombras apresenta,
Se não os dão a sábios cavaleiros,
Dão-os logo a avarentos lisonjeiros.

25 Mas tu, de quem ficou tão mal pagado (1)
Um tal vassalo, ó rei, só nisto inico,
Se não és para dar-lhe honroso estado,
É ele para dar-te um reino rico.
Em quanto for o mundo rodeado
Dos apolíneos raios, eu te fico (2)
Que ele seja entre a gente ilustre e claro,
E tu nisto culpado por avaro."

26 "Mas eis outro (cantava) intitulado (1)
Vem com nome real e traz consigo
O filho, que no mar será ilustrado, (2)
Tanto como qualquer romano antigo.
Ambos darão com braço forte, armado,
A Quíloa fértil, áspero castigo, (3)
Fazendo nela rei leal e humano,
Deitado fora o pérfido tirano.

27 Também farão Mombaça, que se arreia (1)
De casas sumptuosas e edifícios,
Co'o ferro e fogo seu queimada e feia,
Em pago dos passados malefícios. (2)
Depois, na costa da Índia, andando cheia
De lenhos inimigos e artifícios
Contra os lusos, com velas e com remos
O mancebo Lourenço fará extremos.

28 Das grandes naus do Samorim potente, (1)
Que encherão todo o mar, co'a férrea péla,
Que sai com trovão do cobre ardente, (2)
Fará pedaços leme, mastro, vela. (3)
Depois, lançando arpéus ousadamente
Na capitania imiga, dentro nela (4)
Saltando a fará só com lança e espada
De quatrocentos mouros despejada.

29 Mas de Deus a escondida providência
(Que ela só sabe o bem de que se serve)
O porá onde esforço nem prudência (1)
Poderá haver que a vida lhe reserve.
Em Chaúl, onde em sangue e resistência (2)
O mar todo com fogo e ferro ferve, (3)
Lhe farão que com vida se não saia
As armadas de Egito e de Cambaia. (4)

30 Ali, o poder de muitos inimigos
(Que o grande esforço só com força rende),
Os ventos que faltaram, e os perigos
Do mar, que sobejaram, tudo o ofende.
Aqui ressurjam todos os antigos,
A ver o nobre ardor que aqui se aprende:
Outro Sceva verão, que, espedaçado, (1)
Não sabe ser rendido nem domado.

31 Com toda ũa coxa fora, que em pedaços (1)
Lhe leva um cego tiro que passara,
Se serve inda dos animosos braços
E do grão coração que lhe ficara.
Até que outro pelouro quebra os laços
Com que co'alma o corpo se liara:
Ela, solta, voou da prisão fora
Onde súbito se acha vencedora.

32 Vai-te, alma, em paz, da guerra turbulenta,
Na qual tu mereceste paz serena;
Que o corpo, que em pedaços se apresenta,
Quem o gerou, vingança já lhe ordena: (1)
Que eu ouço retumbar a grão tormenta,
Que vem já dar a dura e eterna pena,
De esperas, basiliscos e trabucos, (2)
A cambaicos cruéis e mamelucos. (3)

33 Eis vem o pai, com ânimo estupendo,
Trazendo fúria e mágoa por antolhos, (1)
Com que o paterno amor lhe está movendo
Fogo no coração, água nos olhos.
A nobre ira lhe vinha prometendo
Que o sangue fará dar pelos geolhos
Nas inimigas naus; senti-lo há o Nilo,
Podê-lo há o Indo ver e o Gange ouvi-lo.

34 Qual o touro cioso, que se ensaia
Para a crua peleja, os cornos tenta
No tronco dum carvalho ou alta faia
E, o ar ferindo, as forças exprimenta:
Tal, antes que no seio de Cambaia (1)
Entre Francisco irado, na opulenta
Cidade de Dabul a espada afia, (2)
Abaxando-lhe a túmida ousadia.

35 E logo, entrando fero na enseada
De Dio, ilustre em cercos e batalhas,
Fará espalhar a fraca e grande armada
De Calecu, que remos tem por malhas. (1)
A de Mélique Iaz, acutelada, (2)
Co'os pelouros que tu, Vulcano, espalhas,
Fará ir ver o frio e fundo assento,
Secreto leito do húmido elemento.

36 Mas a de Mir Hocém, que, abalroando,
A fúria esperará dos vingadores,
Verá braços e pernas ir nadando (1)
Sem corpos, pelo mar, de seus senhores.
Raios de fogo irão representando,
No cego ardor, os bravos domadores.
Quanto ali sentirão olhos e ouvidos
É fumo, ferro, flamas e alaridos. (2)

37 Mas ah! que desta próspera vitória,
Com que despois virá ao pátrio Tejo,
Quase lhe roubará a famosa glória
Um sucesso, que triste e negro vejo. (1)
O Cabo Tormentório, que a memória
Co'os ossos guardará, não terá pejo
De tirar deste mundo aquele esprito,
Que não tiraram toda a Índia e Egipto.

38 Ali, cafres selvagens poderão
O que destros imigos não puderam;
E rudos paus tostados sós farão
O que arcos e pelouros não fizeram.
Ocultos os juízos de Deus são;
As gentes vãs, que não no entenderam,
Chamam-lhe fado mau, fortuna escura,
Sendo só providência de Deus pura.

39 Mas oh! que luz tamanha que abrir sinto
(Dizia a Ninfa, e a voz alevantava)
Lá no mar de Melinde, em sangue tinto (1)
Das cidades de Lamo, de Oja e Brava,
Pelo Cunha também, que nunca extinto
Será seu nome em todo o mar que lava
As ilhas do Austro, e praias que se chamam
De São Lourenço, e em todo o Sul se afamam!

40 Esta luz é de fogo e das luzentes
Armas com que Albuquerque irá amansando (1)
De Ormuz os párseos, por seu mal valentes, (2)
Que refusam o jugo honroso e brando. (3)
Ali verão as setas estridentes
Reciprocar-se, a ponta no ar virando. (4)
Contra quem as tirou; que Deus peleja (5)
Por quem estende a fé da Madre Igreja.

41 Ali do sal os montes não defendem (1)
De corrupção os corpos no combate
Que mortos pela praia e mar se estendem
De Gerum, de Mazcate e Calaiate; (2)
Até que à força só de braço aprendem
A abaixar a cerviz, onde se lhe ate
Obrigação de dar o reino inico
Das perlas de Barém tributo rico. (3)

42 Que gloriosas palmas tecer vejo,
Com que Vitória a fronte lhe coroa, (1)
Quando, sem sombra vã de medo ou pejo,
Toma a ilha ilustríssima de Goa! (2)
Despois, obedecendo ao duro ensejo,
A deixa, e ocasião espera boa
Com que a torne a tomar, que esforço e arte
Vencerão a Fortuna e o próprio Marte.

43 Eis já sobre ela torna e vai rompendo
Por muros, fogo, lanças e pelouros,
Abrindo com a espada o espesso e horrendo
Esquadrão de gentios e de mouros.
Irão soldados ínclitos fazendo
Mais que leões famélicos e touros,
Na luz que sempre celebrada e dina
Será da egípcia santa Caterina. (1)

44 Nem tu menos fugir poderás deste,
Posto que rica e posto que assentada
Lá no grêmio da Aurora, onde naceste,
Opulenta Malaca nomeada, (1)
As setas venenosas que fizeste,
Os crises com que já te vejo armada, (2)
Malaios namorados, Jaus valentes, (3)
Todos farás ao Luso obedientes."

45 Mais estanças cantara esta Sirena
Em louvor do ilustríssimo Albuquerque,
Mas alembrou-lhe uma ira que o condena, (1)
Posto que a fama sua o mundo cerque,
O grande capitão que o fado ordena
Que com trabalhos glória eterna merque, (2)
Mais há de ser um brando companheiro (3)
Para os seus, que juiz cruel e inteiro.

46 Mas em tempo que fomes e asperezas,
Doenças, frechas e trovões ardentes,
A sazão e o lugar, fazem cruezas
Nos soldados a tudo obedientes,
Parece de selváticas brutezas,
De peitos inumanos e insolentes,
Dar extremo suplício pela culpa (1)
Que a fraca humanidade e Amor desculpa.

47 Não será a culpa abominoso incesto (1)
Nem violento estupro em virgem pura,
Nem menos adultério desonesto,
Mas c'uma escrava vil, lasciva e escura.
Se o peito, ou de cioso, ou de modesto,
Ou de usado a crueza fera e dura,
Co'os seus uma ira insana não refreia,
Põe, na fama alva, nódoa negra e feia.

48 Viu Alexandre Apeles namorado
Da sua Campaspe, e deu-lha alegremente, (1)
Não sendo seu soldado exprimentado,
Nem vendo-se num cerco duro e urgente. (2)
Sentiu Ciro que andava já abrasado
Araspas, de Pantéia, em fogo ardente, (3)
Que ele tomara em guarda, e prometia
Que nenhum mau desejo o venceria;

49 Mas, vendo o ilustre Persa que vencido
Fora de Amor, que, enfim, não tem defensa,
Levemente o perdoa, e foi servido
Dele num caso grande, em recompensa.
Por força, de Judita foi marido (1)
O férreo Balduíno; mas dispensa (2)
Carlos, pai dela, posto em cousas grandes,
Que viva e povoador seja de Frandes.

50 Mas, prosseguindo a ninfa o longo canto,
De Soares cantava, que as bandeiras (1)
Faria tremular e pôr espanto
Pelas roxas arábicas ribeiras.
Medina abominábil teme tanto (2)
Quanto Meca e Gidá, co'as derradeiras (3)
Praias de Abássia; Barborá se teme (4)
Do mal de que o empório Zeila geme.

51 A nobre ilha também de Taprobana. (1)
Já pelo nome antigo tão famosa
Quanto agora soberba e soberana
Pela cortiça cálida, cheirosa, (2)
Dela dará tributo à Lusitana
Bandeira, quando, excelsa e gloriosa,
Vencendo se erguerá na torre erguida,
Em Columbo, dos próprios tão temida. (3)

52 Também Sequeira, as ondas eritréias (1)
Dividindo, abrirá novo caminho
Para ti, grande Império, que te arreias (2)
De seres de Candace e Sabá ninho. (3)
Maçuá, com cisternas de água cheias, (4)
Verá, e o porto Arquico, ali vizinho; (5)
E fará descobrir remotas ilhas,
Que dão ao mundo novas maravilhas.



53 Virá despois Meneses, cujo ferro (1)
Mais na África, que cá, terá provado;
Castigará de Ormuz soberba o erro,
Com lhe fazer tributo dar dobrado.
Também tu, Gama, em pago do desterro (2)
Em que estás e serás inda tornado,
Co'os títulos de Conde e de honras nobres
Virás mandar a terra que descobres.

54 Mas aquela fatal necessidade
De quem ninguém se exime dos humanos,
Ilustrado co'a régia dignidade, (1)
Te tirará do mundo e seus enganos.
Outro Meneses logo, cuja idade (2)
É maior na prudência que nos anos,
Governará; e fará o ditoso Henrique
Que perpétua memória dele fique.

55 Não vencerá somente os malabares,
Destruindo Panane com Coulete, (1)
Cometendo as bombardas, que, nos ares, (2)
Se vingam só do peito que as comete;
Mas com virtudes, certo, singulares,
Vence os imigos da alma todos sete; (3)
De cobiça triunfa e incontinência,
Que em tal idade é suma de excelência.

56 Mas, despois que as estrelas o chamarem, (1)
Sucederás, ó forte Mascarenhas; (2)
E, se injustos o mando te tomarem,
Prometo-te que fama eterna tenhas,
Para teus inimigos confessarem
Teu, valor alto, o Fado quer que venhas
A mandar, mais de palmas coroado,
Que de fortuna justa acompanhado.

57 No reino de Bintão, que tantos danos (1)
Terá a Malaca, muito tempo, feitos,
Num só dia as injúrias de mil anos
Vingarás, co'o valor de ilustres peitos.
Trabalhos e perigos inumanos,
Abrolhos férreos mil, passos estreitos, (2)
Tranqueiras, baluartes, lanças, setas: (3)
Tudo fico que rompas e sometas.

58 Mas na Índia, cobiça e ambição, (1)
Que claramente põem aberto o rosto
Contra Deus e Justiça, te farão
Vitupério nenhum, mas só desgosto.
Quem faz injúria vil e sem-razão,
Com forças e poder em que está posto,
Não vence; que a vitória verdadeira
É saber ter justiça nua e inteira.

59 Mas, contudo, não nego que Sampaio (1)
Será, no esforço, ilustre e assinalado,
Mostrando-se no mar um fero raio.
Que de inimigos mil verá coalhado.
Em Bacanor fará cruel ensaio (2)
No Malabar, para que, amedrontado,
Despois a ser vencido dele venha
Cutiale, com quanta armada tenha. (3)

60 E não menos de Dio a fera frota,
Que Chaul temerá, de grande e ousada, (1)
Fará, co'a vista só, perdida e rota,
Por Heitor da Silveira e destroçada;
Por Heitor Português, de quem se nota
Que na costa Cambaica, sempre armada,
Será aos guzarates tanto dano,
Quanto já foi aos gregos o Troiano. (2)

61 A Sampaio feroz sucederá
Cunha, que longo tempo tem o leme. (1)
De Chale as torres altas erguerá, (2)
Enquanto Dio ilustre dele treme;
O forte Baçaim se lhe dará, (3)
Não sem sangue, porém, que nele geme
Mélique, porque à força só de espada
A tranqueira soberba vê tomada.

62 Trás este vem Noronha, cujo auspício (1)
De Dio os Rumes feros afugenta; (2)
Dio, que o peito e bélico exercício
De Antônio da Silveira bem sustenta.
Fará em Noronha a morte o usado ofício,
Quando um teu ramo, ó Gama, se exprimenta (3)
No governo do Império, cujo zelo
Com medo o Roxo Mar fará amarelo.

63 Das mãos do teu Estêvão vem tomar
As rédeas um, que já será ilustrado (1)
No Brasil, com vencer e castigar
O pirata francês, ao mar usado. (2)
Despois, capitão-mor do Índico mar,
O muro de Damão, soberbo e armado, (3)
Escala e primeiro entra a porta aberta,
Que fogo e frechas mil terão coberta.

64 A este o rei cambaico soberbíssimo (1)
Fortaleza dará na rica Dio,
Porque contra o Mogor poderosíssimo
Lhe ajude a defender o senhorio.
Despois irá com peito esforçadíssimo
A tolher que não passe o rei gentio
De Calecu, que assim com quantos veio
O fará retirar, de sangue cheio.

65 Destruirá a cidade Repelim, (1)
Pondo o seu rei, com muitos, em fugida;
E despois, junto ao cabo Comorim, (2)
Uma façanha faz esclarecida:
A frota principal do Samorim,
Que destruir o mundo não duvida,
Vencerá co'o furor do ferro e fogo;
Em si verá Beadala o Márcio jogo. (3)

66 Tendo assi limpa a Índia dos imigos,
Virá despois com cetro a governá-la (1)
Sem que ache resistência nem perigos,
Que todos tremem dele e nenhum fala.
Só quis provar os ásperos castigos
Baticalá, que vira já Beadala. (2)
De sangue e corpos mortos ficou cheia
E de fogo e trovões desfeita e feia.

67 Este será Martinho, que de Marte (1)
O nome tem co'as obras derivado;
Tanto em armas ilustre em toda parte,
Quanto, em conselho, sábio e bem cuidado.
Suceder-lhe há ali Castro, que o estandarte (2)
Português terá sempre levantado,
Conforme sucessor ao sucedido,
Que um ergue Dio, outro o defende erguido.

68 Persas feroces, Abassis e Rumes, (1)
Que trazido de Roma o nome têm,
Vários de gestos, vários de costumes
(Que mil nações ao cerco feras vêm), (2)
Farão dos céus ao mundo vãos queixumes
Porque uns poucos a terra lhe detém.
Em sangue português juram, descridos,
De banhar os bigodes retorcidos. (3)

**69** Basiliscos medonhos e leões, (1)
Trabucos feros, minas encobertas,
Sustenta Mascarenhas co'os barões (2)
Que tão ledos as mortes têm por certas;
Até que, nas maiores opressões,
Castro libertador, fazendo ofertas
Das vidas de seus filhos, quer que fiquem
Com fama eterna e a Deus se sacrifiquem.

**70** Fernando, um deles, ramo da alta planta, (1)
Onde o violento fogo, com ruído,
Em pedaços os muros no ar levanta,
Será ali arrebatado e ao céu subido.
Álvaro, quando o Inverno o mundo espanta (2)
E tem o caminho húmido impedido,
Abrindo-o, vence as ondas e os perigos,
Os ventos e despois os inimigos.

**71** Eis vem despois o pai, que as ondas corta (1)
Co'o restante da gente lusitana,
E com força e saber, que mais importa,
Batalha dá felice e soberana.
Uns, paredes subindo, escusam porta;
Outros a abrem na fera esquadra insana.
Feitos farão tão dinos de memória
Que não caibam em verso ou larga história.

**72** Este, despois, em campo se apresenta,
Vencedor forte e intrépido, ao possante
Rei de Cambaia e a vista lhe amedrenta (1)
Da fera multidão quadrupedante. (2)
Não menos suas terras mal sustenta
O Hidalcão, do braço triunfante
Que castigando vai Dabul na costa; (3)
Nem lhe escapou Pondá, no sertão posta. (4)

**73** Estes e outros barões, por várias partes,
Dinos todos de fama e maravilha,
Fazendo-se na terra bravos Martes,
Virão lograr os gostos desta ilha, (1)
Varrendo triunfantes estandartes
Pelas ondas que corta a aguda quilha,
E acharão estas ninfas e estas mesas,
Que glórias e honras são de árduas empresas."

**74** Assi cantava a ninfa; e as outras todas,
Com sonoroso aplauso, vozes davam,
Com que festejam as alegres vodas (1)
Que com tanto prazer se celebravam.
Por mais que da Fortuna andem as rodas (2)
(Numa cônsona voz todas soavam), (3)
Não vos hão de faltar, gente famosa,
Honra, valor e fama floriosa.

**75** Despois que a corporal necessidade
Se satisfez do mantimento nobre,
E na harmonia e doce suavidade
Viram os altos feitos que descobre,
Tétis, de graça ornada e gravidade,
Para que com mais alta glória dobre
As festas deste alegre e claro dia,
Para o felice Gama assi dizia:

**76** "Faz-te mercê, barão, a Sapiência (1)
Suprema de, co'os olhos corporais, (2)
Veres o que não pode a vã ciência
Dos errados e míseros mortais.
Sigue-me firme e forte, com prudência, (3)
Por este monte espesso, tu co'os mais."
Assi lhe diz e o guia por um mato
Árduo, difícil, duro a humano trato.

**77** Não andam muito que no erguido cume
Se acharam, onde um campo se esmaltava
De esmeraldas, rubis, tais que presume
A vista que divino chão pisava. (1)
Aqui um globo vem no ar, que o lume
Claríssimo por ele penetrava,
De modo que o seu centro está evidente,
Como a sua superfície, claramente.

**78** Qual a matéria seja não se enxerga, (1)
Mas enxerga-se bem que está composto
De vários orbes, que a divina verga (2)
Compôs, e um centro a todos só tem posto.
Volvendo, ora se abaixe, agora se erga,
Nunca se ergue ou se abaixa, e um mesmo rosto
Por toda a parte têm; e em toda a parte
Começa e acaba, enfim, por divina arte,

**79** Uniforme, perfeito, em si sustido,
Qual, enfim, o Arquetipo que o criou. (1)
Vendo o Gama este globo, comovido
De espanto e de desejo ali ficou.
Diz-lhe a Deusa: "O transunto, reduzido (2)
Em pequeno volume, aqui te dou
Do Mundo aos olhos teus, para que vejas
Por onde vás e irás e o que desejas.

**80** Vês aqui a grande máquina do Mundo,
Etérea e elemental, que fabricada (1)
Assi foi do Saber, alto e profundo,
Que é sem princípio e meta limitada.
Quem cerca em derredor este rotundo (2)
Globo e sua superfície tão limada,
É Deus: mas o que é Deus, ninguém o entende,
Que a tanto o engenho humano não se estende.

**81** Este orbe que, primeiro, vai cercando (1)
Os outros mais pequenos que em si tem,
Que está com luz tão clara radiando,
Que a vista cega e a mente vil também,
Empíreo se nomeia, onde logrando
Puras almas estão daquele Bem
Tamanho, que ele só se entende e alcança,
De quem não há no mundo semelhança. (2)

**82** Aqui, só verdadeiros, gloriosos
Divos estão, porque eu, Saturno e Jano, (1)
Júpiter, Juno, fomos fabulosos,
Fingidos de mortal e cego engano.
Só para fazer versos deleitosos (2)
Servimos; e, se mais o trato humano
Nos pode dar, é só que o nome nosso
Nestas estrelas pôs o engenho vosso.

**83** E também, porque a Santa Providência,
Que em Júpiter aqui se representa, (1)
Por espíritos mil que têm prudência, (2)
Governa o Mundo todo que sustenta
(Ensina-lo a profética ciência, (3)
Em muitos dos exemplos que apresenta: (4)
Os que são bons, guiando, favorecem,
Os maus, em quanto podem, nos empecem);

**84** Quer logo aqui a pintura que varia, (1)
Agora deleitando, ora ensinando,
Dar-lhe nomes que a antiga Poesia
A seus deuses já dera, fabulando;
Que os anjos de celeste companhia
Deuses o sacro verso está chamando; (2)
Nem nega que esse nome preminente (3)
Também aos maus se dá, mas falsamente.



**85** Enfim que o Sumo Deus, que por segundas (1)
Causas obra no Mundo, tudo manda.
E tornando a contar-te das profundas
Obras da mão divina veneranda,
Debaxo deste círculo onde as mundas (2)
Almas divinas gozam, que não anda, (3)
Outro corre, tão leve e tão ligeiro
Que não se enxerga: é o Móbile primeiro. (4)

**86** Com este rapto e grande movimento (1)
Vão todos os que dentro tem no seio;
Por obra deste, o Sol, andando a tento, (2)
O dia e noite faz, com curso alheio. (3)
Debaxo deste leve, anda outro lento, (4)
Tão lento e sojugado a duro freio,
Que em quanto Febo, de luz nunca escasso,
Duzentos cursos faz, dá ele um passo.

**87** Olha est'outro debaixo, que esmaltado (1)
De corpos lisos anda e radiantes,
Que também nele tem curso ordenado
E nos seus axes correm cintilantes. (2)
Bem vês como se veste e faz ornado
Co'o largo Cinto de ouro, que estelantes (3)
Animais doze traz afigurados,
Aposentos de Febo limitados. (4)

**88** Olha, por outras partes, a pintura (1)
Que as estrelas fulgentes vão fazendo:
Olha a Carreta, atenta a Cinosura,
Andrômeda e seu pai, e o Drago horrendo, (2)
Vê de Cassiopeia a fermosura
E do Orionte o gesto turbulento; (3)
Olha o Cisne morrendo que suspira, (4)
A Lebre e os Cães, a Nau e a doce Lira.

**89** Debaixo deste grande Firmamento,
Vês o céu de Saturno, deus antigo; (1)
Júpiter logo faz o movimento,
E Marte abaixo, bélico inimigo
O claro Olho do céu, no quarto assento, (2)
E Vênus, que os amores traz consigo;
Mercúrio, de eloqüência soberana; (3)
Com três rostos, debaixo vai Diana. (4)

**90** Em todos estes orbes, diferente
Curso verás, nuns grave e noutros leve; (1)
Ora fogem do centro longamente, (2)
Ora da Terra estão caminho breve,
Bem como quis o Padre onipotente,
Que o fogo fez e o ar, o vento e neve (3)
Os quais verás que jazem mais a dentro
E têm co'o Mar a Terra por seu centro.

**91** Neste centro, pousada dos humanos,
Que não somente, ousados, se contentam (1)
De sofrerem da terra firme os danos,
Mas inda o mar instábil exprimentam,
Verás as várias partes, que os insanos (2)
Mares dividem, onde se aposentam
Várias nações que mandam vários reis,
Vários costumes seus e várias leis.

**92** Vês Europa Cristã, mais alta e clara
Que as outras em polícia e fortaleza. (1)
Vês África, dos bens do mundo avara,
Inculta e toda cheia de bruteza,
Co'o cabo que até'qui se vos negara, (2)
Que assentou para o Austro a Natureza.
Olha essa terra toda, que se habita (3)
Dessa gente sem lei, quase infinita.

**93** Vê do Benomotapa o grande império, (1)
De selvática gente, negra e nua;
Onde Gonçalo morte e vitupério (2)
Padecerá, pela Fé santa sua.
Nace por este incógnito hemispério (3)
O metal por que mais a gente sua.
Vê que do lago donde se derrama
O Nilo, também vindo está Cuama. (4)

**94** Olha as casas dos negros, como estão
Sem portas, confiados, em seus ninhos,
Na justiça real e defensão
E na fidelidade dos vizinhos;
Olha deles a bruta multidão,
Qual bando espesso e negro de estorninhos,
Combaterá em Sofala a fortaleza,
Que defenderá Nhaia com destreza, (1)

**95** Olha lá as alagoas donde o Nilo
Nace, que não souberam os antigos;
Vê-lo rega, gerando o cocodrilo, (1)
Os povos Abassis, de Cristo amigos:
Olha como sem muros (novo estilo)
Se defendem melhor dos inimigos.
Vê Méroe, que ilha foi de antiga fama, (2)
Que ora dos naturais Nobá se chama. (3)

**96** Nesta remota terra um filho teu
Nas armas contra os turcos será claro;
Há de ser Dom Cristóvão o nome seu; (1)
Mas contra o fim fatal não há reparo.
Vê cá a costa do mar, onde te deu
Melinde hospício gasalhoso e caro;
O Rapto rio nota, que o romance (2)
Da terra chama Obí; entra em Quilmance. (3)

**97** O cabo vê já Arómata chamado, (1)
E agora Guardafú, dos moradores,
Onde começa a boca do afamado
Mar Roxo, que do fundo toma as cores. (2)
Este como limite está lançado
Que divide Ásia de África; e as melhores
Povoações que a parte África tem
Maçuá são, Arquico e Çuaquém. (3)

**98** Vês o extremo Suez, que antigamente
Dizem que foi dos Héroas a cidade (1)
(Outros dizem que Arsínoe), e ao presente
Tem das frotas do Egipto a potestade. (2)
Olha as águas nas quais abriu patente (3)
Estrada o grão Mousés na antiga idade.
Ásia começa aqui, que se apresenta
Em terras grande, em reinos opulenta.

**99** Olha o monte Sinai, que se enobrece
Co'o sepulcro de Santa Caterina; (1)
Olha Toro e Gidá, que lhe falece (2)
Água das fontes, doce e cristalina;
Olha as portas do estreito, que fenece (3)
No reino da seca Adem, que confina
Com a serra de Arzira, pedra viva, (4) (5)
Onde chuva dos céus se não deriva.

**100** Olha as Arábias três, que tanta terra (1)
Tomam, todas da gente vaga e baça, (2)
Donde vêm os cavalos para a guerra,
Ligeiros e feroces, de alta raça.
Olha a costa que corre, até que cerra
Outro estreito de Pérsia, e faz a traça (3) (4)
O cabo que co'o nome se apelida
Da cidade Fartaque, ali sabida.

101 Olha Dófar insigne porque manda (1)
O mais cheiroso incenso para as aras;
Mas atenta: já cá dest'outra banda
De Roçalgate e praias sempre avaras, (2)
Começa o reino Ormuz, que todo se anda
Pelas ribeiras que inda serão claras
Quando as galés do turco e fera armada
Virem de Castel Branco nua a espada. (3)

102 Olha o cabo Asaboro, que chamado (1)
Agora é Moçandão dos navegantes.
Por aqui entra o lago que é fechado (2)
De Arábia e pérsias terras abundantes.
Atenta a ilha Barém, que o fundo ornado (3)
Tem das suas perlas ricas, e imitantes (4)
À cor da Aurora; e vê na água salgada
Ter o Tigris e Eufrates uma entrada. (5)

103 Olha da grande Pérsia o império nobre,
Sempre posto no campo e nos cavalos,
Que se injuria de usar fundido cobre (1)
E de não ter das armas sempre os calos.
Mas vê a ilha Gerum, como descobre (2)
O que fazem do tempo os intervalos,
Que da cidade Armuza, que ali esteve,
Ela o nome despois e a glória teve.

104 Aqui de Dom Felipe de Meneses (1)
Se mostrará a virtude, em armas clara,
Quando, com muito poucos portugueses,
Os muitos párseos vencerá de Lara.
Virão provar os golpes e reveses
De Dom Pedro de Sousa, que provara (2)
Já seu braço em Ampaza, que deixada (3)
Terá por terra, à força só de espada.

105 Mas deixemos o Estreito e o conhecido
Cabo de Jasque, dito já Carpela, (1)
Com todo o seu terreno mal querido
Da Natura e dos dons usados dela;
Carmânia teve já por apelido. (2)
Mas vês o formoso Indo, que daquela
Altura nasce, junto à qual, também
Doutra altura, correndo o Gange vem.

106 Olha a terra de Ulcinde, fertilíssima, (1)
E de Jáquete a íntima enseada, (2)
Do mar a enchente súbita, grandíssima,
E a vazante, que foge apressurada.
A terra de Cambaia vê, riquíssima, (3)
Onde do mar o seio faz entrada.
Cidades outras mil, que vou passando,
A vós outros aqui se estão guardando.

107 Vês corre a costa célebre Indiana
Para o Sul, até o cabo Comori, (1)
Já chamado Cori, que Taprobana
(Que ora é Ceilão) defronte tem de si.
Por este mar a gente lusitana,
Que com armas virá depois de ti,
Terá vitórias, terras e cidades,
Nas quais hão de viver muitas idades.

108 As províncias que entre um e o outro rio
Vês, com várias nações, são infinitas:
Um reino maometa, outro gentio,
A quem tem o demônio leis escritas.
Olha que de Narsinga o senhorio (1)
Tem as relíquias santas e benditas
Do corpo de Tomé, barão sagrado, (2)
Que a Jesu Cristo teve a mão no lado.

109 Aqui a cidade foi que se chamava
Meliapor, formosa, grande e rica; (1)
Os ídolos antigos adorava,
Como inda agora faz a gente inica.
Longe do mar naquele tempo estava, (2)
Quando a Fé, que no mundo se publica,
Tomé vinha pregando, e já passara (3)
Províncias mil do mundo, que ensinara.

110 Chegado aqui, pregando e junto dando
A doentes saúde, a mortos vida,
Acaso traz um dia o mar, vagando,
Um lenho de grandeza desmedida.
Deseja o rei, que andava edificando,
Fazer dele madeira; e não duvida (1)
Poder tirá-lo a terra, com possantes
Forças de homens, de engenhos, de alifantes. (2)

111 Era tão grande o peso do madeiro
Que, só para abalar-se, nada abasta;
Mas o núncio de Cristo verdadeiro (1)
Menos trabalho em tal negócio gasta:
Ata o cordão que traz, por derradeiro,
No tronco e facilmente o leva e arrasta
Para onde faça um sumptuoso templo
Que ficasse aos futuros por exemplo.

112 Sabia bem que se com fé formada
Mandar a um monte surdo que se mova,
Que obedecerá logo à voz sagrada,
Que assim lho ensinou Cristo, e ele o prova. (1)
A gente ficou disto alvoroçada;
Os brâmenes o têm por cousa nova;
Vendo os milagres, vendo a santidade,
Hão medo de perder autoridade.

113 São estes sacerdotes dos gentios
Em quem mais penetrado tinha inveja:
Buscam maneiras mil, buscam desvios,
Com que Tomé não se ouça, ou morto seja.
O principal, que ao peito traz os fios, (1)
Um caso horrendo faz, que o mundo veja
Que inimiga não há, tão dura e fera,
Como a virtude falsa, da sincera.

114 Um filho próprio mata, e logo acusa
De homicídio Tomé, que era inocente;
Dá falsas testemunhas, como se usa:
Condenaram-no a morte brevemente. (1)
O santo, que não vê melhor escusa
Que apelar para o Padre onipotente,
Quer, diante do rei e dos senhores,
Que se faça um milagre dos maiores.

115 O corpo morto manda ser trazido,
Que ressuscite e seja perguntado
Quem foi seu matador, e será crido
Por testemunho, o seu, mais aprovado.
Viram todos o moço vivo, erguido,
Em nome de Jesu crucificado:
Dá graças a Tomé, que lhe deu vida,
E descobre seu pai ser homicida.

116 Este milagre fez tamanho espanto
Que o rei se banha logo na água santa, (1)
E muitos após ele; um beija o manto,
Outro louvor do Deus de Tomé canta.
Os brâmanes se encheram de ódio tanto,
Com seu veneno os morde inveja tanta,
Que, persuadindo a isso o povo rudo,
Determinam matá-lo, em fim de tudo. (2)



117 Um dia que pregando ao povo estava,
Fingiram entre a gente um arruído: (1)
Já Cristo neste tempo lhe ordenava
Que, padecendo, fosse ao céu subido.
A multidão das pedras que voava
No santo dá, já a tudo oferecido;
Um dos maus, por fartar-se mais depressa,
Com crua lança o peito lhe atravessa.

118 Choraram-te, Tomé, o Gange e o Indo;
Chorou-te toda a terra que pisaste;
Mais te choram as almas que vestindo
Se iam da santa Fé que lhe ensinaste.
Mas os anjos do céu, cantando e rindo,
Te recebem na Glória que ganhaste.
Pedimos-te que a Deus ajuda peças
Com que os teus lusitanos favoreças.

119 E vós outros que os nomes usurpais (1)
De mandados de Deus, como Tomé,
Dizei: se sois mandados, como estais
Sem irdes a prègar a santa Fé?
Olhai que, se sois sal e vos danais
Na pátria, onde profeta ninguém é,
Com que se salgarão, em nossos dias,
(Infiéis deixo) tantas heresias?

120 Mas passo esta matéria perigosa
E tornemos à costa debuxada.
Já com esta cidade tão famosa
Se faz curva a gangética enseada. (1)
Corre Narsinga, rica e poderosa;
Corre Orixá, de roupas abastada; (2)
No fundo da enseada, o ilustre rio
Ganges vem ao salgado senhorio;

121 Ganges, no qual os seus habitadores (1)
Morrem banhados, tendo por certeza
Que, inda que sejam grandes pecadores,
Esta água santa os lava e dá pureza.
Vê Catigão, cidade das melhores (2)
De Bengala província, que se preza
De abundante. Mas olha que está posta
Para o Austro, daqui virada, a costa.

122 Olha o reino Arracão; olha o assento (1)
De Pegu, que já monstros povoaram, (2)
Monstros filhos do feio ajuntamento
Duma mulher e um cão, que sós se acharam.
Aqui soante arame no instrumento (3)
Da geração costumam, o que usaram
Por manha da rainha que, inventando
Tal uso, deitou fora o error nefando. (4)

123 Olha Távai cidade, onde começa (1)
De Sião largo o império tão comprido;
Tenassari, Quedá, que é só cabeça (2)
Das que pimenta ali têm produzido.
Mais àvante fareis que se conheça
Malaca por empório enobrecido,
Onde toda a província do mar Grande (3)
Suas mercadorias ricas mande.

124 Dizem que desta terra co'as possantes
Ondas o mar, entrando, dividiu
A nobre ilha Samatra, que já de antes (1)
Juntas ambas a gente amiga viu.
Quersoneso foi dita; e das prestantes (2)
Veias de ouro que a terra produziu,
Áurea, por epiteto, lhe ajuntaram;
Alguns que fosse Ofir imaginaram. (3)

125 Mas, na ponta da terra, Singapura (1)
Verás, onde o caminho às naus se estreita.
Daqui tornando a costa à Cinosura, (2)
Se encurva e para a Aurora se endireita.
Vês Pam, Patane, reinos, e a longura (3)
De Sião, que estes e outros mais sujeita.
Olha o rio Menão, que se derrama (4)
Do grande lago que Chiamai se chama. (5)

126 Vês neste grão terreno os diferentes
Nomes de mil nações, nunca sabidas:
Os Laos, em terra e número potentes; (1)
Avás, Bramás, por serras tão compridas;
Vê nos remotos montes outras gentes,
Que Gueos se chamam, de selvagens vidas;
Humana carne comem, mas a sua
Pintam com ferro ardente, usança crua.

127 Vês passa por Camboja Mecom rio, (1)
Que *capitão das águas* se interpreta;
Tantas recebe de outro só no Estio, (2)
Que alaga os campos largos e inquieta
(Tem as enchentes quais o Nilo frio).
A gente dele crê, como indiscreta, (3)
Que pena e glória tem, despois de morte, (4)
Os brutos animais de toda sorte.

128 Este receberá, plácido e brando, (1)
No seu regaço os Cantos que molhados
Vêm do naufrágio triste e miserando,
Dos procelosos baixos escapados,
Das fomes, dos perigos grandes, quando
Será o injusto mando executado
Naquele cuja lira sonorosa (2)
Será mais afamada que ditosa.

129 Vês corre a costa que Champá se chama, (1)
Cuja mata é do pau cheiroso ornada;
Vês Cauchichina está, de escura fama,
E de Ainão vê a incógnita enseada. (2)
Aqui o soberbo Império, que se afama
Com terras e riqueza não cuidada,
Da China corre, e ocupa o senhorio
Desde o Trópico ardente ao Cinto frio. (3)

130 Olha o muro e edifício nunca crido, (1)
Que entre um império e o outro se edifica,
Certíssimo sinal, e conhecido,
Da potência real, soberba e rica.
Estes, o rei que tem, não foi nascido (2)
Príncipe, nem dos pais aos filhos fica,
Mas elegem aquele que é famoso
Por cavalheiro, sábio e virtuoso.

131 Inda outra muita terra se te esconde,
Até que venha o tempo de mostrar-se.
Mas não deixes no mar as ilhas onde (1)
A Natureza quis mais afamar-se:
Esta, meia escondida, que responde (2)
De longe à China, donde vem buscar-se, (3)
É Japão, onde nasce a prata fina,
Que ilustrada será co'a lei divina. (4)

132 Olha cá pelos mares do Oriente
As infinitas ilhas espalhadas:
Vê Tidore e Ternate, co'o fervente (1)
Cume, que lança as flamas ondeadas.
As árvores verás do cravo ardente,
Co'o sangue português inda compradas.
Aqui há as áureas aves, que não descem (2)
Nunca à terra e só mortas aparecem.

133 Olha de Banda as ilhas, que se esmaltam (1)
Da vária cor que pinta o roxo fruto; (2)
As aves variadas, que ali saltam,
Da verde noz tomando seu tributo.
Olha também Borneo, onde não faltam
Lágrimas no licor coalhado e enxuto (3)
Das árvores, que cânfora é chamado,
Com que da ilha o nome é celebrado.

134 Ali também Timor, que o lenho manda (1)
Sândalo, salutífero e cheiroso. (2)
Olha a Sunda, tão larga que uma banda (3)
Esconde para o Sul dificultoso;
A gente do sertão que as terras anda
Um rio diz que tem miraculoso,
Que, por onde ele só, sem outro, vai,
Converte em pedra o pau que nele cai.

135 Vê naquela que o tempo tornou ilha, (1)
Que também flamas trêmulas vapora,
A fonte que óleo mana, e a maravilha (2)
Do cheiroso licor que o tronco chora; (3)
Cheiroso, mais que quanto estila a filha
De Ciniras na Arábia, onde ela mora;
E vê que, tendo quanto as outras têm,
Branda seda e fino ouro dá também.

136 Olha, em Ceilão, que o monte se alevanta (1)
Tanto que as nuvens passa ou a vista engana;
Os naturais o têm por cousa santa,
Pela pedra onde está a pègada humana. (2)
Nas ilhas de Maldiva nasce a planta (3)
No profundo das águas, soberana,
Cujo pomo contra o veneno urgente (4)
É tido por antídoto excelente.

137 Verás de-fronte estar de Roxo Estreito (1)
Socotorá, co'o amaro aloe famosa; (2)
Outras ilhas, no mar também sujeito
A vós, na costa de África arenosa,
Onde saï do cheiro mais perfeito
A massa, ao mundo oculta e preciosa. (3)
De São Lourenço vê a ilha afamada,
Que Madagáscar é dalguns chamada. (4)

138 Eis aqui as novas partes do Oriente
Que vós outros agora ao mundo dais,
Abrindo a porta ao vasto mar patente,
Que com tão forte peito navegais.
Mas é também razão que, no Ponente, (1)
Dum lusitano um feito inda vejais, (2)
Que, de seu rei mostrando-se agravado,
Caminho há de fazer nunca cuidado.

139 Vedes a grande terra que contina (1)
Vai de Calisto ao seu contrário Polo, (2)
Que soberba a fará a luzente mina
Do metal que a cor tem do louro Apolo.
Castela, vossa amiga, será dina
De lançar-lhe o colar ao rudo colo. (3)
Várias províncias tem de várias gentes,
Em ritos e costumes, diferentes.

140 Mas cá onde mais se alarga, ali tereis (1)
Parte também, co'o pau vermelho nota; (2)
De Santa Cruz o nome lhe poreis; (3)
Descobri-la há a primeira vossa frota.
Ao longo desta costa, que tereis,
Irá buscando a parte mais remota
O Magalhães, no feito, com verdade, (4)
Português, porém, não na lealdade.

141 Dès que passar a via mais que meia (1)
Que ao Antártico Polo vai da Linha, (2)
Duma estatura, quase gigantéia (3)
Homens verá, da terra ali vizinha,
E mais avante o estreito que se arreia (4)
Co'o nome dele agora, o qual caminha
Para outro mar e terra que fica onde (5)
Com suas frias asas o Austro a esconde.

142 Até'qui, portugueses, concedido
Vos é saberdes os futuros feitos
Que, pelo mar que já deixais sabido,
Virão fazer barões de fortes peitos.
Agora, pois que tendes aprendido
Trabalhos que vos façam ser aceitos
Às eternas esposas e fermosas,
Que coroas vos tecem gloriosas,

143 Podeis-vos embarcar, que tendes vento
E mar tranquilo, para a pátria amada."
Assi lhe disse, e logo movimento
Fazem da ilha alegre e namorada.
Levam refresco e nobre mantimento;
Levam a companhia desejada
Das ninfas, que hão de ter eternamente,
Por mais tempo que o sol o mundo aquente.

144 Assi foram cortando o mar sereno
Com vento sempre manso e nunca irado,
Até que houveram vista do terreno
Em que nasceram, sempre desejado.
Entraram pela foz do Tejo ameno, (1)
E a sua pátria e rei temido e amado
O prêmio e glória dão por que mandou,
E com títulos novos se ilustrou.

145 No'mais, Musa, no'mais que a lira tenho (1) (2)
Destemperada e a voz enrouquecida.
E não do canto, mas de ver que venho (3)
Cantar a gente surda e endurecida.
O favor com que mais se acende o engenho
Não no dá a pátria, não, que está metida
No gosto da cobiça e na rudeza
Duma austera, apagada e vil tristeza. (4)

146 E não sei por que influxo de destino
Não tem um ledo orgulho e geral gosto,
Que os ânimos levanta de contino
A ter para trabalhos ledo o rosto.
Por isso vós, ó rei, que por divino
Conselho estais no régio sólio posto,
Olhai que sois (e vede as outras gentes)
Senhor só de vassalos excelentes.

147 Olhai que ledos vão, por várias vias,
Quais rompentes leões e bravos touros,
Dando os corpos a fomes e vigias,
A ferro, a fogo, a setas e pelouros,
A quentes regiões, a plagas frias,
A golpes de idolatras e de mouros, (1)
A perigos incógnitos do mundo,
A naufrágios, a peixes, ao profundo.

148 Por vos servir, a tudo aparelhados,
De vós tão longe, sempre obedientes
A quaisquer vossos ásperos mandados,
Sem dar reposta, prontos e contentes. (1)
Só com saber que são de vós olhados,
Demônios infernais, negros e ardentes,
Cometerão convosco não duvido (2)
Que vencedor vos façam, não vencido.



149 Favorecei-os logo, e alegrai-os
Com a presença e leda humanidade;
De rigorosas leis desalivai-os, (1)
Que assi se abre o caminho à santidade.
Os mais exprimentados levantai-os,
Se, com a experiência, têm bondade
Para vosso conselho, pois que sabem
O como, o quando, e onde as cousas cabem.

150 Todos favorecei em seus ofícios,
Segundo têm das vidas o talento; (1)
Tenham religiosos exercícios (2)
De rogarem, por vosso regimento,
Com jejuns, disciplina, pelos vícios
Comuns; toda ambição terão por vento,
Que o bom religioso verdadeiro
Glória vã não pretende nem dinheiro.

151 Os Cavaleiros tende em muita estima,
Pois com seu sangue intrépido e fervente
Estendem não somente a lei de cima,
Mas inda vosso império preminente.
Pois aqueles que a tão remoto clima
Vos vão servir, com passo diligente,
Dois inimigos vencem: uns, os vivos,
E (o que é mais) os trabalhos excessivos.

152 Fazei, Senhor, que nunca os admirados
Alemães, galos, italos e ingleses,
Possam dizer que são para mandados, (1)
Mais que para mandar, os portugueses.
Tomai conselho só de exprimentados,
Que viram largos anos, largos meses,
Que, posto que em cientes muito cabe, (2)
Mais em particular o experto sabe.

153 De Formião, filósofo elegante, (1)
Vereis como Anibal escarnecia, (2)
Quando das artes bélicas, diante
Dele, com larga voz tratava e lia. (3)
A disciplina militar prestante
Não se aprende, Senhor, na fantasia,
Sonhando, imaginando ou estudando, (4)
Senão vendo, tratando e pelejando.

154 Mas eu que falo, humilde, baixo e rudo, (1)
De vós não conhecido nem sonhado?
Da boca dos pequenos sei, contudo,
Que o louvor sai, às vezes, acabado. (2)
Nem me falta na vida honesto estudo, (3)
Com longa experiência misturado, (4)
Nem engenho, que aqui vereis presente, (5)
Cousas que juntas se acham raramente.

155 Para servir-vos, braço às armas feito, (1)
Para cantar-vos, mente às Musas dada;
Só me falece ser a vós aceito, (2)
De quem virtude deve ser prezada.
Se me isto o Céu concede, e o vosso peito
Dina empresa tomar de ser cantada.
Como a presaga mente vaticina
Olhando a vossa inclinação divina,

156 Ou fazendo que mais que a de Medusa (1)
A vista vossa tema o monte Atlante,
Ou rompendo nos campos de Ampelusa (2)
Os muros de Marrocos e Trudante; (3)
A minha já estimada e leda Musa
Fico que em todo o mundo de vos cante, (4)
De sorte que Alexandro em vós se veja (5)
Sem à dita de Aquiles ter inveja.

**CANTO X, E. 144**
E a sua pátria e rei temido e amado
O prêmio e glória dão por que mandou,



**Canto Primeiro**

---

I - 1 (1) *As armas e os barões assinalados — Armas:* latinismo, feitos militares, proezas bélicas. *Barões:* hoje dizemos *varões*, de origem germânica, mas, já latinizado na Idade Média: *baro, baronis*, correspondendo a *vir, viri*, i. é., homem de grandes qualidades específicas. Enquanto *homo, hominis*, homem, indicava o ser humano, em geral, compreendendo, portanto, também a mulher, correspondendo ao grego *ànthropos*, *Vir* indicava o ser humano do sexo masculino com as qualidades de fôrça, coragem, resistência física, etc., próprias do seu sexo, correspondendo ao grego *anèr, andròs*. *Assinalados:* tornados célebres, notáveis, famosos. Trazer ou ter um *sinal* era crença milenar, desde a Bíblia, de pessoas que assim vinham marcadas por Deus ou pelo destino para grandes feitos, fossem bons ou maus. Ao próprio Caim pusera Jeová um *sinal* para que se tornasse notado de todos. Desde a edição de Faria e Sousa que se tem comparado este começo de "Os Lusíadas" com o início da "Eneida" de Vergílio: *"Arma virumque cano..."* Celebrava o Mantuano a Enéias, o varão por excelência; Camões, se dá maior relevo a Vasco da Gama como chefe maior da grande viagem à Índia, comemora todos os grandes capitães da história portuguesa, os *Lusos*. Desde o título dos dois poemas pode-se notar esta diferença: *Eneida*, no singular; *Os Lusíadas*, no plural. Frei Francisco de Santo Agostinho Macedo, que traduziu o poema camoniano em latim, usou também aquêle verso de Vergílio: *"Arma cano celebresque viros..."*, atendo-se, porém, à letra de Camões.

I - 1 (2) *Taprobana* — A ilha de Ceilão, conhecida já dos gregos *Taprobáne* e dos latinos sob duas acentuações: *Taprobana* e *Tapróbana*. Em certos autores aparece *Taprobane, es*, segundo a forma grega. Foi esta ilha conhecida depois da expedição de Alexandre, o Grande, à Índia e à Pérsia.

I - 2 (1) *as memórias gloriosas* — As lembranças, a fama que tais fatos deixaram na tradição dos pósteros.

I - 2 (2) *foram dilatando* — Note-se a profusão de gerúndios: *dilatando, devastando, libertando, cantando* na formação das conjugações perifrásticas. Era o uso do tempo que o Brasil conserva e Portugal já vai substituindo pelo infinito com *a*: *a dilatar, a desvastar, a libertar*, etc. O gerundio, pela sua maior extensão e acentuação paroxítona, dá maior majestade à expressão. Modernamente, a fim de evitar-se a monotonia da repetição, aconselha-se aos estilistas que variem a frase, ora empregando o infinito com *a*, ora o gerúndio.

I - 2 (3) *De África, de Ásia* — Não usavam os clássicos artigo antes de nomes geográficos e tinham razão. Emprega-se o artigo para dentre muitos determinar um deles. Mas se existe uma só *África*, uma só *Ásia*, ficaria sem função o artigo. O uso moderno ainda vacila: ora se diz *na França, na Itália*, ora *em França, em Itália*. Sem estabelecer-se regra fixa, observa-se que, se o nome geográfico foi antes nome próprio ou como tal foi sempre considerado, então, dispensa o artigo: *em S. Paulo, de S. Paulo; em Portugal, de Portugal*. Se foi sempre nome comum, conserva o artigo ainda quando passa a próprio: o *Brasil, no Brasil, do Brasil; o Porto, no Porto, do Porto*. Por isto se diz o *Rio de Janeiro, o Pernambuco, o Recife, o Rio Grande do Sul*.

I - 2 (4) *por toda parte* — Antes do Romantismo não se havia feito a distinção entre *todo* o (inteiro, completo) e *todo* (qualquer). Arcaicos e clássicos usavam indiferentemente as duas formas, razão pela qual seus escritos não servem para documentar um fato moderno de linguagem. Neste verso, *toda parte* está por *qualquer parte*, correspondendo ao atual ensino do idioma. Encontra-se outro exemplo confirmativo no c. V - 44: "Naufrágios, perdições de *toda sorte*", — de qualquer espécie. No c. III - 51: "Por *toda a parte* andava acesa a guerra" existe outra confirmação da regra moderna, pois, *toda a parte* está por *completa, inteira*. Vê-se ainda a mesma confirmação no c. I - 105-129; no c. V - 79-83-99-100. Em outras passagens, porém, não se confirma a distinção atual.

I - 2 (5) *Se a tanto me ajudar o engenho e arte* — Comprova este verso a sintaxe de concordância do verbo com o sujeito composto e posposto: pode o verbo ficar no singular ou no plural, indiferentemente. Não há obrigação alguma e sim, escolha livre do autor. O fato de ser o sujeito composto de nomes próprios não invalida a regra: "Valha-me Cristo e a Virgem do céu! soluçou D. Teresa" (Camilo) — "Dêste modo entende S. Gregório e outros muitos padres aquilo do salmista" (Ben. - N. Fl. - IV - 347) — "Como explicam Teofilato, Maldonado e outros" (Idem — ibidem — V - 482) — Para mais exemplos, consulte-se a nossa "Gramática Normativa", págs. 350-351. Acham alguns comentadores de Camões que a falta do artigo *a* antes de *arte* seja apenas aparente, estando fundido com o *a* inicial de *arte*. Deveria, portanto, ser o verso escrito: *Se a tanto me ajudar o engenho e a arte*. Distingue o Poeta entre *engenho*, talento inventivo, natural, dom individual de cada um, e *arte*, técnica, fruto de aprendizado, ao alcance de todos.

I - 3 (1) *Cessem... as navegações grandes* — Nas orações optativas e imperativas, costuma-se, no estilo literário, colocar o sujeito depois do predicado. Certos adjetivos alteram o significado segundo se encontram antes ou depois do substantivo: *navegações grandes*, isto é, extensas; *grandes navegações*, importantes, excepcionais.

I - 3 (2) *sábio Grego e do Troiano* — Ulisses e Enéias. // *Sábio*, está por experimentado, esperto, astuto, ou como ainda hoje se diz: *sabido*. // *Troiano*, fugitivo de Tróia, navegou até Cartago e depois se dirigiu à Lavínia, hoje, Itália.

I - 3 (3) *Alexandro e de Trajano* — Alexandre, o Grande, da Macedônia, conquistador da Pérsia e da Índia. Usa Camões das duas formas: *Alexandro, Alexandre*. Já nos autores clássicos de Roma se encontram *Alexander, Alexandri, acus. Alexandrem* e *Alexandrus, i,* acus. *Alexandrum*, forma que se aproxima inteiramente do grego, *Aléxandros*. Era filho de Felipe e de Olímpias. Forma-se o nome de *alexo*, defendo, auxílio, e *anér, andròs*, varão. *Trajano* foi imperador de Roma, sucessor de Nerva. Nascera na Espanha, em Itálica, no sul, na Bética, hoje, Andaluzia.

I - 3 (4) (5) *Que eu canto o peito ilustre Lusitano* — Temos *que* por *porque*, conjunção explicativa. Costuma-se, atualmente, distinguir *por que* interrogativo e *porque* explicativo. É uso recentíssimo e desnecessário: o contexto é suficiente para que o leitor distinga um e outro emprego. Nem o espanhol nem o italiano sentiram até agora tal necessidade, continuando a empregar, em qualquer dos casos, *porque* e *perchè*. Foi o fato de possuírem franceses, ingleses e alemães duas palavras diferentes, uma para interrogar e outra para explicar, que levou os escritores modernos a distinguir também entre *por que* e *porque*. // — *peito ilustre* — Colocavam os antigos a coragem no coração e no peito, tomando um pelo outro. Punham a *coragem* no *coração*, pois, até a formação da palavra *coragem* é confirmadora: de *cor* + *agem*, de *cor* + *aticum*, cor, coração, e o sufixo *aticum* que passa para o fr. em *age*, em prov. em *ache*. A primeira forma foi *corage*, vindo depois a nasal *m* por influência analógica com outras palavras. Horácio, em uma de suas odes, já celebrara a coragem do primeiro navegante, achando que possuía um *peito* triplicemente defendido para tamanha emprêsa:

"Illi robur et aes triplex
Circa pectum erat, qui fragilem truci
Commisit pelago ratem..."
(Ode III)

O povo ainda hoje diz: *sujeito peitudo* (corajoso); meter os *peitos* (aventurar-se, enfrentar os perigos).

I - 4 (1) *E vós, Tágides minhas...* — Inicia-se aqui a *invocação*, uma das quatro partes de que devia compor-se qualquer epopéia de acordo com as regras dêste gênero poético. Compreende as estrofes 4-5. A conj. *E* é puramente enfática, sem função gramatical, mas sim estilística, servindo para introduzir nova personagem. *Tágides*, de *Tagus* e o suf. *ides* que já vinha do grego através do latim, indicando filiação: *Simon, — Simonides; Aeneas, Aeneades*, etc. *Tágides minhas*: a posposição do possessivo é recurso estilístico, mais vigoroso que *minhas Tágides*. Começa aqui o *maravilhoso* pagão de que se servirá o Poeta durante todo o desenrolar de seu poema. Admitiam gregos e romanos a existência de *ninfas* e outros sêres sobrenaturais que habitavam rios, fontes, lagos etc. Afirma A. Epifânio da Silva Dias que foi o humanista André de Resende quem cunhara a palavra *tágides*, tendo-a empregado, pela primeira vez, na elegia à morte de D. Beatriz, esposa de Carlos, Duque da Sabóia.

I - 4 (2) *Foi celebrado de mim* (*de mi* como escreveu o Poeta) — O complemento de causa eficiente pode ser de vários modos construído, com as preposições *a, de, por*. A preferência de Camões é *de*. São muitos os exemplos e citaremos outros durante todos estes comentários. Por agora, veja-se c. V-42: "*Ouve os danos de mi apercebidos*, isto é, *preparados por mim*". A edição "princeps" traz *mi*, forma corrente no tempo, do lat. *mihi, mii, mi*, e finalmente *mim* pela nasalação da vogal *i* sob o influxo de *m* inicial.

I - 4 (3) *Febo* — O *Sol, Apolo*, o deus da inspiração poética. Note-se o uso de *porque*, conjunção final (*para que*), uso clássico, mas já esquecido dos modernos, com exceção dos arcaizantes. *Ter inveja de* ou *ter inveja*: duas regências corretas e vivas na língua. Pode ainda ser meramente objetivo: *invejar um amigo, invejar os felizes*.

I - 4 (4) *Hipocrene* — Possuía a Beócia o monte Hélicon e neste as fontes inspiradoras dos poetas: *Hipocrene* e *Aganipe*. Muitos acham que não eram duas fontes distintas, mas uma só com duas denominações. Brotaram de um coice dado na montanha pelo cavalo de asas, *Pégaso*, que levava os poetas ao cume do monte pela consagração de suas poesias. *Hipocrene* vem de *hippos*, cavalo, e *krene*, fonte; *Aganipe*: de *agan*, adv. = muito; e *hippes*, derivado de *hippos*, cavalo. Surgira esta da violência do coice do animal.

I - 5 (1) *Dai-me uma fúria* — Já no latim se encontra *furor* no significado de inspiração, entusiasmo veemente, que, pelo transporte das faculdades, se assemelha a uma loucura. Na edição "princeps" está *hũa* e ainda hoje se manda escrever *ũa* antes de nomes iniciados por *m* a fim de evitar cacófaton: *ũa mão, ũa madeira*. É necessário corrigir o erro dos que escrevem *u'a*, com apóstrofo, pensando que assim devam proceder para indicar a supressão da nasal. Não há supressão alguma porque a nasal deve estar representada por til: *ũa*.

I - 5 (2) *frauta ruda* — Existe em português, a alternância *l/r* que muitas palavras ainda conservam: *frauta, flauta; flecha, frecha; floco, froco; neblina, nebrina*, etc. Camões dá preferência às formas com *r*: *frauta, frecha, púbrico, pranta, praneta*. Queremos chamar a atenção dos estudiosos para certo engano que se vai generalizando: muitos dão a esta alternância *l/r* o nome indevido de *rotacismo*. Não existe *rotacismo* algum em tais casos. *Rotacismo* é fenômeno do latim pré-arcaico e consiste na passagem de *s* sonoro a *r*: *labos, labosis* = *labor, laboris; honos, honosis* = *honor, honoris*. Nas línguas românicas não se deu tal fenômeno. Apenas o antigo provençal oferece alguns casos semelhantes: *venaro* por *venaso*; *raso* por *raro* (*J. Anglade — Gram. de l'Anc. Prov.*, pág. 158). São casos esporádicos. Em português não existem. A origem de *flauta* está no lat. *flauita*, de *flauere*, assoprar. *Ruda, rudo* é antiquado.



I - 5 (3) *gesto* — rosto, fisionomia, semblante. Está empregado este vocáb. 33 vezes no poema.

I - 6 (1) *E vós,...* — Começa a *dedicatória* e vai até a 18.ª estrofe. É a terceira parte obrigatória dos poemas épicos, clássicos. Além do desejo de homenagear a pessoa a quem era dedicada a obra, nutriam os poetas a esperança do financiamento da publicação. Tinha Camões estas duas finalidades: homenagear o rei e conseguir dele a edição do poema, amparando com o nome de tão alto monarca as dificuldades já financeiras, já de ordem inquisitorial. // *Bem nascida segurança* — i. é., de nobre nascimento. *Segurança*, lídimo vocábulo depois substituído por *garantia*, galicismo.

I - 6 (2) *Maura lança* — O poderio bélico dos mouros, sinédoque em que se toma o instrumento (*lança*) pelo uso que dêle se faz (a guerra). *Maura* é latinismo: hoje, *moura*.

I - 6 (3) *Maravilha fatal* — Damos modernamente a *fatal* certo sentido pejorativo, como em *fatalidade*. Em Camões se conserva o primitivo significado de *destino, fado*, aquilo que está determinado superiormente e que não está em nossas forças evitar. Lat. *fatalis*, de *fatum*, fado, destino. *Maravilha fatal dada por Deus para que governe o mundo e deste mundo consagre a maior parte ao mesmo Deus*: é a interpretação óbvia das palavras do Poeta. Nascia D. Sebastião num momento de apreensões para Portugal, apreensões que depois se realizaram, sendo anexado à Espanha. Era, pois, uma maravilha que vinha pelo destino (o Fado) e com o destino (a missão) de governar o mundo português, consagrando-o, pela expansão da fé, grande parte dele a Deus. O antecedente de *que todo o mande* é *maravilha*.

I - 7 (1) Refere-se esta estrofe às origens cristãs da casa real de Portugal e à lenda do aparecimento de Cristo a Afonso Henriques, na véspera da batalha de Ourique. As chagas, as armas que Cristo para si tomou na cruz, passaram a ser as armas do brasão português, representadas por cinco escudetes. No c. III-53, os cinco escudetes representarão os cinco reis mouros vencidos em Ourique. Eram as duas opiniões correntes na época.

I - 8 (1) Nos 4 primeiros versos temos em bela síntese poética, a extensão do Império Português.

I - 8 (2) *esperamos jugo e vitupério* — Por zeugma está oculto o verbo *sejais*: esperamos que vós sejais jugo e vitupério. Estes dois substantivos estão em função de completivos objetivos, completando e esclarecendo o pron. *vós*, objeto direto de *esperamos* e ao mesmo tempo sujeito de *sejais*.

I - 8 (3) *Do torpe Ismaelita cavaleiro* — Toma-se *torpe* no sentido do lat. *turpis*, errado, que segue, aqui, religião falsa // *Ismaelita* — descendente de Ismael, o filho de Abraão e Agar. O mesmo que *agareno*, tomado do nome da mãe escrava.

I - 8 (4) *Turco oriental* — Turco da Ásia. // *Gentio* — no sentido que lhe deu o cristianismo: não cristão, não batizado.

I - 8 (5) *licor do santo Rio* — Lat. *liquorem*, no sentido geral de líquido, água, e não no significado atual de bebida alcoólica. // *Santo Rio* — O Ganges, cujas águas, na crença bramânica, purificam a alma, lavando os pecados.

I - 9 (1) *majestade* — Camões escreveu *magestade* como já se encontra em latim da decadência: *magestatem* por *maiestatem*. O *iota* latino se transcreve por *j* e não por *g*.

I - 9 (2) *Quando subindo ireis ao Eterno Templo* — Empregou Camões o futuro do indicativo em oração temporal introduzida por *quando*. Encontraremos o mesmo emprego no c. X-128: "*quando será* o injusto mando executado". Epifânio, comentando este passo, assim escreveu: "*Quando* é aqui advérbio relativo (= em que) e por isso está "ireis" e não "fordes". Conclui-se desta explicação que, sendo *quando* conjunção temporal, irá o verbo para o futuro do subjuntivo. Assim se dirá: "Quando por aqui passar o rei... quando eu for grande... Quando vier a hora da morte". Por influência estrangeira, especialmente, francesa e italiana, usa-se no Brasil *quando* com o futuro do indicativo, pois, tais línguas não possuem o futuro do subjuntivo. Tal uso é errado e deve ser abolido, especialmente, da linguagem do rádio: "*Quando estará* no ar este programa..." Corrija-se: "*Quando estiver* no ar este programa". O segundo passo do c. X-128, ficará, em português moderno: "*quando for* o injusto mando *executado*". *Ao Eterno Templo*: ao eterno Templo da fama.

I - 9 (3) *valerosos* — houve dissimilação do 1.º o em e sob a influência do infinito *valer*. Poderíamos ver ainda nesta forma camoniana um hispanismo: em espanhol, *valer* é também substantivo, igual ao nosso *valor*, e de *valer* + *osos* = *valerosos*.

I - 9 (4) *Em versos divulgado numerosos* — Camões escreveu *devulgados* como era no tempo dele. *Versos numerosos* está no sentido clássico, latino, de *harmoniosos*, feitos com os devidos números ou pausas métricas.

I - 10 (1) Toda esta estrofe esclarece a finalidade precípua de Camões ao escrever o seu poema: não visa a nenhuma recompensa material, que julga vil, mas à glória de se tornar conhecido, famoso, cantando os grandes feitos da sua pátria e do seu povo. A pátria, o seu "ninho paterno", torná-lo-á famoso, anunciando-o (pregão) ao mundo todo.

I - 10 (2) *senhor superno* — A suprema autoridade do rei. *Superno* é latinismo: *supernus, a, um*, que se opõe a *infernus*.

I - 11 (1) *estranhas Musas* — Musas, poesias, inspirações estrangeiras, referindo-se às obras de Homero, Vergílio, Ariosto. As façanhas relatadas nestes poemas eram pura ficção poética, *vãs;* as dos portugueses são reais, foram fatos históricos.

I - 11 (2) *Rodamonte, Rugeiro, Orlando* — O primeiro é o nome do herói principal do poema de Boiardo, "Orlando Innamorato", publicado em 1494. *Rugeiro*, personagem dos poemas de Boiardo e de Ariosto, do ital. *Ruggiero. Orlando*, forma italiana de *Rolando, Roland*, famoso paladino de Carlos Magno, que possuía a não menos famosa espada *Durandal* ou *Durindana*.

I - 12 (1) *Nuno fero* — D. Nuno Álvares Pereira, condestável de Portugal, no tempo de D. João I, braço direito do monarca, o grande promotor da elevação do Mestre de Avis a rei de Portugal. // *Fero:* valente, orgulhoso, altivo e não *feroz*.

I - 12 (2) *Egas* — Egas Moniz, aio de D. Afonso Henriques, que negociou a libertação de Guimarães sitiada pelo rei de Castela. Como D. Afonso Henriques não cumprisse com a sua palavra, apresentou-se Egas Moniz com toda a sua família como prisioneiros do rei castelhano, salvando a sua honra empenhada. Veja c. III-35-36-37-38-39-40. // *Dom Fuas* — D. Fuas Roupinho, vencedor do rei mouro Guami a quem aprisionou depois de destroçar suas tropas em Porto de Mós.

I - 12 (3) *polos Doze Pares* — Note-se a assimilação de *por + los*. Os Doze Pares de França eram os heróis do ciclo carolíngio, celebrados pelas Canções de Gesta e pelo "Orlando Furioso" de Ariosto.

I - 12 (4) *Os Doze de Inglaterra e o seu Magriço* — Famoso episódio que Camões narra circunstanciadamente no c. VI-43-49.

I - 12 (5) *ilustre Gama* — O principal herói de "Os Lusíadas", Vasco da Gama.

I - 12 (6) *Enéias* — Herói troiano, filho de Anquises e de Vênus. Casou-se com Creúsa, filha do Rei Príamo. Quando Tróia foi destruída pelos gregos, Enéias fugiu com alguns companheiros e o filho Ascânio. Tendo perdido, na confusão estabelecida, a esposa Creúsa, voltou a procurá-la: apareceu-lhe ela em forma de sombra, pois havia falecido. Dirigiu-se à Trácia, ao Epiro e depois foi ter a Cartago onde a Rainha Dido o agasalhou tão bem que até quis casar-se com ele. Retirou-se à Sicília e daqui chegou à Itália, à corte do Rei Latino, desposando a filha deste Lavínia. Fundou a cidade de Lavinium que foi o berço dos romanos. Vergílio, a mandado de Augusto, escreveu a *Eneida*, cujo herói é *Enéias*, para contradizer a lenda não muito grata ao povo romano, de descender de Remo e Rômulo, filhos sacrílegos de Réia Sílvia, criados por bandidos nas margens do Tibre. Dando Enéias como o fundador do povo romano, dava Vergílio uma origem divina à sua gente, como convinha aos dominadores do mundo.

I - 13 (1) *Carlos* — Carlos Magno, rei dos Francos, coroado imperador do Ocidente pelo Papa Leão III, na noite de Natal de 799, na basílica de S. Pedro.

I - 13 (2) *César* — Caio Júlio César, imperador de Roma, vencedor das Gálias e de Pompeu. Foi um dos maiores homens que a humanidade produziu, quer como guerreiro, quer como escritor e orador (*De Bello Gallico — De Bello Civile*). Foi assassinado pelos senadores romanos, tomando parte na conjura o próprio filho adotivo, Brutus.

I - 13 (3) *Vede o primeiro Afonso* — Na enumeração de reis, papas, séculos e capítulos, empregam-se os ordinais de 1 a 10: *o primeiro Afonso; o quarto* e *o quinto Afonsos* e *o terceiro*. De 11 em diante, é necessário distinguir: se o adjetivo vier antes do nome, será ordinal: *o décimo quinto* século; o *vigésimo* capítulo; o *décimo terceiro* Luís de França. Se vier o adjetivo depois do nome, será cardinal: o século *quinze;* o capítulo *vinte;* Luís *Treze*, rei de França; o papa Leão *XIII*.

I - 13 (4) *Escura* — Relaciona-se com *glória* e não com *lança*. É um completivo objetivo de *lança*.

I - 13 (5) *Outro Joane* — D. João II, hábil administrador e vencedor de Arzila e Touro. A forma *Joane, Joanne*, é o latim *Johannes*, reprodução do hebraico *Yoqqânan*, que significa "Graça de Deus". Na língua arcaica e clássica escrevia-se *Joanne, Joane* antes de palavra iniciada por vogal; *Joan* antes de nomes começados por consoante, como ainda hoje se faz com *santo, são*. *Joan* passou a *Joã* e depois a *João*, à maneira de *san, sã, são*.

I - 14 (1) *Reinos lá da Aurora* — A Ásia, o Oriente. Em latim, *Aurora*, de um primitivo *Ausosa*, com duplo rotacismo, significa o nascer do sol.

I - 14 (2) *tão subidos* — Isto é, se tornaram tão altos na fama com seus feitos militares. *Subido*, completivo objetivo de *se*, objeto direto de *fizeram*.

I - 14 (3) *Vossa bandeira* — De *banda*, tropa, reunião de soldados sob a mesma insígnia; *banda* deriva-se do gótico *bandwa*, latinizado em *bandum*. De *bandum* fez-se no lat. medieval *bandéria* de que se originou *bandeira* por hipértese do *i*. Ao lado de *bandéria* havia também *bannéria, banéria* representado ainda no fr. *banière* e em prov. *baniera*.

I - 14 (4) *Pacheco* — Duarte Pacheco Pereira, grande capitão e cosmógrafo, autor da obra "Esmeraldo de Situ Orbis" de que se falará em outro lugar destes comentários. // *Fortíssimo*, valentíssimo. Latinismo.



I - 14 (5) *Almeidas* — D. Francisco de Almeida e o filho D. Lourenço de Almeida, naturais de Lisboa. D. Francisco foi o 1.º vice-rei da Índia, filho do Conde de Abrantes. Partiu para a Índia com D. Lourenço a 25 de março de 1505. Tomou Quíloa, Mombaça. Veja c. X-26-27. D. Lourenço venceu a grande armada de Calecut em 1506. Pereceu na batalha de Chaul (c. X-29-30). D. Francisco foi morto pelos cafres, em março de 1510. Veja c. X-38. // *O Tejo chora* — i. é, Lisboa chora, representada pelo rio, pois, ambos eram desta cidade.

I - 14 (6) *Albuquerque terríbil* — D. Afonso de Albuquerque, cujo nome quer dizer *carvalho branco*, de *Albus* (branco) e *Quercus* (carvalho). *Terribilis*, forma latina das preferências de Camões como se verá no decorrer destes comentários. // *Castro forte* — D. João de Castro, vice-rei da Índia. Partiu de Lisboa, em março de 1545, sendo, talvez, o mais famoso dos vice-reis da Índia. Jacinto Freire de Andrade escreveu-lhe a biografia — "Vida de D. João de Castro, Quarto Vizo-Rei da India" — Lisboa, 1651. // *Forte*, valente, como em latim.

I - 14 (7) *em quem* — O pronome relativo *quem* deve ter sempre como antecedente nome de pessoa. Excepcionalmente encontraremos em Camões antecedente de cousa, de ser inanimado.

I - 16 (1) *Mouro frio* — Frio de medo, de pavor. Mas pode ser também *cínico*, que não deixa transparecer a emoção.

I - 16 (2) *exício* — Latinismo, de *exitium*, morte. *Exitium* era propriamente *saída*, de *exire*, sair, ir-se embora. Como a idéia da morte foi sempre desagradável aos homens, fez-se a expressão eufemística *exitium vitae*, a saída da vida, isto é, a morte. Daqui vem que depois só a palavra *exitium* passou a significar a morte.

I - 16 (3) (4) *Tétis* — Em latim *Tethys*, a deusa do mar, esposa do Oceano, filha do Céu e da Terra. Camões imita a Vergílio que, nas "Geórgicas" — I - 31 — já disse, referindo-se a Augusto:

> "Et generum te Tethys emat omnibus undis".

Esta figura foi imitada também por Tasso:

> "E lo vorrian per genero comprare
> Tetide e l'Ocean con tutto il mare".

Dá Camões as razões desta compra de um genro: "Que afeiçoada ao gesto belo e tenro / Deseja de comprar-vos pera genro". O dote, o preço de tal compra era todo o *cerúleo senhorio*, o mar; *cerúleo* do lat. *caeruleus*, por *caeluleus*, derivado de *caelum*, céu, da côr do céu, azul.

I - 17 (1) *Olímpica morada* — No Renascimento, ficou de moda falar de idéias cristãs com expressões pagãs. O *céu*, a *bem-aventurança*, já é então a *Olímpica morada*, de *Olimpo*, a morada dos deuses segundo a mitologia grega. Tempera o Poeta o seu paganismo com a expressão cristã — "no *templo* da *suprema Eternidade*" com que termina esta estrofe.

I - 17 (2) *Dos dois avôs as almas cá famosas* — Refere-se o Poeta a D. João III, avô paterno, pai do Príncipe D. João de quem nasceu D. Sebastião, e a Carlos V, avô materno, pai da Princesa D. Joana, mãe de D. Sebastião. Na edição "princeps" está grafado *avós*, grafia reproduzida por Epifânio. Quer este filólogo português que haja diferença entre *avôs* e *avós:* a primeira forma deve ser usada com referência aos pais de nossos pais; a segunda, a todos os nossos antepassados. Segundo isto, Camões andou bem, grafando *avôs* e não *avós* porque a referência era feita aos pais dos pais de D. Sebastião. Se se tivesse referido aos demais antepassados do rei, então, grafaria *avós*. A distinção é especiosa, pois, o uso geral da língua não faz tal diferença. Além disto, é discutível que o acento circunflexo tivesse, no tempo do Poeta, a mesma função indicadora de timbre fechado da vogal. Ainda hoje, em francês, por exemplo, o circunflexo indica timbre agudo, aberto. No tempo camoniano deveria ser também assim. Desta forma, achamos sem fundamento tal distinção. José Maria Rodrigues, na "Introdução" de sua edição fac-similada, escreveu: "Sobretudo os acentos circunflexos, muito freqüentes e por vezes descabidos em Ee, são substituídos ou eliminados a cada passo por E. Alguns exemplos: "f. 11, v. 1, 2, *fê* (Ee), *fe* (E); *f*. 21, 3-4, *sincero* (*Ee*), *sincéro* (*E*); f. 67, 2, 3, *pês* (*Ee*), *pés* (*E*), etc." (VI). Já se vê, pois, que embora grafando *avôs*, a pronúncia era *avós*, desaparecendo, assim, a suposta base para a inexistente distinção aventada por Epifânio.

I - 18 (1) *que o desejam* — O pron. *o* representa a frase toda: "o tempo de regerdes os povos". *Povos* no plural porque outras nações estavam submetidas a Portugal.

I - 18 (2) *novo atrevimento* — A publicação do poema. Expressão de modéstia do Poeta que se atreve não só a escrevê-lo, mas também a dedicá-lo ao rei.

I - 18 (3) *E vereis ir cortando o salso argento* — Sempre que a frase infinitiva está em função objetiva para com o verbo principal, costuma Camões empregar o infinito impessoal. Vieira também escreveu: "Ver *vir* os tristes Passos da Escritura, como quem vem ao martírio..." (Sexagésima). Ao lado, porém, do infinito impessoal, usava o Poeta do infinito pessoal com a mesma função objetiva: "E verão mais os olhos... os dous amantes miseros *ficarem*..." (c. V - 48). O que predomina, entretanto, é o modo impessoal como se pode ver no mesmo canto V - 47.

I - 18 (4) *Argonautas* — Nautas de Argos, os marinheiros que a mitologia grega coloca sob o comando de Jasão, em viagem à Cólquida, sul da Rússia atual, para roubar o velocino de ouro aí guardado por um dragão sob as ordens da

feiticeira Medéia. Ficaram tais nautas como símbolo de todos os marinheiros em empresas perigosas.

I - 19 (1) Começa aqui a *narração*, a quarta parte dos poemas clássicos, terminadas as partes introdutórias e da praxe épica, — *proposição, invocação, dedicatória*. Entra o Poeta na parte essencial do trabalho, a *narração*. Antes, porém, dá-nos a visão da esquadra em pleno mar, iniciando a viagem às Índias. A beleza do quadro é digna de um grande poema: simples e majestosa, tranqüila e elevada. A predominância das palavras claras, onde a seqüência da vogal *a* foi procurada, combinando dissílabos graves com trissílabos finais de versos, foram outros tantos recursos estilísticos de que se serviu Camões para transmitir-nos a impressão de tranqüilidade e bem-estar que há sempre no início de todas as viagens. A arte de Camões revela-se ainda na elegante e astuciosa apresentação da esquadra já em alto mar para depois, como fez Vergílio na "Eneida", deixar ao narrador dos feitos, Vasco da Gama, o cuidado de contar ao Samorim de Calecut os precedentes da partida.

I - 19 (2) *velas côncavas inchando* — O neutro plural latino passou ao português como feminino de que é exemplo *vela*, de *velum, i*, pl. *vela*. Em muitos casos, quando a língua conserva tanto o singular como o plural, como *lenho, lenha* (*lignum, ligna*), *signo, sina* (*signum, signa*), *folho, folha* (*folium, folia*), o feminino retém a idéia plural, representando maior quantidade ou maior tamanho. Assim, *lenho* é o madeiro, o tronco; *lenha* são os combustíveis; *signo* e *sino* (arcaico) é um determinado sinal; *sina* é a sorte, o destino; *folho* é distinto de folha, versas de árvore, de livros por simbolismo. Tal distinção semântica encontramos em outras formas paralelas a estas ainda que não venham de neutros latinos, mas pela conservação de singular e plural: *saco, saca; cargo, carga; barranco, barranca; tacho, tacha*. As formas femininas apresentam a idéia de maior tamanho.

I - 19 (3) *escuma* — O lat. vulg. apresenta *scuma*, latinização do germânico * *skum*. O lat. clás. dá-nos *spuma* que, segundo Forcellini, sofreu a influência de *spúere*, cuspir. Ambas as formas são correntes na língua.

I - 19 (4) *proas* — Do lat. *prora* com síncope da vibrante. Alguns foneticistas ensinaram que tal vibrante, ainda que intervocálica, não sofria síncope. Tal doutrina é desmentida pelo exemplo português. Desaparece ainda quando precedida de outra consoante, dental ou explosiva, tal qual em *próprio, propriedade, proprietário* que o povo pronuncia *própio, propiedade, propietário*, formas vivas em castelhano. *Aratrum, arado* é outro exemplo de desaparecimento da vibrante *r*.

I - 19 (5) *As marítimas águas... que do gado de Próteu são cortadas* — Note-se o aparente pleonasmo *marítimas águas*, mas de certo modo necessário porque há *águas* que não são *marítimas*. Note-se ainda o recuo do acento em *Próteu* quando o correto é *Proteu*. Camões nunca hesita em fazer tais hiperbibasmos, desde que as necessidades da métrica ou da rima exijam. Aqui foi a métrica, a cesura da 6.ª sílaba que provocou a alteração do acento tônico. O *gado de Proteu* são todos os animais marinhos que vivem em bando ou cardume. *Gado*, lat. *ganatum*, é o nome genérico aplicado a todos os animais que vivem em grupo. Diz-nos a mitologia grega que Proteu, o pastor de Netuno, mudava de aspecto toda vez que deste disfarce necessitava para fugir a qualquer perigo. Daqui vem o costume de dizer-se de alguém, cujas atitudes variam segundo as suas conveniências, que tal fingido, hipócrita, falso, é um Proteu. Observe-se a preferência que dá Camões a construir o complemento de causa eficiente com a prep. *de* e não *por*. Hoje, a preposição *por* é a preferida pelo uso geral.

I - 20 (1) Apresentada a esquadra, na estrofe anterior, completamente tranqüila, põe o Poeta agora o espetáculo bem diverso, que se passa no alto, no Olimpo. O audacioso cometimento dos portugueses inquieta os deuses que descobrem as conseqüências futuras de tal expedição, fatais ao poderio deles nessa parte do Oriente. Reúnem-se em consílio, trocam opiniões: a maioria é contrária à emprêsa; somente Vênus defende os Lusos. Encontramos a palavra *consílio*, homônima de *concílio*. De *consílio* é variante *conselho*, reunião de pessoas respeitáveis, cuja opinião é procurada pelo reinante ou governador ou simplesmente administrador. Vem de *consúlere*, consultar. *Concílio*, do lat. *concilium*, de *conciliare*, é também reunião, assembléia consultiva, não havendo, portanto, profunda distinção de significado entre os dois sinônimos e homônimos.

I - 20 (2) *consílio glorioso* — Veja acima o que ficou dito.

I - 20 (3) *fermoso* — Dissimilação de *formoso*, como *fermosura*, de *formosura*. São formas já desaparecidas do uso moderno.

I - 20 (4) *Via-Láctea* — Pura expressão latina: *via*, caminho, estrada: *láctea*, de leite, da cor do leite. Os peninsulares dirão mais tarde: *estrada de Santiago*.

I - 20 (5) *Tonante* — Latinismo — *Jupiter Tonans*, Júpiter Trovejante, que arremessa os raios de Vulcano, o senhor dos trovões e dos relâmpagos.

I - 20 (6) *neto gentil do velho Atlante* — Mercúrio ou Hermes, mensageiro dos deuses, filho de Maia, que era filha de Atlante. *Neto*, do lat. *nepos, nepotis*. Faz o português distinção entre *neto* e *sobrinho*, e falta ao italiano palavra para tal distinção, usando sempre *nipote* para indicar o *neto* e também o *sobrinho*. *Atlante*, do acus. *Atlantem*, havendo *Atlas*, do nomin. *Atlas*. Era um dos gigantes que se rebelaram contra os deuses e, segundo uns, foi condenado a sustentar o mundo nos ombros, donde *Atlas* para indicar *mapa*. Segundo outros está sepultado sob a cadeia de montanhas do norte da África, os montes Atlas, tendo dado o nome ao oceano que banha essas regiões.

*Nota* — No verso 4 desta estrofe se lê: *Sobre as cousas futuras do Oriente*, — onde está o emprego de *sobre* no significado de *a respeito de, relativamente a*. Com relação a tal uso houve quem o achasse galicístico bem como o uso de *sobre* como



sinônimo de *em cima de*. Não existe galicismo em tais empregos muito antigos na língua. Vieira escreveu corretamente: "Outra parte caiu *sobre* pedras... Veio o Espírito Santo *sobre* os Apóstolos... não se puseram todas as línguas (de fogo) *sobre* todos os Apóstolos... E porque cada uma *sobre* cada um, e não todas *sobre* todos?" (Sexagésima). Outro uso muito clássico é o de *sobre* igual a *além de*. Ouçamos Vieira: "E que *sobre* mirrados, *sobre* afogados, *sobre* comidos, ainda se vejam pisados, e perseguidos dos homens" (Idem, ibidem). Não existe, portanto, nenhum galicismo em quaisquer usos desta preposição *sobre*.

I - 21 (1) *Sete Céus* — Ensinava a cosmografia antiga que, ao redor da Terra, giravam sete esferas. Em cada uma delas estava fixado um planeta que acompanhava o giro. Eram os sete céus. Quando tais esferas se moviam, produzia-se uma música que só os grandes poetas conseguiam ouvir. Estavam dispostas, no sentido de mais próximas da Terra, a Lua, Mercúrio, Vênus, o Sol, Marte, Júpiter e Saturno. Eram todos divinizados e por isto diz Camões que eles, os deuses, tinham o regimento dos sete céus.

I - 21 (2) *lhe* = *lhes* — Entre os clássicos e os primeiros românticos a única forma era *lhe*, tanto para o singular quanto para o plural. Era o contexto que determinava a diferença de número, como neste verso, onde *lhe* é plural, equivalendo a *lhes*.

I - 21 (3) *Arcturo* — O Norte. É o nome de uma estrela de primeira grandeza na cauda da Ursa, constelação dita vulgarmente *Boieiro*. Do gr. *arktouros*, de *arktos*, urso, e *oura*, cauda.

I - 21 (4) *Austro* — O Sul, ponto cardeal, região situada nesta parte e também o nome de um vento. Aqui é região, ponto cardeal. Lat. *auster, austri*. // *E os que o Austro têm* — A distinção entre o sing. *tem*, lat. *tenet*, e o pl. *têm* ou *teem*, lat. *tenent*, é moderna. Camões escreveu sempre *tem*. Esta maneira de dizer: *os que o Austro têm* equivale a: *os que habitam o Austro, o sul*. É latinismo e não se usa no português moderno. Ovídio disse: *tenere Hesperiam* (habitar a Hespéria) e Vergílio: *Rufras Batulumque tenent*.

I - 22 (1) *Padre* — Júpiter, o pai, o superior dos deuses. A língua arcaica não conheceu a forma *pai*; dizia sempre, como ainda fazem o italiano e o espanhol *padre*. Do século XVI em diante foi que se fez a distinção semântica entre *pai*, o progenitor, e *padre*, o sacerdote. Como nota curiosa, observe-se que na oração dominical, rezam os católicos "Padre Nosso que estais nos céus" e os protestantes: "Pai nosso, que estás nos céus". Esta diferença de forma vocabular reflete o tempo em que apareceu o protestantismo: no século XVI, quando já se fazia a distinção entre *pai* e *padre*. Os católicos, muito mais antigos, continuaram com a forma arcaica *padre*; os protestantes, aparecidos muito depois, tomaram a expressão vulgar *pai*. Ambas as formas são evoluções do lat. *patrem / patre / padre / paire / paie* (linguagem infantil) / *pai* por apócope. A forma *paire* está viva em catalão *pare*, em provençal *paire*, em fr. *père*, cujo *è* comprova a passagem do ditongo *ai* a *è*. Na exposição da série de transformações fonéticas da palavra *patrem*, afastamo-nos da tradicional, dada por Leite de Vasconcelos, por não achá-la convincente nem correspondente às formulas paralelas das línguas românicas.

I - 22 (1) *dino* — A gutural *g* havia desaparecido na passagem do lat. *dignus* ao português, fato que se nota em *benino* (benignus), *malino* (malignus). Na restauração geral, que se operou, no século XVI, procurando-se voltar às formas genuínas do latim clássico, foi restabelecida a gut. *g*, apenas graficamente, pois, não era pronunciada. A grafia teve forças para restabelecer, mais tarde, já em nossos tempos, a pronúncia da gut. *g*. O povo continua a dizer: *espírito malino*, isto é, o diabo.

I - 22 (2) *Vulcano* — O deus do inferno, o ferreiro que forja os raios que Júpiter arremessa. Há muitas lendas a respeito de Vulcano. Dizem uns que era filho de Júpiter e de Juno. Certa vez, porque Juno armara uma grande tempestade para matar Hércules, Júpiter, para castigá-la, a colocou no meio do céu, em pleno firmamento. Vulcano a socorreu, tirando-a de tão perigosa posição. Júpiter, zangado, pegou Vulcano pelos pés e o precipitou do Olimpo abaixo. Caiu na ilha de Lemnos, ou de acordo com outros, na Sicília. Na queda quebrou as pernas e ficou coxo. Em Lemnos, vivia numa caverna ajudado pelos ciclopes e lá forjava os raios de que Júpiter necessitava. Na Sicília, morava no Etna, cujas erupções nada mais são do que os incêndios da forja deste ferreiro. Júpiter, por intervenção de Baco, recebeu Vulcano no Olimpo e lhe deu em casamento a mais bela das deusas, Vênus. Em outra lenda, Vulcano é filho de Juno e do vento. Juno, horrorizada com a feiura do filho, arremessou-o ao mar. Tétis e Eurínome o salvaram, dando-lhe por moradia a mais profunda das grutas do Oceano. Aí fabricava as jóias com que se ornavam as suas benfeitoras. Para vingar-se de Juno, mandou-lhe de presente uma cadeira que foi uma grande novidade no Olimpo: quando a deusa nela se assentou, ficou presa e ainda assim estaria se não fosse a intervenção de Baco: embebedou a Vulcano e soube dele o segredo para soltar a prisioneira. O seu nome, em grego, é *Hephaistos*, Hefestos, em português. De *vulcanum* vem *vulcão*, o vulcão por excelência, o Etna, onde tinha sua forja o deus.

I - 22 (3) *tornara* = *tornaria*. Ainda no português atual pode-se empregar o mais que perfeito do indicativo pelo condicional e também pelo imperfeito do subjuntivo. O mais que perfeito é um tempo que tende a desaparecer do quadro verbal da língua. O seu emprego é meramente literário, com certo sabor de arcaísmo.

I - 22 (4) *ceptro, cetro* — Lat. *sceptrum*, gr. *skeptros*, simplesmente *cajado, vara*, que foi sempre o símbolo do mando, da governança.

I - 23 (1) *marchetados* — Embutidos, propriamente marcados: os luzentes assentos dos deuses estavam marcados com ouro e pérolas, como ainda hoje se faz, sobretudo, entre os povos árabes: na madeira dos móveis introduzem, embutem pequenos fragmentos de madrepérolas. Segundo os etimologistas, *marchetar* é o resultado do cruzamento do fr. *marche*, marca e de *marqueter*, derivado de *marquer*, marcar.

I - 23 (2) *perlas* — Forma sincopada de *pérolas*.

I - 23 (3) *concertavam* — Eram colocados, distribuídos de acordo com prévia combinação, segundo requeria a ordem da hierarquia. Lat. *concertare*, trabalhar, operar, agir de acordo, em harmonia, formado de *cum* + *certare*, verbo que já se encontra na Itala (Bíblia). Não confundir com *consertar*, restaurar, reparar, do lat. *consertus*, part. pass. de *consérere*, trançar, reunir uma cousa à outra.

I - 23 (4) *horrendo* — Que desperta horror, mas, ao mesmo tempo, reverência.

I - 24 (1) *Polo* — É tomado aqui pelo céu, o que já era do uso do grego *polos* e do latim *polus*. // *Estelífero* — que tem ou traz estrelas, do lat. *stella* (estrela) + *fero*, de *ferre*, trazer, levar.

I - 24 (2) *Luso* — Do lat. *Lusus* que a mitologia dá, ora como filho, ora como companheiro de Baco. Outra variante é *Lysa*. Camões, apoiado em Plínio, o Antigo, admite que a *Lusitânia* provenha de Luso e, portanto, também os portugueses (lusos) aí nascidos. Veja c. III-21. "A forte gente de Luso" são os portugueses.

I - 24 (3) *Fados grandes* — Fados poderosos. Ensinava a mitologia que ao Fado, lat. *Fatum*, o destino, estavam sujeitos os próprios deuses. Continua ainda hoje a admissão do fado pelo povo: cada qual tem o seu fado, o seu fadário, a sorte, o destino que deve cumprir, queira ou não queira.

I - 24 (4) *humanos* — Os feitos humanos e não como quer Epifânio, os *homens*. Enumeram-se os quatro grandes impérios do sonho de Nabucodonosor, do livro de Daniel — cap. II.

I - 25 (1) *poder tão singelo e tão pequeno* — Simples, não belicamente preparado com grandes recursos e com pequeno número de guerreiros. Temos aqui a figura chamada *Quiasmo* pela qual dois adjetivos ou dois conceitos se contrapõem, formando um *X*, em grego, *Khi*:

*singelo* ↖↗ *forte*
*pequeno* ↙↘ *guarnecido*

*Singelo*, do lat. *singellus*, diminutivo de *singulus*, simples, não duplo ou dobrado. *Pequeno*, de *pic*, ponta, com a variante *pit* que se acha no lat. vulg. * *pittinus*. J. Corominas supõe a existência também de * *pikkinus*. Do radical *pic* há *piqueno*, *pequeno*, *pequeño* (esp.), *piccolo* (ital.); do radical *pit* temos o fr. *petit*. *Guarnecer* é aparelhar, prover do necessário, aperceber, equipar, ornar. Provém do germânico *warnjan*.

I - 25 (2) *Céu sereno* — Tranqüilo, favorável, lat. *serenus*, do tema de *serus*, o fim do dia, hora em que tudo tende à calma, à quietação. Daqui o nome do orvalho noturno *sereno*, em oposição a *rocio*, orvalho da manhã. Existem ainda os derivados *serão*, trabalho à noite; *serenar*, cair o orvalho da noite e também, falando-se de certos pássaros, o momentâneo pairar deles, no ar, pela rápida agitação das asas, e *serenar* no sentido de acalmar, como em: a febre *serenou*; *serenou* a ventania. Temos ainda *serenata*, música e canto em hora calma da noite.

I - 25 (3) *troféus pendentes* — Lat. *trophaeus*, do gr. *tropaios*: eram os despojos das batalhas que se dependuravam de um tronco de árvore no local em que o inimigo fugira derrotado, pois, *tropaios* vem de *trepo*, volto, fujo, retorno. Por isto disse o poeta: *pendentes*, dependurados.

I - 26 (1) *Viriato* — Pastor do monte Hermínio, serra da Estrela, que comandava os lusitanos contra os romanos. Derrotou os generais Apimano ou Apimão, Cesarão e Cantero. Foi assassinado durante o sono por dois soldados.

I - 26 (2) *por seu capitão* — Trata-se de Sertório, militar exilado por Silas. Fugiu para o norte da África donde passou à Hispânia, vencendo os romanos. Era sempre acompanhado por uma corça, uma veada, na qual via a encarnação de Diana. Dizia-se que tomava conselho com esta corça, com esta cerva que, sendo Diana, tinha espírito divino. Foi assassinado por Perpena, seu imediato. // *Peregrino*: estrangeiro, de outra terra.

I - 27 (1) *cometendo* — Hoje diríamos *acometendo*, enfrentando, arrostando.

I - 27 (2) *lenho leve* — Navio leve, sinédoque em que se toma a matéria (lenho) pela cousa dela feita (navio). Lat. *lignum*; o neutro plural *ligna* deu-nos *lenha*. Veja c. I-29 (2).

I - 27 (3) *Áfrico e Noto* — Nomes de ventos. O Áfrico era o vento de sudoeste, dito *Ábrego* pelos antigos. *Noto* — vento do sul. Eram ambos causadores de tempestades pelos romanos.

I - 27 (4) *perfia* — Forma dissimilada de *porfia*. Camões usa as duas formas. Diz o povo *aporfiar*, insistir, teimar.



I - 28 (1) *lhe* — Por *lhes*, então invariável em número.

I - 28 (2) *Que tenham longos tempos o govêrno* — É comum ocultar-se a preposição nos complementos circunstanciais: *por longos tempos*. Ainda hoje dizemos: "Cheguei *a semana passada*, *na semana passada*".

I - 28 (3) *roxa entrada* — Usa Camões *roxo*, *roxa* por *vermelho*, *vermelha*, como *rojo* (esp.) e *rosso* (ital.). Hoje *roxo* é violeta.

I - 29 (1) *porque* — É inovação moderna a distinção entre *por que* (interrogativo) e *porque* (explicativo). Foi uma tentativa de acompanhar franceses, inglêses e alemães que possuem para cada função uma palavra própria: *pourquoi*, *parce que*; *why*, *because*; *warum*, *weil*. Os espanhóis e italianos continuam com um só vocábulo: *porque*, *perchè*, deixando ao contexto da frase distinguir a forma interrogativa e a explicativa. Camões e todos os clássicos bem como os românticos desconheceram a distinção moderna.

I - 29 (2) *tem passados tão ásperos perigos* — Na sintaxe clássica, concordava o particípio passado com o objeto direto em gênero e número. Modernamente, tratando-se da voz ativa, permanece invariável o particípio: *têm passado tão ásperos perigos*. Note-se também que não se fazia distinção entre *tem* (sing.) e *têm* (pl.) como atualmente é feito.

I - 29 (3) *lassa frota* — Cansada, frouxa, exausta pela fadiga. Do lat. *lassa*, part. pas. de *lassare*, cansar, fatigar.

I - 29 (4) *rota* — Caminho, via, viagem. Lat. *rupta*, part. pas. de *rúmpere*, romper, rasgar. Na edição "princeps", por erro de impressão, saiu *rata*.

I - 30 (1) *diferia* — A primeira vista existe falta de concordância, pois o sujeito devia ser *deuses*. Camões fez concordar o verbo com o aposto *um*.

I - 30 (2) *padre Baco* — O imperfeito *consentia* não está em perfeita correlação de tempo com *disse*. Tomou o Poeta o perfeito simples *disse* pelo composto *tinha dito* e daqui provém a aparente falta de correlação de tempo entre as duas formas verbais. *Consentir em* é estar de acordo com.

I - 30 (3) *Que esquecerão seus feitos no Oriente* — Uso de *esquecer* intransitivamente: os feitos de Baco serão esquecidos no Oriente. Entre os modernos autores brasileiros é Machado de Assis quem mais emprega *esquecer*, *lembrar* desta maneira — "*Esqueceram-me* as dores... *Esqueceu-me* dizer a parte relativa a minha mulher" (Mem. de Aires, passim).

I - 31 (1) *Espanha* — No sentido latino de Hispania, toda a península ibérica, compreendendo, portanto, também Portugal.

I - 31 (2) *Dóris* — Tomada aqui como sinônimo de mar, pois, Doris era filha de Tétis e de Oceano, esposa de Nereu.

I - 31 (3) *A fama antiga, ou sua ou fosse estranha* — Empregou o Poeta esta deslocação do verbo com grande elegância e perfeito recurso de estilística. A ordem normal: ou fosse sua ou fosse estranha — seria mais de acordo com a gramática, porém, de mau gosto literário. O estilo é superior à gramática e são as inovações estilísticas que remoçam os quadros da sintaxe, modificam a língua e a enriquecem.

I - 31 (4) *Nisa* — Lugar ainda hoje não identificado onde teria nascido Baco. Uns a colocam na Arábia, outros na Índia.

I - 32 (1) *sojugado* — Forma arcaica e clássica, hoje *subjugado*, que foi posto *sob* o *jugo*, o domínio de. A forma atual é uma refacção dos tempos renascentistas, no esfôrço de reconduzir as formas, já perfeitamente evoluídas, aos seus étimos do latim literário. Foi um movimento literário, mas antifilológico.

I - 32 (2) *Parnaso* — Montanha da Fócida, o Olimpo dos poetas. Na base do Parnaso estava a famosa fonte, a *Castália*, cujas águas inspiravam os poetas. Tomou o nome de ninfa *Castália* que aí se afogou, quando tentava seguir a Apolo por quem se apaixonara.

I - 32 (3) *água do esquecimento* — É a água do Letes, rio do Inferno que fazia esquecer o passado, de tal modo que as almas, quando se reencarnavam, nada sabiam da sua primeira existência. // *se lá chegam* — Uso do presente do indicativo pelo futuro do subjuntivo: *chegarem*.

I - 33 (1) *Sustentava contra ele* — Emprego de *sustentar* sem objeto direto, *defendia*. // *Vênus bela* — *Bela* é o epíteto específico de Vênus, a deusa do amor. Já tinha protegido Enéias, que seria o pai dos romanos e protege agora os portugueses porque descobre nestes as mesmas qualidades daqueles: a valentia (fortes corações), a felicidade, a sorte (grande estrela) e a língua, quase a mesma.

I - 33 (2) *grande estrêla* — Houve sempre a crença de que, segundo a estrela ou astro sob cuja influência nasce alguém, assim será feliz ou infeliz: boa ou má estrela, boa ou má sorte. Não é de todo despida de valor tal crença: o conjunto de circunstâncias meteorológicas exerce, de fato, influência, por exemplo, nos mares, determinando as marés; na vegetação: madeira tirada na época das chuvas, caruncha logo; nas criações: pintos nascidos na lua minguante, não vingam; nos cabelos: cabelos cortados na minguante, crescem mais vagarosamente do que se o fossem na cheia. É possível que tais influências se façam sentir na constituição humana, preparando-a melhor ou pior para o futuro. Assim, a felicidade ou infelicidade das pessoas provém da própria constituição física e psíquica dos indivíduos.

I - 33 (3) *terra Tingitana* — Norte da África onde está Tânger. Usa Camões *tingitana*, do lat. *tingitanus, a, um*, de *Tingis*, hoje *Tanges* (forma antiga) e *Tânger*, moderna.

I - 33 (4) *E na lingua...* — Já o Poeta sabia que o português era uma dialetação do latim, enganando-se apenas na procedência do latim clássico, literário, pois sabemos que veio do latim vulgar. Tal engano perdurou até os tempos de Herculano. As evoluções fonéticas e as criações históricas deste dialeto, sob a influência dos substratos ibero e celta, são ditas aqui *corrupção*. Custa-nos crer como homens de certa cultura como o Card. Saraiva e outros defenderam a proveniência do português do celta e não do latim. Não está inteiramente morto este êrro histórico e lingüístico, mas já se não encontra quem tenha a coragem de o defender publicamente.

I - 34 (1) *Citerêia* — É adjetivo derivado de *Citera*, ilha grega ao sul do Peloponeso, onde Vênus tinha grande culto. Quando Vênus surgiu das ondas, foi aí que pôs os pés pela primeira vez. Na imaginação dos poetas Citera era a ilha dos amores. Hoje não passa de um rochedo vulcânico, sujeito a convulsões, com o nome de Cérico. Vênus, nascida das ondas, como diz o seu nome grego: *Afrodite*.

I - 34 (2) *Parcas* — As três deusas que com o Fado governam a humanidade: *Átropos, Láquesis* e *Cloto*. Eram filhas da Noite e do Érebo. *Cloto*, a mais velha, fia o fio da vida humana, pois, *clotho*, em grego, quer dizer *fiar, tecer*. *Láquesis*, que quer dizer *sorte*, é quem enrola o fio no fuso. *Átropos*, isto é, a *inflexível*, é quem corta o fio da vida. Em alguns autores, *Átropos* é a mais velha das três irmãs.

I - 34 (3) (4) *Assi que* — *Assi*, sem nasalação que lhe veio depois da época clássica, do lat. *ad + sic = assi*. A nasalação foi externa, por analogia com *mim*, de *mihi, mii, mi, mim*. Nesta palavra a nasalação é interna, provocada pela nasal inicial *m*. *Um* (*Baco*) e *outro* (*Vênus*). Parece-nos, à primeira vista, que deveria ter escrito o Poeta: *outra*, pois, refere-se a Vênus. Assim pensaram alguns comentadores como Gomes Amorim. O Poeta, porém, embora com certa distância, usou a expressão *um e outro, um do outro*, em que a forma masculina pode referir-se a ser feminino. Ex.: "Ho prometer-se *hũ* a *outro* eterno amor" (Proezas da Segunda Tavola Redonda — cap. 18) em que *hũ* se refere a Florismarte e *outro* a Almina. No mesmo capítulo ainda: "Quanto mais se hiam entendendo, tanto mais punham ho seu gosto na comunicação *hum do outro*". Trata-se aqui de Florisbel e Belfloris (apud J. M. Rodrigues — Algumas Observações a uma edição comentada dos "Lusiadas", pág. 90).

I - 34 (5) *A qualquer seus amigos favorecem* — A cada um dos contendores, Baco e Vênus.

I - 35 (1) *Qual Austro fero ou Bóreas... Qual* concorda apenas com *Austro* e não com ambos (Austro e Bóreas) pela regra geral: quando o adjetivo precede a dois substantivos, concorda com o mais próximo. Exs.: "O *meu* susto e pavor" (Bern. N. Fl. II-50) — "*Seus* trabalhos e paixões" (Barros — Dec. I. VI) — "*Sua* astúcia e tiranias" (Nunes de Leão — Descrição de Port. 83) — "*Sua* mãe e irmãos" (F. M. de Melo — Panor. 181).

I - 35 (2) *Brama...* de *bramar*, o mesmo que *brame* de *bramir*. A velha teoria de que os verbos indicantes fenômenos meteorológicos e vozes de animais eram apenas conjugados, aquêles nas pessoas em que o acento tônico recaia na vogal *i*, e estes só na terceira pessoa do singular ou do plural, vai sendo posta de lado. Não há regra alguma que nos impeça de conjugar tais verbos em outras pessoas, quer terminem em *a, e*, etc. Exs.: "E logo Palas *brande* a lança, Baco o tirso, Apolo entesa o arco" (Camilo — Os Márts. I - 240) — "... e o grito da coruja legendária que *carpe* nos vizinhos bosques os seus amores tristes..." (Camilo — Rom. de um Rapaz Pobre — 78) — "...senão para punir-lhe o arrôjo sem pudor / *bano*. desterro, exilo o audaz adorador" (Castilho — As Sabichonas) — "...*demulam-se* as alfândegas das fronteiras" (Rodrigo da F. Magalhães) — "*Pasçamo-nos*, para instrução nossa... nas saudosas memórias que o tempo nos deixou" (Castilho — Quadros Hists. 22).

I - 35 (3) *Rompem-se as folhas, ferve a serra erguida* — Note-se a seqüência dos *rr, ff, ss*, com finalidade estilística de dar ao leitor uma impressão sonora dos fenômenos produzidos pelos ventos na espessura da mata.

I - 36 (1) *De antre* — *Antre* por *entre* como *Anrique* por *Enrique; resplandor* por *resplendor*, pronúncias conservadas pelo povo e que, a nosso ver, relembram influências francesas ainda mais antigas. Outro exemplo é *vivandeira*, que, vindo de *vivenda*, deveria ser *vivendeira*, mas ficou *vivandeira* por causa da pronúncia francesa. A explicação dada por Leite de Vasconcelos: que *entre* passou a *antre* por causa de *ante* não explica os demais casos.

I - 36 (2) *Merencório = melancólico* — Com dissimilação de *l* em *r* e assimilação de *a* a *e*. *Melancolia* vem do gr. *melankholia*, de *melas*, negro, escuro, e *kholè*, bilis, suf. *ia*. Atribuia-se tal estado de ânimo ao fígado, à bilis. Existe a variante *melanconia* com dissimilação do *l* em *n*.

I - 36 (3) *medonho* — Que incute medo, não que fosse excessivamente *feio*.

I - 37 (1) *A viseira do elmo* — *Viseira*, parte do capacete, que protegia os olhos, o rosto, do lat. *visus*, como ainda em italiano *viso*, rosto, e suf. *eira*. Levantar, erguer a viseira era sinal de coragem e de lealdade, dando-se o cavaleiro a conhecer no combate. *Elmo* — do germ. *hilms*, deveria ser escrito *helmo*, capacete. // *de diamante* — não que fosse de tal pedra preciosa, mas *duro, resistente, de aço*.



I - 37 (2) *conto do bastão* — A parte extrema do bastão, da lança, terminada por uma ponta de ferro que servia para cravar a lança no solo. Por isto disse o Poeta: *pancada penetrante*. *Conto* é do mesmo tema de *contúndere*, contundir, ferir, bater.

I - 38 (1) *padeçam* — O sujeito é *gente*, nome coletivo e o Poeta fez a concordância com o significado plural da palavra e não com a forma singular da mesma. João de Barros escreveu: "...avia *gente* branca que *navegavam* em naus como aquelas suas". (Dec. I - 4, 3) — V ,a c. I - 45: "Que *gente* será esta? que rei *teriam*?"

I - 39 (1) *Que = porque*, causal, explicativo.

I - 39 (2) *Luso* — Veja c. I-24.

I - 39 (3) *estâmago* — Forma vulgar de *estômago*. No Brasil há *estambo, estamo*.

I - 40 (1) *que tens tomada* — Sintaxe clássica e arcaica, já fora de uso, fazer a concordância do part. pas. com o objeto direto. Hoje se diz: da determinação que tens tomado.

I - 40 (2) *Não tornes por detrás* — Acumulação de preposições: *por-de* e o lat. *trans*, além. Dizia-se também: *por de diante*, onde se encontra *de + de + ante; por de dentro: de + de + intro*.

I - 40 (3) *cousa* — É a forma predominante em Camões e não *coisa*. Pràticamente usam-se ambas, mas há razões históricas que devemos conhecer. O lat. *causa* pela assimilação recíproca do ditongo *au* passou a *cousa*, como *taurus* a *touro; aurum* a *ouro; laurum* a *louro*. Mostra-se, assim, que *cousa* é a forma historicamente certa e normal. A forma *coisa* apareceu pelo cruzamento com outra série fonética em que se encontra o grupo *ct: noctem = noite* ou *noute; actum = aito* ou *auto; octo = oito* ou *outo* (que está em *outubro*). Isto porque a gutural *c* antes de dental pode vocalizar-se indiferentemente em *i* ou *u*. Desta maneira, nesta série de *ct*, as variantes *oi, ou*, são normais, o que não se dá com a série em *au* que apenas nos dá *ou* e não *oi*. Houve cruzamento de ambas e surgiram as formas análogas *coisa, toiro, oiro, loiro*.

I - 40 (4) *se reforme* — Se reconstitua, se recupere pelo descanso.

I - 41 (1) *Como isto disse* = quando isto disse, depois que isto disse.

I - 41 (2) *consentiu no que disse* — Consentir em, o mesmo que estar de acordo com, ter a mesma opinião de; consentir que: permitir.

I - 41 (3) *Mavorte = Marte*. Ensinou-se que *Mavorte* era epêntese de *Marte*. Por esta explicação, *Mavorte* seria posterior a *Marte*. Ora, é justamente o contrário: *Mavors, Mavortis* é a forma arcaica do latim, conservada pelos poetas, sobretudo, pelos arcaizantes como Lucrécio, Vergílio. No primeiro aparece sob a forma *Maurs*. Longe, pois, de *Mavorte* ser um alargamento de *Mars*, sob a ação da epentese, é, ao contrário, *Mars* uma condensação de *Mavors*.

I - 41 (4) *néctar* — Era o néctar a bebida dos deuses, feita de sumo das flores. Já em autores latinos aparece como perfume porque, sendo feito de flores, era naturalmente perfumado. É de origem grega *nektar*, lat. *nectar*, palavra erudita e poética. // *Esparzir, espargir* são variantes conservadas pela língua, dando-nos a alternância consonantal *g/z* como ainda em *sergir, serzir; vargem, várzea; Julião, Zuyão* nos cancioneiros medievais.

I - 41 (5) *acatamentos* = reverências, vênias, inclinações, zumbaias, demonstrações todas de respeito, veneração.

I - 41 (6) *Apousentos* — Era a forma primitiva, conservando o ditongo *ou* do lat. *au*, de *pausare* de que temos *pousar, pouso* e com a prostético mais o suf. *ntar: apousentar*. *Apousento* é um deverbal deste infinito. Modernamente se deu a simplificação do ditongo e dizemos *aposento*.

I - 42 (1) *costa Etiópica* — Costa africana, tomando-se a Etiópia por Africa, a parte pelo todo, sinédoque.

I - 42 (2) *São Lourenço* — Madagascar. Querem alguns que se pronuncie *Madagáscar*, o que é difícil de manter. A acentuação oxítona veio-nos por intermédio do francês e além disto, como todos os nomes terminados em *ar, al*, são oxítonos em português, naturalmente, *Madagascar* entrou na série como entrou *Oscar*, que só os pedantes dizem *Óscar*. É o caso de *Gibraltar*, oxítono, que alguns pronunciam *Gibráltar* por imitação inglesa. A força oxítona dos nomes em *ar* se faz sentir em *Bolivar*: a maioria diz Bolivár e os mesmos que teimam em conservar a acentuação espanhola, quando menos atentos, dizem como dizem todos, oxitonamente. A acentuação usada por Camões é paroxítona tal qual se vê no c. X-137: "Que *Madagáscar* é de alguns chamada" — vendo-se que a cesura recai na 4.ª silaba. Nunca poderemos tomar por norma a acentuação dos nomes próprios, estrangeiros, usada por Camões: sacrifica sempre a prosódia pela pausa métrica. Assim acentuou *Próteu, Samária, arquetipo, Centimâno, Ciniras, Eolo, Téseu*, pronúncias que não são corretas. Usou-as o Poeta porque correspondiam necessidades de versificação. Em tal caso pode estar também *Madagáscar* que já seria pronunciado pelo povo *Madagascár*.

I - 42 (3) *Tifeu* — Nome de um gigante que assustou a Vênus e a Cupido quando se achavam nas margens do Eufrates. Para fugirem do monstro, mãe e filho se metamorfosearam em peixes. Daqui a representação do Zodíaco, *pisces*.

I - 43 (1) *Sereno o ar e os tempos* — Recorde-se aqui a regra da concordância do adjetivo com substantivos de gênero e número diferentes; precedendo o adjetivo, concordará com o mais próximo. Outros exemplos: "...o *profundo* saber e a modéstia" (Castilho — Carta a Monte Alverne) — "*Pasmado* Diogo e a multidão" (Durão — Caramuru — VII-17).

I - 43 (2) *O promontório Prasso* — Vai passando como certa a errada doutrina de Când. de Figueiredo, aceita por outros menos avisados, de que constitui galicismo a omissão da prep. de em expressões restritivas ou apositivas como estas: *promontório Prasso, cidade Ceuta, Rua Consolação, Colégio S. Luís, Praça Patriarca, Rio Amazonas*, etc. Camões e os clássicos portugueses, fundamentados no uso do latim, desmentem tal doutrina. Em latim era tão correto *Urbs Roma* quanto *Urbs Romae*. No primeiro caso, *Roma* é simples aposto de *urbs*; no segundo, restritivo. Assim escreveu João de Barros: "...fundou a *cidade Marrocos*... foi esta *cidade Bagodad* fundada por conselho de um astrólogo..." (Dec. I - 1, 1) — "... como foi o consentimento e tomada daquela *cidade Cepta*". Camões escreveu: "*promontório Prasso*" e veremos tal construção apositiva em muitos outros lugares deste poema. Não há, portanto, galicismo algum e a sintaxe é muito correta.

I - 44 (1) *A quem fortuna* — Sorte, destino. No sentido de riqueza, posses pecuniárias, é galicismo.

I - 44 (2) *Para se aqui deter* — A preferência dos arcaicos e primeiros clássicos foi sempre para antepor o pronome oblíquo não só ao verbo, mas até às outras palavras que tal anteposição tinham provocado. Hoje diríamos: "Para aqui se deter ou Para aqui deter-se". O Poeta antepôs o pron. *se* ao próprio adv. *aqui*. João de Barros escreveu: "...segundo *lhe* per El Rey D. João era mandado... O nome que *lhe* os outros povos dão... onde *se* Bartholameu Dias deteve cinco dias..." (Dec. I — vol. passim) — Pouco a pouco, sob o critério da lógica, passaram os escritores a colocar o pron. oblíquo depois do verbo do qual dependia. As anteposições eram as exceções desta regra geral. Este critério é o que devemos seguir: coloca-se o pronome oblíquo depois do verbo, exceto nos casos em que haja qualquer palavra que o exija antes (advérbios, relativos, negativas, integrante *que*, conjunções subordinativas, etc.). Quando nenhuma destas palavras atratoras do pronome oblíquo estiver na frase, manda a regra geral que o pronome venha depois do verbo de que é complemento. A estilística, porém, em que entra o gosto pessoal de cada escritor, permite, em tais casos livres, que possa colocar o pronome antes ou depois do verbo segundo lhe pareça mais agradável.

I - 45 (1) *Eis* — É o verbo *eis* de *aveis* (*haveis*) transformado em advérbio. Não pode provir de ecce porque a fonética se opõe à evolução. Prova-se ainda que é de origem verbal pela exigência de pronome átono, verdadeiro objeto direto: *eis-me, eis-te, ei-lo*. Gil Vicente, reproduzindo a fala rústica do tempo, usou, na farsa "O Velho da Horta", *eis-eu aqui*. A forma francesa *voici* em que aparece o verbo *vois* seguido sempre de pronomes oblíquos (*me voici, te voilà*), é outra prova paralela de que tais advérbios foram originàriamente verbos.

I - 45 (2) *Que mais chegada a terra parecia* — Camões não usou da crase porque, como muito bem explica Epifânio, não há crase por faltar o artigo. Na linguagem marítima, *terra* está sempre desacompanhada de artigo: *em terra, vir de terra, ir para terra*.

I - 45 (3) *larga vela* — Vela comprida, extensa, como ainda hoje em castelhano. Em português existe o mesmo emprego de *largo, larga*, no sentido de extenso, comprido: *largas jornadas, larga descrição*.

I - 45 (4) *Que gente... que Rei teriam* — Veja c. I-38 (1) esta concordância do verbo com a idéia plural dos coletivos.

I - 46 (1) *maneira* — Modo de ser. Ainda hoje: F. fez desta maneira, isto é, deste modo. É corrente a expressão: *de maneira que, de modo que*. Nestas expressões, usa-se sempre o singular e não o plural: *de maneiras, de modos*, etc.

I - 46 (2) *Mui veloces* — Assim escreveu Camões. *Veloces* é forma latina, anterior à atual *velozes*. *Velocem / veloce / veloz*. Como se vê, *veloce* não pode ser paragoge de *veloz* como erradamente vem nos compêndios de versificação. É apenas um estágio da transformação fonética do latim *velocem* no port. *veloz*.

I - 46 (3) *Faëton* — Faetonte, filho do Sol (Apolo) e de Climene. Guiou, um dia, o carro de fogo de seu pai, e os cavalos, percebendo a inexperiência do rapaz, desembestaram pelo céu, aproximando-se tanto da terra que a queimaram. Por isto são pretos os africanos. Júpiter fulminou Faetonte, cujo corpo foi cair no Rio Erídano, também chamado *Padus*, hoje, *Pó*, na Itália.

I - 46 (4) *Lampetusa* — Era uma das irmãs de Faetonte. As outras eram: *Faetusa* e *Lampetia*.

I - 47 (1) *listrado* — É comum a dissimilação da vibrante quando precedida de dental, explosiva ou gutural: *astro, asto* (*asterisco*); *mastro, masto* (*mastaréu*); *rastro, rasto; registro, registo*.

I - 47 (2) *airoso* — Com elegância, que tem boa aparência, bom ar. Do espan. *airoso*, de *aire* + *oso*. // *Sobraçados* — passado debaixo das axilas, de *sob* + *abraçar*, de *sob* + *braço* + *ar*.



I - 47 (3) *adagas* — Lat. *daca*, punhal usado pelos dáceos. // *Terçado* — espada curta, mais ou menos um terço das outras.

I - 47 (4) *toucas* — Turbantes. *Toca* procede do longobardo * *toh*, pano dando, em italiano, *tocca, tocco; toca* em espan. e *toque* em francês. Houve ditongação por ser tônica a vogal. Derivados: *toucar-se*, enfeitar-se, ornar a cabeça; *toucador*, móvel com espelhos diante do qual perdem as mulheres dois terços da vida, enfeitando-se.

I - 47 (5) *Anafis* — Cornetas, do ár. *an-nafir*.

I - 48 (1) *a verga alta* — A armação de madeira a que estão presas as velas. Do lat. *virga, vara*. Esta acentuação *verga* é de Portugal. No Brasil, *vérga*.

I - 49 (1) *humanamente* = cortesmente.

I - 49 (2) *licor* — Latinismo: qualquer líquido e, aqui, vinho. // *Lieu* — outro nome de Baco, o inventor do vinho na mitologia clássica.

I - 49 (3) *Os de Faeton queimados* = os queimados por Faeton, os africanos.

I - 50 (1) *lhe tornavam* — Lhes respondiam, lhes devolviam respondidas as perguntas.

I - 50 (2) *Os Portugueses somos* — Silepse de pessoa muito comum.

I - 50 (3) *Imos buscando* — Forma correta de *ir*, do lat. *imus*. Só o povo ainda conserva esta forma, que, comumente, aparece substituída por *vamos*, do lat. *vadimus*, de *vádere*.

I - 51 (1) *Antártico e Calisto* — Antártico pólo, o sul. Calisto, que hoje é nome masculino, era feminino em grego, sendo o nome de uma ninfa. Amada por Júpiter, de cujos amores nasceu Arcade. Foram, mãe e filho, transformados por Juno em *ursos*, em grego, *Arktós*. Júpiter os colocou no céu: *Calisto* é a Ursa maior e *Arcade*, a Ursa Menor. José Maria Rodrigues ensina que *Arcade* ou *Arcas* não foi transformado em Ursa Menor e sim na constelação de *Bootes* ou *Arcturo*. *Cinosura*, ama de Júpiter no monte Ida, em Creta, é que se transformou na Ursa Menor. Há engano da parte do comentarista de Camões: *Cinosura* é apenas uma estrela que se encontra na cauda da Ursa Menor e é chamada a estrela polar.

I - 51 (2) *quisto* — Como particípio passado de querer, só se usa em formações compostas como *benquisto, malquisto*, de *bem-querer* e *malquerer*. Mas de *benquisto* e *malquisto* se originaram *benquistar, malquistar*.

I - 51 (3) *Que não no largo mar... mas no lago entraremos de Aqueronte* — O Poeta não achou necessário completar os costumados termos destas frases comparativas: *não só mas também*. Com nova maneira de expressar-se, criou outro modo, evitando, o lugar-comum de quase todos os escritores: *Não entraremos no largo mar, mas* (*até* ou *também*) *no lago de Aqueronte*, isto é, até no inferno. *Aqueronte* aqui é tomado por um lago e não como quase sempre aparece, um rio. Isto já está na literatura latina onde lhe dão o nome de *palude*. Tais rios ou lagos eram quatro: *Aqueronte, Periflegetonte, Cocito* e *Estige*.

I - 52 (1) *Indo* — Famoso rio que deu o nome à Índia. Convém conhecer um famoso caso de êrro gráfico, já universal, já irreparável. Faz impressão que, sendo *Índia* o nome do país, tirado de *Indo*, o nome do rio, se escrevam *Hindustão, Hindostão, Hindu*, etc. Explica-se o caso da seguinte maneira: quando os gregos de Alexandre, o Grande, penetraram no país, viram escrito o nome *Indus*, em caracteres devanáricos, ainda hoje usados em sânscrito. À semelhança do grego, há dois caracteres diferentes para representar a sibilante inicial e final em devanárico. A sibilante inicial é representada por um símbolo que muito se aproxima de um *H* incompleto [ (- ]. Pensaram os gregos que tal letra correspondesse ao espírito forte da sua língua materna, espírito que se representou depois pelo *H* e, em lugar de *Sindus* leram *Hindus*; em lugar de *Sindia* leram *Hindia*. Daqui vem *Hindustão, Hindostão, Hindu*.

I - 52 (2) *Que só dos feios focas se navega* — Temos neste verso a sintaxe clássica que permitia empregar-se a voz passiva, com partícula apassivadora *se*, estando claro o complemento de causa eficiente. Hoje, não se usa deste sistema apassivante desde que venha expresso o agente, o complemento de causa eficiente. Recorre-se a outro sistema, com auxiliar *ser* e part. passado: que é navegado pelos feios focas. Só é permitido o primeiro sistema de pronome *se*, quando o agente fica indeterminado: navegam-se os mares, caçam-se focas. João de Barros escreveu: "Neste mesmo tempo achamos também que *se descobriram as ilhas* a que ora chamamos do Cabo Verde, *per um António de Nolle* (Dec. 3 — liv. II, cap. I) — "... o qual lugar *se chama pelos nossos* Aldeia das duas partes" (cap. II) — "Neste tempo *se descobriu* também a Ilha Formosa *per um Fernão do Pó*" (Idem — ibidem) — Camões empregou, no masculino, *feios focas*, e este masculino é uma exceção porque não se encontra nos demais autores senão no feminino. Quer no grego *phóke*, quer no latim *phoca*, era feminino. Na gíria dos jornais, dá-se o nome de *foca* e no masculino, ao aprendiz, ao repórter novato. Aqui, porém, o masculino é siléptico, fazendo-se a concordância com o sexo da pessoa.

I - 53 (1) *Estrangeiros* — De outra terra, não naturais do país. Do mesmo tema do lat. *extraneus*, com o sufixo nominal *icus* = *extranicus*. Este sufixo, espe-

cialmente se precedido de dental, como em *viaticus, coraticus, foliaticus,* passa, em provençal antigo sob a forma *atch,* em francês *age* e no português arcaico *age: viage, corage, foliage.* Sob a influência de outras palavras terminadas em nasal (*jovem, bem, sem,* etc.) tomaram posteriormente a forma que ainda hoje conservam na linguagem culta: *viagem, coragem, folhagem,* continuando na do povo, ainda sem a nasal final. *Extranicus* passou, pois, a *extranche, estrange,* no francês moderno *étrange.* Tomando depois o sufixo *eiro,* fixou-se, em português, *estrangeiro.*

I - 53 (2) *Natura* — Forma latina. Para explicarmos *natureza,* temos de supor no lat. vulgar *naturalitia* como de *caput capitia,* de *lingua linguitia,* dando-se a palatização da dental mais iode e vogal: *natureza, cabeça, lingüiça.*

I - 53 (3) *O claro descendente de Abraão* — Maomé, que, sendo árabe, provinha de Abraão e Agar.

I - 53 (4) *mãe Hebreia:* Amina; *pai Gentio,* isto é, *pagão:* Abdala.

I - 54 (1) *certa escala* — Parada obrigatória de todos os navegantes. Parece-nos que, no tempo de Camões, não se observava a diferença de significação de *certo, certa,* segundo venha antes ou depois do substantivo. Aqui, *certa escala* está por *escala certa.*

I - 54 (2) *De todos os que as ondas navegamos* — Silepse de pessoa. Veja c. I-50 (2).

I - 54 (3) *Quiloa* — Acento na vogal *i* e não *Quíloa.* Neste verso: "A destruida *Quiloa* com Mombaça" (c. V-45) vê-se claramente que a cesura da sexta sílaba recai na primeira sílaba de Quiloa.

I - 54 (4) *Moçambique* — Por êste nome designava-se, no Brasil, o negro desta procedência. Atualmente, porém, *moçambique* é o nome de uma dança folclórica, de origem africana.

I - 55 (1) *Hidaspe* — Um dos afluentes do Indo, hoje, *Jehlem.* Usa Camões *Hidaspe* como *Gange,* omitindo a sibilante final.

I - 55 (2) *Pilôto* — Marinheiro experimentado, que conhece os lugares menos perigosos dos portos, dirigindo acertadamente o navio. É do italiano *pilota,* originário do grego bizantino *pedotes,* dando no latim medieval *pedota.* Houve passagem de *d* a *l,* ambos linguodentais. A base tuda está em *pous, podòs,* pé.

I - 55 (3) *refresco* — Víveres, alimentos frescos, sobretudo, frutas, legumes, carnes.

I - 56 (1) *Mouro* — Era o natural do norte da África, da Mauritânia, e como adjetivo pátrio pode-se ver no c. I-6; c. I-16 — Como fossem os mouros de religião muçulmanos, emprega o Poeta o adjetivo já no sentido religioso, sinônimo de maometano, islamita etc. Outro significado ainda possui *mouro:* o de escuro de pele, de que existe o derivado moreno. Nesta passagem de "Os Lusíadas", os "estrangeiros" deviam ser *mouros,* isto é, muçulmanos e também *morenos,* não pretos nem brancos.

I - 56 (2) *Febo* — O sol.

I - 56 (3) *à Irmã* — *Febe,* a lua.

I - 56 (4) *repousasse* — O imperfeito do subjuntivo pelo condicional *repousaria,* por causa da conjunção temporal *enquanto.*

I - 57 (1) *Qualquer... cuida e nota na gente,* etc. Temos *qualquer* no sentido de *cada um,* como freqüentemente encontraremos em todo o poema. Temos ainda dois verbos — *cuidar* e *notar,* de regências diferentes, ambos, contudo, com o mesmo complemento. Julgam alguns que isto seja condenável. Além do passo de Camões são numerosos os exemplos e dos mais notáveis clássicos. Fr. L. de Sousa escreveu: "Assi começou a fazer em público e em particular tudo o que devia a quem era... sem *pretender* nem *tratar* mais do bem público". (Vida de S. Domingos — I-II cap. 19) — Vieira: "Eu (diz Cristo) escolhi-vos para a mão direita e vós por vosso juízo... *pedis* e *fazeis* instâncias pela mão esquerda". "...pois já é tarde, te hospedarei na minha cabana *na qual podes entrar* sem temor, dormir sem perigo, e *sair* sem saudade". (Rod. Lobo — Peregr. 20) — "Muito bom é que vossa excelência chame vingança ao silêncio *com que eu recebi,* e *me conformei com o meu castigo.*" (Vieira).

I - 57 (2) *errada Seita* — O Maometanismo.

I - 58 (1) *Lũa* — Forma antiga ainda com nasal, do lat. *lunam / luna / lũa / lua.* Encontra-se na linguagem viva do povo brasileiro. Quanto à forma *luma,* que alguns dizem existir na Madeira e existiu no galego antigo, veja-se a discussão sob o título *ũa de unam,* hoje *uma,* na "Formação Histórica da Língua Portuguesa" de nossa autoria, onde se combate a explicação dada por Leite de Vasconcelos e seguida pela maioria.

I - 58 (2) *covas peregrinas* — Grutas distantes, desconhecidas, onde a mitologia colocou a morada dos ventos.

I - 59 (1) *assi como* — Logo que, imediatamente após. Note-se a forma *assi* ainda corrente no tempo do Poeta e que chegou até o século XVII. // *Aurora marchetada* — pintalgada de várias cores. // *Marchetar,* introduzir, embutir na madeira pequenos fragmentos de madrepérola ou até de ouro, parece-nos ser formado de *march,* marca, em francês, e de *marqueter,* da mesma língua, que significa, justamente, embutir, introduzir fragmentos, formando desenhos. Desta forma, *marqueter* sofreu a influência de *march,* dando *marchetar.*



I - 59 (2) *Hiperiônio* — Representa, aqui, o próprio Sol, mas Hiperiônio era pròpriamente o pai do sol, esposo de *Etra.* Do gr. *Hyperion,* que nos veio através do latim *Hyperion, onis,* deveríamos ter *Hiperião.* Tomou Camões a forma adjetiva *hyperionius,* o que não está muito correto. Avieno, *Arat.* 396, cita *Sol Hyperionius,* pois, como ficou explicado acima, *Hyperion* era o pai do sol, portanto, o sol era apenas *hyperionius* e não o próprio *Hyperion.* Hyginus escreveu: "Ex Hyperione et Aethra sol".

I - 59 (3) *partia* — Não está muito claro o verso pelas inversões de toda a estrofe: não é a armada portuguesa que partia, mas o Regedor da ilha que partia para visitar os navios e verificar se os estrangeiros não eram os temidos turcos. O verso primeiro da estrofe seguinte explica o sentido deste final de 59.

I - 60 (1) *naus ligeiras* — Naus leves e por isto mesmo rápidas. Imaginam alguns que *ligeiro* em frases como: estudos ligeiros, artigo ligeiro, isto é, superficiais, não muito profundos, seja galicismo. A origem *leviarius,* de pouco peso, vindo do latim vulgar, passou ao francês, ao provençal, ao espanhol e ao português. É uma herança comum. Já em Berceo tinha *ligero* o sentido de *leve,* de pouco peso, e também de pouca gravidade, falando-se de ferimentos. Nada de admirar que o sentido passasse ao intelectual: artigo ligeiro, estudos ligeiros. Suplantou o mais antigo *levianus.* É de notar-se que *leviano* em nossa língua constitui hispanismo pela conservação da nasal intervocálica, não passada a ressão nasal.

I - 60 (2) *gentes inumanas* — Os turcos, temidos piratas, cuja ferocidade a todos amedrontava.

I - 60 (3) *Constantino* — Último rei bizantino. Constantino Dragades, morto no assalto de Constantinopla, 1453, fato que pôs fim ao Império Bizantino e marcou o início do Renascimento, bem como o fim da Idade Média.

I - 61 (1) *Não usado licor* — O vinho, proibido aos maometanos pela sua religião. Diz o Poeta: *Não usado licor, que dá alegria,* repetindo o dito bíblico: *Vinum laetificat cor hominum,* o vinho alegra o coração dos homens. Como o próprio texto diz, os mouros desta parte não respeitavam muito os preceitos da seita: "E muito mais contente come e bebe".

I - 62 (1) *E, perguntando..:* Camões nunca empregou a forma *preguntar* como depois, indevidamente, introduziram os editores das últimas edições, por influência dos tais reformadores de ortografia. Encontra-se *perguntar* em: I-50; I-62; II-6; II-108; III-9; VII-29; VII-45; VII-67; VII-75; VIII-10; VIII-43; X-115. Epifânio da Silva Dias afirma: "só em V-49 (*pregunta*) o que é certamente devido a erro do compositor". A forma, portanto, *preguntar, pregunta* nunca foi do agrado do Poeta e constitui sempre uma alteração vulgar, rústica, de *perguntar, pergunta.* O lat. *percontari,* sondar o mar para ver se dava calado aos navios, passou normalmente, a *perguntar.* Na língua do povo foi que se deu a metátese de *per* a *pre.* No Brasil, entre os rústicos, existe *preguntar, pregunta* e *proguntar.* Mas unicamente na gente rústica.

I - 63 (1) *porque* — Para que, a fim de que.

I - 63 (2) *dê* — Uso do presente pelo imperfeito (*desse*) por fôrça da rima, muito comum em todo o poema.

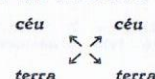
I - 63 (3) *co'os inimigos* — Na edição "princeps" vem sempre *cos* e não *co'os,* mas em ambas as formas, vale sempre uma sílaba apenas. Modernamente não se elide a nasal *m,* escrevendo-se *com os,* fazendo de ambos os elementos uma sílaba única, figura que se chama *ectlipse* e nos veio da própria metrificação latina onde a nasal final não impedia a elisão. Encontra-se o mesmo recurso de versificação na poesia trovadoresca.

I - 64 (1) *trazia* — Aqui temos outro uso forçado do imperfeito pelo presente (trago) por efeito da rima.

I - 65 (1) *Obedece o visibil e o invisibil* — Toma-se o adjetivo pelo substantivo, reproduzindo o que está no Credo: *visibilium omnium et invisibilium,* todas as cousas visíveis e as invisíveis. Note-se a série das palavras em *bil: visibil, invisibil, insensibil, insofribil,* — muito do gosto do Renascimento que procurava achegar-se ao latim literário. Modernamente, só recorremos às formas em *bil* para a construção do superlativo absoluto: *terribilíssimo, mobilíssimo, laudabilíssimo, amabilíssimo,* etc.

I - 65 (2) *E que do céu à terra, enfim, desceu, por subir os mortais da terra ao céu:* existe aqui um verdadeiro quiasmo em que *terra* e *céu* entram em oposição:

***céu*** ↘ ↗ ***céu***

***terra*** ↗ ↘ ***terra***

Note-se o emprego de *subir* por *fazer subir.*

I - 66 (1) *Deus-Homem* — palavra composta por justaposição em que o segundo substantivo (Homem) faz as vezes de um adjetivo. A forma corrente é *Homem-Deus* e se a tivesse empregado o Poeta, teria evitado a seqüência áspera das dentais.

I - 66 (2) *trazia* — Por *trago,* ainda por causa da rima.

I-66 (3) *devia* — Por *deve*, sob o mesmo império da rima.

I-66 (4) *seria* — Por *será*, e novamente a rima.

I-66 (5) *eu me obrigo* — Eu vos afianço, eu vos garanto, eu vos asseguro, etc.

I-67 (1) *amostrar* — Com *a* prostético, do lat. *monstrare*. O subst. *monstro* ainda conserva a nasal do latim, mas o verbo já a perdeu. Como é da regra fonética, o grupo *ns* perde, regularmente, a nasal ao passar para o português. Isto vem provar que o verbo é mais antigo que o substantivo, pois, este ainda mantém a nasal. Em ital. até o substantivo se enquadrou na regra geral: *il mostro*. Note-se mais: *amostrar*, tendo sujeito próprio, deveria estar no modo pessoal *amostrarem*, mas como é objeto direto do verbo principal (manda), permaneceu no modo impessoal. Veja-se c. V-47-48. // Camões usa *ministros* no sentido etimológico de *servidores, criados*, do lat. *minister, tri*, do mesmo tema de *ministrari*, servir, prestar serviços.

I-67 (2) *arneses* — Cotas de malha para o tronco, o tórax, do escand. *hernels* através do franc. *herneis*.

I-67 (3) *Escudos de pinturas diferentes* — Cada cavaleiro tinha por costume pintar o escudo com a cor do seu brasão de armas, com objetos simbólicos, cabeças de animais ferozes, flores heráldicas, disticos pelos quais se conhecia o portador do escudo.

I-67 (4) *Pelouros* — Balas, bolas de ferro, do lat. *pilorium*, com hipértese do *i*: *peloiro*. // *Espingardas de aço puras* — translação do adjetivo: *puras* qualifica *aço* e não *espingardas*. Já os poetas latinos faziam destas translações qualificativas e aqui houve ainda a interferência da rima. *Espingarda* vem do germ. *springen*, saltar, através do fr. *espingard*.

I-67 (5) *sagitiferas* — Pura forma latina, de *sagita* (seta) + *fero* de *ferre*, que trás. // *Aljavas*: carcás, estojo, porta-setas, do ár. *al-khaba*.

I-67 (6) *Partasanas* — Alabardas, espécie de lança, mas com o ferro em forma de meia-lua. Do ital. *partigiana*. Esta palavra italiana indica que tal arma pertenceu, primeiramente, a um dos muitos partidos políticos da Itália, cada qual com o seu exército próprio. É derivada de *parte, partito*, como ainda na última guerra apareceram os *partigiani*. Apresenta, em português, a variante *pertesana*.

I-67 (6) *chuças* — Forma feminina de *chuço*, usada pelo Poeta para rimar: *chuços bravos* quebrariam a rima. Donde vem *chuço?* Ainda se discute a etimologia. Aceita a maioria que seja um regressivo de *chução* que está por *çuição*, hoje *suição*, de *çuiço, suiço*, pois, esta tropa mercenária fora quem popularizara a arma. A presença do *i* palatizou a primeira sílaba: *suiço / chuiço / chuço*. Deriv. *chuçar*.

I-68 (1) *As bombas vêm de fogo* — Inversão desnecessária (*vêm as bombas de fogo*) mas muito do gosto do Renascimento.

I-68 (2) *panelas sulfúreas* — Panelas de pólvora, indicando-se o todo (pólvora) por uma de suas partes (sulfur, enxofre). *Panela* vem do lat. vulg. *panna* + *ella*, suf. diminut. *Panna de patna*, com assimilação da dental à linguodental. A língua da Igreja conserva *patena*.

I-68 (3) *aos de Vulcano* — Os bombardeiros, os soldados que lidavam com as bombardas.

I-68 (4) *bombardas* — Arma de fogo, pequeno canhão, do fr. *bombarde* onde entra *bomb, bombo, bomba*, tema onomatopaico e o suf. germ. *ardt*, forte. Está documentado desde o séc. XIV.

I-68 (5) *medrosas* — Não vem de medo, mas de *medor* análogo a *calor, valor, temor*, e suf. *oso*: *medor* + *oso* = *medoroso* e com síncope do *o*: *medroso*.

I-68 (6) *entre ovelhas ser leão* — Provérbio popular, indicando a covardia dos que se fazem de forte entre os fracos.

I-69 (1) *Porém disto*... O ensino das gramáticas, proibindo começar oração com *porém*, sofre desmentido de Camões e de todos os clássicos da língua. Pode-se ver, além de muitos lugares, o c. V-37. Vieira escreveu: "*Porém* todas estas cousas verdadeiramente grandes", etc. (1.º Dom. do Adv.) — "*Porém* nós como morremos?" (Ibidem).

I-69 (2) *ódio certo* — Indiscutivel, profundo, determinado.

I-69 (3) *vontade má de pensamento* — a resolução, a idéia, a determinação que, embora ainda estivesse em projeto (em pensamento) já era cousa resolvida e determinada pela vontade.

I-69 (4) Note-se a pobreza vocabular do Poeta nesta estrofe: *mostras, mostrou, mostrar*. Seria real pobreza de palavras ou ainda um eco dos recursos da poética medieval que fazia da repetição da mesma palavra sob diversas formas, por exemplo, do mesmo verbo, mas em tempos e pessoas diferentes, uma das qualidades da poesia trovadoresca, com o seu *dobre* e *mosdobre?*

I-70 (1) *o largo prêmio levarão* — A primeira vista é desnecessário o artigo *o*: desnecessário por não ser necessária nenhuma determinação, desnecessário por não ter valor algum de versificação, pois, é elidido com a vogal precedente. Pondo-se na ordem diversa: "Diz-lhe que o prêmio levarão largo" — i. é, que terão paga de valor pelo trabalho, — vê-se que Camões poderia ter empregado tal artigo.



I-71 (1) *súpito* — Esta foi a forma empregada por Camões e não *súbito*, como escreveu Epifânio da Silva Dias. Para explicar *súpito*, devemos supor *súpeto* que ainda vive em *supetão* ou *sopetão*, do lat. *súppeto*, usado, como diz Forcellini, no sentido de *imediatamente*, de cousa que nos está ao primeiro alcance da mão.

I-71 (2) *sequaces* — Sempre a mesma forma anterior à atual *sequazes* como em *audaces, veloces*, falsamente explicadas como paragoge. Lat. *sequacem / sequace / sequaz*.

I-71 (3) *A quem juízo algum não alcançou* — No moderna sintaxe bastaria dizer: *A quem juízo algum alcançou*, — pois, *algum* posposto ao substantivo, é negativo. Os clássicos antepunham ainda a negação como aparece no verso comentado.

I-72 (1) *obseqüente ajuntamento* — O grupo de mouros que esperavam o Regedor em atitude de reverência, obsequiosos.

I-72 (2) *apousento* — É como sempre escreve Camões. Hoje se diz *aposento*.

I-73 (1) *o grão Tebano* — Baco é assim chamado por ser filho de Júpiter e de Sêmele, filha de Cadmo, rei de Tebas. *Grão*, abreviatura ou apócope de *grande*: como este adjetivo (grande) é uniforme, usando Camões sempre *grão*, quer seja para o masculino, quer para o feminino. No c. V-46, escreveu: "Que Amor por *grão mercê* lhe terá dado". Modernamente é que se vem fazendo distinção entre *grão* e *grã*, mas sem fundamento real. Deve-se dizer *grão-cruz* como se diz *grão-mestre* e não *grã-cruz*. Diz a mitologia que Baco nasceu da coxa de Júpiter, pois, tendo-se este mostrado, em toda a sua glória, a Sêmele, teve esta um parto prematuro. Para que Baco não morresse, recolheu-o Júpiter em sua própria coxa até que, sendo oportuno o tempo, dela nasceu novamente.

I-73 (2) *estas palavras praticava* — Conversava consigo mesmo. Praticar é o mesmo que conversar.

I-74 (1) *tamanhas* — Do lat. *tam magna*, tão grande.

I-74 (2) *favoreça outrem* — Note-se a transitividade de favorecer. Note-se ainda a acentuação de *outrem*, paroxítono, ao contrário dos demais (*alguém, ninguém*) que são oxitonos. A formação etimológica explica a diferença de acentuação: *outrem* tomou a nasal por analogia com *alguém, ninguém*, pois, é o mesmo que *outro*, do lat. vulgar *altrum, alterum*. O castelhano ainda usou *otre, otri*. Conserva, portanto, a acentuação latina de *altrum, outro, outre*. A lingua oferece-nos as duas séries em *o* e em *e*: *trajo, traje; bailo, baile; grudo, grude; rudo, rude*, etc.

I-75 (1) *quiseram* — Só em português e espanhol se encontra o lat. *quaerere* (vulg.) com o significado de *velle*. O significado primeiro: *procurar, buscar* passou a *desejar* porque não se procura nem se busca senão o que se deseja possuir. Em francês, italiano e outras linguas aparecem *vouloir, volere* do tema de *volo*.

I-75 (2) *O filho de Filipo* — Alexandre, o Grande, que conquistou a Pérsia e a Índia. Usa Camões *Filipo, Alexandro* e também *Filipe, Alexandre*. A forma *Filipo* é mais conforme ao grego *Philippos*, ao lat. *Philipus* de *Philos*, amigo e *Hippos*, cavalo. Aplicando-se as leis fonéticas, o resultado final e correto desta palavra há de ser *Felipe* e não *Filipe* ou *Felipo* nem *Filipo* pela natural dissimilação do primeiro *i* em e como é da regra geral: *minino* = *menino*.

I-75 (3) *sometesse* — Forma arcaica, hoje *submetesse*. Era a forma corrente no português clássico. A moderna é refacção da antiga, naturalmente evoluida do lat. *submittere*.

I-75 (4) *Mas há-se de sofrer* — Nas conjugações perifrásticas, preferiam os clássicos colocar o pronome obliquo entre o auxiliar e a preposição. Hoje a preferência é de colocá-lo depois da preposição: *Mas há de se sofrer*. A lingua atual de Portugal prefere colocar o pronome depois do próprio infinito: *Mas há de sofrer-se*. No Brasil: *Mas há de se sofrer*. Em Vieira lemos: "...porque no dia da messe, *hão-nos de* medir a semeadura, e *hão-nos de* contar os passos. Aos que vão buscar a seara tão longe, *hão-lhes de* medir a semeadura, e *hão-lhes de* contar os passos" (Serm. da Sexagésima).

I-75 (5) *grão Macedônio e Romano* — Assim está na edição "princeps", se bem que Epifânio tenha posto artigo antes de Romano; *e o Romano*. Trata-se de Alexandre, O Grande, filho de Felipe, rei da Macedônia, e de Trajano, imperador de Roma.

I-77 (1) *Isto dizendo* — Recurso narrativo, servindo de nexo continuador entre uma estrofe e outra. Já se havia servido o Poeta do mesmo recurso na estr. 56. Requer a sintaxe moderna que o verbo preceda o pronome: — "*Dizendo isto.*" Mas com o pron. *isto*, é o comum dos clássicos — *Isto posto, isto dito*, como freqüentemente se encontra em Vieira e Bernardes.

I-77 (2) *Sobre a terra africana descendeu* — A respeito do emprego de *sobre* há vários ensinos errados, mas repetidos por gramáticos menos aprimorados. 1) *Sobre* com verbos de movimentos, tal qual nos apresenta o verso camoniano. Dizem que é galicismo. Além do exemplo de Camões, temos estes outros de Vieira: "Outra parte (do trigo) caiu *sôbre* pedras... Veio o Espírito Santo *sobre* os Apóstolos... não se puseram todas as linguas (de fogo) *sôbre* todos os Apóstolos... E

porque cada uma *sobre* cada um, e não todas *sobre* todos?" (Sermão da Sexagésima). 2) *Sobre* = *a respeito de*. Dizem que também é galicismo. Já na estrofe 20 deste canto, escreveu Camões: "Quando os deuses no Olimpo luminoso, / Onde o governo está da humana gente, / Se juntam em consílio glorioso / *Sobre* as cousas futuras do Oriente". 3) *Sobre* = *além de*. Vieira: "E que (os missionários) *sobre* mirrados, *sobre* afogados, *sobre* comidos, ainda se vejam pisados e perseguidos dos homens?" (Serm. da Sexagésima). Conhecido é o provérbio: "*Sobre* queda, coice". Todos estes empregos de *sobre* são lídimos usos do português clássico, nada encerrando que seja galicismo.

I - 77 (3) *Prasso*. Veja c. I-43.

I - 77 (4) *co'o Xeque mui valido* — *Xeque* é o mesmo que chefe, autoridade local. Provém do árabe *xaih*, vulgarmente pronunciado *xeih* ou na transcrição de Steijer *xajx*, *xex*. A pronúncia atual é *xeique*, *cheique*, mais conforme a *xajx* pela passagem de *ai* a *ei*. Por este motivo, não vemos razão para condenar *xeique*, no intuito de restaurar a antiga *xeque*. // *Valido* — paroxítono, no sentido de confidente, pessoa de confiança. *Válido*, proparoxítono — forte, robusto, apto para o trabalho.

I - 78 (1) *E entrando a falar* — O verbo *entrar* seguido de *a* equivale a começar, a iniciar.

I - 78 (2) *A sua falsidade acomodadas* — Não há crase por ser livre o uso de artigo antes de possessivos. Pela ausência da crase vê-se que Camões dizia *sua falsidade* e não *a sua falsidade*. Modernamente há preferências ao emprego do artigo antes de possessivos, exceto quando os possessivos modificam nomes de parentescos. Por isto, se diz: *à sua falsidade acomodadas*.

I - 78 (3) *Lhe diz como* — Epifânio da Silva Dias acha que, em frases como estas, *como* é conjunção integrante, equivalendo a *que*. Parece-nos que não: *como* é conjunção modal, indicando a maneira, o modo de ser de alguma cousa.

I - 78 (4) Note-se a abundância de *quês*, tornando o estilo áspero e desagradável, defeito que somente em nossos dias vem sendo combatido e evitado. Os clássicos não tinham os ouvidos tão delicados. Existem meios de evitar a seqüência dos *quês?* Sim. Veja-se a nossa "Arte de Escrever" no capítulo dedicado aos defeitos do estilo e lá se encontrarão os diversos recursos da estilística moderna para tal caso de aspereza.

I - 79 (1) *matarem, roubarem, cativarem* — Todos estes infinitos pessoais dependem de *pera*, equivalendo a frases de finalidade: para que nos matem, roubem, cativem. Com a preposição *pera*, hoje, *para*, ainda quando os infinitos tenham o mesmo sujeito que o verbo finito, a preferência dos clássicos é sempre de levá-los ao modo pessoal. Exs.: "O enquanto não passa a hora a qual te concedeu a misericórdia do teu Criador *para fazeres* penitência, *alcançares* perdão, *adquirires* graça e *mereceres glória*" (Bern. N. Flor. I - 4). "Quando o semeador do céu deixou o campo, saindo deste mundo, as pedras se quebraram para lhe *fazerem* aclamações, e os espinhos se teceram para lhe fazerem coroa" (Vieira. Serm. da Sexagésima).

I - 80 (1) *De vir por água a terra* — Não há crase por falta de artigo. Diz-se sempre: *em terra, com terra, sem terra, por terra* quando complementos circunstanciais. Não existindo artigo, mas simples preposição *a*, não pode haver crase.

I - 80 (2) *Cairão* — O sujeito é *gente* e o verbo concordou com a idéia plural que se encontra na palavra *gente*.

I - 81 (1) *Eu tenho imaginada outra manha* — Sempre a concordância do participio passado (imaginada) com o objeto direto (manha), sintaxe clássica, já posta fora do uso atual. // *No conceito*: na mente, no pensamento.

I - 81 (2) *Outra manha* — O mesmo que *ardil*, traça, recurso, astúcia, e por isto foi o verbo ao singular, como é da regra da concordância do verbo com o sujeito composto de sinônimos. *Manha* é o lat. *manea*, do tema de *manus*, mão, indicando habilidade. Não se confunda com *manha*, choro de criança. Segundo Festus, *mania* era, entre os romanos, uma figura de homem, um boneco feito de farinha, com o qual as amas amedrontavam as crianças. Desta palavra latina veio a nossa porque as crianças, com medo, choravam. Veja *De Verborum Significatu cum Pauli Epitome — Festus. — Edidit W. M. Lindsay — Lipsiae — in Aedibus B. G. Teubner* — 1849.

I - 82 (1) *Tanto que* = logo que, assim que.

I - 82 (2) *concertou* — Combinou, entrou em acordo. Não confundir com *consertar*, reparar, refazer. Veja c. I-23 (3).

I - 82 (3) *beligero aparelho* — Os preparativos para a guerra. *Beligero*, do lat. *belligerus*, formado de *bellum, i*, guerra e *gero* de *gérere*, fazer.

I - 82 (4) *Para que ao Português se lhe tornasse* — Repetição do complemento indireto: *ao Português* e *lhe*, pleonasmo de grande uso em nossos dias, para dar mais força ao sentido da frase.

I - 83 (1) *Sagaz* — Esperto, atilado, ladino, que tem bom faro. É do latim *sagacem*, da raiz de *sagire*, primeiramente termo de caça, indicando o faro dos cães para descobrir a presa. Tomou depois o significado de adivinhação como se vê em *saga*, feiticeira.

I - 83 (2) *fiar* — Ter fé, confiança, de um lat. vulg. *fidare* de *fidus*. O clássico *fidere* não passou para o português. Temos *fiel*, de *fidelem*. De *fiar* é muito usado o adjetivo *fiado*, vendido em confiança, a crédito.



I - 84 (1) *Já o raio apolíneo* — Sinédoque: o singular pelo plural: os raios do sol.

I - 84 (2) *montes Nabateios* — Pròpriamente os montes dos Nabateus, povo da Ásia, representando, aqui, toda a Ásia, todo o Oriente, o que vem a ser sinédoque: a parte pelo todo. Eram determinados montes da Índia, chamados assim porque, diz a tradição que aí nasceu Nabath, um dos descendentes de Ismael.

I - 84 (3) *Quando o Gama co'os seus determinava* — Só se emprega o artigo antes de nomes próprios quando são célebres ou muito familiares. *O Gama* é, naturalmente, o mais famoso herói do poema. Note-se depois a concordância do verbo com o sujeito composto e ligado pela preposição *com*: pode o verbo concordar apenas com o mais importante, como é o caso em apreço, ou com todos. Exs.: "Entrava o mês de dezembro deste ano, quando *apareceram* em Guimarães o Prior de San Domingos do Pôrto *com* outros religiosos..." (Frei L. de Sousa — Hist. de S. D., cap. 13) — "O frio do tempo *junto com* o da idade o *congelaram* uma noite..." (Idem — cap. 9) — "Manuel de Sepúlveda *com* os da sua companhia *foi seguindo* seu caminho" (Couto). Veja "Gram. Normat. da L. Port." pág. 353.

I - 84 (4) *De vir por água a terra* — Sem crase por ausência do artigo. Veja c. I - 80 (2).

I - 84 (4) *apercebido* — Preparado, munido do necessário. Não confundir com *percebido*.

I - 84 (5) *coração pressago* — Coração que adivinha, que sabe de antemão o que poderá acontecer, coração adivinhador. É o latim *praesagus*, de *prae* + *sagus* e este de *sagire*, como ficou explicado acima: I - 83 (1) — *sagaz*. Modernamente mandam escrever *pressago* bem como *presságio*, para, dizem, conservar o valor de sibilante surda e forte que aí deve haver. Não achamos fundamento em tal pronúncia: 1) porque desde o latim que o *s* tinha o valor de *z*; 2) porque não existe, em português, o simples *sago*. Não é o mesmo caso, por exemplo, de *ressoar*, *ressuscitar*, pois existem os simples *soar*, *suscitar*, cuja sibilante inicial, sendo forte, para conservar este som, deverá, em composição com *re*, tê-la dobrada; 3) antes das reformas ortográficas, foi sempre esta a pronúncia tanto em Portugal quanto no Brasil. Existe, portanto, uma tradição que tem o seu fundamento histórico e morfológico.

I - 86 (1) *defender a água desejada* — Por impedir, proibir a obtenção da água necessária. É muito antigo o uso de *defender* neste sentido de proibir, impedir, vedar, etc. "Que quanto a ele sair em terra pera se verem, que o regimento del-rei seu Senhor lho *defendia*" (J. de Barros, Décadas — I - V - 3) — "O qual *defendia* que daquela parte não viesse pera as nossas fortalezas provisão do Cairo" (III-IV-9) — *Defendimentos*, *defensão* eram termos correntes nesta época do século XVI como se pode ver no mesmo João de Barros: "Fazendo-lhe crer serem necessários pera *defendimento* da costa" (Dec. II-I-9) — "Como que estes caminhos fossem cavas pera *defensão* delas" (Dec. II-IV-1). Não há, portanto, galicismo em tais palavras.

I - 86 (2) *azagaia* — Chuço, pique, ferrão, do ár. *zagaya*. O *a* é prostético ou soldagem do artigo *a* ao próprio substantivo, como se vai dando com *pá* que já se diz *a apá*. É bom lembrar o velho ditado: "No tempo da azagaia", em época muito remota, quando ainda um simples chuço poderia ser arma de guerra. Equivale a: "no tempo de Dante", "no tempo em que os animais falavam", "no tempo dos Afonsinhos", "no tempo em que se amarrava cachorro com lingüiça" e ele era tão tonto que a não comia.

I - 87 (1) *ribeira* — Do lat. *ripariam*, derivado de *ripam*, riba, margem do rio, do mar. Tomou depois o significado de rio, curso d'água como se vê em *ribeiro*, *ribeira* (*Ribeira de Iguape*, em S. Paulo); *ribeirão*, (*Ribeirão Preto*, nome do rio e da cidade construída em sua margem); *ribeirinho*, já como diminutivo de *ribeira*, já como adjetivo, indicando a população que vive à margem de um rio.

I - 87 (2) *adarga* — Pequeno escudo de couro, do ár. *ad-darka*. // *Hástea* — o mesmo que *haste*, *hasta*, do lat. *hasta*, *lança*. Camões escreveu *astea*, grafia que se encontra nas inscrições latinas *asta*. Convém lembrar a expressão do direito: *venda em hasta pública*, isto é, em leilão determinado pela Fazenda Pública. Vem do costume romano de indicar tais vendas de imóveis por uma lança afincada no local.

I - 87 (3) *Não sofre a gente generosa andar-lhe os cães*, etc. — Temos *sofrer* no sentido de *suportar*, significado muito antigo na língua. Temos ainda *andar* no infinito impessoal, embora tenha sujeito próprio. A função de objeto direto permite-lhe ficar no modo impessoal. Encontram-se, nos melhores autores, em tais casos, tanto o modo pessoal quanto o impessoal, predominando este como se pode ver no c. V-47 — "Verão *morrer* os filhos caros... Verão os cafres *tirar* à linda dama seus vestidos." Mas no c. V-48: "E verão os dous amantes miseros *ficarem*".

I - 87 (4) *Qualquer em terra salta* — Veja c. I-34.

I - 88 (1) *Qual no corro* — Deverbal de *correr*, lugar onde *correm* os touros, a praça de touros, a arena. Ainda hoje se diz: *correr um touro*, isto é, *toureá-lo*. Aplicava-se também ao simples lugar onde se recolhiam os animais à noite, de que temos ainda *corral*, pronunciado e escrito *curral*, como de *corro* existe a forma *curro*. Aplicou-se ainda a palavra à praça pública onde se davam espetáculos. Em linguagem figurada, a própria igreja era chamada *corral* ou *curral de Deus*. J. Corominas acha que *corro* seja derivado regressivo de *corral*, bem como *curro* de *curral*, do lat. *currale*. A base, porém, é sempre *currere* e *correr*, pois, *currale* in-

dicava o cercado de paus dentro do qual se faziam corridas, onde se guardavam os veículos, do lat. *currus* bem como os animais que serviam para tais carreiras ou corridas.

I - 88 (2) *busca* — Admite a maioria dos etimologistas que *buscar* é palavra da linguagem dos caçadores, significando procurar a caça no bosque, sendo esta palavra a base de *boscar, buscar*. J. Corominas discute esta opinião, propondo outra que não satisfaz de modo algum. De *bosco, bosque* temos ainda *emboscada, emboscar-se*.

I - 88 (3) *atroce* — Como sempre, usa o Poeta a forma *atroce* como *veloce, audace*, intermediária entre o lat. *atrocem* e o moderno *atroz*, sem que seja paragógica: *atrocem / atroce / atroz*.

I - 88 (4) *cornigera* — Latinismo de Camões: fronte cornígera, fronte que tem cornos, chifres, lat. *cornigerus, a, um*, de *cornus + gero* de *gérere*, trazer.

I - 88 (5) *Derriba* — Temos de distinguir etimologicamente *derribar* e *derrubar*: o primeiro procede de *de + riba + ar*, fazer cair da *riba*, da margem do rio ao próprio rio; o segundo, de *de + rub + ar* onde encontramos o latim *rupe*, rochedo: fazer cair do rochedo em terra. No trato comum da língua ambos são, hoje, perfeitos sinônimos. Como estilística, note-se a seqüência enfática de *e*: *Derriba, fere e mata e põe por terra*. Observe-se ainda a predominância dos *rr*: *derriba, fere, por terra*, estilisticamente empregados para efeito onomatopaico.

I - 89 (1) *Eis* — Usa-se também *eis que*, expressão introdutória ou apodítica de um novo assunto, de um quadro mais vivo para o qual se quer chamar a atenção do leitor ou do ouvinte. Modernamente, na linguagem do foro se vai introduzindo *eis que*, não em sentido apodítico, mas explicatório, causal, equivalendo ao simples *pois*. Ex.: "Nomeamos f. de tal defensor *ad hoc* do réu tal, *eis que*, sendo pobre, não pôde contratar advogado próprio". Tal maneira de empregar *eis que* é inteiramente errada e deve ser banida da linguagem dos causídicos.

I - 89 (2) *artilheria* — Camões escreveu *artilheria* e não *artilharia* como traz Epifânio e outros editores. *Artilheria* é simples dissimilação de *artilharia*. O sufixo *aria* se dissimilou em *eria*, não envolvendo galicismo algum. É a terminação preferida dos arcaicos e dos clássicos. Ainda hoje se alternam *leiteria, leitaria; joalheria, joalharia; confeiteria, confeitaria*, etc. A escolha depende do uso local.

I - 89 (3) *plúmbea péla* — O lat. *plumbeus, a, um* deu-nos, por via erudita, *plúmbeo, plúmbea*; por via popular *chumbo*, pela palatização do grupo *pl*. *Péla*, bola, aqui, de chumbo, mas costumava ser de ferro, que costumava matar ou desmoronar pelo peso e fôrça com que era arremessada. Lat. *pila*.

I - 89 (4) *Ferido, o ar retumba e assovia* — Bela combinação de vogais, de diversos timbres, com efeitos onomatopaicos. *Assovia* ou *assobia* são formas paralelas, sendo esta última a mais comum no Brasil. Do lat. * *adsibilare*, deu o arcaico *asseviar* atestado por A. Cortesão em seus "Subsídios", encontrado nos "Inéditos de Alcobaça". A passagem de *e* a *o* — *assobiar* deve-se à presença da bilabial *b* já existente em latim.

I - 89 (5) *medroso* — Forma sincopada de *medoroso* e esta de *medor + oso*, *medor*, de *medo* e terminação *or* analógica a tantas outras como *temor, calor, olor*, etc.

I - 90 (1) *estrui* — Forma prostética de *strúere, estruir*. A mais comum é *destruir*, do lat. *destrúere*.

I - 90 (2) *Da cavalgada ao Mouro já lhe pesa* — Disse o Poeta, versos acima, que os mouros *andavam* pela praia, sem mencionar cavalos; como fala agora em *cavalgada*? É que esta palavra tinha o significado bastante amplo de empresa arriscada, de empreendimento de que a pessoa não se saía muito bem. Modernamente se prefere *cavalaria*. Assim se diz que f. de tal *anda em altas cavalarias*, isto é, anda metido em negociatas e outras atividades de cujo resultado se duvida. Esta empresa em que se haviam metido os mouros não lhes deu bom resultado, tanto assim que acrescentou o Poeta: *já lhe pesa*. Quanto a este verbo *pesar*, no sentido moral de *causar dano, arrependimento*, convém lembrar que é indireto como aqui se exemplifica: *ao Mouro já lhe pesa*. Anda muito errado o uso da expressão: *em que pese a* — o verbo permanece sempre na terceira pessoa do singular e exige o complemento indireto da pessoa que tal arrependimento sente. Ex.: "Mas *em que pese a tais autoridades*, sempre a praticaram os nossos melhores escritores". (Rui Barbosa — Réplica — pág. 158 — nota I — edição do Ministério da Educação e Saúde — 1953) — Muitas pessoas, erradamente, fazem concordar o verbo *pesar* com o pretenso sujeito que não passa de complemento indireto. Na pena destes desconhecedores do nosso idioma, a frase de Rui ficará assim: "Mas *em que pesem tais autoridades*, etc." Vê-se que o disparate é grosso.

I - 90 (3) *Já blasfema... maldizia* — Não há correlação de tempos entre êste presente e aquêle imperfeito: ou ambos no presente ou ambos no imperfeito. Camões transgride freqüentemente a correlação de tempos e modos por causa do cativeiro da rima. *Blasfemar* é verbo de origem religiosa, trazido do grego pela Bíblia, *blasphemein*, lat. *blasphemare*, maldizer, injuriar Deus e as cousas santas.

I - 90 (4) *inerte* — O significado atual é de "sem atividade, parado, privado de movimentos", e neste passo de Camões, — sem fôrças para os exercícios da guerra. O latim *iners*, composto de *in + ars*, queria dizer que não dispunha de habilidade alguma, de arte, de técnica, tanto que Lucillus escreveu: "ut perhibetur iners, ars in quo non erit nulla" — isto é, *inerte* é aquele em quem não existe arte alguma. Veja-se outra citação no "Dict. Etym." de Ernout et Meillet.



I - 91 (1) *Fugindo* — Não tem fundamento o ensino de alguns gramáticos, que proíbem começar a frase com gerúndio. Todos os clássicos assim praticaram: "*Descendo* ao particular, direi agora, peixes, o que tenho contra vós" (Vieira — Serm. de Santo Antônio) — "*Filosofando*, pois, sobre a causa natural desta Providência, notei que ..." (Ibidem) — "*Passando* dos da Escritura aos da História Natural..." (Ibidem).

I - 91 (2) *canto* — O mesmo que pedra, do lat. *canthus*, gr. *kanthos*. Era a pedra que se punha no ângulo das paredes, na esquina dos muros. Daqui o dizermos: o *canto* da sala, o *canto* da casa, o *canto* da rua. Como derivado temos *cantaria*, obra feita de pedra; *canteiro*, operário especializado em lavratura de pedras; *canteiro*, alegrete, cercado onde se plantam flores, ervas, etc. Temos outros compostos: *decantar* um liqüido, isto é, fazê-lo escorrer pela borda, pelo canto dos vasos a fim de reter no fundo a lia, as fezes. Aplicou-se ainda a palavra *canto* aos aros de ferro que protegem a periferia das rodas de madeira. Outros derivados: *cantil, acantilar* e *alcantilar, cantear, escantear, escanteio, acantonar, cantão, cantoneira*. Se bem que o latim e o grego apresentem esta palavra como a demos acima, a sua origem primeira é pré-romana, talvez, de procedência ibérica. J. Corominas distingue entre *canto*, pedra, esquina, e *canto*, aro de rodas. Parece-nos que não lhe assistam razões para tal distinção porque o segundo é um emprêgo metafórico do primeiro, partindo-se de extremidade, de pedra que está na extremidade a que se comparou o aro de ferro colocado nas bordas da roda.

I - 91 (3) *e todo o mais* — Até os primeiros clássicos empregava-se *todo* no sentido neutro e indeterminado de *tudo*, como ainda se faz em castelhano. Só depois foi que se firmou, na língua, a distinção vigente em nossos dias, ficando *todo* como adjetivo e *tudo* como pronome. Ex.: "Os seus tornaram a cobrar *todo* o que do campo tinham perdido". "*Todo* isto fazia a vitória tam triste" (Palmeirim de Ingl. c. 12 — pág. 169) — "Queria... favorecido em *todo* o que podesse" (Castanheda — L. II — c. 57).

I - 92 (1) *almadias* — pequenos barcos, batéis. Do ár. *al-madyia*.

I - 92 (2) *Quem se afoga nas ondas* — Parece contra-senso que *afogar*, em cuja formação está *fogo*, seja em água. É que *afogar* tomou o sentido lato de asfixiar e para isto água também serve. Esta é a opinião geral de que *afogar* encerre em si a palavra *fogo*, mas erradamente. *Afogar* procede do latim *offocare*, asfixiar, apertando a garganta de modo que a pessoa abra a *fauce*: *ob + fauc + are*. Entra, pois, na formação da palavra *faux, faucis* e não *focus*.

I - 92 (3) *miúdas bombardadas* — Freqüentes bombardeios. *Miúdo* ou como escreveu o Poeta *meudo* é o lat. *minutum*, de *minuére*, tornar menor, apequenar, aqui tornar freqüente. Ainda hoje se diz *amiudar* (*ameudar*) em lugar de repetir com pequenos intervalos: *amiudavam* os galos, i. é., os galos com freqüência cada vez maior, com menor intervalo de tempo, cantavam.

I - 92 (4) *pangaios sutis* — Aparece a palavra *pangaio*, nome de pequena embarcação a remos, nos mais antigos escritores, quer em narrativas da África, quer da Ásia. Mons. Dalgado acha que o vocábulo embora corrente em concani e outras línguas indianas é de origem africana. *Pangaio* tomou, em vários lugares de Portugal e no Brasil o significado de madraço, vadio. Uma canção carnavalesca do Rio de Janeiro dizia, em um de seus versos: "Eu vou virar pangaio", i. é., vou ficar vadio, madraço, vagabundo. // *Sutis*, leves. A forma restaurada foi *subtil*, mas o *b* já havia desaparecido nos tempos de Camões bem como em *sutileza*.

I - 93 (1) *Sòmente estriba no segundo engano* — É muito raro o emprêgo intransitivo de *estribar*. A forma comum é a pronominal *estribar-se*, apoiar-se, firmar-se, de *estribo*, apoio para os pés dos cavaleiros, do germ. * *striup* variante de *streup*. Temos outras derivadas: *estribeira, estribeiro, estribilho*. Esta última, indicando os versos que se repetiam entre uma cobra e outra, era o ponto de apoio para que de novo entrasse a melodia própria do cantor. Pela sua forma *estribilho* já se vê que a sua origem próxima é o castelhano.

I - 94 (1) *manda cometer pazes* — Repete o latinismo *pacem committere*.

I - 94 (2) *inica terra* — O grupo *qu*, em palavras latinas, era grafado no português arcaico e clássico *co*: *inico* (*iniquus*), *longinco* (*longinquus*), *propinco* (*propinquus*), etc. Mais tarde, em época posterior a Camões, pela moda de aproximar, o mais possível, as palavras portuguesas das latinas, apareceram as grafias *iníquo, longínquo, grandíloquo*, continuando, porém, com a mesma pronúncia de *inico, longinco*, etc. Mas, o hábito gráfico terminou por influir na fonética e o grupo *quo* passou a ter o *u* sonoro, com valor próprio. Algumas palavras, contudo, apresentam ainda agora vacilações de pronúncia como *líquido, liquidar, liquidação, inquérito, inquirir*, que uns dizem *likido, likidar* e outros *liqüido, liqüidar*, etc.; *inkérito* e *inqüérito*. Deu-se o mesmo com o grupo *gui*: *antigüidade, antighidade; distingüir, distinghir*. A tendência é a de uniformizar-se todas estas variantes e só o tempo poderá fazê-lo.

I - 95 (1) *Foi dele alegremente agasalhado* — Foi bem acolhido pelo Capitão. Houve mudança de sujeito e de voz que passou da ativa (O Capitão, recebendo o piloto...) para a passiva (foi dele alegremente agasalhado). No c. VI-14 faz Camões a mesma mudança de sujeito. Condena-se tal processo gramatical que gera confusões e ambigüidades.

I - 95 (2) *E respondendo ao mensageiro, a tento, / As velas manda dar ao largo vento* — É a lição da edição "princeps". O texto publicado pelo Morgado de Matheus traz outra lição: *E respondendo ao mensageiro, atento / às velas manda dar ao largo vento*. Esta lição deixa sem complemento direto o verbo *dar* e põe

*velas* como dependendo de *atento*. A tradução latina de Frei Agostinho de Macedo seguiu a "princeps": "*Nuntius inde domum referens mandata remissus / Providus ille jubet celeri dare lintea vento*". A expressão *a tento* foi traduzida por *providus*, cuidadoso, que a tudo provê a hora e a tempo. Aqui, porém, não se trata do adjetivo *atento* e sim da expressão adverbial *a tento*, cuidadosamente e, desta forma, podemos interpretar a passagem como sendo: "E respondendo ao mensageiro, cuidadosamente, com precauções, dá ordem de partir". *Velas* é o objeto direto de *dar*. Outro problema aparece com a palavra *mensageiro*. Pela conservação da nasal *n* se vê que o termo foi refeito porque, de regra geral era que o grupo *ns* do latim perdesse, ao passar para o português, a nasal: *mensa* = *mesa; pensum* = *peso; mense* = *mês; ansa* = *asa*. Assim *mensagem, mensageiro* tiveram, primitivamente, as formas *message, messageiro*. O tema fundamental é *mens*, mente, pensamento, aquilo que a pessoa quer comunicar a outrem.

I-96 (1) *Anfitrite* — Era filha de Nereu e de Dória, mulher de Netuno. Por metonímia significava o próprio mar como se lê em Ovidio (Metam. 14): "nec brachia longo margine porrexerat Amphitrite". *Anfitrite* recusou-se a casar-se com Netuno e escondeu-se numa caverna marinha onde a encontrou um delfim, mensageiro do deus do oceano. Este a convenceu a aceitar o amor de Netuno. O filho de Anfitrite e Netuno foi *Tristão* ao qual se seguiram muitas e numerosas ninfas marinhas.

I-98 (1) *Sinon* — Personagem da guerra de Tróia, sinônimo de traidor, pois deixando-se aprisionar pelos troianos para ser levado à presença de Priamo, com tal arte falou que o rei, convencido de que o cavalo de pau era apenas um presente votivo, oferecido pelos gregos, mandou que fosse introduzido na cidade. // *Frigios* representam, neste verso, os troianos.

I-98 (2) *assento* — Solo, território, chão, mas também alicerces, fundamentos.

I-98 (3) *lhe rogava que o leve à terra...* — Deveria ser: *lhe rogava que o levasse à terra.*

I-99 (1) O pensamento de Camões não está muito claro nos dois primeiros versos desta estrofe. Quer dizer: O falso Mouro determina (fazer) o mesmo que o seguro Cristão lhe manda e pede. O pron. *que* do segundo verso tem como antecedente *O mesmo* do primeiro verso: *O mesmo que*.

I-99 (2) *Que a ilha* — Porque a ilha é possuida da *malina* gente — A gutural *g* de *maligna, benigna, digna*, não sendo pronunciada, não era escrita pelos clássicos. No apogeu do Renascimento, foi restaurada a gutural e passaram a escrever *maligna, benigna, digna* sem, contudo, pronunciarem tal som. A pronúncia continuou sendo a mesma: *malina, benina*, etc. A persistência da grafia acabou por criar a pronúncia atual em que fazemos soar a gutural *g*. Entre o povo do Brasil *malino, malina* continua a ser assim prolatada. É muito comum a expressão *espirito malino*, o diabo. Em Camões já se encontra *benignidade* no c. I-9.

I-99 (3) *Mahamede* — Escreve o Poeta *Mafamede:* c. III-113; c. IV-48; c. VIII-19 e 47; *Mahamede:* c. I-99; c. I-102; c. II-50; *Mahoma* — c. VII-17; *Mafoma* — c. II-108. O *h* aspirado do árabe é representado, de preferência, por *f* em português e, assim, as formas *Mafamede, Mafoma* são mais conformes à fonética do que *Mahamede, Mahoma*. No "Esmeraldo de Situ Orbis" de Pacheco, encontramos *Macoma, macometas*, tendo-se o *h* aspirado guturalizado em *c*.

I-99 (4) *muito excede à Moçambique* — Usa Camões de *exceder* com duas regências: relativa, como neste passo, e transitiva direta como no c. I-11: "Que *excedem as sonhadas, fabulosas*", etc. Aparece o nome da ilha *Quíloa*, proparoxítona e não *Quiloa* como erradamente dizem. Veja-se c. I-54.

I-100 (1) *leda* — Alegre, do lat. *laetus, laeta*. É um dos adjetivos preferidos pelo Poeta.

I-100 (2) *Citera* — *Vênus*. Veja c. I-34.

I-100 (3) *Se perca* — Perco e o subjuntivo *perca* não procedem de *perdo*, lat. *pérdere*, mas de *pérdico*, de *perdicare*, freqüentativo do primeiro.

I-100 (4) *contrairos* — Forma antiga do lat. *contrarius*, com hipértese do *i*, como em *operairo, breviairo, oratoiro, lavatoiro, cossairo* que depois passaram a conformar-se diretamente com o latim *operário, breviário, oratório, lavatório, corsário*. Note-se que de *operairo* tivemos *obreiro*.

I-101 (1) *cuja gente eram Cristãos* — Concordância do predicado (*eram*) com o completivo predicativo (*cristãos*) e não com o sujeito próprio (*gente*). Ainda é possivel outra explicação, fazendo a concordância do predicado com a idéia plural do coletivo *gente* como já tantas vezes temos anotado nestes comentários. Quando o completivo é singular e o sujeito plural, caso, portanto, inteiramente ao contrário do que estamos comentando, pode-se dar a mesma atração sintática, indo o verbo para o singular. Vejamos alguns exemplos confirmadores: "As fábulas da gentilidade *era* a sua *teologia*" (Bern. — N. Flor. I-269). "Esses que riram de Cristóvão Pacheco *é* a *vilanagem*" (Camilo — Anos de Prosa — 75) — "As lágrimas *era* um *rio*" (Garrett — Romanceiro — Conde Yanno) — "As rédeas por que se governavam, *era* o *impeto* do espirito..." (Vieira — I-4) — Vê-se por estes exemplos que o completivo predicativo pode exercer sua influência, atraindo para si a concordância do verbo: se o completivo for plural e o sujeito singular (primeiro caso), irá o verbo para o plural; se o completivo for singular e o sujeito plural (segundo caso) irá o verbo para o singular. Baseado nisto pode-se dizer: "Os Estados Unidos do Brasil é um grande *pais*". "Dois mil cruzeiros *é cousa* de nada." Rodrigues Lobo escreveu: "Migalhas também *é pão*. As uvas é bom *alimento*". Veja o assunto na "Gramática Normativa", pág. 356.



I-102 (1) *O Capitão que em tudo o Mouro cria* — Temos o verbo *crer* com objeto direto: *cria o Mouro*. Vieira usou da mesma regência: "...que eles chamam Religião, na qual só *se crê o interesse* (5.ª Dom. da Quaresma). Vieira empregou "na qual só *se crê o interesse*" — apassivação pessoal e esta apassivação pessoal só é possivel com verbos transitivos, de objeto direto. Outro exemplo do mesmo orador: "...se *o cremos* a ele... não *o credes* a ele" (Ibidem). Pode o verbo *crer* apresentar outras regências indiretas: *crer em, crer a*. No sermão citado emprega Vieira todas estas regências: "...e eles, *crendo em Deus*... não *creram a Deus*. Pois homens, que *crêem em Deus*, e não *crêem a Deus*, desça o mesmo Deus ao Inferno a confundi-los".

I-103 (1) *dividia* = separava a ilha da terra firme e não dividia a ilha em várias partes. Quem não se recorda de César: "Gallos ab Aquitanis Garumna flumen, a Belgis Matrona et Sequana *dividit?*"

Do participio passado de *dividere, divisus, divisa*, procede *divisa*, em português, justamente a palavra pela qual indicamos os extremos que separam um território de outro.

I-103 (2) *na fronte do mar* — Hoje diriamos: *na frente do mar*. Ambas as formas são variantes do latim *frontem*. A passagem de *o* a *e* desde que seja precedido de vibrante, é comum em fonética histórica: *frontem / fronte / frente; columbra / colubra / culebra* em espanhol.

I-103 (3) *descobria* — Uso de *descobrir* intransitivamente, equivalendo a: *se descobria, se avistava, deixava ver.*

I-104 (1) *espera de poder ver* — O número de verbos construidos, na lingua clássica, com preposição *de* é muito grande: *esperar de, desejar de, começar de, principiar de*, etc. Na lingua atual desaparece a preposição *de: espera poder ver; desejo saber, começou, principiou a falar.*

I-104 (2) *recado* — Comunicação mais ou menos sigilosa, reservada, como diz o lat. *recatum*, sentido que melhor transparece nos modernos *recato, recatado*.

I-104 (3) *que já sabia a gente que era* — Construção antiga por "*que já sabia que gente era*". Em outros autores ainda encontramos: "*que já sabia que gente que era*".

I-105 (1) *Mas debaxo* — É a forma corrente em Camões como ainda a pronuncia o povo, reduzindo o ditongo *ai* a simples vogal *a: baxo, caxa*. Dá-se o mesmo com os demais ditongos: *pexe, fexe, robo, ropa, intere, estóra*. Esta é a pronúncia não só do povo, mas da maioria dos que passaram pelas escolas. As formas plenas: *peixe, feixe, roubo, roupa, inteire, estoura* são para a lingua escrita e não para a falada. No castelhano, tal monotongação é regra normal e pensamos que, dentro de algum tempo, se a lingua escrita, literária, quiser acercar-se da lingua viva, deverá, como a castelhana, monotongar todos estes ditongos. Por enquanto tal tendência popular é combatida pela gramática e tida como errada. Todos os erros, contudo, passam depois a acertos.

I-105 (2) *aonde* — Nos clássicos e até nos românticos vive muito baralhado o uso dos advérbios *onde, aonde, donde*. Não prestavam atenção ao verbo e empregavam *aonde* com verbo estático, tal o exemplo de Camões. Usavam de *onde* com verbos de movimento, de aproximativo como escreveu Garrett: "*Onde* levas tuas águas, Tejo aurifero, / *onde*, a que mares?" (Camões) — E Bernardes: "Mas dizei-me, Padre: os que não alcançam este fim e este bem, que lhes sucede ou *adonde ficam?*" (Pão Partido — 28). Não diz o povo igualmente que Bernardes: "*Adonde* está o meu chapéu?" Veja "Gramática Normativa", pág. 393.

I-106 (1) Toda esta estrofe é famosa, verdadeiramente bela, digno remate de um canto épico.

I-106 (2) *a morte apercebida* — Preparada para nós.

I-106 (3) *Contra um bicho da terra tão pequeno* — O homem. Exata definição do ser humano em toda a sua pequenez e fragilidade. Gostou Camões desta expressão, repetindo-a na canção "Junto de um seco...": "...potentes e indignados / contra um corpo terreno, / *bicho da terra vil e tão pequeno*". Como bem notou Epifânio, aqui está o pensamento do salmista: "Ego autem *vermis* et non *homo*" (Ps. XXI-7).

## Canto Segundo

II-1 (1) *o lúcido planeta* — O sol. Usavam os clássicos e arcaicos *praneta* e no poema encontra-se *púbrico, pranta, frecha, frauta*, etc. Houve sempre na lingua a alternância consonantal *l/r*, que já se encontra no próprio Indo-europeu. Algumas palavras guardam ainda esta alternância, sendo corretas ambas as formas de *frauta, flauta; frecha, frecheiro, flecha, flecheiro; froco, floco; nebrina, neblina; crina, clina*, etc. Não se trata, como erradamente se vem ensinando, de rotacismo. Este fenômeno, como tantas vezes temos explicado, só se verificou no latim pré-arcaico, passando o *s* intervocálico a *r* como *rosis* e depois *roris; labos, labosis* e depois *labor, laboris*, etc. Nas linguas românicas o que existe é a alternância consonantal que se representa por *l/r*.

II - 1 (2) *Chegava* — O verbo, *chegar*, do lat. *plicare*, procede da linguagem náutica, onde se dizia: *plicare vela*, dobrar as velas, sinal certo de que estava finda a viagem. // *Meta* — objetivo final, escopo, do lat. *meta*, propriamente cone, pirâmide, pequena peça de madeira que se colocava no ponto final da pista, indicando o limite da carreira. Existe a forma *meda*, *meda* de trigo, feixe, amontoado de espigas de trigo, de milho, terminado em ponta, tomando a forma de um cone. Existe ainda *medão*, que, em lugar de parecer aumentativo de *meda*, é diminutivo, de um lat. * *metulum*, feito pelo modelo de *métula*, pirâmide, cone, feixe, meda pequena. O tema básico de *meta* é o do verbo *méttere*, segar, fazer a colheita.

II - 1 (3) *casa maritima* — Imagem tirada do sistema cosmográfico do tempo, da figura vulgar de que o sol, ao se por, penetrava no oceano, indo descansar de sua carreira: ia para a sua casa. Os astrônomos denominavam *casa* de um astro, de um planeta, o espaço por ele percorrido de um ponto a outro no zodíaco, entrando em conjunção com outro astro: a casa da Lua, a casa de Marte, etc.

II - 1 (4) *o Deus Noturno* — Érebo, *esposo* da Noite, o porteiro do Sol, que lhe abre a "casa maritima". Era filho do Caos, pai do Éter e do Dia. Foi metamorfoseado em rio e precipitado no Inferno em castigo de haver socorrido os Titãs.

II - 1 (5) *infidas gentes* — Falsas, que não merecem confiança. Latinismo camoniano, de *infidus, a, um*, formado de *in* + *fidus*.

II - 2 (1) *antre* — Esta é a forma corrente no tempo arcaico e primeiros clássicos da língua. Leite de Vasconcelos explica *antre* de *entre* por influência de *ante, antes*. Carolina de Michaëlis atribui a influência francesa dos primeiros que vieram com Henrique de Borgonha, corte, exército e colonizadores, pois, não é só *antre*, mas também *Anrique, resplandor* que apresentam a passagem de *en* a *an*.

II - 2 (2) *salsa via* — O caminho marítimo. Já diziam os latinos: *salsum mare, salsae undae, salsae lacrimae*, etc. É o part. pas. irreg. de *salire*, salgar.

II - 2 (3) *O rei que manda esta ilha* — Que governa esta ilha. No moderno português só se usa *mandar em: O rei que manda nesta ilha*. *Mandar* com simples objeto direto passou a sinônimo de enviar, de dar ordens.

II - 2 (3) *Alvoroçado* — Excitado, agitado, alegrado em extremo. De *alvoroçar* e este de *alvoroto, alboroto*, do ár. *al-boroz*, gritaria.

II - 2 (4) *Reformar-te* — Reaparelhar a esquadra, sortindo-a de tudo o que era necessário. Tomou o Poeta o comandante, o capitão pela esquadra toda por ele comandada.

II - 3 (1) *cousa nomeada* — Cousa famosa, cujo nome se tornou conhecido. Convém recordar o galicismo que anda muito em voga: *renomado*. Em português temos apenas *nomear, nomeado*, no sentido em que acima usou Camões. Mas *renomar* não nos pertence, mera tradução do fr. *renommé*.

II - 3 (2) *Entres a barra, tu com toda armada* — O verbo *entrar* pode ser transitivo, tal qual empregou o Poeta, ou também relativo: *entrar em*, (*entrar na barra*) e *entrar a* (*entrar à barra*). Concorrendo aqui duas pessoas: *tu* e *ela* (a armada), levou Camões apenas em conta a segunda pessoa do singular e não como ensinam, geralmente, as gramáticas, a segunda do plural, prevalecendo a 2.ª pessoa, mas no plural. Confirma ainda este verso o que já foi lembrado em outro comentário: quando os sujeitos estão ligados por *com*, pode-se fazer a concordância verbal unicamente com o principal deles, como aqui praticou Camões, ou então, com ambos, levando o verbo ao plural. Ambas as formas são corretas.

II - 4 (1) *vás* = *vais*, forma arcaica, com perda da vogal subjuntiva do ditongo: *vais*, do lat. *vadis*.

II - 4 (2) *produze* — Esta é a forma que se encontra na edição "princeps" e não *produz* como aparece nas edições modernizadas. Na língua arcaica e começo da clássica os verbos em *uzir* não sofriam apócope na terceira do singular do pres. do indicativo: *produze, conduze, introduze, luze*. Logo depois passou a dar-se a apócope que se estendeu a outros verbos como *quer* por *quere*, *perdon* por *perdone*, *praz* por *praze*, *val* por *vale*. Houve um movimento de volta ao passado que triunfou em *perdone* que passou a *perdoe*, *val* que passou a *vale*. Mas continuamos com as formas apocopadas *luz, reluz, conduz, produz, quer*. Com os vários acordos e desacordos ortográficos entre Brasil e Portugal, terminou outro movimento iniciado neste último país para que se dissesse *quere, requere*. A grande repulsa do Brasil e do próprio Portugal acabou com tal quimera, fruto do pedantismo dos reformadores. Toda esta série de apócopes está baseada na lei fonética: quando a vogal *e* está precedida de consoante que pode formar sílaba com outra vogal que a preceda, haverá apócope. Exs.: *sole* (*sol*), *sale* (*sal*), *mense* (*mês*), *pace* (*paz*), *voce* (*voz*), *luce* (*luz*), *quere* (*quer*), *requere* (*requer*), *vale* (*val*), etc.

II - 4 (3) *Canela, cravo, ardente especiaria* — Aparece a palavra coletiva *especiaria* e depois duas das mais apreciadas de suas componentes: *canela, cravo*. *Canela* é o diminutivo de *cana*; *cravo* é o lat. *clavus* com a alternância *r/l*, nome dado pela forma semelhante à de um *clavus*; temos outra divergente *chavo*, correspondente ao moderno *prego* e que vive ainda no provérbio: Não vale um *chavo*, isto é, não vale um prego.

II - 4 (4) *Com que faças o fim a teu desejo* — Com que ponhas fim a teu desejo, com que satisfaças o teu desejo. Foram abundantíssimas na língua arcaica e clássica as expressões verbais compostas de *fazer*: *fazer gente*, no sentido de *reunir pessoas*, aliciá-las ("Já tinha feito muitas gentes para entrar em Portugal" — Duarte Nunes — D. João I — cap. 50, pág. 204) — *Fazer armada* — ("Tendo feito uma grande armada de vinte naus" — Idem. Chron. del-rey D. Affonso V — cap. 28, pág. 228) — *Fazer bênçãos* = deitar bênçãos, abençoar. ("Escreveu ao bispo da cidade que ao outro dia estivesse prestes para lhe fazer as bençães" — Idem — ibidem) — *Fazer absolvição* por absolver. *Fazer raízes* por deitar raízes, aprofundar-se. *Fazer armas*, duelar. *Fazer cavalo* por ensinar cavalos. *Fazer verdade* — por dar testemunho da verdade. *Fazer vingança*. *Fazer fé*. *Fazer revezes*, por sofrer reveses. *Fazer fazenda* por negociar. *Fazer obediência* por obedecer. *Fazer obrigações*, contrair obrigações, deveres. *Fazer fim* como se encontra no verso em comentários. Vejam-se ainda outros modismos na "Réplica" de Rui Barbosa, sob o n.º 306. Veremos em outro lugar deste poema que usava Camões de *fazer fazer*. Se muitas destas expressões já saíram do uso, outras foram introduzidas como: *fazer fita, fazer o serviço militar, fazer música, fazer uma queda, um tombo*, de evidente importação francesa. Na cidade de S. Paulo, por influências da língua italiana, existem: *fazer o soldado, fazer o sapateiro, fazer um sonho*, italianismos que a boa sintaxe portuguesa não aceita.



II - 5 (1) *Não entra pera dentro* — O pleonasmo é comum nos clássicos. Há muito preconceito nas escolas secundárias contra o pleonasmo. Trata-se apenas de um reforço vocabular para que a idéia, assim repetida, se esclareça completamente. Vieira escreveu: "...para que os representantes não tivessem o trabalho nem a despesa nem a dilação de *entrarem dentro*" (Serm. da 3.ª dom. da Quaresma) — E Arrais: "O qual em Arcádia cultivava uma pequena herdade e nunca *saira fora* de seus limites" (Diáls. — 40).

II - 5 (2) *como a luz mostrar por onde* — Raro emprego de *como* em função adverbial de *quando*, uso já perdido na língua portuguesa.

II - 6 (1) *Pergunta-lhe depois* — As edições portuguesas de "Os Lusíadas" ainda sob as influências do movimento que tentou restaurar a forma *preguntar*, trazem *Pregunta*, mas não assim a edição "princeps" bem como a de Epifânio da Silva Dias. *Perguntar* do lat. *percontari*, sondar o fundo do mar e depois sondar a intenção de outrem por meio de interrogações, é a única forma vigente no Brasil. De um que outro rústico se ouve *proguntar*. Nos autores clássicos encontramos ambas as formas *perguntar* e *preguntar*, esta com menos freqüência e foi esta freqüência cada vez menor que a fez desaparecer do uso. Diga-se o mesmo de *pergunta, pregunta*.

II - 6 (2) *a mais da gente* = *a maioria*. O advérbio *mais* está substantivado pelo artigo, tomando o gênero da palavra que lhe serve de complemento restritivo: a mais da gente, o mais do povo. Pode tomar ainda o número: *os mais dos homens, as mais das gentes*, ou então: *o mais dos homens, a mais das mulheres*. A concordância do artigo é obrigatória em gênero, livre quanto ao número. Exs.: "Ao grande Alexandre, já vencedor de Dario... saíram ao encontro quase oitocentos homens, *os mais deles velhos*, aos quais os antepassados reis da Pérsia tinham torpemente mutilado os narizes e lábios" (Bernardes — N. Flor. I-47) "Não excede o peso do casamento nossas forças, falta-lhes *as mais das vezes* a nossa prudência" (F. M. de Melo — Carta de Guia dos Casados).

II - 6 (3) *Por onde* = *pelo que*. Não se trata de advérbio de lugar, mas relativo, uso que já se encontra no lat. vulg. com *unde*.

II - 6 (4) *Se fia da infiel e falsa gente* — Há, primeiro, oposição de sentido, de significado, entre *fia* e *infiel*; há, segundo, aliteração: *fia, infiel, falsa*.

II - 7 (1) *Porque* — Conjunção final = *para que*. Assim são as demais dos versos seguintes: *porque notem, porque vejam*.

II - 7 (2) *dous* — É a forma preferida por Camões e não *dois* como trazem as modernas edições portuguêsas. *Dous* como *cousa* apresentam a natural evolução do latim *duos* e *causa*; as variantes *dois, coisa* são efeitos de analogia com outras palavras como *louro, loiro, ouro, oiro*.

II - 8 (1) *nefanda* — Latinismo, uso do gerundivo: que não deve ser falado, contado, nomeado e, por extensão de significado, horrível. Lat. *nefandus, nefanda*, de *ne* (*nec*) + *fandus, fanda*, de *fari*, falar, narrar, contar.

II - 8 (2) *gestos ledos* — Fisionomias sorridentes, rostos alegres.

II - 9 (1) *E despois* — É a forma corrente em Camões, forma arcaica, viva ainda em castelhano *después*, do lat. *de* + *ex* + *pos*(*t*). O povo rústico do Brasil como o de Espanha, não pronuncia a final sibilante, dizendo: *despoi*. As modernas edições portuguesas, pouco fiéis ao texto da edição "princeps", grafam sempre *depois*, como se Camões tivesse os mesmos hábitos fonéticos do nosso tempo.

II - 9 (2) *os Mouros se guardaram de lhe mostrarem* — Usa o Poeta do infinito pessoal (*mostrarem*) quando deveria ter usado o modo impessoal (*mostrar*). São muito freqüentes nos melhores autores clássicos tais infinitos pessoais: "Eles *eram* bastantes para *se porem* em defesa..." (Duarte N. de Leão) — "Já sabemos que és nascido para *nos alegrares* e *espojares* com o riso" (Bernardes) — Em outro lugar, o próprio Camões escreveu: "Não te *espantes* de Baco nos teus reinos *receberes*". Veja ainda c. IV - 104; c. II-89. Vieira escreveu: "...dirão que... nos *trouxestes* a este deserto para aqui *nos tirardes* a vida e *nos sepultares*" (Serm. pelo feliz sucesso das armas de Portugal). No caso do infinito, como elemento que é de estilística, só há uma regra certa: a clareza do pensamento. Sempre que a forma pessoal concorrer para esclarecer a idéia do autor, pode ser usada, vá ou não contra as artificiosas regras das gramáticas.

II - 10 (1) *mocidade perpétua* — Baco é sempre representado jovem, imberbe.

II - 10 (2) *duas mães* — Semele e a coxa de Júpiter. Veja c. I-83.

II - 11 (1) *Pombinha* — É costume do catolicismo representar o Espírito Santo em forma de pomba, a ave sem malícia na opinião dos antigos, ave sem fel como então se dizia.

II - 11 (1) *debuxada* — Desenhada. *Debuxar* é forma de *de* + *buxo* + *ar*. *Buxo* do lat. *buxus* é o arbusto bem conhecido nas línguas românicas. Significou, primeiro, limpar, polir com buxo; depois, fazer figuras com a madeira do buxo e, finalmente, desenhar, pintar.

II - 11 (2) *Fênix* — Ave fabulosa que renascia das próprias cinzas, purificada, sempre jovem. Camões compara à Fênix a Virgem Maria, costume do Renascimento que procurava dar às figuras do maravilhoso pagão uma correspondente do maravilhoso cristão. Veja c. II-12 (2) *Pancaia*.

II - 11 (3) *Dos doze* — Dos doze apóstolos.

II - 11 (4) (5) *as linguas que cairam* — *várias linguas referiram* — Referências ao milagre de Pentecostes, das doze linguas de fogo sob cuja forma baixou o Espírito Santo sobre os apóstolos e lhes permitiram falar várias linguas estrangeiras que totalmente desconheciam antes do fato maravilhoso. Vieira discorre longamente sobre este milagre no sermão da Sexagésima: "Veio o Espírito Santo sobre os Apóstolos: e quando as linguas desciam do céu, cuidava eu que se lhes haviam de por na boca: mas elas foram-se por na cabeça. Pois por que na cabeça e não na boca, que é o lugar da lingua? Porque o que há de dizer o pregador, não lhe há de sair só da boca; há-lhe de sair pela boca mas da cabeça. O que sai só da boca, pára nos ouvidos: o que nasce do juizo penetra, e convence o entendimento. Ainda têm mais mistério estas linguas do Espírito Santo. Diz o texto que não se puseram todas as linguas sobre todos os Apóstolos, senão cada uma sobre cada um: *Apparuerunt dispertitae linguae tamquam ignis, seditque supra singulos eorum*, etc."

II - 12 (1) *giolhos* — Forma antiga e mais próxima do lat. *genuclum*, diminut. de *genus* / * *geulho* / *giolho*. Houve mais tarde metátese: *joelho*. Note-se o *quiasmo* aqui existente: *giolhos* que se opõem a *sentidos*; *terra* que contrapõe a *céu*:

giolhos terra
↘ ↗
↗ ↘
céu sentidos

Veja outro exemplo de *quiasmo* no c. I - 25.

II - 12 (2) *Pancaia* — do gr. *Pankhaia*, lat. *Panchaia*, região fabulosa que uns dizem ser a Arábia, outros uma ilha do Mar Vermelho. Muito rica em metais preciosos, mas, sobretudo, em perfumes, incenso. Nessa Pancaia vivia a Fênix que se alimentava da resina do incenso. Depois de viver muitos anos, morria entre os aromas exalados pelos ramos do incenso. Com eles fazia uma fogueira em cujas labaredas se queimava, renascendo imediatamente. Veja "Lexicon Totius Latinitatis, tomo VI — *Onomasticon* — auctore Josepho Perin".

II - 12 (3) *Tioneu* — Outro nome de Baco, filho de Semele que se chamou também *Tione*.

II - 13 (1) *Da moça de Titão a roxa fronte* — Apesar de assim não estar no texto fac-similado de J. M. Rodrigues e de ter Epifânio da Silva Dias adotado a mesma lição, achamos que seria muito mais claro o pensamento do Poeta se, em lugar de seguir a alteração já feita em edições bem antigas, como a de Juromenha, a do Morgado de Matheus, trocando a preposição *na* (*Na moça de Titão a roxa fronte*) por *da* (*Da moça de Titão a roxa fronte*). A explicação dada por Epifânio é lacônica, absolutamente conjetural, inadmissível. Vê-se pelo contexto: "A roxa fronte da moça de Titão apareceu no rúbido horizonte", isto é, a fronte da Aurora apareceu no horizonte. Tal pensamento ficaria obscuro segundo a lição de Epifânio: "A roxa fronte *na moça* de Titão apareceu *no rúbido horizonte*". Esta moça de Titão, segundo foi dito, é a Aurora, filha de Hiperião e de Téia, irmã do Sol e da Lua. Era ela quem atrelava os cavalos ao carro do Sol, mas antes que este se pusesse em movimento, vinha ela no seu próprio carro, precedendo o do irmão. Camões diz muito bem: "A moça de Titão", a moça, isto é, a amante como ainda hoje se diz no Brasil. Não era casada com Titão: apaixonada por ele, ela que era a esposa de Perses, o arrebatou e dele teve dois filhos: Memnão, rei da Etiópia e Hermitião. Quando este morreu, Aurora chorou tanto que as suas lágrimas se transformaram no orvalho da manhã. Homero diz que os cavalos do carro da Aurora eram Lampos e Faetonte e pintou a deusa a abrir, com dedos cor-de-rosa, as barras do dia. Daqui nasceu a figura até hoje repetida pelos literatos: os dedos róseos da Aurora.

II - 14 (1) *A quem se o Rei mostrou sincero amigo* — Note-se a colocação do pron. *se* antes do próprio sujeito, colocação preferida pelos arcaicos e primeiros clássicos. Nesses períodos iniciais do português, esta era a regra geral: colocar o pronome oblíquo, não só antes do verbo, mas antes até do próprio sujeito desse verbo. A tendência seguinte foi a de colocar o pronome oblíquo depois do verbo de que era complemento e só nos casos excepcionais é que poderia antecedê-lo. Hoje diríamos: "A quem o rei se mostrou", etc.

II - 14 (2) *salso rio* — Não se trata de rio, mas de canal que separa a ilha do continente. Dá-lhe Camões o nome de *rio* como deram os portugueses o mesmo nome à baía de Guanabara (*Rio de Janeiro*) e aqui com mais acentuado engano porque a capital do Brasil está no continente e não em ilha. // *Salso*, salgado, no sentido latino já explicado no c. II - 2 (2) — *salsa via*.



II - 15 (1) *Sacras aras* — Toma-se, em geral, *ara* por *altar*, isto é, a parte principal pelo todo. Rigorosamente falando, *ara* é a pedra dentro da qual há sempre uma relíquia que se encontra no meio da mesa do altar e sobre a qual se celebra a missa. Representa a antiga pedra do sacrifício cruento dos pagãos e judeus. O *altar* é todo o conjunto, a parte que se levanta sobre a mesa onde está a *ara*. Isto se vê pela formação da palavra *altar*, do mesmo tema de *altus*. *Ara* é o latim *ara* de um antigo osco-úmbrio *asa*. Houve, portanto, rotacismo. Já entre os pagãos havia distinção entre *ara* e *altar*: este era reservado aos deuses supremos; *ara* era dos deuses da terra; aos deuses inferiores ou do Inferno reservavam o *focus*, o fogo. Assim explica Servius: "Varro dis superis altaria, terrestribus ara, inferis focos dicari adfirmat" (apud Meillet e Ernout — Diction. de la langue latine).

II - 16 (1) *crem* — Camões e os clássicos não faziam distinção entre a 3.ª do singular e a do plural, escrevendo sempre, *tem*, *vem*. Esta distinção é muito moderna. Se os clássicos não distinguiam graficamente essas pessoas é porque as pronunciavam sempre do mesmo modo. Alguns, erradamente escrevem *creem* como se houvesse um singular *crem* assim como há *tem* e *teem*, *vem* e *veem*. O latim vulg. *credent* por *credunt*, dá fundamento ao plural *crem*; mas o singular *credet* por *credit* dá-nos unicamente *crê*. Já em *tenere* temos: *tenet* (*têm*) e *tenent* (*têm*), não achamos rigorosamente corretas as grafias *teem*, *veem* por *têm*, *vêm*: os dois ee se fundem por crase.

II - 17 (1) *como vissem* = *quando vissem*.

II - 17 (2) *Nêles se subissem* — Notemos a forma pronominal de *subir-se* contemporânea de *dormir-se*, *viver-se* já desaparecidas do uso moderno. Notemos depois a regência de *subir em*: *subir na árvore, no bonde, no avião, no trem*; e *subir a: a árvore, ao bonde, ao avião, ao trem*. Ambas as regências são corretas. Prefere-se, no Brasil, a regência *subir em*.

II - 17 (3) *treição* — Bem como *treidor*, *treidoria* pela possibilidade do ditongo *ai* passar a *ei*: *traditorem* / *traidor* / *treidor*.

II - 17 (4) *de todo* = completamente. Alguns visionários puristas dão como galicismo esta expressão adverbial, exigindo que se diga: completamente, absolutamente, totalmente. O uso de Camões dirime tais escrúpulos.

II - 18 (1) *náutica grita* — A *celeuma*, a gritaria que costumavam fazer os marinheiros. *Grita* está por *gritaria*, em sentido coletivo.

II - 18 (2) *barra abalisada* — Marcada com *balisas*, hoje, *bóias* que indicam a passagem segura sem perigo de encalharem os navios.

II - 18 (3) *Ericina* — Título de Vênus, cujo templo se encontrava no monte *Érix*, na Sicília.

II - 19 (1) *filhas de Nereu* — As nereidas — Veja c. I - 31-96.

II - 19 (2) *no salgado mar nasceu* — Vênus Anfitrite nascera das ondas. Veja c. I - 34.

II - 19 (3) *que a armada não chegasse* — Na linguagem clássica, depois dos verbos proibir, impedir se seguia sempre a negação: *proibo que não faça isso; impediu-me que não dissesse*, etc. O português moderno dispensa a negativa: *proibo que faça isso; — impediu-me que dissesse*.

II - 20 (1) *argênteas caudas* — As nereidas como as sereias eram metade corpo humano, metade peixe.

II - 20 (2) *Cloto* — Devia ser *Doto*, uma das nereidas como se lê em Vergílio: "Qualis Nereia Doto / et Galatea secant spumantem pectore pontum" (Aen. IX - 102-103) — Diz Epifânio que o erro não foi de Camões, mas de uma edição da Eneida, corrente nessa época, em que vinha *Cloto* por *Doto*. O nome está realmente errado, pois, *Cloto*, gr. *Klothô* era uma das Parcas, filhas de Érebo e da Noite, sendo as outras duas *Átropos* e *Láquesis*. *Doto*, a ninfa marinha, era filha de Nereu e de Dóris, tida como a predileta, dos pais e a que presidia e comandava as demais nereidas em número de cinqüenta e duas.

II - 20 (3) *Nise* — Era a ninfa a quem Júpiter entregou Baco para ser criado. Em recompensa, Nise e as companheiras foram transformadas em estrelas, as *Híades*. Diz Epifânio que *Nise* é uma invenção de Camões, o que não é verdade. Já se encontrava tal nome na literatura clássica. *Nerine* é nome derivado de *Nereu*, o pai das ninfas. Encontra-se em latim a palavra *Nisus*, do grego *Nisos*, de gênero masculino, nome de uma cidade. Muitos identificam-na com Mégara, outros com outra cidade da Mesopotâmia, nas proximidades da atual *Orkeneb*. (*Forcel*. vol. VI).

II - 21 (1) *Nos ombros* — A grafia tradicional *hombro* foi corrigida em *ombro* pela moderna, tomando por base o lat. *umerum* que, na opinião dos reformadores, vinha errado no próprio latim onde devia ser *umerum*. Não é, porém, esta palavra que nos preocupa e sim *hombrear* que muitos vão escrevendo *ombrear* por pensarem que proceda de *ombro*. Veio-nos do espanhol *hombrear* de *hombre*, ter atitudes masculinas, valentes, ser tanto homem como outro qualquer, etc. É necessário, portanto, corrigir o erro de *ombrear* e restabelecer a verdadeira grafia *hombrear*, de *hombre*. // *Tritão*, filho de Netuno e de Salácia, ou segundo outros de Netuno e Anfitrite. Era o mensageiro de Netuno assim como o era Mercúrio de Júpiter. Tinha

a metade do corpo humana e metade peixe. Os poetas antigos admitiam vários Tritões e por isto escreveu Camões: *um Tritão* e não simplesmente *Tritão*.

II - 21 (2) *Dione* — É uma das entidades mais complicadas da mitologia grega: para uns era uma ninfa, filha de Tétios, ou de Éter e da Terra; para outros era filha de Júpiter e Vênus ou ainda simplesmente uma das sete Hiades. Para outros Dione era a própria Vênus de quem procedia Enéias e por isto chamado por Vergílio *Dioneius*. Pelo contexto, Camões considera *Dione* como a própria Vênus, a protetora dos portugueses.

II - 21 (3) *o vento teso* — Transferiu o Poeta o adjetivo *teso* que convém a *velas* ao *vento* que torna tais velas *tesas*, esticadas. Lat. *tensus*, de *téndere*, esticar.

II - 22 (1) *em direito* — Diretamente contra, na direção oposta para impedir que a nau principal avance.

II - 22 (2) *capitaina* — A nau-chefe onde vai o capitão, o comandante. Hoje dizemos *capitânea* segundo a derivação de *capitaneus*, *capitanea*, derivado de *caput*, *capitis*, *cabeça*, aqui *chefe*.

II - 22 (3) *Para detrás* — Diz-se atualmente *para trás*. Mas diz-se ainda agora: *por detrás*, do lat. *de + trans*. Veja c. I - 40 verso 3.º.

II - 22 (4) *levando-a estavam:* na ordem direta: *estavam levando-a*. Na conjugação perifrástica de auxiliar + gerúndio, a moderna colocação pronominal manda que o pron. oblíquo venha antes ou depois do auxiliar e não depois do gerúndio. Há, porém, muitos exemplos de pronome colocado após o gerúndio: "Vamos *fazendo-nos* velhos, meu amigo, os anos não passam debalde" (Reb. da Silva) — "A revolução, de movimento cívico, viera a pouco *transmudando-se* numa vastíssima emprêsa militar" (Lat. Coelho) — "Por estes e outros meios que o Senhor sabe, *vai comunicando-nos* o dom da castidade" (Bernardes) — Consulte-se "Gramática Normativa" — pág. 424.

II - 23 (1) *próvidas formigas* — Formigas providentes. Aqui está um dos adjetivos ou particípios que podem tomar duas acentuações: *próvido* no sentido acima explicado; *provido*, no de cheio de provisões, do que é necessário: *uma formiga próvida; um estabelecimento provido* de tudo o que necessário ter. Assim também com *válido* e *valido*.

II - 23 (2) *o fim nefando* — Veja c. II - 8.

II - 24 (1) *Torna pera detrás* — Há pleonasmo porque se *torna* há de ser para detrás. Quanto a *detrás* por *atrás*, veja c. II - 22.

II - 24 (2) *Mareiam velas* — Manobram, arrumam, orientam, mudam de posição as velas para melhor se valerem dos ventos. *Marear* vem de *mar* e João de Barros escreveu: "Na qual paragem eram tamanhos os frios, que não podiam os navegantes *marear* as velas" (Dec. II - 2 - cap. 7). — Outro significado de *marear* é navegar, ser marinheiro, donde *mareante* como aparece em Damião de Gois: "... deu pressa à armada... que era de treze naus, além dos *mareantes* foram mil e quinhentos soldados" (Crôn. de D. Man. III - cap. 57). — Outra significação é a de *enjoar* a bordo: ficar *mareado*. Nova significação: ter os olhos cheios de lágrimas: *olhos mareados*.

II - 25 (1) *celeuma* — A grita, a gritaria própria dos marinheiros. Lat. clás. *celeuma*, gr. *kéleusma*, canto ritmado com que o chefe dos remadores dirigia o trabalho. Vem de *keleuein*, ordenar, dar ordens. No lat. vulg. *clusma* do qual nos veio *chusma*, grupo de pessoas, multidão, quase sempre em sentido depreciativo. Ao lado de *celeusma* houve ainda *celeuma*, em latim, como em grego *kéleuma* variante de *kéleusma*. Assim se explica a forma que se encontra neste verso de Camões.

II - 25 (2) *No rudo marinheiro* — O singular pelo plural: *na ruda marinhagem, nos rudes marinheiros*.

II - 25 (3) *nesta pressa* — Nesta aflição, neste aperto. *Pressa* do lat. *pressus*, *pressa*, part. pas. de *prêmere*, premir.

II - 25 (4) *lhe* — Por *lhes* como era do tempo, sempre *lhe* invariável.

II - 25 (5) *Cuidam* — Pensam, cogitam, do lat. *cogitant*.

II - 26 (1) A redação desta estrofe é bastante obscura e confusa: Outros, saltando na água, alevantavam o mar *[e]* se acolhiam a nado, isto é, tratavam de refugiar-se em outro lugar, indo a nado, sem esperar pelas embarcações em que tinham vindo. Saltavam por uma e outra parte do navio (de um e de outro bordo) apressadamente (súbito) porque a isso os compelia o mêdo do que estavam vendo. Preferem arriscar a vida no mar a cair nas mãos inimigas. A conjunção *[e]* que colocamos entre colchetes, se a tivesse empregado Camões, evitaria tanta ambigüidade. Além desta redação confusa, outro defeito apresenta com a seqüência dos *ques* nos últimos três versos da estrofe.

II - 27 (1) *alagoa* — forma arcaica de *lagoa*, lat. *lacuna*, com *a* prostético. Vive ainda no nome do Estado Brasileiro: Estado das Alagoas.

II - 27 (2) A redação desta estrofe, como a precedente, é também confusa e ambígua. Refere-se o Poeta à lenda da transformação, em rãs, dos camponeses da Licia (licia gente) contada por Ovidio (Metamorf. VI - 317-318). Assim, depois de "no tempo antigo" deve haver vírgula e "licia gente" é um apôsto de *rãs:*

"Assi como, em selvática alagoa,
As rãs, no tempo antigo, Licia gente,
Se sentem porventura vir pessoa, etc."



II - 27 (3) *Daqui e dali saltando* — Afirma Epifânio da Silva Dias que o sujeito de *saltando* é *rãs*: *As rãs saltando* — o que não pode ser aceito, pois, não pode haver oração formada por gerúndio. Dá-lhe ainda o mesmo autor o nome de "participio absoluto", o que também não é admissível, havendo gerúndio e não particípio passado, condição essencial para haver particípio absoluto. O gerúndio indica sempre uma circunstância da oração ou do verbo de que depende. Tem toda razão o camonista J. M. Rodrigues em não aceitar este comentário de Epifânio, realmente, de todo descabido. Para J. M. Rodrigues, *saltando* liga-se ao verbo *aparecem*. Temos ainda a frase solta: o *charco soa*, — que não é mais do que uma reflexão do Poeta. Por isso a colocamos entre parênteses. O *charco soa*, quer dizer: *O charco retine, faz barulho*, com os saltos das rãs.

II - 27 (4) *Por fugir do perigo que se sente* — Do perigo que é sentido, pressentido.

II - 28 (1) *estava noto* — Estava conhecido. Latinismo: *notus*, part. pas. de *nóscere* — conhecer.

II - 28 (2) *água amara* — Água salgada e não amarga. Os sentidos: salgado, azedo, ácido, amargo aparecem em várias regiões. O latim *amarus* já tinha o significado de azedo, ácido e tomou depois o de amargo sob a influência de *amaricare*, *amargar*. A cereja italiana denominada *marasca* e de que se derivou *maraschino*, *marrasquino*, tomou tal nome pelo seu sabor ácido, azedo. No Estado de Santa Catarina, Brasil, não se diz *café amargo*, mas *café azedo*. Assim pôde Camões dizer da água do mar: *água amara*, salgada e não amarga.

II - 28 (3) *por não darem no penedo imoto* — O sujeito de *darem* é *portugueses* e não *mouros*. // *Imoto*: quêdo, fixo, do lat. *immotus*.

II - 28 (4) *Qualquer das outras* — Uma a uma, cada uma das naus. // *Amainam*: uso intransitivo do verbo *amainar*, que de seu geral é sempre transitivo: *amainar as velas*. Na carta de Pero Vaz Caminha lê-se: "pouso seguro pera as naus que *amainassem*". Diz-se comumente: A tempestade amainou, amainou o vento, etc. *Amainar* é pròpriamente *amansar*, tornar doméstico, como se vê no fr. antigo *amaisnier*, de * *amaisoner* onde se encontra *maison*, casa. Foram os italianos que levaram o verbo à linguagem marítima no sentido de diminuir a fôrça do vento, portanto, de amansá-lo, enrolando as velas.

II - 29 (1) *atentado* — Refletido, depois de ter dado tento à fuga dos mouros e do pilôto.

II - 29 (2) *bruta gente* — Gente estúpida, bronca. Bruto é o que não tem uso de razão como os irracionais. Como estes, porém, são, em geral, de grande tamanho e rudes, bruto passou a significar *grande*, *forte* (um bruto tapa, um bruto prato) e *estúpido*, *grosseiro*, sem educação. *Brutalidade*, derivado de *bruto*, diz bem como sinônimo de selvageria, violência física.

II - 29 (3) *sem braveza* — Sem violência, de *bravo*, *brabo*, violento, irascível, mas também valente, do lat. *barbarus*. Modernamente se faz pequena distinção entre *brabo*, aplicado aos animais ferozes, que podem atacar; aos homens de gênio irascível; e *bravo*, em sentido figurado, valente, que tem qualidades excepcionais como: *bravo orador*, *bravata*, valentia, gabolice, passando até à fórmula de aplausos: *bravo! bravíssimo!* A origem, porém, é a mesma.

II - 29 (4) *Havendo-o por milagre* — O pronome o é demonstrativo, referindo-se a tudo o que precede; // *por milagre*, como milagre, completivo objetivo de o.

II - 30 (1) *Caso grande* — Acontecimento, fato de grande importância. O povo diz *causo*.

II - 30 (2) *inopinado* — de *in + opinado*, inesperado, que não era esperado pela razão.

II - 30 (3) *Guarda Soberana* — A Divina Providência como aparece na estrofe imediata. Camões e o Gama, sendo católicos, expressam-se com termos da sua religião. Mas como ficou narrado nas estrofes anteriores, todo este milagre da imobilidade das naus, foi obra de Dione e das Nereidas. É este contínuo mesclar do maravilhoso pagão com o cristão que a muitos impressiona em "Os Lusíadas". Daqui não decorre que o Poeta aceitasse tais fábulas gentias: obedecia, apenas, aos preceitos da escola clássica que exigia, nas epopéias, a velha mitologia greco-romana.

II - 31 (1) (2) *Mas pois saber humano nem prudência não alcança* — Esta é a sintaxe clássica: colocar a negativa *nem* entre os nomes que modifica (saber humano *nem* prudência), seguindo-se outra negativa no final da frase (*não alcança*). Modernamente, repetimos a negativa *nem* antes de cada nome (*nem saber humano nem prudência*) e omitimos a negativa final (*nem saber humano nem prudência alcança*). Consulte-se a nossa "Formação Histórica da Língua Portuguesa" no capítulo das negativas.

II - 32 (1) *gente peregrina* — Gente que está fora, longe de sua pátria, em terra estranha. Lat. *peregrinus*, de *per* (através de) e *ager*, *agri*, campo, terra, pátria.

II - 32 (2) *Nalgum porto seguro de verdade conduzir-nos determina* — Note-se a regência usada por Camões: *conduzir nalgum pôrto seguro*, isto é, empregou a

prep. *em* com verbo de movimento. Hoje diríamos: *conduzir a algum porto seguro*. Êste uso de *em* com verbos de movimento é da sintaxe latina, passando às línguas românicas. Foi de largo emprego nos arcaicos e clássicos e vive na expressão corrente, cotidiana do Brasil, onde todos, letrados e não letrados, dizem: *ir na cidade, ir em casa, ir na igreja, ir no cinema*. Tal construção tem sido dada por muitos como brasileirismo, o que não é verdade: é sintaxe latina e foi do uso dos mais antigos escritores portuguêses. Veja em nosso livro: "Estudos de Filologia Portuguêsa" o capítulo dos "brasileirismos".

II - 32 (2) *de verdade* — Verdadeiro, realmente verdadeiro e não falso sob aparências de verdade. Êste complemento está modificando *porto seguro*, porto seguro realmente. Epifânio da Silva Dias acha que *de verdade* quer dizer: *porto onde haja verdade*, — interpretação absolutamente inadmissível.

II - 33 (1) *piadosas* — Esta é a forma arcaica e clássica e não mero êrro ortográfico, originária de *pietatem / piedade / piadade* por assimilação. Somente muito tardiamente foi que se restabeleceu a forma *piedade* diretamente do latim. Como *piadade, piadoso*, de *pietosus*, mas já aqui sob as influências de *piadade*. Como decorrência houve ainda *apiadar*, hoje, *apiedar*. Assim, a regra comum dos gramáticos: toda vez que o acento tônico recai na vogal e de *apiedar*, muda-se esta vogal em *a*, não está rigorosamente certa: as formas *apiado, apiadas, apiada, apiadam* e as do subjuntivo *apiade, apiades, apiade, apiadem*, historicamente, pertencem ao verbo *apiadar*. Não é a incidência do acento tônico sôbre a vogal e que a transforma em *a*, pois, nenhum acento tem tal poder, mas no presente do indicativo, do subjuntivo e segunda pessoa do imperativo ressurgem as formas do verbo clássico *apiadar*. Convém lembrar ainda que tal regra acima lembrada já não é observada pelo povo que diz sempre *eu me apiedo, tu te apiedas, ele se apieda*, etc. É uma tenacidade conservadora da gramática tal regra já em completo desacordo com o uso da língua. Deveria ser eliminada das gramáticas, passando-se o verbo *apiadar* para a gramática da língua arcaica ou histórica. O Prof. Said Ali teve a coragem de assim proceder, mas teve pela frente a gritaria de Mário Barreto e de outros que se sentiram quase ofendidos com a visão certa de Said Ali.

II - 33 (2) *fermosa* — Aqui temos outra forma arcaica e clássica, normal dentro da fonética e não mero erro ortográfico. O lat. *formosa* deu-nos a mesma forma em português, mas a seqüência de *o* produziu a dissimilação *fermosa*, como *redondo* de *rodondo* do lat. *rotundos*. Diga-se o mesmo de *fermosura*.

II - 33 (3) *saüdosas* — Conta aqui quatro sílabas como contava *saüdade*.

II - 33 (4) *estrelas* — Não foi o lat. *stella*, mas o diminutivo *sterulla* a fonte do nosso vocábulo: *sterulla / sterla / strela / estrela*.

II - 33 (5) *terceira Esfera* — O terceiro céu dos antigos cosmógrafos, governado por Vênus. Veja c. I - 21 (1).

II - 33 (6) *Padre* — Júpiter. Veja c. I - 21.

II - 34 (1) *como ia afrontada* — Cansada, exausta. Diz-se ainda hoje dos animais que se cansam por efeito de caminhadas excessivas: *animais afrontados*.

II - 34 (2) *E tudo quanto a via, namorava* — Uso de *namorar* intransitivamente. Despertar, causar amor. O uso mais comum é o transitivo, existindo ainda o relativo *namorar com*. Com a forma pronominal *enamorar-se* emprega-se a preposição *de*: *namorar com alguém, enamorar-se de alguém, namorar alguém*.

II - 34 (3) *onde faz seu filho o ninho* — O filho de Vênus é Cupido ou Amor e como as mais comuns manifestações do amor são externadas pelos olhos, diz o poeta que nos olhos de Vênus fez Cupido o seu ninho.

II - 34 (4) *Uns espíritos vivos inspirava* — A imagem camoniana não é muito justa: *espíritos* dos olhos, *sopros* dos olhos? Emanações, brilhos, reflexos tão cálidos que chegavam a aquecer os pólos gelados e a esfera fria.

II - 35 (1) *Troiano* — Páris, filho de Príamo, o raptor de Helena e motivador da famosa guerra de Tróia. Fora criado entre os pastores do monte Ida, na Troada. Escolhido por árbitro da disputa havida entre Vênus, Juno e Minerva, por saber qual delas era a mais formosa, foi por cada uma delas procurado. Cada qual procurou apresentar-se a Páris da maneira mais atraente possível e Vênus se lhe apresentou tal qual surgira das espumas do mar. A isto faz referência a passagem comentada.

II - 35 (2) *o caçador* — É Acteão que, casualmente, viu Diana tomando banho. Esta o castigou, transformando-o em veado, sendo dilacerado pelos seus próprios cães de caça.

II - 35 (3) *galgos* — Está esta palavra aqui por qualquer cão de caça, pois, sendo natural das Gálias, — *canis gallicus*, não poderia fazer parte da matilha de Acteão, na Grécia. Encontram-se nestes dois últimos versos *mataram, acabaram*, mais-que-perfeitos empregados pelo condicional *matariam, acabariam*, como ainda hoje se usa na língua literária.

II - 36 (1) *tetas* — Seios, do germ. *titta*.

II - 36 (2) *petrina* — O peito, lat. *pectorina*, de *pectus, pectoris*.

II - 36 (3) *Minino* — Ao lado de *menino*, este com dissimilação do primeiro *i* em *e*. Existe a variante arcaica e galega *meninho, meninha*:

"E nós *as meninhas* punhemos de andar", etc.



A forma arcaica e galega reproduz a castelhana *mi niño* da qual procede a camoniana *minino*, mas sem a palatização. Dentre as muitas hipóteses apresentadas para explicar a formação da palavra *menino*, esta nos parece a mais aceitável. Êste *minino* é Cupido. J. Corominas inverte os dados do problema, afirmando que foi o português *minino* que se passou à Espanha, à Catalunha, chegando até a Provença. Cita um possível * *meñin, meñino* que engloba na família celta que deu em francês *mignot*, o catalão *minyó*, o ital. *mignollo*, cujo significado é *pequeno, delicado, bonito*. Como fonte última afirma que tais palavras são criações da linguagem afetiva das mães no trato dos filhos pequeninos.

II - 36 (4) *colunas* — As pernas. Esta comparação das pernas a colunas marmóreas já se encontra, como nota Epifânio da Silva Dias, no "Cântico dos Cânticos" de Salomão: "*Crura* illius *columnae marmoreae* quae fundatae sunt super bases aureas".

II - 36 (5) *hera* — Conhecida trepadeira, do lat. *hédera*. Deve, portanto, ser escrita *hera* e não *era* como aparece nas edições feitas modernamente em Portugal.

II - 37 (1) *delgado cendal* — *Delgado*, do lat. *dedicatus*. // *Cendal* — tecido muito fino, fabricado no Oriente e na Europa. Discute-se a etimologia sem que se tenha chegado a um acordo. O gr. *sindon* que passou ao latim sob a mesma forma, se convém pela semântica, apresenta muitas dificuldades fonéticas. O ár. *sandal* é empréstimo europeu.

II - 37 (2) *quem* — Com antecedente de cousa, freqüente em "Os Lusíadas", requer hoje por antecedente nome de pessoa. Rui Barbosa ainda escreveu: "Foi a esquadra *quem* lhe abriu o caminho" (Cartas de Inglaterra — 43).

II - 37 (3) *raro* — Do lat. *rarus*, pouco freqüente, portanto, extraordinário. De *raro* por dissimilação temos *ralo*, de pouca consistência. O uso, porém, fixou a significação: aplica o primeiro a tudo o que é excepcional, não comum, que não se encontra com muita freqüência; aplica o segundo ao que não tem grande espessura nem consistência como tecidos, líqüidos, etc.

II - 37 (4) *Ciúmes em Vulcano, amor em Marte* — Porque Vulcano era o marido de Vênus e Marte apenas um dos seus inumeráveis amantes.

II - 38 (1) *sembrante* — Hoje dizemos *semblante* com a acostumada alternância *r/l*. A origem imediata é o espanhol *semblante*, de *semblar*, parecer, semelhar. Lat. *similare, similante*.

II - 38 (2) *fala* — Diz. Falar é o lat. *fabulare / fabular / fablar / fallar / falar*. Queremos chamar a atenção dos leitores para a regência de *falar*. Na língua arcaica e começos da clássica, podia-se empregar *falar* como perfeito sinônimo de *dizer*, regendo objeto direto. Depois, passou a ser intransitivo, no sentido de *expressar-se*: a criança já fala, está já falando; fulano não sabe falar em público, isto é, expressar-se em público. Não existe, portanto, objeto direto em tais modos de dizer. Atualmente, no Brasil, se vem ressuscitando o uso arcaico: — F. falou um discurso; F. falou que vem amanhã; F. falou bobagens. Êste uso arcaico, ressuscitado, não deve ser alimentado. Tôda vez que se quiser empregar *falar* com objeto direto, deve-se recorrer a *dizer*: F. *disse* um discurso bonito; F. *disse* que vem amanhã. Não *diga* bobagem. Tolera-se o uso de *falar* com objeto direto quando se trata de línguas: *falar francês, falar italiano*, etc. Note-se que em *latim*, em tais casos, o verbo *loqui* (falar) era acompanhado apenas de um advérbio de modo: *Lusitane loqui, romanice loqui, latine loqui*.

II - 39 (1) *do peito amasse* — Amar do peito, amar do coração, amar intensa e verdadeiramente, reforço intensivo como em *ver dos olhos, cegar dos olhos*.

II - 39 (2) *afábil* — Predileção de Camões aos adjetivos em *bil*, terminação latina que ainda aparece, na língua atual, no superlativo: *afabilíssimo, terribilíssimo, visibilíssimo*, etc.

II - 39 (3) *contrairo* — Forma arcaica e clássica, do lat. *contrarius*, com hipértese do *i*, tal como em *cossairo, breviairo, operairo, oratoiro, escadoiro*, etc. // — *lhe pesasse*: nunca será perdido repetir a verdadeira sintaxe do verbo *pesar*, sempre com objeto indireto, como aqui aparece. É mais necessário ainda repetir que, na expressão: *em que pese*, — permanece o verbo na terceira do singular e em dativo a pessoa a quem se refere a expressão. Ex.: Em que *pese aos dirigentes nacionais*, vai o país mal governado. Em que *pese aos jornalistas*, anda mal tratada a língua na pena deles. O erro está em dar como sujeito o complemento indireto, levando o verbo ao plural: *em que pesem os jornalistas, em que pesem os dirigentes nacionais*. Esta sintaxe é abominável.

II - 39 (4) *Sem que to merecesse nem te errasse* — Sem que de ti merecesse nem te faltasse com a palavra. A expressão *errar a alguém*, muito usual entre os arcaicos, significava *faltar com a palavra, com o trato*. Já se encontra numa pastorela de Dom Dinis:

"e diss' : Amigo louçao,
que faria por amores,
poys *m'errastes* tam en vão,
e caeu antr'ũas flores".

II - 39 (5) *Assentarei que fui mofina* — Concordarei que fui *importuna*. O adjetivo *mofino*, do ár. *muhim*, tirado do particípio *muwahim* do verbo *waham*, ser in-

salubre, significou primeiramente *enfermo, fraco, doentio*. Diz-se ainda hoje no Brasil: estar muito mofino, amofinado, isto é, doente, fraco. Passou depois a *infeliz*, de pouca sorte. Finalmente a estar amolado, importunado, sobretudo, com o verbo *amofinar*. Ouve-se entre o nosso povo: Isto me está amofinando, quer dizer, me está amolando, importunando. No verso camoniano é esta a significação de *mofina*.

II - 40 (1) *derramo* — Vê-se pela decomposição do verbo *de + ramo + ar*, que foi criação da linguagem agrícola, significando *podar* as árvores, desbastá-las de seus ramos. Passando da língua de grupo (agrícola) à língua geral, tomou o significado de *esparzir, espalhar*, especialmente, líqüidos: *derramar lágrimas, água, azeite*, etc.

II - 40 (2) *dita* — Sorte, destino, do lat. *dicta* de *dicere*, dizer a sorte de alguém, o futuro.

II - 40 (3) *pelejo* — Combato, luto, de *pelejar* que procede de *pêlo*, como ainda hoje se diz: ir ao *pêlo* de alguém.

II - 40 (4) *Quero-lhe querer mal* — Repete o Poeta o verbo *querer* em duplo sentido: *Quero*, desejo; *querer-lhe mal*: não dedicar-lhe afeto, odiá-lo.

II - 41 (1) *Mas moura* — Esta é forma arcaica de atual *morra*. O lat. *morior* de *mori*, verbo depoente, quando perdeu a forma passiva dos depoentes, passou a *morire* e também a *morere* e, conseqüentemente, *morior* passou a *morio*. Com hipértese do *i*, *moiro*. Ao lado das formas com o ditongo *oi* surgiram as formas com ditongo *ou*: *mouro*, no subjuntivo *moura* como se encontra no texto. O infinito deveria ter sido *morer*: o futuro do indicativo *morerei* se contraiu em *morrei* pela síncope do *e* antetônico. Este futuro *morrei* influenciou o infinito que passou de *morer* a *morrer*. Uma vez obtido este infinito, passou a influir em toda a conjugação, dando o pres. do indicat. *morro*, do subj. *morra* da nossa língua atual.

II - 41 (2) *Lhe impedira a fala piedosa* — Não há elisão entre *lhe* e *impedira*. Se fizermos a elisão, ficará errado o verso. Note-se a forma *piedosa* que aparece no verso quando nos precedentes foi sempre *piadosa*. Isto vem provar-nos que ambas as formas eram correntes na língua do tempo.

II - 41 (3) *Tonante* — Epíteto latino de Júpiter: Jupiter Tonans, de *tonare*, trovejar. É um latinismo de Camões. Em português deveria ser: *Trovejante*.

II - 42 (1) *moveram* — O mais-que-perfeito pelo condicional *moveriam*. Aparece êste uso na linguagem literária do Brasil como se pode ver nos versos de Álvares de Azevedo: "Eu *perdera* (perderia) chorando essas coroas" "Não me *batera* (bateria), tanto amor no peito..." "A dor *emudecera* (emudeceria) ao menos..." "Se eu morresse amanhã" (Veja Gramática Normativa — 324, 4.ª edição).

II - 42 (2) *vulto alegre* — Rosto, fisionomia. Do lat. *vultus, us*.

II - 42 (3) *De modo que* — De maneira que, de forma que, de jeito que. Sempre no singular e não no plural *de modos que, de formas que, de jeitos que*.

II - 43 (1) *saluços* — Forma corrente na literatura quinhentista. Conserva-se na língua do nosso povo: *saluçar, saluço*. Vem do lat. vulg. **subglutiare* já atestada nas glosas e não do lat. clás. *singultare, singultiare*.

II - 43 (2) *Que quem no afaga* — A nasal de *quem* assimilou a forma arcaica do pron. *lo*, dando-nos *no*. Dá-se mais freqüentemente esta assimilação com os verbos e pronomes. Ex.: Os médicos *deram-no* são, *fizeram-no* sadio.

II - 44 (1) *não temais nem que ninguém* — Note-se a seqüência de negativas: *não, nem, ninguém* para desmentir o errado ensino de que *duas negativas* fazem uma *afirmativa*. Em latim clássico e no inglês moderno assim é, mas, em português, mil negativas juntas serão sempre mil negativas. Observe-se ainda a sintaxe clássica: depois dos verbos de proibição, de negação, colocavam ainda outra negativa: *proibo-te que não digas* palavras. Hoje omitimos a segunda negativa: *proibo-te que digas* palavras. Consulte-se o capítulo da negativa em português, em nosso livro "A Formação Histórica da Língua Portuguesa".

II - 44 (2) *Esquecerem-se Gregos e Romanos* — No renascimento, por imitação da sintaxe latina, abusava-se das orações infinitivas como integrantes, tal como aparece neste lugar de Camões. No Romantismo diminuiu a freqüência destas orações que foram substituídas por outra finita, iniciada por *que*, mais consoante ao latim vulgar: "que vejais que Gregos e Romanos serão esquecidos".

II - 44 (3) *fazer feitos* — Maneira de dizer à latina onde se conjugavam verbo e objeto direto do mesmo tema: *somniare somnium, vivere vitam, pugnam pugnare, sudorem sudare*.

II - 45 (1) *facundo Ulisses* — O eloqüente Ulisses. Assim é apresentado por Homero na Odisséia. *Facundus* do mesmo tema de *fari*, falar, donde *facúndia*, eloqüência, abundância de recursos oratórios e verbais.

II - 45 (2) *Ogígia ilha* — Nome da ilha habitada pela ninfa Calipso que reteve, por sete anos, a Ulisses.

II - 45 (3) *Antenor* — Herói troiano que, atravessando a Trácia e a Ilíria, fundou Pádua.

II - 45 (4) *Timavo* — Rio da Ilíria, hoje, Iugoslávia.



II - 45 (5) *Enéias* — o herói de Tróia. Depois de estar em Cartago, no reino de Dido, velejou para a Lavínia (Itália) e deu início ao povo romano, segundo Vergílio, em sua Eneida.

II - 45 (6) *Scila e Caribdis* — Dois grandes perigos à navegação no estreito de Messina: *Scila* era um rochedo e *Caribdis* um sorvedouro que lhe ficava em frente, de tal modo que, evitando-se um deles, ia-se cair em outro.

II - 46 (1) *belacíssimos* — Muito guerreiros, latinismo, de *bellax, cis*, adjet. derivado de *bellum, i*, guerra.

II - 46 (2) *sojugava* — Forma corrente na época. Hoje: *subjugava*.

II - 47 (1) *Vereis este*: Vasco da Gama. // *Tremer dele Netuno*: não há seqüência lógica entre uma frase e outra, verdadeiro anacoluto.

II - 47 (2) *suas águas encrespando* — Netuno que encrespa suas águas. Encontramos o gerúndio em função de particípio presente, sintaxe muito freqüente nos clássicos, herança direta do latim. Não há galicismo em tal uso como erradamente ensinaram e continuam ensinando Leite de Vasconcelos, Júlio Moreira, Epifânio da Silva Dias, Mário Barreto e outros como ainda recentemente o Pe. Magne. Dizia o latim, por exemplo: "Audivi *vocem dicentem mihi*" onde há o particípio presente *dicentem* em concordância com *vocem*. A tradução poderá ser: Ouvi uma *voz dizendo-me*, tal qual usou Camões: "Netuno as águas *encrespando*". Se tal construção já existia em latim, não há maravilha alguma que continue a existir nas línguas românicas, em francês, em italiano, em espanhol, etc. Se estas línguas herdaram tal sintaxe do latim, por que não pode o português herdá-la? O fato de haver tal construção em francês não impede que também exista em nossa língua, mais próxima do latim do que aquela. Vieira escreveu: "Os homens *perseguindo* a António, *querendo-o* lançar da terra... Os peixes... *acudindo* à sua voz... *escutando* com silêncio" (Serm. de S. António *pregando* aos peixes). "Os Reis *renunciando* os cetros e as coroas... as mocidades e as gentilezas *metendo-se* pelos desertos" (Sexagésima). "Temos a S. Francisco Xavier não só *dormindo*, mas *sonhando*" (Serm. X vol.). Rui Barbosa: "... os picos solitários *inflamando* às primeiras rêsteas de sol os cabelos de neve". E mais antigo ainda, Dom Dinis: "Ela tragia na mão hum papagai *cantando* muy saboroso". Nos velhos textos arcaicos: "Ouve mim *braadando*". Camões emprega novamente o gerúndio em função de particípio presente na estrofe 54 deste canto. Não há, portanto, fundamento algum em que se baseie a doutrina dos gramáticos. Othoniel Motta, que dedicou extenso estudo a este problema, teve a mesma conclusão que aqui defendemos. A respeito dêste estudo do filólogo brasileiro, assim se expressou Meyer-Lübke: "Monsieur, je vous remercie de votre article "Questões philologicas". La question que vous traitez est très difficile et pour cela très intéressante. Je suis disposé à accepter votre point de vue contre l'opinion de M. Leite (de Vasconcelos) et de feu Moreira (Júlio)". Só os que não estão bem informados historicamente do assunto é que poderão ignorar a solução exata que ao problema deu Othoniel Motta. Infelizmente são muitos de tais gramáticos, em Portugal e no Brasil.

II - 48 (2) *Luso horrendo* — Luso que incute horror, não que seja horrivelmente feio.

II - 49 (1) *Tornar-se-lhe amarelo, de enfiado* — Gosta Camões desta expressão: *de enfiado* — de envergonhado, de corrido de si mesmo. Assim está no c. I - 37. O povo ainda hoje diz: F. ficou *enfiado*, ficou envergonhado. Outra expressão popular é: *tornar-se amarelo* ou *ficar amarelo*, isto é, perder as cores do rosto por medo. Diz o povo: F. *amarelou*.

II - 50 (1) *dos vossos sendo* — Quando pertencer aos vossos, quando já estiver no poder dos portugueses. Diu sustentou, realmente, dois grandes cercos e tão famosos que mereceram um poema.

II - 50 (2) *Feitos de armas grandíssimos fazendo* — *Fazendo feitos*. Veja c. II-44.

II - 50 (3) *o grão Mavorte* — Veja a explicação em c. I - 41.

II - 50 (4) *Mahamede* — Veja c. I - 99-102.

II - 51 (1) *ídolos* — A acentuação latina é paroxítona, mas as línguas românicas como a portuguesa, a espanhola e a italiana lhe deram acentuação proparoxítona.

II - 52 (1) *Tanto um peito soberbo e insolente* — Refere-se a Pacheco Pereira. *Insolente* está aqui um pouco fora do lugar, mas Camões queria dizer que o capitão português era insolente no juízo dos seus inimigos. *Insolente*, que não tinha respeito aos inimigos. É um latinismo de Camões, pois, na literatura de Roma é comuníssimo encontrar-se *insolens* após *superbus* e Forcellini traduz então *insolens* por *audax*. O capitão português era de uma coragem (peito) soberbo e audacioso.

II - 53 (1) *Marte instructo* — Puro latinismo, frase trasladada diretamente do latim ao português pelo Poeta. Lá está em Vergílio: "In medio classes aeratas, *Actia bella* / cērnere erat, totumque *instructo Marte videres* / *fervere Leucaten* auroque effūlgere fluctus". Aen. VIII-675-678 et sequentes. Basta comparar a estrofe 53 com o trecho citado de Vergílio para que se veja a influência do latim sôbre o português.

II - 53 (2) *ferver Leucate* — É o promontório, hoje, cabo *Dukato*, na península

Leucas, no Epiro, em cujas águas se deu a batalha naval de Actium entre Augusto e Antônio. *Leucate* é também o nome da montanha que aí se encontra e tira o seu nome de *leukòs*, branco, pelas neves acumuladas. A antiga península está hoje reduzida a uma ilha, já Leucádia chamada.

II - 53 (3) *Áctias guerras* — Refere-se ao que acima ficou dito, da batalha naval de *Actium*.

II - 53 (4) *Romano injusto* — Antônio (Marco) que conquistou o Egito e deixou-se dominar depois por Cleópatra.

II - 53 (5) *Bactra Cítico* — Por *Bactriano*, o povo da Báctria que Camões confunde com os citas.

II - 53 (6) *robusto* — Forte, sadio, corado, de *robur*, variante de *ruber*, rubro, vermelho. O povo toma sempre a cor do rosto pelo estado geral de saúde do indivíduo: rosto corado, *rubro*, sinal de boa saúde, de força, de força física.

II - 53 (7) *Egípcia linda e não pudica* — Cleópatra, rainha do Egito e dominadora de Marco Antônio.

II - 54 (1) *Vereis o mar fervendo... pelejando, levando, triunfando, navegando* — São outros tantos usos do gerúndio em função de particípio presente de que ficou dito na estrofe 47 dêste canto.

II - 54 (2) *Idololatra* — Com acento paroxítono, reproduzindo exatamente o latim *idololatres*. A forma atual *idólatra* formou-se da precedente por haplologia. Esta forma última já aparece na literatura cristã dos primeiros autores, sinal certo de que assim se encontrava no latim vulgar.

II - 54 (3) *Áurea Quersoneso* — Dois nomes de origem clássica: *aurea* (latim) e *Chersoneso* (grego): *áurea península*, isto é, Malaca.

II - 54 (4) *Até o* — Depois do Romantismo passou-se a usar *até a*, locução prepositiva: *até ao longinco China; até à margem do rio*. Ambas as formas são corretas.

II - 54 (5) *longinco China* — Já foi explicado a forma *longinco* bem como *grandiloco* (c. I - 4). Temos aqui *China* como masculino, por *chinês*, como ainda diz o povo: F. é *china*.

II - 54 (6) *as ilhas mais remotas* — As ilhas que formam o Japão.

II - 55 (1) *Do gangético mar ao gaditano* — Do oceano Índico, representado pelo rio Ganges, ao oceano Atlântico onde está Gades, antiga cidade fenícia deixada na Espanha. *Gades*, hoje, *Cadis*.

II - 55 (2) *estreito que mostrou o agravado Lusitano* — O estreito de Magalhães, no extremo da América do Sul, comunicando o Atlântico com o Pacífico, descoberto por Fernão de Magalhães, português a serviço de Castela. *Agravado* porque se sentira ofendido pelo rei de Portugal que não quis dar-lhe ajuda nessa empresa. Há em tudo isto um anacronismo de Camões: Júpiter, que está falando pela boca do Poeta, coloca o descobrimento do estreito de Magalhães antes dos feitos de Vasco da Gama na Índia, quando foi muito depois. Vê-se que Júpiter, embora deus, não soube ver corretamente os fatos...

II - 56 (1) *Como isto disse* — Logo que terminou de dizer estas cousas futuras.

II - 56 (2) *Filho de Maia* — Mercúrio ou Hermes, o mensageiro dos deuses, especialmente, de Júpiter. Era filho deste e de Maia. No c. I - 20 é chamado "neto gentil do velho Atlante" porque Maia era filha de Atlante ou Atlas.

II - 56 (3) *aventurado* — Isto é, exposto a aventuras, a perigos, a riscos de vida.

II - 57 (1) *Já pelo ar o Cileneu voava* — Se contássemos à moderna, teria este verso apenas oito sílabas. Vê-se, portanto, que o Poeta não fez elisão em *pelo ar* e *voava*. Ficou muito frouxo o verso camoniano. // *Cileneu* — era um dos epítetos de Mercúrio por ter nascido no monte *Cilene*, na Arcádia.

II - 57 (2) *Com as asas nos pés* — Contra o costume geral, não fêz Camões ectlipse em *com as*, contando separadamente as sílabas.

II - 57 (3) *Sua vara fatal* — Mercúrio, tendo inventado a lira que fabricou com a carapaça de uma tartaruga, lira de sete cordas em homenagem às sete Musas, ofereceu-a a Apolo. Deu-lhe este, em retribuição, o caduceu, a vara fatal. Com esta, como se fosse um pastor, conduzia as almas à outra vida, fechava os olhos aos agonizantes, daqui ser *vara fatal* como diz Camões. Conseguiu ainda adormecer Argus que tinha cem olhos vigilantes. Foi mandado por Júpiter, ao Inferno, a fim de lá tirar Prosérpina. Eis porque diz o Poeta: "Com esta (a vara fatal) as tristes almas revocava do Inferno". Era ainda o protetor dos ladrões e dos comerciantes (má nota para estes...), sendo ainda hoje o símbolo do comércio.

II - 57 (4) *galero* — O capacete de Mercúrio, algumas vezes, também êste dotado de um par de asas. O nome *galero* lhe foi dado por causa da forma semelhante a uma barca, a *galera*, que se baseia em *galéa*, do grego bizantino.

II - 58 (1) *a Fama* — Camões faz longa descrição da Fama no c. IX - 44-45. Era uma entidade que dispunha de cem bôcas, cem orelhas, para tudo contar e ouvir. Trazia sempre uma trombeta nas mãos e, como Mercúrio, era mensageira de Júpiter. Por isto vão sempre juntos.



II - 58 (2) *perclaro* — E não *preclaro* como está nas últimas edições portuguesas. Muito ilustre. Ainda que o latim não ateste *perclarus* mas apenas *praeclarus*, tinha Camões a base do verbo *perclaresco*, do adj. *percognitus*, *percuriosus* e ainda o verbo *percresco* e assim pode sacar o adj. *perclarus* onde a preposição *per* tem a fôrça de um superlativo.

II - 58 (3) *Melinde todo* — Os nomes de cidades são do gênero feminino, com exceção daqueles que, tendo sido, antes, nomes de ser masculino, então, continuam com este gênero. Assim, *S. Paulo*, *Rio de Janeiro*, *Recife*, anteriormente, masculinos, continuam masculinos: o *belo S. Paulo*, o *maravilhoso Rio de Janeiro*, o *formoso Recife*. Camões levou ao masculino Melinde por causa da rima.

II - 59 (1) *val esfôrço e arte* — Note-se *val* por *vale*, forma apocopada em grande uso no tempo clássico e ainda hoje, em Portugal, mas desconhecida no Brasil. Note-se ainda a concordância do verbo com o sujeito composto, mas posposto. Repete-se tudo isto no verso seguinte: *Pouco val coração, astúcia e siso.*

II - 60 (1) *E as estrelas no céu, co'a luz alheia* — Era opinião dos antigos astrônomos que nenhum corpo celeste tinha luz própria, mas recebida do sol.

II - 60 (2) *a quartos* — Segundo dividiam antigamente a noite em quatro espaços de três horas cada um, os vigias se revezavam de quarto em quarto. No c. VI - 38 fala o Poeta de duas destas divisões: *"Os do quarto da prima se deitavam, / Pera o segundo os outros despertavam".*

II - 61 (1) *Fuge, fuge, Lusitano* — Na língua arcaica e clássica, os verbos da terceira conjugação, como *fugir*, *acudir*, podiam ter o presente do indicativo e do imperativo em *u*: *fuges, fuge; acudes, acude.*

II - 61 (2) *que o vento e o céu te favorece* — Não é regular esta concordância do verbo com um só dos elementos que forma o sujeito composto, ainda mais quando não está o sujeito posposto ao predicado. Não é regular, mas não faltam exemplos em outros escritores. Ex.: "Judas, o traidor, não foi traidor mudo; antes *a boca e a língua* foi o principal instrumento de sua traição" (Vieira) — "... a lâmina e o quadro *dá* brados à consciência..." (Vieira).

II - 62 (1) *Não tens aqui senão* — Está firmado na língua atual que se empregue *senão* quando precedido de outra negativa como no verso camoniano. Não havendo negativa, que preceda, usa-se *se não*. Exs.: "... recebei, ao menos, como ato de fé ou como conselho de pai a filhos, *se não* como testamento de uma carreira. Quem por causa destas combateu abraçado com ela, em vinte e oito anos de sua Via Dolorosa, *não* se pode ter habituado a maldizer *senão* a perdoar, *nem* a descrer, *senão* a esperar" (Rui Barbosa — Oração aos Moços). Note-se como usou *se não* e *senão*. Vieira escreveu: "... e as setas *não* só embebidas já no arco, *senão* ervadas de venenos mortais" (Serm. da 1.ª dom. do Adv.) "Os homens *não* se convencem pela memória *senão* pelo entendimento" (Sexagésima). Veja a nossa "Gramática Normativa", pág. 407 — 4.ª edição).

II - 62 (2) *hospício* — No sentido latino de hospedagem, hospitalidade. Passou depois a sinônimo de hotel, hospedaria e finalmente de hospital. No Brasil, *hospício* é hospital de alienados.

II - 62 (2) *Diomedes* — Foi rei dos Bistones, na Trácia, tendo por costume sustentar seus cavalos com a carne dos hóspedes.

II - 62 (3) *Busíris* — Rei do Egito, que oferecia sacrifício aos seus deuses, imolando os hóspedes.

II - 63 (1) *daria* — Se fosse observada a correlação dos tempos e modos, deveria ter Camões escrito *dará*. Foi, certamente, o domínio da rima que o levou a sacrificar a gramática. Tal sacrifício é comum e numeroso em "Os Lusíadas". // *Guia* — no feminino. Faz-se hoje distinção entre *a guia* e *o guia*. Este é o piloto, aquele que conduz, que indica o caminho certo. Aquela é o documento, o mapa, a relação, o itinerário que se há de seguir bem como a beirada das calçadas. *Guia* é um deverbal de *guiar*, do gótico *gawidan*, acompanhar, seguir, assim usado no direito medieval.

II - 64 (1) *releva* — Importa, interessa. Empregar *relevar* no sentido de proceder, de originar-se, estar em relação com, é galicismo inútil e dispensável. Usa-se corretamente *relevar* no sentido de perdoar, tirar a culpa, relevar uma falta, uma multa, de *re* + *levar*, tirar, remover etc.

II - 64 (2) *iniqua* — Aparece a grafia segundo o modelo latino. A pronúncia, porém, continuava a ser a já anteriormente documentada *longinco*, *grandiloco*. No canto VIII - 74 ainda temos:

> "No nunca descansado e fero grêmio
> Da madre Tetis, qual pirata *inico*
> Dos trabalhos alheios feito *rico*".

Só muito mais tarde foi que prevaleceu a grafia sobre a pronúncia e se passou a pronunciar como ainda o fazemos hoje.

II - 64 (3) *novo sprito* — É sempre a forma usada por Camões, com aférese e síncope, tal qual se usa em nosso povo.

II - 65 (1) *Que um mensageiro vi do claro assento* — Temos a forma refeita

*mensageiro* da anterior *messageiro* mais de acordo com a regra fonética da perda da nasal no grupo *ns.* No c. I-24 — já usara o Poeta a expressão *claro assento* para designar o céu onde se encontravam os deuses.

II-66 (1) *Neste tempo que as âncoras levavam* = *em que as âncoras levavam.* Nestes adverbiais de tempo, omite-se a preposição *em.*

II-66 (2) *Mas com vista de linces vigiavam* — Desde os mais antigos autores clássicos o pequeno mamífero *lince,* do lat. *lynx, lyncis,* gozava da fama de enxergar no escuro, no fundo do mar, de ver através dos corpos opacos. Daqui ficar por comparação a todos os que estão sempre observando, vendo, muitas vezes, o que a maioria não vê. Na expedição dos argonautas ia à proa, *Linco* ou *Lince,* examinando o caminho marítimo, pois, podia enxergar os bancos de pedra ocultos no fundo do mar e durante a noite via através da escuridão.

II-67 (1) *galerno o vento* — O vento *galerno* sopra, na Europa, a noroeste, na direção da costa atlântica. Tomou o significado geral de vento favorável, nem muito forte nem tão fraco. Discute-se ainda a formação deste nome e a maioria propende a ver em *galerno* o tema *gale* o nome *Walas* do antigo país de *Gales,* donde procedia o vento. A terminação *erno* é comum a outras palavras como *caverna, lucerna, cisterna.* A forma primitiva era *galerna* que passou a *galerno,* sob a influência do gênero do vocáb. *vento.*

II-67 (2) *Que mal se perderão do pensamento os casos grandes* — Isto é, que dificilmente (*mal*) se esquecerão os acontecimentos de grande vulto. O adv. *mal* era de grande uso entre os clássicos no sentido de *muito*: *mal ferido, mal chagado, muito ferido, muito chagado.*

II-67 (3) *por acerto* — Por casualidade, como ainda hoje dizemos: F. *acertou* de passar por aqui... A pessoa não tinha intenção de passar por aqui, mas, por acaso, passou.

II-68 (1) *dois navios brandamente navegando* — Isto é, dois navios que navegavam devagar, sem pressa, calmamente. Aqui temos outro exemplo camoniano do gerúndio em função participial. Veja a discussão deste falso galicismo, no c. II-47 (2).

II-68 (2) *arribando* — Temos *arribar* no sentido de aproximar-se, de avizinhar-se e não no de chegar, terminar viagem, nem no figurado de melhorar de saúde, convalescer, ficar mais forte. Vem de *ripa, riba,* margem do rio ou do mar, costa onde os navios e barcos davam como fim de viagem. Ficando a *riba* acima do nível das águas, tomou também o sentido de *em cima, no alto,* e daqui *arribar* por subir, elevar-se, e *em riba* por *em cima, a riba,* no alto (*a riba,* com a preposição).

II-69 (1) *manhoso* — Astuto, ardiloso, de *manha,* lat. *manea,* deriv. de *manus,* mão, habilidade, astúcia. Não confundir com *manhoso,* chorão, de *manha,* chôro, do lat. *mania,* boneco feito pelas amas a fim de assustar as crianças.

II-69 (2) *rigor de Marte, fúria de Vulcano* — Guerras, ataques, abordagens no mar.

II-69 (3) *medroso* — De um antigo *medoroso,* de *medor,* derivado de *medo* e terminação *or* comum a tantos nomes como *horror, temor, pavor.*

II-69 (4) *tivera, recebera* = *tivesse, receberia,* o mais-que-perfeito pelo imp. do subjuntivo em correlação com o condicional. O mais-que-perfeito é um tempo que tende a desaparecer do uso vivo da língua. Vive apenas na língua escrita, literária.

II-70 (1) *tomasse* = tomaria. Veja o comentário precedente.

II-70 (2) *nenhum deles há que ensinasse* — Rigorosamente deveria ser: *que ensine,* mas a rima obrigou o Poeta a esta falta de correlação de tempos e modos.

II-70 (3) *a que partes dos céus a Índia estava* — Qual a situação geográfica da Índia, a sua latitude.

II-71 (1) *sincero peito* — A formação de *sincero* se deve à vida agrícola onde o *mel puro,* sem cera alguma, ficou como símbolo, imagem, figura da pessoa limpa de más ou de segundas intenções.

II-71 (2) *Com partes* — Na lingua clássica *partes,* sempre no plural, é o mesmo que qualidades, dotes morais, dons do espírito, etc.

II-71 (3) *O Capitão assela* — Confirma, como se confirma um documento, apondo-lhe o *selo* que lhe garante a autenticidade. É verbo posto de lado pelo uso moderno. Confunde-se foneticamente com *assela,* de *asselar,* arrear um animal, colocar-lhe a *sela* para a montaria.

II-71 (4) *Para onde o sonho e o Mouro lhe dizia* — Outro exemplo de sujeito composto e verbo no singular, em concordância apenas com um dos componentes do sujeito. Veja c. II-61 (2).

II-72 (1) *roubador de Europa a luz Febéia* — Este *roubador de Europa* é *Taurus,* isto é, Júpiter que tomou as formas de um touro para raptar Europa, filha de Agenor, rei da Fenícia. Brincava Europa com outras moças nas margens do mar quando Júpiter, transformado em Touro, aí apareceu e tão manso que se



deixou acariciar e montar por Europa. Quando esta lhe estava em cima, entrou pelo mar e, nadando, foi ter à ilha de Creta onde passou a viver com Europa. Deste ajuntamento nasceram três filhos: Minos, Radamanto e Sarpedão, sendo os dois primeiros juízes nos Infernos. O último foi expulso de Creta por crime de rebelião. Os irmãos de Europa, Cadmo, Fênix e Cílix, a mandado do pai Agenor, saíram à procura da desaparecida e como a ordem era de não voltar enquanto não a encontrassem, nunca mais regressaram à casa paterna. Com toda esta mitologia, queria Camões dizer que o Sol entrava no signo de Tauro, mais ou menos, 11 de Abril de 1498. Entre a indicação de Camões e a do nosso tempo há uma diferença de 10 dias que foram suprimidos, em 1582, pelo calendário gregoriano em correção ao juliano.

II-72 (2) *Flora* — Deusa das flores, da primavera.

II-72 (2) *derramava o de Amaltéia* — O *corno* ou *chifre* de Amaltéia, é a *cornucópia,* o corno da abundância, das riquezas, como diz a formação da palavra: *cornu* (chifre) + *copia,* abundância. *Amaltéia* fora a ninfa a cujos cuidados tinha sido entregue Júpiter, quando menino. Dava-lhe a beber o leite de uma cabra. Por isto o nosso poeta negro Luís Gama, em sua famosa poesia *A Bodarrada,* querendo provar que, no mundo, todos são *bodes* (mulatos), começa por Júpiter:

"Jove, quando foi menino,
Chupitou leite caprino".

II-72 (3) O final desta estrofe é um tanto confuso: "O pressuroso Sol, que o Céu rodeia, renovava a memória do dia em que Aquele a quem tudo está sujeito pôs o selo a quanto tinha feito" "Era o domingo da Páscoa e a ressurreição de Cristo vinha como o último selo que Deus colocava em tudo o que havia criado. Já S. Paulo dizia: "Se Cristo não ressuscitou, vã é a nossa fé". A ressurreição, portanto, foi o selo de toda a pregação de Cristo.

II-73 (1) *Reino Melinde* — Temos aqui um desmentido da falsa doutrina dos gramáticos que ensinam ser galicismo esta construção: *Reino Melinde,* — exigindo que se diga: *Reino de Melinde.* Entra na regra *Praça Patriarca, Cidade Lisboa, Casa Primavera, Colégio S. Luís,* etc. Para tais gramáticos, todas estas construções estão erradas por lhes faltar a preposição *de.* Ignoram que, já em latim clássico, havia duas construções paralelas, ambas corretas: a de simples aposição: *Urbs Roma, Terra Hispania,* e a restritiva: *Urbs Romae, Terra Hispaniae.* A sintaxe portuguesa reproduz os dois tipos. Em João de Barros, Pacheco, Diogo do Couto, Vieira e tantos outros grandes escritores, documentam-se abundantemente ambas as construções: "... alcançou na tomada desta *cidade Cepta*... e tomada daquela *cidade Cepta*... que era um braço do *rio Nilo*... correu à *ilha Cabo Verde*... partes da *provincia Mandinga*... residir na *cidade Damasco*... junto do *rio Eufrates*... quis-se recolher na *cidade Damasco*..." (Dec. V vol., passim.). *Serra Lyoa*... *ilhas Gorgonas*... *cabo Corço* e também *cabo do Corço*... além da *serra Bota* (De Situ Orbis, passim) — Vieira usou: *"rio Amazonas"* e *"rio das Amazonas".* Ambos os tipos, pois, são corretos e a escolha depende do gôsto de quem escreve.

II-73 (2) *o santo dia* — Domingo da Ressurreição, Domingo de Páscoa.

II-73 (3) *atambores e pandeiros* — A forma protética *atambores* era a corrente na literatura clássica. Vem do árabe *tambur,* certamente, de formação onomatopaica. *Pandeiro* ou *adufe,* esta palavra árabe, e aquela de origem latina, de *pandus,* esticado, part. pas. de *pandere,* esticar, abrir. A ligação com o grego *pandoura,* lat. *pandura* de que temos *bandurra,* não é aceitável: este instrumento era de cordas, espécie de alaúde, de guitarra, e o *pandeiro* é de percussão como o tambor, formado justamente por uma pele esticada num bastidor, portanto, *panda,* donde *pandeiro.*

II-76 (1) *cavaleiros* — Na época de Camões, o espanhol *caballero* ainda não se havia feito sentir, dando a forma *cavalheiro* que de lá para cá se diferençou também semanticamente de *cavaleiro.* Hoje, *cavaleiro* é o equitador, a pessoa que cavalga bem, como no tempo de Camões significava o valente, o guerreiro, o homem de armas. *Cavalheiro,* em nossos dias, é o homem educado, de fino trato, cortês. No verso citado, *cavaleiros* está no primitivo significado de guerreiros, valentes.

II-76 (2) *Que tanto mar e terras tem passadas* — Note-se a concordância do adj. *tanto* apenas com o primeiro elemento *mar* como é da regra das gramáticas: o adjetivo, que se refere a vários nomes de gêneros e números diferentes, concorda com o mais próximo desde que lhe esteja anteposto. // Recorde-se a sintaxe clássica — *tem passadas* — em que o part. pas. concorda com o objeto direto, — sintaxe já posta de lado no português moderno.

II-76 (3) *lanígeros carneiros* — É o latim *lana* + *gero,* que tem lã; *carneiro* procede de *carne* + *eiro,* que tem carne. Camões cita logo este presente do rei porque, na Europa, é a carne do carneiro um dos pratos mais comuns e mais apreciados, o que não se dá na América do Sul.

II-76 (4) *E galinhas domésticas cevadas* — Outro prato de grande apreço na mesa européia e americana. *Galinhas domésticas* — parece-nos desnecessário o *domésticas. Cevadas,* isto é, gordas, que estiveram na ceva, alimentadas, de lat. *cibare,* de *cibus,* alimentar, alimento.

II-77 (1) *Escarlata purpúrea* — Poderá haver *escarlata* que não seja *purpúrea?* Sim, ao menos nos começos. Do ár. *iskirláta,* era um tecido de fino lavor, mas azul, depois branco, com fios de ouro. Foi na Espanha, em Almeria, segundo nos ensina J. Corominas, que se deu ao tecido *iskirlata* a cor vermelha pela abundância da cochonilha. Desta época para cá foi que *escarlata, escarlate,* passou a sinônimo de vermelho, rubro. Talvez nos tempos de Camões ainda assim não fosse.

II - 77 (2) *E, como é fora.* — E quando está fora da água, etc. Emprego de *como* adverbialmente.

II - 78 (1) *na prática elegante* — Elegante no falar, bem-falante, bacharel. *Praticar* tinha, na língua clássica, o sentido de falar, conversar com alguém.

II - 78 (2) *Com estilo que Palas lhe ensinava* — Palas ou Minerva presidia à sabedoria, inspirava a eloqüência, tornando os homens facundos, disertos, oradores.

II - 79 (1) *Olimpo puro* — Os clássicos não tinham ouvidos muito apurados; nenhum poeta de hoje, por menor que seja, toleraria esta seqüência desagradável de explosivas fortes *Olimpo puro*.

II - 79 (2) *mui forte, mui seguro* — O emprego de *mui* forma apocopada de *muito* antes de adjetivos, veio até os dias do Romantismo, diminuindo depois até o total desaparecimento de hoje. Vive ainda e com grande vitalidade no espanhol.

II - 79 (3) *Te vimos a buscar* = *Vimos a buscar-te* = a procurar-te, a socorrer-nos de ti.

II - 80 (1) *as fazendas* — Riquezas, bens de valor, em geral. Costuma-se dizer que *fazenda*, em Portugal, significa apenas *bens móveis, dinheiro, rendas;* e que no Brasil, quer dizer propriedade agrícola, portanto, bem imóvel. Há em tal distinção completo desconhecimento do assunto. Tanto lá como aqui, *fazenda* tem os dois significados. Temos nós o *Ministério da Fazenda*, a *Secretaria da Fazenda*, a *Fazenda Nacional*, etc. E basta ler o romance de Júlio Dinis, "Uma Família Inglêsa" para encontrarmos, em cada página, *fazenda* no sentido brasileiro de propriedade imóvel, agrícola, etc.

II - 80 (2) *Imos buscando* — Este presente do indicativo, de todo correto, proveniente do lat. *ire* (*eo, is, it, imus, itis, eunt*) vai sendo substituído por *vamos*, do tema latino de *vádere* (*vado, vadis, vadit, vadimus, vaditis, vadunt*).

II - 80 (3) *alto e sublimado* — Expressão muito do agrado de Camões. Veja c. I - 50.

II - 81 (1) *há hi* — Existe. É o francês *il y a*, bastante comum entre os primeiros arcaicos, sobretudo, nos Cancioneiros. No Brasil continuamos o uso também arcaico de alguns clássicos de dar ao verbo *ter* a função de *haver*, impessoal, por *existir*. Tal uso, longe de constituir brasileirismo, é uma herança portuguesa, já fora dos empregos modernos, em Portugal. Remetemos o leitor que desejar documentação deste caso aos nossos livros: "Gramática Normativa", "Estudos de Filologia Portuguêsa" e especialmente à "Formação Histórica da Língua Portuguesa".

II - 81 (2) *hospício* — Hospedagem, hospitalidade.

II - 81 (3) *que peito em nós se sente* — Rara é a estrofe camoniana em que não apareça *peito* por *coração*, sede dos desejos humanos.

II - 82 (1) *ó Rei benino* — E não *benigno* como trazem as edições modernas. Não se trata de um erro de ortografia, mas de verdadeira forma evolutiva do latim *benignus*, cuja gutural deixou de ser pronunciada até o século XVII embora fosse graficamente restaurada. Somente depois, com o Romantismo, foi que, por influência da grafia latina, a gutural tomou som próprio.

II - 82 (2) *aquela certa ajuda em ti esperamos* — Subentende-se: *que em ti esperamos encontrar. Esperar em alguém:* confiar em alguém.

II - 82 (3) *Ítaco... Alcino* — Ulisses, rei de Ítaca, por isto *Ítaco*, foi agasalhado por Alcino, rei dos feáceos, dando-lhe meios para retornar à sua pátria.

II - 84 (1) *Enquanto os rios para o mar correrem* — Forma proverbial para dizer que tal e tal cousa ou ação nunca terão fim assim como nunca deixarão os rios de correr para o mar, quer direta, quer indiretamente.

II - 85 (1) *Louvavam o estâmago* — Note-se a forma *estâmago*, em que o o passou a *a* por influência do outro *a* vizinho. Entre o povo corre a forma *estamo* bem como *estambo*. A expressão *ter estômago* ainda está viva na língua para significar a rara disposição de certas pessoas para aturar impressões que a outros seriam insuportáveis.

II - 86 (1) *ledo aspeito* — Fisionomia risonha, alegre. *Aspeito*, forma evolutiva do lat. *aspectus*. Foi refeita pelos renascentistas que retomaram o latim diretamente. É necessário lutar contra a perniciosa conseqüência dos que não têm entendido a reforma ortográfica no que respeita às consoantes soltas. Quando estas não têm mais vitalidade própria, não sendo pronunciadas, não devem ser escritas como *augmentar, prompto, tecto* que passaram a *aumentar, pronto, teto*. Daqui não se segue que todas as consoantes soltas devam ser eliminadas da grafia e da pronúncia: em *aspecto, contacto, apto, pacto*, tais consoantes são pronunciadas e escritas: *aspekto, contakto, apto, pakto*. Os mal letrados estão pronunciando e escrevendo *aspeto, contato, ato, pato*, deformando a língua.

II - 86 (2) *subido pensamento* — Elevado pensamento, alto pensamento. Lembramos a expressão: *com subida honra* — que, não sabemos por qual motivo, é dita pelos vulgares: *com súbida honra*, dando ao adjetivo *subida* a acentuação proparoxítona, inteiramente errada.

II - 87 (1) *usada preminência* — Respeito às ordens do rei, reverência a seus mandados, acatamento.



II - 87 (2) *a meu desejo satisfaça* — O verbo *satisfazer* pode ter objeto direto e indireto. Vieira escreveu: "... há de responder às dúvidas, há de *satisfazer às dificuldades*" (Sexagésima) — "... ditas estas regras, as quais... podem *satisfazer a tantas obrigações* quantas devo à pátria na sua ilustre nobreza" (Carta Circular). "Se estivesse de ânimo para *satisfazer o desejo* do guardião" (Camilo — O Santo da Mont. 229) — *"Satisfazê-lo* atenuando o texto desta vez para não amofiná-lo" (M. de Assis — Dom Casmurro — 130). "Este... chora porque não acha bem que o *satisfaça*" (Bocage).

II - 88 (1) *Porém* — Note-se como Camões inicia a frase com *porém*, desmentindo o ensino sem fundamento de certos gramáticos que proíbem se inicie o período com tal adversativa. No c. V - 37 faz o mesmo:

"*Porém* já cinco Sóis eram passados..."

Vieira não tem a menor dúvida em seguir a Camões: "*Porém* se sucedesse alguma vez não ser assim..." (3.ª dom. da Quaresma) — Camilo faz o mesmo: "Aplausos que ainda assim foram muitos. *Porém*, aos pés daquela Cruz de Jesus Cristo lhe ficara o coração" (Hist. de Malagrida — 6). Latino Coelho: "*Porém*, agora o contrário se demonstra" (Vasco da Gama — I - 105). Quem inventou esta proibição de iniciar-se o período com as adversativas foi Cândido de Figueiredo que recebeu de Heráclito Graça o mais formal desmentido. Eis as palavras do filólogo brasileiro: "De que modo, entretanto, justificou o Sr. Cândido de Figueiredo a sua precipitada e infundada sentença? Invocando exemplos de Castilho, Camilo, Latino Coelho e Silveira da Mota, nos quais *todavia, contudo*, e *porém* são pospositivos e não prepositivos. Pois é com estes próprios escritores que logo se mostra haverem eles também empregado *contudo, todavia* e *porém* no princípio das orações, isto é, prepositivamente. E, assim, fica em evidência a defeituosa lição do Sr. Cândido de Figueiredo" (Fatos da Linguagem — pág. 86).

II - 88 (1) *a luz crástina* — Puro latinismo camoniano: a luz matutina, de *crastinus, a, um*, adjetivo derivado de *cras*, amanhã. Existe ainda *procrastinar*, deixar para o dia seguinte, dilatar o prazo, adiar.

II - 88 (2) *há tantos dias* — Complemento circunstancial de tempo, igual a *faz tantos dias*. Não confundir com *a tantos dias*, complemento circunstancial de tempo, com idéia de futuro: *daqui a tantos dias;* nem com *a tantos passos*, compl. circunstancial de lugar: resido daqui *a dez metros*. Quando o complemento encerrar a idéia de passado, equivalendo a *faz tanto tempo*, se usará o verbo *há impessoal*. Ex.: Foi o Brasil descoberto *há quatro séculos*. *Há muito tempo* que deixei minha pátria. Quando a idéia for de futuro, de distância local, se empregará a simples preposição *a*. Ex.: Serei bacharel de hoje *a poucos dias*. Fica o colégio *a dez passos* da igreja.

II - 89 (1) *O filho de Latona* — Apolo, o Sol. Era filho de Júpiter e de Latona. Juno, o espírito invejoso do Olimpo, enciumada por causa desta preferência de Júpiter, perseguiu Latona por meio da serpente Pitão. Conseguiu ainda que a Terra não lhe desse abrigo em lugar algum. Já nos dias de dar à luz, via-se Latona desesperada quando Netuno, condoído de sua sorte, com uma pancada de seu tridente, fez surgir a ilha de Delos. Aí, à sombra de uma oliveira, lhe nasceram *Apolo* e *Diana*. Para que Latona pudesse chegar a Delos, transformou-a em codorna Júpiter que, para toda a sua comodidade ainda mandou fixar a ilha flutuante criada por Netuno e rodeá-la de outras menores, as Cícladas. Latona presidia os partos e por isto era muito reverenciada pelas parturientes.

II - 90 (1) *os raios de artifício* — Os fogos de artifício como hoje dizemos.

II - 90 (2) *Os trêmulos cometas imitando* — Novo exemplo de gerúndio em função de particípio presente: *que imitam* os trêmulos cometas. Uso correto desde o latim, nada tendo de galicismo nem de errado. Veja c. II - 47 (2).

II - 90 (3) *Ciclopas* — A forma comum é *ciclopes*, ambas corretas. Os nomes gregos da 3.ª declinação, fazem o acusativo em *a, as* e assim temos *antípodas, décadas, Cícladas, Híadas*. A terminação *es* provém do acusativo latino: *antípodes, Ciclopes, Ciclades, Troádes, Híades*, etc. Eram os ciclopas gigantes que possuíam um único olho circular, na testa, como diz o nome: *kyklos*, círculo, *ops*, olho. Eram os ferreiros de Vulcano e viviam no Etna.

II - 90 (4) *altíssonos* — Latinismo introduzido por Camões: de *alto som*.

II - 91 (1) *Co'o raio volteando com zunido* — Foguetes, pistolões. Camões escreveu *zonido*, mas certamente pronunciava *zunido*, verbo onomatopaico. Note-se *raio volteando, raio que dá voltas*, novo emprêgo de gerúndio em função participial. Veja c. II - 47 (2).

II - 91 (2) *o pó sulfúreo* — Pólvora, súlfur, enxofre, tomando-se um dos componentes pelo próprio composto.

II - 91 (3) *A grita se alevanta ao céu, da gente* — *A grita* (*a gritaria, os clamores*) *da gente se levanta ao céu.*

II - 91 (4) *festeja um ao outro a maneira de peleja* — Observe-se *a maneira*, *a modo de, a maneira de*, adverbial de modo, sem crase por faltar o artigo.

II - 92 (1) *Mas o céu inquieto, revolvendo* — Por este verbo *revolver* entende o Poeta o movimento contínuo do sol e por isto mesmo inquieto, que nunca se detém, que não pára nunca, em contínuo moto.

II - 92 (2) *a mãe de Menon* — É a Aurora, esposa de Titono, de cujo con-

sórcio nasceram *Menon* (*Memnon*), rei da Etiópia e *Hermátion*. Seria mais correto *Menão, Hermatião*. Quando este morreu, Aurora chorou tanto que as suas lágrimas se transformaram em orvalho, no orvalho da manhã.

II - 92 (3) *certo atalho* — Interrupção normal do sono, interrupção própria, adequada, oportuna, acertada.

II - 93 (1) *Viam-se em derredor ferver as praias* — As praias eram vistas a ferver. O sujeito de *viam-se* é *praias*, por isto foi ao plural o predicado. Em frases deste tipo, é possível ainda outra concordância: *Via-se ferver as praias*, — com o verbo no singular, concordando com o sujeito fraseológico *ferver as praias*. A primeira é a mais comum, sem que a segunda seja errada.

II - 93 (2) *Da gente que a ver só concorre lêda* — *Da gente que só a ver concorre leda*. Trata-se do advérbio *só, somente*, e não do adj. *só*. Liga-se ao verbo e não ao subst. *gente*.

II - 93 (3) *as cabaias* — Túnica que chega até os joelhos, apertada por um cinto. Do ár. *qaba*, que, em berber tomou a forma *qabaya*.

II - 93 (4) *Lustram os panos* — Os panos brilham.

II - 93 (5) *Da Lũa* — com *u* nasalado por til, do lat. *lunam / luna / lũa / lua*. Vive ainda no povo rústico e nas falas dialetais esta forma nasalada. Na língua das escolas e na literária já desapareceu a nasalação como aconteceu com *pôer* de *ponere*, que passou a *poer* no arcaico e depois a *por* com a forma intermédia *poor* encontrável no "Leal Conselheiro" de Dom Duarte.

II - 94 (1) *primores* — Elegâncias, modas, chiquismos.

II - 94 (2) *fota* — Touca, turbante. Do ár. *futah*, nome de um tecido de seda ou de algodão de que faziam faixas com as quais enrolavam as cabeças e também 'deixavam pendentes do pescoço como cachecol. O nome do tecido passou a nome da cousa com ele feita.

II - 95 (1) *Tíria côr* — Da cor da púrpura, vermelho, púrpura fabricada em Tiro, na Fenícia.

II - 95 (2) *C'um resplandor reluze* — Note-se *resplandor* com a passagem de *en* (*resplendor*) a *an*, como *entre* que passou a *antre*, *Henrique* que passou a *Anrique*, sob a influência da pronúncia francesa dos primeiros colonizadores de Portugal. Note-se depois *reluze*, forma sem apócope, como era do tempo — *traduze, conduze, reluze, induze*.

II - 95 (3) *adaga* — O punhal, forma protética de *daga*, do lat. *daca*.

II - 95 (4) *alparcas* — O mesmo que *alpargatas, alpercatas*, sandálias, do ár. *al-bargat*.

II - 95 (5) *aljofar* — Pérolas miúdas, pérolas falsas. Ár. *al-jauhar*. // *Veludo* — peludo, que tem pêlos macios. Lat. *vellutus*.

II - 96 (1) *Com um redondo emparo alto de seda* — É uma longa perífrase para dizer apenas *guarda-sol, chapéu-de-sol*. Parece-nos que Portugal ainda não conhecia o objeto e, portanto, lhe faltava o termo próprio que ainda hoje é formado perifrasticamente: *guarda* (verbo) + *sol* e também *guarda-chuva: chapéu-de-sol, chapéu-de-chuva*. Houve influência do francês que diz *parapluie, parassol*. Como nos asseguram *Bloch-von Wartburg*, somente em 1580 foram conhecidos na França estes objetos, o que vem provar a nossa hipótese de que, em 1570, quando Camões escrevia o seu poema, só publicado em 1572, ainda não eram tais utensílios conhecidos em Portugal, não existindo, portanto, a palavra na língua. Daqui a necessidade da longa perífrase feita pelo Poeta no verso citado. // Aparece neste verso a forma *emparo* de *emparar* como então se dizia, com dissimilação do primeiro a (*amparo, amparar*).

II - 96 (2) *Numa alta e dourada hástea enxerido* — A língua arcaica e a clássica dos primeiros escritores conheceu *enxerir* (*inserir*), enfiar, introduzir, do lat. *insérere*.

II - 96 (3) *horríssono* — De som desagradável, lat. *horrisonus*.

II - 97 (1) *ao modo Hispano* — À maneira da península, não só ao modo da Espanha, mas de Portugal também, pois, *Hispania* era o nome sob o qual se entendia tôda a Península.

II - 97 (2) *roupa Francesa* — Deve-se entender aqui que a roupa, embora segundo o costume da Península, fora feita na França. Não tem cabimento a interpretação de que *roupa francesa* era o *robe*, ou roupão, veste mais do que caseira, que não poderia ser endossada numa solenidade como esta.

II - 97 (3) *cetim* — Camões escreveu *setim* como até pouco tempo ainda se escrevia, ligando a *seda*. Acham os etimologistas que *cetim* seja o ár. *zaituni*, tecido feito na cidade de *Zaitun*, na China, transcrição árabe do chinês *Tseu-Thoung*, hoje *Thsiuan-Tchu-Fu*.

II - 97 (4) *Carmesi* — Com a variante *carmesim*, vermelho-romã, do ár. *qermezi*.

II - 98 (1) *As calças soldadescas* — Calças militares, próprias de soldados. Temos *soldadescas* como simples adjetivo, como *principescas*. Dizia-se depois dos militares *gente soldadesca* e finalmente apenas *soldadesca*, como substantivo e de sentido depreciativo.



II - 98 (2) *Do metal que a Fortuna a tantos nega* = ouro. // *Fortuna* = *sorte*.

II - 98 (3) *Os golpes do gibão* — As pregas do gibão, casaco bastante amplo e comprido.

II - 98 (4) *ao Itálico modo* — À maneira da Itália, isto é, com a espada pendente do talabarte.

II - 98 (5) *Pruma na gorra, um pouco declinada* — Note-se *pruma* e hoje *pluma*, onde está a alternância *r/l* tantas vezes comentada nesta obra. // *Gorra* — gorro, boné, do basco *gorri*, propriamente, vermelho.

II - 99 (1) *Nos de sua companhia se mostrava* — O adjetivo *sua* deve ser contado como uma sílaba só para dar certo o decassílabo. Possivelmente dizia Camões como ainda hoje diz o povo português: *sa companhia*, usando a forma arcaica *ma* (*mha*), *ta, sa*, que ainda existe em francês.

II - 99 (2) *o múrice* — Molusco que segrega líquido vermelho muito usado na antiga tecelagem. Lat. *murex, muricis*.

II - 99 (3) *Da bela Ninfa, filha de Taumante* — É Íris, donde *Arco-Íris* por *Arco de Íris*. Era a mensageira de Juno. Tinha nas asas todos os cambiantes das cores e por onde passava, deixava como vestígio de sua passagem o *arco-íris*. Usou Camões *Taumante* para rimar com *rutilante*. Em geral se diz *Taumas*, nominativo. Lat. *Thaumas, Thaumantis*. No verso está a forma tirada do acusativo *Thaumantem*.

II - 100 (1) *ressoando* — É como se encontra na edição "princeps" e não *ressonando* como empregou Epifânio da Silva Dias.

II - 100 (2) *os brados acendidos* — Os estampidos das bombardas.

II - 101 (1) *O Rei, que nos seus braços o levava* — Quem é que levava ou quem era o levado nos seus braços? Era o Rei que levava o Gama nos seus braços, ou, ao contrário, era o Gama que levava o Rei nos seus braços? Os versos são ambíguos. Segundo a pontuação, que damos, e segundo o contexto, é o Gama que oferece os seus braços ao Rei.

II - 102 (1) *Tudo o que de seus reinos lhe cumprisse* — Escreveu Camões: *comprisse*. Tudo o que lhe fosse necessário. Na língua dos Cancioneiros encontramos sempre a expressão: "Senhor (Senhora) *comprida* de todos os bens", isto é, dotada de todas as qualidades indispensáveis a uma senhora.

II - 102 (2) *Com gente de sua Lei tivesse guerra* — Que já havia guerreado com *maometanos* (da Lei, da religião de Maomé). Conta-se *sua* como acima — c. II - 99 (1) — por uma sílaba única.

II - 103 (1) *E como por toda África se soa os grandes feitos* — Não se pode defender êste passo de Camões: evidentemente, o sujeito é *os grandes feitos* e com ele deve concordar o verbo *se soam: são soados, são propalados, são publicados, divulgados*, etc.

II - 103 (2) *Do Reino onde as Hespéridas viveram* — Eram as filhas de *Héspero* ou *Atlas*. No jardim delas, os frutos eram de ouro, guardados por dragão de cem cabeças. Hércules matou o dragão e furtou os pomos de ouro. Camões aceita que o jardim das Hespérides estivesse em Marrocos onde os portugueses já haviam vencido os mouros.

II - 104 (1) *que, só, tiveste piedade* — Que foste o único a ter piedade. Note-se como aparece a forma *piedade* ao lado de *piadade*, então, mais corrente. Ambas eram, portanto, usadas nas letras portuguêsas.

II - 104 (2) *Rei benigno* — Embora escreva o Poeta *benigno*, a pronúncia ainda omitia a gutural, dizendo *benino*. Era uma forma para os olhos e não para os lábios. No c. III - 130 aparece a forma usual: "Queria perdoar-lhe o Rei benino".

II - 104 (3) *Te pague o que nós outros não podemos* — A regência do verbo *pagar* é bitransitiva: objeto direto de cousa e indireto de pessoa: *pague a ti o que não podemos* (*pagar*). Assim se deverá dizer: "Já *paguei ao cozinheiro*" e não como erradamente se ouve: Já *paguei o cozinheiro*.

II - 105 (1) *de todos quantos queima Apolo* — De todos os africanos, povos que passam por terem sido queimados pelo carro de Apolo, o Sol, guiado afoitamente pelo filho Faetonte.

II - 105 (2) *Eolo* — Acentuação arbitrária de Camões para poder rimar com Apolo, Pólo. A acentuação correta é *Éolo*, proparoxítona, do lat. *Aéolus*.

II - 105 (3) *Refúgio fido e jucundo* — Camões escreveu *jocundo*. Refúgio *fido*, fiel, em que se pode ter confiança, estar tranqüilo. Latinismo do Poeta. Lat. *fidus*. // *Jucundo* — Alegre à vista. Lat. *incundus*.

II - 105 (4) *Enquanto apascentar o largo Polo as Estrelas* — Era a crença antiga de que o céu (o Pólo) se nutria ou se sustentava com as exalações subidas da terra e do mar. Esta é a explicação de Epifânio da Silva Dias, mas, pelo contexto, não é o Pólo, o céu, que pasce, que se sustenta, e sim, que dá sustento às estrelas, objeto direto de *apascentar* cujo sujeito é o *largo Polo*. Tem-se a impressão de que o Poeta usou aqui, em sentido translato, o que se costumava e se costuma dizer dos campos que *apascentam* os rebanhos: as estrelas são os rebanhos que o céu, o Pólo, apascenta.

II - 105 (5) *Onde quer que eu viver...* *Viverão teus louvores* — Emprega

o Poeta o mesmo verbo (*viver*) em modos e tempos diferentes, como era dos preceitos da métrica medieval, provençal, dos Cancioneiros. É o *dobre* e o *mosdobre.*

II - 106 (1) *Isto dizendo* — Não era, no tempo clássico, de rigor que, em construções de gerúndio ou particípio passado, viesse em primeiro lugar o verbo e depois o pronome. Modernamente assim se exige: *Dizendo isto.* Vieira escreveu: "*Estando Cristo* na maior aflição..." (3.ª dom. da Quaresma) — "...*resistindo Cristo*..." (4.º sáb. da Quaresma) — Mas também escreveu: "*O demônio vendo*..." (2.º sáb. da Quaresma). Bernardes: "*Armado já o cavaleiro de Cristo*..." (N. Fl. I - 73) — "*Ouvindo a parlanda*..." (Idem - 75) — "*Tomada esta vingança*..." (Idem - 82).

II - 106 (2) *Vulcano* = A artilharia, a bombarda.

II - 107 (1) *que pasmava* — Que se admirava, que se enchia de pasmo. Diz-se corretamente *ficar pasmado* e não *ficar pasmo.*

II - 107 (2) *o instrumento inusitado* — A artilharia desconhecida na Ásia.

II - 107 (3) *Que tamanho terror em si mostrava* — Que tamanho terror causava pela sua simples vista. Esta maneira de empregar *terror* é ambígua e fora de uso: *mostrar terror em si* vale o mesmo que *estar cheio de terror*, quando, aqui, é justamente o contrário: que causa terror aos outros.

II - 107 (4) *estar quieto* — O mesmo que estar *quedo*, parado, imóvel. Lat. *quietus*, em paz, em descanso. *Quieto* é forma literária; a vulgar é *quéto*, pela absorção da semivogal *i* como é da regra fonética.

II - 108 (1) *Agora... agora... agora* — Uso do advérbio em função alternativa como *já... já...*

II - 108 (2) *a Hespéria última* — A terra de *Héspero* (Veja c. II - 103 (2). Toma Camões, imitando a Horácio, a Hispânia, a Península Ibérica, como a última terra, a mais ocidental de todas as terras para os romanos. Leia-se Horácio: "Qui nunc Hesperia sospes ab ultima / Caris multa sodalibus".

II - 109 (1) *Mas antes, valeroso Capitão nos conta* — Temos o pronome oblíquo *nos* colocado antes do imperativo *conta*. Mandam os gramáticos menos avisados que, com o imperativo afirmativo, seja o pronome oblíquo posposto ao verbo. Camões oferece-nos muitos exemplos que contrariam a regra artificial, já nesta e na seguinte estrofe (E assi também *nos conta* dos rodeios), já no c. III-I —: "Agora, Calíope, *me ensina*". De tudo isto se deduz que a colocação do pronome oblíquo com os imperativos positivos é livre, dependendo do gosto do escritor. Veja a ressalva que colocamos em nossa "Gramática Normativa", pág. 425.

II - 109 (2) *Co'os sucessos das guerras do começo* — Com os *acontecimentos* das guerras e não com os *êxitos.*

II - 109 (3) *Que, sem sabê-las, sei que são de preço* — O mesmo verbo sob formas diferentes — *saber... sei.* Veja o comentário do c. II - 105 (5).

II - 110 (1) *nos conta* — Veja acima — estrofe 109 - (1).

II - 110 (2) *o mar e as ondas jazem* — Estão quietos, como que deitados.

II - 111 (1) *Que quem há que por fama não conhece* — Deveria ser: *não conheça.* A rima impôs-se a Camões.

II - 111 (2) *Que os Melindanos têm tão rudo peito* — Observe-se que Camões nunca faz distinção gráfica entre *tem* e *teem* ou *têm*. Deixa ao contexto da frase a determinação do singular ou do plural. Aqui também devia ser: *Que os Melindanos tenham tão rudo peito*, em correlação com *estimem* do verso imediato. O uso do subjuntivo é muito incerto entre os clássicos, até em Vieira.

II - 112 (1) *os Gigantes* — Eram vários: *Titião* cujo corpo, quando estendido, ocupava nove acres de terra; *Encélado*, que para ser dominado, foi necessário pôr-lhe em cima o monte Etna — Veja c. V - 51; *Briaréu* ou *Centímano*, que tinha cem mãos — Veja c. V - 51; *Tifão*, cujo hálito era de fogo. Fizeram guerra aos deuses do Olimpo, colocando montes sobre montes para chegar ao céu, mas foram derrotados pelos trovões e raios inventados por Minerva e fabricados por Vulcano e seus Ciclopes.

II - 112 (2) *Perito e Teseu* — Amigos e companheiros que desceram até o Inferno para livrar Prosérpina do poder de Vulcano. Ficaram prisioneiros lá, sendo libertados por Hércules. A forma latina é *Perithous*, do gr. *Perithoo*. Camões observou o acento latino *Téseus*, mas ficou na língua como oxítono.

II - 113 (1) *templo de Diana* — Em Éfeso, uma das sete maravilhas do mundo antigo.

II - 113 (2) *Ctesifônio* — Foi o arquiteto do templo de Diana. Gr. *Ktesiphon*, lat. *Ctesiphon*: deveria ser, em português, *Ctesifão*. Camões empregou Ctesifônio, menos correto, como fez de outras vezes: *Colofônia* (c. V - 87), *Memnemônio* por *Memnon* (c. IX - 51), *Emódio* por *Emodo* (c. VII - 17), *Cinifio* por *Cinife* (c. VII - 7).

II - 113 (3) *Heróstrato* — O incendiador do templo e o fez para que o seu nome ficasse, assim, tristemente célebre no mundo. Deu-se o incêndio na mesma noite em que nasceu Alexandre, o Magno. Por uma lei especial, ficou proibido pronunciar-se o nome de Heróstrato, em Éfeso.



II - 113 (4) *nome aventajado* — Célebre, famoso. Em *aventajado*, *ventagem*, existe dissimilação do primeiro *a* em *e*. Tais formas ainda vivem na língua do povo, sobretudo, do Brasil.

## Canto Terceiro

III - 1 (1) *Calíope* — Era a musa da poesia épica. Nove eram as musas ou inspiradoras: *Clio* (História); *Euterpe* (Música); *Tália* (Comédia); *Melpómene* (Tragédia); *Terpsícore* (Dança); *Erato* (Poesia amorosa); *Polínia* (Poesia lírica); *Urânia* (Astronomia); *Calíope* (Poesia épica).

III - 1 (2) *me ensina* — Note-se a colocação do pronome oblíquo *me* antes do imperativo. Não foi por exigência da rima porque em outros casos alheios à rima, houve a mesma colocação. Veja c. II - 109-110. Veja exemplos, em prosa, na "Gramática Normativa" em seu lugar adequado. A colocação pronominal com os imperativos positivos é inteiramente livre, dependendo do gosto do escritor.

III - 1 (3) *Inventor da Medicina* — É Apolo, mas pròpriamente o inventor da medicina foi *Esculápio*, filho de Apolo e da ninfa Coronis. Esculápio ressuscitou a Hipólito, sem licença de Júpiter que o fulminou com um raio. Apolo, indignado, traspassou a flechadas os Ciclopes por terem estes fabricado esse raio com que o deus matou a Esculápio.

III - 1 (4) *Orfeu* — Para uns é filho de Oeágrio, rei da Trácia, e de Calíope; para outros, de Apolo e Clio. Aperfeiçoou a lira de Apolo, juntando-lhe duas cordas. Até as feras se tornavam dóceis ao som desse instrumento. Casado com Eurídice, vai ao Inferno para obter de Plutão a volta da esposa que falecera, no dia das núpcias, picada por uma cobra quando fugia assustada de Aristeu. Cantando à lira a sua desgraça, comoveu todo o Inferno: Cérbero deixou de ladrar; as Fúrias acalmaram-se; todos os tormentos daquele antro de horror se detiveram para ouvir a Orfeu. Quando saía do Inferno, levando Eurídice rediviva, as próprias pedras estavam banhadas de lágrimas.

III - 1 (5) *Dafne* — Era filha do deus dos rios Peneu e da Terra. Apolo enamorou-se de Dafne que não lhe aceitou o amor. Perseguida por ele, pediu o socorro da Terra que se abriu para ocultá-la, transformando-a em loureiro. Por isto o loureiro foi dedicado a Apolo.

III - 1 (6) *Clície* — Ninfa que se enamorou de Apolo ou Febo, o Sol. Para segui-lo em seu giro e estar sempre a vê-lo, transformou-se em girassol, *Helianto*, a flor (*anthos*) do Sol (*Hélios*).

III - 1 (7) *Leucótoe* — Irmã de Clície, que foi preterida por Febo. A verdadeira pronúncia é *Leucótoe*, mas Camões deslocou o acento para poder rimar com *sóe*.

III - 2 (1) *O licor de Aganipe* — A água inspiradora dos poetas que jorrava da fonte Aganipe, no monte Hélicon, na Grécia. Gr. *Aganipe* de *agan*, muito, e *hippos*, cavalo. Fonte que brotou de um coice muito forte de Pégaso. Muitos identificam Aganipe com Hipocrene.

III - 2 (2) *Pindo* — Cadeia de montanhas entre a Tessália e o Epiro. O Pindo era a residência preferida das musas.

III - 2 (3) *Orfeio* — O mesmo que *Orfeu*, aqui sob esta forma exigida pela rima de *receio*.

III - 3 (1) *Prontos* — Dispostos, à espera de, atentos. Na gíria brasileira criou-se a expressão *estar pronto*, no sentido de estar sem dinheiro algum. Ainda aqui se aplica o significado que vemos em Camões: os bolsos estão *prontos*, isto é, atentos à primeira oportunidade de obter algum dinheiro, estão *à espera* de dinheiro. Conhecido é o modismo militar: *estar de prontidão*, quer dizer, estado de espera, de atenção extrema, de decisão para agir ao primeiro reclamo das necessidades. Na gíria há também *prontidão*, no mesmo sentido de *estar pronto*, sem dinheiro.

III - 3 (2) *escuitando* — Forma arcaica e clássica, ainda corrente no Brasil, perfeitamente evolutiva, do latim *auscultare* / *auscultar* (forma literária) / *ascoitar*, forma popular, pronunciada e escrita também *ascuitar*, e, finalmente, com mudança de prefixo: *escuitar*. Vê-se que a semivogal *i* é a transformação da velar *l*. Como sempre se dá, o ditongo *ui* simplificou-se em *u* pela perda da subjuntiva e temos a forma literária de hoje *escutar*.

III - 3 (3) *Mandas-me, ó Rei...* Inicia o Gama a narração dos feitos da História de Portugal. É o recurso de que muitos épicos, tais como Vergílio, Dante, Camões, se serviram para dar unidade externa a seus poemas. Na Eneida, é Enéias o narrador; na Divina Comédia é primeiramente Vergílio e depois Beatriz; nos Lusíadas é Vasco da Gama. Quanto ao que seja *unidade externa*, *extrínseca* em oposição a *unidade interna*, *intrínseca*, veja o assunto na "Introdução" desta obra.

III - 3 (4) *a grão genealogia* — Na língua clássica, *grão*, apócope de *grande*, como este adjetivo, tem uma só forma para ambos os gêneros: *Grão-Mogol*, *grão genealogia*. A tendência moderna de distinguir *grão* (masc.) e *grã* (feminino) como em: *grão-capitão*, *grão-mestre* e *grã-cruz*, *grã-fidalguia*, não encontra fundamento nem na formação histórica da palavra nem nos exemplos clássicos.

III - 4 (1) *que se costuma e se deseja* — É do gosto de Camões o uso de verbos, substantivos, adjetivos em parelhas: *que se costuma e deseja; um novo engenho ardente; um som alto e sublimado; um estilo grandiloco e corrente; uma fúria grande e sonorosa; tuba canora e belicosa; se a tanto me ajudar engenho e arte; tenro e novo ramo florescente; jugo e vitupério; ninho meu paterno; grande e próspera vitória; paz angélica dourada; e para dizer tudo temo e creio; a ordem leve e siga; curvo e frio; fero e horrendo; com força ou manha; o esforço e a ousadia; marinheiros duros e forçosos; força e arte; com súbito temor e desacordo; a boca e os olhos retorcendo; as armas alimpam e renovam; brandindo e volteando arremessões; vão correndo e gritando; corre e freme; doce e amado espôso; a noite negra e feia*, etc.

III - 5 (1) *Porque de feitos tais* — Os escritores clássicos nem sempre conseguem evitar os cacófatons, talvez, porque não tivessem a malícia dos nossos tempos. Conhecido é aquele verso do mais famoso soneto camoniano: *Alma minha gentil que te partiste...* E aqui temos *de feitos tais* que nos soam *defeitos tais.*

III - 5 (2) Note-se, nesta estrofe, a diferença entre *além disso... porque nisto...* observando o poeta a colocação necessária destes demonstrativos: *além disso* — refere-se ao que ficou dito, já mais distante do orador; *nisto* — o que está presente, no momento, do qual passará a falar, próximo dele, o narrador.

III - 6 (1) Dá-nos o Poeta, a seu modo, os limites da Europa. A *zona que o Cancro senhoreia* — *domina, governa,* — o trópico de Câncer. *Meta setentrional do Sol* — em oposição ao trópico de Capricórnio, que é a *meta austral*. Entre ambos, o Equador, — a *do meio por ardente*. *Arcturo* = o norte. Veja c. I - 21.

III - 6 (2) *Mediterrano* — O mar europeu por excelência, posto no meio das terras, entre a Europa e a África. Era comum entre os escritores quinhentistas absorver a semivogal dos ditongos imperfeitos ou átonos em nomes próprios. Camões escreve *Mediterrano* por *Mediterrâneo; Tarquino* por *Tarquínio; Ampelusa* por *Ampelúsia*, etc.

III - 7 (1) *o rio que dos montes Rifeios vai correndo* — É o *Don*. Outro nome é *Tânais*. Plínio, o Antigo, punha as nascentes do *Tânais* nos montes *Rifeios* (Lacus ipse Maeotis Tanain amnem ex Ripaeis montibus defluentem accipiens, novissimum inter Europam Asiamque finem. — N. Hist. IV — § 78) — Camões usa *Rifeios* (*Ripheios*) e Plínio *Ripaei* porque, sendo grega a origem do nome, o *ph* podia ser transcrito por *ph* = *f* ou por *p*.

III - 7 (2) *alagoa Meotis* — É o *lacus Maeotis* de que acima falou Plínio, atualmente o Mar de Azof.

III - 7 (3) *o rio vai correndo na alagoa Meotis* — Com os verbos de movimento como *ir*, requer a sintaxe moderna que se empregue a prep. *a: ir à cidade, ir ao cinema*. Vive no Brasil a sintaxe clássica, herança do latim, que se encontra neste verso: *ir em: vai correndo na alagoa*. Veremos em outras passagens do poema como esta regência era comum em Camões. Constitui, pois, um brasileirismo? Não: é uma conservação da lingua do Brasil, mas pertence à língua, vindo do latim.

III - 7 (4) *Tróia triunfante* — Entre os antigos, admitiam muitos que Tróia tinha vencido os gregos. Fenômeno modernissimo, a este parecido, se deu na colônia japonesa de S. Paulo, Brasil: grande parte não admite a derrota do Japão na última guerra. O vencido foram os Estados-Unidos.

III - 8 (1) *mais debaixo do Polo* — No extremo norte da Europa.

III - 8 (2) *montes Hiperbóreos* — Certos montes imaginários que diziam existir nessa parte extrema, na Escandinávia moderna.

III - 8 (3) *Eolo* — Novamente aparece *Eólo* em lugar de *Éolo*, acentuação seguida sempre pelo Poeta, em rima sempre com Apolo, Pólo. Refere-se ao vento do norte, o *Bóreas*, vento frio.

III - 8 (4) *contino* — Por *continuo*. Absorção da semivogal *u* do ditongo imperfeito *uo*. Veja c. III - 6 (1) o que se disse de *Mediterrano*.

III - 9 (1) *dos Citas grande quantidade vivem... Tiveram* — Concordância do verbo no plural com a idéia do coletivo *quantidade* seguido do restritivo *dos Citas*. A colocação dos Citas no norte da Europa era corrente, no tempo; segundo Heródoto, esse povo se estendia do Ister (Danúbio) até o Tánais (o Don). Camões segue a geografia da sua época.

III - 9 (2) *sobre a humana antiguidade* — Refere-se à contenda travada entre os citas e os egipcios a respeito da antigüidade do gênero humano.

III - 9 (3) *Mas quem tão fora estava da verdade* — Tanto os citas como os egipcios estavam fora da verdade (a respeito da antigüidade do gênero humano) por desconhecerem a narrativa biblica.

III - 9 (4) *campo Damasceno* — *Campo* é, como em latim, sinônimo de pais, terra: pais de Damasco, a Síria, onde, segundo a tradição do tempo, se tinha dado a criação de Adão.

III - 10 (1) *Agora nestas partes se nomeia a Lápia fria, a inculta Noruega, Escandinávia ilha*, etc. O verbo concordou apenas com o primeiro elemento do sujeito composto.

III - 10 (2) *Lápia* — A moderna *Lapônia*, mais ou menos, a *Finlândia* de hoje. A *Noruega* e a *Suécia* já eram conhecidas, mas muito imperfeitamente como se vê no seguinte comentário.



III - 10 (3) *Escandinávia ilha* — Plinio, Ptolomeu e outros geógrafos antigos pensavam que a Suécia fosse uma ilha. Davam-lhe o nome de *Escândia*. Certamente lhes vinha a noção de ilha por causa da situação de Estocolmo, construida sobre as ilhas que se encontram no lago Mäler e margem esquerda do mar Báltico, o oceano *Sarmático* dessa época.

III - 10 (3) *que se arreia* = que se enfeita, que se adorna. *Arrear-se* do lat. *ad redare* — do gót. *redan*, enfeite, adôrno.

III - 10 (4) *vitórias que Itália não lhe nega* — São as vitórias dos Godos, reportadas no sul da Suécia e da Itália onde fundaram um reino sob Teodorico, formado pela Itália, Dalmácia e Sicília, parte da Rétia e da Provença e do noroeste da Espanha, em territórios da Galicia e de Portugal.

III - 10 (5) *Um braço do Sarmático Oceano* = a parte do Báltico (*Sarmático Oceano*) até o sul, o Sund, entre a Suécia e a Dinamarca.

III - 10 (6) *Brúsio, Suécio e Dano* = *prussianos, suecos e dinamarqueses*. *Brúsio* é o aportuguesamento do lat. *Borussius* correspondendo a *Prussio, prussiano*. *Dano* é o lat. *danus, i*, nome dos atuais dinamarqueses. // *Navega-se um braço do Sarmático Oceano* — Aqui aparece a sintaxe em vigor antigamente: não se omitia o agente da ação verbal, como ficou explicado no c. I - 52 — *Navega-se um braço do Sarmático Oceano pelo Brúsio, Suécio e frio Dano*. Hoje, omite-se o agente da ação verbal. Quando se quer expressar tal agente, recorre-se a outro processo apassivador: *Um braço do Sarmático Oceano é navegado pelo Brúsio*, etc.

III - 11 (1) *Tánais* — É o rio *Don*. Veja c. III - 7.

III - 11 (2) *Rutenos* — No norte da Hungria e na Lituânia. // *Moscos* — moscovitas, russos. // *Livónios* — Os livônios foram anexados à Rússia de nossos dias. // *Sármatas* — mais ou menos os tchecos de hoje.

III - 11 (3) *na montanha Hircínia* — Colocavam os antigos a Hircinia Silva na Germânia Média até Hesse. // *Marcomanos* — Povos de origem germânica que Camões enganadamente identifica com os polônios, polacos.

III - 11 (4) *Saxones* — Forma latina, hoje, *saxões*, germânicos. // *Boémios* — hoje uma provincia tcheca. // *Panónios* — modernos iugoslavos. // *Reno*, um dos mais importantes rios da Europa central, banhando a Alemanha e a Suiça alemã.

III - 11 (5) *Danúbio*, o mais importante rio do centro-sul europeu, o antigo *Ister* dos romanos. // *Amasis* — o atual *Ems*, em lat. *Amasis* e *Amisis*. *Albis*, o *Elba* de nossos dias. Note-se como Camões, colocando no meio o verbo *lava*, fá-lo servir de predicado não só ao Reno, mas aos demais rios. É uma construção já conhecida em latim.

III - 12 (1) *Istro* — lat. *Ister* e também *Hister* = o *Danúbio*. // *Hele* — filha de Atamante, que caiu no estreito que lhe tomou o nome *Helesponto*, ao pé da letra: *mar (ponto) de Hele*, quando ia pelos ares, montada num carneiro, cujo pêlo era de ouro.

III - 13 (1) *Áxio* — Nome latino do rio *Vaidar*.

III - 14 (1) *Dálmatas* — Iugoslavos modernos.

III - 14 (2) *e no seio onde Antenor muros levantou* — *Seio*, do lat. *sinus*, golfo, o golfo do Adriático onde está localizada Veneza. // *Antenor* — Prófugo de Tróia, fundou Pádua e penetrou na laguna (seio) veneziana. Pádua fica perto de Veneza. Os reais fundadores de Veneza foram os habitantes de Aquiléia que fugiram à invasão de Atila, no sec. V da era cristã.

III - 14 (3) *Da terra um braço vem ao mar... Braço forte* — Vale-se o Poeta da palavra *braço* para um trocadilho: do *braço*, cabo ou peninsula que avança para o mar, passa a *braço*, valor militar, força, potência de que gozaram os venezianos nos melhores tempos de sua república.

III - 14 (4) *Não menos nos engenhos que na espada* — Nova maneira de repetir o mesmo pensamento da estrofe 13: *não menos por armas que por letras.*

III - 15 (1) *Em torno o cerca o Reino Netunino* — O pronome *o* refere-se a *braço de terra* que é toda a *peninsula itálica*, banhada por três mares: o Adriático, o Tirrênio e o Mediterrâneo, isto é, pelo Reino Netunino.

III - 15 (2) *Co'os muros naturais por outra parte* — Os Alpes que fecham todo o norte da Itália, separando-a da França e da Suiça.

III - 15 (3) *Pelo meio o divide o Apenino* — Sempre o pron. *o* em referência a *braço de terra*, a Itália. Emprega o singular *Apenino* pelo plural *Apeninos* como sempre se diz, por causa da rima. Cadeia de montanhas que divide a Itália em duas partes, este e oeste, ao longo de toda a Peninsula. São tão célebres tais montes na geografia e história da Itália que Petrarca o tomou por simbolo de todo o pais, em sua célebre definição da Itália:

> *".... il bel paese*
> *Ch'Appennin parte, e'l mar circonda e l'Alpe".*
>
> (Sonêto 114).

III - 15 (4) *Porteiro divino* — S. Pedro e o seu sucessor, o Papa. Como a S. Pedro foi dado o poder de absolver os pecados, foram-lhe confiadas as chaves do reino dos céus. Por isto é chamado o Porteiro Divino.

III - 15 (5) *Tanto Deus se contenta de humildade* — De tal modo gosta Deus da humildade, das pessoas humildes. *Contentar-se de* e também *contentar-se com*. Esta regência é a mais corrente em nossos dias.

III - 16 (1) *Gália* = a França, o país dos *galos*.

III - 16 (2) *Cesáreos triunfos* — Sabemos todos pelas páginas "De Bello Gallico" que a conquista das Gálias foram triunfos de Caio Júlio César.

III - 16 (3) *Séquana* = *Sena*; // *Garuna* = *Garona*.

III - 16 (4) *Ninfa sepultada* — Diz a lenda que nos montes Pirineus foi sepultada Pirene, namorada de Hércules, morta pelas feras. Era filha de Bebrix. Outra lenda explica de outro modo o nome Pirineus: Hércules, indignado com a morte de Pirene, deitou fogo às florestas e foi tal o vulto do incêndio que chegou para derreter todos os minerais, sobretudo, a prata, que fundidos escorriam pelos montes. *Pirineus* viria então do grego *Pyr*, fogo. Camões juntou as duas lendas na mesma estrofe. Note-se que, em Portugal, se diz *Pirinéus*, com timbre aberto; no Brasil, *Pirineus*, com timbre fechado.

III - 17 (1) *Eis aqui* — Expressão introdutória pela qual se chama a atenção do leitor para o que se vai narrar. *Eis* — advérbio de designação, mas, em sua origem, verbo: *eis* por *haveis* outrora escrito *aveis*. Que seja verbo prova-se pela regência de objeto direto (*eis-me, ei-lo*) e pela comparação com a forma correspondente do francês: *voici, voilà*, onde se encontra o verbo *voir*. Há muito que se abandonou a origem do adv. latino *ecce* contrário a todas as leis fonéticas.

III - 17 (1) *Eis aqui se descobre a nobre Espanha* — A sintaxe de colocação manda que, na voz passiva, com partícula apassivadora *se*, venha o sujeito depois do predicado. Por isto dizemos: *vendem-se livros, alugam-se casas, descobriu-se o Brasil* e não: *livros se vendem, casas se alugam, o Brasil descobriu-se*. Os poucos exemplos da não observância desta regra de colocação, que podemos encontrar nos clássicos, não invalidam a regra baseada sempre na maioria dos casos. Bernardes escreveu: "Entre todas a principal (seita) foi a dos fariseus e *se deriva* este apelido da raiz hebraica *pharas*..." (N. Fl. I - 11) — Mas páginas adiante: "... na Igreja Ocidental *introduziu-se o jejum* do sábado" (pág. 16).

III - 17 (2) *Muitas voltas tem dado a fatal roda* — É a roda da Fortuna, da Sorte, do Destino que gira independentemente da nossa vontade, determinando os acontecimentos da nossa vida e, por isto, *fatal*.

III - 17 (3) *noda* — Diz Epifânio da Silva Dias que *noda* é o lat. *nota* e *nódoa, notula*. Assim, pode ser, mas, podemos explicar *noda* como condensação do ditongo *oa*, como já usou Camões *contino* por continuo (c. III - 8; *grandíloco* por *grandíloquo* (c. I - 4). Não há, pois, necessidade de recorrer-se a dois étimos latinos.

III - 17 (4) *cria* — O verbo *criar*, do lat. *creare*, apresenta duas séries: *crio, crias, cria, criamos, criais, criam*, ou *creio, creias, creia, creamos, creais, creiam*. Esta possibilidade é comum a outros verbos em *iar, ear*, como *premio*, ou *premeio; negocio* ou *negoceio; alumio* ou *alumeio; vario* ou *vareio*, etc. Inventaram alguns gramáticos que a série *crio, crias, cria*, etc., pode ser empregada no sentido de inventar, produzir, educar (*criar galinhas, obras de arte, educar filhos*, etc.). Mas que a série *creio, creias, creia*, etc., só pode ser empregada com referência ao ato de tirar do nada, portanto, só a Deus. Tal distinção é pura fantasia. A teologia não entra na gramática.

III - 18 (1) *Tingitânia* — Marrocos, região de Tânger.

III - 18 (2) *Estreito* — De Gibraltar, outrora Colunas de Hércules, o Tebano.

III - 18 (3) *cuida que é melhor* — Camões escreveu *milhor*, forma arcaica e de timbre fechado. Faltou o artigo *a* antes de *melhor*: *cuida que é a melhor*.

III - 19 (1) *Tarragonês* — O mesmo que *aragonês*. // *Partênope* — Nome que os poetas deram a Nápoles, conquistada por Afonso V de Aragão, em 1442. Diziam os antigos que antes de Nápoles houve outra cidade, *Partênope*, do nome de uma sereia cujo corpo aí apareceu. *Nápoles*, do gr. *Neapolis*, quer dizer: a cidade nova, a nova cidade, em relação a essa outra anterior, Partênope, mais antiga.

III - 19 (2) *Mahometa* — O mesmo que maometano, muçulmano, islamita. No "Esmeraldo de Situ Orbis" de Pacheco, aparece *macometa* pela guturalização do *h* aspirado.

III - 19 (3) *a quem fez o seu Planeta* — O pron. *quem* refere-se a castelhanos: *seu Planeta*, seu astro, sua estrela, sua sorte, pois, segundo crê a maioria, dos planetas, astros e estrelas depende a sorte de cada vivente.

III - 19 (4) *Bétis* — Do lat. *Baetis*, o nome do rio que hoje se chama Guadalquivir, denominação que se comunicou a toda a província, a província romana da *Bética*. Hoje é Andaluzia, e sua capital Sevilha.

III - 20 (1) *cume da cabeça de Europa toda* — Note-se como o Poeta, primeiramente, exalta a península toda, mas especialmente a Espanha, dando-a como cabeça ali de Europa toda, para depois colocar ainda mais alto Portugal: *cume da cabeça de Europa toda*. Espanha era a *cabeça de Europa* porém, Portugal é o *cume da cabeça de Europa tôda*.



III - 20 (2) *onde Febo repousa no Oceano* — Onde o sol se põe. *Febo*, o Sol, Apolo.

III - 21 (1) *se o céu me dá* — Se me permite Deus.

III - 21 (2) *De Luso ou Lisa* — Veja c. I - 24.

III - 21 (3) *Filhos foram, parece, ou companheiros* — A indecisão de Camões já vinha desde os poetas e escritores latinos. Plínio, o Antigo, (N. H. III — § 8) escreveu: "Lusum enim Liberi patri ac Lysam cum eo bacchantem nomen dedisse Lusitaniae". Para Plínio, Luso e Lisa eram filhos do pai Liber, outro nome de Baco e deram nome à Lusitânia. Mas em outra passagem disse: "Lysa Bacchi comes" isto é, Lisa, companheiro de Baco. Há contradição entre os dois textos? Achamos que não há: ambos eram filhos de Baco e foram seus companheiros na fundação da Lusitânia.

III - 21 (4) *íncolas* — Habitantes, moradores, latinismos, de *incola, ae*, formado de *in* + *cola*, de *cólere*, habitar.

III - 22 (1) *Desta o pastor nasceu* — Foi Viriato, natural da Lusitânia; *que de homem forte os feitos teve* — Derivavam os antigos o nome *Viriatus* de *vir, viri*, varão. Hoje sabemos que *Viriatus* vem de *viria*, bracelete: aquêle que trazia bracelete. *Viria*, mais usada no plural *Viriae*, é nome celta alatinado.

III - 22 (2) *a grande de Roma* — O mesmo que *a grande Roma*. A prepos. *de* é meramente expletiva e constitui idiotismo do português. Ainda hoje se diz: o pobre do Antônio, o coitado de Pedro, o infeliz de João, o bom do amigo fulano.

III - 22 (3) *o velho que os filhos come* — Saturno, símbolo do tempo que devora as horas. O tempo.

III - 23 (1) *Um rei, por nome Afonso, foi na Espanha* — Existiu na Espanha um rei, Afonso VI de Castela e Leão, falecido em 1109, pai de D. Teresa ou Tareja, esposa de Henrique de Borgonha, ambos fundadores de Portugal. // *Foi* — como em latim *fuit*: *fuit homo quidam*, existiu um certo homem.

III - 23 (2) *armas sanguinas* — Armas que derramaram sangue. *Sanguinas* por *sanguineas*. (Veja c. I - 24; c. III - 8; c. III - 17) (*noda*).

III - 23 (3) *do herculano Calpe à Cáspia Serra* — *Calpe*, montanha do sul da Espanha, no estreito de Gibraltar, então, Colunas de Hércules e, por isto, *herculano Calpe*.

III - 24 (1) *dões* — O mesmo que *dons*, plural antigo.

III - 25 (1) *Anrique* — Henrique de Borgonha. A forma *Anrique* é corrente nos clássicos e arcaicos, reproduzindo a pronúncia francesa.

III - 25 (2) *rei da Hungria* — Engano de Camões: era o 4.º filho de Henrique, Duque de Borgonha. Este Duque Henrique é que era o segundo filho de Roberto I, Duque de Borgonha.

III - 25 (3) *Portugal houve em sorte* — Não foi assim, mas, por dote que lhe levou D. Teresa, filha natural de Afonso VI. Era apenas o *condado de Portucale*, desmembrado da Galícia. Fora esta dada em dote a D. *Urraca*, filha mais velha de Afonso VI quando se casou com Raimundo de Beranger, primo de Henrique de Borgonha.

III - 25 (4) *Teresa* — Outrora *Tareja*, nome de origem grega, nome da ilha *Therasia*, uma das Cíclades.

III - 26 (1) *Este... deu-lhe o supremo Deus... um filho* — Anacoluto, falta de seqüência lógica nas orações.

III - 26 (2) *Um filho* — Afonso Henriques, isto é, Afonso, filho de Henrique, o verdadeiro fundador do reino de Portugal.

III - 27 (1) *Da cidade Hierosólima sagrada* — Da cidade de Jerusalém. Temos aqui novo exemplo da construção apositiva *cidade Hierosólima*, tal qual em latim *urbs Roma*, construção tão correta quanto *cidade de Hierosólima*, construção restritiva, como em latim *Urbs Romae*. Ambas são corretas, não havendo galicismo algum na primeira. A forma *Hierosólima* é grega (*Hierosolyma*) onde o primeiro elemento *Jeru* de *Jerusalém* foi substituído por *hierós*, sagrado; a segunda parte *solyma*, diz Nascentes (II vol. do dicionário) que se prende ao nome do povo *solimos*, da Ásia Menor.

III - 27 (2) *Jordão* — O rio onde se deu o batismo de Cristo por João Batista.

III - 27 (3) *Gotfredo* — É Godofredo de Bulhões, comandante da primeira cruzada, fundador do reino de Jerusalém depois da vitória de Ascalão, 12-8-1059. *Gotfredo* quer dizer: *paz de Deus*, do gót. *Gott*, Deus, e *fridu*, paz.

III - 28 (1) *Húngaro* — Camões continua coerente consigo mesmo: se D. Henrique era filho de um rei da Hungria (veja estrofe 25), devia ser também húngaro.

Mas foi engano do Poeta: D. Henrique era borgonhês, da França portanto, e morreu no cerco de Astorga, em 1114.

III - 28 (2) *Ficava o filho em tenra mocidade* — Tinha, no máximo, três anos. Nada de admirar que fale o Poeta em *mocidade* de um menino quase de colo; na lingua arcaica e clássica, encontramos *moço* como sinônimo de *menino, infante*. Assim, na "Crônica dos Frades Menores" encontramos: "*Milagre do Moço* ena caldeira d'agoa quente". Nesta narração alternam-se *menino* e *moço*: "... e pensando que puinha o *menio* em huum berço, posse-o ena caldeira... achou o *moço* em na caldeira, trebelhando com agoa que fervia e bulia" (Antologia Arcaica — Silveira Bueno — pág. 81).

III - 29 (1) Toda esta estrofe e a seguinte resumem o início da luta armada entre D. Teresa e D. Afonso Henriques. Aceita Camões a opinião de que todo o condado de Portugal era dela como dote de casamento: "Porque, para casar, seu pai lhas dera".

III - 30 (1) *Mas o Príncipe Afonso* — Já contava então 18 anos, pois, segundo Duarte Galvão, foi com essa idade que tomou o título de príncipe: "Seu filho D. Afonso Anriques fiquando em idade de doito annos se fez chamar Principe".

III. 30 (2) *Que a mãe com seu marido* — O Conde da Trava não era casado com D. Teresa, mas apenas seu amante, não podendo, portanto, ser marido.

III - 30 (3) *Revolvidas as causas no conceito* — Isto é, examinados os prós e os contras, estudado o caso teòricamente, etc.

III - 32 (1) *Progne* — Conta a tradição grega que *Progne*, casada com Tereu, sabendo do adultério deste com *Filomela*, irmã de Progne, portanto, cunhada de Tereu, para vingar-se do marido, matou o próprio filho Ìtis, que lhe foi servido num banquete. // *Medéia* era a feiticeira, que guardava, na Cólquida, o velocino de ouro. Quando Jasão e os argonautas conseguiram lá chegar, apaixonou-se *Medéia* por Jasão, vindo com ele para a Grécia. Vendo, entretanto, que Jasão a iria abandonar para casar-se com Creúsa, filha do Rei Creonte, rei de Corinto, resolveu Medéia matar os dois filhos havidos de Jasão para vingar-se deste. No dia do casamento, mandou de presente a Creúsa um manto e uma coroa que se colaram ao corpo e à cabeça da noiva, matando-a. Fugiu depois, num carro aéreo, para a Cólquida. Note-se a pronúncia correta de *Creúsa*, com acento na vogal *u* e não *Crêusa* como erradamente costumam pronunciar.

III - 32 (2) *Cila* — Em latim *Scylla*. Era filha de Niso, rei de Mégara. Minos, que punha cerco a Mégara, despertou paixão em Cila e esta arrancou da cabeça do pai um fio de cabelo vermelho onde estava toda a força do rei. Mégara foi tomada e Niso assassinado.

III - 33 (1) *padrasto* — É modo de dizer do Poeta que já o deu como marido de D. Teresa em estrofe antecedente, quando era apenas amante e como tal não podia ser considerado padrasto de D. Afonso Henriques. Lat. *patraster* onde vemos o tema *patr* de *pater-patris*, pai, e o suf. *aster* que nos dá a idéia daquele que faz as vezes de pai sem o ser realmente. Da mesma formação é *madrasta*, de *matraster* e temos ainda *poetastro*, aquele que faz as vezes de poeta sem ser poeta, enfim, poeta sem valor. *Mentrasto* é outra palavra formada pelo mesmo sufixo *aster* (*menta*+*aster*). Em todas estas formações houve metátese no sufixo: *aster* = *astro* com a acomodação de terminação *o*.

III - 33 (2) *A mãe em ferros atava* — Diz uma tradição que D. Teresa foi encarcerada no castelo de Lanhoso. Alexandre Herculano acha que tal não se deu: foi a rainha expulsa do reino, falecendo na Galiza, em 1130. A batalha de Guimarães se deu, no Campo de S. Mamede, no ano de 1128.

III - 33 (3) *Mas de Deus foi vingada* — Mas foi vingada por Deus. Camões não deixa de verberar o procedimento de Afonso Henriques que logo foi castigado por Deus. A narração deste castigo está nas estrofes 69 - 70 deste canto.

III - 34 (1) *Eis se ajunta o soberbo castelhano* — Trata-se de Afonso VII de Leão e Castela, sobrinho de D. Teresa, filho de D. Urraca e de Raimundo de Beranger. Veio à luta para vingar a tia. Foi derrotado, fugindo a cavalo para Toledo.

III - 34 (2) *Contra o tão raro em gente Lusitano* — Inversão demasiadamente forçada que traz obscuridade ao pensamento. A ordem direta é: *contra o Lusitano tão raro em gente*, que tinha pouca gente, poucos soldados.

III - 34 (3) *angélica defesa* — Baseia-se Camões na tradição de que um anjo combatia ao lado de Afonso Henriques.

III - 35 (1) Conta-nos a volta de Afonso VII que foi buscar reforços. Põe cêrco a Afonso Henriques que não esperava pelo ataque.

III - 35 (2) *O fiel Egas* — Egas Moniz, como escreve Duarte Galvão, era aio do príncipe e foi ao acampamento de Afonso VII negociar o levantamento do cerco de Guimarães. Deu sua palavra de honra em como o príncipe comppareceria perante as cortes do rei castelhano. Não cumpriu a palavra o príncipe e para manter a sua, apresentou-se Egas Moniz com esposa e filhos, de corda ao pescoço, a oferecer-se à morte. Perdoou-lhe o rei castelhano.

III - 35 (2) *amo* — O mesmo que *aio*, preceptor. Do gótico * *hagja*.

III - 36 (1) *vassalo* — Termo do feudalismo, encontrado no latim medieval sob a forma de *vassallus*, derivado de *vassus*, que é o celta *gwas*, moço, criado, servidor. Deste se formaram *vassalagem, vassalidade, vassalar*.



III - 37 (1) *fementido* — Tido por falso, por mentiroso, de *fé*+*mentido*, sem lealdade.

III - 38 (1) *Descalços e despidos* — Entende-se: apenas com a camisa. Diz o cronista Duarte Galvão: "Vindo ho tempo do prazo em que ho Principe D. Affonso Anriques avia de hir as Cortes que se faziam em Toledo... Ordenouse D. Eguas de todo e partio com sua molher, e filhos, e chegarão a Toledo... e... se despirão de todolos panos senom hos de linho... descalçarãose todos, e pozerão senhos baraços... fallou entom D. Eguas Monis e disse..."

III - 38 (2) *Que mais move a piedade que a vingança* — Este *a* não é simples artigo, mas preposição exigida pelo verbo *mover* (*mover a*). Não houve crase porque *vingança* e *piedade* estão tomados em sentido geral, sem determinativo algum.

III - 39 (1) *Dos filhos sem pecado e da consorte* — O restritivo *sem pecado*, sem culpa, modifica *os filhos e a consorte, a esposa*.

III - 39 (2) *as mãos e a lingua delinqüentes* — Concordância do adjetivo, quando posposto aos substantivos, com todos ou também apenas com o último. *Delinqüentes* — Criminosos, que não observaram a lei. Lat. *delinquentes*, part. pres. de *delinquere*, delinqüir.

III - 39 (3) *pelo estilo* — A maneira de, segundo o modo de, à imitação de.

III - 39 (4) *Sinis... touro de Perilo* — *Sinis*, que Camões escreveu *Scinis*, encontra-se, em lat., *Sinis* — famoso salteador, dotado de força descomunal, amarrava as vítimas em galhos de árvores opostas e depois, soltando-os, via despedaçado o corpo das vítimas. Foi morto por Teseu. // *Perilo* — Fabricou para o rei de Agrigento, na Sicília, um touro de bronze. As vítimas eram encerradas no ventre do animal e este colocado no fogo: à medida que o bronze se ia aquecendo, gritavam as vítimas e o grito delas saia pela boca da estátua como se fossem mugidos do touro.

III - 40 (1) *Mas o rei, vendo a estranha lealdade, / Mais pode, enfim, que a ira a piedade* — Existe nestes versos anacoluto: esperava-se que aparecesse a oração principal de que seria sujeito o *rei*. Aparece a oração, mas traz por sujeito *piedade*. A oração adverbial de modo: *Mas o rei vendo a estranha lealdade...* não se continuou na oração principal.

III - 4 (1) *Ó grão fidelidade Portuguesa* — Sempre a forma apocopada de *grande* (*grão*) aparece invariável em Camões. Não existe a forma *grã* como se fosse o feminino de *grão*, tanto que o sumo poeta usou, aqui: *grão fidelidade Portuguesa*. A moderna distinção entre *grão* e *grã* é descabida porque o adjetivo *grande*, de que *grão* é forma apocopada, não possui duas formas para o masculino e para o feminino.

III - 41 (2) *Que mais o persa fez* — Refere-se a *Zópiro*, amigo de Dario, que, para entrar em Babilônia, cercada por aquele, cortou-se no rosto e, assim, se apresentou como vítima de Dario. Deram os babilonenses o comando das tropas a Zópiro e êle entregou a cidade ao rei persa.

III - 41 (3) *Onde rosto e narizes se cortava* — A maioria interpreta esta frase na voz passiva: rosto e narizes eram cortados. Com tal interpretação, está claro, não há concordância entre o verbo e o sujeito. Outros acham que a voz é reflexa e não passiva: Zópiro cortava o rosto e os narizes a si mesmo. Nesta interpretação, o pron. *se* está em função indireta = *a si*. Esta parece a melhor interpretação, surgindo, porém, o caso de uma sintaxe estranha ao português, um galicismo. O cunho da língua portuguesa não admite o pron. *se* em função de complemento indireto, mas unicamente direto, objetivo. Exs.: *F.* deu-*se* ao luxo de não trabalhar. Sicrano feriu-*se* no pé. Se estas frases fossem construídas diferentemente, como: "F. deu-se o luxo de não trabalhar — Sicrano feriu-se o pé" — haveria sintaxe francesa e não portuguesa. Um ou outro exemplo desta construção encontrável nos clássicos não a justifica, provando apenas que também os clássicos pagaram o seu tributo à França. O caso mais curioso é o de Mário Barreto: para defender o verso camoniano, não conseguiu citar senão um exemplo de Bernardes: "Ainda só para lograr a contemplação natural e luz filosófica, Demócrito *se* tirou os olhos a si mesmo" (N. Fl. III - 370). Isto escreveu M. Barreto no livro "Através do Dicion. e da Gram.", 295, esquecendo-se de já ter, em outra obra sua, "Novissimos Estudos da L. Port.", 89, ter escrito cousa diametralmente oposta: "Em português, à parte alguns exemplos raros, o verbo reflexivo é sempre direto, isto é, o pronome é objeto direto, p. ex.: "eu *me* lavo, tu *te* lavas, eu levantei-*me*, ele levantou-*se*, ela assentou-*se*, el-rei ergueu-*se*, Pedro feriu-*se*. Em francês e em castelhano é onde se encontra o pronome reflexo em função de dativo (dativo de pessoa), ao passo que o segundo complemento é direto e exprime o acusativo da coisa: *Il se lave les mains... Yo me pongo los guantes*, etc. Não é lícito dizer-se em português *lavo-me as mãos*." Confirma a raridade desta sintaxe, que, na sua opinião, não é lícita em português, com o verso de Camões que nos está servindo de assunto. Como se vê, Mário Barreto está contra Mário Barreto. Em outra obra: "Novos Estudos da Lingua Portuguesa", o mesmo autor escreveu: "Quando o objeto do verbo é o mesmo sujeito, sabe-se que o verbo se chama reflexivo. Em português, tirante um que outro exemplo, o verbo reflexivo é sempre direto, isto é, o pronome é objeto direto". E cita dois ou três exemplos de Bernardes e a passagem de Camões em apreço. Isto vem provar-nos que não admitia a sintaxe francesa desses poucos exemplos embora de clássicos.

Gonçalves Viana, em "Palestras Filológicas" 226, tem a mesma opinião: "Em português, salvo raros exemplos em contrário, tanto antigos como modernos, mas estes ainda menos freqüentes, o pronome reflexo é sempre regimen direto, acusativo; de modo que, entanto que em castelhano se diz, e bem, *me doy el trabajo de hacerlo*, e em francês *je me donne la peine de le faire*, em português correto a construção gramatical é *dou-me ao trabalho de o fazer, etc.*" Na pág. 228, comentando a frase moderna: "De maneira que, se alguns desses práticos *se impuser* o sacrifício de me dar", assim termina: "Nenhum indivíduo, expressando-se naturalmente, usa jamais esta sintaxe, avessa à linguagem popular, e a meu ver, afrancesada e contrafeita". Camões, portanto, sendo embora quem é, construiu seu verso à francesa.

III - 41 (4) *Do que ao grande Dario tanto pesa* — Temos aqui o caso da pronúncia de *Dario:* neste verso é paroxítono, coincidindo a sexta sílaba com a vogal *i*, formando a cesura. Mas no c. X - 21: "O grão poder de Dário estrui e mata", a cesura do decassílabo cai na sílaba *Da*(*rio*), portanto, com pronúncia proparoxítona. Desta forma, Camões não soluciona a dúvida. Temos de recorrer ao grego *Dareios* onde há o ditongo *ei* que passa a *i* longo em latim *Darius*. Por estas duas línguas vemos que a acentuação é paroxítona e não proparoxítona. Camões acertou no verso acima comentado e não no do canto X.

III - 41 (5) *Zopiro* — Novamente estamos em face de outra palavra de acentuação discutida. Camões deu-lhe acento paroxítono, recaindo a cesura do verso na vogal *i*. A acentuação tradicional, porém, é proparoxítona: *Zópiro*.

III - 43 (1) *cem... cento* — Até o tempo clássico, *cento* era numeral como *cem: cem mouros, cento mouros*. Hoje, *cento* é subst. coletivo determinado: *cem mouros, um cento de mouros*. Gil Vicente ainda escreveu: *"Cent'açoutes... Padrenossos reze eu mais de cento"*. Mas já em Herculano: *"Dez centos de mil réis... dois centos menos oito... meio cento menos dois"* (Lendas e Narrs. II - 233 — apud Silveira Bueno, "Gramática Normativa", 215).

III - 44 (1) *Ismar se chama* — Voz passiva e não reflexa: Ismar é chamado.

III - 44 (2) *guerreiras damas* — Alex. Herculano (Hist. de Port. I - 324) confirma este fato, citando esta passagem da "Chronica Gottorum": "Feminae saracenae in hoc proelio amazonico ritu ac modo pugnarunt".

III - 44 (3) *a fermosa e forte dama* — É Pentesiléia, rainha das Amazonas, que auxiliou os troianos. Seria rainha de um povo de mulheres, obra de pura imaginação, existente na Trácia. Pentesiléia para expiar o crime de haver assassinado a própria irmã saiu do país, indo lutar ao lado dos troianos. Tendo desafiado Aquiles, morreu em combate.

III - 44 (4) *Termodonte* — Nome do rio que banhava o reino das Amazonas, não porém o de Pentesiléia, na Trácia, mas outro reino de mulheres guerreiras que diziam existir no Ponto Euxino, hoje, Mar Negro. Houve outra rainha de Amazonas, Hipólita, que recebeu em seu reino a Hércules. Juno, sempre invejosa e intrigante, tomando a forma de uma amazona, começou a gritar que Hércules ia raptando Hipólita: todas as amazonas atacaram o herói. Pensando que Hipólita o tivesse traído, matou-a Hércules. Outra rainha de amazonas foi Antíope: depois do ataque de Hércules, Teseu, por sua vez, as atacou também, levando para Atenas a rainha Antíope. As amazonas invadiram Atenas e no centro da cidade deram grande batalha aos atenienses sob a chefia de Teseu. As guerreiras foram derrotadas.

III - 45 (1) Aparição de Jesus Crucificado a Afonso Henriques. Este fato, que o cronista Duarte Galvão consigna, foi atacado por Alex. Herculano, levantando-se contra o historiador todo o clero português. Modernamente, quando professor da Universidade de Coimbra, tratou do assunto o Cardeal Cerejeira, Patriarca de Lisboa, negando a autenticidade do caso, dando-o como simples lenda. Herculano foi, assim, vingado pela mais alta autoridade eclesiástica de Portugal.

III - 46 (1) *Real, real...* Não é historicamente certo que a aclamação de Afonso Henriques como rei de Portugal se tenha dado no campo de Ourique. Camões aceita essa tradição.

III - 47 (1) *o rábido moloso* — Rábido, raivoso, lat. *rabidus* do mesmo tema de *rabia, raiva*. // *Molosso*, que Camões escreve *moloso*, era uma espécie de cão da *Molóssia*, região montanhosa do Epiro, na Macedônia. Eram célebres pela sua braveza e agressividade.

III - 48 (1) *estâmago* — Forma vulgar, mas corrente na literatura quinhentista. No Brasil *estâmago, estambo, estamo*. Como o *coração*, consideravam os antigos o estômago como o músculo da resistência. Ainda hoje se ouve dizer: F. tem estômago para tudo!

III - 48 (2) *perros* — Cães, palavra tomada aqui como grossa injúria contra os mouros. É palavra castelhana, de origem pré-romana, ainda não completamente explicada. Vive na expressão popular como vocábulo injurioso: "Perro del Infierno!"

III - 48 (3) *tocam a arma* — Tocam a rebate, dão alarma, sendo o *a* preposição e não artigo. Hoje diríamos: tocam às armas. Acha Epifânio que o *a* é simples artigo, sendo o sentido: *batem a arma, fazem-na ressoar*. Dele discordamos com A. Coelho, Juromenha e Barreto Feio. Frei F. de Macedo altera o texto, traduzindo: *Arma fremunt*, pondo *arma* como sujeito: as armas ressoam, o que, de certo modo, está de acordo com a interpretação de Epifânio.

III - 49 (1) *A pastoral companha* — O grupo de pastores, a companhia dos pastores.



III - 49 (2) *fato* — Rebanho, manada, do ár. *had* com o mesmo significado. Epifânio entende por *fato* a roupa, as cousas do uso pessoal dos pastores. Parece-nos descabida esta interpretação à vista do contexto. Os pastores tratam de reunir o rebanho ameaçado pelo incêndio e para salvá-lo fogem para a aldeia. J. Barbosa de Bettencourt (Subsídios) entende por *fato* o *gado*, o que é plenamente aceitável.

III - 50 (1) *o ginete belígero* — O cavalo de guerra, de combate. Do ár. *charneit*.

III - 50 (2) *meios mortos* — *Meio* aqui é advérbio, modificando *mortos*. Deveria ser *meio mortos*, mas sofreu a influência sintática de *mortos*, concordando em gênero e número, o que é corrente em outros clássicos. No c. III - 113 encontraremos

> *"Fazendo do seu sangue bruto lago*
> *Onde outros meios mortos se afogavam".*

Vieira: "Aqueles samaritanos eram *meios infiéis e meios gentios*" (Serm. III-232).

Bernardes: "Sustentando-se como pode nos pés *meios queimados*" (N. Fl. III - 45).

Herculano: "Das pobres famílias hebréias *meias mortas* de terror" (Hist. da Inquis. I - 217).

Consulte-se "Gram. Normativa", pág. 309-311.

III - 51 (1) *E os animais... Que Netuno amostrou, ferindo a terra* — Cavalos. Numa disputa, no Olimpo, entre Minerva e Netuno, sobre qual dos dois faria ao homem o presente mais útil possível, Netuno, com uma pancada do seu tridente, fez aparecer o cavalo. Minerva, com a lança, fez surgir a oliveira. Júpiter sentenciou a vitória de Minerva porque a oliveira é muito mais útil ao homem do que o cavalo.

III - 51 (2) *Rompe, corta, desfaz, abola e talha* — Bela seqüência de verbos para indicar a variedade e a rapidez dos golpes dados pelos portuguêses.

III - 52 (1) *sangue desparzido* — Pode-se dizer igualmente *despargido; esparzir, espargir; sergir, serzir; zerzelim, gergelim*. É a alternância consonantal *g/z* muito comum na língua portuguesa. Temos ainda *várzea, vargem*, e no povo pode-se ouvir: *Zozé* (*José*), *Zoão* (*João*), *Zuyão* (forma arcaica) de *Julião*.

III - 53 (1) *Três dias o grão rei no campo fica* — Era das praxes bélicas do tempo que o rei confirmasse a sua vitória, permanecendo no local da batalha três dias depois de findo o combate.

III - 53 (2) *Cinco escudos azuis esclarecidos / Em sinal destes cinco reis vencidos* — Camões dá esta nova significação dos cinco escudetes das armas de Portugal. No c. I - 7 estes cinco escudetes representavam as cinco chagas de Cristo:

> "Vede-o no vosso escudo, que presente
> Vos amostra a vitória já passada,
> Na qual vos deu por armas e deixou
> As que ele pera si na cruz tomou".

III - 54 (1) (2) *E nestes cinco escudos pinta os trinta dinheiros.* — Esta nova explicação do simbolismo dos cinco escudetes é um tanto complicada: cada escudete representava cinco dinheiros, o que perfaz 25 e não 30, o preço por que Judas vendeu Cristo. Mas o Poeta acrescenta: *Contando duas vezes o do meio*, i. é, o escudete do meio, tendo de ser contado duas vezes, valerá dez, completando a conta. Os escudetes, em forma de círculo estavam dispostos em cruz:

e, assim, contava-se, primeiro, do alto para baixo (O O O = 15) e depois, da esquerda para a direita (O O O = 15) e, desta maneira, o escudete central entrava duas vezes na conta, como escreveu o Poeta no verso acima transcrito e comentado.

III - 54 (3) *Porque assi fica o número cumprido* = completado.

III - 55 (1) *Scabelicastro* — A forma correta é *Scalabicastro*, antigo nome de Santarém. É o latim *scálabis e castrum*, lugar fortificado, onde havia regimento militar. *Santarém* procede de *Santa Eireia* (*Santa Eiria, Santa Iria*) que aí viveu e faleceu.

III - 56 (1) *serras da Lũa* — Muitos identificam estas *serras da Lũa* com o cabo *Roca*. A primeira denominação provém de Ptolomeu que lhe dava também o nome de *Promontório da Lua*. Note-se que Camões escreveu sempre *Lũa*, com til sôbre o *u* como ainda se pode ouvir na fala do povo brasileiro.

III - 56 (2) *Sintra* — Esta é a verdadeira grafia, mas até bem pouco tempo ainda se escrevia *Cintra*. Tal grafia, no sentir de Leite de Vasconcelos, foi usada por influência da palavra *Cintia*, outro nome da deusa *Lua*, pois a cidade está em território do antigo Promontório da Lua, ou de Cíntia.

III - 56 (3) *onde as Naiades* — Camões deslocou o acento tônico desta palavra que foi sempre proparoxítono: *Náiades*. Eram as ninfas dos rios, das fontes, em oposição às *Nereidas*, ninfas do Oceano, filhas de Dóris e de Nereu.

III - 57 (1) *Lisboa* — Ainda está por ser esclarecida a etimologia desta palavra.

A terminação *ona* (*Lissipona, Lisbona, Lisboa*): Dauzat (*La Toponymie Française*, pág. 118), estudando a terminação *onno, onna*, como em *Garonna, Sauconna*, acha que se trata de palavra pré-celta e não celta. Assim, em *Lisboa* (*Lisbona*) temos esta terminação, que indica a situação da cidade na embocadura do Tejo, indica que é uma cidade colocada na margem de um rio, portanto, *ribeirinha*. Quanto ao primeiro elemento *Lisb* + *ona*, viram os antigos vestígios da segunda sílaba de *Ulyssis*, que, diz a lenda, foi o fundador da capital portuguêsa. Pura fantasia porque a palavra se decompõe em: *Lisb* + *ona* e não em *Lis* + *bona*. Antenor Nascentes (Dicion. Etimol. da L. P., tomo II) elencou todas as hipóteses, cada qual mais disparatada que outra. Se o leitor tiver curiosidade poderá consultar a obra citada, notando desde já que a explicação dada por Dauzat e por nós repetida, não se encontra em Nascentes.

III - 57 (2) *facundo* — Ulisses, assim chamado por Homero por causa da sua eloqüência. Lat. *facundus*, de *fari*, falar.

III - 57 (3) *Por cujo engano foi Dardânia acesa* — Refere-se Camões ao ardil do *cavalo de pau*, cheio de soldados que os gregos conseguiram introduzir na cidade de Tróia como se fosse um dom oferecido aos deuses. *Dardânia*, Tróia. Forcellini acha relação entre *Dardânia* e *Darda*, pêra, sendo, portanto, o país das peras.

III - 58 (1) *Albis* = Elba (Veja c. III - 11) — As demais palavras destes versos reportam-se à segunda cruzada (1147-1149). Lisboa foi o ponto de reunião dos cruzados que vinham da Alemanha, da Inglaterra. Estas tropas auxiliaram os portugueses na tomada da cidade moura ou árabe.

III - 59 (1) Modo poético pelo qual diz Camões, imaginosamente, aquilo que, prosaicamente, havia escrito o cronista Duarte Galvão: o cerco de Lisboa durou cinco meses.

III - 59 (2) *Quanto obrigava o firme pressuposto* — A edição de Epifânio, certamente, por erro de imprensa, traz *Quando*; e a edição do Morgado de Matheus modernizou *prosuposto* em *presuposto*, que, na grafia moderna passou a *pressuposto*. A forma *prossuposto* era a corrente na época camoniana. É o mesmo que *propósito*.

III - 60 (1) *Dos frios povos citicos ousados* — Expressão antiga pela qual se nomeavam os *povos bárbaros*, de origem germânica, que destruíram o império romano e invadiram a península ibérica: vândalos, alanos, godos, etc.

III - 60 (2) *Que o Ibero o viu e o Tejo amedrontados* — Note-se a concordância do adjetivo *amedrontados*, no plural, referindo-se a dois substantivos no singular: *Ibero* e *Tejo*. É a mesma concordância que se encontra no c. II - 112. *Tentou Perito* e *Teseu de ignorantes*. O *Ibero* é o atual *Ebro*, rio da Espanha. Quanto à acentuação, dizem os espanhóis *Ibero*, os povos *ibero-americanos*; portugueses e brasileiros: *ibéro-americanos*. A acentuação espanhola está mais conforme ao latim, de que é prova a forma *Ebro*.

III - 60 (3) *Bétis* — Antigo nome do Rio Guadalquivir, que deu o título à antiga Província da Bética, hoje, Andaluzia. *Andaluzia* é denominação de origem árabe e quer dizer *terra dos Vândalos*. Apresenta uma forma antiga *Vandalusia*. Por isto disse Camões: *Que à terra de Vandália nome deram*.

III - 61 (1) *Estremadura* — *Estrema*, parte estrema do rio *Douro*, em latim *Durius*. Dauzat em sua "Toponymie Française", págs. 128-129, acha que o nome *Durius*, de uma raiz *dur*, é anterior à vinda dos gauleses à França, existindo desde a época da unidade ítalo-céltica, abrangendo uma área geográfica muito vasta. O significado é de "correnteza d'água", "água corrente". A forma portuguesa deveria ser *Duro*, mas sob a influência de *ouro*, passou a *Douro* com a variante *Doiro*, como *oiro*.

III - 61 (2) *por onde soa o tom das frescas águas entre as pedras, que murmurando lava* — Este é um dos passos mais discutidos de "Os Lusíadas", um dos erros atribuídos a Camões. Realmente, o sujeito é *frescas águas* representadas pelo relativo *que*, devendo portanto ser: *lavam*. Deixou-se o Poeta influenciar pela palavra *tom* das águas e com este singular fez a concordância do verbo.

III - 62 (1) *transtaganas* — Terras além do Tagus, do Tejo, ou como hoje se diz: *Além-Tejo, Alentejo*.

III - 62 (2) *Ceres* — A deusa protetora da agricultura, das colheitas, filha de Saturno e de Réa, irmã de Prosérpina.

III - 63 (1) *Eis a nobre cidade* — A cidade de Évora.

III - 63 (2) *Sertório* — Quintus Sertorius, sabino de origem, foi partidário de Mário contra Sila. Proscrito por êste, no ano 80 a. C., fugiu para a África, passando-se depois para a Hispania. Comandou os lusitanos contra os romanos, derrotando-os em várias batalhas. O seu imediato, Perpena, o assassinou no ano 70 a. C.

III - 63 (3) *arcos reais* — Refere-se aos arcos do aqueduto mandado construir para trazer as águas da Prata. *Reais*, no sentido de majestosos, imponentes. Resende, em suas "Hist. das Antiguidades de Évora", diz: "e assi fez trazer ha agua da Prata a ho portico en ho mais alto da cidade". Estas águas da Prata são *as águas nítidas de argento* do terceiro verso desta estrofe. Resende atribui a Sertório a construção deste aqueduto: "Jussit idem Sertorius muris urbem cingi ex lapide quadrato: qui muri hodieque multis in locis ad vetera moenia spectantur. Ad haec aquam, Prattae quae dicitur, ad porticum usque, qui excelsior urbis locus est, unde in omnes urbis regiones divideretur, deduxit, ut olim ostendi in Apologia, qua Episcopo Vicentii respondi: qui Regi nostro, ne iterum aquam illam in urbem reduceret, dissuadebat: negans aquae ductum illic fuisse unquam, nec esse potuisse, etc. (De Antiquitatibus Lusitaniae — I - 304).



III - 63 (3) *cento e cento* — Numeração indeterminada, no sentido de muitos.

III - 63 (4) *Giraldo* — É o nome do herói lusitano, que, sozinho, tomou Évora. Por esta façanha foi denominado "*O sem pavor*" ou simplesmente *Impávido* como escreveu Resende: "Giraldus ille, *Impavidus* cognomento..." (Ops. laud. I - 339). Segundo este autor, Giraldo era nobre, mas, desmandado de costumes, fora expulso da corte por Afonso Henriques e com os mouros começou a atacar os portugueses, aliado com o Rei Ismar, aquele mesmo que fora vencido em Ourique. Sabendo porém, que D. Afonso Henriques se dirigia para tomar Évora, concebeu o propósito de ajudá-lo de um modo heróico. De noite, camuflado com galhos de árvores, aproximou-se com alguns companheiros da torre de vigia que os mouros tinham erguido na cidade. Por meio de cunhas introduzidas no desvão das pedras, escalou a torre, outros dizem que a escalou firmando-se na própria lança. Estavam de vigia pai e filha, mas, esta já cansada, adormecera: Giraldo toma-a pela garganta para que não gritasse e a arremessa da torre abaixo. Degola depois o pai e, servindo-se dos espelhos inventados pelos mouros, dá sinal aos seus companheiros para que entrem, pois, a cidade estaria aberta. Camões torna a falar dos feitos de Giraldo no c. VIII - 7-8.

III - 64 (1) *Já na cidade Beja* — Note-se a construção apositiva *cidade Beja*, como *Urbs Roma*, construção que já nos veio do latim, nada tendo de galicismo como erradamente ensinam. Pode-se dizer com igual correção — *cidade de Beja* como se podia dizer *Urbs Romae*. São duas construções paralelas, uma com o nome da cidade como apôsto; outra como complemento restritivo ou determinativo.

III - 64 (2) *Vai tomar vingança destruida* — Tinham os mouros tomado o povoado de Trancoso; em vingança, Afonso Henriques toma a cidade Beja e foi tal a vingança que diz Duarte Galvão: "todos hos mouros de Beja andaram à espada, ficando mui poucos vivos".

III - 65 (1) *E a piscosa Cezimbra* — Camões escreveu *Cizimbra*, seguindo a pronúncia do tempo, como *minino, difirir*, etc. // *Piscosa* porque abundante em peixe. O autor da edição de "Os Lusíadas" de 1584, não compreendendo o adjetivo *piscosa*, explicou-o por *piscos*, de *piscar* e por isto ficou conhecida como "a edição dos piscos".

III - 65 (2) *Sentiu-o a vila e viu-o a serra dela* — Esta é a lição da "princeps", mas desde a edição de 1612, aparece, em muitas delas, a palavra *serra* substituída por *senhor* com o intuito de dar um sentido aceitável ao texto. J. Maria Rodrigues, não aceitando esta substituição, faz outra por sua conta: "*Sentiu-o o Palmela e viu-o a serra dela*". Epifânio da Silva Dias aceita a substituição *senhor*, mas repele a de *Palmela*. Para este comentarista, o engano foi da abreviatura *sñr* (*senhor*), lida como se o fosse de *serra*. A substituição proposta por J. Maria Rodrigues dá ao verso doze sílabas ou onze, com elisões forçadas e Camões, quando peca na contagem das sílabas é sempre por menos de dez, deixando versos frouxos. Como iria compor aqui um verso de onze ou de doze sílabas? Preferimos ficar com a lição da "princeps": *Sentiu-o a vila e viu-o a serra dela*. Os pronomes *o, o*, complementos de *sentiu, viu*, referem-se ao pensamento que precede: o auxílio da sorte (de sua estrela) e o desbarato do exército potente. A *vila* é Cezimbra e a *serra*, o *cabeço* do monte atrás do qual se ocultou Afonso Henriques com seus homens, como diz a fonte desta passagem, o cronista Duarte Galvão: "Ha esta nova partiu loguo El Rey... e... filhou-a [Cezimbra] por força, e... determinou de hir ver Palmella... levando consiguo sessenta bons Cavalleyros, e alguma gente de pee e besteiros, e cheguando ha Palmella, e estando vendo-a, assomou El Rey de Badalhouse com muita Mourama das fronteiras daredor, em que havia quatro mil homens de cavallo, e sessenta mil de pee, e vinhão... há grão pressa para soccorrer Cezimbra, descuidados de verem nem acharem aly Christãos. Tevesse [Teve-se] El Rey traz um cabeço..." etc. A nossa opinião é que devemos ater-nos sempre à lição da "princeps" e somente em casos evidentes de engano, corrigi-la.

III - 66 (1) *alto Mouro* — Mouro ilustre, nobre.

III - 66 (2) *peões* — Soldados a pé, infantaria. Lat. *pedones*, de *pes, pedis, pé*.

III - 67 (1) *que passa bem segura* — Que ia confiante em suas forças e por isto mesmo, descuidada do que lhe poderia acontecer.

III - 67 (2) *derriba* — Em geral, emprega-se *derribar* por *derrubar*, mas a formação etimológica de ambas as formas poderá dar fundamento a notável distinção: *derribar*, de *de* + *ripa* + *ar*, inclui em si *ripa, ripae*, riba, margem de rio, de mar, etc.; *derrubar*, de *de* + *rupe* + *ar*, inclui *rupis, rupis*, rochedo: um é fazer cair da riba à água; outro, do rochedo à terra. Na prática, entretanto, se toma um pelo outro, como se está vendo do exemplo camoniano: a batalha era em terra e o Poeta empregou *derribar*.

III - 67 (3) *pânico terror* — O terror que costumava o deus caprípede, *Pã* (*Pan*), incutir ao seu aparecimento.

III - 67 (4) *No'mais* = *Não mais*. A forma arcaica *nom* fundiu-se com *mais*, chegando-se a escrever *nomais* e *nommais* como até pouco tempo grafávamos *commigo*. Camões repete esta forma no c. X - 145.

III - 68 (1) *Que a fez fazer às outras companhia* = Que a obrigou a fazer, etc. Querem alguns que *fazer fazer* seja tradução do fr. *faire faire*, sendo, portanto,

galicismo. Encontramos tal modo de dizer desde Gil Vicente (vol. I -152; III - 177), em D. Pedro, D. João I e até em Vieira. Camões a empregou ainda na elegia III:

*"Não me julgueis, senhora, atrevimento*
*O que me faz fazer um mal tão forte".*

É um galicismo de longa idade em nossa língua, nem por isto deixa de ser galicismo.

III - 69 (1) *Da maldição da mãe que estava presa* — Era voz corrente que D. Teresa tinha amaldiçoado o filho que a venceu e a pôs em ferros. Alexandre Herculano afirma que não esteve em ferros, sendo apenas exilada para a Espanha.

III - 70 (1) *Que, estando na cidade que cercara* — O primeiro *que* não é conjunção integrante, mas continuativo, equivalendo a *pois.*

III - 70 (2) *Que em ferros quebra as pernas* — Este *que* é conjunção explicativa = *porque.* // *Em ferros* — Duarte Galvão esclarece a passagem: "...aconteceu que o cabo do ferrolho non fiqara bem colhido aho abrir das portas, e ho cavallo, assi como hia correndo, topou nelle com huma ilharga... e quebrou ha perna esquerda del Rey... cahiu com El Rey... sobre ha mesma perna e acabou-se de quebrar de todo". Quebrou, portanto, só uma das pernas de encontro ao ferrolho da porta.

III - 71 (1) *Pompeio — Cneo Pompeio* (106 - 48 - a. C.) — Pertenceu ao partido de Sila e teve a fortuna de terminar bem as guerras iniciadas por outros. Depois de ter sido o sustentáculo da nobreza romana, adulou o povo, tendo vencido a fácil campanha contra os piratas. Casado com Júlia, filha de Júlio César, formou com o sogro o primeiro triunvirato, vindo depois da morte de Júlia, a encontrar-se em campo oposto ao de César. Em lugar de enfrentá-lo dentro da Itália, fugiu com o seu exército para a Grécia onde César o venceu na batalha de Farsália. Pompeu refugiou-se no Egito, mas Ptolomeu XII mandou assassiná-lo, enviando a cabeça do morto a César. Lucano celebrou os feitos de Pompeu no seu poema *Pharsalia.*

III - 71 (2) *Némesis* — Deusa da vingança. Tinha por ofício castigar os insolentes e os orgulhosos.

III - 71 (3) *Fásis* — Em latim *Phasis,* rio da Cólquida, que corre do Cáucaso para o Mar Negro. Chama-se hoje *Rion.* Pompeu, tendo vencido a Mitriadates, rei do Ponto, chegou até o Cáucaso. Lucano refere-se a este rio, em seu poema: "Hinc me victorem gelidas ad Phasidos undas / Arctos habet..."

III - 71 (4) *Siene* — É a cidade de *Assuan,* no Egito, junto à primeira catarata do Nilo. Lê-se em Lucano: "Calida medius mihi cognitus axis / Aegypto, atque umbras nusquam flectente Syene".

III - 71 (5) *Bootes gelado* — É a constelação do Boeiro.

III - 72 (1) Toda esta estrofe e a seguinte descrevem as vitórias de Pompeu, reproduzindo o geral dos versos de Lucano:

"Me domitus cognovit Arabs, me Marte feroces
Heniochi, notique erepto vellere Colchi.
Cappadoces mea signa timent et dedita sacris
Incerti Judaea Dei, mollisque Sophene;
Armenios, Cilicosque feros, Taurosque subegi".

(Pharsalia — II - 590-594)

III - 72 (2) *Heniocos* — Habitavam região vizinha do Ponto e do Cáucaso. // *Colcos* eram dessa mesma parte. Ficava a Capadócia na Ásia Menor, limitando-se com o Ponto e a Armênia. Os capadócios nunca tiveram boa fama, prestando-se especialmente a juramentos falsos, a falsos testemunhos. Daqui ficou na língua a expressão: ser capadócio, i. é, levar a vida pouco séria, boêmia e desregrada. // *Sofenos* — Muitos acham que eram os mesmos armênios. // *Cilícios* — Da *Cilícia,* terra de piratas e salteadores vencidos por Pompeu. Na Armênia colocava a tradição, num alto monte, a nascente do Eufrates e do Tigre, dois dos quatro rios do Paraíso Terrestre.

III - 73 (1) *mar de Atlante* — Atlas era rei da Mauritânia. Foi morto por Perseu que o petrificou com o auxílio da cabeça de Medusa. Foi transformado em monte, a cadeia do Atlas. O mar que banha essa parte do norte da África tomou o nome de Oceano Atlântico. *Atlante* é derivado do acusativo *Atlantem; Atlas,* do nominativo. Segundo outra lenda, Atlas foi condenado a suster o mundo nos ombros. Daqui a figura de um homem com o mundo nas costas, que vemos nas capas dos livros de mapas, justamente chamados *Atlas.* Em italiano, o mapa-múndi é denominado Atlante.

III - 73 (2) *Citico Tauro* — Famosa cadeia de montanhas que divide a Ásia em duas partes. Chama-se hoje *Ala Dagh.*

III - 73 (3) *campo Emátio* — É a Macedônia onde Pompeu foi vencido. Diziam os latinos *Emáthia* e os gregos *Emathia* por Macedônia, sobretudo, entre os poetas.

III - 73 (4) *e o genro a este* — Fernando II de Leão, que aprisionou Afonso Henriques, em Badajoz, era genro dele, casado com D. Urraca, 1165.


III - 74 (1) Devolvido Badajoz ao rei de Leão, recuperou Afonso Henriques a liberdade. S. Vicente fora martirizado em Valença, em 304. Para que as suas relíquias não caíssem nas mãos dos mouros, foi levado o seu corpo para o Promontório Sacro, o cabo de S. Vicente. Em 1173 foi transportado para a sé de Lisboa de que é o padroeiro.

III - 75 (1) *o lasso velho* — O cansado velho. Afonso Henriques tinha então 91 anos. Faleceu em 1185, segundo nos diz Duarte Galvão. Outros pensam que a idade está exagerada, contando apenas 76 anos, dando-se o seu nascimento, provàvelmente, em 1109.

III - 75 (2) *O rio que Sevilha vai regando* — O Guadalquivir dos árabes ou o Bétis dos romanos.

III - 76 (1) *Já não descansa o moço* — D. Sancho I. O adjetivo *moço,* do lat. *musteus* derivado de *mustum,* mosto, vinho ainda em efervescência com o qual foi comparada a idade do jovem ainda em crescimento.

III - 77 (1) *Já se ajuntam do monte a quem Medusa / O corpo fez perder...* Veja-se o comentário 73 (1) — Medusa era uma das Górgonas. Foi vítima das iras de Minerva que a transformou num monstro, cujos cabelos eram serpentes e cujos olhos transformavam em pedra todo aquele em que se fitassem. Degolou-a Perseu, voltando-lhe as costas, mas ajudado de um espelho que lhe dava a direção certa do golpe. Levava depois consigo esta cabeça de Medusa com a qual petrificava seus inimigos, como fez a Atlas.

III - 77 (2) *promontório de Ampelusa* — É cabo Espartel, ao norte de Tânger. A forma correta é *Ampelúsia,* do gr. *Ampelousia,* de *ámpelos,* cacho de uva, por ser a terra muito fértil e abundante em vinhedos. De *Ampelúsia* fez Camões *Ampelusa,* pela absorção da semivogal *i* do ditongo átono *ia.*

III - 77 (3) *Tinge* — Nome latino de Tânger. *Tingis,* fundada pelo gigante Anteu, filho de Netuno e da Terra.

III - 77 (4) *Abila* — Proparoxítona em latim *Abila,* mas Camões a fez paroxítona. Região africana onde está Ceuta.

III - 77 (5) *ronca tuba* — Muitas edições trazem *rouca tuba.* Não quer dizer que a tuba era *rouca,* mas que *roncava.* O lat. *raucus,* rouco, foi influenciado pelo verbo *rhonchare.*

III - 77 (6) *Juba* — Rei da Mauritânia, morto no ano 18 a. C. Trata-se de Juba Júnior, filho de Juba, rei da Numídia. Partidário de Pompeu, suicidou-se depois da derrota de Tapso.

III - 78 (1) *Miralmumini* — É o árabe *Mir-Almomini* (príncipe dos crentes), o califa almoada de Marrocos, Iuçuf-Abu-Iacub, de quem dependia a Espanha muçulmana. Segundo Rui de Pina (Cron. de Dom Sancho I - cap. 4) ajuntou treze reis mouros, tomou Torres Novas e veio cercar Santarém.

III - 79 (1) *trabuco* — Dá-se, hoje, o nome de trabuco a toda e qualquer arma de fogo, sobretudo, grande e velha. Era antigamente uma balista ou catapulta de arremessar pedra.

III - 79 (2) *Mina* — Galeria subterrânea para surgir no campo inimigo. Palavra de origem ibérica. Temos um derivado em *minhoca,* verme que faz buracos, que abre galerias ou vive em galerias. // *Ariete* — Grossa trave de madeira com cabeça imitante a de um carneiro, do lat. *aries, arietis,* carneiro, com a qual se forçavam as portas das fortalezas e se aluíam os próprios muros de defesa. A acentuação correta é proparoxítona *aríete,* mas já se vai tornando vulgaríssima a paroxítona *ariete.*

III - 79 (3) *acordo* — Atenção, presença de espírito, decisão pronta.

III - 80 (1) *Estando na cidade cujo prado / Enverdecem as águas do Mondego* — Coimbra.

III - 81 (1) *marlotas* — A forma correta deveria ser *mallota,* do gr. *mallotès,* manto de pele. Passou para o árabe sob a forma *mulluta,* saia de mulher e também saio de monge. A forma *marlota* explica-se pela dissimilação do primeiro *l.*

III - 81 (2) *jaezes* — Arreios de animais. Ar. *chaez.*

III - 83 (1) *E pagaram seus anos, deste jeito, / A triste Libitina seu direito* — Note-se a regência de *pagar: os seus anos pagaram seu direito à Libitina.* Muitas vezes, omite-se o objeto direto: *Já paguei ao livreiro. Pagaremos ao padeiro.* O erro mais comum é o de, omitindo-se o objeto direto, como nos exemplos dados, colocar-se como objeto direto a pessoa a quem se deve e se paga. As frases acima ficarão erradas: *Já paguei o livreiro. Pagaremos o padeiro.* // *Libitina,* a deusa da morte. Segundo Forcellini, escrevia-se também *Lubitina,* do tema *lupo* (sepulcro) em etrusco.

III - 84 (1) *E dos rios as águas saüdosas* — Conta-se *saüdosas* como 4 sílabas, não fazendo *au* (ditongo), *mas a-u-.*

III - 85 (1) *Sancho, forte mancebo* — Sancho é nome espanhol, do lat. *sanctius,* derivado de *sanctus, santo.* // *Mancebo* — jovem, moço. Procede por curiosa evolução semântica de *mancipius,* o escravo de guerra. Veja esta evolução semântica em nosso livro "Tratado de Semântica Geral aplicado à língua portuguêsa do Brasil" — Edição 2.ª de Saraiva S. A.

III - 85 (2) *Quando o Bétis de sangue se tingia* — O Bétis é o atual Guadalquivir e faz o Poeta menção do fato comemorado na estrofe 75. D. Sancho, de acordo com a narrativa de Duarte Galvão, obteve em Sevilha grande vitória: "...em muitas partes se acha escrito aver sido tanta mortindade dos mouros, feridos, e mortos no rio Gaadalquibir, que as suas agoas pareciam sangue". Mas Alexandre Herculano diz que D. Sancho tomou apenas o bairro de Triana.

III - 86 (1) *por rei alevantado* — Proclamado rei. Expressão antiga e técnica para tal fim.

III - 86 (2) *Lavrava* — No sentido de cultivar. Lat. *laborare, labrar, lavrar,* trabalhar, operar, cultivar, fazer.

III - 86 (3) *germânica armada* — É a terceira cruzada, que ia em socorro de Jerusalém cercada pelas tropas de Saladino. Vinha a esquadra sob o comando de Frederico, Barba Roxa, onde havia alemães, flamengos, ingleses, com 36 navios e 3.500 homens. Entrou em Lisboa em 1189. Tomaram parte na tomada de Silves.

III - 87 (1) *O roxo Federico* — Usa Camões a forma *Federico* que se encontra ainda hoje em italiano, corrente no português quinhentista, depois refeita em *Frederico*. É o *Barba Roxa*, o *Barba Vermelha*. Nos "Lusíadas", *roxo* tem sempre o significado de vermelho como *Mar Roxo, a roxa Aurora*. Diz-se ainda agora, em italiano, *rosso;* em castelhano *rojo*. Muito mais tarde foi que *roxo* passou a significar *violeta*, usando-se, em seu lugar, *vermelho, rubro*.

III - 87 (2) *Guido* — *Guido de Lusignan*, oitavo rei de Jerusalém, vencido e preso por Saladino na batalha de Tiberíades. Guido tinha saído de Jerusalém com trezentos mil cavaleiros e quarenta mil infantes para atacar Saladino. Depois de longa caminhada, tendo acampado em lugar sem água, foram todos inopinadamente atacados pelos turcos. Mais a sede do que o ataque de Saladino determinou a fuga dos cristãos e a conseqüente prisão do próprio rei Guido de Lusignan.

III - 89 (1) Valendo-se da trégua assinada com os mouros, D. Sancho ataca as terras de Leão, cujo rei, D. Afonso, continuava na inimizade surgida desde o tempo em que Afonso Henriques cercara Badajoz e teve de levantar o cerco obrigado pelas armas do rei D. Fernando de Leão, seu genro. Sancho ataca a Galiza que fazia parte do reino leonês.

III - 89 (2) *Tui* — No tempo de Camões pronunciava-se *Tu-y* como se vê pela sexta sílaba que recai na vogal *i*, antigamente, *y*. A pronúncia hoje é *Tui*, como se fosse ditongo. Além desta cidade tomou ainda Sampaio, Lobeu, Ponte Vedra.

III - 90 (1) *estruídos* — Destruídos, do lat. *extrŭere*, estruir. Já desapareceu do uso este verbo, substituído por *destruir*, do lat. *destrŭere*.

III - 91 (1) *Que de outrem, quem mandava, era mandado* — Note-se a antítese: *mandava, era mandado*, e mais abaixo: *Por causa dos privados* (dos amigos íntimos) *foi privado de governar o reino*.

III - 92 (1) *Que a cidade queimasse onde vivia* — Nero, depois dos muitos crimes lembrados pelos versos desta estrofe, mandou incendiar Roma, lançando a culpa aos cristãos que foram queimados vivos, transformados em tochas ardentes.

III - 92 (2) *Heliogabalo* — Imperador de Roma, na decadência do Império. A acentuação correta é proparoxítona *Heliogábalo*. Camões alterou a acentuação como sempre faz com os nomes próprios. Há outro erro, o de grafia, mas este não é de Camões, já vem do latim: a forma correta era *Elagábulo*, do gr. *Elagábalos*, nome de um deus dos assírios e fenícios, composto de *El* ou *Ela*, senhor, deus, e *Gebal*, montanha. Houve influência de *Hélios*, sol, e passou-se a escrever *Heliogábalo*.

III - 92 (3) *Sardanapalo* — Rei da Assíria, de vida dissoluta. É o mesmo que *Assurbanipal*, onde *Assur* é o nome de um dos deuses da Assíria e Fenícia; *bal* = *pal* quer dizer *filho* e Forcellini traduz por: *Assur protege o filho*.

III - 93 (1) *Fálaris* — Tirano da Sicília. Veja c. III - 39.

III - 94 (1) *O Conde Bolonhês* — Era o infante D. Afonso, irmão de D. Sancho II, casado com Matilde, Condêssa de Bolonha (Boulogne), viúva de Filipe, o Crespo. Vivia na França. Só foi proclamado rei depois da morte de Sancho II, deposto pelo Papa Inocêncio IV, em 1245.

III - 94 (2) *... que em terreno / Não cabe o altivo peito, tão pequeno* — A expressão *tão pequeno* liga-se a terreno e não a *altivo peito*.

III - 95 (1) *Algarves* — Quer dizer, em árabe, o *Ocidente: al-Garb*. Coube a D. Afonso, pelo casamento com D. Brites, filha de Afonso X de Castela, depois que se divorciou da Condêssa Matilde, todo o território do sul português. Mas os direitos de Castela só foram cedidos a D. Afonso após a conferência de Badajoz, em 1267.

III - 96 (1) *Dinis* — Nome francês. Em português seria *Dionísio*. Foi criado na Provença e freqüentou a corte de Toledo onde floresciam as letras sob a direção de Afonso X, seu avô. Foi poeta à maneira provençal, deixando-nos numerosas cantigas d'amor e d'amigo, as mais corretas dos Cancioneiros. É o grande trovador dessa época, o fundador da Universidade, primeiramente, em Lisboa e depois em Coimbra.



III - 96 (2) *liberalidade alexandrina* — Segundo Plutarco, Alexandre, o Grande, foi de extraordinária liberalidade. Veja c. I - 3.

III - 97 (1) *Fez primeiro em Coimbra exercitar-se / O valeroso ofício de Minerva* — O ofício de Minerva, os estudos das ciências, das artes, pois, era a deusa da sabedoria, tendo nascido do cérebro de Júpiter. D. Dinis fundou o "Estudo Geral", em 1288, em Lisboa; transferiu-o depois para Coimbra, em 1306. Voltou a funcionar em Lisboa, em 1338 e de novo foi para Coimbra, em 1357, onde está até hoje sob o título de Universidade.

III - 97 (2) *Helicona* — O monte *Hélicon*, na Beócia, consagrado às Musas: estas passaram a viver em Coimbra, à margem do rio Mondego, isto é, houve grande florescimento de letras motivado pela existência, aí, da Universidade.

III - 97 (3) *as capelas* — As coroas, as grinaldas com que se coroavam os poetas.

III - 97 (4) *Do bácaro e do sempre verde louro* — O *bácaro* é o nardo silvestre, que tinha a virtude de preservar, quem o trouxesse consigo, de infortúnios e enfermidades. Vergílio, Bucólicas — VII - 25-28, pedia aos pastores que lhe ornassem a fronte com hera e a cingissem com bácaro para que nada fosse nocivo ao poeta: "Pastores, hedera crescentem ornate poetam / ...aut si ultra placitum laudarit, baccare frontem / cingite, ne vati noceat mala lingua futuro". // O *louro* era outra regalia dos poetas e, como nota Storck, Camões aproxima *bácaro* e *louro*, lembrando o latim *baccalaureus* de que saiu *bacharel*.

III - 98 (1) *Átropos* — Uma das Parcas, aquela que cortava o fio tecido pelas demais irmãs. Veja c. I - 34.

III - 98 (2) *Ficou-lhe o filho, pouco obediente* — D. Afonso revoltou-se e fez guerra contra D. Dinis porque havia presunção muito fundada de que o rei quisesse dar a sucessão do reino a Afonso Sanches, filho natural, mas valido e bem querido do pai. A paz foi obtida pela rainha Santa Isabel.

III - 99 (1) *as soberbas castelhanas* — A arrogância de Castela observada nas exigências do rei castelhano D. Afonso XI para impedir o casamento de D. Pedro, filho de D. Afonso IV de Portugal com D. Constança, filha do nobre espanhol D. Juan Manuel.

III - 99 (2) *por mais pequeno* — Por ser Portugal menor (mais pequeno) que Castela.

III - 99 (3) *Mas porém* — Mas por isso. Há grande engano de certos gramáticos em pensar e ensinar que Camões usava de *mas porém*, de duas adversativas juntas. *Porém* não é aqui adversativa, e, sim, partitivo, formado de *per* + *inde*, *per+inde, * peren, porém: por isso, por isto*. O latim *inde* que evoluiu para *ende* e com apócope *en* é a fonte do partitivo arcaico *en* que vive em francês *en* e no italiano *ne*.

III - 99 (4) *hespérico terreno* — O território espanhol, pois, muitos colocavam a *Hespéria* na Espanha. Veja c. II - 108.

III - 100 (1) *Semiramis* — O acento é proparoxítono, mas Camões, como é de seu costume, deslocou o acento para *Semirâmis*. Nome da célebre rainha da Assíria, viúva de Nino, conquistadora da Pérsia, Egito e Etiópia. Veja c. VII - 53.

III - 100 (2) *campos idáspicos* — Veja c. I - 55.

III - 100 (3) *Átila* — Rei dos hunos, à frente de suas hordas mongólicas, invadiu a Europa no séc. V. Foi derrotado por Aécio nos campos cataláuneos (Châlons-sur-Marne). Na Itália, quando cercava Roma, foi afastado por São Leão Magno. Morreu na Panônia em 453. Foi apelidado o "Açoite de Deus".

III - 100 (4) *Gótica gente* — Góticos por *bárbaros, germanos*.

III - 100 (5) *campos tartéssios* — Campos da Andaluzia. Os tartessos habitaram Sevilha e adjacências, onde desenvolveram grande civilização, explorando as minas de prata. Argantônio foi o seu rei mais ilustre e, segundo a tradição, forneceu prata para a construção do templo de Jerusalém.

III - 101 (1) *a caríssima consorte* — Parece haver fina ironia de Camões neste superlativo *caríssima*, porque Afonso XI de Castela encheu de dissabores a existência da esposa, D. Maria, filha de Afonso IV de Portugal. Note-se o poder de síntese do Poeta, que, em dois versos resumiu todo o parentesco entre os dois monarcas: "Mulher de quem a manda e filha amada / Daquele a cujo Reino foi mandada".

III - 102 (1) *Pelos ebúrneos ombros espalhados* — Ombros de marfim, de *ebur*, marfim, substantivo e adjetivo (*eburneus*) da literatura latina.

III - 103 (1) *O grão Rei de Marrocos* — Era Abu Açam.

III - 103 (2) Reflita-se sobre a grande força expressiva dos dois últimos versos desta estrofe: "Trazem ferocidade e furor tanto / Que a vivos medo e a mortos faz espanto!" Este derradeiro é digno do grande Poeta que o compôs: "Que a vivos medo e a mortos faz espanto!"

III - 104 (1) *E, se não for contigo socorrido* — Ser socorrido com alguém, o mesmo que ser socorrido por alguém ou de alguém, novo modo de construir-se o complemento de causa eficiente na voz passiva. Esta sintaxe, que tende a desaparecer da língua atual, onde a preposição preferida é *por*, ainda vive na fala do povo

brasileiro, não só em voz passiva, mas na ativa também: *F. veio socorrer-se comigo,* — isto é, veio socorrer-se de mim.

III - 105 (1) *O corrente Muluca se congela* — Está oculto por silepse *rio: o corrente rio Muluca.* Chama-se atualmente *Muluia*, lançando-se ao mar, em Marrocos.

III - 105 (2) *acude cedo* — Aparece novamente o imperativo arcaico *acude* como já vimos em outro lugar *fuge*. Não se havia dado ainda a metafonia que hoje temos: *acode, foge*, metafonia provocada pela presença de e na sílaba final.

III - 105 (3) *Pode ser que não aches quem socorres* — Usou o Poeta o presente do indicativo (*socorres*) quando deveria ter empregado o presente do subjuntivo (*socorras*). Ainda que o emprego do subjuntivo ofereça até agora muitas dificuldades que só a prática da língua, a leitura dos escritores modernos podem esclarecer, oferecia maiores tropeços aos clássicos, inclusive ao maior de todos, Padre Vieira. Aqui houve ainda a influência da rima.

III - 106 (1) *Para Enéias... navegando* — O mesmo que *que navegava*. Mais um dentre vários exemplos já por nós assinalados de *gerúndio* em função de *particípio presente*, sintaxe erradamente acoimada de galicismo só porque também existe em francês. Como herança do latim, pertence ao conjunto das línguas românicas. Camões conhecia muito bem o cunho do nosso idioma, sendo o maior de todos. Se tantas vezes lançou mão desta sintaxe é porque pertencia à língua por ele elevada a tipo clássico por excelência.

III - 107 (1) *Os eborenses campos* — As terras de Évora onde se encontrava a côrte. Afonso IV acompanhado da rainha D. Beatriz saíram a receber a filha, D. Maria e, feitos os preparativos todos, partiu D. Afonso IV com 1.000 homens, acompanhado pelos mestres das ordens militares e pelo arcebispo de Braga. Marcharam para Sevilha onde os encontraram as demais tropas recrutadas nas províncias portuguesas.

III - 108 (1) Desde 1339 que Abu Açam reunia um dos maiores exércitos mouros de todos os tempos para invadir a Espanha. Castela aliou-se a Aragão e pediram o auxílio da Santa Sé. As esquadras aliadas tentaram impedir o desembarque dos mouros que de Marrocos visavam Tarifa, o ponto mais próximo da costa africana. Essas tentativas dos cristãos foram infrutíferas. Derrotados os aliados, nada puderam fazer para impedir que Tarifa caísse nas mãos dos marroquinos. Solicitado o auxílio de Portugal, uma pequena esquadra portuguesa atacou Cadiz para ver se poderia, assim, desviar as tropas de Abu Açam e levantar o cêrco de Tarifa. O desejado efeito não foi obtido.

III - 109 (1) *Nos campos de Tarifa estão defronte* — Camões escreveu *defronte* como então se escreviam *porisso* e ainda mantemos *debaixo, embaixo, devagar, derepente, depressa*. Seria necessário uniformizar estas grafias, separando os dois elementos: *de fronte, por isso, de baixo, em baixo, de vagar, de repente, de pressa*. Temos ainda as locuções *de fronte de, de fronte a*; no Brasil, por influência do espanhol que chega do Uruguai e da Argentina, já se vai introduzindo *frente a*, sobretudo, na linguagem esportiva. É necessário reagir contra esta influência: *frente a* é espanhol e não português; em nossa língua se dirá *em frente de, em frente a*.

III - 109 (2) *Cristo peleja* — Todas estas guerras de que, afinal, saiu vencedora a Península, representam o embate do Muçulmanismo contra o Cristianismo. Por isto é tão arraigada a religião católica na Espanha e em Portugal: se estes dois países existem e existem com independência; se são dois focos de civilização européia, foi porque o catolicismo lhes serviu de fôrça. Sem o catolicismo, toda a Península seria hoje um novo domínio africano, maometano, em absoluta decadência como estão todos os demais domínios do Alcorão.

III - 110 (1) *Agar* — A escrava de Abrão de que nasceu Ismael, o fundador do povo árabe. Daqui o adjetivo *agareno* que corre paralelo com *mouro, sarraceno*, etc.

III - 110 (2) *Antemão* — É mais comum dizer-se *de antemão*, antecipadamente. // *Agareno* — derivado de *Agar*. Veja o comentário precedente. Note-se que Camões dá como falso o chamarem-se estes marroquinos *sarracenos*, quando não passam de *agarenos*. É a distinção feita pela Bíblia: *Sara*, mulher legítima de Abrão, é o tronco primeiro dos *saracenos*, depois *sarracenos*. *Agar*, mulher ilegítima, apenas escrava, é o tronco primeiro dos *agarenos*. Portanto, sendo eles *agarenos*, não podiam, com título legítimo, dizer-se *sarracenos*.

III - 110 (3) *com falsa conta e nua* — Entende-se: *nua, despida* de fundamentos, de razões, de documentos ou títulos verdadeiros pelos quais aquelas terras legitimamente pertencessem aos invasores.

III - 111 (1) *Qual o membrudo e bárbaro Gigante* — Referência ao episódio bíblico da luta entre o gigante Golias e o pequeno pastor David. *Membrudo* — de pernas e braços muito fortes, muito grandes. O sufixo *udo* tem significação exata de aumentativo: *carudo, narigudo, barrigudo, testarudo*, etc.

III - 111 (2) *o pastor inerme* — David, simples pastor, armado só de uma funda, estava *inerme*, isto é, *sem arma*. Note-se a formação latina de *inerme*, de *in + arma*: a presença do prefixo *in* determinou a apofonia, passando o *a* de *arma* a e. Deu-se o mesmo com *imberbe*, de *in + barba*.

III - 111 (3) *rodeando a funda* — Meneando a funda, fazendo-a girar algumas vezes para obter impulso.

III - 112 (1) *alta Fortaleza* — O Céu, a Fé, a Providência divina.



III - 112 (2) *horrífico* — Do lat. *horrificus*, onde encontramos *horror*, e *fico*, do tema de *fácere*: que faz horror, que infunde horror.

III - 112 (3) Ficou combinado entre os dois Afonsos que Afonso de Castela atacaria o exército marroquino e que Afonso de Portugal acometeria o exército mouro de Granada. Aquele tinha vindo de Marrocos; este fora recrutado entre os mouros da própria Espanha, cujas partes do sul ainda não tinham sido libertadas pelos peninsulares. Eis como nos conta o cronista Rui de Pina: "... acordaram que el Rey de Castella comettesse e fosse com suas hazes contra el Rey de Marroquos que estava ao longo do mar, e que contra o de Grada (Granada) que estava da banda da serra, fosse el Rey de Portugal" (D. Aff. IV - 58).

III - 113 (1) Na véspera da batalha ficaram os cristãos muito amedrontados, já pelo número infinitamente maior dos inimigos, já pela escuridão repentina do dia. Recorramos aos esclarecimentos de Rui de Pina: "E com esta determinação partiram loguo os Reys de Sevilha... e Domingo vinte, e sete dias do mês de Outubro chegaram a Pena do Servo, donde os espantosos arraiais dos mouros já pareciam sobre Tarifa... e os Reys de Portugal e Castella... loguo viram as muytas e grandes hazes dos Reys mouros, em que avia tantas e tam desvairadas gentes que parecia que em todas as partes de Asia, de Africua não podia aver tantos..." (D. Aff. 59).

III - 113 (2) (3) *segundo as leis que ali seguiam, / Uns Mafamede e os outros Santiago* — Na língua clássica *lei*, quase sempre com maiúscula, era o mesmo que *religião*. Camões engana-se em dizer que os mouros invocavam *Mafamede* no início das batalhas: era *Allah*, o grito de guerra. Os cristãos clamavam por *Santiago*, o Santiago de Compostela, padroeiro da Espanha e símbolo da resistência católica às invasões muçulmanas. Em *Santiago* estão fundidas duas palavras: *San + Tiago*. O nome do apóstolo *Tiago* ou *Jacob* tem dado numerosas formas nas línguas românicas: *Santiago, Yago, Jacó, Jácome, Jayme*.

III - 113 (4) *bruto lago* — Bruto no duplo sentido de *grande* e *feio*.

III - 113 (5) *meios mortos* — Reaparece a concordância por atração sintática do advérbio *meio* com o adjetivo *mortos*. Deveria ser *meio mortos*, mas por atração sintática do adjetivo sobre o advérbio, passou este a concordar em gênero e número.

III - 114 (1) *Sem lhe valer defesa ou peito de aço* — Note-se a forma invariável *lhe*, aqui, no singular, equivalendo a plural, mantendo, porém, a forma singular. // *Defesa ou peito de aço* — o peito de aço fazia parte da armadura medieval; *defesa* pode ser entendida como *escudo*.

III - 115 (1) *Para a casa de Tétis* — A casa de Tétis é o mar de quem é rainha. Era já o final do dia em que o sol parece entrar no Oceano. Continua o Poeta: O claro dia memorado (célebre) estava inclinado para o Ponente, fazendo aparecer (trazendo) o Véspero. Usa Camões *ponente* da antiga forma de *poner*, lat. *ponere*, que ainda existe em castelhano moderno. De *poner* tivemos na língua arcaica *põer*, com nasalação; depois, sem nasalação *poer* de que ainda conservamos *poente* e o adjetivo *poedeira* (*galinha poedeira*). Finalmente *poer* passou a *poor* e a *pôr*, com assimilação do e a o apesar de ser vogal acentuada.

III - 115 (2) *Véspero* — O mesmo que *Vésper*; esta forma é o nominativo latino *Vesper*; aquela é o acusativo *Vesperum*. Vive em italiano a forma *vespro* e é derivada de *vesper, véspera*, o dia precedente que se termina, justamente, à noite, ao entardecer, quando aparece a estrela Vésper. *Véspero* aproxima-se do grego *Ésperos, Hésperos*. // *Estava o dia claro memorado* — Já vimos, no comentário 1 da estrofe 113, que se fazia grande escuridão na véspera da batalha do Salado, mas no dia real do combate, tudo ficou limpo e o sol apareceu. Assim se poderá compreender o *claro* em relação a *dia*. *Memorado* porque se tornou famoso na história da reconquista cristã da Península. O recontro deu-se no dia 30 de Outubro de 1340. Durou das oito da manhã até a noite. Diz o historiador de Portugal, Antônio G. Mattoso (História de Portugal, vol. I - 128-9): "A batalha, que durou das 8 ou 9 horas da manhã até ao fim da tarde, foi um triunfo extraordinário para os cristãos, que puseram em debandada os infiéis, depois de lhes terem causado muitos milhares de mortos, feitos imensos prisioneiros e conquistado uma presa riquíssima. D. Afonso IV, que havia combatido com grande ardor, que dera as maiores provas de heroísmo e bravura, recusou a menor parte nos despojos que seu genro lhe oferecia, para escolher o que quisesse, dizendo "que de seus reinos partira a auxiliá-lo por serviço de Deus e honra própria; e que não pensava ele nem os seus em voltarem ricos, mas vitoriosos e honrados, como, pela graça de Deus, tornavam. Apenas tomou para si, como recordação daquele grande feito de armas, um príncipe sarraceno que cativara e algumas espadas e bandeiras que tomara ao inimigo".

III - 115 (3) *mortindade* — Camões escreveu *mortindade* e não *mortandade* como aparece nas edições modernizadas. É a forma do tempo dele como era *orfindade*. Explica-se a evolução fonética: lat. *mortalitatem / mortalidade / mortaindade* (pela síncope do *l*) / *morteindade* (passagem de *ai* a *ei*) / *mortindade* / (assimilação do e ao *i* do ditongo *ei* = *i* + *i* que se fundiram por crase). A forma *mortandade* foi refeita segundo o modelo latino, no Renascimento. Leite de Vasconcelos acha que *mortandade* passou a *mortindade* sob a influência de *divindade*, o que não se aceita. Explica-se a evolução internamente sem ser necessário recorrer a influências externas.

III - 116 (1) *Não matou a quarta parte o forte Mário* — Foi a famosa batalha de *Aquae Flaviae*, hoje, *Aix en Provence*, onde o cônsul Caio Mário aniquilou os teutões e ambrões. Plutarco afirma que aí morreram mais de cem mil homens. Segundo isto, na batalha do Salado, na estimação do Poeta perderam a vida mais de quatrocentos mil.

III - 116 (2) *Quando as águas co'o sangue do adversário / Fez beber ao exército sedento* — O historiador Florus escreveu: "Vallem fluviumque medium hostes tenebant, nostris aquarum nulla copia... Itaque... ea caedes hostium fuit ut victor Romanus cruento flumine non plus aquae biberit quam sanguinis barbarorum" (apud Epifânio da Silva Dias) — Êste rio chama-se hoje *Arc*.

III - 116 (3) *Nem o Peno, aspérissimo contrário* — Do lat. *Poenus*, cartaginês, aqui Aníbal. Refere-se o passo camoniano à batalha de Cannas, derrotando o cônsul Varrão, na Apúlia. Eutrópio conta que Aníbal mandou arrancar os anéis de prata, insígnia de cavaleiro, a segunda classe depois dos patrícios, e colheu dêles três alqueires: "...três modios annulorum aureorum Carthaginem misit, quos ex manibus equitum Romanorum, senatorum et militum detraxerat". Conta-se também que Aníbal, percorrendo o campo de batalha, observando a fisionomia dos soldados mortos, havia exclamado: com um exército destes eu venceria o mundo! Note-se o superlativo *aspérissimo* em lugar de *aspérrimo*: aquele de formação regular e comum; este, imitação do latino *aspérrimus*. Ambos corretos. Note-se ainda a expressão: *"contrário do romano poder, de nascimento..."* Hoje diríamos *inimigo nato do romano poder*.

NOTA — Os que quiserem ter maiores conhecimentos da famosa batalha do Salado, leiam, em nossa "Antologia Arcaica", pág. 52 — "Excertos da longa descrição da Batalha do Salado", diretamente copiados dos "Portugaliae Monumenta Historica". A notícia, que deste acontecimento traz a "Crestomatia Arcaica" de J. J. Nunes, não reproduz fielmente a fonte por nós indicada. Infelizmente, quase todos os textos de J. J. Nunes são mal copiados e muito alterados pelo autor.

III - 117 (1) *E se tu tantas almas só pudeste* — *Só* refere-se a *tu*, equivalendo a *sòzinho*.

III - 117 (2) *reino escuro de Cocito* — É propriamente o Inferno, mas *Cocito* era um dos rios que corriam nesse reino escuro.

III - 117 (3) *a santa Cidade* — Jerusalém, tomada e destruída por Tito, Imperador Romano, no ano 70 D. C. // *Povo pertinaz no antigo rito* — Os judeus, que ainda hoje continuam a seguir os ritos mosaicos.

III - 117 (4) *Tito* — Filho de Vespasiano. Quando destruiu Jerusalém ainda não era Imperador de Roma. Somente em 79 foi que sucedeu a seu pai, morrendo em 81. Em comparação com os seus predecessores foi chamado "Delícias do gênero humano".

III - 117 (5) *Vates* — Aqui *profetas*. *Vates* da mesma origem de *vaticinium*, *vaticinare*, eram profetas que davam suas profecias em versos e por isto passou depois a sinônimo simples de poeta. Segundo antiga tradição, havia em Jerusalém uma escola de profetas. Em Roma, tal escola, parece, estava situada no monte *Vaticano*. Na opinião de Aulus Gellus, o monte tomou tal nome (Mons Vaticanus) porque aí se davam oráculos e se faziam profecias. Varro, porém, escreveu que aí havia um altar do deus *Aius* (*aio, ais, ait*, são relíquias de um verbo desaparecido e que significava *dizer, falar*) ao qual levavam as crianças para aprender a falar e como a primeira sílaba que conseguiam expressar era sempre *va*, criaram um deus *Vaticanus*, o deus que dava às crianças o dom da fala. *Festus*, porém, diz mais simplesmente que a colina tomou o nome de *Vaticano*, porque os romanos, depois de expulsarem os etruscos, aí obtiveram o seu primeiro *vaticínio*.

III - 117 (6) *Jesu* — Camões e a maioria dos clássicos, incluindo-se Bernardes e Vieira, sempre escreveram *Jesu* e não *Jesus*. Isto provinha de encontrarem-se sempre juntas as duas palavras *Jesu-Cristo*, fazendo-se a elisão da sibilante final de *Jesus*. Ainda hoje, em italiano, se escreve *Gesu*; o francês tem *Jesus*, com *s* não pronunciado.

III - 118 (1) *Passada esta tão próspera vitória* — Começa aqui o famoso episódio de Inês de Castro, bàrbaramente assassinada no final do reino de Afonso IV, que se deixou vencer pelas intrigas do partido contrário a D. Pedro. É a narrativa mais lírica e dramática de todo o poema de Camões. A maneira altamente lírica e altamente literária pela qual soube o Poeta tratar o assunto, fez desaparecer todas as poesias anteriores a "Os Lusíadas", como a série de quadras feitas por Garcia de Resende. O assunto deste drama empolgou toda a literatura peninsular, chegando até a Itália. Poetas e dramaturgos fizeram dêle a matéria de seus poemas e dramas, cada qual acrescentando esta ou aquela circunstância de todo inverídica e puramente imaginosa. Dificilmente se poderá restabelecer a verdade dos fatos, pois, o caso já entrou no domínio da lenda. Leia-se o formoso livro *"Inês de Castro"* do escritor Antero de Figueiredo. Famosa foi também a tragédia *"Castro"* deixada por Antônio Ferreira, contemporâneo de Camões. O clássico português quis dar-lhe os moldes da tragédia clássica, mas os seus versos são verdadeiro martírio para os ouvidos dos poucos que têm tido a paciência de lê-los.

III - 118 (2) *a se lograr da paz* — A usufruir da paz. *Lograr*, do lat. *lucrare* apresenta duas formas com pequenas diferenças semânticas e fonéticas: *lograr*, como no verso comentado, e *lucrar*, obter proventos, lucros, ganhos. Assim, *lograr uma boa música*, isto é, ter prazer em ouvir uma boa música, e *lucrar* dez mil cruzeiros numa transação comercial. Como derivado semântico ainda existe *lograr*, enganar, evidentemente para obter vantagens. De *lograr*, no primeiro sentido, não se fez *logro*: este provém do segundo.

III - 118 (3) *O caso triste* — O assassinato de D. Inês de Castro. *Caso*, acontecimento, do lat. casus, part. pas. de *cádere*, cair, acontecer. O nosso povo diz *causo*, contar um *causo*, isto é, uma história, um fato passado.

III - 118 (4) *dino da memória / Que do sepulcro os homens desenterra* — A Fama que imortaliza os sêres humanos.



III - 118 (5) *mísera e mesquinha* — Mísera, infeliz, digna de compaixão, de dó. // *Mesquinha* do ár. *mezquin*, pobre, fraca, sem defesa.

III - 118 (6) *Que despois de ser morta foi rainha* — Faria e Sousa deu corpo à crença e à lenda de que D. Pedro I mandou desenterrar o cadáver de D. Inês, assentá-lo no trono, obrigando nobreza e clero a beijar-lhe as mãos. Tal fato não poderia ter sido possível: D. Inês foi degolada em 1355 e sepultada no antigo mosteiro de Santa Clara, no "mosteirinho" como ainda se ouve dizer em Coimbra, bem abaixo do atual convento de Santa Clara, mais próximo das margens do Mondego, nesse tempo sujeito a contínuas inundações deste rio. Quando, por ordem de D. Pedro, foram os restos mortais de D. Inês trasladados, com grande pompa, deste lugar para o túmulo edificado em Alcobaça, já fazia seis anos que estava sepultada. A trasladação se deu em 1361. O corpo não podia estar conservado ao ponto de poder ser posto no trono. O que houve foi outro ato de caráter puramente jurídico: D. Pedro proclamou D. Inês rainha, depois de ter provado, a seu modo e com as testemunhas arranjadas para o caso, o seu legítimo casamento com a formosa Castro. Declarou-a rainha para legitimar os filhos, dando-lhes então direito à sucessão do trono. Assim se justifica e se esclarece o famoso verso de Camões: *Que despois de ser morta foi rainha*.

D. Pedro mandou construir riquíssimo túmulo na igreja de Alcobaça, tendo na tampa a estátua jacente de D. Inês de Castro. Fronteiro a este túmulo foi construído outro, não menos rico, onde está D. Pedro, também em estátua jacente. Não é verdade outra criação do povo que os dois túmulos se opõem de tal modo que os pés de D. Inês quase toquem os de D. Pedro para que, no dia da ressurreição dos mortos, quando ambos se erguerem de suas cinzas, possam cruzar seus primeiros olhares. Veja-se a descrição minuciosa destes dois monumentos fúnebres nas notas preciosas que acompanham a obra de Antero de Figueiredo, "Dona Inês".

III - 119 (1) *Tu só, tu, puro amor, com força crua,* — Esta é a pontuação da edição "princeps", adotada também por Epifânio da Silva Dias. Outras edições trazem: *Tu, só tu, puro Amor*, etc. O sentido não se altera, está claro, mas não é a pontuação primitiva. Neste primeiro verso aparece *amor*, com minúscula, no sentido da afeição comum que todos sentimos a alguém. No quinto verso está *Amor*, com maiúscula, porque se trata da entidade, da personificação deste sentimento. // *...com força crua* — com força capaz de derramar sangue, do lat. *crudus, cruda*, do mesmo tema de *cruor, oris*, sangue, considerado fora das artérias e veias, fora do corpo humano. Quando se refere ao sangue nestas partes internas do ser vivo, então, usa-se *sanguis, inis*. Do mesmo grupo são *cruel*, lat. *crudelem; crueldade*, lat. *crudelitatem; crueza*, lat. * *crudelitia*. Figuradamente dizemos da carne que ainda contém sangue fresco, que não passou pela cocção: *carne crua*. Aplica-se ainda aos frutos tomados em seu estado natural: *fruta crua*, bem como a fatos, procedimentos demasiadamente ásperos, que nos causam viva sensação de desagrado: *narração crua, procedimento cru*.

III - 119 (2) *fero Amor* — A personificação do amor, o deus do amor, o *Eros* dos gregos, divindade que tem altares: "tuas aras banhar em sangue humano". Por isto está com maiúscula.

III - 119 (3) *Nem com lágrimas tristes se mitiga* — Vergílio já havia dito quase a mesma cousa:

> "Nec lacrimis crudelis Amor nec gramina rivis
> Nec cytiso saturantur apes, nec fronde capellae".
>
> (Ecl. X - 29-30)

E Propércio:

> "Nonnihil adspersis gaudet amor lacrimis".
>
> (Eleg. I - 12)

III - 120 (1) *Inês* — Nome grego *Agnè*, pura. Em lat. *Agnes*. Mas pelo sânscrito *Agnis*, fogo. Os dois significados se completam e se explicam: pura, purificada pelo fogo. O radical *agn* encontra-se em *agn-us*, cordeiro e por isto simboliza o cordeiro a pureza. Relaciona-se ainda *agn* com o sânscrito *agn-is*, fogo, porque na maioria dos casos de sacrifício religioso dos antigos tempos, era o cordeiro o animal preferido nas imolações rituais. Uma parte da carne era queimada, purificada pelo fogo, para que a oferta fosse inteiramente pura, sem mácula alguma. O catolicismo tomou este uso pagão, elevando-o a sacrifício incruento, isto é, sem derramamento de sangue, e mais ainda, simbolizou no *Cordeiro* o próprio Cristo que, pelo seu sacrifício cruento da cruz, redimiu as culpas da humanidade. É o *Cordeiro Pascal*, é o *Cordeiro de Deus: Agnus Dei qui tollis peccata mundi*. Assim se compreende porque *Inês* pode significar *pura* e também *fogo* pelo sânscrito *Agnis*.

III - 120 (2) *De teus anos colhendo doce fruito* — Conservamos a forma arcaica e clássica *fruito* por estar corrente na língua popular do Brasil. Lat. *fructus / fructo / fruito* pela vocalização da gutural surda quando posta antes de dental e não vem precedida de nasal. Observa-se a mesma evolução em *luctam / lucta / luita* (forma corrente na língua popular do Brasil), *luta*. Mas já em *sanctu, sancta*, não se deu a vocalização da gutural *c* por estar precedida de nasal: *sancto / santo* pela não pronunciação da gutural.

III - 120 (3) *Naquele engano da alma ledo e cego* — Isto é, a afeição do amor. Camões, pelas suas dolorosas experiências do amor não correspondido, podia dizer com toda a verdade: *engano da alma*, embora *ledo*, é sempre um *engano*, uma ilusão e ilusão, engano *cego*. Machado de Assis disse humoristicamente que "quem ama, não sabe aritmética" e o poeta Paulo Gonçalves: "Quem ama, erra na colocação dos pronomes".

III - 120 (4) *Que a Fortuna não deixa durar muito* — A Fortuna, a sorte, o fado, o destino.

III - 120 (5) *enxuito* — Conservamos a forma camoniana em rima perfeita com *fruito*. Lat. *exsuctus*, part. pas. de *exsúgere*, enxugar. Houve influência do prefixo *en* (*in*) que determinou a palatização *enxuto*. A gutural c vocalizou-se em *i*.

III - 121 (1) *As lembranças que na alma lhe moravam* — O verbo *lembrar* encerra curiosa formação. Do lat. *memorare*, conservar na memória, temos *memorar*, forma literária. Seguindo-se a bilabial *m* em sílabas consecutivas, a primeira dissimilou-se em *n*: * *nemorar*. Houve a síncope da vogal antetônica *o*: * *nemrar*. A contigüidade de *mr*, grupo difícil de execução, provocou o aparecimento de outra bilabial, *b*: *nembrar*. Do particípio presente, em sua forma neutra, se fez *nembrança*. Mais uma vez se dá a dissimilação da primeira linguodental nasal *n* em *l*: *lembrança* e *lembrar* em lugar de *nembrar*. Ao leigo em tais assuntos não lhe passa pela mente que, em *lembrar*, esteja a palavra *memorar*, de *memória*.

III - 121 (2) *Eram tudo memórias de alegria* = *Tudo eram memórias de alegria*. Temos a conhecida regra de sintaxe: quando o sujeito do verbo *ser* é indefinido ou simples nome de cousa e o completivo predicativo nome plural, pode o verbo concordar com este e não com aquele. *Pode*, não é obrigatório.

III - 122 (1) *tálamo* — Leito nupcial, símbolo do matrimônio, do casamento. Do gr. *thalamòs*, palavra poética. Boiasacq relaciona com *thólos*, curvo, em forma de abóbada.

III - 122 (2) *sesudo* — Hoje, *sisudo*, que tem *siso*, sério, carrancudo. Lat. *sensutus*, de *sensus*, senso, seriedade.

III - 122 (3) *a fantasia* — O capricho do filho em querer casar-se com pessoa que não era da sua mesma estirpe.

III - 123 (1) *Que furor consentiu que a espada fina* — Furor, loucura, insanidade. // *Espada fina* — espada de aço de primeira qualidade, nobre. D. Inês de Castro foi degolada e não apunhalada como pensaram alguns, erradamente.

III - 123 (2) *dama* — Do lat. *domina*, senhora, mas através do fr. *dame*.

III - 124 (1) *algozes* — Mantém-se o timbre fechado do o. Do ár. *al-gozz*, do turco *gozz*, nome de uma tribo da qual saiam os executores oficiais.

III - 124 (2) *Ante o Rei, já movido a piedade* — Já se deixando vencer pela piedade.

III - 124 (3) *Mas o povo, com falsas e ferozes / Razões, à morte crua o persuade* — As relações entre D. Pedro e D. Inês de Castro eram antigas. Pertencente à casa dos Castros, filha de Pedro Fernandes de Castro, mordomo-mor de Afonso XI de Castela, o mesmo da batalha do Salado, portanto, cunhado de D. Pedro, genro de D. Afonso IV. Pelo casamento de D. Pedro com a princesa castelhana D. Constança, veio como dama de honra desta a formosa D. Inês. Imediatamente por ela se apaixonou D. Pedro e D. Constança, vendo mal parado o seu matrimônio, levou D. Inês por comadre, com a intenção de, estabelecendo certo vínculo sagrado entre compadres, se detivesse o príncipe em seu caminho. Tal não aconteceu. D. Pedro montou casa à sua amada, em Coimbra, e já tinha com ela três filhos quando faleceu D. Constança. D. Afonso IV e toda a corte tentaram casar o príncipe viúvo com alguma princesa, mas inùtilmente: "De outras belas senhoras e princesas / Os desejados tálamos enjeita". Havia então o perigo de subir ao trono de Portugal, por parte de D. Pedro, um seu filho e dela, em detrimento do filho de D. Constança. Parece que estas razões políticas foram o motivo principal que determinaram a morte de D. Inês. A execução se deu em 1355. Camões diz que tais razões eram *falsas* já da parte dos políticos, já da parte do povo, pois, como mais tarde se deu, D. Pedro conseguiu, aduzindo até o testemunho do Bispo de Coimbra, provar que o seu casamento com D. Inês se tinha realizado e era válido, embora morganático. Juristas levantarão, em época posterior, a questão da legitimidade de tal casamento secreto, mas na estimação da maioria, a morte de D. Inês não passou de um brutal assassinato, tão brutal e tão injusto que ainda hoje causa revolta aos nossos sentimentos.

III - 124 (4) *saüdade* — Conta aqui 4 sílabas. Do lat. *solitatem*, propriamente, *solidão*. A forma arcaica foi *soidade*, *sodade* e somente sob a influência de *saudar* é que passou a *saudade*. É a palavra mais bela da língua portuguesa, expressando a viva tristeza de um coração que não se conforma com a ausência do bem-amado e, embora o saiba distante ou talvez já morto, ainda assim o deseja tristemente. Costuma-se dizer que só a língua portuguesa tem esta palavra *saudade*, querendo com isto afirmar que, se em outras línguas não se encontra o vocábulo é que tais povos não têm esse sentimento. Há muito engano e confusão em tais afirmações. *Saudade* é palavra portuguesa da mesma formação latina que é *soledad*, em espanhol. Claro está que não existe em francês, em italiano, porque estas línguas possuem outro sistema evolutivo dos sons latinos. Disto não se pode concluir que espanhóis, franceses, italianos, rumenos, alemães, ingleses, etc. não tenham os mesmos sentimentos que os portugueses e brasileiros. É que se expressam por outras palavras. Se fossemos nascidos nesses povos e falássemos as línguas deles, mas como língua materna, veríamos que, por exemplo, o francês com o seu *regret*, sente o mesmo que sentimos com a nossa *saudade*.

III - 125 (1) *Um dos duros ministros rigorosos* — Um dos conselheiros maus de D. Afonso IV. A pal. *ministro* do lat. *minister, i*, quer dizer *servidor, criado*. Sòmente mais tarde, transposta à esfera da política, é que tomou o significado atual.



III - 125 (2) *nos meninos atentando* — *Atentar em*: olhar com cuidado, observar, examinar com atenção.

III - 125 (3) *orfindade* — Esta é a forma corrente no tempo clássico. Veja o comentário III - 115 (3) a respeito de *mortindade*. Uma forma explica a outra. O processo evolutivo é o mesmo.

III - 126 (1) *Se já nas brutas feras, cuja mente* — O adj. *bruto* está tomado no seu primeiro significado, de irracional. // *Mente* é o instinto natural.

III - 126 (2) *Natura* — Puro latim. A palavra corrente é *natureza*, de * *naturalitia*.

III - 126 (3) *crianças* — É o part. pres. em sua forma neutra, plural, substantivado, do lat. *creantia*, de *creare*, criar: aqueles que estão sendo criados.

III - 126 (4) *mãe de Nino* — Engano do Poeta: Semíramis, rainha da Assíria, era esposa de Nino e mãe de Nínias. Diz a lenda que ela fora abandonada numa floresta para aí morrer, mas as pombas e outras aves a alimentaram e a criaram.

III - 126 (5) *os irmãos que Roma edificaram* — Remo e Rômulo, criados, segundo a lenda por uma loba. O engano provém de Laurentia, mulher do pastor Fáustulo, que encontrou os meninos expostos nas margens do Tibre, ser apelidada *Lupa*, loba, pelo seu mau procedimento. Não foram, portanto, criados por *loba* nenhuma, e sim por Laurentia, apelidada a Loba. Apesar de tudo isto, lá está, no Capitólio, em Roma, o grupo dos pequenos e a Loba que lhes dá de mamar.

III - 127 (1) *humano o gesto e o peito* — Que és homem pelo aspecto físico e pelo coração, pelos sentimentos.

III - 127 (2) *donzela* — Do lat. *dominicella*, senhorita, mulher solteira. Aqui, entretanto, *donzela* está no uso que se fazia na linguagem das cortes: pessoa de origem nobre, mas não principesca ou real, fosse casada ou já tivesse filhos. Era uma concepção particular da língua de grupo e não da língua geral. Ainda hoje, na Espanha, na língua de grupo social, das camareiras de hotel, *donzella* significa simplesmente a mulher encarregada dos arranjos dos quartos, *camareira* ou como se diz no Brasil: *quarteira*.

III - 127 (3) *Fraca e sem força* — Expressão pleonástica para maior vigor de expressão. O que positivamente se diz com *fraca*, diz-se também, negativamente, com *sem força*.

III - 128 (1) *com fogo e ferro* — Antiga expressão aliterada, quase sempre usada em ordem contrária: *com ferro e fogo*.

III - 128 (2) *Mas, se to assim merece esta inocência* = *Mas, se esta inocência merece isto* (*o*) — *dar vida com clemência — de ti* (*a ti*).

III - 128 (3) *Cítia fria, Líbia ardente* — Os dois extremos climatéricos quase insuportáveis à natureza humana — Veja c. III - 9.

III - 129 (1) *Naquele por quem mouro* — Veja o comentário ao c. II - 41 (1).

III - 129 (2) *refrigério* — Consolo, lenitivo.

III - 130 (1) *Queria perdoar-lhe* — Admite o verbo *perdoar* duas regências: indireta (*lhe*) e direta (*o, a*) — Como bitransitivo requer o complemento direto de cousa e o indireto de pessoa: *perdoar alguma cousa a alguém*.

III - 130 (2) *carniceiros* — De *carniça*, carne morta de animais, instinto próprio das feras e das aves de rapina.

III - 131 (1) *Policena* — Era filha de Príamo e Hécuba. Dela se enamorou Aquiles, o herói grego, portanto, o inimigo mortal dos troianos de quem Príamo era rei. Contudo, pediu-a em casamento e foi-lhe imposta a condição de trair os gregos, condição rejeitada pelo herói. Quando este, em combate singular, matou a Heitor, filho de Príamo, portanto, irmão de Policena, o rei troiano foi até o acampamento de Aquiles para obter dele o corpo de Heitor. Levou como intermediária a Policena. Tendo sido renovado o pedido de casamento, foi este realizado, secretamente, num pequeno templo de Apolo, a meio caminho entre o acampamento grego e Tróia. Estavam presentes Príamo, Páris e o seu irmão Deífobo: quando Aquiles abraçava a este, Páris, aproveitando-se da ocasião, desfechou uma flechada no calcanhar do herói, único ponto vulnerável de seu corpo, matando-o. Segundo uns, Policena suicidou-se no túmulo de Aquiles. Segundo outros, sobretudo, Eurípides e Ovídio, os gregos sacrificaram Policena aos manes de Aquiles. Ela foi degolada por Pirro, filho do mesmo Aquiles. Hécuba, a mãe de Policena, que estava presente ao sacrifício da filha, enlouqueceu.

III - 132 (1) *As obras com que Amor matou de amores* — Este é um ponto crucial de "Os Lusíadas": quais são essas obras? Vê-se que o verso precedente diz que tais *obras* são sustidas pelo *colo de alabastro*, e, assim, entendem muitos que se trata do rosto, da cabeça, sobretudo, dos olhos de Inês de Castro. José Maria Rodrigues chega a afirmar que o Poeta escrevera *os olhos* e não *as obras*. É possível, mas com dificuldade porque não seria fácil confundir *os olhos* com *as obras*. Não existindo nenhum manuscrito para averiguações, só podemos chegar até a edição "princeps" e nesta se lêem: *as obras*.

III - 132 (2) *as brancas flores* — Outro problema para o comentador: que flores eram essas? Parece-nos que são os seios por onde corriam as lágrimas de D. Inês.

III - 133 (1) *seva mesa de Tiestes* — *Seva*, cruel, do lat. *saevus, saeva*. Conta Ovídio que Atreu, rei de Micenas, querendo vingar-se do próprio irmão Tiestes, mandou matar-lhe os filhos Tântalo e Plístenes, dando-lhe a comer a carne deles. O sol, horrorizado, com tamanho crime, escondeu sua luz, envolvendo a terra em trevas. Por que cometera tão horrível crime? Porque estes filhos eram produtos do adultério de Tiestes com Érope, esposa de Atreu.

III - 134 (1) *mãos lascivas* — Mãos brincalhonas, irrequietas, do lat. *lascivus, lasciva*, inquieto.

III - 135 (1) *As filhas do Mondego a morte escura* — Querem alguns que estas *filhas do Mondego* sejam as ninfas. Achamos que não: são as moças de Coimbra, as jovens contemporâneas do tristíssimo caso, que choraram a morte de D. Inês de Castro. Se ainda hoje, a tantos séculos de distância ainda nós nos comovemos com o doloroso destino desta mulher infeliz, como não se teriam emocionado as moças de Coimbra, certamente, casadoiras ou noivas, que profundamente poderiam compreender a fatalidade deste amor proibido.

III - 135 (2) *A Fonte dos Amores de Inês* — Ainda hoje existe o local, na parte baixa do Mondego, nas vizinhanças do Choupal.

III - 136 (1) *a (vingança) tomou dos fugidos homicidas* — Os homicidas foram Álvaro Gonçalves, Pero Coelho e Diogo Lopes Pacheco. Os dois Pedros, o I de Castela, denominado o *Cruel*, e o I de Portugal, apelidado o *Cru*, por mútuo acôrdo, por um pacto, hoje diríamos, por um tratado de extradição, trocaram entre si os súbditos criminosos. Somente Diogo Lopes Pacheco pode fugir para Aragão e depois para França. Os outros foram supliciados horrorosamente. Conta Fernão Lopes (Crônica — c. I) que D. Pedro I de Portugal estava jantando quando chegaram amarrados os assassinos. Tomado de furor nunca visto, tomou o rei um chicote e os feriu nos rostos até o sangue. Mandou depois que lhes abrissem a machado os tórax e lhes arrancassem os corações ainda vivos. Arrebatado pelo furor, transformado em verdadeira fera, D. Pedro I estraçalhou a dentadas essas vísceras, empapando-se no sangue das vítimas.

III - 136 (2) *cruíssimo* — Superl. de *cru; crudelíssimo*, superl. de *crudelis*.

III - 136 (3) *O concerto duro e injusto* — No segundo triunvirato de Roma, 43 a. C., Otávio (Augusto), Antônio e Lépido, por um acordo mútuo, determinaram uma das mais terríveis proscrições políticas. Cada qual apresentava a sua lista de vítimas, pactuando uns com os outros na entrega até dos próprios amigos. Assim fizeram os dois reis que trocaram entre si aqueles que queriam supliciar.

III - 137 (1) *Mais ladrões à morte deu* — É sintaxe latina: *morti aliquem dare*. Hoje dizemos: *dar morte aos ladrões* e não *dar os ladrões à morte*.

III - 137 (2) *Que o vagabundo Alcides ou Teseu* — De *vagare*, andar sem destino, temos o gerundivo *vagabundus* que passou à nossa língua com o mesmo sentido de andejo, andarilho, pessoa que vaga sem destino certo. Como, porém, pessoas, que assim vagueiam, não têm o que fazer, *vagabundo* passou a significar *sem serviço, sem trabalho*, pessoa que não faz nada. // *Alcides* — Hércules, por ser filho de Júpiter e Alcmena, esposa de Anfitrião, rei de Tirinto, era também chamado *Alcides*. // *Teseu* — Era filho de Egeu, rei de Atenas, e de Etra. Matou todos os ladrões que infestavam as estradas de Atenas, a começar por Perifetes, filho de Vulcano. Destruiu depois Procusto, o estrangulador. Venceu o Minotauro de Creta, monstro de corpo de touro e cabeça humana ao qual pagavam os atenienses o horroroso tributo anual de sete moços e sete moças. Vivia o monstro no labirinto construído por Dédalo, em Creta. Quem aí entrava, não conseguia sair. Teseu oferece-se como vítima e parte com os companheiros num navio de velas negras que ele substituiria por velas brancas se pudesse matar o monstro. Apresentando-se ao rei Minos, despertou grande paixão em Ariadna, filha do monarca. Deu-lhe Ariadna uma espada e um fio com o qual deveria marcar o caminho para poder sair do labirinto. Teseu matou o monstro e escapou com os companheiros, trazendo Ariadna consigo. Quando os atenienses viram, ao longe, o navio com velas brancas, sinal da vitória de Teseu e da libertação da cidade, a alegria atingiu as raias da loucura coletiva. Venceu as amazonas e acompanhou, ao Inferno, a seu amigo Peritoo, que, apaixonado por Prosérpina, quis raptá-la a Plutão. Foram aprisionados e atados a uma rocha encantada, existente na porta do palácio infernal. Hércules veio e libertou Teseu, deixando Peritoo entregue a seu destino.

III - 138 (1) *Do justo e duro Pedro nasce o brando* — Estas duas últimas palavras formam terrível cacófaton. Os clássicos não tinham o que se chama "a malícia do ouvido".

III - 138 (2) *D. Fernando* — A opinião que deste rei faz Camões é o comum sentir de todos os historiadores, a começar por Fernão Lopes que escreveu a crônica de D. Fernando, portanto, muito mais próximo dos fatos do que os demais historiadores. Os últimos escritores portuguêses se têm esforçado por desfazer a opinião do passado, achando que o rei deu boas leis, tomou providências para melhorar a situação do reino. Toda a argumentação deles não vale uma página de Fernão Lopes. Não sabemos como possa ter sido bom governante quem levou vida de escândalos, que se viu derrotado em todas as guerras com a Espanha, tendo as tropas castelhanas chegado até Lisboa enquanto D. Fernando se deixava ficar em Santarém. Como pode ter sido bom monarca se êle, pelo casamento da filha D. Beatriz com D. João I de Castela, entregou a sucessão do trono ao país vizinho? Se tivesse sido bom monarca, não teria sido necessário que D. João, o Mestre de Avis, matasse o Conde Andeiro e erguesse o país contra D. Leonor. Daqui o famoso verso camoniano que resume a "varonilidade" de D. Fernando: "Que um fraco Rei faz fraca a forte gente".



III - 139 (1) *Leonor* — Camões escreveu *Lianor* como se encontra em Gil Vicente, Fernão Lopes e outros escritores desse tempo. Leonor Teles, mulher de rara formosura, era casada legitimamente com João Lourenço da Cunha. D. Fernando manda anular esse casamento, baseando-se num falso parecer dos juristas da corte que davam os esposos como parentes e, portanto, nulo o matrimônio. Todo o país se escandalizou com o procedimento do rei, vendo subir ao trono uma mulher de vida irregular, tão irregular que, nos últimos tempos da vida do monarca já se havia ligado com o Conde Andeiro, o fidalgo da Galícia, tão ruim mulher que, morto D. Fernando, escreveu ao rei de Castela, seu genro, que viesse a invadir Portugal.

III - 139 (2) *Num falso parecer mal entendido* — Era expressão arcaica, encontrável freqüentemente nos Cancioneiros, *parecer, bom parecer* por *beleza, formosura:*

> "Nossos amigos hiram por cousir
> como baylamos e poden veer
> baylar moças de *bon parecer*,
> e nossas madres, poys lá queren hir,
> queymen cadeas por nós e por sy
> e nós, meninhas, baylaremos hy".
>
> (C. V. 336 — Pedro Vyvyanes)

D. Fernando estava "*enlevado*" pela beleza de D. Leonor, beleza *mal entendida*. Não se trata do "parecer" dos juristas pelo qual foi possível anular o casamento, como pensam vários comentadores dêste passo.

III - 140 (1) *Deus o quis* — O pronome o refere-se a todo o primeiro verso desta estrofe.

III - 140 (2) *Helena* — Esposa de Menelau, rei de Esparta, raptada por Páris, filho de Príamo, rei de Tróia, causa da famosa guerra celebrada por Homero em sua *Ilíada*. A acentuação, em português, é paroxítona *Helena;* mas em latim e italiano é proparoxítona *Hélena*.

III - 140 (3) *Ápio* — Appius Claudius, um dos decênviros que fizeram as "Leis das Doze Tábuas" (451 a. C.). Mandou raptar Virgínia, filha do centurião Virgínio. Este preferiu matar a própria filha a vê-la desonrada. Revoltou-se o povo contra Ápio que se suicidou, na prisão. // *Tarquínio* — Sexto Tarquínio, filho de Tarquínio, o Soberbo, rei de Roma. Violentou Lucrécia, esposa de Tarquínio Colatino. Lucrécia suicida-se. Amotina-se o povo e Bruto expulsa a família real. Na batalha do lago Regilo (496 — a. C.) morreu Tarquínio.

III - 140 (4) *David* — Mandou matar Urias para ficar com a esposa dele, Betsabé. Deus enviou contra David o profeta Natan que lhe manifestou os futuros castigos, como a revolta do próprio filho Absalão. David, arrependido, escreveu os famosos "Salmos Penitenciais".

III - 140 (5) *o tribo* — Note-se o gênero masculino e observe-se a terminação o em lugar de *u*. A reforma ortográfica de 1943, restabelecendo o gênero feminino, mandou, inexplicavelmente, grafar *tribo*, passando a língua portuguesa a ser a única a escrever assim tal palavra: em todas as outras foi sempre *tribu*.

III - 140 (6) *Benjamim* — Alguns desta tribo abusaram de uma mulher da tribo de Levi. No furor da vingança, morreram, certamente em cálculo exagerado, 25.000 benjaminenses.

III - 140 (7) *Por Sarra Faraó, Siquém por Dina* — Sara, mulher de Abrão, que o Faraó do Egito mandou buscar. Por isto foram castigados o rei e todo o povo egípcio (Gênesis - XII). // *Siquém* — filho de Henor, apaixonou-se por Dina, filha de Jacó. Raptou-a e violentou-a. Simão e Levi, irmãos dela, mataram Siquém e Henor, saqueando as casas e devastando os campos (Gênesis - XXXIV). *Sarra* por *Sara* foi considerado erro de impressão. É uma variante do mesmo nome que se encontra em hebraico *Sarrah* e no grego *Sarra* da Bíblia dos setenta.

III - 141 (1) *Um inconcesso amor desatinado* — Amor ilícito, não permitido pelas leis e costumes, amor ilícito e louco.

III - 141 (2) *filho de Alcmena... Ônfale* — Hércules, tendo sido a divinização da força, dominado pelo amor de Ônfale, chegou ao ponto de vestir-se com as roupas dela, fiar na roca, fazer todos os serviços próprios da mulher, enquanto Ônfale se revestia com a pele do leão de Neméia, o maior troféu das valentias de Hércules. Note-se a acentuação paroxítona que deu Camões ao nome *Ônfale*, proparoxítono.

III - 141 (3) *Cleópatra* — Muito se tem discutido a respeito da acentuação da palavra *Cleópatra*. Se era paroxítona em grego, podia ser paroxítona e também proparoxítona em latim. Forcellini prefere *Cleópatra*, dando também *Cleopátra* em alguns poetas. Outros dicionaristas como Benoist e Goelzer bem como A. Muller (Allgemeiner Wörterbuch der Ausprach Auslandischen Eigennamen), Carlos Annandale trazem *Cleópatra*. O latim, portanto, legitima a acentuação *Cleópatra* pela maioria dos dicionaristas. O verso de Camões não dirime a questão porque podemos contar as sílabas: "Com ser tanto a Cleópatra afeiçoado", separando, em duas sílabas e + o em *Cle-ó-pa-tra* e fazendo elisão em *o-a* de *afei-çoa-do*. Com esta contagem das sílabas, teremos a cesura na vogal *a*, dando acentuação proparoxítona. Mas se contarmos de outro modo: *Cleo-pa-tra* e separarmos em duas sílabas *o-a* de *afei-ço-a-do*, então, a cesura cairá na sílaba *pa*, dando acentuação paroxítona. Assim, o verso de Camões não soluciona o assunto e nem pode servir de argumento para os que

defendem a acentuação grave *Cleopátra*. Filipe Franco de Sá (A Lingua Portugueza, pág. 115) escreveu: "Em alguns nomes próprios, os nossos poetas usam dessa liberdade, que tinham os latinos. Camões acentuou *Artábro, Cleopátra;* Odorico Mendes, na tradução da *Ilíada*, acentua sempre *Patróclo*. Na prosa, porém, como dizemos *Temístocles, Sófocles, Empédocles*, devemos também dizer, conforme a regra latina, *Cleópatra, Pátroclo, Péricles*, etc." Acha, pois, este autor de grande autoridade, que devemos dizer *Cleópatra*. Quanto à afirmação de que Camões acentuou *Cleopátra*, releia-se o que já demonstramos, com as duas maneiras de escandir o verso. Este, por si só, não dirime o problema.

III - 141 (4) *Peno próspero* — Conta-se que Anibal, vitorioso em Canas, se deixou dominar por uma mulher qualquer. Petrarca refere-se a isto:

"L'altr'è'l figliuol d'Amilcar e nol piega
In contant'anni Italia tutta e Roma;
Vil femminella in Puglia il prende e lega".
(Tri. d'Amor - III)

III - 142 (1) *as rosas* (o corado das faces femininas); *a neve humana* (o alvor da pele) a que também se refere *alabastro; o ouro* (os cabelos louros). Vê-se por estas comparações qual era o tipo feminino da preferência de Camões.

III - 142 (2) *peregrina fermosura* — Formosura rara.

## Canto Quarto

IV - 1 (1) *procelosa tempestade* — Parece pleonasmo inútil acrescentar *procelosa* a *tempestade*. Não é *procela* o mesmo que *tempestade?* Camões valeu-se aqui do significado que *tempestatem* possui em latim clássico: o de *tempo*, ocasião, o mesmo que *tempus*, ou o grego *khronos*. De *tempestas* fez-se até o adv. *tempestive* com o sentido de *oportunamente, em momento apropriado*, e fêz-se ainda o adjetivo *tempestivus*, próprio, adequado, oportuno. Ainda hoje empregamos *intempestivo, intempestivamente:* fazer alguma cousa em ocasião *intempestiva*, isto é, não oportuna. Assim, não houve pleonasmo na expressão de Camões: sendo *tempestade* o mesmo que *tempo*, pode este ser sereno ou *proceloso*. Bernardes também escreveu: "emproar outra vez para o porto apesar dos furores de tão procelosa tempestade" (N. Fl. I - 322).

IV - 1 (2) *Traz a manhã serena claridade* — O adjetivo *serena* refere-se a *manhã* ou a *claridade?* A *serena manhã traz claridade* ou a *manhã traz serena claridade?* O problema é de somenos importância. Epifânio acha que se refere a *manhã* porque os substantivos precedentes estão todos acompanhados de adjetivo: *tempestade procelosa, sombra noturna, vento sibilante* e portanto *manhã serena*. O argumento é fraco. Logo depois encontramos *esperança* sem adjetivação alguma.

IV - 1 (3) *Despois que o Rei Fernando faleceu* — Foi a 20 de Outubro de 1383.

IV - 2 (1) *Quem os danos e ofensas vá vingando* — Não há correlação de tempo e modo. Devia ser: *Quem os danos e ofensas fosse vingando*. Quebraria, em tal caso, o número de sílabas do verso.

IV - 2 (2) *Joane* — Veja o comentário do c. I - 13.

IV - 2 (3) (*Ainda que bastardo*) — Dom João I era filho de Dom Pedro I e de Teresa Lourenço, moça galega. Embora bastardo era legítimo herdeiro.

IV - 3 (1) ... *a voz de uma menina, ante tempo falando* — Fernão Lopes conservou o nome do pai dessa criança: Estevão Derreado. Tinha a menina 8 meses apenas.

IV - 4 (1) Refere-se toda esta estrofe bem como a seguinte à amancebia de Dona Leonor, viúva de Dom Fernando, com o fidalgo galego João Fernandes Andeiro, Conde de Ourém. Já em vida de Dom Fernando eram amantes, o que depois ficou inteiramente público. Por isto disse o Poeta:

"Com quem sua incontinência desonesta
Mais, despois de viúva, manifesta".

IV - 5 (1) *com causa desonrado* — Com razão, merecidamente.

IV - 5 (2) *Diante dela a ferro frio morre* — Eis como narra este episódio o grande historiador Fernão Lopes, em seu português arcaico: "Emtom se espedio da Rainha e tomou o Comde pella mãao e sahiron ambos da camara a hũa grande casa (sala) que era deante, e os do Mestre (Dom João) todos com elle, e Rui Pereira e Lourenço Martiiz mais açcerca. E chegamdosse o Meestre com o Comde açerca dhũa freesta (janela), semtirom os seus que o Meestre lhe começava de fallar passo, e esteverom todos quedos. E as pallavras forom amtrelles tam poucas e tam baixo ditas, que nenhũu por estomçe emtemdeo quegendas (que tais) eram; porem adfirmam que forom desta guisa. "Comde, eu me maravilho muito de vos seeredes homem a que eu bem queria, e trabalhades vos de minha desomrra e morte." — "Eu, senhor!" disse elle, "quem vos tall cousa disse, mentivos mui gramde mentira." O Meestre que mais vomtade tiinha de o matar que destar com elle em razoões, tirou logo hũu cuitello comprido, e emvioulhe hũu gollpe aa cabeça; porem nom foi a ferida tamanha que della morrera, se mais nom ouvera. Os outros que estavom darredor, quamdo virom esto, lamçarom logo as espadas fora pera lhe dar, e elle movemdo pera se colher aa camara da Rainha com aquella ferida, e Rui Pereira que era mais açerca, metteo hũu estoque darmas per elle de que logo cahiu em terra morto" (Chron. de D. João I, cap. IX).



IV - 5 (3) *De outros muitos na morte acompanhado* — A fúria matou especialmente os castelhanos e entre estes o bispo de Lisboa, Dom Martinho; o tabelião de Silves e o prior de Guimarães que se achavam com o prelado. Tendo-se refugiado na catedral, lá o buscaram e o precipitaram da torre abaixo. O povo o cobriu de feridas e o arrastou pelas ruas da cidade. O corpo ficou insepulto e quase devorado por cães. Da mesma forma foi trucidada a abadessa do mosteiro de S. Bento de Santarém. A morte do bispo foi comparada à de Astianax, arremessado de uma torre abaixo pelos gregos, na tomada de Tróia. Era filho de Heitor e de Andrômaca.

IV - 5 (4) *Sem lhes valerem ordens* — Sem que as ordens eclesiásticas de que estavam revestidos o bispo e o prior. Na Idade Média os sacerdotes tinham por si o direito de asilo: qualquer perseguido pela polícia, que se agarrasse a um padre e ainda mais a um bispo, era respeitado, quanto mais a pessoa do prelado.

IV - 5 (5) *nem aras* — Nem os altares e pelos altares, o templo era também lugar inviolável, lugar de asilo.

IV - 5 (6) *em pedaços feito* — Fazer em pedaços ou fazer pedaços são expressões igualmente corretas.

IV - 6 (1) *Podem-se por em longo esquecimento as cruezas* — De duas formas podemos construir esta frase: levando o verbo *poder* ao plural, concordando normalmente com o sujeito *cruezas;* ou deixando-o no singular, concordando com o sujeito fraseológico: *por as cruezas em esquecimento. Pode-se por em longo esquecimento as cruezas*. Ambas são corretas, mas a primeira é a mais corrente.

IV - 6 (2) *herdeira dela* — Entende-se: da Lusitânia. Pelo tratado assinado entre Henrique I de Castela e Dom Fernando, Dona Beatriz seria a herdeira do trono português, se Dom Fernando não tivesse filho varão, o que aconteceu. Ela foi a filha única do rei e de Dona Leonor. O monarca espanhol Dom Juan I, esposo de Dona Beatriz, estava apoiado na fôrça desse tratado quando reclamou para a sua mulher a coroa de Portugal.

IV - 7 (1) *Beatriz* — Nome latino: *Beatrix*, a feliz, do tema de *beari*, ser feliz, *beatus*, beato, venturoso. Modernamente, *beato* tomou sentido pejorativo: pessoa falsamente religiosa.

IV - 7 (2) *Por filha de Fernando reputada* — Dizia-se que Beatriz não era filha de Dom Fernando, dada a vida pouco séria de Dona Leonor. João das Regras era deste senúr, mas apoiava-se apenas na suspeita da ilegitimidade do casamento.

IV - 8 (1) *Brigo* — Nome do quarto lendário rei de Castela. Alguns autores fantasiosos admitiam a existência deste rei, de cujo nome *Brigo* se derivou o de *Bieja*, denominação de *Castilla la Bieja*. Pura lenda e como de *Brigo* se teria feito *Bieja?* Camões acrescenta: *Se foi* — se existiu o tal Brigo.

IV - 8 (2) *Fernando... Rodrigo* — Fernando ou Fernão Gonçáles, conde castelhano que, juntamente com *Rodrigo* ou *Ruy Diaz de Bivar*, o famoso *Cid el Campeador*, expulsaram os mouros de grande parte da Espanha. Sobre o segundo, narrando suas incríveis proezas existe o poema medieval *"Mio Cid"*, imitação das gestas francesas. O melhor estudo desta obra é o de Menéndez Pidal, em três volumes. *El Cid* morreu em 1099.

IV - 9 (1) *Vândalos* — Os andaluzes — Veja a etimologia da palavra no c. III - 60.

IV - 9 (2) *cabeça de toda Andaluzia* — Sevilha.

IV - 9 (3) *A nobre ilha* — Não é ilha, mas península, a parte de Espanha onde se encontra a cidade de Cádiz, fundação de fenícios, aqui chamados *Tírios*, por causa de *Tiro*, a capital da Fenícia.

IV - 9 (4) *As hercúleas colunas* — As Colunas de Hércules, o estreito de Gibraltar.

IV - 10 (1) *Conca* — Em espanhol *Cuenca* (*Sierra de Cuenca*) onde, se presume, nasça o Tejo. Cerca este rio a cidade de Toledo e, muito ao contrário do que diz o Poeta, não é nada *suave e ledo*, pois, cavou tão profundamente a própria rocha da montanha em que se encontra Toledo que, para entrar na cidade é necessário fazê-lo por diversas pontes, a grande altura, vendo-se, lá embaixo, ferver as águas do *Tajo*.

IV - 10 (2) *sórdidos Galegos* — Não se toma aqui a palavra *sórdido* no significado de sujo, pouco limpo, mas de avarento. Ainda hoje os galegos, como os mineiros no Brasil, gozam da fama de extremamente econômicos, avarentos.

IV - 11 (1) *que carece de polidas razões* — Os bascos, vivendo entre montanhas, falando língua incompreensível para a maioria, eram tidos por incultos e rústicos. Ainda hoje, quando alguém fala erradamente, diz-se que fala *vasconço*. Constitui até a presente data um problema de difícil solução a origem do idioma basco ou do vasconço. É o único idioma aglutinante encravado em território de línguas

flexivas. Parece-nos que tenha vindo do norte da África, em tempos remotos, muitos séculos antes da chegada dos povos indo-europeus à península. Schuchardt opina que seja idioma berbérico. Outros pensam que seja caucásico.

IV-11 (2) *soberbos matadores* — Assim está na edição "princeps". Epifânio da Silva Dias, seguindo outros comentadores, substituiu *matadores* por *moradores*. Em Juromenha encontramos *moradores*, mas *matadores* na de Morgado de Matheus. A tradução latina de Macedo diz: "Armant nativo crudeles aere phalanges", de acordo com a edição "princeps". As razões dadas por Epifânio não convencem. Muito mais fundamentadas são as do comentador espanhol Manuel de Faria e Sousa. Os asturianos, navarrenses, bascos, enfim, os do norte e nordeste espanhol foram os que primeiro lutaram contra a invasão muçulmana, partindo de Covadonga. Foram duros e terríveis inimigos dos mouros. Por isto escreveu Camões: *soberbos matadores*.

IV-12 (1) *Como a Sansão hebreu da guedelha* — Apresenta o verso apenas nove sílabas. A maioria dos comentadores manda que se desfaça o ditongo *eu* de *hebreu*, contando-o por duas sílabas: *e-u*. Outros substituem *hebreu* por *hebreio*. Não podemos aceitar nenhuma destas soluções. A primeira supõe em Camões não só pronúncia inexistente, mas ainda que não soubesse o que fosse um ditongo. A segunda parte de um pressuposto regressivo: de *hebreu* se faz o feminino *hebréia*, é a norma certa; mas deste feminino *hebréia* querer fazer um masculino *hebreio* é colocar o carro adiante dos bois. Se quisermos salvar as sacrossantas dez sílabas, podemos não fazer elisão em *como a* e tudo ficará correto. Mas ficará frouxo o verso: são numerosos os versos frouxos em "Os Lusíadas".

IV-13 (1) *quem desconcerte da opinião* — Sintaxe antiga do verbo *desconcertar*: de um modo geral podemos dizer que o prefixo indica a regência do verbo: assim, *concertar com alguém*, *concordar com alguém*. Mas em *desconcertar* entram outros prefixos *de + ex* e por isto construiu o Poeta: *quem desconcerte da opinião*.

IV-13 (2) *Negarão, como Pedro, o Deus que tem* — Os portuguêses negarão o mesmo Deus que eles têm, o mesmo que Pedro negou. A maioria da nobreza era a favor de Castela, contra o Mestre de Avis, futuro Dom João I.

IV-14 (1) *Mas nunca foi* — Nunca existiu, nunca se encontrou.

IV-14 (2) *Nuno Alvares* — Dom Nuno Álvares Pereira, filho do prior do Hospital, Dom Álvaro Gonçalves Pereira. Fora escudeiro de Dona Leonor Teles. Casou-se com 16 anos com Dona Leonor Alvim para obedecer à vontade do pai. Colocou-se ao lado de Dom João I contra os seus irmãos Pedro e Diogo Álvares Pereira, partidários de Castela.

IV-14 (3) *Não facundo* — Não eloqüente, não orador correto, aprimorado.

IV-16 (1) *Vencestes* — Silepse de pessoa: o sujeito normal seria *descendentes*, representados por "*daqueles que...*" Mas os portugueses aos quais era dirigido o discurso (*Não sois vós...*) estão incluídos e por isto passou o verbo à segunda do plural.

IV-16 (2) *puseram em fugida* — Volta o verbo a ter a terceira pessoa do plural, concordando normalmente com o sujeito. Aqui não se verificou a silepse de pessoa acima comentada. Estas mudanças de pessoas gramaticais têm, assim, sua explicação gramatical.

IV-16 (3) *trouxeram presos, afora a presa que tiveram* — Note-se o jôgo de palavras em *presos, presa*.

IV-17 (1) *sopeados* — Calcados sob os pés: *sob + pe + ar* e com assimilação de *b* a *p* *so-pe-ar*. Do lat. *suppedare*, de *sub + ped + are* — Esta assimilação de *sub, sob*, é comum: *sopapo, sopé, sopedâneo*. Em *sonoite*, palavra arcaica, o mesmo que entardecer, anoitecer, temos *sob + noite = sonnoite = sonoite*. Em *soborralho*, no cinzeiro, parte do fogão onde ficam as cinzas, temos *sob + borralho*.

IV-17 (2) *avós* — Na edição "princeps" está *avós* — muitos comentadores, pensando que o circunflexo indique o timbre fechado da vogal, arquitetaram uma especiosa distinção entre *avós*, os antepassados; e *avôs*, os pais dos progenitores. Tudo isto é sem fundamento algum: o acento circunflexo indicava apenas a sílaba acentuada, oxítona, e não o timbre como atualmente indica; Camões faz rimar com *vós*, mas também com *pós*, o que não é de espantar porque são comuns, no poema, tais rimas imperfeitas; pelo contexto se vê que, neste verso, *avós* se refere justamente aos *antepassados*, e não aos pais dos progenitores. Veja o que foi dito a êste respeito no c. I-17.

IV-19 (1) *infesta* — Inimiga, contrária, nociva. Lat. *infestus, infesta*, de *in + fastus*, não favorável, adverso. O prefixo *in* determinou a metafonia de *a* em *e*.

IV-19 (2) *mesta* — Triste, pesarosa, lat. *maestus, maesta*.

IV-20 (1) *Canúsio* — Hoje *Canosa*, lugar da Itália famoso na história. Está na província de Bari e aí se refugiaram os que conseguiram escapar da batalha de Canas em que o exército romano foi aniquilado por Aníbal. Não confundir esta *Canosa* da Apulha *com Canossa*, na Emília, onde existiu o famoso castelo da Condessa Matilde. Neste castelo, o Rei Henrique IV da Alemanha, veio pedir perdão ao Papa Gregório VII (1077) e foi por este deixado à neve e ao frio durante três dias, e três noites, revestido de hábito de penitência. Daqui nasceu a expressão *ir a Canossa*, isto é, humilhar-se perante o Papa, e depois, perante outro qualquer superior. // *Relíquias sós de Canas*: únicos sobreviventes da derrota de Canas.



IV-20 (2) *Cornélio moço* — Camões nem sempre usa artigo antes do aposto. Modernamente dizemos sempre com artigo: *Cornélio, o Moço; Plínio, o Moço; Plínio, o Antigo*. Públio Cornélio Cipião, dito também o *Africano*, aquele mesmo que, anos depois derrotará Aníbal em Zama, destruindo para sempre o poderio de Cartago.

IV-20 (3) *Cornélio moço os faz que, compelidos da sua espada, jurem* — Temos contaminação sintática de duas construções: *os faz jurar* e *faz que eles jurem*. Camões reuniu ambas e disse: *os faz que jurem*. // *Da sua espada* — Pela sua espada.

IV-21 (1) *a gente... removem o temor frio* — Concordância do verbo com a idéia plural do coletivo indefinido ou indeterminado *gente*. Veja c. I-38.

IV-22 (3) *Vão correndo e gritando, a boca aberta* — Nas expressões adverbiais não se dá crase por falta de artigo. O *a* é simples preposição: *a boca aberta, de boca aberta, com bôca aberta*. Em todas estas variantes não há artigo algum.

IV-22 (1) *Que a ferrugem da paz gastadas tinha* — Sintaxe clássica, já posta de lado: o particípio passado, na voz ativa, concordava com o objeto direto. Hoje dizemos: Que a ferrugem da paz *gastado tinha*.

IV-22 (2) *peitos provam* — Refere-se à parte móvel da armadura que se punha sobre o tórax para protegê-lo: eram peitos artificiais de metal resistente.

IV-22 (3) *vestido* — Trajes, roupas. Modernamente, *vestido* é sempre traje feminino. Um homem não manda fazer *vestidos*, mas simplesmente *roupas, trajes, ternos, fatos, fatiotas*.

IV-22 (4) *Com letras e tenções de seus amores* — Era costume da cavalaria feudal que cada cavaleiro tivesse em seu escudo *figuras simbólicas* e também *lemas, dísticos*, como aqui se diz, *letras, tenção*, geralmente uma frase. Esta letra ou esta tenção podia encerrar o lema do cavaleiro, como *Talent de bien faire, sans peur et sans reproche*, ou um galanteio à sua dama preferida. Tal costume se transferiu para os escudos d'armas e bandeiras de certos países. Na bandeira do Brasil está o lema, a letra, a tenção: *Ordem e Progresso*. No escudo d'armas da cidade de S. Paulo: "*Non ducor duco*", ou "*Pro São Paulo fiant eximia*". Como nota curiosa de cunho popular, os motoristas de caminhão trazem, no parachoque fronteiro de seus veículos, muitos destes lemas, destas letras e tenções de seus amores: "*Deus me guie!*" — "*Por teu amor faço tudo!*" etc.

IV-23 (1) *Os primeiros armígeros* — A vanguarda. *Armígeros* — do lat. *armiger*, de *arma* e *gero*, de *gérere*, trazer, levar.

IV-23 (2) *Xerxes* — (485-465 — a. C.) — Rei da Pérsia que depois de atravessar a Trácia, a Macedônia e a Tessália, passando antes pelo Helesponto, hoje, Dardanelos, conquistou a Grécia, apossando-se de Atenas. Foi derrotado em Salamina. Mardônio, cunhado de Xerxes, vindo em socorro, foi batido em Platéia. // *Helesponto*, de *Ponto*, mar, e *Hele*, filha de Átanas e de Néfele, quando fugia em companhia do irmão Frixo, num carneiro arranjado por Mercúrio, caiu nesse estreito, dando o seu nome ao mar. Este carneiro tinha a pele de ouro: chegando à Cólquida, hoje, sul da Rússia, aí foi sacrificado a Júpiter. Mas a pele foi conservada e guardada por um dragão e pela feiticeira Medéia. Jasão e seus companheiros, navegantes da nau Argos, conquistaram o famoso *velocino de ouro*, conseguindo, primeiro, o amor de Medéia e depois, matando o dragão. É a famosa expedição dos Argonautas.

IV-24 (1) *o fero Huno* — Refere-se a Átila, o "Açoute de Deus". Veja c. III-100.

IV-24 (2) *Mem Rodrigues se diz de Vasconcelos* — Mem é apócope de *Mendo* e este é a síncope de *Menendo*, em lat. medieval *Menendus*, de origem goda. *Rodrigues*, quer dizer filho de *Rodrigo*, em lat. med. *Ruderici*. Apresenta a forma abreviada, *Rois, Roiz, Rui, Ruy*. *Rodrigo* procede de *hrôthus*, fama; e *riks*, poderoso. // *Vasconcelos* é o nome de uma povoação do distrito de Braga. // *se diz* = se chama, é dito, é chamado.

IV-25 (1) *E da outra ala* — Lat. *ala, ae*, asa, lado, flanco. É o mesmo que *a: ala/aa/a*. Plural *as* muitas vezes escrito *az* por confundirem com *as de acem*, moeda (*acis, is*).

IV-25 (2) *Antão Vasquez de Almada* — *Conde de Abranches* — Há engano da parte de Camões: o Conde de Abranches foi Álvaro Vaz de Almada, sobrinho de Antão. Foi armado cavaleiro, na tomada de Ceuta (1415) pelo infante Dom Pedro. Viveu na Inglaterra nos reinados de Henrique V e VI, sendo então feito Conde de Abranches, na Normandia, que pertencia à Inglaterra. Recebeu a ordem da Jarreteira. Morreu, no desastre de Alfarrobeira, em 1449.

IV-25 (3) *a sestra mão* — A ala esquerda do exército. *Sestra* é o lat. *sinistra*, esquerda. Existe a forma arcaica *seestra*. Opõe-se a *destra*, direita, lat. *dextra* (*dextera*).

IV-25 (4) *retaguarda* — A guarda de trás, onde *reta* (*recta*) está em lugar de *retra*, de *retro*, atrás.

IV-25 (5) *Quinas* — Os cinco escudetes do brasão português. Veja c. III-53-54.

IV-25 (6) *Castelos* — Eram sete os que foram depois acrescentados ao escudo português. // *Pendão* — bandeira, do lat. * *pendo, onis*, de *pendere*, estar pen-

dente, dependurado. Outros fazem provir do francês *pennon*, pequena bandeira ou insígnia militar e naval, terminada sempre em ângulo agudo onde havia uma *pena*. Seria o mesmo que *flâmula*.

IV - 25 (7) *forte em toda parte* — Rei valente em qualquer lugar ou segundo outros, rei valente a todos os respeitos.

IV - 26 (1) *alegre medo* — Havia medo misturado com a satisfação da vitória.

IV - 26 (2) *esquadras* — Aplicava-se o nome ao exército, como ainda hoje conhecemos *esquadrão*, divisão do exército. Começa nesta estrofe a descrição da batalha de Aljubarrota.

IV - 27 (1) *Pífaros sibilantes* — Flautins sibilantes por serem instrumentos de sôpro. Do alem. *pifer*.

IV - 27 (2) *Alférezes* — Porta-bandeiras. Outrora fazia plural esta palavra que hoje é invariável em número: *alferes*. Do ár. *al-faris*, cavaleiro, de *fáras*, cavalo. O porta-bandeira pertencia sempre à cavalaria e era considerado um dos mais destros cavaleiros.

IV - 27 (3) *Ceres* — A deusa das colheitas, dos cereais, palavra que se deriva de *Ceres*, *cereales*. Mês de Agosto na Europa — Veja c. III - 62. A batalha de Aljubarrota foi a 14-8-1385, segundo o calendário juliano.

IV - 27 (4) *Astréia* — O sol entra no signo da Virgem, no zodíaco. Astréia era a deusa da justiça, que depois foi transformada no signo da Virgem (*Virgo*) para não assistir às injustiças cometidas na terra. No calendário juliano dava-se esta conexão do sol com *Virgo* (*Astréia*) a 12 de Agosto; no calendário gregoriano, a 23 de Agosto.

IV - 28 (1) *o monte Artabro* — Camões deslocou o acento da palavra que é proparoxítona: *Ártabro*. Os antigos geógrafos identificavam *Ártabro* com o cabo de *Finisterra*, na Galícia. Os modernos acham que seja o cabo *Ortegal*.

IV - 28 (2) *Ao peito os filhinhos apertaram* — Apertar ao peito e também: contra o peito. Ambas as formas são corretas.

IV - 29 (1) *parece-o* — Este pronome *o* refere-se ao que precede: que, nos perigos grandes, o temor é maior, muitas vezes maior, que o perigo.

IV - 30 (1) *De ambas partes* — Hoje exigimos o artigo: *de ambas as partes*. No tempo clássico dizia-se: *ambos dois* e hoje — *ambos os dois*.

IV - 31 (1) *que os apouca* — Que faz pouco, que os amesquinha, que os despreza.

IV - 32 (1) *Eis ali seus irmãos contra ele vão* — Veja c. IV - 14. Dois irmãos de Nuno Álvares se passaram aos castelhanos, combatendo contra os portugueses.

IV 32 (2) *Destes arrenegados* — *Arrenegar* pertence à linguagem religiosa e dizia-se dos que haviam negado a fé cristã para aceitar a lei de Mafoma. Aplica-se aqui aos que se bandearam para os castelhanos, negando, portanto, o amor da pátria.

IV - 32 (3) *de Júlio e Magno* — Júlio César e Cneo Pompeu, apelidado o *Magno*. Veja c. III - 71-73. Camões escreveu *Magno* mas tinha em mente *Manho* para rimar com *estranho*. Assim deveria ser, realmente, pronunciado e escrito *Manho* como já apresentava a língua as palavras: *camanho*, de *quam magnus*; *tamanho*, de *tam magnus*.

IV - 33 (1) *Sertório, Coriolano, Catilina* — Todos estes combateram contra a sua pátria. De *Sertório* veja o c. I - 26. *Coriolano* foi general romano que pôs cêrco a Roma e só o levantou a pedido da mãe *Vetúria* e da esposa *Volúmnia*. *Catilina* — *Lúcio Sérgio Catilina*, o famoso conspirador contra a República Romana e derrotado por Cícero, mais no Senado, com as suas celebérrimas *Catilinárias*, do que no campo de batalha onde pereceu. Hoje há certo movimento de reabilitação de Catilina, provando-se que a sua revolução trazia intentos de grandes reformas sociais, de que resultariam grandes progressos para os romanos.

IV - 33 (2) *Se lá no reino escuro de Sumano* — No reino de Plutão, no inferno. *Sumano* é outro nome de Plutão, de origem sabina. Era cultuado em Roma como o deus noturno, contrapondo-se a Júpiter, o deus diurno.

IV - 33 (3) *Alguns treidores* — Camões não escreve nunca *traidores*, mas *tredores*, *treidores*, *treição*. Lat. *traditorem* / *traidor* / *treidor* / *tredor*. A forma atual é uma refacção dos tempos clássicos, isto é, renascentistas, para mais se achegar à forma latina. O ditongo *ai* passa, por assimilação mútua, a *ei* como ainda temos nas formas populares: *reiva*, *teipa*, de *rabiam* / *raiva* / *reiva*; *teppa*, pré-românico, alatinado em *teppia*, donde *teipa* e por ultracorreção, *taipa*.

IV - 34 (1) *Tutuão* — Moderno *Tetuão*, *Tetuan* dos espanhóis, cidade de Marrocos.

IV - 36 (1) *a todos dava coração* — Dava coragem. Note-se que esta mesma palavra *coragem*, provém de *cor* + *aticum*; *cor*, coração, a sede do valor moral. Ainda hoje, de um lutador de boxe, que por medroso não se empenha na luta, se diz que *não tem coração*.

IV - 36 (2) *O pastor de Massília* — Parte oriental da África e, por extensão, toda a África. Designava, entretanto, de modo especial a Numídia, cujos habitantes eram chamados *massílios*, do nome de um antigo rei, *Massylus*.



IV - 37 (1) *Os montes Sete Irmãos* — Montes próximos de Ceuta. Observe-se a construção camoniana, perfeitamente clássica, — *montes Sete Irmãos*, — e não *montes dos Sete Irmãos*. *Sete Irmãos* estão como aposto de *montes*, construção que já encontramos em latim e nada tem de galicismo como erradamente costumam ensinar.

IV - 38 (1) *sopesando a lança* — *Sopesar*, tomar o peso, isto é, avaliar o pêso de um objeto, tomando-o pelo centro de gravidade, pelo seu ponto de equilíbrio.

IV - 38 (2) *Com fôrça tira* — *Tirar* ou *atirar*, arremessar. Deste verbo fêz-se *tiro*, arremesso e, quando foi inventada a arma de fogo, deu-se o nome de *tiro*, isto é, *arremesso*, à explosão de que depende o lançamento da bala ou da carga de chumbo. Daqui vem que muitos acham errado dizer-se: *atirar papéis à rua*, pois, raciocinam eles, não há nenhum *tiro*. É ignorância dos que desconhecem o caso de *tirar*, *atirar*, arremessar. O mesmo verso confirma a nossa explicação: o arremesso da lança pelo rei é dito: *e deste único tiro* etc.

IV - 39 (1) *Márcio jogo* — Peripécias da guerra. Lat. *martius*, *a*, *um*, como em *Martius campus*, *martia arena*. Outro adjetivo latino e também português é *martialis*, *marcial*: militar, guerreiro. João Ribeiro, em um de seus estudos, esquecendo-se de que *marcial* é latim, inventou outra origem, atribuindo o adjetivo a certo militar alemão, cujo nome soava, mais ou menos como *marchal*. Tudo errado.

IV - 39 (2) *tinge o ferro o sangue ardente* — Esta é a lição da edição "princeps", depois substituída por *fogo ardente*, substituição inaceitável. O sentido é simples e claro: o ferro, a arma branca, fosse lança ou espada, penetrando nos corpos, tingia-se de sangue ardente, sangue vivo, tornava-se rubro. Que é que tem o *fogo* com tudo isto?

IV - 40 (1) *Estígio lago* — Para uns, o *Estígio* era rio, para outros lago do inferno. Vergílio escreveu: *"Stygiamque paludem"* (Aen. VI - 323), portanto, lago, lagoa, pântano.

IV - 40 (2) *Em cujo corpo a morte e o ferro entrava* — Não é esta a primeira vez que encontramos, nos "Lusíadas", um sujeito composto com verbo no singular. Era uma concordância muito freqüente entre os clássicos, mas não aconselhamos aos nossos alunos. É de Vieira este exemplo: "... antes a boca e a língua foi o principal instrumento de sua traição" (3.ª dominga da Quaresma). — "Mas ainda que o céu e o inferno se não fez para vós, irmãos peixes..." (Serm. de Santo Antônio).

IV - 41 (1) *vulgo vil, sem nome* — O povo, aqueles que não eram nobres. É uma imitação de Vergílio: "multam sine nomine plebem" (Aen. IX - 343).

IV - 41 (2) *o trifauce Cão* — Cérbero que tinha três cabeças, portanto, três fauces ou goelas, guarda da porta do Inferno.

IV - 42 (1) *encruece* — Verbo freqüentativo *encruecer*, tornar-se cruel, sanguinário, de *crudus*, cru, do mesmo tema de *cruor*, *oris*, sangue.

IV - 42 (2) *Tem as flores da própria cor mudadas* — As próprias flores, com os salpicos e derramamentos de sangue, estavam mudadas em suas cores.

IV - 42 (3) *Já as costas dão e as vidas* — O sujeito é *a multidão*, havendo concordância do verbo com a idéia plural do coletivo *multidão*.

IV - 43 (1) *nojo* — Pesar, tristeza, vergonha, e também luto, como ainda hoje se diz: estar de nojo, de luto.

IV - 44 (1) *sede dura* — A ambição, o desejo veemente, comparado à sede.

IV - 44 (2) *sitibundo* — Sequioso, sedento, latinismo: *sitibundus*, gerundivo de *sitire*, ter sede.

IV - 45 (1) *O vencedor Joane esteve os dias costumados no campo* — Era do costume medieval que o vencedor ficasse no campo de batalha três dias para consolidar a vitória e cuidar dos mortos e feridos.

IV - 45 (2) *As graças deu* — Sempre no plural: *dar as graças*, como em latim *gratias ágere*. Modernamente omite-se o artigo: *dar graças*. Sempre no plural ainda dizemos: *dar pêsames*, *dar parabéns*, *dar boas festas*, *dar cumprimentos*, *dar bons dias*, *dar boas noites*.

IV - 46 (1) *a terra dos Vândalos* — A Andaluzia — Veja c. IV - 9. Refere-se esta estrofe a outra vitória de Nuno Álvares Pereira que, depois de ter voltado às suas terras, bateu os sevilhanos em Valverde (1385), sem ter consultado o rei.

IV - 47 (1) *Quando a paz* — Só em 1411 foi assinada a paz entre os dois países.

IV - 47 (2) *Dar os Reis inimigos por maridos / Às duas ilustríssimas inglesas* — O Duque de Lencastre deu em casamento a Dom João I Dona Felipa, do seu matrimônio com Branca de Lencastre, na cidade do Porto, a 2 de Fevereiro de 1387. Deu outra filha, Dona Catarina, do seu matrimônio com Dona Constança, ao príncipe herdeiro de Castela, depois Dom Henrique II, em virtude do tratado de paz entre o Duque de Lencastre e Castela, assinado em Baiona. A presença do Duque

de Lencastre na Península explica-se pelo seu casamento com Dona Constança, filha de Pedro, o Cruel, de Castela. Quando se vagou o trono castelhano, pretendeu o duque a sucessão em nome de sua esposa. Pela aliança que já tinha com D. João I, ambos invadiram Castela, tomando algumas terras, mas sem grande êxito. Retiraram-se as tropas para Trancoso sendo então assinada a paz com Castela, em Baiona. O duque renunciava a seus direitos de sucessão e dava sua filha, Dona Catarina em casamento ao futuro Henrique II. A paz com Portugal, se bem que negociada em 1411, só foi confirmada em 1431.

IV - 48 (1) *não tendo a quem vencer na terra* — Entende-se, em Portugal, na Península, foi invadir Marrocos.

IV - 49 (1) *Eis mil nadantes aves* — Compara a esquadra portuguesa a aves. *Mil* é numeração indeterminada, muitas.

IV - 49 (2) *pelo argento da furiosa Tétis inquieta* — Pelas águas do oceano, possessão de Tétis como rainha do mar.

IV - 49 (3) *Abrindo as pandas asas* — Continua a comparação com aves: pandas asas, pandas velas. Do lat. *pandus, panda*, abertas, estendidas, de *pandere*, abrir, estender, esticar.

IV - 49 (4) *O monte Abila* — Nome antigo do monte *Facho*, na península de Almina; nas proximidades desta ponta está Ceita ou Ceuta.

IV - 49 (5) *Ceita* — O mesmo que Ceuta ou *Cepta* como escreviam os arcaicos e cronistas. Cidade de grande comércio, o ponto mais próximo do estreito de Gibraltar. Entrou em decadência depois da tomada dos portugueses, desviando-se o comércio para Túnis.

IV - 49 (6) *Juliana manha* — O Conde Julião, da monarquia visigótica, governador de Ceuta, que, parece, estava sob a jurisdição da Espanha, foi quem negociou com os muçulmanos a invasão da Península, para vingar-se do Rei Rodrigo que lhe desonrara a filha. A invasão se deu no ano 711.

IV - 50 (1) Morre Dom João I em 1413.

IV - 50 (2) *altos Infantes* — Foram eles: Dom Duarte, Dom Pedro, Dom Henrique, Dom João e Dom Fernando. Foram os dois primeiros os fundadores do primeiro Renascimento pré-clássico das letras portuguesas. Dom Duarte escreveu "O Leal Conselheiro", "A Arte de bem cavalgar toda sela" e fez várias traduções do latim. Dom Pedro, depois de viajar pela Europa, demorando-se na Inglaterra, escreveu "O Livro dos Ofícios", "A Virtuosa Benfeitoria" e fez também traduções. Tiveram o exemplo de Dom João I que lhes deixara o "Livro de Montaria". Foram os criadores do vocabulário técnico da caça, da equitação, e o vocabulário das ciências morais do tempo, a filosofia. Com Fernão Lopes, historiador, criaram a prosa portuguesa. Veja-se este assunto mais longamente tratado em nosso livro "A Formação Histórica da Língua Portuguesa" ou "A Vida de Santo Aleixo", tese de doutoramento da Professora Dinorah da Silveira Pecoraro. Em ambos os livros se trata da criação da prosa portuguesa. *Dom Henrique*, o Navegador, pela fundação da Escola de Sagres, promoveu a grande epopéia dos descobrimentos marítimos de Portugal. *Dom João* foi condestável e Mestre de Santiago. *Dom Fernando*, o Santo, morreu cativo em Argel.

IV - 52 (1) *Viu ser cativo o santo irmão Fernando* — Foi aprisionado pelos mouros no cerco de Tânger. Ficou como refém até que os portugueses entregassem Ceuta e pagassem o resgate. A cidade nunca foi entregue nem resgatado o príncipe que morreu no cativeiro em 1443. Daqui o ser considerado santo.

IV - 52 (2) *(Que a tão altas empresas aspirava)* — Conforme o significado do verbo *aspirar*, assim é a sua regência: no sentido de cheirar, sentir o odor, é transitivo direto: *aspirar o perfume, aspirar ares frescos*. No sentido de almejar, desejar, é transitivo indireto: *aspirar a rei, aspirar a altas empresas* como corretamente escreveu Camões.

IV - 52 (3) *miserando* — Que inspira compaixão, que é digno de dó. Latinismo: *miserandus*, gerundivo de *miseror*.

IV - 53 (1) *Codro* — Último rei de Atenas. Quando os dórios atacavam a cidade, o oráculo de Delfos declarou que venceria o povo, cujo rei fosse morto. Codro fez-se matar pelo inimigo para que os atenienses vencessem. Em homenagem a Codro, nunca mais houve rei em Atenas.

IV - 53 (2) *Régulo* — Marco Atílio Régulo, cônsul romano, depois de vencer os cartagineses na Sicília, foi feito prisioneiro. Foi enviado pelos cartagineses a Roma para negociar a paz. Se voltasse sem consegui-la, seria morto. Régulo, sabendo do fim que o esperava, em lugar de pedir paz, ainda mais incitou o povo a continuar a guerra. Fiel à palavra dada, regressou a Cartago onde foi submetido a longo suplício e morte horrível.

IV - 53 (3) *Quis mais a liberdade ver perdida* — Aqui temos *querer mais* o mesmo que *querer antes*, isto é, *preferir*. Foi esta construção clássica (*querer mais*) que influiu em *preferir*, dando origem a *preferir mais* e *preferir antes*. Inùtilmente os gramáticos se insurgem contra esta maneira de dizer: *preferir mais, preferir antes*, sinônimo de *querer mais, querer antes*. Grandes escritores já consagraram tais construções e devemos aceitá-la como evolução da sintaxe da língua. Garrett assim escreveu, em uma carta a um amigo: "Nunca tive, certo, a balda de valentão, mas agora, sem a mínima fanfarronada, *prefiro muito antes* morrer de uma bala *do que* estar mais tempo emigrado". Veja-se como escreveu — *prefiro muito antes do que* — justamente o que os gramáticos condenam. Machado de Assis: "O menino repartia-se com ambas, *preferindo um pouco mais* a mãe postiça" (Mem. de Aires - 32). Camilo: "Se eu não casar com ela, mato-me; e eu *prefiro antes* morrer às tuas mãos *que* às dela" (apud Mário Barreto — Novissimos Estudos, 71). Note-se que também Camilo empregou: *prefiro antes... que* — tal qual Garrett. Que devemos concluir de tudo isto? Que os gramáticos não têm razão em seus ataques e devemos aceitar os fatos da língua viva.



IV - 53 (4) *Cúrcio* — Herói romano de quem conta Tito Lívio que se arrojou, armado, a cavalo, num fosso aberto no Forum de Roma por um terremoto. Isto porque dissera um oráculo que tal fosso só seria fechado quando nele se precipitasse algo que Roma considerasse de sumo valor.

IV - 53 (5) *Décios* — Foram três os Décios: Públio Décio Mus, que se sacrificou na batalha de Véseris, contra os latinos, isto porque, em sonho, ouvira que venceria o exército, cujo comandante se sacrificasse. O filho fez o mesmo na batalha de *Sentinum* contra os samnitas e etruscos. O terceiro, neto do primeiro, imolou-se na batalha de Ausculo contra Pirro, rei do Epiro.

IV - 54 (1) *Afonso, do Reino único herdeiro* — Acha José M. Rodrigues que o Poeta não teria escrito *único*, mas *o primo herdeiro*, porque Dom Duarte deixara outros filhos além de Dom Afonso. Não vemos a necessidade de tal alteração puramente conjetural, pois, sendo Dom Afonso o primogênito, era o único herdeiro legítimo do trono. Os demais só o seriam no caso da morte deste. *Único* está no sentido exato da sucessão direta do primogênito. Veja-se esta discussão no livro: "Algumas observações a uma edição comentada dos Lusíadas" — Dr. J. M. Rodrigues — pág. 107.

IV - 54 (2) *Hespéria* — Espanha, a Península Hispânica — Veja c. II - 108.

IV - 54 (3) *Fora invicto cavaleiro* — Veja a estância 57.

IV - 55 (1) *o Tiríntio* — O mesmo que Hércules por ter nascido em *Tirins*, na Argólida.

IV - 55 (2) *Alcácer* — depois *Céguer*, foi tomada em Outubro de 1458. // *Tângere*, forma antiga de Tânger. // Arzila foi conquistada em 1471.

IV - 56 (1) *Porém elas, enfim, por força entradas* — Nota-se como Camões inicia a frase com *porém*, verificando-se o mesmo na estrofe imediata: *Porém despois tocado de ambição...* Veja ainda a estrofe 60: *Porém despois que a escura noite eterna...* Já se vê que o ensino dos gramáticos, contrários a que se inicie a oração com *porém*, é completamente infundado.

IV - 56 (2) *Os muros de diamantes* — No sentido que, em latim, possui *adamantinus*, duro como o aço.

IV - 56 (3) *E dinas de escritura elegante* — Dignas de serem celebradas literariamente como foram outros feitos dos cavaleiros medievais.

IV - 57 (1) Resume esta estrofe a infrutífera tentativa de Dom Afonso V para obter a sucessão do trono de Castela, defendendo os direitos de Dona Joana, sua sobrinha, filha de Henrique IV, que falecera em 1474, contra as pretensões do rei de Aragão Dom Fernando, casado com a irmã do rei falecido, Dona Isabel. O exército português foi derrotado na batalha de Touro. O Príncipe Dom João, que fora em socorro do pai, estrofe 58, manteve-se em melhores condições militares. Foi assinado um tratado entre Afonso V e Fernando e Isabel, vindo a Princesa Dona Joana a ser freira no convento de Santarém.

IV- 57 (2) *Cáliz* — Por *Cádiz*, pela substituição de *d* por *l*. Outras variantes: *Cález, Cádez*, da forma alatinada *Cadix*.

IV - 58 (1) *oucioso* — É como escreveu Camões. Em Gil Vicente encontra-se *oufano* por *ufano; oupinião* por *opinião; Ouropa* por *Europa; ouriente* por *oriente*. O povo ainda hoje diz *ourelha*.

IV - 58 (2) *trance* — Grafia antiga de *transe*, sinal de que se pronunciava a sibilante forte e não sonora como hoje: *tranze*. Madureira Feijó, em sua "Orthographia" de 1871 ensina: "*trance*, angustia, aperto. É mais usado que *transe*".

IV - 59 (1) Depois da morte de César, Otaviano, futuro Augusto, e Antônio perseguiram os assassinos que se haviam refugiado na Grécia. Na batalha de Filipos, 42 a. C., na Macedônia, Antônio venceu a Cássio, mas Otaviano foi batido por Brutus.

IV - 60 (1) *Foi Joane segundo e Rei trezeno* — Na enumeração de reis, papas, capítulos, é necessário distinguir: 1) de 1 a 10 usa-se o ordinal: *Joane segundo, Pedro terceiro, Afonso Quinto, Bonifácio Oitavo, Pio Nono, capítulo primeiro, quarto, sétimo*, etc. 2) De 11 em diante, cumpre observar a posição do numeral: se vier antes do substantivo, será ordinal: *o décimo terceiro capítulo; o vigésimo século; o décimo quinto Luís*. Se o adj. estiver depois do substantivo, será cardinal: *o capítulo treze, o século vinte, Luís quinze, Leão treze, Pio doze*. A antiga formação de numerais com o sufixo *eno, ena, trezeno rei, dozeno século*, desapareceu da língua como adjetivo, passando a substantivo coletivo: uma *trezena, novena, dezena, vintena, quarentena*.

IV - 60 (2) *Os términos* — As paragens, os confins, os extremos.

IV - 61 (1) Desta estrofe até 66 toca o Poeta, resumidamente, e nem sempre geograficamente certo, na expedição que Pero da Covilhã e Afonso de Paiva fizeram, em 1487, à Abissínia e ao extremo Oriente. Era famoso o Prestes João, Negus da Abissínia, e todo o seu reino despertava grande curiosidade na Europa desse tempo. Embarcaram em Barcelona, foram a Nápoles, a Rodes e chegaram à Alexandria. Daqui seguiram para o Cairo, Suez, Tur e Áden, onde se separaram, indo Afonso de Paiva para a Abissínia e Pero da Covilhã para a Índia. O ponto de encontro, quando regressassem, seria o Cairo. Quando Covilhã voltou depois de visitar Cananor, Calecute, Goa, Sofala, Ormuz, soube que Paiva falecera. Dois judeus portugueses, José e Abrão aí o esperavam com cartas de Dom João II. José regressou a Portugal com informações mandadas por Covilhã ao rei. Abrão e Covilhã foram até Ormuz. Desejando o judeu voltar a Lisboa, Covilhã continuou sozinho, indo a Jidá, Meca, Medina e Sinai. Embarcou-se em Tur, vindo a Zeilam na África, entrando na Abissínia. Sendo muito bem recebido pelo Rei Alexandre, teve altas posições neste reino, continuando a servir ainda ao Rei David, sucessor de Alexandre. Nunca mais voltou a Portugal, falecendo depois de 1524.

IV - 61 (2) *Parténope* — Nome poético de Nápoles por ter dado à cidade o corpo da nereida Parténope. Veja c. III - 19.

IV - 61 (3) *Nápoles* — Cidade de origem grega, famosa em todos os tempos pelo talento poético e musical de seus filhos, ao pé do Vesúvio, em uma das mais belas baías do mundo. Foi invadida pelos normandos, esteve dominada pelos alemães, franceses, aragoneses.

IV - 62 (1) *Siculo* — O mar da Sicília.

IV - 62 (2) *Rodes* — A ilha das Rosas como diz o seu nome *Rhodon*. Hoje, base militar inglesa.

IV - 62 (3) *Magno* — Cognome de Pompeu como sempre é designado no poema "Pharsalia" de Lucano. Veja c. III - 71; c. IV - 32.

IV - 62 (4) *sobre Egipto* — Além do Egito — Uso clássico desta preposição. Vieira escreveu: "E que *sobre* mirrados, *sobre* afogados, *sobre* comidos, ainda se vejam pisados e perseguidos dos homens: *conculcatum est?*" (Sexagésima).

IV - 63 (1) *Passam as ondas Eritréias* — Passam o Mar Vermelho, do grego *erythròs*, rubro, por onde, segundo nos conta a Bíblia, passou o povo de Israel quando saía do Egito.

IV - 63 (2) *as serras Nabatéias* — As serras da Arábia, de *Nabath*, filho de Ismael, o pressuposto pai dos árabes.

IV - 63 (3) *As costas odoríferas Sabéias* — Região da Arábia, cuja capital *Saba* era célebre pelas minas e pela produção do incenso.

IV - 63 (4) *Adónis* — Filho de Mirra e de Ciniras, rei de Chipre. Foi transformado na planta que lhe guarda o nome. Adônis era de extrema beleza a tal ponto que Vênus se viu tomada de irresistível paixão por ele. Quando o viu morto por uma serpente, transformou o sangue dele em anêmonas, flores que o vento despetala, como diz o nome grego.

IV - 63 (5) *Arábia Pétrea* — A parte da Arábia menos fértil, menos povoada, em oposição à Arábia Feliz. Muitos costumam dizer *Arábia Petréia* como se *Pétrea* ou *Petréia* derivasse de *petra*, pedra. O nome lhe vem da capital *Petra*, capital dos nabateus.

IV - 64 (1) *Estreito Pérsico* — O Estreito de Ormuz, no golfo pérsico.

IV - 64 (2) *Onde não se atreveu passar Trajano* — Hoje dizemos: *Onde não se atreveu a passar*. // *Trajano*, imperador romano — Veja c. I - 3.

IV - 65 (1) *Carmânia* — A esta terra corresponde, hoje, a província persa de Quirman. A *Gedrósia* (Camões acentuou *Gedrosia*) compreende, modernamente, a província persa de *Malair Tursicão* e grande parte do litoral a leste e a oeste do estreito de Ormuz. Observe-se a inconseqüência da acentuação camoniana: *Índia, Carmânia* proparoxítonas, mas *Gedrosia*, paroxítona. O sufixo *ia*, quando grego, tem acento no *i*, dando palavras paroxítonas como esta *Gedrosia*; quando latino, o *i* é átono, dando palavras proparoxítonas como *Índia, Carmânia*. O comum é seguir-se a acentuação latina e não a grega. Por isto, a província francesa da *Normândia* deve, assim, ser pronunciada e não *Normandia* como a maioria diz. Esta maioria está influenciada pela pronúncia francesa. Para provar o nosso ponto de vista, recordamos aos leitores que, em português arcaico e clássico, se escrevia *Normanha*, e só poderia dar esta palatização se fosse proparoxítona. Ao lado de *Carmânia*, existe *Carmanha*.

IV - 65 (2) *produze* — É a forma plena empregada pelo Poeta. Houve depois a apócope e se passou a *produz, conduz, traduz, luz*, etc.

IV - 66 (1) *Dom Manuel I, o Venturoso*, em cujo reinado Cabral descobriu o Brasil, em 1500. Marca o apogeu das conquistas marítimas e o ponto culminante dos fastos portuguêses. Depois começará o declínio de Portugal.

IV - 66 (2) *que o moveu* — O pron. *que* representa o *céu* que levou a tão altos empreendimentos.

IV - 66 (3) *Logo como tomou do Reino cargo* — Assim que, imediatamente depois que. // *Tomou cargo*, sem artigo, como se diz ainda: *tomar posse*, sem artigo.



IV - 66 (4) *Tomou mais a conquista do mar largo* — Tomou também a conquista do oceano.

IV - 67 (1) *A repouso convidam quando caem* — De madrugada, quando as estrelas começam a diminuir o lume pelo nascer do sol. É crença muito antiga que os sonhos da madrugada são os melhores e quase sempre de realização certa. Horácio disse: "post mediam noctem visus, cum somnia vera" (Sat. I - 10). Ovídio é ainda mais explícito: "sub auroram iam dormitante lucerna / tempore quo cerni somnia vera solent" (Her. XIX - 195-196).

IV - 68 (1) *Porque, tanto que lasso se adormece* — Temos vários arcaísmos neste simples verso: *tanto que* por *logo que, imediatamente que;* // *lasso*, cansado, latinismo, de *lassus, lassa;* // *se adormece*, uso pronominal que já não é tão freqüente na língua moderna onde se diz simplesmente *adormece*.

IV - 68 (2) *Morfeu* — Era filho do Sono e da Noite, deus do sono. Muitos confundem pai e filho, dizendo que Morfeu é o deus do sono.

IV - 69 (1) *Aqui se lhe apresenta que subia* — Então se lhe afigura que subia, tinha a impressão de estar sendo elevado a grande altura.

IV - 69 (2) *que tocava à prima Esfera* — Veja c. I - 21 o número das esferas e os astros que a elas presidem.

IV - 69 (3) *Despois que os olhos longos estendera* — Depois que *longamente* os olhos estendera, abarcando com o olhar grande distância.

IV - 69 (4) *longínquos* — Ainda que escrevesse *longínquo*, pronunciava Camões *longinco*.

IV - 69 (5) *Viu nascerem duas fontes* — Camões, quando o infinito é objeto direto do verbo principal, ora usa o modo pessoal, como neste verso, ora o impessoal. Veja c. V - 47-48.

IV - 70 (1) *alimárias* — do lat. *animalia*, com dissimilação de *n* em *l* e de *l* em *r*. Ainda hoje diz o povo: *alimar* por *animal*.

IV - 70 (2) *dês que* = *desde que*; *dês* é formado de *de* + *ex*; *desde*, de *de* + *ex* + *de*.

IV - 71 (1) *Das águas se lhe antolha que saíam* — O verbo *antolhar*, composto de *ante* + *olhar*, é pronominal, equivalendo a *apresentar-se ante o olhar*.

IV - 71 (2) *os largos passos inclinando* — Dirigindo-se depressa para o rei.

IV - 71 (3) *aspeito* — O mesmo que *aspecto, semblante, fisionomia, presença, aparência*.

IV - 71 (4) *hirsuta, intonsa* — Lat. *hirsutus, hirsuta*, cabeludo, peludo, barba crescida; *intonsa*, não cortada, não feita, de *intonsus, a*, com pref. negativo *in* + *tonsa*, part. pas. de *tóndere*, tosquiar.

IV - 72 (1) *De ambos de dois* — Variante menos usada de *ambos os dois, ambos e dois, ambos a dois*. (Veja este assunto longamente explicado na "Gramática Normativa", pág. 318).

IV - 72 (2) *Um deles a presença traz cansada* — *Presença*, aspecto, aspeito, fisionomia, exterior.

IV - 72 (3) *Alfeu* — Nome do rio *Rúfia*, na Arcádia. Apaixonou-se este rio pela ninfa Aretusa e a perseguiu. Para livrá-la, Diana a transformou numa fonte, a fonte Aretusa que ainda existe na Sicília. Alfeu, então, atravessou o mar e foi misturar suas águas com as da fonte. Discute-se a sintaxe: muitos acham que o verbo *ir* está construído com a preposição *em*: *Alfeu vai de Arcádia em Siracusa*. Ainda que haja outros exemplos de verbos de movimento com a prep. *em*, seguindo a sintaxe latina, parece-nos que, neste verso, a ordem das palavras seja outra: *Alfeu vai de Arcádia buscar os braços de Aretusa em Siracusa*. Nesta ordem, que propomos, *em Siracusa* é complemento adverbial de lugar que não depende de *vai*, desaparecendo aquela discutida sintaxe.

IV - 74 (1) *Ganges* — Um dos rios sagrados da Índia e que os antigos identificavam com um dos quatro rios do Paraíso Terrestre, por isto diz Camões: *que na terra celeste tenho o berço verdadeiro*.

IV - 74 (2) *Est'outro é o Indo, Rei, que, nesta serra seu nascimento tem primeiro* — Há uma diferença de pontuação que pode ter suas conseqüências na interpretação dêste verso. Muitos não aceitam que *Rei* seja vocativo, como nós aceitamos. Acham que *Rei* é simples aposto de *Indo*: *Indo Rei*, para dizer que é o principal dos rios da Índia. Em nossa opinião, tal apôsto não tem significado algum, porque os versos precedentes já disseram que o *Ganges*, sim, tendo origem celeste, seria o principal, o rei, ao passo que o *Indo* tem seu nascimento nas simples serras do país. Por isto, mantivemos *Rei* como vocativo, referindo-se a Dom Manuel.

IV - 75 (1) *o rio ilustre e santo* — O Ganges é considerado santo pelos hindus. As suas águas são purificadoras das almas. Por esta razão, lançam-lhe às águas os cadáveres, na certeza de que as almas irão ao céu.

IV - 75 (2) *Emanuel* — Forma latina *Emmanuelis*, nome, porém, hebraico *Immanu'el*, formado de *im* = *com*; *ânu* = *nós*; *El* = *Deus*: Deus conosco.

IV - 75 (3) *Hemispério* — Camões não escreveu *hemisphério* ou *hemisférío* como trazem as edições modernas. O *ph* grego dava, já em latim, ora *f* (*ph*), ora *p*. É o que se passa com *esfera, espera*, do gr. *sphaira*.

IV - 77 (1) *Eu, que bem mal cuidava* — O adv. *bem* toma o significado de *muito: eu, que muito mal cuidava*.

IV - 77 (2) *Presago, o coração* — O coração que pressagiava, que adivinhava. A pronúncia foi sempre *preságio, presagiar*, dando ao *s* o valor sonoro de *z*. As últimas reformas ortográficas mandam escrever *presságio, pressagiar*, contra a tradicional pronúncia antiga.

IV - 77 (3) *Me põe nas mãos a chave deste cometimento* — *Chave*, a solução, o modo de resolver, de executar, é muito antiga metáfora.

IV - 78 (1) *As cousas árduas e lustrosas* — As cousas difíceis e brilhantes, que dão lustre a quem as pratica.

IV - 78 (2) *Então, se menos dura, mais se estende* — Então, quanto menos dura mais se alonga.

IV - 79 (1) *qual a vós se deve* — Digna do vosso valor. Se tudo isto não passasse de fantasia do Poeta, muito pouco modesto seria que o Gama assim falasse de si próprio.

IV - 79 (2) *Não sofri mais* — Não esperei mais.

IV - 79 (3) *que mais me pena* — Braquilogia ou abreviação. Deveria ser: *que o que mais me pena*.

IV - 80 (1) *Euristeu* — Rei de Micenas. Por instigação de Juno, obrigou Hércules (Alcides) a uma série de proezas, cada qual mais perigosa e difícil que a outra. São os 12 trabalhos de Hércules: 1) matar o leão de Neméia ou de Cleonas segundo vários autores, aldeia entre Argos e Corinto; 2) matar as aves de rapina do lago Estinfale, na Arcádia, que tinha bicos e garras de ferro e arremessavam dardos quando atacadas; são as harpias na linguagem de Camões; 3) trazer vivo o javali do monte Erimanto, na Arcádia, que assolava a região; 4) matar a hidra de Lerna, na Beócia, serpente de 2 cabeças que renasciam quando cortadas a intervalos. Hércules decepou-as ambas de um só golpe. 5) Descer ao Inferno, matar Cérbero e libertar Teseu. 6) Aprisionar a corça de Mênalo, monte da Arcádia: tinha pés de bronze e chifres de ouro, tão veloz que nenhuma flecha podia atingi-la. 7) Domar o touro de Creta, enviado por Netuno contra Minos. Contra este touro lutou duas vezes porque, aprisionado uma vez, o próprio Euristeu o deixou escapar. Na segunda, Hércules o matou. 8) Furtar os cavalos de Diomedes, rei da Trácia, filho de Marte e Cirema. Eram alimentados com carne humana e soltavam fogo pelas ventas. Hércules os subjugou, dando-lhes a comer o próprio Diomedes vivo. Levou-os depois a Euristeu e os abandonou no Olimpo onde os cães os devoraram. 9) Vencer as Amazonas do Ponto Euxino. Era rainha delas Hipólita que usava espartilhos de ferro. Hércules matou Midão e Aurico, irmãos da rainha, derrotou as guerreiras e raptou Hipólita, obrigando-a a casar-se com Teseu. 10) Limpar as estrebarias de Augias, rei da Élida, filho do sol. Há 30 anos que tais estrebarias não eram limpadas e nelas havia simplesmente 300 bois. Augias propôs ao herói o décimo dos seus rebanhos caso conseguisse tal limpeza. Hércules desviou o curso do rio Alfeu, fazendo-o passar por dentro dos estábulos. Na hora do pagamento, Augias falhou com a palavra apesar do parecer favorável do filho Fileu, exilado na ilha de Duliquia. Hércules saqueou a cidade, matou Augias e colocou no trono a Fileu. 11) Roubar os bois de Gerião, filho de Crisaor e Caliroi. Era rei da Etiópia e considerado o homem mais forte da humanidade. Os poetas posteriores a Hesiodo afirmavam que este gigante tinha três corpos e dispunha de um cão de duas cabeças, de um dragão de sete cabeças com os quais guardava os seus imensos rebanhos. Hércules matou-os todos e roubou o rebanho completo. 12) Roubar as maçãs de ouro do jardim das Hespérides, filhas de Atlas. Além destas, muitas outras façanhas são atribuídas a Hércules, variando de autor para autor.

IV - 80 (2) *Dite* — Outro nome de Plutão. É considerado o deus das riquezas, sobretudo, o dono de toda e qualquer produção dos campos. Em latim *Dis, Ditis*, o mesmo que *Dives, divitis*, rico. No verso camoniano, os campos de Dite é o inferno onde corre o Rio Estige.

IV - 81 (1) *Paulo da Gama* — Irmão mais velho de Vasco da Gama. Foi convidado por Dom Manuel para encarregar-se da expedição. Tendo recusado o convite, alegando seu estado de saúde, indicou o irmão mais moço. Não obstante, tomou parte na empresa, comandando a nau S. Rafael. Não conseguiu regressar vivo do Oriente, tendo falecido nos últimos dias.

IV - 82 (1) *Nicolau Coelho* — Grande navegante, comandou a nau Bérrio. Mais tarde toma parte na expedição de Cabral, tendo sido encarregado pelo almirante de levar a Dom Manuel a notícia do descobrimento do Brasil.

IV - 82 (2) *valia e conselho* — *Valia:* valor pessoal, coragem, denodo, decisão; *conselho:* discrição, prudência, justeza de opinião.

IV - 83 (1) *os Minias* — Outra maneira de nomear os Argonautas, que se diziam descendentes do rei Minias, da Tessália.

IV - 83 (2) *o véu dourado* — O velocino de ouro. Veja c. IV - 23.

IV - 83 (3) *Na fatídica nau* — A nau Argos é chamada *fatídica* no sentido de profética, que faz profecias, que descortina o futuro. Vem tal qualidade de haver colocado Minerva um pedaço de carvalho da floresta de Dodona: tal carvalho emitia oráculos e, assim, podiam os argonautas consultá-lo durante a viagem, podendo saber de antemão o que lhes iria acontecer.



IV - 83 (4) *o mar Euxínio* — O mesmo que o *Ponto Euxino*, Mar Negro, entre a Turquia e a Rússia. No sul desta é que ficava a antiga Cólquida, onde se encontrava oculto o famoso velocino de ouro.

IV - 84 (1) *Ulisséia* — Lisboa — Veja c. III - 57.

IV - 84 (2) *As naus* — Compunha-se a expedição de três naus, uma caravela. Vasco da Gama comandava a nau "S. Gabriel", tendo por piloto a Pero de Alenquer. Paulo da Gama comandava a nau "S. Rafael". Nicolau Coelho comandava a caravela "Bérrio" do nome do seu primeiro possuidor a quem foi comprada. Gonçalo Nunes comandava outra nau comprada a Aires Correia. Como conservador de toda a esquadra ia o famoso navegador Bartolomeu Dias, o que primeiro dobrara o cabo "Não".

IV - 84 (3) *despejo* — Ousadia, liberdades, atrevimento.

IV - 85 (1) Os dois últimos versos estabelecem comparação entre a expedição portuguesa e a dos Argonautas. Assim como esta nau "Argos" fora transformada em constelação por Minerva e colocada no céu, assim também estas naus portuguêsas se tornarão imortais pelos seus feitos.

IV - 86 (1) *Aparelhamos a alma pera a morte* — Receberam os sacramentos da Igreja, confessando-se e comungando.

IV - 86 (2) *E que nossos começos aspirasse* — Favorecesse com ventos propícios. *Aspirar*, soprar, já em latim havia o mesmo significado *adspirare*. A verdadeira regência deve ser indireta: *E que a nossos começos aspirasse* — como se vê em Ovídio: "Di, coeptis / adspirate meis". A frase de Camões é pura tradução da de Ovídio.

IV - 87 (1) *Partimo-nos assi do santo templo* — Na praia do Restelo, no bairro do Belém havia uma ermida de N. Senhora donde saíram em procissão para o embarque. Era um dia de sábado, 8 de julho de 1457. Em lugar dessa ermida construída pelo Infante Dom Henrique, levantou depois Dom Manuel o suntuoso Mosteiro dos Jerônimos que constitui uma das maravilhas góticas de Portugal. Na igreja, à entrada, estão os túmulos de Vasco da Gama e de Camões. O deste é apenas um cenotáfio, túmulo simbólico, porque se perderam os restos mortais do grande Poeta no terremoto que destruiu Lisboa. Estava sepultado na igreja de Santana e com os destroços do templo desapareceram essas relíquias tão preciosas. Os dois túmulos estão lado a lado: o herói da epopéia e o cantor do herói. Perto do altar-mor encontra-se toda a família de Dom Manuel. O monumento dos Jerônimos, é, portanto, o coroamento de toda esta expedição, de toda esta gloriosa época portuguesa.

IV - 87 (2) *nos meus olhos ponho o freio* — Apenas consigo que os olhos não chorem, que se não inundem de lágrimas.

IV - 88 (1) Toda a enumeração, que se encontra entre parênteses, é o desenvolvimento do coletivo *A gente da cidade*.

IV - 90 (1) *de mi te vás* — Forma antiga de *vais* pela perda da subjuntiva do ditongo.

IV - 91 (1) *Qual em cabelo* — Nos Cancioneiros encontra-se a expressão *moça em cabelo* para designar a moça solteira, menina, cujos cabelos eram trazidos soltos. Quando ficava noiva, então, recebia do noivo uma fita, o *sirgo*, com a qual amarrava os cabelos, sinal de que estava comprometida. Se o noivado era desfeito, arremessava a "*fremosinha*", o sirgo à água. Muitas são as cantigas d'amigo em que se descreve a tristeza da moça ao ter de desatar novamente os cabelos. No verso de Camões há contradição: a moça *em cabelo* clama — "*Ó doce e amado esposo*, etc.", parecendo que já é casada. Possivelmente empregou o Poeta a expressão *em cabelo* por *desgrenhada*, com os cabelos soltos pelo desespero de perder o esposo, e, assim, se afastou do significado que tal expressão sempre teve na poesia trovadoresca.

IV - 91 (2) *Por que is aventurar* — Aparece a forma arcaica *is* por *ides:* o lat. *itis*, de *ire*, deu normalmente *ides* e depois, com a síncope da dental sonora, *ies / iis / is*. O Renascimento reconstruiu a forma primeira *ides* para mais se aproximar do latim literário.

IV - 92 (1) *a branca areia... com elas se igualavam* — Passou o Poeta o verbo *igualavam* ao plural quando o sujeito é *areia*. Como sempre se usa a forma plural *areias*, certamente, tinha em mente esta forma e, por isto, com ela fez concordar o verbo.

IV - 94 (1) *Mas um velho, de aspeito venerando* — Aqui começa o famoso episódio do "Velho do Restelo", em cujas lamentações resumiu Camões as queixas e as críticas que fazia o povo a tais expedições marítimas, tão desastrosas quanto uma guerra. A maioria não regressava à pátria. O povo não compreendia os efeitos de tais expedições, vendo apenas os danos, as perdas, os lutos que causavam às famílias. Era mais uma vaidade dos reis do que uma necessidade do país.

IV - 94 (2) *experto peito* — Do coração experimentado. *Experto*, no sentido de técnico, de autoridade em alguma arte, é anglicismo.

IV-95 (1) *Desta vaidade a quem chamamos Fama* — Raro se dá um antecedente de cousa ao pronome *quem*. Aqui a *vaidade* está personificada na *Fama*. Veremos o mesmo caso na estrofe imediata: *Nomes com quem o povo se engana* — Outra vez o antecedente de *quem* é *Fama, Glória*, personificadas.

IV-95 (2) *que se atiça* — *Atiçar* é soprar brasas, tições, lumes para que se tornem mais vivos. O sopro, o vento, que serve de *atiçar* o *fraudulento gosto*, é a *aura popular*, a *honra*. Diz-se figuradamente dos *cães* que *são atiçados*, isto é, tornados mais ferozes para pegar e morder a vítima.

IV-96 (1) *Fonte de desemparos* — Camões, seguindo os arcaicos, usa sempre *emparo, emparar, desemparo, desemparar*, com a dissimilação do primeiro *a* em *e*.

IV-96 (2) *Nomes com quem se o povo néscio engana* — Quanto ao antecedente de *quem*, veja a estrofe precedente (1). Note-se aqui a colocação do pronome átono que precede, não só o verbo, mas o próprio sujeito da frase. É colocação arcaica muito freqüente nos poetas dos Cancioneiros e nos Cronistas. É voz reflexa e não passiva: o povo engana-se a si mesmo que tais nomes.

IV-97 (1) *desastres* — É conhecida a formação desta palavra, formação que envolve uma das mais antigas crenças do povo, a influência dos astros nos destinos das pessoas. Quando alguém está sob a influência boa de um astro, vai-lhe tudo bem; mas quando foge a essa influência, tudo lhe sai mal: *des* (prefixo que indica afastamento, negação) + *aster* (astro).

IV-97 (2) *nome preminente* — Forma clássica, que traduz o lat. *prae-eminentem*, de *prae-eminere*, erguer-se, levantar-se entre os demais. Prefere-se, hoje, *proeminente* que é também latino: *pro-eminentem*, de *pro-eminere*.

IV-98 (1) *daquele insano* — Daquele louco, Adão.

IV-98 (2) *cujo pecado e desobediência... te pôs* — Sujeito composto e verbo no singular. Camões usa com freqüência desta sintaxe como já vimos em outros comentários deste canto. É possível que tivesse, em mente, *pecado de desobediência*, como se diz mais correntemente, e, assim, colocou o verbo no singular. O Morgado de Matheus, percebendo a dificuldade desta concordância, pontuou diferentemente o verso: "*cujo pecado, e desobediência*", separando *pecado* da conjunção e por vírgula. Epifânio da Silva Dias procurou defender Camões, afirmando que a conjunção *e* não é *copulativa*, mas *explicativa*: *pecado* e *desobediência* quer dizer: "*pecado* que consistiu em uma *desobediência*" e por isso foi para o singular o verbo. Não tem fundamento esta advocacia de Epifânio: não existe conjunção *e* explicativa. Além disto, a explicação de *pecado* não está na conjunção *e*, o que seria absurdo, mas em *desobediência*, que lhe é aposto.

IV-98 (3) *simpres* — Camões usa muitas vezes desta alternância *r/l*: *púbrico, pranta, frauta, praneta, frecha*. Não se trata, como tantas vezes, temos demonstrado nestes comentários, de rotacismo. É simples alternância.

IV-98 (4) *te deitou* — Te lançou, te colocou. Lat. *dejectare* = *deitar*, lançar, arremessar.

IV-99 (1) *Já que nesta gostosa vaïdade* — Contam-se 4 sílabas em *va-i-da-de*, recurso de métrica. Na língua da prosa há apenas 3 sílabas — *vai-da-de*. Na estrofe 95, verso 2, Camões contou 3 sílabas nesta palavra.

IV-99 (2) *Tanto enlevas a leve fantasia* — Jogo literário de palavras (*enlevas, leve*) com pequenas diferenças fonéticas. Dá-se o mesmo recurso nos versos seguintes: *Já que prezas em tanta quantidade / O desprezo da vida* — Aqui, além da seqüência de palavras quase iguais, existe ainda o contraste: *prezas* o *desprezo*.

IV-99 (3) *Puseste nome, esforço e valentia* — Notemos a clássica expressão: *por nome, chamar, batizar, nomear, apelidar*. Notemos ainda a função de aposto exercida por *esforço* e *valentia* com referência a *nome*.

IV-99 (4) *Temeu tanto perdê-la Quem a dá* — Refere-se a Cristo que temeu tanto a morte da cruz ao ponto de suar sangue no Horto das Oliveiras. Note-se mais uma vez o contraste estabelecido em *dar* e *perder*.

IV-100 (1) *Se tu pela de Cristo só pelejas* — A conjunção *se* não é condicional, mas *temporal*, equivalendo a *quando*.

IV-100 (2) *Não é ele por armas esforçado* — Não é o ismaelita valente nas armas de maneira que vencê-lo será grande glória?

IV-101 (1) *Deixas criar às portas o inimigo* — Permites que o inimigo cresça em número e valentia quase dentro de tua casa.

IV-101 (2) *Por ires buscar* — Para ires buscar. Com a preposição *por* (*para*) ainda que o verbo principal e o infinito tenham o mesmo sujeito, usa-se o modo pessoal.

IV-101 (3) *e te lisonje* — Aparece o raro verbo *lisonjar*, sendo muito mais corrente *lisonjear*. Mas neste caso seria e *te lisonjeie*, o que não fazia à rima procurada pelo Poeta.

IV-102 (1) *Oh! Maldito o primeiro que, no mundo, / Nas ondas vela pôs em seco lenho!* — Horácio em suas "Odes", liv. I, ode 3.ª, apostrofou também o primeiro homem que teve a coragem de enfrentar o mar:



"Illi robur et aes triplex
Circa pectus erat, qui fragilem truci
Commisit pelago ratem
Primus, nec timuit praecipitem Africum
Decertantem Aquilonibus
Nec tristes Hyadas nec rabiem Noti,
Quo non arbiter Hadriae
Maior, tollere seu ponere volt freta".

IV-102 (2) *do Profundo* — Do Inferno. Ainda hoje se diz: profundezas do inferno.

IV-102 (3) *Te dê por isso fama nem memória* — Na língua arcaica e clássica colocava *nem* entre as duas palavras a que comunicava sentido negativo. Modernamente repete-se *nem*: "*Não te dê por isso nem fama nem memória*". Consulte-se o capítulo da negação em português em o nosso livro "A Formação Histórica da Língua Portuguesa".

IV-103 (1) *Trouxe o filho de Jápeto do céu* — O filho de Jápeto é Prometeu. Roubou o fogo do céu reservado a Júpiter e com ele deu vida ao homem cujo corpo formara de barro. Ensinou as artes aos homens e fez progredir a humanidade pela aplicação útil do fogo. Foi acorrentado por Júpiter a um rochedo do Cáucaso. Um abutre devora-lhe o fígado eternamente porque o fígado renasce imediatamente após ter sido devorado para novamente ser destruído pelo abutre e assim indefinidamente. Prometeu é o símbolo dos que sofrem opressões injustas por quererem o bem da humanidade. Tem sido o assunto de muitas tragédias e dramas desde os tempos dos gregos.

IV-103 (2) *a tua estátua ilustre* — O homem, criação de Prometeu, segundo a lenda grega.

IV-104 (1) *o moço miserando* — Faetonte. Veja c. I-46. *Miserando* — que merece piedade. Gerundivo latino de *misereor*.

IV-104 (2) *O grande arquitector* — Dédalo, o construtor do labirinto de Creta. Dele fugiu com asas de cera. O filho, Ícaro, imitando o pai, subiu tão alto que o sol lhe derreteu as asas. Caiu Ícaro no mar Egeu que foi por muitos chamado Icário. *Arquitector* — do latim *architector, oris*. Forcellini põe em dúvida a existência de *architector*. O lugar citado de Plauto parece estar errado, devendo-se ler *architecton* e não *architector*.

IV-104 (3) *nefando* — Gerundivo de *nefari*, não contar, não dizer, não falar: cousa ou fato que não deve ser narrado.

## Canto Quinto

V-1 (1) *Vociferando estava* — O uso do gerúndio nas formações perifrásticas predominou em toda a língua arcaica e clássica. Em Portugal moderno, prefere-se o infinito com *a*: *a vociferar estava*. A língua portuguesa do Brasil mantém o uso antigo. Estilisticamente considerando, deve-se combinar os dois modos de dizer para que o escrito não se ressinta da monotonia de um só destes, dando maior variedade às expressões. O gerúndio, pela sua maior extensão silábica, dá maior amplitude ao pensamento e maior harmonia à frase. // *Vociferar* é falar em voz alta, clamar, gritar, do lat. *vociferare*, de *vox, vocis* (voz) e *ferare* do tema de *ferre* (levar).

V-1 (2) *As asas ao sereno e sossegado vento* — Note-se a seqüência das sibilantes como recurso de estilo, procurando dar ao leitor a sensação do vento nas velas (asas).

V-1 (3) *Boa viagem!* — O latim *viaticum* formado de *via* (caminho) e o sufixo *aticum* deu-nos duas palavras: *viático*, na linguagem religiosa, a derradeira comunhão, o alimento para a última viagem, e *viagem* através do provençal *viatche*, *viage* em sua primeira forma e depois *viagem*. Não conservou o gênero masculino, aliás, neutro, do latim, como ficou em francês, italiano, espanhol. Foi o gênero feminino de *via* que influenciou na forma portuguêsa.

V-1 (4) *Nos troncos fez o usado movimento* — Acham uns que *troncos* esteja por cascos, mas podem ser também os *mastros* do navio onde primeiro se faz sentir o impulso do vento, inflando as velas.

V-2 (1) *animal Nemeio truculento* — Refere-se ao Leão de Neméia, representado pelo signo do Leo no zodíaco. Veja o c. IV-80 e a relação dos trabalhos de Hércules. // *Truculento* — Forte, feroz, do mesmo tema de *trucidar*, matar. Lat. *truculentus*.

V-2 (2) *consume* — Arcaísmo em Camões como *fuge, produze*. Ainda não se havia manifestado a metafonia hoje preponderante: *consome, dorme, foge* e os verbos em *uzir* mantinham sua forma plena, modernamente apocopada: *aduz, produz*, etc.

V-2 (3) *Na sexta idade andava* — Camões escreveu *seista*. Admitiam os escritores do tempo, sobretudo eclesiásticos, a divisão das épocas, em *idades*. A *sexta* era contada depois do nascimento de Cristo. Na literatura greco-latina fala-se apenas de quatro idades: a *idade heróica* em que viveram os grandes heróis como Hércules, Teseu, Jasão, etc. A *idade de ouro*, sob o reinado de Saturno, época de felicidade e de inocência, de riquezas e de nenhuma necessidade de trabalho. A

*idade de prata* sob o reinado de Júpiter, já menos feliz que a precedente, onde começaram as primeiras lutas como a dos gigantes, a de Prometeu que invadiu o próprio Olimpo para roubar o fogo e animar o homem. A *idade de bronze*, a época das injustiças, dos roubos, da ambição e as primeiras guerras perturbaram a humanidade. A *idade de ferro*, época de decadência: a vida torna-se difícil porque a natureza se mostra avara para com os homens. O catolicismo distinguiu três idades: a da *lei natural*, desde Adão até Moisés; a da *lei revelada* aos antigos profetas e a Moisés, na antecipação da vinda de Cristo, de Moisés até o nascimento do Salvador. A *lei da graça*, dada por Jesus com a sua pregação, os Evangelhos. Esta deve ser a *sexta idade* de que fala o Poeta.

V - 2 (4) *Cursos do sol catorze vezes cento / Com mais noventa e sete* — Simplesmente 1497 anos, a partir do nascimento de Cristo pelo antigo calendário juliano. A esquadra partiu de Belém a 8 de julho de 1497.

V - 4 (1) *Que geração alguma não abriu* — O indefinido *algum, alguma* posposto ao substantivo tem, no português moderno, significado negativo, equivalendo a *nenhum, nenhuma*. Assim dizemos: *Pessoa alguma chegou até esse momento*. Os clássicos acrescentavam após o indefinido uma negativa qualquer, como vemos no verso camoniano: *geração alguma não abriu*. Hoje dispensamos a negativa.

V - 4 (2) *os novos ares* — Os novos climas, os novos aspectos. É costume dizer-se: tal terra tem um *ar* agradável. Dizemos também das pessoas: F. tem uns *ares* atrevidos.

V - 4 (3) *Henrique* — O infante Dom Henrique, fundador da escola de Sagres, cognominado o Navegador.

V - 4 (4) *Anteu* — Um dos gigantes, filho de Netuno e da Terra. Tinha 64 covados de altura. Assaltava e matava os viajantes do deserto da Líbia, pois fizera um voto a Netuno de erguer-lhe um monumento feito de crânios humanos. Hércules matou-o no ar porque se tocasse o chão com os pés, ressuscitava como filho que era da Terra.

V - 4 (5) *Não há certeza doutra, mas suspeita* — Suspeitava-se que houvesse terra por essa parte, não certeza: esta veio depois que Colombo descobriu a América, em 1492.

V - 5 (1) *do mundo a derradeira* — Derradeira na fama, pois, naquela época as ilhas gregas eram mais afamadas. Hoje, talvez, se dê o contrário: a ilha da Madeira é conhecida como a Pérola do Atlântico, famosa pelo clima, pelos vinhos e pelas suas rendas.

V - 5 (2) *aventajam* — Camões escreve sempre *ventagem, aventajar*, com a dissimilação do primeiro *a* como se encontra ainda no português do Brasil, na boca do povo. Os letrados dizem *vantagem, avantajar*, de *avante*, adiante, à frente, sinal de superioridade e de progresso.

V - 5 (3) *Cipro, Gnido, Pafos, Citera* — Ilhas famosas da Grécia clássica dos poetas. *Chipre*, base inglesa de grande renome militar e nos tempos mais antigos também célebre pelas guerras mantidas com Veneza, turcos, etc. // *Gnido* e também *Cnido*, em lat. *Cnidus*, gr. *Knidòs*, cidade na península da Cária. Por ser península colocou o Poeta entre as ilhas. Era famosa pelo grande culto dedicado a Vênus que, aí, era venerada numa estátua feita por Praxiteles. Muitas pessoas vinham de longe só pela fama do trabalho do maior escultor grego. // *Pafos*, cidade da ilha de Chipre, famosa pelos figos e pelo vinho negro aí fabricado. Existe em Pafos um mosteiro de monges ortodoxos onde nenhum animal do sexo feminino pode entrar. O comentador destas páginas lá estêve, em Agosto de 1952, podendo verificar tudo isto. A cidade está em decadência como toda a ilha de Chipre, teatro de constantes lutas entre ingleses, cipriotas e entre cipriotas ortodoxos e cipriotas muçulmanos, entre os quais há muitos de origem turca. *Citera* — Veja c. I - 34. Todos estes lugares eram consagrados a Vênus.

V - 6 (1) *Massília* — Veja c. IV - 36.

V - 6 (2) *Onde seu gado os Azenegues pastam* — *Azenegues* — tribo berber, da região do Rio do Ouro e do rio Anagá, no Senegal. // *Onde o seu gado pastam* — Onde fazem pastar, onde dão a pastar o seu gado.

V - 6 (3) *nunca gosta* — Desagradável seqüência cacofônica. Os clássicos nem sempre tinham ouvidos afinados.

V - 7 (1) *Passámos o limite aonde chega o Sol* — Passamos o Trópico de Câncer.

V - 7 (2) *que para o Norte os carros guia* — Deveria ser o carro, o carro do sol.

V - 7 (3) *O filho de Climene* — Faetonte — Veja c. I - 46. O Poeta deslocou o acento da palavra *Climene* que é proparoxítono *Clímene*. // *A côr do dia* — branco, porque Faetonte queimou os povos da África, tornando-os pretos.

V - 7 (4) *Do negro Sanagá* — É o rio Senegal. Querem alguns geógrafos que as águas dêste rio são muito escuras donde dizer o Poeta o *negro Sanagá*. Acham outros que lhe deu tal epíteto por correr em território de gente negra.

V - 7 (5) *Cabo Arsinário* — Nome antigo na geografia de Ptolomeu. Seguindo os conhecimentos da época, identifica o Poeta o cabo Arsinásio com o cabo Verde. Parece tratar-se mais justamente do cabo Branco.



V - 8 (1) *o velho Hespério* — Usa o poeta *Hespério* por *Hésper*, o que já haviam feito os latinos. *Hésper* ou *Vésper*, era filho da Aurora e de Céfalo. Foi transformado em estrela por Vênus.

V - 8 (2) *Hespérides* — Camões identifica, seguindo a geografia do tempo, com as ilhas de Cabo Verde — Veja c. II - 103, ou c. IV - 55.

V - 9 (1) *Santiago* — É o patrono da Espanha, venerado em Compostela, santo que simbolizou o cristianismo na luta contra o islamismo. Trata-se de Tiago, o Maior, filho de Zebedeu e de Salomé. Foi martirizado em Jerusalém no ano 44 da era cristã. Criou-se a lenda de que o corpo do apóstolo fôra trazido à Espanha, mostrando-se, na catedral de Compostela, o seu túmulo. Tiago, o Menor, ou o mais moço, era filho de Alfeu e de Maria Cleófas, irmã de Nossa Senhora. A ilha tomou o nome dêste Tiago, o Menor, e não daquele Tiago, o Maior, patrono da Espanha, por ter sido descoberta no dia 1.º de maio, festa deste santo, Tiago, o Menor. Houve, portanto, confusão, da parte de Camões, entre os dois Tiagos.

V - 9 (2) *Bóreas* — O vento do norte.

V - 9 (3) *o refresco doce* — Água doce. *Refresco* tinha, então, o significado amplo de víveres, de tudo o que fosse necessário para a vida de bordo.

V - 10 (1) *A província Jalofo* — Note-se primeiro a construção apositiva *província Jalofo*, como *urbs Roma*. Pode-se dizer com igual correção: *província de Jalofo*, construção restritiva, do tipo *urbs Romae*. Ambas as formas são corretas e nada tem a primeira de galicismo como erradamente ensinam certos gramáticos. De acordo com João de Barros, esta província estendia-se por 100 léguas, desde a foz do Senegal até Cabo Verde: eram 100 léguas de largo e 7 de comprimento.

V - 10 (2) *Mandinga* — Reino de Mandinga, muito rico em ouro. Desta parte vieram muitos escravos para o Brasil e como entre eles houvesse muitos feiticeiros, a palavra *Mandinga* passou a significar, entre nós, feitiçaria. *Mandingueiro* não é o natural de Mandinga, mas o feiticeiro, aquele que faz feitiços.

V - 10 (3) *Gambeia* — É a forma corrente nos autores portugueses como em J. de Barros. Outros escreveram *Gambeya*. Modernamente, por influência do inglês, diz-se *Gâmbia*, na Guiné inglêsa, tendo por capital *Bathurst*.

V - 11 (1) *As Dórcadas* — Outros nomes destas ilhas: *Górgonas, Górgodas, Górgodes*. Ilhas mitológicas de localização incerta. Plínio, o Antigo, fala de tais ilhas habitadas pelas Górgonas. O cartaginês Hannon, em 570 a. C., daí trouxera duas peles de tais seres fabulosos, que seriam gorilas, e as colocou no templo de Tanit. Camões identifica as Dórcadas com as ilhas do Cabo Verde. Conta a lenda que as Górgonas, embora fossem três irmãs, se serviam todas de um só olho que tinham em comum. Chamavam-se Medusa, Estênio e Euríale. Veja o c. III - 77 a respeito de Medusa. Das gotas do sangue desta, que caíram na Líbia, nasceram serpentes monstruosas. Outros mitólogos aplicam esta lenda às três *Gréias*, irmãs das Dórcadas. Eram assim chamadas *Gréias*, em grego, *velhas*, porque já nasceram de cabelos brancos. Tinham também, em comum, um só olho e um só dente.

V - 11 (2) *víboras* — Camões escreveu *bívoras*, forma corrente nos autores clássicos: *bívora* por *víbora*, lat. *vipera*.

V - 12 (1) *grandíssimo golfão* — Forma antiga de golfo. As palavras paroxítonas, mas terminadas em *ão*, tendem a perder o ditongo nasal como *gôlfo* (*gôlfão*), *frango* (*frângão*), *bença* (*bênção*), *acordo* (*acórdão*), *orfo* (*órfão*), *orgo* (*órgão*), *Estevo* (*Estevão*), etc.

V - 12 (2) *ilha ilustre* — A ilha de São Tomé; // *um que o lado a Deus tocou* — Referência ao episódio contado pelos Evangelhos, da incredulidade de Tomé quando lhe contaram a ressurreição de Cristo. Só acreditaria se tocasse a chaga do lado direito do Salvador.

V - 13 (1) *Congo* — Descoberto por Diogo Cão em 1484. No Brasil são muito estimadas pelos folcloristas as *danças de Congo* ou as *congadas*, danças simbólicas das lutas entre mouros e cristãos, provavelmente, de introdução religiosa, por meio dos jesuítas, na época das catequeses.

V - 13 (2) *Zaire* — Grande rio conhecido também pelo nome de Rio do Congo.

V - 13 (3) *polo de Calisto* — Pólo Norte. Veja c. I - 51.

V - 13 (4) *o término ardente* — O Equador.

V - 14 (1) *nova estrela* — É constelação e não simples estrela: a constelação do Cruzeiro do Sul.

V - 14 (2) *a parte menos rutilante* — O hemisfério sul que, na apreciação de muitos, possui menor número de estrelas do que o hemisfério do norte. Não é esta a nossa opinião pessoal, baseada apenas na observação do céu, em repetidas viagens à Europa: desde que se passa o Equador, o número de estrelas se nos afigura muito menor. Já o nosso poeta dizia:

"Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores".

(Gonç. Dias — Canção do Exílio)

E note-se que esta poesia foi escrita, em Coimbra, onde bem podia apreciar o céu do norte.

V - 14 (3) *onde inda se não sabe / Que outra terra comece ou mar acabe* — A mesma incerteza já mencionada na estrofe 4 dêste canto.

V - 15 (1) *Por onde duas vezes passa Apolo* — O sol (Apolo) passa duas vezes pelo Equador, uma de sul a norte e outra de norte a sul, produzindo "Dous invernos e dous verões" como diz o Poeta. Tal não se dá na região dos trópicos já mais afastados da linha equinocial.

V - 15 (2) *o irado Eolo* — Refere-se aos tufões, às tempestades freqüentes nestas paragens. Note-se a acentuação usada sempre por Camões: *Eólo* em rima com *Polo*, sendo a palavra proparoxítona *Éolo*.

V - 15 (3) *Vimos as Ursas, a pesar de Juno, / Banharem-se nas águas de Netuno* — Observe-se primeiro o infinito *banharem-se* que podia ser também *banhar-se*: quando objeto direto do verbo principal (*vimos*) é permitido o infinito impessoal, tenha embora sujeito próprio. Veja a estrofe 47 deste canto. Observe-se, segundo, o significado de *banharem-se* de acordo com a mitologia: Juno havia proibido que as Ursas se banhassem no mar. É uma explicação poética do fenômeno natural de não ser possível, na Europa, ver-se o desaparecer das Ursas no oceano. *A pesar*, contra a vontade de Juno.

V - 16 (1) *Relâmpados* — forma antiga de *relâmpagos*. Há, em latim, *lampare* de que temos *re + lampar, re + lampear, re + lampejar*. Houve influência do substantivo *lampas, lâmpados*, na formação de *relâmpados*.

V - 16 (2) *voz de ferro* — É o latim *vox ferrea*, de grande resistência e força.

V - 17 (1) *rudos marinheiros* — Camões prefere *rudo* a *rude*, que já devia ser arcaico no tempo do poeta, pois, nos arcaicos é que encontramos *rudo, grudo, bailo, mogo*, por *rude, grude, baile, monge*.

V - 17 (2) *E que os que* — Note-se a seqüência de *quês* nesta estrofe: *que os rudos marinheiros, que tem por mestra, e que os que tem, que só por puro engenho*, etc. Os clássicos foram especialistas em tais séries, razão pela qual não puderam evitar a aspereza deles decorrente.

V - 18 (1) *Vi, claramente visto* — Célebre pleonasmo de Camões, feito com declarada intenção de reforço estilístico, sendo, portanto, qualidade e não defeito literário.

V - 18 (1) *lume vivo* — O fogo-de-santelmo que, no mar, corresponde ao fogo-fátuo da terra. Ardentias é outro nome do mesmo fenômeno de combustão de óleos animais.

V - 18 (2) *largo cano* — A tromba d'água marítima. O episódio começa neste verso e termina na estrofe 22.

V - 19 (1) *Eu o vi* — O pronome *o* refere-se a *milagre* da estrofe anterior bem como a *vaporzinho*, por antecipação pleonástica.

V - 19 (2) *rodear-se* — Arredondar-se, engrossar-se.

V - 19 (3) *Da matéria das nuvens parecia* — Parecia que fosse feito de nuvem.

V - 20 (1) *Ia-se pouco e pouco acrescentando* — Diz-se também *pouco a pouco, de pouco em pouco*, aumentando, tornando-se paulatinamente maior.

V - 20 (2) *largo masto* — Forma dissimilada de *mastro* como *rasto* (*rastro*), *asto* (*astro*), *registo* (*registro*). *Masto* já se não usa na língua, ficando apenas no derivado *mastaréu*, assim também como *asto* que vive apenas em *asterisco*. Temos ainda *lista* de *listra*; *listar* e *listrar* muito usado no particípio *listrado*.

V - 20 (3) *Co'o cargo d'água* — Hoje diz-se *carga*. Continua, porém, a ser empregado como sinônimo de emprego, função, posto: *o cargo* de ministro. Continua ainda nos compostos: *encargo, descargo*, responsabilidade e deposição de responsabilidade: o *encargo* da educação dos filhos; o *descargo* de consciência, etc.

V - 21 (1) *roxa sanguessuga* — Vermelha por causa do sangue que absorve. *Sanguessuga* é a substantivação da frase: *sangue suga*, como outros de igual formação: *pêsame* (*pesa me*), *tirateima, tiraprosa, tiradentes* onde há sempre o verbo *tira* e o objeto direto: *teima, prosa, dentes*. Este último era o mesmo que o moderno *dentista*.

V - 21 (2) *Nos beiços* — E não nos *lábios*, pois, *beiços* dizem sempre mais que lábios, pelo tamanho, pelo volume e é a única palavra que se emprega com referência aos animais irracionais. No homem envolve sempre depreciação.

V - 22 (1) *Mas o sabor do sal* — O gosto do sal. Do lat. *saporem*, do mesmo tema de *sápere*, saber, que depois tomou o significado de *sentir o gosto de*. Do mesmo tema temos *sápido*, lat. *sapidus*, de bom gosto, de bom paladar. De *sapio* tivemos *saibo*, que desapareceu em sua forma simples, permanecendo na composta *ressaibo*, gosto de, com metátese do *i*. Mas sem metátese alguma existe o adj. *ressabiado*, com certo medo, com receio de. De *saber*, no sentido de *gostar*, de apresentar bom paladar, todos conhecem a expressão: *isto me sabe bem*, isto me agrada ao paladar, me faz bom gosto. De *sapor, saporis*, formou a língua *saborear*.



V - 22 (2) *os sábios na escritura* — Os que estudaram por livros, os que têm o conhecimento apenas teórico das cousas. O autor contrapõe tal conhecimento de *escritura* ao saber prático, experimental, ou como diz em outro lugar: *só de experiências feito*.

V - 22 (3) *Natura* — Palavra literária, do lat. *natura*. De um hipotético *naturalitia* temos a nossa palavra corrente *natureza*.

V - 23 (1) *passaram* — Tivessem passado: o mais-que-perfeito do indicativo pelo imperfeito do subjuntivo. O mais-que-perfeito do indicativo tende a desaparecer da língua, vivendo somente na literatura ou na expressão dos que se exageram em falar bem o português.

V - 23 (2) *que deixaram* — Que grandes obras escritas teriam deixado. Veja o comentário precedente.

V - 23 (3) *Que influição de signos e de estrelas* — Camões escreveu *sinos* e não *signos*, porque a gutural não era pronunciada como ainda se vê em *sina*, sorte, destino, de *signa*, neutro plural de *signum, sinal*. Estes signos ou sinos são fenômenos atmosféricos a que logo ajuntou o autor as estrelas, na velha crença de que os destinos humanos estão sujeitos aos influxos dos corpos celestes.

V - 24 (1) *Mas já o planeta que no céu primeiro habita* — O primeiro céu ou a primeira esfera tinha a presidência da Lua, de que aqui se fala.

V - 24 (2) *apressada* — Este adjetivo qualifica *planeta* e como está no masculino *o planeta*, não existe concordância de gênero. Como explicar isto? Epifânio da Silva Dias afirma que tal se deu porque tinha Camões, em mente, a pal. *Lua*. Adolfo Coelho imagina que fosse erro tipográfico. Não poderia ser porque faltaria à rima com *armada*. Achamos que houve erro tipográfico em *o planeta*: *planeta, cometa*, aparecem, em muitos autores contemporâneos do Poeta e antecessores dele, no feminino: *a planeta, a cometa*. Camões usou esse feminino, escrevendo no manuscrito do poema *Mas já a planeta que no céu primeiro*. O impressor deixou-se guiar pelo uso dele impressor e já então mais corrente, imprimindo no masculino *o planeta*. Não podendo alterar depois o adjetivo *apressada* sem quebrar a rima, deixou tal incongruência de sintaxe.

V - 24 (3) *etérea gávea* — Da *gávea* que está no alto, no ar. Em lat. *ether* = ar, céu.

V - 24 (4) *Pronto co'a vista* — Alerta, sempre atento na observação do mar. Em Camões, em vários passos, *pronto* é sinônimo de *atento*.

V - 24 (5) *Salta no bordo* — A gente, a maruja, salta, pula a bordo, de contente, fazendo alarido, como diz o verbo *alvoroçar*, de *alvoroto*, palavra árabe.

V - 25 (1) *A maneira de nuvens* — Sem crase por falta de artigo nas expressões adverbiais no singular: *a modo de nuvem, em semelhança de nuvem*.

V - 25 (2) *As âncoras pesadas se adereçam* — São dirigidas para e não enfeitadas. *Adereçar* por *endereçar*, enviar ao destino certo, ao endereço natural.

V - 25 (3) *astrolábio* — Instrumento que serve para avaliar a altura dos astros sobre o horizonte. Os gregos já o haviam conhecido, dos quais se tomou a palavra *astrolabon* (*organon*), isto é, instrumento (*órganon*) que pega (*labo de lambanein, pegar*) os astros (*aster*). O latim foi a fonte imediata com a forma *astrolabium*. Há, em árabe, *asturlab*. Segundo Barbosa Bettencourt (Subsídios para a leitura dos Lusíadas) o uso do astrolábio tinha sido introduzido em Portugal, em 1480, por Martim Behaim, cosmógrafo alemão a serviço do Reino e também pelos judeus Mestre Rodrigo e Mestre José, médicos de Dom João II. Era o astrolábio formado por um círculo de latão ou de madeira, graduado, cuja forma se mantinha com duas peças diametrais, em cruz, e de várias pínulas para observar. Serviu-se Vasco da Gama de um astrolábio de madeira, de três palmos de diâmetro. Consistia a observação em seguir com o instrumento a elevação gradual do sol, e, em seguida, com as tábuas de declinação, calcular a latitude (pág. 143) — Camões diz: "Polo novo instrumento do astrolábio" por ser de recente introdução em Portugal.

V - 26 (1) *E compassar a universal pintura* — E medir pelo compasso ou graduação do astrolábio o céu: a universal pintura.

V - 27 (1) *Do semicapro Peixe* — Camões escreveu: *Do semicapro Pexe* — O trópico de Capricórnio, representado no zodíaco por uma figura mista de peixe e de bode, metade bode (semi-capro) ou como diz Capricórnio, com cornos de bode (*cornu + capri*). Na edição "princeps" está *Pexe* com a monotongação vulgar do ditongo *ei* como se ouve sempre na fala do povo e até das pessoas letradas quando estão conversando familiarmente. O trópico de Capricórnio passa pela cidade de S. Paulo, no bairro de Santana.

V - 27 (2) *rodeado* — Qualifica *estranho*: *Vejo um estranho vir rodeado de meus companheiros*.

V - 27 (3) *enquanto apanha* — Deveria ser *enquanto apanhava* se não fosse o jugo da rima que obrigou o Poeta a transgredir a correlação dos tempos e modos verbais.

V - 28 (1) *Torvado na vista* — Com olhar torvo, feroz, de pouca amizade.

V - 28 (2) *Nem ele entende a nós, nem nós a ele* — Proíbe a gramática o uso do pronome pessoal, reto, em função de complemento direto. Em tal caso, usa-se a forma oblíqua correspondente. Não podemos dizer: *Vi ele*, mas, *vi-o*. Em contradição, porém, admite que se possa usar do pronome reto *ele, ela*, desde que seja precedido de preposição *a*: *Vi a ele*. O verso camoniano está confirmando esta permissão da gramática. Convém, contudo, refletir que a prepos. *a* não tira ao pronome *ele*, a sua função direta ou de objeto direto. Se tal se dá, se o pron. *ele* continua sendo objeto direto, continua, a nosso ver, a infração da regra que lhe não permite tal função. Por isto achamos que entre esta regra e aquela permissão não deixa de haver contradição clara e patente. A língua, entretanto, não segue a lógica dos raciocínios e é toda feita de usos, muitas vezes, ilógicos, como este.

V - 28 (3) *Polifemo* — O monstro humano que tinha um só olho na testa, morto por Ulisses. Era filho de Netuno, fora um dos ciclopes, cuja denominação quer dizer: *olho redondo*: de *kyklos* (círculo) e *ops* (olho). Vivia na Trinácria.

V - 28 (4) *rica pele de Colcos* — O *velocino de ouro*.

V - 28 (5) *a quente especiaria* — Nome genérico pelo qual se designavam os condimentos: *pimenta, cravo, canela, nós moscada*, etc. *Quente* no sentido de *ardente*.

V - 28 (6) *A nada disto o bruto se movia* — O bruto não se movia, não era movido por nada, por nenhuma destas cousas mostradas. Temos voz passiva com o complemento de causa eficiente expresso e regido pela preposição *a*. A expressão *a nada* não é, portanto, um dativo, mas um ablativo, caso próprio do complemento de causa eficiente em latim. Exemplo desta mesma construção é, neste canto V, a estrofe 50: "Eu sou aquele oculto e grande Cabo / Que nunca *fui notório a Ptolomeu, Pompónio, Estrabo, Plínio*.

V - 29 (1) *peças mais somenos* — Cousas de menor valia. *Somenos*, de *sob menos*, subentendo-se *valor*: *sob menos valor*. Modernamente dizemos *cousas de somenos*. Sendo *menos* advérbio, claro está que há de ficar invariável; mas existe no povo uma tendência a dar-lhe flexão de gênero e de número como se fosse simples adjetivo: *mais amor e menas confiança*, diz o provérbio. Este ano vamos ter *menas férias*, dizem os alunos que não estudam bem português.

V - 29 (2) *soantes cascavéis* — Guizos, chocalhos. Lat. * *cascabellus* por * *caccabellus*, casca oca de nozes ou de qualquer outro fruto.

V - 30 (1) *seus parceiros* — Companheiros, aqueles que *tomam parte* juntamente em alguma cousa. Do lat. *partiarius*, de *pars, partis*, e suf. *arius*.

V - 30 (2) *Domésticos já tanto* — Já mais ou menos mansos, de casa, menos hostis.

V - 31 (1) *É Veloso no braço confiado* — Tem confiança na sua valentia, no seu valor físico.

V - 31 (2) *Estando, a vista alçada, co'o cuidado* — É correto omitir-se a preposição em determinadas locuções adverbiais, como esta: *a vista alçada*, com *a vista alçada*. No c. IV - 14 também se lê: *A mão na espada, irado e não facundo*, isto é, *com a mão na espada*.

V - 32 (1) *Polo tomar* — Arcaicos e clássicos, em lugar de colocar o pron. pessoal átono depois do infinito (*Por tomá-lo*) faziam a contração da preposição *por* com o pronome: *Polo tomar*. Dos escritores modernos, Rui Barbosa foi um dos que mais usou desta sintaxe arcaica.

V - 32 (2) *vê-se em pressa* — Ver-se sob a pressão de algum perigo. *Pressa*, part. pas. de *prémere*, premer, apertar, prensar.

V - 32 (3) *sem que alguém lhe ali ajudasse* — O verbo *ajudar* admite o objeto indireto (*lhe*) e o direto (*o*): *ajudar-lhe* ou *ajudá-lo*.

V - 32 (4) *o remo aperto* — Enquanto amiúdo as remadas, tornando-as mais freqüentes.

V - 33 (1) *espessa nuvem* — Figura com a qual indica o *bando negro* que ataca os portugueses.

V - 33 (2) *a cor vermelha* — O sangue dos ferimentos.

V - 34 (1) *em salvamento* — Em seguro, fora do perigo que havia corrido. Pode-se dizer também: *a salvamento, a salvo de*.

V - 35 (1) *Começando-se todos a sorrir* — Entre *rir* e *sorrir* há pequena diferença indicada pelo prefixo *so* (*sob*) que, neste caso, expressa menor intensidade de ação que no simples *rir*. Poderíamos instituir gradação ascedente de *sorrir, rir* e *gargalhar*. O *sorriso* é um esboço de *riso*, ao passo que *gargalhar* é o excesso de *rir*, não só com os lábios, mas também com a própria garganta. Na língua do povo há *serrir* sob a influência da forma pronominal de *se rir* (*rir-se*).

V - 35 (2) *Oulá* — Forma arcaica muito freqüente em Gil Vicente, o mesmo que *olá!* Na prolação da primeira sílaba *o*, demorando-se a voz por mais tempo, embora não seja tônica, a inflexão muscular determinou a ditongação *ou*.

V - 35 (3) *Por me lembrar que estáveis cá sem mim* — Veloso é o espírito folgazão, o engraçado, o espirituoso de todo este poema. O tom sempre elevado e declamatório em que se expressam os personagens camonianos, todos muito polidos e muito versados em mitologia clássica, toma, nos lábios de Veloso, mais simplicidade espontânea. Reparem na ironia com que Veloso responde à caçoada de seus companheiros. Não foi por medo que desceu mais apressadamente o outeiro (*melhor de descer que de subir*), mas porque os companheiros, sem a ajuda dele, estariam em perigo ante o ataque dos negros: *Por me lembrar que estáveis cá sem mim*. Note-se que o Poeta, quando no meio do verso deve empregar o pronome pessoal, oblíquo, da primeira pessoa, usa sempre a forma arcaica e também clássica *mi*, sem nasalação. Quando, porém, tal pronome é fim de verso, fazendo rima, então, usa *mim* que já corria ao lado de *mi*.



V - 36 (1) *tanto que passaram* — Assim que passaram, apenas passaram.

V - 36 (2) *Por nos roubarem* — A preferência dos clássicos foi sempre ao uso do infinito pessoal, tenha ou não tenha sujeito próprio, desde que venha precedido de *por, para*. Para maior documentação, consulte-se a "Gramática Normativa", pág. 373, 4.ª edição.

V - 37 (1) *Porém já cinco Sóis eram passados* — Cinco dias eram já passados. Mais uma vez inicia Camões a frase com a adversativa *porém*, contradizendo os gramáticos, sobretudo Când. de Figueiredo, que proíbem tal uso.

V - 37 (2) *estando vigiando* — Curiosa formação perifrástica onde não há verbo em modo infinito, mas dois gerúndios: o segundo está em função adverbial de modo em relação ao primeiro. Na linguagem viva do povo encontramos: *Vindo eu correndo, vivendo eu lutando, estando trabalhando*, formações perifrásticas do mesmo tipo da que empregou Camões.

V - 38 (1) *Ó Potestade, disse, sublimada* — Do latim *potestatem*, poder, autoridade. Palavra de cunho erudito, vindo, possivelmente, através da língua da Igreja e por isto não apresenta todas as transformações fonéticas que apresentaria se fosse vulgar. Em italiano deu *podestà* em que vemos o abrandamento de *t* em *d*. É do mesmo tema de *poder*, do lat. vulg. *potere* que suplantou o clássico *posse*.

V - 39 (1) *robusta e válida* — Não são sinônimos perfeitos *robusto* e *válido*: pode alguém ser *robusto*, ter boa construção física, forte, e não ser *válido*, isto é, não ter a capacidade de atuar, de empregar a sua robustez. *Válido* é que está apto para o exercício de sua pessoa física. *Robusto* é apenas aquele que é forte, força que se manifesta na apreciação popular, pela cor, pelo corado do rosto. Ao lado de *válido* temos *valido*, que tomou o significado de pessoa de confiança, íntimo, confidente.

V - 39 (2) *a barba esquálida* — Suja, maltratada.

V - 39 (3) *e a postura medonha e má* — Esta é a palavra genuína, *postura*, que substitui o galicismo *atitude*.

V - 40 (1) *De Rodes estranhíssimo Colosso* — O *Colosso de Rodes*, uma das sete maravilhas do mundo. Era enorme estátua de Apolo, o Sol, colocada no fundo do porto de Rodes. Foi construída pelo discípulo de Lisipo, *Kharès de Lindos*, que trabalhou durante doze anos de 292 a 280 a. C. Media 32 metros de altura e custara 300 talentos gregos. Fora feita com o bronze das máquinas deixadas por Demétrio Poliorcetes que cercara Rodes por muito tempo, desistindo da empresa. Um terremoto a derribou, em 223 a. C., sendo reerguida pelos romanos. Novamente destruída por novo tremor de terra, os seus destroços foram vendidos a um judeu da Emésia por Moawiah, general do califa Othman IV. Foram necessários 900 camelos para transportar a preciosa carga.

V - 49 (2) *um dos sete milagres do mundo* — As sete maravilhas do mundo foram: o Colosso de Rodes, o túmulo do rei Mausolo, o templo de Diana em Éfeso, as pirâmides do Egito, os jardins suspensos de Babilônia, o farol de Alexandria, a estátua de Júpiter em Olímpias.

V - 41 (1) *Nunca arados de estranho ou próprio lenho* — De duas figuras usa o Poeta: compara a proa dos navios ao ferro do arado e emprega *lenho*, a matéria, por *navio*, a cousa feita dessa matéria, uma metonímia. *Lenho*, do lat. *lignum*, árvore, tronco, pau. *Lenha* do pl. neutro *ligna*, combustível. Na língua religiosa o *Santo Lenho*, a cruz de Cristo.

V - 42 (1) *os segredos escondidos* — Pleonasmo inútil, pois, não há *segredo* que não seja *escondido, oculto*.

V - 42 (2) *Ouve os danos de mi apercebidos* — Escuta os castigos por mim preparados.

V - 43 (1) *Que tu fazes, fizerem* — É do gosto de Camões o uso do mesmo verbo em diversos tempos e modos, reminiscências da versificação arcaica, provençal com a doutrina do *dobre* e do *mosdobre*, isto é, do *mos*, por *mot*, palavra, *dobre*, duas vezes empregada, mas em tempos e modos diversos.

V - 43 (2) *ondas insofridas* — Ondas que não *sofrem*, que não permitem o domínio dos navios, ondas ainda não domadas pelo tráfego marítimo, ondas rebeldes ao jugo dos barcos.

V - 43 (3) *de improviso* — Inesperadamente, sem dar tempo para que se preparem e se defendam, de surprêsa.

V - 44 (1) *De vossa pertinace confiança* — *Pertinace*, forma anterior a *pertinaz*, do lat. *pertinacem* / *pertinace* e finalmente *pertinaz* pela apócope do *e*. Não se trata, portanto, de forma paragógica de *pertinaz* como, em métrica, erradamente se ensina.

V - 44 (2) *Naufrágios* — Em lat. *navifragium*, quebra, despedaçamento de navio: *fragium* de *frángere*, quebrar; *navi*, do navio, *nau*.

V - 45 (1) *E do primeiro Ilustre* — Foi Dom Francisco d'Almeida, primeiro vice-rei da Índia (1505-1509) — que aí morreu de uma azagaia na garganta. Morreram 50 portugueses cujos corpos foram enterrados na areia da praia.

V - 45 (2) *Aqui porá da turca armada dura / Os soberbos e prósperos troféus* — Aqui deporá, perderá os troféus obtidos na vitória contra a armada turca. Refere-se à vitória que o vice-rei da Índia tivera, na batalha naval de Diu (1509), destruindo a esquadra do sultão do Egito (armada turca) e a do senhor de Diu, Mélique Iaz.

V - 45 (3) *A destruída Quiloa* — Proparoxítona. O vice-rei tomou Quiloa em 24-7-1505 e Mombaça em Agosto do mesmo ano.

V - 46 (1) *Outro também virá* — Manuel de Sousa de Sepúlveda que se casara com Dona Leonor, filha de Garcia de Sá, governador da Índia (1548-1549). De volta a Portugal, 1552, naufragou o navio "S. João" na região do cabo da Boa Esperança. Eram 400 os náufragos, dos quais apenas 8 portugueses e 17 escravos conseguiram atingir a baía de Inhambane. Um navio português os levou a Moçambique. Dona Leonor e os filhos morreram de fome e Manuel de Sepúlveda, tendo enlouquecido, desapareceu nas selvas. Diogo do Couto narra esta tragédia em "Décadas" — VI-IX-21-22. Jerónimo Corte Real, cuja esposa Dona Maria da Silva era parente de Dona Leonor, escreveu um poema: "Naufrágio de Sepúlveda" em 17 cantos.

V - 46 (2) *trabalhos excessivos* — Sofrimentos extraordinários, além das forças humanas.

V - 47 (1) *Verão morrer com fome os filhos caros* — Infinito impessoal, tendo sujeito próprio, mas objeto direto do verbo principal *verão*. Em tal caso, existe completa liberdade, cabendo ao escritor a escolha entre o modo pessoal e impessoal. Camões usa do modo impessoal no terceiro verso desta estrofe: *"Verão os cafres tirar..."* Mas na estrofe 48 empregará o modo pessoal: *"E verão ficarem os dous amantes míseros* etc. Isto confirma o que acima dissemos: existe liberdade de emprego do modo pessoal ou impessoal quando o infinito está em função objetiva do verbo principal. A escolha depende do gosto do escritor. É o mesmo caso que se encontra em: *não nos deixeis cair em tentação; deixai vir a mim os pequeninos*. Pelo cotejo dos textos vê-se que o infinito impessoal é o mais freqüente.

V - 47 (2) *avaros* — É palavra paroxítona.

V - 47 (3) *perclaros* — Mais que *claros*. Formação de acordo com o latim *perdecorus, perdensus, perdisertus*. O prefixo *per* exerce verdadeira função de superlativo. As edições modernas trazem *preclaros*, o que não está na edição "princeps", e muito bem se explica pelo latim.

V - 47 (4) *calma* — O calor. Do gr. *kauma*, do mesmo tema de *kaiein*, queimar. Designava, no Mediterrâneo, os momentos de grande calor, sem ventos, donde *calmaria*. A passagem de *au* a *al* parece fenômeno próprio do português. Assim *altarius* deu-nos *outeiro*, com as fases *al / au / ou; alterum / altrum / outro; falce, fauce, fouce, foice*, etc. Em sentido já derivado temos *calmo* por tranqüilo, acomodado, sem agitação: espírito calmo, carácter calmo.

V - 47 (5) *Despois de ter pisada a areia ardente* — Note-se a concordância do particípio passado *pisada* com o objeto direto *areia*. Esta sintaxe já desapareceu da língua. Hoje dizemos — *depois de ter pisado a areia ardente*.

V - 48 (1) *E verão ficarem* — Veja o comentário 1 da estrofe 47.

V - 49 (1) *Dizendo nossos Fados* — A expressão *dizer fados* ou *fadar* é o mesmo que profetizar, predizer o futuro, o destino.

V - 49 (2) *alçado* — levantado, erguido e também zangado, encolerizado, assomado. *Alçar* do lat. *altiare*, formado de *altus*, alto. Temos muitas expressões em que entra *alçado, alcar: alças* de um móvel, de caixão, de vestido, pegadores por onde se pode erguer, elevar o móvel ou suster o vestido. É um deverbal de *alçar*. *Alçada*, tribunal de alçada, isto é, tribunal superior, colocado mais alto do que o comum e para o qual se recorre dos julgados deste. Neste mesmo sentido se diz: isto ou aquilo não é da minha *alçada*, de meu julgamento, da minha decisão. Carácter *alçado*, carácter assomado, que facilmente se enfurece.

V - 49 (3) *Como quem da pergunta lhe pesara* — Pesar-se de, aborrecer-se, não gostar de. Raramente usa Camões *pregunta, preguntar*. A forma predominante é sempre *pergunta, perguntar*. Ambas eram paralelas, terminando a segunda por vencer a primeira. Do lat. *percontari*, fazer sondagens no fundo do mar para determinar o calado dos navios, tanto poderíamos ter *perguntar* como *preguntar* com metátese da vibrante.

V - 50 (1) *Cabo Tormentório* — O cabo das Tormentas foi descoberto em 1486 por Bartolomeu Dias. D. João II mudou-lhe o nome para o de cabo da Boa Esperança.



V - 50 (2) *Que nunca fui notório a Ptolomeu, Pompónio, Estrabo, Plínio*: temos um dos raros casos de voz passiva (*fui notório*) — *fui conhecido* — com o complemento de causa eficiente regido pela preposição *a: a Ptolomeu*, etc. Veja caso idêntico na estrofe 28 - comentário 6, deste canto. Enumera Camões os principais geógrafos e cosmógrafos da antigüidade: *Ptolomeu*, de Alexandria, deixou um tratado de geografia com o nome *Megale Syntaxis*, traduzido pelos árabes sob o título *Takrir al Megeste*. Deste título se fez o nome comum pelo qual é conhecido *Almagesto*. Contém a geografia do tempo, a cosmografia, com noções de geometria e trigonometria. // *Pompônio Mela* era espanhol, viveu em Roma no império de Tibério e Cláudio. Deixou-nos o seu tratado geográfico *De Situ Orbis*, denominação aproveitada por Duarte Pacheco Pereira para o seu *Esmeraldo de Situ Orbis*. // *Estrabo* ou *Estrabão*: Marco Estrabo, natural da Capadócia, autor de uma cosmografia, como diz Duarte Pacheco Pereira: "Marquo Estrabam, capadoçio, muito antigo autor e de grande authoridade, quasy no meo do seu primeiro livro da cosmografia", etc. (Prólogo). // *Plínio*: Caio Plínio, o Antigo — "Guayo Plinio, senador de Roma, excellente author", diz o mesmo Duarte Pacheco. Escreveu a sua "Naturalis Historia" em 37 livros. Faleceu na erupção do Vesúvio que destruiu Herculanum e Pompéia, no ano 76 a. C. Foi um dos maiores eruditos de Roma.

V - 51 (1) (2) *Fui dos filhos aspérrimos da Terra* — Os gigantes que moveram guerra aos deuses. Veja c. II - 112. Eram muitos e Camões enumera apenas Encélado, Egeu, Centimano. Este possuía cem braços e hálito de fogo. Foram vencidos por Júpiter, graças aos raios inventados por Minerva, mas fabricados por Vulcano e seus ciclopes. Foram sepultados vivos no Etna, na Sicília. Lá continuaram a esbravejar e a revoltar-se, fazendo tremer a montanha e soltando pela cratera o seu hálito de fogo. // *Centimano* era denominado também Briaréu. Camões acentua *Centimano* por causa da rima. // *Adamastor* — Vergílio, na Eneida, III - 614, traz *Adamastus*, indomável. Homero, na Ilíada XXII - 212, consigna *Damastor*, o domador. Camões reuniu os dois elementos em *Adamastor*, o indomável, o invencível.

V - 51 (3) *e fui na guerra* — Estive na guerra, como no c. VI - 54: *Porque eu serei convosco em Inglaterra* — ou 55 — *Não for convosco ao prazo instituído*.

V - 51 (4) *Contra o que vibra os raios de Vulcano* — Júpiter. Veja c. I - 22.

V - 51 (5) *conquistando as ondas do Oceano* — Adamastor, enquanto os demais gigantes atacavam o Olimpo, foi atacar o Oceano para destruir a armada de Netuno. Foi uma estratégia para dividir os inimigos então aliados, Júpiter e Netuno.

V - 52 (1) *esposa de Peleu* — Camões confunde dois nomes quase iguais: *Thetis*, filha de Nereu e Dóris, esposa de Peleu, com *Tethys*, esposa do Oceano, avó da primeira. Tal confusão já vinha desde Vergílio.

V - 52 (2) *co'as filhas de Nereu* — As Nereidas, filhas de Nereu e Dóris. Eram mais de 50.

V - 53 (1) *Como fosse impossibil alcançá-la / Pela grandeza feia de meu gesto* — Como fosse impossível conquistá-la por causa da extraordinária feiura do meu rosto.

V - 53 (2) *Qual será o amor bastante* — Suficiente, capaz de corresponder ao amor de um gigante.

V - 54 (1) *grandes abondanças* — A terminação átona, latina, *ntia, tia* palatiza-se em *ça: gratia = graça; pigritia = preguiça; linguitia = lingüiça; praesentia = presença; quaerentia = querença*, etc. Ao lado, porém, destas formações regulares, temos *ancia: abundância, ciência, abstinência;* e na língua popular *desgrácia*.

V - 54 (2) *Encheram-me o peito de desejos e esperanças* — Qual o sujeito de *encheram o peito?* Pelo contexto deve ser *resposta* e então deveria ir ao singular o verbo: *encheu*. Poderá ser, contudo, um caso de sujeito indeterminado: a indeterminação do sujeito se expressa, na voz passiva, pela terceira do singular: *conta-se, diz-se;* na voz ativa, pela terceira do plural: *contam, dizem*. Já recebemos do latim estas duas maneiras de indeterminar o sujeito: *fertur, dicitur, narratur; ferunt, dicunt, narrant*.

V - 55 (1) *Como doudo* — Ainda está por ser determinada a origem do adjetivo *doudo, doido:* a hipótese mais aceitável é que venha do inglês *dold*, bobo, com a vocalização do *l* gutural em *u* ou *i*. No inglês moderno diz-se *dull*.

V - 56 (1) *Oh! Que não sei de nojo como o conte* — De nojo, de pesar, de pesar produzido pela vergonha do grande engano em que caiu. Ainda hoje, estar *de nojo* é estar de luto, em grande pesar ou sofrimento. *Nojo* é tomado em sentido moral. Procede do lat. *in odium:* é o *ódio*, a aversão, a repugnância, quer seja física ou moral que qualquer cousa, acontecimento nos causa.

V - 56 (2) *De áspero mato* — Fazemos distinção entre *mato*, qualquer vegetação, e *mata, floresta*. Quanto à etimologia, nada há de certo. No latim medieval aparece *matta* e C. Michaelis de Vasconcelos propôs o gótico * *mathwa*, prado, campo. De * *mathwa* deriva-se *meda*. Se a fonética pode ser aceita (*mathwa = mata*) a semântica não ajuda.

V - 56 (3) *quedo* — Do lat. *quietus*. Existem as variantes *queto, quieto, quedo*.

V - 57 (1) *não te agrada* — Deveria ser: *agradava*.

V - 57 (2) *Que te custava* — Reina grande confusão no uso de *custar*. No

significado de *preço, valor*, é pessoal e não oferece nenhuma dificuldade: *Custam* muito os livros — *Custou-me* os olhos da cara o novo dicionário que adquiri. Quanto *custará* uma viagem à Europa? No significado de *ser difícil, oferecer dificuldades*, é impessoal: *Custou-nos* muito chegar ao colégio — *Custa-me* dizer-lhe que tudo será inútil — *Que te custava* ter-me neste engano? A maioria já desconhece esta construção impessoal, empregando sempre a pessoal em ambas as significações do verbo: *Custei* a chegar ao colégio. Os presos *custaram* a dizer a verdade. — Todas estas construções estão erradas, devendo o verbo ser empregado impessoalmente.

V - 58 (1) *imigo* — Na ortografia mista escrevia-se *immigo*, de *inimigo*, com síncope da antetônica *i* e conseqüente assimilação das nasais.

V - 59 (1) *Converte-se-me a carne em terra dura* — A palavra *terra* quer dizer *seca, enxuta*, do mesmo tema de *térgere*, enxugar, secar: *tersus, tersa*, particípio passado daquele verbo. Houve assimilação não muito comum de *s* a *r* = *terra*.

V - 59 (2) *cabo* — Do lat. *capu(t)*, propriamente, *cabeça*, e em sentido secundário *extremidade, ponta*. Diretamente do primeiro significado *cabo*, chefe militar.

V - 60 (1) *e, c'um medonho choro* — Explica-se o adjetivo *medonho* pelo sufixo do lat. vulg. *oneus, onea*, feito segundo *ânea* do lat. clás. Este é formador de substantivos como *aranea* = *aranha; castanea* = *castanha;* * *montanea* = *montanha; manea* = *manha*. Aquele forma adjetivos: de *medo, medonho;* de *triste, tristonho;* de *riso, risonho*, etc.

V - 60 (2) *os duros casos que Adamastor contou futuros* — Em ordem direta — *os duros casos futuros que Adamastor contou* — Os acontecimentos trágicos com que, no futuro, Adamastor se vingaria da audácia dos portugueses. Tais acontecimentos não eram senão fatos normais, decorrentes da situação geográfica do cabo da Boa Esperança. Nesta ponta extrema encontram-se as correntes marítimas, os ventos de direções opostas, causando tempestades, tormentas. Sendo as naus portuguêsas bastante frágeis para tamanhas distâncias, naturalmente deveriam sossobrar, naufragar. A imaginação, a mitificação necessária de todo poema, levou o Poeta a criar essa figura de Adamastor e ver, nos fenômenos naturais as conseqüências da cólera do monstro.

V - 61 (1) *Já Flegon e Piróis vinham tirando* — O carro do sol era tirado por 4 cavalos: *Flégão (Phlegon), Pirois, Eôo* e *Etão (Éthon)*. Usa o Poeta a correta expressão *vinham tirando o carro radiante*. *Tirar o carro*, mais elegante que *puxar o carro*. Os nomes gregos em *on* devem ser transcritos, em português, por *ão: Flégão, Etão*. Existe muita confusão entre os autores, neste sentido. Seria necessário uniformizar todas estas transcrições, dando-lhes a terminação acima indicada. Assim *Odeão, Partenão, Zenão*, etc.

V - 61 (2) *navegámos, tomámos* — É necessário indicar pelo timbre da vogal tônica *a*, a diferença entre o presente do indicativo e o pretérito perfeito dos verbos da primeira conjugação: *navegamos* (presente), *navegámos* (pretérito perfeito). É um semantema fonético, isto é, uma alteração do timbre vocálico que serve para indicar as várias funções da mesma forma gramatical. Eis o que, há tantos anos, escreveu, esclarecendo este problema de morfologia indicado pela fonética, o Prof. Vasconcelos de Abreu: "A forma gráfica portuguesa *louvamos* corresponde às duas latinas *laudā-mus, laudāvi-mus*. Na região glotológica do Reino, onde há vogais longas, o a de *louvamos*, no presente, é *a* longo e aberto, como são todas as vogais longas da mesma região. Corresponde ao *a* longo latino do radical *laudā*. — Na região glotológica do Reino, onde não há vogais longas, o *a* de *louvamos*, no presente, é *a* breve e fechado, como é natural por influência fisiológica da nasal *m* da flexão *mos*. A forma latina *laudā-vi-mus* transformou-se em português noutra forma na qual *a* representa a contração de *ā-vi*. Ora esta contração nunca podia dar *a* com menor gradação do que *a* longo em dialetos que tenham vogais longas; e, por isso mesmo que foi contração, o fato morfológico obstou a que a articulação *m* desse ao *a* o som fechado *â*, na região em que as vogais são por natureza breves. Assim em o norte o *a* longo e aberto de *louvamos*, 1.ª pes. pl. pres. e pret. do indicativo, representa *a* de *laudā* e *ā-vi-* de *laudāvi*, contracto. Confundiu-se, pois, na pronúncia uma e outra formação portuguesa. No centro e no sul o *a* breve, fechado da 1.ª pes. pl. pr. do indic. representa *a* de *laudā;* enquanto o *a* breve, aberto, da 1.ª pes. pl. pret. do indic. representa a contração de *ā-vi* de *laudāvi*. Aqui a mesma gradação quantitativa (breve), corresponde também à vogal longa e à contração; mas a gradação qualitativa, embora não fundamental, estorvou a confusão das duas formas originárias" (Revista Lusitana — vol. I-32-33). Depois desta exposição não muito clara, tudo se resume no seguinte: tanto o *a* de *lauda-mus* (pres. do indicat.) quanto o *a* de *lauda-vi-mus* (pretérito perfeito do indicat.) são *longos* e como tais deveriam ter correspondente, em português, *a* aberto. Tendo-se as duas formas verbais dado uma única: *louvamos*, quer no presente, quer no pretérito perfeito do indicativo, o timbre do *a* deveria ser aberto e longo: *louvámos*. Mas se a formação do presente do indicativo é regular, a presença da nasal *m*, influindo no timbre do *a* que a antecede, deu-lhe timbre fechado. A vogal continua longa, porém, pela influência da nasal, em vez de ser *aberta* é *fechada* em seu timbre. A formação, entretanto, do pretérito perfeito do indicativo *laudavimus*, louvamos, oferece-nos certa irregularidade que não se encontra em *laudamus* = *louvamos: lauda-vi-mus* se contraiu sem que a nasal de *mus* pudesse influir no timbre de *a* pela separação posta por *vi*. Por esta razão, este *a*, sendo longo, ficou com o timbre *aberto* e não *fechado* como em *laudamus*, pres. do indicat. Com tal base teórica, deveria a língua distinguir, pelo semantema fonético, *louvâmos* (pres do indic.) de *louvámos* (pretér. perf. do indicat.). É isto que se preconiza na maioria das gramáticas do nosso idioma. J. Leite de Vasconcelos, em notas ao artigo de Vasconcelos de Abreu, afirma que: no norte de Portugal, a confusão se deu entre as duas formas porque ambas tem o *a* com timbre aberto: *amámos, amámos*. No sul, ao contrário, a con-



fusão se deu em sentido oposto: o timbre, em ambas as formas, se manteve fechado: *amâmos, amâmos*. Somente no centro (Lisboa-Coimbra) é que os dois timbres são observados, correspondendo à formação fonética: *amâmos* (pres.) e *amámos* (perfeito). No Brasil, se não por um esforço consciente, fruto do aprendizado das escolas, não se faz esta distinção preconizada. Aqui seguimos o caso do sul de Portugal: pronunciamos as duas formas com timbre fechado.

V - 63 (1) *avenas* — Latinismo de Camões: *avena, ae*, flauta pastoril.

V - 63 (2) *Imitando de Títiro as Camenas* — Veja c. I - 5. *Títiro* é o personagem principal da primeira égloga de Vergílio, um pastor feliz. // *Camenas* — Em latim, mas de origem etrusca, *Camenae:* foram primeiramente divindades dos rios, das fontes. Depois, correspondendo às *Musas* dos gregos, presidiram à poesia. É célebre o epitáfio que o poeta Névio compôs para o seu próprio túmulo, não sem pouca modéstia:

> "Mortaleis Immortaleis flere si foret fas,
> Flerent divae Camenae Naevium poetam.
> Itaque postquam est Orcino traditus thesauro,
> Obliteis sunt Romae loquier latina lingua".

Isto é: Se fosse permitido que os Imortais chorassem os mortais, as divinas Camenas chorariam o poeta Névio. Depois que ele foi entregue ao tesouro da morte, esqueceram em Roma, falar a língua latina.

V - 64 (1) *As velas dando, às âncoras levamos* — *Dar as velas*, expressão de náutica: abrir as velas aos ventos, sinal de partida. *Levar as âncoras*, — outra expressão da mesma língua: suspender as âncoras, desferrar os navios, largar.

V - 65 (1) *Aquele ilhéu deixámos* — Refere-se ao Ilhéu da Cruz onde Bartolomeu Dias, em 1488, levantou um marco encimado de uma cruz. Foi o primeiro navegador português que dobrou o cabo Não, descobrindo o cabo das Tormentas, depois cabo da Boa Esperança. O ilhéu da Cruz foi o ponto final desta expedição, daí regressando a Lisboa.

V - 66 (1) *Entre tormentas tristes e bonanças* — A *bonança* vem após a tormenta. Deveria ser *bonaça*, como em italiano *bonaccia* e *bonazza;* em francês *bonasse* e no latim medieval *bonacia*. Houve nasalação: *bonança*. Entra muito de superstição na formação desta palavra: a sua origem primeira foi o grego *malakia*, propriamente, moleza, calma, descanso, estado de tranqüilidade que se segue a uma tempestade, a um trabalho árduo, seja físico ou moral. Como, porém, as primeiras duas sílabas *mala*, foneticamente, faziam lembrar o latim *mala* de *malus*, mau, substituíram-na por *bona* de *bonus*, bom, dando *bonacia*. A palavra é paroxítona em grego, mas proparoxítona em latim. Desta forma *bonacia* foi que se formaram as diversas variantes nas diversas línguas românicas. A portuguesa *bonança* é a que mais se afasta pela nasalação aí produzida.

V - 66 (2) *árduas esperanças* — Esperanças difíceis de realizar. O lat. *spes* não passou à nossa língua. Já no latim vulgar tinha sido substituída por *sperantia*, propriamente, *cousas que são esperandas*, partic. presente, neutro plural de *sperare: sperans, sperantis*. No neutro plural *sperantia*.

V - 67 (1) *Era maior a força em demasia* — A força das correntes marítimas era demasiada. Curiosa é a formação desta palavra, verdadeira coalescência vocabular: *de* + *mais* + *ia*. Perdendo a acentuação própria, o advérbio *mais* se monotongou em *mas*. Na língua popular de Lisboa, *demasia* possui o significado de troco: aquilo que excede o preço pago e nos é recambiado pelo vendedor. Outra formação deste vocábulo é o indefinido *demais*. Todos os *demais* viajantes chegaram bem. Precedido da prepos. *a: a demais*, toma o sentido de *além de*.

V - 67 (2) *Injuriado Noto da porfia* — *Noto*, aqui, é o vento que soprava de popa a proa. // *Injuriado*, ofendido pela *porfia*, pela luta com a corrente. "E isto causaram as correntes que aqui são grandes... que nos durou três ou quatro dias, onde rompemos as correntes a que nós havíamos grande medo nom nos leixar aver aquillo que desejavamos", diz o "Roteiro da Viagem de Vasco da Gama". Encontra-se a armada portuguesa em luta com a fortíssima corrente do canal de Moçambique que o atravessa de norte a sul e depois, contornando a costa, se dirige ao sul do cabo das Agulhas.

V - 68 (1) (2) *três Reis* — Os Reis Magos que foram a Belém adorar a Jesus Menino, o *Rei de pouco nado*, isto é, nascido há pouco. Este partic. pas. *nado*, evolução do latino *natus*, desapareceu da língua viva, substituído por *nascido*. Sòmente na poesia e ainda aqui, raramente encontramos tal palavra. // *No qual outros três Reis há juntamente* — Há em Cristo três realezas ou três Pessoas Reais: Padre, Filho (que é Ele mesmo) e o Espírito Santo.

V - 68 (3) *Num largo rio, ao qual o nome demos* — O Rio dos Reis. Ainda não foi possível identificar este rio: para uns é o atual Zavala; para outros, o Limpopo.

V - 69 (1) *Desta gente refrêsco algum tomámos* — Tomámos, colhemos, recebemos alguns víveres desta gente, tal é o sentido de *refrescos*, víveres, vitualhas, mantimento novo, fresco. Na língua de Camões, a posposição do indefinido *algum* ao substantivo não tem o significado negativo que hoje possui na língua moderna.

V - 69 (2) *quamanha terra andámos* — Que grande, que enorme terra caminhámos. O lat. *quam magnus, quam magna* = *quamanho, quamanha*, outrora escritos *camanho, camanha*, de semelhante formação a *tamanho, tamanha*, do lat. *tam*

*magnus, tam magna.* Note-se o verbo *andar* usado como verbo ativo, transitivo: *andar terras.* No simples sentido de caminhar, é intransitivo. Ex.: *Já andei* muito hoje. Usado como verbo neutro, de estado, requer completivo predicativo: Os climas *andam mudados* ultimamente. O pai *andava triste* com os maus resultados da escola.

V - 69 (3) *Sem sair nunca... / Sem vermos nunca* — Com a preposição *sem* é freqüentíssimo o uso do infinito pessoal ainda que tenha o mesmo sujeito do verbo principal. Camões, em dois versos consecutivos nos dá dois exemplos: *sem sair* (infinitivo impessoal); *sem vermos* (infinitivo pessoal). Bernardes escreveu: "E era um homem pegando fortemente de um gato vivo e às dentadas comendo-o, com pele e cabelo e tudo, *sem lhe valerem,* entretanto, ao miserável animal nem o refinado dos gritos nem o assanhado da cólera, até que, enfim, bocado e bocado, entrava todo no ventre daquela fera humana, com riso de uns, nojo de outros e pasmo de todos" (N. Fl. II - 39) — "...quantos vícios execráveis e feios lhe trouxe o inferno ao coração e à pena, *sem ficarem* de fora nem os que pelo Santo Ofício merecem relaxação à pena de fogo", etc. (Idem - 198) — Camilo escreveu: "Saíste da sala *sem te despedires*... A imprudência que cometeste *sem me consultares* (Os 12 Casams. Fels. 78-79) — Fernão Mendes Pinto: "Espingardas que tiravam *sem nunca cessarem*" (Peregr.).

V - 70 (1) *quão perdidos de fomes* — É expressão muito freqüente na fala do povo: F. está *perdido de dívidas* — Beltrano anda *perdido de feridas.* Variante, *andar morto de:* andar morto de fome, morto de sede.

V - 70 (2) *E do esperar comprido tão cansados* — Tão cansados do comprido esperar. Bela expressão: um longo esperar também cansa.

V - 70 (3) *Por céus não naturais* — Por climas a que não estavam acostumados, infensos à vida humana.

V - 71 (1) *E além disso, nenhum contentamento / Que se quer da esperança fosse engano* — Notemos primeiro a beleza do pensamento: um contentamento que fosse engano da esperança. Depois *se quer,* em duas palavras, como era corrente na literatura arcaica e clássica. Da mesma forma se escrevia *qual quer.* Somente após o romantismo foi que se justapuseram os dois vocábulos: *sequer, qualquer.*

V - 72 (1) *já não foram levantados contra seu capitão* — Levantar-se contra, revoltar-se, rebelar-se.

V - 72 (2) *se os resistira* — O verbo *resistir* admite objeto direto como está no verso, e também objeto indireto: resistir aos males.

V - 73 (1) *pego* — Lat. *pélagus,* mar, oceano, abismo. Convém lembrar a expressão: escuro ou negro como um *prego,* em que *prego* está por *pego:* escuro, tenebroso como o mar. Sendo *pego* palavra de pouco uso, o povo a substituiu por *prego,* que, tomado à letra, não tem significado na frase popular.

V - 73 (2) *Sofala* — A província de Sofala, na África meridional, em Moçambique. A cidade de Sofala entrou em decadência depois da fundação de Quiloane que passou a ser a capital. É província muito rica de rios e arvoredos, muito fértil em seu solo, mas as costas são paludosas e oferecem perigo à vida humana. Vasco da Gama aí esteve e, em 1508, foi instalado um governo português.

V - 74 (1) *Esta passada* — Esta colocação foi substituída por *passada esta,* colocando-se, em primeiro lugar, o particípio e depois o pronome ou o substantivo. As duas colocações eram conhecidas da língua clássica, mas a moderna repele a primeira e muitos a chegam acoimar de galicismo, sem razão.

V - 74 (2) *ao sacro Nicolau* — São Nicolau é o padroeiro dos navegantes.

V - 74 (3) *Do que esperava já desesperado* — *Já desesperado do que esperava* — Jogo de palavras entre *esperar* e *desesperar.*

V - 75 (1) *Batéis a vela* — Não há necessidade de crase por faltar o artigo nas expressões adverbiais. Comprova-se a ausência do artigo alterando a expressão: *batéis de vela, batéis com vela.* Os sempre horrorizados com galicismos, impugnam esta maneira de dizer, achando que é da língua francesa e não da nossa. Se Camões a empregou, já tem por si o seu alto conhecimento do cunho do nosso idioma.

V - 75 (2) *achar novas algumas* = *achar algumas notícias.* A posposição de *algumas* não dá à frase sentido negativo como é da língua moderna. Veja estrofe 69.

V - 76 (1) *Etiopes são todos* — Camões desloca o acento: *etiópes,* como já fez na estrofe 32 deste canto.

V - 76 (2) *Palavra alguma arábia* — *Alguma palavra árabe* — ou — *arábica.* O adjetivo *arábio, arábia* foi suplantado por *árabe, arábico.* Quanto a posição de *alguma,* veja 75 (2).

V - 77 (1) *Fernão Martins* — Tinha sido prisioneiro dos mouros com os quais aprendera o árabe e ia na expedição como intérprete, como *língua* como então se dizia.

V - 77 (2) *naus que em grandeza igualam as nossas* — Tem muitas regências o verbo *igualar,* tornar igual: transitiva direta como está no verso; transitiva indireta: *igualar a* e *igualar com.*



V - 77 (3) *o seu mar se corta e fende por naus* — Mais um exemplo da construção já desaparecida da língua: a voz passiva com partícula *se* e o complemento de causa eficiente expresso: *o seu mar se corta e (se) fende por naus.* Modernamente, com partic. *se,* não se expressa o complemento de causa eficiente, ficando o sentido da frase indeterminado. Quando queremos expressar o agente, o complemento de causa eficiente, usamos do processo apassivante com verbo auxiliar: *o seu mar é cortado por naus.*

V - 78 (1) *rio dos Bons Sinais* — Chama-se hoje *Quilimane.*

V - 78 (2) *do belo Guiador de Tobias a Gabelo* — Refere-se ao conto bíblico que vem no livro de Tobias: Pai e filho tinham o mesmo nome Tobias. Quando o filho ficou moço, mandou-o o pai à terra dos Medos a cobrar uma dívida, a receber de Gabélo certa quantia que tomara emprestada do velho Tobias. Procurando um companheiro de viagem, mas que conhecesse o caminho, encontrou outro mancebo, nada menos do que o anjo Rafael que o levou e o trouxe são e salvo. Quando Tobias banhava os pés no rio Tigre, foi acometido por um peixe disforme. Ordenou-lhe o anjo que o agarrasse pelas guelras, tirasse o coração e o fel para efeitos medicinais, servindo a carne de repasto para a viagem. Uma pequena porção do coração do peixe, queimada, purificava os ares e afugentava os demônios. O fel, passado nos olhos dos cegos, lhes recobrava a vista. Foi assim que, de volta, curou Tobias filho a cegueira de Tobias pai. O anjo Rafael fez mais ainda: quando chegaram a Ragés, cidade dos Medos, descobriu aí um parente de Tobias, Raquel, cuja filha única, herdeira de todos os seus bens, estava viúva de sete maridos. Queria o anjo que Tobias se casasse com ela, mas tinha medo, pois, os demônios tinham matado os sete maridos dela. Com a fumaça do coração do peixe, o perigo desapareceu e fez o casamento. Continuaram o caminho até Ecbátana, receberam a dívida e voltaram tranqüilamente. Camões usou *guiador,* quando a língua moderna diz apenas *guia.*

V - 79 (1) *ostrinhos* — O masculino *ostro,* que os dicionários registram, foi suplantado pelo feminino *ostra.* O lat. apresenta *ostreum, i,* neutro, de que provém *ostro;* mas do neutro plural *ostrea* descende diretamente o feminino *ostra.* Este feminino já se encontra no próprio latim: *ostrea, ae* e também *ostreae, arum.*

V - 79 (2) *Nojosa criação das águas fundas* — O adjetivo *nojoso, nojosa* tinham o significado de aborrecido, amolante, fastidioso, que causa desprazer, como ainda está em italiano *noioso.* Mas também significava repugnante como ainda hoje.

V - 79 (3) *imundas* — Esta é a forma negativa de *mundus, munda,* limpo, limpa, que não passou para as línguas românicas.

V - 80 (1) *Ramnúsia* — Deusa da inveja e da vingança. É propriamente *Némesis* aqui chamada *Ramnúsia* por ser venerada em *Ramnos,* na Ática.

V - 81 (1) *doença crua e feia* — O escorbuto. João de Barros explica: "A maior parte foi de herisipolas e de lhe crecer tanto a carne das gengivas, que quasi não cabia na bocca, apodrecia e cortávão nella como em carne morta" (Dec. I-4-3). *Escorbuto* vem do holandês * *schorbut,* hoje, *schurft,* existindo em latim medieval *scorbutus.* Designava, no começo, a tinha, a pelada, e por extensão, pessoa miserável. Aplicou-se a palavra à enfermidade de que falamos pelo aparecimento de placas esbranquiçadas no corpo e sobretudo pelo estado de extrema fraqueza e miséria física a que fica reduzido o enfermo. As gengivas sangram abundantemente, apodrecendo com muita rapidez. Há hemorragias internas e externas, vindo a pessoa a falecer dentro de pouco tempo.

V - 82 (1) Descrição dos efeitos externos do escorbuto.

V - 82 (2) *médico astuto* — Médico hábil.

V - 82 (3) *Cirurgião* — Camões escreveu *sururgião,* havendo ainda a variante *selorgião, solorgião.* Médico operador.

V - 82 (4) *instruto* — Instruído, estudado, que tivesse feito estudos próprios, que fosse perito. O partic. *instruto* desapareceu do uso vivo da língua.

V - 83 (1) *Foram sempre conosco aventureiros* — Que tomaram parte nas aventuras, nos riscos e perigos da longa navegação. Hoje *aventureiro* tem significado depreciativo, o que não tinha na língua antiga.

V - 83 (2) *de todo o ilustre* — Hoje diríamos: *de todo ilustre,* de qualquer pessoa notável.

V - 84 (1) *Na dura Moçambique* — Refere-se à chegada a Moçambique, c. I - 69, em que começa a narração de Vasco da Gama. // *Dura* no sentido de cruel, cheia de falsidades.

V - 85 (1) *Até que aqui, no teu seguro porto, // Nos trouxe a piedade do alto Assento* — Temos um verbo de movimento *trazer,* regendo complemento com prep. *em: a piedade do alto assento nos trouxe no teu seguro porto.* Tal sintaxe, recebida do latim, viveu na língua arcaica e clássica e está muito viva na língua do Brasil, ainda daqueles que passaram pela escola. A língua literária, porém, a proscreveu, exigindo que se empregue a preposição *a* ou *para.*

V - 85 (2) *Dará saude a um vivo e vida a um morto* — Observe-se a força expressiva deste verso.

V - 85 (3) *conforto* — No sentido de consolo, ajuda moral, é bom português, como se depreende do verso camoniano. No sentido de comodidade material é anglicismo. As duas significações já se contaminaram e não há mais o que discutir nem diferençar.

V - 86 (1) Realmente, as famosas navegações de Ulisses e de Enéias desaparecem perante as realizadas pelos portugueses. O Mediterrâneo, que não é dos mares maiores da Europa, foi o teatro único dos dois heróis. Ulisses era tão mau navegante que, saindo de sua ilha de Ítaca, dificilmente pôde a ela regressar.

V - 86 (2) *Ousou alguém a ver* — Modernamente não se emprega a prep. *a*: *ousou alguém ver.*

V - 86 (3) *esfôrço e arte* — Quase como no c. I - 2 — *engenho e arte.* Aqui *esfôrço*, denodo, dedicação; *arte*, conhecimento e habilidade de navegador.

V - 87 (1) *Esse que bebeu tanto da água Aônia* — Homero. // *Água Aônia* — Note-se a construção apositiva: *água Aônia* e não *água da Aônia*. Era o lugar da Beócia onde estava a fonte inspiradora de Aganipe.

V - 87 (2) *contenda peregrina* — Ainda hoje não se sabe, ao certo, onde nasceu Homero, e nunca se saberá. Pouco importa: basta saber que existiu e que nos deixou as famosas obras *Ilíada* e *Odisséia*. Aulu Gélio enumerou as cidades: "Septem urbes certant de stirpe insignis Homeri / Smyrna, Rhodos, Colophon, Salamina, Ius, Argos, Athenae". Na opinião de Epifânio da Silva Dias, foi *Chios* a que maior soma de probabilidades apresentou. O curioso é que, na enumeração de Aulu Gélio, não consta *Chios*, mas *Ios*. Outros acham que Esmirna é a que maiores títulos apresenta para ser a pátria do grande épico.

V - 87 (3) *Ess'outro que esclarece tôda Ausônia* — Vergílio. // *Ausônia*, antigo nome da Itália. Note-se a ausência de artigo: *toda Ausônia*, o que hoje, seria erro.

V - 87 (4) *Ouvindo, o pátrio Mincio se adormece* — Pequeno rio da Mântua, terra natal de Vergílio, onde compôs os seus primeiros versos.

V - 87 (5) *o Tibre se ensoberbece* — O Tibre, o rio de Roma, se ensoberbece com a Eneida em que Vergílio canta os grandes feitos do povo romano.

V - 88 (1) *Circes. Polifemos* — *Circe* foi a feiticeira que reteve Ulisses na ilha de Eea, tendo transformado em porcos os companheiros do herói. // *Polifemo*, o monstro humano que tinha um olho único na testa, morto por Ulisses — Veja o c. V - 28.

V - 88 (2) *Sirenas* — As sereias, metade mulher, metade peixe, que com o canto atraíam para os rochedos os navios. Forma latina *sirena*, em port. *sereia*.

V - 88 (3) *Cicones* — Povo da Trácia que Ulisses e seus companheiros visitaram quando saíram de Tróia e com o qual entraram em luta. Note-se a figura: *navegar os Cicones* por navegar a terra, o país dos Cicones.

V - 88 (4) *e a terra onde se esquecem / Os companheiros, em gostando o loto* — Depois de deixar os Cicones, foi Ulisses com os companheiros arribar na costa africana, na Cirenaica. Aí existia os comedores de lotus — os *lotófagos* — que, em comendo desta flor, se esqueciam de tudo, perdiam a memória. Assim fizeram alguns marinheiros de Ulisses e não queriam regressar à nau. // *Gostar*: provar, comer, experimentar.

V - 88 (5) *Dem-lhe a perder nas águas o piloto* — Refere-se ao episódio de Palinuro, piloto de Enéias: quando navegava da Sicília para a Itália, Juno, para perseguir a Enéias, encheu de sono a Palinuro, que caiu no mar. Conseguiu, porém, nadando chegar até a terra onde foi assassinado pela população. Por castigo, dizimaram os deuses homens, mulheres e crianças. Para aplacar a ira celeste, os sobreviventes ergueram um monumento ao herói assassinado. É a origem do cabo Palinuro.

V - 89 (1) *Ventos soltos dos odres* — Refere-se à lenda de Ulisses, hóspede de Éolo, o rei dos ventos: deu-lhe este um odre onde estavam presos todos os ventos que podiam ser-lhe contrários à navegação. Quando já se avizinhavam de Ítaca, adormeceu Ulisses e os companheiros, pensando que houvesse ouro nos odres, abriram-nos: escaparam-se os ventos e obrigaram Ulisses a voltar à ilha de Éolo que não quis auxiliar novamente o herói.

V - 89 (2) *Calipsos namoradas* — A ninfa que morava na ilha de Ogígia — Veja c. II - 45. Reteve Ulisses por sete anos, oferecendo-lhe a imortalidade se com ela se casasse. Foi preciso ordem expressa de Júpiter para que ela desse liberdade ao navegante.

V - 89 (3) *Harpias que o manjar lhe contaminem* — Monstros, metade mulher, metade águia que viviam nas ilhas Estrofadas. Eram imundas e fedorentas. Quando Enéias e os seus tentavam tomar alimento, vinham as harpias e destruíam tudo, sujavam tudo. Vergílio a elas se refere: "diripuntque dapes contactuque omnia foedant / immundo. (Aen. III - 227-228).

V - 89 (4) *Descer às sombras nuas* — Alusão a diversos passos clássicos em que os heróis desceram a consultar as almas dos mortos, as sombras nuas, isto é, sem corpo: Ulisses consulta os mortos por meio de Tirésias (Odis. XI - 14): Enéias desce ao inferno para ouvir Anquises (Aen. VI - 226).

V - 89 (5) *Que, por muito e por muito que se afinem* — Note-se a reduplicação com força de superlativo: *por muito e por muito*. // *Afinar-se*: esmerar-se, exagerar-se.



V - 89 (6) *grandíloca escritura* — Os poemas eloqüentes da antigüidade: a Ilíada, a Odisséia, a Eneida.

V - 90 (1) *a antiga fortaleza* — Trata-se da força moral, da resistência aos sofrimentos e aos grandes trabalhos que Vasco da Gama tanto exalta na gente portuguesa.

V - 91 (1) *Vai recontando o povo o caso cada qual que mais notou* — Como sempre acontece, numa série de casos, os que ouvem a série toda, destaca sempre um determinado episódio, justamente aquele que mais o impressionou.

V - 91 (2) *Délio* — Apolo, assim chamado por ter nascido na ilha de Delos.

V - 91 (3) *o irmão de Lampécia* — Faetonte. As outras irmãs eram: *Faetusa, Lampetusa.*

V - 91 (4) *Tétios braços* — Nas águas do Oceano. Tétis, a princesa das águas, como se lê na estrofe 52 deste canto.

V - 92 (1) *Qualquer nobre trabalha que em memória / Vença ou iguale os grandes já passados* — É o sentimento da emulação: todo aquele que for nobre de sentimentos, trabalhará, se esforçará para que as suas memórias não sejam menores das de outros grandes do passado. *Trabalhará que* = esforçar-se-á para que.

V - 92 (2) *As invejas da ilustre e alheia história / Fazem mil vezes feitos sublimados* — Ainda o instigamento da emulação, aqui, das invejas, que leva a muitos a praticar grandes feitos para que não sejam menores dos por outros praticados.

V - 92 (3) *Louvor alheio muito o esperta e incita* — As vêzes, um simples aplauso é suficiente para que grandes obras sejam escritas ou praticadas.

V - 93 (1) *Alexandre, Magno*, tinha mais inveja de Homero do que de Aquiles, cujas façanhas celebrara na "Ilíada". Cícero, no seu discurso "Pro Archia", refere-se a este fato: "Atque is (Alexander) tamen cum in Sigeo ad Achillis tumulum adstitisset, "O fortunate, inquit, adulescens, qui tuae virtutis Homerum praeconem inveneris".

V - 93 (2) *versos numerosos* — Quer dizer: versos feitos com o número exato de pausas e de cesuras, com a metrificação correta, e não versos em grande número, em grande quantidade.

V - 93 (3) *Temistocles* — O herói da batalha de Salamina contra os persas. Tinha tanta inveja dos troféus, das vitórias de Alcebíades que não podia dormir. Maior inveja, entretanto, lhe causava a celebração de tais feitos.

V - 94 (1) *Trabalha por mostrar* — Esforça-se Vasco da Gama para mostrar, para colocar em evidência a superioridade da sua navegação sobre todas as demais que a fama enaltecia.

V - 94 (2) *Si*: é a forma primeira do advérbio latino *sic*. Somente em português posterior foi que, por analogia com *mim*, anteriormente *mi*, tomou também a nasal. Continua *si* em francês, espanhol e italiano. A mesma influência analógica foi que comunicou nasalidade ao composto *assi, assim*, do lat. *ad + sic*.

V - 94 (2) (3) *aquele Herói* — Augusto, celebrado por Vergílio (a *lira mantuana*). Nem Augusto nem Enéias seriam tão famosos se os não celebrassem os versos da Eneida.

V - 95 (1) *Dá a terra Lusitana*, etc. — Afirma Camões que Portugal tem suscitado grandes capitães como os Cipiões, os Césares, os Alexandros, os Augustos, mas não suscita poetas como Homero e Vergílio que sejam capazes de celebrar epicamente os feitos desses capitães portugueses.

V - 95 (2) *Octávio compunha versos* — É o que nos afirma Suetônio. Os versos de Octávio, depois Augusto, segundo a apreciação de Suetônio, não eram de grande valor. Em Portugal, nenhum dos grandes homens de fama militar seria capaz de fazer o mesmo.

V - 95 (3) *Fúlvia* — Casou-se, em terceiras núpcias com Marco Antônio, companheiro de Augusto e Lépido no triunvirato que se seguiu à morte de César. Foi abandonada por Antônio quando se ligou a Cleópatra.

V - 95 (4) *Glafira* — Era esposa do sumo sacerdote Arquelau, sacerdote de Belona, em Comana, na Capadócia. Além de formosa era também de grande inteligência. Alguns põem em dúvida o fato a que se refere Camões, pensando que tenha havido confusão entre Glafira e Cleópatra. Storck pensa que a confusão se tenha dado com Citeris, atriz mímica. O nome de *Glafira*, cuja acentuação correta é *Gláfira*, aparece num epigrama de seis versos feitos por Augusto e citados por Marcial. Não se sabe se esta *Gláfira* seja a mesma *Gláfira*, esposa de Arquelau e amante de Antônio, ou seja apenas um dos muitos pseudônimos femininos a que era moda recorrerem os poetas quando não queriam citar o verdadeiro nome de suas amantes.

V - 96 (1) *Vai César*, etc. — Caio Júlio César, o conquistador das Gálias e o vencedor de Pompeu, foi tão grande general quanto grande orador e escritor clássico. Como orador é citado pelo próprio Cícero; como escritor aí estão as "De Bello Gallico" e "De Bello Civili". Foi certamente, um dos maiores homens que a humanidade produziu.

V - 96 (2) *Cipião* — É Cipião, o Africano, protetor do poeta Terêncio. Escravo de guerra, o africano Terêncio conseguiu a liberdade pelo seu talento. Dizia-se então que o autor das comédias era o próprio Cipião, o que não é verdade, pois, morto este, continuou o poeta a fazer outras comédias.

V - 97 (1) *Enfim, não houve forte capitão* — Camões continua a sua crítica à falta de estudos, de preparo intelectual e muito mais à falta de gosto literário dos capitães portugueses. Aos seus compatriotas opõe não somente os capitães gregos e romanos, mas até os bárbaros.

V - 97 (2) *Sem vergonha o não digo* — Sente-se envergonhado o Poeta com a falta de cultura dos grandes homens portugueses. Em nenhum deles encontra produção poética porque todos eram néscios da arte, não podiam apreciar o verso, a rima. Júlio Dantas, português, em muitos dos seus livros de crônicas históricas, chega a afirmar que a maioria dos reis portugueses eram supinamente ignorantes. Um Dom Dinis e mais tarde a famosa tríade: Dom João I, Dom Duarte e o Infante Dom Pedro, foram exceções muito raras.

V - 98 (1) *Por isso, e não por falta de natura / Não há também Vergílios nem Homeros* — Para que Homero escrevesse a "Ilíada" e a "Odisséia" foi necessário, primeiro, que heróis como Aquiles, Ulisses e tantos outros, fizessem as façanhas que fizeram. Da mesma forma Vergílio não teria escrito a "Eneida", ficando nos seus versos líricos, se não houvesse Augusto que o incitou a escrever os fastos do povo romano a começar por Enéias. Em Portugal havia talentos poéticos, mas os capitães não sabiam apreciar as obras que tais poetas poderiam ter escrito. Não era, portanto, falta de *natureza*, de talentos espontâneos: faltava a apreciação de suas qualidades poéticas. Os maiores homens não tinham em conta alguma as produções em verso.

V - 99 (1) *As Musas agradeça o nosso Gama* — Diz Camões que a celebração dos feitos marítimos e terrestres dos portugueses, especialmente, o descobrimento do caminho das Índias, à frente dos quais está Vasco da Gama, foi apenas uma inspiração das Musas aliada ao "muito amor da pátria" e não efeito dos incentivos, dos aplausos, dos entusiasmos do próprio Gama. Nem este, nem outro qualquer descendente de sua estirpe prezaram a poesia, a favoreceram. Nenhum deles teve Calíope, a Musa da Epopéia, por amiga. As próprias filhas do Tejo, as Tágides, jamais teriam deixado os seus trabalhos comuns, *as telas de ouro fino*, para se ocuparem dos feitos e das fadigas dos portugueses. Em última análise, verbera Camões o pouco caso que os próprios descendentes do Gama deram ao seu poema e à sua pessoa, afirmando-lhes, porém, que se escreveu "Os Lusíadas", cujo herói principal foi o grande Vasco, não o fez senão levado pelo seu grande amor à pátria e pela inspiração que lhe deram as Musas, nomeadamente Calíope.

V - 100 (1) Continua a objurgatória de Camões contra os portugueses, de modo especial contra os grandes chefes militares de Portugal. Os seus êxitos os fizeram "Tão rudos e de engenho tão remisso" que das letras pouco se incomodam: "Que a muitos lhe dá pouco ou nada disso".

## Canto Sexto

VI - 1 (1) *O rei pagão* — Por *pagão* entende-se todo aquele que não é batizado na religião cristã. O adjetivo latino *paganus* derivado de *pagus*, aldeia, designava não somente o morador de tal lugar, oposto a *urbanus*, de *urbs*, cidade, mas envolvia ainda outra significação que foi apropriada pelo cristianismo: o de pessoa que não tinha seguido a carreira das armas, que nunca fizera parte das legiões romanas. Quando o cristianismo mudou a civilização do mundo, dando novas significações, todas espirituais, aos velhos vocábulos gregos e latinos já existentes, tomou *paganus* neste último significado: aquele que não queria tomar armas, seguir a vida militar. Transferiu, porém, o sentido cívico para o sentido religioso: *paganus* era todo romano, que não aceitava as armas da nova milícia, o cristianismo. O fato de morar na aldeia (*pagus*) ou na cidade (*urbs*) não tinha importância: o que importava era a adesão ou não à milícia de Cristo.

VI - 1 (2) *Pesa-lhe que a ventura o aposentasse* etc. — Temos aqui o verbo *pesar*, em sentido moral, de causar desgosto, arrependimento. Exige sempre complemento indireto da pessoa. No uso deste verbo quase não há quem erre, mas andam muitos errados quando empregam a expressão *em que pese*. Nesta expressão, *pese* é impessoal e não aparece senão na terceira do singular. Ex.: *Em que pese às declarações do Governo*, a administração do Estado anda muito mal dirigida. Note-se bem: *em que pese às declarações* — e nunca: *em que pesem as declarações* — como se *declarações* fosse o sujeito do verbo e por isso o colocam no plural. Tudo isto está muito errado e convém gritar contra os adulteradores da boa sintaxe portuguesa. O substantivo, que se segue ao verbo *pese*, é o complemento indireto e nunca o sujeito. Neste verso escreveu Camões apousentasse, evidentemente por seguir a fala comum do povo.

VI - 1 (3) *não no fez* — A nasal, que se encontra ao lado do pronome o (*no*) é o efeito da assimilação à nasal do ditongo *ão* de *não*, antigamente *non*, da dental *l* da primitiva forma do artigo e do pronome *lo*: *non + lo = nonno = non-no*, hoje, *não no*. Assim se dá com as formas verbais terminadas por nasal *m*: *dizem-no* salvo; ou *ão*: *dão-no* por salvo os médicos.

VI - 1 (4) *Donde Hércules ao mar abriu caminho* — O estreito de Gibraltar, antigas Colunas de Hércules. Lamenta o rei pagão que o reino dele não estivesse no norte da África, nas vizinhanças do estreito.

VI - 2 (1) *Com jogos, danças e outras alegrias* — Jogos, divertimentos esportivos, lat. *iocus*, *i*: *danças*, do holandês *dei(n)zen*, de um hipotético frâncico **dintjan*, mover-se de um lado para outro. Esta é a etimologia imaginada por Bruch. J. Corominas depois de passar em revista todas as hipóteses etimológicas, acha mais seguro dizer que a palavra é de origem desconhecida. *Dança* é um deverbal de *dançar* e este procede imediatamente do francês antigo *dancier*, hoje, *danser*.



VI - 2 (2) *A segundo a polícia melindana* — A antiga expressão *a segundo* passou a ser modernamente *segundo a, de acordo com*; // *polícia*, no sentido clássico de *civilização*.

VI - 2 (3) *Com usadas e ledas pescarias / Com que a Lageia António alegra e engana* — Narra Plutarco que António e Cleópatra foram pescar: como ele nada pescasse, mandou colocar no anzol um peixe pescado por outrem, só para dizer que era dele tal proeza. Cleópatra, fingindo tudo ignorar, noutro dia, mandou que um nadador prendesse ao anzol de António um peixe de conserva, já salgado. Houve grande zombaria quando o herói arrancou da água o anzol com tal presa. Os dois verbos deveriam estar no imperfeito do indicativo para perfeita correlação: *alegrava e enganava*.

VI - 3 (1) *Já mais* — Não confundir com a negativa *jamais*. Veja o mesmo caso na estrofe 5.

VI - 3 (2) *asinha* — Depressa, sem detença, imediatamente. Variante: *azinha*, *aginha*, do tema de *agil*, lat. *agilis*, *agiliter*. Note-se a alternância consonantal *g/z*: *aginha*, *azinha*, como *sergir*, *serzir*; *espargir*, *esparzir*. Pensamos que o poeta Fagundes Varela foi um dos últimos a empregar *azinha* em literatura moderna. No "Cântico do Calvário" escreveu: "Escada de Jacob serão teus raios / por onde azinha subirá minh'alma".

VI - 4 (1) Há, naturalmente, exagero retórico nestas expressões que o Poeta coloca nas gentilezas do rei pagão. Reaparece a palavra *barões*: veja o comentário do c. I - 1.

VI - 4 (2) *enquanto seu corpo o espírito reja* — Parece tradução do latim: *Dum spiritus hos reget artus*, da Eneida de Vergílio, IV - 336. Camões segue sempre o povo que nunca diz *espírito*, mas sempre *esprito*, evitando a palavra proparoxítona, com a síncope da postônica.

VI - 4 (3) *Estará de contino aparelhado* — Estará sempre pronto a sacrificar a vida e o reino, etc. Note-se a forma *contino*, hoje, *contínuo*: na língua clássica e arcaica, os ditongos imperfeitos perdiam a subjuntiva como em *bato* de *battuo*, *coso* de *cosuo*, *longinco* de *longinquo*, etc.

VI - 6 (1) *Os tálamos do Sol* — Os leitos do sol, como se o sol fosse um ser humano que nascesse em leito. *Tálamo*, do grego *thalamòs*, quer dizer leito e também câmara, quarto onde se dorme. Tomou o sentido de leito nupcial como se pode ver no c. III - 122.

VI - 6 (2) *o mau de Tioneu* — A preposição *de* é puramente expletiva: tanto podemos dizer o *bom do amigo F.* como o *bom amigo F.*; o *pobre do barão*, o *pobre barão*. *Tioneu* é outro apelido de Baco. Veja o comentário do canto II - 12.

VI - 6 (3) *Arde, morre, blasfema e desatina* — O verbo *arder* já fez *arço* no pres. do ind. pela palatização da dental *d* + *e* + *o*; a forma *ardo* é reconstrução clássica.

VI - 7 (1) *fazer de Lisboa nova Roma* — Lisboa seria como Roma a capital de um grande império.

VI - 7 (2) *Daquele a quem o mar caiu em sorte* — Quando Saturno foi destronado, os seus filhos dividiram os domínios entre si: Júpiter ficou com o céu e a terra: Netuno com o oceano e Plutão com o inferno.

VI - 8 (1) A moradia de Netuno. Note-se o recurso de estilística usado por Camões para dar-nos a impressão da profundidade em que se encontra o palácio do rei do oceano: *No mais interno fundo das profundas cavernas altas onde o mar se esconde*: *no mais interno fundo* — *das profundas* — *cavernas altas* — isto é, das *cavernas fundas* porque *altas* está no sentido que possuem em latim.

VI - 8 (2) *as húmidas deidades* — Não é do latim clássico, mas do cristão, a palavra *deitas*, *deitatis*, qualidade abstrata do que é divino, tirado de *deus*, *dei*, correspondendo a *divinitas*, *divinitatis*, do latim clássico. Tertuliano passa por ser o cunhador de mais de trezentas palavras latinas com significado novo, cristão.

VI - 9 (1) Descrição do palácio de Netuno — *Descobre o fundo nunca descoberto* — trocadilho do Poeta em que *descobre* está por *deixa ver*, *mostra*; e *nunca descoberto*, nunca até então visto.

VI - 9 (2) *Da transparente massa cristalina* — É necessário distinguir *massa* e *maça*: *massa*, do lat. *massa* é mistura, liga, combinação de vários ingredientes, podendo tomar esta ou aquela forma; *maça* do lat. *mattea* é, primeiramente, bastão, rolo de pau, instrumento de percussão, com que se bate, se percute, se tritura elementos ou objetos. Há, portanto, diferença entre *amassado* e *amaçado* — O pão é *massa*, é *amassado*. Um *chapéu* poderá ser *amaçado*, deformado, alterado em sua forma por força externa. Segundo isto, não se pode escrever *pessoa massante*, mas *maçante*.

VI - 9 (3) *Quanto mais perto se chegam os olhos* — Exemplo de estilo ca-

moniano feito quase sempre de oposições, de contradição entre o significado de um têrmo e de outro.

VI - 10 (1) *Do velho Caos* — "O estado primordial, primitivo do mundo é o Caos. Era, segundo os poetas, uma matéria que existia desde os tempos imemoriais, sob uma forma vaga, indefinível, indescritível, na qual se confundiam os princípios de todos os seres particulares. O Caos era ao mesmo tempo uma divindade, por assim dizer, rudimentar, capaz porém, de fecundar. Gerou primeiro a Noite e depois o Érebo" (Nova Mitologia — P. Commelin — trad. de Tomás Lopes — Garnier, 6.ª edição, pág. 1). — Corresponde ao *abismo* de que fala a Bíblia.

VI - 10 (2) *Os quatro elementos* — O fogo, o ar, a terra e a água. As estrofes seguintes darão explicações de todos estes Elementos.

VI - 11 (1) *Ali, sublime, o Fogo estava em cima / Que em nenhũa matéria se sustinha* — O Fogo, o primeiro dos Elementos, pela sua imponderabilidade, flutuava acima de todos os outros, não necessitando de apoio algum. Alguns acham que *em nenhũa matéria se sustinha* deve ser entendido que o Fogo, primeiro elemento, não necessita de outro material para sustentar-se, para alimentar-se, como o fogo comum que é sempre uma combustão de outros materiais. Mas houve sempre distinção entre *suster-se*, manter-se em sua determinada posição, e *sustentar-se*, alimentar-se. Camões não iria fazer tal confusão que os principiantes não fariam.

VI - 11 (2) *Daqui as cousas vivas sempre anima, / Despois que Prometeu furtado o tinha* — O Fogo é o que comunica o calor à terra e aos que nela vivem. No dia em que faltar o calor natural, não haverá vida, animação. Isto, porém, não foi sempre assim, mas somente depois que Prometeu furtou o fogo do céu para animar o primeiro homem por ele feito e que estava inerte. Prometeu era filho de Jápeto e de Climene. Era exímio escultor e conseguira fazer um corpo humano tão perfeito que Minerva se ofereceu para dotar êsse corpo de tudo o que lhe fosse necessário para viver. Prometeu pediu-lhe então que o levasse ao Olimpo para lá escolher os dons por ela oferecidos. Quando lá se achou, roubou o fogo de Júpiter, encerrando-o no oco de um bastão. Júpiter, indignado, acorrentou-o a um penedo no Cáucaso onde um abutre lhe devoraria o fígado. Este, entretanto, renascia sempre e sempre o devorava o abutre. Hércules o libertou.

VI - 11 (3) Esta é a concepção dos antigos: o ar enche toda e qualquer extensão da terra, do céu, dos mares e dos corpos, de tal modo que a própria natureza não poderia existir sem ele: *Natura abhorret a vacuo*.

VI - 12 (1) *Estava a Terra* — Com maiúscula porque se trata do Elemento Terra. Note-se como nos versos seguintes aparece *terra* com minúscula, isto é, qualquer porção daquela Terra primitiva. Como em outra parte já foi explicado, *terra* é o partic. pas. substantivado de *tergere: tersa / terra*, isto é, a seca, a enxuta, em oposição à água.

VI - 13 (1) *Tifeu* — Um dos gigantes que fizeram guerra aos deuses. Tinha hálito de fogo que ainda exala através da cratera do Etna, na Sicília, onde foi encarcerado por Júpiter. Dele disse Ovídio: "Alta jacet vasti super ora Typhoeos Aetne, / cujus anhelatis ignibus ardet humus" (Fast. IV - 491 - 2). Outro nome, variante do primeiro, é *Tifão*.

VI - 13 (2) *o cavalo houveram* — Numa disputa entre Netuno e Minerva para ver qual dos dois oferecia aos homens o que de mais útil lhe fosse, com uma pancada do tridente, Netuno fez surgir um cavalo e Minerva, a oliveira. Na sentença dos deuses, ganhou Minerva.

VI - 13 (3) *De Minerva a primeira pacífica ouliveira* — Camões escreveu *ouliveira*, como *oufano*, formas vulgares. Pacífica porque a oliveira foi o símbolo da paz.

VI - 14 (1) *Pouca tardança faz Lieu irado / Na vista destas cousas* — *Lieu*, em lat. *Lyaeus*, era outro nome de Baco. Veja para isto c. I - 49. *Pouca tardança faz*, isto é, não se demorou muito na contemplação de todas essas belezas do reino de Netuno. Tinha pressa em preparar malefícios aos portugueses.

VI - 14 (2) *paços* — Forma divergente de *palácios*, do lat. *palatium*. É forma ainda hoje muito usada em Portugal, mas pouco no Brasil.

VI - 14 (3) Camões não deixa de ter sua ponta de ironia no trocadilho que faz, pondo-o no espanto das Ninfas que se admiravam de ver entrar no *reino d'água* o *Rei do vinho*. A água é justamente o elemento que estraga o vinho.

VI - 15 (1) *não te espantes de Baco receberes* — O infinito pessoal *receberes* contradiz todas as fictícias regras inventadas pelos gramáticos. Empregou-o, não obstante, o Poeta com finalidade unicamente estilística para rimar com *poderes*. Segundo Américo de Castro, este idiotismo da língua portuguesa não é criação propriamente da língua, mas da estilística, isto é, da necessidade de maior objetividade do pensamento, de maior ênfase da idéia que se deseja transmitir com toda a fôrça de persuasão e de clareza possível. A estas razões devemos acrescentar esta outra que aparece no exemplo camoniano: servir o infinito pessoal às necessidades da arte, à rima. Consulte-se *"España en su Historia"*, Américo Castro, pág. 221.

VI - 15 (2) *Que fale mais, se ouvir-me o mais quiseres* — Note-se o emprego de *mais*, primeiramente como advérbio (fale mais), e depois como pronome indefinido (*o mais*, o restante, o que ainda tenho que dizer).

VI - 16 (1) *Tritão* — Era filho de Netuno e da ninfa Salácia. Acham outros que a mãe era Anfitrite. Apresentava-se metade homem, metade peixe, como as se-

reias. Exercia para com Netuno o mesmo ofício que Mercúrio para com Júpiter: *trombeta de seu pai e seu correio*. Convocava os seres marinhos, apaziguava as ondas: como se fosse um pastor, tocando a sua corneta, chamava de longe as ondas dispersas e as recolhia ao seu verdadeiro lugar quando agitadas pelos ventos ou por Éolo. 

VI - 17 (1) *Os cabelos da barba e os que decem da cabeça nos ombros* — Observe-se primeiro a pobreza destes dois versos: Camões teria dito com maior propriedade e rapidez: *a barba e os cabelos*. Segundo, a regência do verbo *descer* que, sendo de movimento, está com a prepos. *em*: *descem nos ombros*. É sintaxe viva no Brasil e a encontramos nos arcaicos, nos clássicos, herança do latim. Prefere-se hoje: *descem aos ombros*.

VI - 17 (2) *e bem parecem que nunca brando pente conheceram* — O uso correto do verbo *parecer* exige aqui a forma impessoal: *parece*. De acordo com a língua atual, quando *parecer* está acompanhado de outro verbo, há duas possibilidades de construção: 1) fica no modo impessoal o verbo *parecer*, flexionando-se apenas o segundo verbo. Ex.: Os homens *parecia tremerem* de medo (*Parecia tremerem* de medo os homens). 2) Flexiona-se o verbo *parecer*, mantendo-se sem flexão o segundo. Ex.: Os homens *pareciam tremer* de medo. Esta é a construção regular e corrente. Camões flexionou os dois verbos: *parecem... conheceram*. Herculano também escreveu: "... *pareciam* (as casas) mal *caberem* nelas (as muralhas) — (Lendas, I - 49) — "As aves aquáticas... *pareciam*, nos seus vôos incertos, *folgarem* com os primeiros dias da estação dos amores. (Eurico, 43) — Consulte-se a nossa "Gramática Normativa", pág. 360. Nesta passagem de Camões encontra-se forma *pentem*, aqui modernizada em *pente*. Vem do lat. *pectine* que por apócope, se tornou *pectem*, depois *pentem* com a perda da gutural *c* não pronunciada e conseqüente assimilação nasal regressiva.

VI - 17 (3) *mexilhões* — Na edição "priceps" está *missilhões*. Em palavras onde a sibilante surda *s* vem seguida de semivogal *i*, é comum dar-se a palatização que aqui se encontra: *missilhões* = *mixilhões* = *mexilhões*; *roussinhol* = *rouxinol*. Parece-nos, porém, que seja uma característica do dialeto beirão, pois, na Beira ainda hoje se ouve: *vextido de xeda* (*vestido de seda*), *tu dexes* (*tu desces*), *Mexias* (*Messias*), *mixinha* (*missinha*).

VI - 17 (4) *gorra... lagosta* — A primeira palavra é de origem basca e a segunda do latim vulgar *lacosta* e não do clás. *lacusta*.

VI - 18 (1) *Mas porém* — Não se trata de duas adversativas como pensam muitos e, sim, de uma adversativa *mas*, seguida de antigo partitivo *porém* = *por isso*, de *por* + *en*, apócope de *ende* e este do latim *inde*. A forma *en* vive ainda em francês *en* e em italiano *ne*. *Mas porém*, quer, pois, dizer: *Mas por isso*.

VI - 18 (2) *cento e cento* — Numeração indeterminada, muitos, muitos.

VI - 18 (3) *camarões* — Lat. *cámmarus* ou gr. *kámmaros*. O moçárabe apresenta *camarum* que é a fonte imediata de *camarão*. É de supor-se a existência de um lat. vulgar *cammaro, onis*, de cujo acusativo procede *camarão*.

VI - 18 (3) *cangrejos* — por — *caranguejos*, do lat. *cancrum*, de *cancer*, e sufixo *ejo* com significado diminutivo como se encontra em *animalejo*, *quintalejo*, *vilarejo*.

VI - 18 (4) *Febe* — a Lua. Acham os pescadores que a lua cheia engorda e desenvolve os caranguejos e camarões.

VI - 18 (5) *briguigões* — Metátase de *birbigões*. Parece-nos que tal denominação foi dada ao marisco figuradamente, pois, em italiano existe *berbigano*, espécie de uva branca, também figuradamente aplicado, sendo a fonte primeira o lat. *vervex* com a variante *berbex* mais o sufixo *ano*, que designa *ovelha*. Como é desta viver em rebanho, umas juntas com as outras, assim vivem os mariscos, assim se encontram as uvas reunidas todas num cacho único. Na edição "princeps" não se encontra *briguigões*, mas *camarões*, que, assim, aparece repetido nos versos 5 e 7. Em várias edições aparece a palavra *camarões* substituída por *missilhões*, *mexilhões* e a de 1613 trouxe *birbigões*, *briguigões*. A edição do Morgado de Mateus traz *breguigões*. Pensa Epifânio que a repetição da palavra *camarões* no 7.º verso seja um engano do impressor da edição "princeps".

VI - 18 (5) *musgo sujos* — Camões escreveu *musgo çujos*.

VI - 18 (6) *caramujos* — Do espanhol *escaramujo* por *escaramullo*, talvez do lat. *escarius*, comestível, de *esca*, comida, alimento, e *mulleus*, vermelho.

VI - 19 (1) Veja a estrofe 16: *Trombeta de seu pai e seu correio*.

VI - 19 (2) *que fez os muros de Dardânia* — Netuno, a pedido de Laomedonte, construiu os muros de Tróia como diz Vergílio: "...moenia Troiae Neptuni fabricata manu" — Aen. IX - 144. *Dardânia*, Tróia, fundada pelo rei Dárdano.

VI - 20 (1) *Vinha o padre Oceano* — É o mais antigo dos deuses das águas, filho de Urano, ou o Céu, e de Gaia ou a Terra. É o pai de todos os seres e dos deuses que, no sentir de Homero, eram todos filhos dêle e de Tétis.

VI - 20 (2) *O profeta Proteu* — Era filho do Oceano e de Tétis e tinha por ofício pastorear os rebanhos do mar, o gado de Netuno. Tinha o dom de conhecer o passado, o presente e o futuro. Ninguém, entretanto, podia aproximar-se dele porque tomava diferentes formas de animais, de árvores. Eidotéia descobriu

que para tê-lo em sua forma natural era necessário amarrá-lo durante o sono. Menelau, que seguiu o conselho de Eidotéia, assim pode falar a Proteu. Note-se que, neste verso, usou Camões a acentuação oxítona, ao contrário do c. I - 19.

VI - 21 (1) *a linda esposa de Neptuno, de Celo e Vesta filha* — Trata-se de Tétis, filha do Céu, aqui *Celo*, lat. *coelum*, e da *Terra* e não de Vesta como diz o Poeta. Outros poetas disseram o mesmo, como Boccaccio: "traditum filiam fuisse Coeli atque Vestae".

VI - 21 (2) *Que se amansava o mar, de maravilha* — Que o mar se tornava manso, voz reflexa, maravilhosamente, por milagre.

VI - 21 (3) *beatilha* — Era um tecido muito fino de que usavam as freiras, as beatas, donde *beatilha*, do espanhol *beatilla*.

VI - 22 (1) *Anfitrite* — Era uma das ninfas, filha de Nereu e de Dóris (tiveram 50 filhas...) Não quis casar-se com Netuno e dele se ocultou no monte Atlas. Um delfim a encontrou e com os presentes enviados pelo rei do mar a convenceu a aceitar o casamento.

VI - 22 (2) *não quis que falecesse* — O verbo *falecer* por *faltar* está fora de uso. Só se emprega como sinônimo de *morrer*.

VI - 22 (3) *que obedecesse* — Veja acima o comentário 1.

VI - 22 (4) *qualquer* — Por *qualquer um*.

VI - 22 (5) *Ambas vem* — *Tétis* e *Anfitrite*, esposas de Netuno.

VI - 23 (1) *Atamante* — Rei de Oscómenos. De seus amores com Ino, nasceram Learco e Melicerta. Juno, por vingança, enlouqueceu Atamante que, num acesso de sua loucura, matou Learco. Ino fugiu com Melicerta, atirando-se ao mar. Netuno, a pedido de Vênus, transformou-os em divindades marinhas.

VI - 23 (2) *belo infante* — Melicerta.

VI - 23 (3) *Panopeia* — Outra ninfa, outra filha de Nereu. Existe o masculino *Panopeu*, um dos companheiros de Jasão, um dos argonautas.

VI - 24 (1) *E o deus que foi num tempo corpo humano* — Glauco, pescador em Antedron, na Beócia. Quando punha os peixes sobre determinada erva, notava que eles readquiriam vida e saltavam novamente ao mar. Comeu dessa erva e sentiu o mesmo impulso, jogando-se no oceano onde Netuno o fez deus.

VI - 24 (2) *o feio engano*, etc. — Glauco enamora-se de Cila, que não correspondia ao seu amor. Recorreu então à feiticeira Circe. Esta apaixona-se por Glauco e, não sendo correspondida, transforma Cila num monstro. Usa Camões *Circes*, tomando o nominativo latino.

VI - 24 (3) *Cila* — Era uma ninfa. Como se viu no comentário precedente, foi transformada por Circe num monstro e depois petrificada no famoso penedo da Sicília, em face do abismo *Caribdis*. Muitos marinheiros, de medo de cair em Caribdis, iam dar com as naves em Cila, perecendo. Daqui o provérbio: *entre Cila e Caribdis*, isto é, entre dois perigos, um dos quais é inevitável.

VI - 25 (1) (2) *a rica massa* — Ambar; // *e Arábia em cheiro passa* — Que excedem em perfume ao incenso que vinha da Arábia.

VI - 26 (1) *Um pouco carregando-se no vulto*, etc. — Tomando ares de grande pesar para impressionar os ouvintes e ganhá-los à sua causa contra os portugueses. *Co'o ferro alheio* — Isto é, com as armas dos outros. Baco queria, muito astutamente, que por ele fizessem guerra os deuses marinhos à expedição de Vasco da Gama.

VI - 27 (1) *de juro* — Aportuguesamento da expressão do direito romano *de jure*, de direito. O senhorio do mar coubera a Netuno pelo acordo feito com Júpiter e Plutão depois que destronaram o pai Saturno. Coube-lhe de direito, *de juro*, tal domínio.

VI - 29 (1) *Foram já cometer o céu supremo* — Alusão a vários casos que a mitologia nos refere: à guerra dos gigantes contra os deuses, tentando escalar o céu, sobrepondo montanhas e montanhas; ao vôo de Ícaro, que, com asas de cera, quis aproximar-se do céu; à audácia de Prometeu que, tendo entrado no céu, de lá roubou o fogo de Júpiter.

VI - 29 (2) *De tentarem o mar com vela e remo* — Refere-se à expedição dos argonautas à Cólquida para o roubo do velocino de ouro. Veja c. IV-102; c. VI-31.

VI - 29 (3) *Soberbas e insolências* — Não bastavam que fossem soberbos, altivos, fazedores de pouco nos outros, mas eram ainda atrevidos. Veja c. II - 52. O resultado destas soberbas e insolências seria ainda que os mortais, expulsando os deuses do Olimpo, ficassem eles deuses e passassem aqueles a ser simples mortais. Seria a completa eversão da ordem social. Quase com as mesmas palavras reclamavam, na época da revolução francesa, os nobres contra os burgueses.

VI - 30 (1) *Que dum vassalo meu o nome toma* — Trata-se de Luso. Veja I - 39; III - 21; VIII - 2.

VI - 30 (2) *o vosso mar cortando vão* — O sujeito é *fraca geração*, havendo, portanto, concordância *ad synesim*, com o significado plural da palavra *geração* e não com a forma singular.



VI - 30 (3) *o vosso reino devassando* — Subentende-se *vão* do verso 5.

VI - 31 (1) *Minias* — Os argonautas. Veja a explicação da palavra no c. IV - 83. Éolo levantou grande tempestade contra os argonautas a pedido de Bóreas.

VI - 32 (1) Baco é pouco diplomático nesta estrofe. Necessitando da ajuda dos deuses marítimos para obstar à expedição dos portugueses, vai logo dizendo que não desceu do céu ao mar por causa das injúrias que de tal expedição viriam aos tais deuses, mas unicamente para vingar-se das suas próprias mágoas e mais ainda, porque iria perder o seu prestígio na Índia.

VI - 33 (1) *Que o grão Senhor* (Júpiter) *e Fados* (destinos), *que destinam, / Como lhe* (lhes) *bem parece o baixo mundo* (a terra, em relação ao céu). Note-se o verbo *destinar* no sentido de *dar destino*, de *dar a sorte de cada um*. Dizia-se também, no mesmo sentido, *fadar*, de *Fado*, como *destinar* de *Destino*.

VI - 33 (2) *barões* — Varões, como no c. I - 1.

VI - 33 (3) *que, a segundo se vê* — Expressão adverbial *a segundo*, de conformidade com, de acordo com. Hoje dizemos apenas *segundo*, *conforme*.

VI - 34 (1) *Por ver, se por dita, acharei, nos vossos mares, o preço que no céu perdi.*

VI - 34 (2) *Se acendem as deidades da água em fogo* — Note-se o contraste irônico do poeta: as deidades da água se acendem em fogo.

VI - 35 (1) *num ponto* — Num instante, num minuto. A divisão do tempo que, hoje, dizemos *minuto*, era dita *ponto*. Por este motivo é que os indicadores dos minutos, dos pontos, se chamam *ponteiros*. Por isto ainda dizemos: são duas horas *em ponto*, isto é, sem mais um minuto nem menos.

VI - 35 (2) Note-se o acúmulo de expressões para dizer que não houve a menor perda de tempo em tomar a resolução que tomaram contra os portugueses: *Não sofreu mais nem conselho, nem dilação, nem desconto.*

VI - 35 (3) *ventos repugnantes* — Temos o adjetivo *repugnantes* que é composto de *re*, prefixo de reforço e de repetição, e o adjetivo *pugnante*, de *pugnare*, lutar, combater: *ventos que lutam, que combatem, que se revoltam*. É um latinismo de Camões, pois, na língua geral, *repugnante* já estava fixado em seu sentido moral de *nojento, asqueroso*.

VI - 37 (1) *Hipótades* — Outro nome de *Éolo*, o deus dos ventos, porque *Éolo* era neto de *Hípotes*. Éolo era filho de Júpiter e de Segesta que era filha de Hípotas, rei de Tróia. Por isto era neto de Hipotas, ou descendente de Hipotas, como diz o sufixo grego *ades*.

VI - 37 (2) *barões audaces* — Varões audaciosos, destemidos. *Audaces* não é forma paragógica de *audaz*, mas uma forma evolutiva anterior: *audacem / audace / audaz*.

VI - 37 (3) *obumbrava* — Formado de *ob* + *umbra* + *ar*, propriamente por (*ob*) causa da sombra (*umbra*), isto é, que escurecia como se fosse coberto por uma nuvem.

VI - 37 (3) *o céu sereno* — *Sereno* provém de *sero*, tarde em latim, porque a esta hora tudo se aquieta na natureza. Daqui *serenar*, apaziguar, acalmar, tranqüilizar e *serenar*, cair o orvalho da noite, chamado justamente *sereno*. E ainda *serenar*, no sentido de pairar, como fazem certas aves que parecem imobilizadas no vôo e, figuradamente, *serenar*, dançar tão bem que todo o corpo está pairando nos ritmos da música. Temos ainda *sereno* ou *gota-serena*, a catarata: a obstrução do cristalino, enquanto não é completa, dá ao paciente uma visão, assim, de névoa, de sereno. Existe ainda o *serão*, fazer serão, trabalho extraordinário, à noite. Pelo italiano, mas do mesmo fundo etimológico, recebemos *serenata*, música à noite.

VI - 38 (1) *conselho* — Reunião consultiva — Veja c. I - 20.

VI - 38 (2) *rota* — Caminho, estrada, direção que se toma para chegar a determinado ponto. Lat. *rupta*, aberta, de *rúmpere*, romper, abrir, rasgar. Temos a composta *derrota* onde o prefixo *de* indica afastamento do caminho certo. Numa batalha, o caminho certo, a *rota* é avançar e desbaratar o inimigo. Quando o contrário se dá, quando as forças se vêem na necessidade de fugir, então, aparece a *de* + *rota*, isto é, a perda da batalha.

VI - 38 (3) *Eôo Hemisfério* — Hemisfério oriental. *Eôo* (lat. *Eous*), do gr. *éoos*. Aurora, o nascer do sol, isto é, o Oriente. // *Hemispério* pela possibilidade de transcrição do *ph* gr., *hemisphairion*, ora por *p*, ora por *f*, como *espera* e *esfera* do gr. *sphaira*.

VI - 38 (4) *quarto da prima* — Primeiro quarto da noite, na antiga divisão do tempo para fins militares, náuticos e adotada também na Igreja Católica para as diversas partes do Ofício.

VI - 39 (1) *Bocejando, a miudo* — Camões escreveu *bocijando*, forma evidentemente popular; *a miúdo* com a variante *a miúde*, do lat. *minutum*. Conhecido é o verbo *amiudar*, repetir uma ação cada vez com maior freqüência. *A miúde* proviria do latim *minutim*.

VI - 39 (2) *antenas* — Vergas sobressalentes que os barcos levavam.

VI - 39 (3) *estregando* — Esfregando os olhos para enxugá-los, do lat. *strigare*.

VI - 40 (1) *Com que nos deixe o sono carregado* — Que nos leve embora o sono, que no-lo carregue. Uso da partic. passado em função ativa, verdadeira expressão depoente.

VI - 40 (2) *melhores* — Camões, como os arcaicos, escreveu *milhores* em rima com *amores*, porque todos os comparativos em *or* tinham timbre fechado como ainda conservam *superior, inferior, anterior, posterior, interior, exterior*, etc.

VI - 41 (1) *Não sofre amores nem delicadeza* — A vida rude e trabalhosa do mar não comporta senão assuntos que condigam com esse teor de existência. O próprio temperamento dos homens da expedição, na maioria, antigos combatentes, não achava encantos nas novelas e historietas de amor, de namorados. Assim mesmo, o episódio dos doze de Inglaterra, se por um lado encerrava um lendário feito de armas, por outro envolvia delicadeza de namorados. Assim era a vida dos cavaleiros medievais: combatiam pelas damas de suas preferências.

VI - 42 (1) *reprendam* — Esta era a forma correta e que deveria ser ainda hoje corrente na lingua bem como *comprende*. A restauração do Renascimento *reprehenda, comprehenda* foi feita segundo o latim clássico *reprehéndere, comprehéndere*. Temos o caso de *aprehéndere* que continua até hoje como foi outrora *aprender*. Numa reforma ortográfica bem orientada, em que não entrassem os caprichos individuais das comissões, deveriam ser restauradas as formas clássicas: *reprender, comprender*, uniformizando-se todos os verbos deste tipo e seus derivados. Assim se fez em castelhano e corretamente.

VI - 42 (2) *fazer feitos* — Praticar proezas, façanhas. Já o latim nos havia ministrado os modelos com as suas expressões *vitam vivere, somnium somniare, pugnam pugnare, certamen certare*, etc., nas quais o complemento direto é do mesmo tema do verbo transitivo.

VI - 42 (3) *os doze de Inglaterra* — A respeito deste episódio, diz Barbosa Bettencourt: "Não se sabe a origem desta história. São históricos os nomes de diferentes cavaleiros que se dizia terem sido dos doze, mas não se podiam ter reunido todos em tal empresa, por grandes diferenças de idade. Manuel Correia e Faria e Sousa nos seus comentários, e Pedro de Mariz nos "Diálogos de vária história" referem-se a uma relação ou relações do fato que dizem ser antigas; o 2.° conde da Ericeira (1614-1693) vira na livraria do conde de Vimeiro um *Catálogo dos doze de Inglaterra*. Jorge Ferreira de Vasconcelos, no "Memorial das proezas da Segunda Távola Redonda", cap. 46, alude a esta tradição". Consta a existência, na biblioteca do Porto, de um manuscrito bastante extenso com a narração, em prosa, de todo o episódio. Depois da redação de Camões, dado o seu alto valor literário, todas essas referências ficaram esquecidas.

VI - 43 (1) *João, filho de Pedro, moderava* — Dom João I, filho bastardo de Dom Pedro, o herói de Inês de Castro, que o tivera de Teresa Lourenço. *Moderar* é latinismo, de *moderari*, como em *moderari equum* (conduzir o cavalo), *moderari linguam* (medir as palavras, ter cuidado com o que diz, etc.).

VI - 43 (2) *vizinho poder* — Refere-se às guerras com Castela, em uma das quais, quando se disputava a sucessão do trono, veio à península o duque de Lencastro, com cuja filha, Dona Filipa, se casará Dom João I.

VI - 43 (3) *Erinis* — Era propriamente a deusa da vingança. Enganou-se Camões, confundindo *Erinis* com *Éris* que é a deusa da discórdia. Para muitos era uma das Fúrias, sendo outras *Tisífone, Alecto* e *Megera*. // Usa o Poeta a palavra *cizânia*, joio, erva má que nasce entre o trigo, que já ficou, desde os Evangelhos, como símbolo da discórdia.

VI - 43 (4) *Que lustre fosse a nossa Lusitânia* — Que servisse de glória, de motivo de louvor a Portugal. Note-se a ausência da crase em *a nossa Lusitânia*. É que, com os possessivos, pode-se empregar o artigo ou deixar de empregá-lo: não havendo artigo, não poderá haver crase e, pelo que se deduz, Camões omitia o artigo antes dos possessivos. Não havia, portanto, razão para a crase. Trata-se, por conseguinte, de um dos casos livres, em que o escritor poderá usar da crase ou não.

VI - 44 (1) *Cortesãos* — Pode-se admitir *cortesões*.

VI - 44 (2) *Opinião ou porfia* — Foi no começo mera opinião particular, mas depois se obstinaram em sustentá-la.

VI - 45 (1) *com lança e espada* — As armas nobres do tempo. O punhal era próprio dos vilões, malfeitores, gente sem nobreza, tanto que de *sica*, o punhal dos bárbaros, ficou na lingua o derivado *sicário*, assassino, salteador.

VI - 45 (2) *sustentar a parte sua* — Defender as razões, as qualidades de alguém, portanto, a boa reputação, a fama de honorabilidade. Pessoa de grandes partes era a expressão clássica para designar alguém de grande valia moral.

VI - 45 (3) *em campo raso ou estacada* — Campo raso, de igual para igual, sem auxílio de outras defesas que não fosse o valor do braço e das armas. // *Estacada* — O campo munido de defesas, de trincheiras.



VI - 45 (4) *A feminil fraqueza, pouco usada, ou nunca, a opróbrios tais* — Pouco afeita, pouco acostumada a receber tais ofensas.

VI - 46 (1) *Duque de Alencastro* — Dom João de Gaunt, filho de Eduardo VII da Inglaterra, duque de Lencaster. Foi casado, em segundas núpcias, com Dona Constança, filha de Pedro I de Castela. Por morte deste rei, 1369, assassinado pelo próprio irmão, mas natural, Henrique de Trastâmara, moveu o duque de Lencastro guerra à Castela para colocar no trono a Dona Constança. Solicitou a ajuda de Portugal, dando em casamento a Dom João I a sua filha Dona Filipa, do primeiro matrimônio com Branca de Lencaster. Desse casamento nasceram Dom Duarte, D. Pedro, D. Henrique e D. Fernando, todos ilustres pelos seus feitos. Dom Duarte é o autor do "Leal Conselheiro", da "Arte de Cavalgar toda sela" e de traduções; Dom Pedro, autor da "Virtuosa Benfeitoria", do "Livro dos Ofícios". Continuaram o exemplo de Dom João I que escreveu o "Livro de Montaria". Com Fernão Lopes, estes nobres fundam a prosa literária arcaica e dão início ao primeiro grande movimento literário de Portugal. Dom Henrique, o Navegador, funda a escola de Sagres donde saem os grandes descobridores portugueses. Dom Fernando foi o mais infeliz, morrendo no cativeiro de Argel e por isto cognominado o Santo. Na formação do carácter destes príncipes teve grande influência o espírito de Dona Filipa de Lencastro.

VI - 47 (1) *Era este inglês potente e militara / Co'os portugueses já contra Castela* — Veja o comentário à estrofe anterior.

VI - 47 (2) *Namorados afeitos* — Efeitos do amor: primeiramente vindo a guerrear em Castela em defesa dos direitos de sua esposa; depois, o término da expedição com o tratado de paz pelo qual Dona Filipa se casa com Dom João I, e Catarina, outra filha do duque, se matrimonia com Dom Henrique, filho de Dom João I de Castela e futuro herdeiro do trono.

VI - 47 (3) Camões poetiza o casamento de Dom João I com Dona Filipa: foi apenas fruto das circunstâncias políticas, nada havendo de verdadeiro afeto, de paixão que domasse o peito do monarca.

VI - 48 (1) *socorrer-lhe* — O verbo *socorrer* admite também o complemento direto: *socorrê-lo*.

VI - 48 (2) *a fogo e ferro* — Aliteração muito conhecida, sintetizando todos os meios violentos da guerra.

VI - 50 (1) *Dest'arte as aconselha o duque experto* — Desta maneira, desta forma ou, com certa ironia, com esta esperteza, com esta sagacidade, porque foi sempre do carácter inglês fazer cortesia com o chapéu dos outros ou tirar as castanhas do fogo com as patas do gato. // *Experto* — Atilado, experimentado, sabido, não no sentido moderno de técnico.

VI - 50 (2) *doze fortes* — Doze valentes, como em latim *fortes*.

VI - 50 (3) *lancem sortes* — Lançar, deitar sortes, escolher ao acaso, confiando-se no destino.

VI - 50 (4) *Qual a qual tem caído das consortes* — Hoje diríamos: *Qual à qual*, com crase: *qual* dentre os doze portugueses, tocava em sorte à qual das consortes. É uma construção nimiamente sintética, imitando a sintaxe latina como se pode ver em Cícero: "Considera... quis quem fraudasse dicitur" (Madwig. Gram. § 492). // *Consortes* — Companheiras indicadas pela sorte, pelo destino, de qualquer ato da vida social. Modernamente tomou o significado de *esposo, esposa*. Note-se a admirável força expressiva do Poeta, na sintaxe com que ligou tantas e tão várias atribuições, sobretudo, nos dois últimos versos onde joga com adjetivos e pronomes *cada* e *seu*.

VI - 51 (1) *Mas não lho sofre a régia majestade* — A posição de rei não lhe permite tomar parte na expedição. Camões escreveu *magestade*, grafia que já se encontra em vários autores latinos, evidentemente, errada, pois, *maiestatem* não poderia dar *magestade* e sim *majestade*. Diga-se o mesmo de *majestoso, majestático*, etc. O *iota* latino tem como representante o *j* em português.

VI - 51 (2) *aventureiro* — Não no sentido moderno, grandemente pejorativo, mas no antigo: pessoa que gosta de correr risco e enfrentar perigos.

VI - 52 (1) *Lá na leal cidade* — O Porto. Do antigo *Portucale* é que se originou o nome de Portugal.

VI - 52 (2) *madeiro leve* — Metonímia muito conhecida: a matéria pela cousa de que é feita. *Madeiro* é um masculino criado sobre o feminino *madeira*, do lat. *materia*, primitivamente *materies*. Muitas vezes diz-se *lenho* em lugar de *madeiro*, mas o masc. *lenho* tem o seu fundamento no lat. *lignum* e o femin. *lenha*, no lat. *ligna*, o que não acontece com *madeiro* segundo foi acima explicado.

VI - 52 (3) *Apercebem-se*, etc. — Preparam-se, munem-se de tudo o que é necessário para tão longa viagem e para empresa tão alta: *armas e roupas de uso mais moderno* — não quereriam os lutadores de Portugal fazer feio na presença dos adversários ingleses, nem pela novidade das armas, nem pela novidade das roupas mais em moda.

VI - 52 (4) *elmos, cimeiras, letras e primores* — capacetes, penachos e enfeites que são colocados nos capacetes, tais como figuras de águias, de aves de rapina, de

leões, etc. *Letras*, isto é, dísticos, lemas, muitas vezes tão famosos que só por si já davam a conhecer a fama do cavaleiro. Tais *letras* ainda aparecem nos escudos de armas das cidades, nos brasões dos bispos e até nas bandeiras de alguns países. A *letra* da bandeira brasileira é *Ordem e Progresso*; do escudo de armas da cidade de S. Paulo: *Non ducor, duco*.

VI - 53 (1) *Douro* — O rio em cuja margem se encontra a cidade do Pôrto. Lat. *Durius*, de uma raiz gaulesa *dur*, curso de água, com a variante *dor*, donde *Dorius* e por hipértese do *i Doiro*, *Douro* por analogia com outras palavras como *ouro*, *louro*, etc.

VI - 53 (2) *Magriço* — Chamou-se Álvaro Gonçalves Coutinho. Foi camareiro de D. João, duque da Borgonha, o "Sem Pavor". Magriço era filho de Gonçalo Vaz Coutinho, primeiro marechal de Portugal e foi irmão do primeiro conde de Marialva.

VI - 54 (1) *Fortíssimos consócios, eu desejo de andar terras estranhas* — Fortíssimos, sempre no sentido latino de valentíssimos. // *Desejo de andar*, regência clássica; hoje dispensamos a prep. *de*. // *Andar*, do lat. *ambitare*, freqüentativo de *ambire*, caminhar, pelo particípio passado *ambitus*: *ambitare* / * *ammitare* / * *amitare* / * *amdare* / *andare* / *andar*. Há outras hipóteses etimológicas, mas a que nos parece mais aceitável é esta.

VI - 54 (2) *Várias gentes e leis e várias manhas* — Povos diferentes, com costumes, civilizações (leis) e modos astuciosos de viver (manhas).

VI - 54 (3) *aparelho* — Preparativos, oportunidade, disposição.

VI - 54 (4) *serei em Inglaterra* — Estarei na Inglaterra. Uso clássico do verbo *ser* por *estar*. Veja c. V - 51, 3.º verso.

VI - 55 (1) *Por Quem das cousas é última linha* — É um dos versos mais defeituosos de "Os Lusíadas" pela má colocação do adjetivo proparoxítono *última* logo após o monossílabo oxítono *é*, encerrando ainda o cacófaton *malinha*. A edição comentada por Augusto Epifânio da Silva Dias agrava ainda mais os defeitos, introduzindo o indefinido *uma* antes de *última linha*: *uma última linha*, — que não se encontra na edição "princeps", e que torna o verso inteiramente errado. Esta expressão *última linha* é tirada dos torneios medievais: o *campo*, a *liça* dentro do qual se desenrolava a justa, era marcado por determinada linha: aquele que fosse arremessado além desta linha de demarcação, era considerado vencido. Aqui a linha é a da vida além da qual é a morte.

VI - 55 (2) *prazo instituído* — Prazo marcado, data combinada.

VI - 55 (3) *Pouca falta vos faz a falta minha* — Trocadilho, tomando-se, no primeiro caso, *falta* como ajuda, auxílio; no segundo, como ausência.

VI - 56 (1) *abraçados os amigos... tomada licença* — Sintaxe de colocação: em primeiro lugar o particípio e depois o substantivo. Depois do romantismo, fixou-se na língua esta colocação, considerando-se a inversa como galicismo: *os amigos abraçados... a licença tomada*. Não é, porém, rara tal construção nos próprios clássicos e nos arcaicos como *"Este acordo avudo*, souberom como o Comde Joham Fernandez parthia de Castella" (F. Lopes) — *"Ho meu bẽ ẽ mal mudado*, não desterrey o cuidado" (B. Ribeiro) — *Turno morto, Alboacem vencido, isto posto, isto suposto*, etc. Veja "Formação Hist. da L. Port.", pág. 203.

VI - 56 (2) *Perineu* — Em Portugal diz-se *Pirinéu*, com timbre aberto; no Brasil *Pirineu*, com timbre fechado. // *Que Espanha e Gália parte* — que separa, limita.

VI - 56 (3) *Frandes* — Por *Flandres* com dissimilação da vibrante.

VI - 57 (1) *Mas dos doze a ilustríssima companha cortam* — Aparece a concordância do verbo com a idéia plural do coletivo *companha* seguido ainda do restritivo *dos onze*. Esta concordância, desde que o coletivo seja seguido de restritivo plural, ainda está viva na língua atual. Quando falta o restritivo, já a maioria faz a concordância normal com a forma do coletivo e não com a idéia. Quem fizesse a concordância, no plural, somente com a idéia do coletivo, não erraria; estaria apenas usando de sintaxe antiga. A palavra *companha* por *companhia* já, no tempo de Camões, devia ser de raro emprêgo.

VI - 57 (2) *já fazem todos vias* — Não é comum o uso de *fazer via* com o substantivo no plural como aparece neste verso. O comum é sempre no singular. Diziam os arcaicos, *fazer sa via*, ir a seu caminho, dirigir-se. O próprio substantivo *via* por caminho, já é de uso muito arcaico. Vivem ainda os compostos e derivados: *aviar-se*, *desviar*, *enviar*, *invio*.

VI - 58 (1) *Chega-se o prazo e dia assinalado* — É peculiaridade do estilo de Camões estes pares vocabulares: *prazo e dia*; *caso ou manha*; *grevas e arneses*; *fulgente e armado*; *de cores e de sedas*; *de ouro e de jóias*; *ricas e ledas*; *sublime e público*; *três e três e quatro e quatro*; *desigual e dissonante*; *ao rei e as damas fala*; *se alegra e veste*; *se alvoroça e teme*; *altas e afamadas*, etc.

VI - 58 (2) *em campo assegurado* — Em campo revistado, examinado, de modo que não houvesse fraude contra as leis dos combates e justas medievais. É expressão técnica do tempo. Ainda hoje, nas lutas de box, os segundos, os assistentes de cada pugilista, asseguram, examinam as luvas, o ringue, para que não haja irregularidade alguma.



VI - 58 (3) *grevas e de arneses* — A greva era a peça da armadura medieval que protegia a perna, desde o joelho ao tornozelo. Diz-se perneira. É do fr. ant. *greve*, propriamente *panturrilha*, barriga da perna. A origem mais antiga é o frâncico * *graban*. // *Arneses* — Armadura que compreendia a cota de malha ajustada ao tórax, protegendo a frente com o *peito*, as *ombreiras* e depois o *dorso*. A fonte imediata desta palavra é o provençal *arnês*. Existe em fr. ant. *herneis*, que procedia do nórdico * *hernest*.

VI - 59 (1) *Bem que os onze apregoam* — Devia ser: *apregoem*. O uso do subjuntivo é um dos pontos incertos da língua clássica. O próprio Vieira nele vacila muito freqüentemente.

VI - 59 (2) *negócio* — Tudo aquilo que deve ser feito, do lat. *negotium*, de *nec* (nem) + *otium* (descanso, inatividade). Vê-se pela formação da palavra que *negócio* é qualquer atividade e quando desta atividade decorre lucro pecuniário, então é comércio. Desta idéia de lucro, de comércio, de ganho e perda nas transações, nas atividades, é que procede o significado comum da palavra *negócio*. Mas como vemos em Camões, o recontro militar era um negócio.

VI - 59 (3) *Posto que dois e três dos seus faleçam* — Ainda que alguns portugueses venham a morrer. A expressão *dois e três* é indeterminada.

VI - 60 (1) *Já num sublime e público teatro* — Camões escreveu *púbrico* como *sembrante* na estrofe imediata. É a alternância consonantal *r/l* muito comum em todo o indo-europeu. Não confundir esta simples alternância com *rotacismo*, fenômeno exclusivo do latim pré-arcaico, consistindo na passagem de *s* intervocálico a *r*.

VI - 60 (2) *três e três e quatro e quatro* — Pode-se dizer também: *três a três*, *quatro a quatro*, em grupos de três ou de quatro pessoas, como nas frisas e camarotes dos modernos teatros.

VI - 60 (3) *do Tejo ao Bactro* — De um extremo a outro da terra; do ocidente ao oriente. // *Bactro*, rio que banhava a antiga *Bactra*, hoje, *Balk*.

VI - 61 (1) *escumando* — O mesmo que *espumando*. Esta forma é mais literária e aquela mais popular. O lat. deu-nos *spuma* donde *espuma*, *espumar*; mas o germânico apresenta *skums* donde *escuma*, *escumar*, *escumalha*, *escumilho*, etc.

VI - 61 (2) *semblante* — Camões escreveu *sembrante*. Veja o comentário 1 da estrofe precedente. É palavra espanhola, de *semblar* lat. *similare*, parecer, parecença, fisionomia.

VI - 62 (1) *Ao rei e às damas fala* — Note-se a correta sintaxe de *falar*: *falar a alguém*, *falar com alguém*. A sintaxe, que vem sendo posta modernamente em voga, *falar para*, não é de boa cepa clássica.

VI - 63 (1) *como ouviu*: assim que ouviu, logo que ouviu; // *que este era aquele* — São dois pronomes demonstrativos. É necessário fazer distinção entre adjetivo e pronome demonstrativo bem como de todas as demais subdivisões dos determinativos: será adjetivo quando estiver modificando substantivo: *este livro*; *aquele amigo*. Será pronome quando vier só na frase, representando nomes, como encontramos no verso camoniano. A classificação de todos como pronome adjetivo, não é correta.

VI - 63 (2) *seu nome e fama* — Veja o comentário VI - 58 (1).

VI - 63 (3) *Se alegra e veste ali do animal de Hele* — Brocado de ouro, seda e ouro juntamente tecidos. Veja c. III - 12; c. I - 18; c. VI - 58.

VI - 64 (1) *Que faz que o chão debaixo todo treme* — Subjuntivo deve ser: *trema*. Camões escreve sempre *baxo*, *debaxo*, formas populares onde já houve a monotongação do ditongo.

VI - 64 (2) *Qual do cavalo voa, que não dece* — Sem descer: arremessado da sela pelos golpes tão rudes e tão rápidos que o cavaleiro voa em vez de descer do cavalo.

VI - 64 (3) *Qual vermelhas as armas faz de brancas* — *Vermelhas* é o completivo objetivo de *armas*.

VI - 64 (4) *açouta as ancas* — Parte superior do quadril, do lat. *ancus*, *anca*, curvo, curva, de um antigo longobardo * *hanka*.

VI - 65 (1) *perpétuo sono* — A morte é sempre comparada ao sono, sobretudo, depois do cristianismo. Vê-se isto especialmente na palavra *cemitério*, do gr. *koimetérion* vindo através do lat. *coemetérium*, dormitório, lugar onde se deita para dormir. Prende-se ao verbo grego *koiman*, deitar-se. Os mortos estão apenas dormindo: é a crença na ressurreição da alma pregada pelo cristianismo. O perpétuo sono, portanto, de que fala o Poeta não é assim perpétuo: um dia terá fim com o despertar na outra vida. Será perpétuo para esta existência.

VI - 65 (2) *breve intervalo* — Morreu rapidamente ou como entendem outros, morreu ainda moço, quando podia viver muito tempo.

VI - 65 (3) *cavalo* — Animal de carga, em oposição a *equus*, cavalo de passeio ou de transporte humano. Lat. vulg. *caballus*, talvez, de origem celta.

VI - 65 (4) *já fora vão do valo* — Fosso, às vezes, com estacas, que limitava

o campo de justas, a liça do combate. Os que o ultrapassavam, eram declarados vencidos.

VI - 65 (5) *Mais acham já que arnês, escudo e malha* — Já não encontram senão arnês, etc. Para *arnês*, veja o comentário c. VI - 58 (3). // *Malha* — a cota d'armas, feita de escamas de metal ou de pequenas rodelas de couro. Lat. *mácula*, propriamente *mancha* porque as rodelas de couro assim pareciam no conjunto do tecido.

VI - 66 (1) *Gastar palavras* — Fazer mau uso, empregar muitas palavras para não dizer nada. Lat. *vastare*, tornar deserto, *vastus*. Ficou-nos apenas o composto *devastar*. Houve influência do germânico *wostjan;* dando ao *v* o valor de *w* que passa a *g*.

VI - 66 (2) *estocadas* — Golpe dado com estoque, do germ. *stock*, bastão pontiagudo.

VI - 66 (3) *que entendemos* — Devia ser *que entendamos*. Termina aqui o episódio dos doze de Inglaterra. Acham alguns que é pura imaginação. Alguns dos personagens, porém, são históricos. Na literatura medieval inglesa não existe a menor referência a esta luta.

VI - 67 (1) *Das damas a fermosa companhia que querem* — Mais uma vez a concordância do predicado (querem) com a idéia plural do coletivo (companhia) seguido de restritivo plural (das damas). Veja c. VI - 57 (1).

VI - 67 (2) *Banquetes mil, cada hora e cada dia* — Exagero permitido aos poetas, hiperbolismo natural nestas poesias de façanhas e proezas. Quer apenas o Poeta dizer que, se fosse possível, tal é a gratidão das damas aos portugueses, lhes ofereceriam obséquios contínuos, tão numerosos que seria cada dia e cada hora.

VI - 68 (1) *um serviço* — Nada se sabe, ao certo, de que se trata. Mas pelo teor da narração, foi uma luta, um combate em desagravo de alguma ofensa.

VI - 68 (2) *condessa de Frandes* — Conjectura-se que tenha sido a princesa Isabel, filha de D. João I, casada, em 1429, com Felipe, o Bom, duque de Borgonha (1419-1467) e conde de Flandres. Falam outros de um combate de Magriço com Ranulfo, cavaleiro alemão, vencido em Dunquerque, tendo sido a causa uma ofensa feita a uma condessa Leonor.

VI - 68 (3) *Um francês* — Realizou-se esta luta em Orleães contra Lansay. Magriço tirou-lhe um colar do pescoço, proeza que lembra a de Torquato, apelido de Tito Mânlio. Nas guerras da Gália, matou a um gigante gaulês de quem tirou um colar, *torques*, donde o apelido de *torquatus*. O simples apelido passou a nome próprio *Torquato*. Em Portugal pronunciam *Torcato;* entre nós *Torquato*. Lembra *Corvino*, outro apelido proveniente de um feito bélico: Marco Valério, durante uma luta que sustentou com um gaulês, foi auxiliado por um corvo que, assentado no capacete do romano, dava bicadas no francês.

VI - 69 (1) *Outro também* — Dizem os comentadores que foi Álvaro Vaz de Almada, depois conde de Avranches. Veja c. IV - 25. O cavaleiro alemão, sendo canhoteiro, exigiu como condição de luta que ambos se apresentassem com o lado direito do tórax desprotegido. Esta foi a manha do germano enganoso.

VI - 69 (2) *manha* — Astúcia, do lat. *manea*, do tema de *manus*.

VI - 69 (3) *extremo fio* — Em perigo iminente de morte, expressão semelhante a *última linha* da estrofe 55. Pode-se ainda apelar para a lenda das Parcas: a vida humana é um fio, que uma delas fia e outra corta: a vida do cavaleiro português estava no extremo ponto, no último, naquele em que a Parca faria o corte final.

VI - 70 (1) *Mas, neste passo* — Nesta passagem, neste ponto, nesta altura da narração de Veloso. Querem alguns que *passo, passagem* no sentido em que aqui está empregado, seja galicismo. Herculano escreveu: "Pondo-se diante dos olhos uma *passagem* da carta do bispo... Sei das espertezas ultramontanas acerca dessa *passagem* da tradução de S. Lucas". "Nega-se esta *passagem* do "Romance de um Rapaz Pobre", disse Mário Barreto. Veja-se o livro "Galicismos e não Galicismos" de Afonso Costa, pág. 227.

VI - 70 (2) *acordam, despertando* — Parece pleonasmo inútil, pois, acordar é despertar.

VI - 70 (3) *traquetes* — São velas da base do mastro, de duas espécies: *traquete redondo* um pouco menor do que o *traquete latino*. Acima do traquete está o *velacho;* acima deste o *joanete* e finalmente a *vela de sobreproa*. (Francisco Penteado — Como se fala a bordo — estampa VII). O que diz Epifânio, citando Almeida d'Eça "Luís de Camões Marinheiro", como sendo simplesmente "velas superiores", não está certo. Ao contrário, são velas inferiores.

VI - 71 (1) *Quando dá a grande e súbita procela* — O verbo *dar* forma numerosas expressões tipicamente portuguesas como: *dar uma tempestade, dar um vento forte, dar uma chuva, dar peste, dar desgraça, dar horas, dar tosse comprida, dar sarampo, dar confusão, dar a correr, dar a rir, dar corda, dar à bomba, dar à manivela*, etc. É um verbo vicário que se usa em lugar de outro mais específico: *dar à bomba* é *bombear, bombar; dar a vela, velejar; dar sarampo* é *contrair sarampo, ser atacado de sarampo; dar súbita procela* é *desencadear inesperada tempestade*, etc.

VI - 71 (2) *Amaina — amaina a grande vela* — Abaixá-la, tomá-la para que o vento não lhe cause prejuízo, para que a força do vento, não encontrando resistência, não provoque distúrbios ao navio. É o italiano *ammainare*, de origem primeira napolitana (*am*) *majenare* que provém do latim * *invaginare*, isto é, colocar a espada na bainha. Foi figuradamente aplicado à vela que, tomada pelas cordas e amarrada ou enrolada, se assemelharia a uma lâmina que, para não ferir ou cortar, se introduz na bainha.



VI - 71 (3) *Em pedaços a fazem* — Tanto é correto dizer-se *fazer em pedaços* quanto *fazer pedaços*. A primeira é a mais usada e corrente.

VI - 72 (1) *Alijar* — Tornar mais leve pela diminuição da carga. Do fr. ant. *alegier, aligier*, do lat. vulg. * *alleviare*, de *levis*, leve. Temos, em português, *ligeiro* de *leviarius*. Diz-se em sentido moral *alijar a consciência* e também *alijeirar a alma*, diminuindo os pecados, as faltas.

VI - 72 (2) *dar à bomba* — Veja acima estrofe 71.

VI - 73 (1) *os soldados* — Camões não faz a distinção, que hoje fazemos, entre soldados e marinheiros: estes *soldados animosos* são chamados no 5.º verso *marinheiros*. Na época todo aquele que recebesse soldo era soldado, pertencesse ou não ao exército, tivesse ou não profissão militar.

VI - 73 (2) *Três marinheiros... não bastaram a menear o leme* — Júlio Ribeiro ensinou que o verbo *bastar* podia ser empregado impessoalmente como *fazer, haver* e outros, em determinados sentidos. Em todo o poema não há um caso sequer que confirme a regra inventada pelo gramático brasileiro. O exemplo deste verso ainda uma vez nos ensina que *bastar* é verbo regular, pessoal. Se algum autor o empregou na terceira pessoa do singular como *Basta cinco dias*, — devemos dar tal uso como absolutamente errado.

VI - 73 (3) *Talhas lhe punham, duma e doutra parte* — Talhas são cabos ou cordas que se passam no leme para firmá-lo ou dirigi-lo com maior precisão e menor esforço. É o latim *talea* de que temos ainda em língua vulgar *tala*, uma *tala de couro*, isto é, uma porção de couro, uma fita, um látego. *Entrar na tala* é levar sova, é apanhar de chicote.

VI - 74 (1) *Se para derribar então vieram* — O mais-que-perfeito do indicativo pelo imperfeito do subjuntivo: *viessem*.

VI - 74 (2) *A fortíssima torre de Babel* — Esperava-se que dissesse o Poeta *a altíssima* porque a torre de Babel se tornou notável, segundo a narração do Gênesis, pela sua altura. Mas, naturalmente, para ser de tão elevada altura, deveria ser também *fortíssima*.

VI - 74 (3) *A pequena grandura de um batel* — Parece haver contradição entre o adjetivo *pequena* e o substantivo *grandura*, o mesmo que *grandeza*, derivado de *grande:* o que é *grande* não pode ser *pequeno*. No uso comum da língua, *grandura* e *grandeza* são tomados como simples sinônimos de *tamanho* e este pode ser grande ou pequeno.

VI - 75 (1) *Quebrado leva o masto* — Assim escreveu Camões *masto* e não *mastro* como dão as edições modernas. É um exemplo de dissimilação da vibrante *r* quando precedida de dental ou explosiva: *mastro, masto; rastro, rasto; registro, registo; astro, asto; listra, lista; próprio, própio*, etc. Ambas as formas são corretas, dependendo o emprego delas do uso local ou da época da língua.

VI - 75 (2) *derrama gritos* — *Derramar* aplica-se hoje a líquidos, a cereais: derramar vinho, derramar lágrimas, derramar farinha, derramar feijão. *Derramar gritos* é pouco usado. Diz-se *F. derramou-se em gestos, derramou-se em brados, em gritos*. Mas neste caso o verbo é pronominal. A origem de *derramar* é da linguagem da agricultura, significando podar os ramos e espalhá-los: *de + ramo + ar*.

VI - 75 (3) *tanto tento* — Tanto cuidado, do verbo *tenere*, ter, segurar com mão firme, ter cuidado, ou de *tento*, de *tentare*, experimentar com cuidado. É conhecida a expressão: *lavrar um tento*, — ganhar, obter uma vitória.

VI - 76 (1) *Agora sobre as nuvens os subiam* — Subir com objeto direto, no sentido de colocar no alto: *subiam os marinheiros sobre as nuvens. Subir alguém a um alto posto, por fazer subir*. É construção correta se bem que não muito usada.

VI - 76 (2) *Noto, Austro, Bóreas, Áquilo* — Camões enumera vários ventos contrários para dar a idéia da violência da tempestade: *Noto* é vento do sul; *Bóreas* é vento do norte, o mesmo que *Áquilo* ou *Aquilão*. Em português arcaico dizia-se *aguião*.

VI - 76 (3) *Arruinar* — Reduzir a *ruínas*. Não há ditongo, mas *ar-ru-i-nar*, o mesmo se dá com *ruim = ru-im*. A tendência é de fazer o ditongo, dizendo: *ar-rui-nar* bem como *ruim*, monossílabo.

VI - 76 (3) *máquina* — A construção, o ajustamento das diversas partes de um todo completo e harmonioso.

VI - 76 (4) *Polo* — o céu, o firmamento.

VI - 77 (1) *Alciôneas aves* — Aves marinhas, maçaricos, na opinião de alguns. *Alcyon* era filha de Éolo, esposa de Ceice. Quando esperava, na praia, a volta do marido, arrojaram-lhe as ondas, aos pés, o cadáver dele. Desesperada, jogou-se ao mar. Tétis transformou ambos nessas aves marinhas: *as alciôneas aves*. A pronúncia de *Alcione* é proparoxítona ainda que a tendência seja para fazê-la paroxítona: *Alciône*, como é em italiano. Os versos de Camões aludem à tragédia de Ceice (*Ce-i-ce*) do lat. *Ceyx*.

VI-77 (2) *Os delfins namorados* — Segundo o que foi explicado na estância 22, foi um delfim que procurou e encontrou Anfitrite e a convenceu a aceitar o amor e os presentes de Netuno. Outra história de um delfim amoroso é a que se passou com o *Arion*, grande tocador de lira e cantor da corte de Periandro, rei de Corinto. Tendo partido de Corinto para a Sicília a fim de tomar parte num concurso de músicos, apesar dos conselhos contrários de Periander, tomou um navio, venceu o concurso, mas quando voltava cheio de glória e de ouro, os marinheiros o roubaram e o arremessaram ao mar. Para tamanho sacrifício, revestiu-se de suas melhores roupas de seda, ornou-se com as melhores jóias, e, tendo na mão esquerda a lira, tocando-a e cantando se projetou no oceano. Quando as ondas o cobriram completamente, começou-se a ouvir o som da lira e a voz do cantor, como se estivesse acompanhando o navio. É que um delfim, atraído pela música e pela voz de Arion, o tomou em seu dorso e o transportou, através das vagas, à outra margem, onde se separaram com grande amizade e muitos agradecimentos de Arion. Caminhando, chegou a Corinto e foi dar graças ao seu amigo, o rei Periander. Dias depois chegava ao porto o navio donde tinha sido arremessado e roubado: o rei mandou chamar os marinheiros e perguntou-lhes: "O que é feito do meu músico Arion?" E os marinheiros lhe responderam que o haviam deixado em Táranto. Nesse momento, Arion apareceu: deram-se por mortos os marinheiros, pedindo à terra que se abrisse para recebê-los. Arion não quis que fossem executados. Mas Periander proibiu que nunca mais tocassem em portos do seu reino.

VI-78 (1) *O grão ferreiro sórdido* — Vulcano, o rei do inferno, oficina onde trabalham os ciclopes, forjando os raios e os relâmpagos de Júpiter. // *Sórdido* — sujo.

VI-78 (2) *Do enteado as armas radiantes* — Vênus, esposa de Vulcano, teve de Anquises o filho Enéias. Não era filho de Vulcano e por isto diz Camões *enteado*. A pedido de Vênus, Vulcano forjou as armas com que Enéias combatia. Vergílio, na Eneida, VIII, 668-731, descreve estas armas. Vergílio, neste ponto, imitou a Homero, em cuja "Iliada", Tétis encomenda a Vulcano uma armadura completa para Aquiles para substituir a outra de que se servira Pátroclo no combate com Heitor, combate em que caíra morto. *Enteado* é forma moderna, de *anteado*, correspondendo ao lat. *ante-natum*, que nasceu do primeiro matrimônio, antes do segundo.

VI-78 (3) *relâmpados* — Relâmpagos. Do lat. *lampare*, donde o part. pas. *lampadus* e o pref. *re*. De *lampar* há outros compostos como *relampar*, *relampear*, *relampejar*, *relampadejar*, *relampaguear*.

VI-78 (4) *No grão dilúvio donde sós viveram* — No grande dilúvio do qual únicos se salvaram.

VI-78 (5) *Os dous que em gente as pedras converteram* — É a lenda de Pirra e Deucalião. Segundo a mitologia, este casal, à medida em que caminhava, ia arremessando atrás das costas todas as pedras que encontrava e elas se transformavam em seres humanos a fim de repovoar a terra. As pedras jogadas por Pirra viravam mulheres; viravam homens as de Deucalião. (Veja Ovidio, Metam. 1-260-415). Este conselho de arremessar pedras para trás das costas lhes fora dado pelo oráculo de Têmis, quando o consultaram a respeito de como fariam para repovoar a terra. Respondeu-lhes o oráculo: "Joguem *os ossos da terra*" que eles interpretaram como sendo as pedras.

VI-79 (1) *As ondas que batiam denodadas* — Ondas denodadas, ondas audaciosas. O verbo *denodar-se* é formado de *denotare*, tornar-se *notado*, *famoso*, naturalmente, pelos seus feitos de valentia. Foi verbo de grande uso na Idade Média.

VI-79 (2) *as fúrias indignadas* — Note-se que Camões escreveu *indinadas* como escrevia sempre *indino*, *dino*, etc.

VI-80 (1) *Vendo Vasco da Gama... Vendo ora o mar...* — Querem alguns gramáticos menos informados que nunca se inicie o período com gerúndio. Para tais senhores, Camões deveria ter escrito: *Vasco da Gama vendo*, mas em tal caso, iria o Poeta contra outra regra e muito certa da sintaxe portuguesa: nas orações participiais e gerundivas, o sujeito vem sempre depois do verbo. Não há erro algum em iniciar o período com gerúndio. Qualquer página dos melhores clássicos desmente o ensino dos gramáticos.

VI-81 (1) *Por metade das águas eritréias* — Por metade de = pelo meio de; *eritréias*, vermelhas, do gr. *erythron*, vermelho.

VI-81 (2) *Paulo* — O Apóstolo S. Paulo: em suas grandes viagens missionárias, sofreu vários naufrágios e encontrou grandes tempestades.

VI-81 (3) *Sirtes* — Os bancos de areia no atual golfo de Sidra na Tripolitânia. A Sirtes maior estava entre a Tripolitânia e a Cirenaica; a Sirtes menor entre a Cirenaica e Rizacena.

VI-81 (4) *o segundo povoador do alagado é vácuo mundo* — Noé com os filhos Sem, Cam e Jafé. // *alagado e vácuo mundo* — As águas do dilúvio haviam coberto a terra e esta estava vazia de vida animal.

VI-82 (1) *Sila e Caribdis* — Veja c. II-43.

VI-82 (2) *Acroceráunios infamados* — Cadeia de montanhas do Epiro, que termina no promontório do mesmo nome. Aí são freqüentes as tempestades, os raios e por isto mal afamados (*infamados*) montes. Gr. *akron* = cume, píncaro; *keraunòs*, raio. Horácio escreveu: "Infames scopulos Acroceraunia" (Ode I-3).



VI-83 (1) *De quem feitos ilustres se souberam* — O pronome *quem* se refere a *ditosos aqueles*. Da mesma forma no verso seguinte: *De quem ficaram memórias soberanas*.

VI-83 (2) *De quem se ganha a vida, com perdê-la* — Aqui, a nosso ver, o pronome *quem* se refere a Cristo, ou a Fé cristã. É reminiscência do Evangelho quando Cristo afirma que viverão eternamente os que por Ele ou por sua doutrina morrerem. Neste verso *de quem* está *por quem*, complemento de causa eficiente: por quem se ganha a vida, perdendo-a.

VI-83 (3) *Doce fazendo a morte as honras dela* — É o que Horácio disse: "*Dulce et decorum* pro patria mori". (Ode III-2). Nos "Lusíadas" a pátria e a fé se identificavam: os portugueses morriam por ambas.

VI-84 (1) *enxárcia* — Os cabos que sustentam os mastros dos navios. Gr. *exartia*, neutro plural de *exartion*, deriv. de *exartizein*, equipar um navio. Portanto, *enxárcia* seria o mesmo que *equipamento*. A forma primeira foi *exárcia*. A nasalação é analógica a outras palavras começadas por *en*.

VI-84 (2) *que vêm representando* — Que davam a idéia de.

VI-85 (1) *amorosa estrela* — Estrela Vênus, sendo Vênus a deusa do amor, a deusa que mais amor dedicava aos portugueses por achá-los semelhantes aos romanos.

VI-85 (2) *ensífero Orionte* — Orionte foi um caçador que mereceu ser transformado em constelação semelhante a um homem armado de espada, por isto *ensífero*, de *ensis*, espada e *fero* de *ferre*, trazer. Tinham os antigos Orionte como sinal de chuva e tempestade. Vênus, anunciadora de bonança, lhe era contrária, e, por este motivo, dela fugia Orionte.

VI-86 (1) *Grinaldas nas cabeças pôr de rosas* — Manda as Ninfas pôr grinaldas de rosas nas cabeças.

VI-87 (1) *à porfia* — As ninfas porfiavam em ver qual delas poria grinaldas de maior número de cores, mais variegadas.

VI-87 (2) *que Amor enfia* — *Amor*, com maiúscula, é Cupido, cujos cabelos eram louros. Ao ver que os cabelos das ninfas ainda eram mais louros que os seus, ficava, de certo modo desapontado, enfiado. Ainda diz o povo: F. *ficou enfiado*, isto é, desapontado, encalistrado.

VI-87 (3) *nojosa companhia* — A companhia desagradável dos ventos.

VI-88 (1) *Oritia* — Filha de Erecteu, rei de Atenas, raptada por Bóreas. Lat. *Orithya*.

VI-89 (1) *Não creias, fero Bóreas, que te creio* — Não creias, não penses, não te enganes; *que te creio* — que acredito em amor constante que nunca tiveste. É do gosto de Camões estes usos do mesmo verbo com levíssimas diferenças de significação.

VI-89 (2) *Que brandura é de amor mais certo arreio* — Porque a brandura, o trato afável, é o mais certo adôrno do amor.

VI-89 (3) *firme amante* — Não tinham os clássicos, embora poetas e do valor de Camões a "malícia auditiva" dos modernos, deixando escapar muitos cacófatons como o que aqui se encontra.

VI-90 (1) *Galateia* — Uma das Nereidas de quem se anamorou o monstruoso Polifemo e também se apaixonou o "fero Noto", isto é, o vento do sul.

VI-90 (2) *que com ele tudo acabe* — Acabar com alguém, isto é, vencer a resistência de alguém, dobrando-lhe a vontade, convencendo-o.

VI-91 (1) *Nas belas mãos tomando-lhe homenagem* — Tomar homenagem, render homenagem, prestar, jurar homenagem são outras tantas expressões do feudalismo pelas quais o vassalo se comprometia nas mãos do suzerano obediência e acatamento.

VI-92 (1) *Por onde os Ganges murmurando soa* — Corre murmurando. Quer o Poeta dizer que estava na Índia, tomando o rio principal do país pelo próprio país, como quem diz: *estamos no Tejo*, isto é, em Portugal. É uma fantasia de Camões porque os portugueses chegavam às costas do Malabar e o Ganges corre daí a muitas léguas.

VI-92 (2) *da celsa gávea* — Da alta gávea. O mais comum é usar-se *excelso*, *excelsa* e não o simples *celso*, *celsa*. // *Gávea*, variante *gábea*, é cesto, ou pequeno engradado no alto do mastro de proa, onde fica o perscrutador do horizonte, o vigia. Lat. *cabea*. Do diminut. *cabiola*, *caviola*, *gabiola*, veio a palavra *gaiola*, quer pela síncope do *b* intervocálico, quer pela vocalização do *b* em *i*.

VI-92 (3) *terra alta* — As montanhas são as primeiras a aparecer no horizonte. Era o dia 20 de maio de 1498, um domingo. Eis como nos refere o fato Castanheda: "E ao domingo vinte de Mayo vio ho piloto hũas serras... que está sobre a cidade de Calicut e cheouse tanto a terra que a conheceo e com muyto prazer pedio aluisaras a Vasco da Gama: dizendo que aquela era a terra, que desejaua de chegar, e elle lhas deu, e logo mandou dizer a Salue (Salve Regina) onde todos derã muytos louuores a nosso Senhor" (1-13).

VI-93 (1) *fenece* — Termina, acaba, finda-se.

VI-93 (2) *Sofrer* — Ter mão em si mesmo, conter-se, impedir que não, etc. // *Gama mais* — Novo cacófaton em desabono dos ouvidos clássicos de Camões.

VI-93 (3) *Os geolhos no chão, as mãos ao céu* — Posição cristã, ou melhor, católica, de quem ora. O ajoelhar-se é um gesto pelo qual se reconhece a superioridade de outrem a cujos pés se dobram os joelhos; erguer as mãos ao céu é outro gesto litúrgico de implorar ou de agradecer aquilo que se havia implorado. // *Geolhos* — Forma direta do lat. *genuclu*, com perda da nasal e palatização do grupo *cl*. A forma atual *joelho* é metátese da primeira.

VI-94 (1) *Como quem despertou de horrendo sonho* — A correlação dos tempos exige que seja *Como quem despertasse* ou *como quem tinha despertado*.

VI-95 (1) Ataca o Poeta aqueles que vivem dos feitos de seus antepassados, gloriando-se de pertencerem à mesma família, quando nada fazem por si mesmos. São muito atuais as recriminações de Camões porque, se naquele tempo já eram numerosos esses *encostados nos antigos troncos nobres* hoje formam legiões. Ataca ainda os que procuram passar a vida no luxo e na luxúria.

VI-95 (2) *Animais zibelinos* — As famosas raposas e martas de cuja pele se fazem preciosos abrigos. A forma primeira foi *sibelinos*, do mesmo tema de *Sibéria*. O italiano *zibellino* passou ao francês *zibelline* e ao português. É palavra de origem eslava, russa.

VI-96 (1) *apetitos* — Forma antiga já desaparecida do uso, mas ainda corrente em espanhol e italiano. Lat. *appetitus* de *ad* + *pétere*.

VI-96 (2) *Que não sofre a nenhum que o passo mude* — Que não permite que alguém mude de teor de vida, deixando os prazeres do apetite e pratique algum ato de verdadeira virtude.

VI-97 (1) *As honras próprias suas* — Honras que lhe vieram unicamente por seu valor pessoal, pelos seus feitos de valentia (seu forçoso braço) e não pelo que os seus maiores praticaram.

VI-97 (2) *Vigiando e vestindo o forjado aço* — Vigiando, isto é, estando sempre em contínuo estado de alerta, em contínuo estado de guerra, pronto a combater ao primeiro chamado, revestido de suas armas, de sua armadura toda feita de aço puro, que se contrapõe aos trajes do luxo, das zibelinas, das sedas, e dos banquetes amolecedores.

VI-97 (3) *os torpes frios* — Os frios entorpecedores do extremo sul e quase sempre sem os convenientes abrigos, como nos disse o Poeta na estrofe 39:

"Vencidos vêm do sono e mal despertos;
Bocejando a miúdo se encostavam
Pelas antenas, todos mal cobertos
Contra os agudos ares que assopravam".

VI-98 (1) *Para o pelouro ardente que assovia* — As balas de ferro, arremessadas pelos canhões do tempo, que matavam e destruíam pelo peso e pela força com que eram projetadas. Na época era a mais temida das armas e somente os de grande valor bélico é que podiam *parecer seguro, ledo, inteiro* em face de tais ataques. Camões quer contrapor o valor próprio do Gama e de seus companheiros ao afeminado desfibramento dos nobres que preferiam as comendas e honras do paço real a ir notabilizar-se nas expedições guerreiras.

VI-98 (2) *honras e dinheiro que a ventura forjou, e não virtude justa e dura* — Continua o ataque do Poeta aos nobres aduladores da corte. Vasco da Gama, que tinha *um calo honroso no peito*, desprezava tudo isto e tudo isto lhe vinha às mãos, através do esforço, da valentia, da *virtude justa e dura*.

VI-99 (1) A pessoa que, à semelhança do Gama, se forjou nas lutas da honra e da dignidade, paira muito acima dos cortesãos afeminados e pode, com experiência própria, olhá-los do alto, todos *embaraçados*, isto é, ocupados unicamente com as vis manobras que lhes consigam manter a sua posição social.

VI-99 (2) *onde tiver força o regimento direito e não de afeitos ocupado* — Sempre a mesma cousa: raro é o lugar onde a justiça, o direito são observados, vencidos sempre pelos obstáculos do afeto, da amizade, do parentesco, da proteção.

VI-99 (3) *Contra a vontade sua, e não rogando* — Onde houver justiça e for observado o regimento do direito, como diz o Poeta, os verdadeiros valores humanos deverão subir, deverão ser colocados nos primeiros postos, não que para tanto tenham feito pedidos e posto empenhos de terceiros, mas até contra a sua própria vontade.

## Canto Sétimo

VII-1 (1) *que no céu terreno mora* — O céu terreno é o paraíso terreal e a tradição antiga punha o Ganges entre os quatro grandes rios desse paraíso. Eis o que diz o Gênesis: "Deste lugar de delícias saía um rio, que regava o paraíso, o qual dali se divide em quatro canais. Um se chama Fison; e este é o que torneia todo o país d'Evilath, onde nasce ouro" (Cap. II-9, 10, 11). O Padre António Pereira de Figueiredo diz em nota: "Por Fison entenderam os antigos Padres o Ganges; por Geon o Nilo. Hoje não estão os sagrados intérpretes por esta opinião". Em outro comentário diz o mesmo autor, citando Calmet: "Este é o discurso de Calmet, que também por boas conjeturas julga que o Fison e o Geon são outros dois rios Fasis e Araxes". Camões, porém seguiu a opinião antiga que muito bem servia aos seus intentos poéticos.



VII-1 (2) *Sus* — Interjeição de alegria, de animação, de entusiasmo, do lat. *susum* por *sursum*, acima, para o alto.

VII-1 (3) *Já sois chegados* — A forma passiva com significação ativa: *chegastes*. Verdadeira construção depoente.

VII-2 (1) *Não digo inda no mundo* — Não digo *já no mundo*, o que seria muito extenso, mas dentro da própria cristandade.

VII-2 (2) *Curral de Quem governa o Céu rotundo* — *Curral*, a Igreja Católica, isto é, no rebanho, no lugar onde se recolhe o rebanho, pois, *curral* é o mesmo que *aprisco*. Não tinha tal palavra, entre os clássicos, significado depreciativo, mas era, por assim dizer, termo técnico, decorrente sempre da comparação que desde Cristo se vem fazendo entre o Pastor e as Ovelhas, expressões da língua pastoril. João de Barros também disse: "... metendo grande parte do povo idólatra em o *curral* do Senhor" (Décs. I-1, 2). // *Rotundo* é latinismo, do lat. *rotundus*, de que temos a palavra popular *redondo*, dissimilação de *rodondo*.

VII-2 (3) *A quem não somente algum perigo* — A quem não somente perigo algum, isto é, nenhum perigo.

VII-2 (4) *Da Madre que nos céus está em essência* — Refere-se à Igreja Católica, a Igreja Militante, em oposição à Igreja Triunfante, que é o céu.

VII-3 (1) *poucos quanto fortes* — Tão poucos (em número) quanto valentes, fortes em atos de bravura.

VII-3 (2) *A lei da vida eterna dilatais* — Entendem muitos que esta lei da vida eterna seja a fé cristã; pensamos que seja a imortalidade: os feitos pela sua fama dilatam a vida, tornando-a eterna, no sentido de duradoura, perene.

VII-3 (3) (4) *por muito poucos... muito façais* — Usa Camões da mesma palavra em diversos significados, ou melhor, com diversa classificação gramatical: *por muito poucos* é realmente pronome indefinido; *muito façais* — é pronome ainda indefinido, referindo-se a *muitas cousas, muitos atos de bravura*. É o que o latim já dizia: *Non multa sed multum*, não muito em número, em quantidade, mas muito em qualidade. Assim empregou Camões *por muito poucos* (número, quantidade) e *muito façais* (em qualidade).

VII-3 (4) *na santa Cristandade* — Entende sempre o Poeta por cristandade o catolicismo. O protestantismo, que na época de Vasco da Gama ainda não havia aparecido, começava a produzir suas revoluções no tempo de Camões. Veremos nas estrofes seguintes a mente contrária a tais movimentos religiosos que mantinha o Poeta.

VII-4 (1) *Vêde'los alemães* — Por *Vedes los alemães*: a sibilante de *vedes* foi assimilada à vibrante *l* da forma arcaica do artigo *los*. Não se trata de imperativo como a alguns tem parecido. // *Soberbo gado* — Camões continua a sua comparação da Igreja Católica e dos fiéis, usando os termos da língua pastoril. A Igreja é o curral e os alemães faziam parte do rebanho, do gado pertencente a esse aprisco espiritual. *Soberbo*, não no sentido bom de admirável, digno de louvor, mas depreciativamente: *revoltado, cheio de orgulho*. É muito antigo, como se vê, este defeito dos alemães, o orgulho, a soberba, razão ainda agora do estado de ruína em que se encontra a Alemanha, dividida dentro de si mesma.

VII-4 (2) *Do sucessor de Pedro* — O Papa, Sumo Pontífice, Leão X.

VII-4 (3) *Novo pastor e nova seita inventa* — Os protestantes, aqui, os luteranos, tomaram por chefe a Lutero, antigo monge agostiniano, de vida pouco edificante. A seita é o luteranismo, nessa época, o mesmo que protestantismo. Hoje são tantas as seitas que, dificilmente, poderão ser enumeradas, surgindo, cada ano, uma nova subdivisão.

VII-4 (4) *em feias guerras ocupado* — As guerras de religião que devastaram a Europa, especialmente, na Alemanha.

VII-4 (5) *cego error* — O protestantismo. *Error*, do lat. *errorem*, palavra de cunho erudito e literário.

VII-4 (6) *otomano* — O poderio dos turcos tinha tomado grande alento com a dinastia fundada por Othman I. Camões acusa os cristãos de fazerem guerra uns aos outros, em lugar de se unirem contra a ameaça turca.

VII-4 (7) *jugo soberano* — Acham muitos que tal jugo seja o governo de Carlos V contra o qual se revoltavam os alemães protestantes. Pensamos que o jugo soberano seja o da Igreja Católica, representado pelo Papa, a figura mais visada pelos luteranos do tempo.

VII-5 (1) *Vêde'lo duro Inglês* — Veja o comentário c. VII-4 (1).

VII-5 (2) Desde as Cruzadas que os reis da Inglaterra usavam o título de

*rei de Jerusalém.* Refere-se Camões a Henrique VIII, o Barba Azul do protestantismo, perjuro, adúltero, assassino de várias mulheres, fundador da igreja anglicana. Ressalta o Poeta o contra-senso de ser este herege rei da cidade santíssima de Jerusalém e perseguidor dos católicos. Glutão e cruel, prefere a vida cômoda entre as neves boreais, isto é, na Inglaterra, a sair a combater os inimigos do cristianismo.

VII - 5 (3) *Nova maneira de Cristandade* — Fundou a igreja anglicana em 1534, consolidada e regulamentada depois por Isabel em 1562, da qual o rei da Inglaterra é o chefe, uma espécie de Papa para uso dos ingleses.

VII - 5 (4) *Para os de Cristo tem a espada nua* — Foi perseguidor e fez executar numerosas pessoas nobres, perseguiu os católicos e pela mão dos carrascos renegou, com grande vergonha para os que ainda teimam em seguir a este criminoso, as esposas Ana Bolena e outras.

VII - 6 (1) *A cidade Hierosólima terreste* — Jerusalém, cujo nome se decompõe, em hebraico: *yeru*, da raiz *yârâsh*, possuir, e *salam*, paz. A cidade da paz. Para outros, os elementos são: *shalim* ou *shalam*, nome de uma primitiva divindade e *ur* ou *uru*, cidade: *Urushalem*, isto é, a *cidade de Shalem*. Os gregos confundiram *yeru* com *hiereus*, sagrado, santo e segundo Flávio Josepho, o primitivo nome da cidade *Solyma*, sagrada. Jerusalém é chamada na Igreja Católica, a *terrestre*, em oposição ao céu, a *Jerusalém celeste*. Quanto à sintaxe, chamamos a atenção do leitor para a construção: *A cidade Hierosólima* em lugar de *A cidade de Hierosólima*. Ambas as construções, como tantas vezes temos dito, são corretas, não havendo galicismo algum na primeira construção apositiva.

VII - 6 (2) *Galo indigno* — Francisco I, rei da França, que se aliou com Solimão II, rei dos turcos, contra Carlos V, imperador da Alemanha, Áustria e Espanha, o defensor dos católicos.

VII - 6 (3) *Que o nome "cristianíssimo" quiseste* — Os reis da França tinham tal título e Camões ressalta a indignidade de tal *cristianíssimo rei* que se vai aliar ao inimigo de Cristo, ao turco Solimão II.

VII - 7 (1) *Achas que tens direito em senhorios de Cristãos* — Francisco I pretendia ser o sucessor de Maximiliano I, imperador da Alemanha, em 1519, sendo derrotado em sua pretensão por Carlos I, rei de Castela que foi eleito imperador com o nome de Carlos V. O "cristianíssimo" rei da França moveu guerra a seu rival, pretendendo conquistar os domínios de Milão, Flandres, Borgonha, Navarra, recorrendo para tanto a alianças com os protestantes alemães e com os muçulmanos.

VII - 7 (2) *E não contra o Cinífio e Nilo rios* — O rio *Cinífio*, hoje, *Ued Quaham*, que desagua no golfo de Sidra (antiga Sirte menor), é tomado aqui por toda a região por ele banhada, Tunísia, Argélia e Marrocos. O Nilo representa o Egito. Todos estes países estavam sob o jugo da religião maometana, portanto, inimiga do cristianismo. A edição "princeps" traz *Ciniphio*, forma aceita por Epifânio da Silva Dias, mas rejeitado pelo Morgado de Matheus, por Adolfo Coelho e por Frei Francisco de Macedo. *Ciniphio* seria forma adjetiva, aqui, sem nenhuma aplicação. Acha Adolfo Coelho que houve aí erro do tipógrafo, pois a forma latina é *Ciniphus* como está em italiano atual *Cinifo*. Na sua tradução latina assim escreveu Frei Francisco de Macedo: *"Ciniphus ac Nilus tranquilla pace fruuntur"...*

VII - 7 (3) *reprovar da Igreja o canto* — *Canto*, aqui, é *pedra*, a *pedra angular* da Igreja, o Sumo Pontífice. Camões apóia-se no salmo CXVII, citado no Evangelho de S. Mateus, XXI, 42: *Lapidem quem reprobaverunt aedificantes, hic factus est in caput anguli.* Apóia-se ainda nas palavras de Cristo a S. Pedro: *Tu es Petrus et super hunc lapidem aedificabo ecclesiam meam.* A palavra *canto* é de origem ibérica ou mediterrânea, pré-latina. De *canto* (pedra) vem *canto*, esquina, ângulo feito pelas paredes, *cantaria, canteiro, cantareira, decantar*, isto é, fazer escorrer o líquido pela borda do vaso para reter as escórias que ficam no fundo. Vem ainda *cantoneira*, aparador que se coloca no *canto* das paredes.

VII - 7 (4) *Carlos, Luís* — Carlos Magno que combateu os muçulmanos na Espanha e os germanos pagãos, convertendo-os ao cristianismo, tendo sido o grande defensor da Igreja Católica. Luís IX, o São Luís, rei de França, que fez duas cruzadas para libertar a terra santa, dirigindo uma delas contra a Tunísia e o Egito, tendo falecido em Tunes, vítima da peste negra da África.

VII - 8 (1) *logram as divícias* — Palavra puramente latina: *divitiae, arum*, riquezas, bens, opulência.

VII - 8 (2) *inimicícias* — Outro latinismo de Camões: *inimicitiae, arum*, inimizades, antipatias. No Gênesis, quando a serpente consegue vencer a Eva e por ela a Adão, disse Deus: *"Inimicitias ponam inter te et mulierem et ipsa conteret caput tuum"*: Eu porei inimizade entre ti e a mulher e ela te esmagará a cabeça, — palavras em que os intérpretes católicos vêem a predição da virgindade de Nossa Senhora que seria essa *Mulher que esmagaria a cabeça da serpente*, isto é, o pecado.

VII - 9 (1) *Sois os dentes de Cadmo desparzidos* — Alusão não muito bem feita à narrativa mitológica de Cadmo e o dragão. Quando Cadmo, de origem fenícia, quis edificar, em Tebas, a cidade que dele tomaria o nome — *Cadméia*, — mandou seus homens buscar água a um rio. Um dragão aí existente os devorou. Por conselho de Minerva, Cadmo, depois de matar o dragão, lhe arrancou os dentes e os semeou na terra. Cada dente se transformou num guerreiro e começou entre eles uma batalha feroz. Cinco sobreviveram e ajudaram a Cadmo em sua empresa. Veja Ovídio — Metam. II - 833; III - 130; III - 26-130. A esses dentes nascidos dos dentes do dragão, transformados depois em guerreiros que se mataram mutuamente, compara Camões os povos em luta, em guerra fratricida, matando-se uns aos outros quando deveriam aliar-se contra o inimigo comum, o muçulmano, o turco.



VII - 9 (2) *cães* — Os muçulmanos, os turcos. Camões é um perfeito representante do ódio do Ocidente contra o Oriente, ódio de religião e de raça. Nos dias em que estamos escrevendo estes comentários, ainda vemos crescer, cada vez mais, este ódio, especialmente do Oriente, dos povos semitas, mas de religião muçulmana, contra a Europa, contra o Ocidente, de religião cristã, católica ou protestante. As lutas do Egito, da Argélia contra a Inglaterra e a França, ainda continuam as velhas guerras a que alude Camões em seu poema. Para os muçulmanos dirige o Poeta os epítetos mais ofensivos, a começar por este que aqui comentamos: *cães!*

VII - 10 (1) *por uso e por decreto* — Por *prática* e *teoria*. O *decreto*, a lei, o ensino do Alcorão e o *uso*, a prática, a execução dessa lei.

VII - 10 (2) *a fera Alecto* — Uma das Fúrias — Foi chamada do Erebo por Juno a fim de semear discórdias entre os súbditos de Latino que ia aliar-se a Enéias de quem Juno foi sempre inimiga. Alecto, ajudada pelas irmãs, as Fúrias, disfarçada em velha sacerdotiza, apoderou-se do espírito de Amata, esposa de Latino, conseguindo que esta se opusesse à aliança com Enéias.

VII - 10 (3) *cizânias repugnantes* — Latinismo camoniano como em *ventos repugnantes*, contrárias, cizânias que lutavam entre si mesmas. Do latim *re-pugnantes*, partic. pres. de *pugnare*, lutar, combater.

VII - 11 (1) *Pactolo e Hermo rios* — Dois rios que foram famosos pelas suas areias auríferas, ambos da Ásia Menor. O primeiro é afluente do segundo. Do Páctolo tirava suas riquezas o famoso Creso, rei da Lídia, cujo país banhava, originando-se da montanha Tsuolo. Tinha tanto ouro que os antigos, exagerando, diziam que as águas eram verdadeiramente ouro líquido. A causa de tanta riqueza, segundo a lenda, fora o fato de lavar-se, nestas águas, o rei Midas que transformava em ouro tudo aquilo em que tocasse. Tibulo chamou a este rio: "Lydius aurifer amnis". Vergílio escreveu: "Pactolus et Hermus Lydiae flumina sunt aurum sicut Tagus trahentia" (Comentários de Sérvio a Vergílio) — Juvenal, como Vergílio, une sempre ao Páctolo o Tejo: "Quod Tagus et rutila Pactolus volvit arena Aurum" (XIV - 298-299).

VII - 11 (2) *Em Lídia, Assíria, lavram de ouro os fios* — Fazem tecidos de ouro, os famosos brocados de Moçul, Bagdad. // *Lavram*, trabalham, preparam, de *lavrar* e este de *laborare*, fazer obras, artefactos. A antiga Lídia ia do mar Egeu até o rio Halis (Quisil Irmaque) e foi conquistada por Ciro, rei da Pérsia quando reinava o famoso Creso. A Assíria foi vasto império que conquistou o de Babilônia, chegando até as margens do Mediterrâneo.

VII - 11 (3) *Mova-vos já, sequer, riqueza tanta* — Mova-vos, ao menos, tanta riqueza, — já que não pode mover-vos a Casa Santa, isto é, o Santo Sepulcro. Com esta interpretação, que temos por acertada, o adv. *já* do verso 7.º deveria estar no verso 8.º.

VII - 12 (1) *Aquelas invenções, feras e novas* — Invenção da pólvora feita pelo monge alemão Schwartz, em 1314, aplicada a fins bélicos pelos ingleses na batalha de Crecy, 1346. Já os chineses e árabes conheciam a pólvora, mas como fogo de artifício. O descobrimento de Schwartz foi independente do conhecimento dos chineses.

VII - 12 (2) *Na polícia da vossa Europa rica* — Polícia por cultura, civilização. Os turcos, conquistando Constantinopla, punham pé na Europa e tomavam parte nos tratados e alianças com os demais reis europeus, imiscuindo-se, portanto, na civilização cristã.

VII - 13 (1) *Lhe obriga os caros filhos* — O pron. *lhe*, aqui *lhes*, era invariável em número.

VII - 13 (2) *Preceptos do Alcorão* — Os turcos e árabes, muito ao contrário do que muitos escritores têm escrito a respeito de sua tolerância religiosa, obrigavam os prisioneiros à circuncisão e aos preceitos do Alcorão, ou simplesmente *Corão*, a Bíblia do Maometanismo. A grafia *preceptos* é meramente latina, mas a pronúncia continuava a ser a que já havia chegado a evolução fonética: *preceitos*. // *Alcorão*, do árabe, *Al Coran*, A Leitura é o livro que encerra os ensinamentos e as revelações de Maomé.

VII - 14 (1) *Mas, entanto que andais cegos e sedentos* — Mas enquanto andais cegos e sedentos do vosso próprio sangue, fazendo guerra aos próprios cristãos, etc.

VII - 14 (2) *Na quarta parte nova os campos ara* — A quarta parte do mundo, então, *nova*, era a América, e mais especialmente, o Brasil. Ficou famoso o último verso desta estrofe: *E, se mais mundo houvera, lá chegara.*

VII - 15 (1) *O furor vão dos ventos repugnantes* — Camões gostou desta construção latina em que *repugnantes* é tomado no sentido de *contrários*, que se combatem mutuamente, *revoltos*. Veja o c. VI - 35; c. VII - 10 *cizânias repugnantes.*

VII - 15 (2) *de Cristo a lei* — Os portugueses se fizeram, ao mesmo tempo, missionários, pregando, em suas conquistas, o cristianismo, ou melhor, o catolicismo. // *Dar novo costume* — novos hábitos, decorrentes da pregação da lei de Cristo.

VII - 16 (1) *De Calecu* — Esta é a grafia usual de Camões se bem que, nos demais autores dessa época, João de Barros, Diogo do Couto, Castanheda, seja sempre *Calecut*. Parece-nos que a grafia camoniana prova que, nesse tempo, não era pronunciada a dental final. Eis como escreveu Castanheda: "... e no mesmo

dia (20 de Maio) a tarde forão surgir duas legoas abaixo de Calicut... E surta a frota acodio logo gente da terra em quatro almadias a saber que naos eram aquelas... E esta gente vinha nua, salvo que cobrião suas vergonhas com huns pequenos panos. E ho piloto Guzarate disse a Vasco da gama que aquela gente eram pescadores... e as almadias ho levarão a Calicut" (I-13).

VII-16 (2) *Porque esta era a cidade...* — A ordem é: Porque esta cidade era a melhor das melhores do Malabar. // *Malabar* compreende uma faixa da costa ocidental da Índia, entre Gates e o mar, desde Canará até o cabo Comorim. O rei era o *Samorim* que tinha sob a sua sujeição outros reis menores. Veja mais adiante as estrofes 32 e 36.

VII-17 (1) *Gange* — Os autores clássicos ora escreviam *Ganges*, ora *Gange*, como aparece em João de Barros. Camões preferiu a forma sem *s* por causa da rima. Começa nesta estrofe a descrição da Índia Cisgangética. A fonte destas descrições é a primeira Década de João de Barros.

VII-17 (2) *Emódio* — É o nome grego do Himalaia. Lat. *Haemodes*. *Himalaia* vem do sânscrito *Hima* (neve) e *álaia* (morada). A acentuação em sânscrito é proparoxítona *Himalaia*.

VII-17 (3) *várias leis* — Várias religiões como ainda hoje: budismo, bramanismo, parsismo e não sabemos quantas outras seitas sempre em lutas entre si e quase todas contra o muçulmanismo.

VII-17 (4) *Mahoma* — *Mafoma*, pronúncia vulgar de *Mahometh*. Muitas tribos da Índia veneram certos animais como o macaco, a vaca, e determinada classe de serpente, as najas. Ergueram até um templo aos macacos e as vacas são sagradas, tidas em maior conta que os próprios seres humanos, sobretudo, superiores aos pobres "intocáveis".

VII-18 (1) *quersoneso* — É luxo de Camões no uso que faz desta palavra grega, quando muito mais corrente era a latina *peninsula*. Gr. *khersònesos*, de *khersos*, continental e *nesos*, ilha: ilha que está presa ao continente.

VII-19 (1) *Quase piramidal* — A Índia, vista de Ceilão, toma a forma de uma pirâmide cuja base está no norte, nos contrafortes do Himalaia, e cujo vértice termina em face da ilha de Ceilão.

VII-19 (2) *Ceilão insula* — Note-se primeiro o latinismo de Camões, empregando *insula* em lugar de *ilha* e depois a construção: *insula Ceilão*, em lugar de *insula de Ceilão*. Construção apositiva, correta.

VII-19 (3) *Do cheiro se mantém das finas flores* — Lenda segundo a qual, nesta parte da Índia, só o perfume das flores sustentava as pessoas. Plínio, o Antigo, já fazia referências a esta crendice.

VII-20 (1) *Deliis* — *Decaniis* — Palavras escritas com dois *ii* ou com *ij* para indicar a sílaba tônica. Ainda hoje alguns autores italianos recorrem a tal maneira de grafar, para indicar o plural: *esercizii* ou *esercizij*. A forma moderna é *Delhi*, pronunciando-se *De-li*.

VII-20 (2) *Têm de sua salvação* — Basta um banho no Ganges para que os brâmanes fiquem purificados de seus pecados. Muitos arremessam a estas águas os cadáveres na esperança de salvação. Crocodilos inúmeros são aí criados para que devorem os corpos. Ultimamente, o governo da Índia pensou em importar do Brasil as terríveis *piranhas*, peixes carnívoros e terrivelmente ferozes, para auxiliarem os crocodilos em tão repugnante ofício, produto dessa crença ainda mais repugnante.

VII-21 (1) *O Reino de Cambaia* — Era também conhecido como *reino de Guzerate* ou *Guzarate*.

VII-21 (2) *Poro* — Rei do Panjabe, vencido por Alexandre, o Grande. Duvida-se de que, nesse tempo, limitassem as terras de Poro com as de Cambaia.

VII-21 (3) *Narsinga* — É o nome de um dos reis do Decão e pelo nome do rei se nomeia todo o país. Outro nome deste reino era *Bisnaga*, nome da capital. Muito rico em ouro, pedras preciosas, prata, etc.

VII-21 (4) *Com que do Canará vive seguro* — O reino de Canará ficava ao sul do Decão. João de Barros trata destas partes da Índia em diversas passagens: "É a maes notavel diuisão que a natureza pôs nesta terra, he hũa corda de montes a que os naturaes ... chamão Gate que quer dizer serra ... os auaes montes ... vem correndo contra o sul assi como a costa do mar vae à vista delle, leixando entre as suas praias e o sertão da terra hũa faixa delle chãa e alagadiça" (Déc. I-4, 7). "... o primeiro (rio) diuide o reyno Decan... do reyno Guzarate que lhe fica ao Norte, o segundo aparta este reyno Decan do reyno Canará que fica ao Sul delle" (id. I-9, I) — Note o leitor as construções de João de Barros: *reyno Decan... reyno Guzarate... reyno Canará* — sempre em construção apositiva e não restritiva com a prep. *de*. Todos estes exemplos provam que não têm razão os gramáticos quando condenam a primeira construção como galicismo.

VII-22 (1) *sem debate* — Sem contestação, sem disputa, pacificamente. Como sempre há exagerados galófobos que dão *debate* como galicismo.

VII-23 (1) *Um português, mandado, logo parte* — Tratava-se do degredado João Martins, cristão-novo que foi em companhia do piloto mouro. "Vasco da Gama tanto que anchorou hum pouco largo do porto... mandou em terra o Mouro piloto e hum degredado, notificando per elles a el Rey a sua chegada e o recado que lhe trazia: pedindo que lhe mandasse dizer quando auia por bem que fosse a elle" (Barros I-4, 8).



VII-23 (2) *a não vista arte*, etc. — A elegância dos trajes europeus, a cor branca do português, o rosto, a fisionomia diferente, a roupa nova para aquela gente.

VII-24 (1) *Se chega um maometa* — Conservou-se apenas o prenome deste mouro amigo dos portugueses, *Monçaide*. Segundo João de Barros, I, IV, 8, e Damião de Gois na "Chron. de Dom Manuel, I-39, Monçaide era corretor de mercadorias em Calecut e teria tido trato com os portugueses em Ourão (Oran). Gaspar Correia fala de um castelhano de Sevilha, que teria sido cativado e obrigado a adotar a religião muçulmana. O Roteiro menciona, como Gois, dois mouros de Tunes que falavam castelhano e genovês" (Barb. Bettencourt — Subsídios, págs. 197-198).

VII-24 (2) *Berberia* — O norte da África, Marrocos, Argélia, Tunísia.

VII-24 (3) *onde fora Anteu obedecido* — Veja c. III-77.

VII-24 (4) *já teria conhecido o Reino Lusitano* — Veja o comentário n.º 1 desta estrofe.

VII-24 (5) *Ou foi já assinalado de seu ferro* — Camões supõe que Monçaide tenha tomado parte nas guerras contra os portugueses, no norte da África.

VII-25 (1) *como quem sabe a lingua hispana* — Veja o comentário c. VII-24 (1).

VII-26 (1) *Monçaide* — Não se encontra, em autor algum, a menor tentativa de explicação do significado deste nome. Castanheda usa uma variante *Bontaibo*: parece-nos uma variante totalmente vulgar, no sentido de conformar o nome árabe a elementos já conhecidos em português. Assim, teríamos: *bom* + *taibo*. Este segundo elemento é o árabe *tajjib* que apresenta as modificações: *tâjb*, *taib*. Vejam-se Steiger "Contribución a la Fonética Hispano-árabe", etc. e Júlio Moreira, "Estudos" vol. I-216; Carolina Michaelis de Vasconcelos em "Revista Lusitana" — vol. 12, pág. 133. Gaspar Correia e Castanheda, sempre que se referem a Monçaide, dizem sempre *Bontaibo*. E que quer dizer *taibo?* Todos os autores supracitados estão concordes no significado de *bom*, *fiel*, *sincero*, pessoa em quem se pode confiar. *Mon* é a velha forma do possessivo *meu* e, assim, pela forma *Montaibo* se poderá interpretar *Monçaide*, por *meu fiel amigo*.

VII-26 (2) *Só para o rei da terra relevava* — A mensagem só interessava ao rei da terra. *Relevar* neste sentido de importar, interessar, já saiu do uso da língua portuguesa. Usamos *relevar* no sentido de perdoar, escusar, não fazer grande caso de: relevar multa, pena, erro, etc. É galicismo no significado de proceder de, decorrer de, ser conseqüência de, como em: a debilidade dos olhos releva da falta de vitaminas.

VII-26 (3) *Mas de caminho pouca quantidade* — De pouca distância, não muito longe. João de Barros esclarece: "El-rei estava fora da cidade, em uns paços que seriam della quase meia legua, entre palmares, e a gente nobre apousentada por derredor ao modo que cá temos as quintas" (I-IV-7). Castanheda e Damião de Góis dizem que o Samorim se achava em Panane, muito mais distante da capital, a cinco léguas.

VII-27 (1) *E, despois que se um pouco recreasse* — E depois que se tivesse espairecido, divertido. Note-se a colocação do pron. *se*, anteposição muito do gosto da língua arcaica.

VII-28 (1) *Sobem à capitaina e toda a gente Monçaide recebeu benignamente* — Em *capitaina* se deu a hipértese do *i* ou do *e* átono que soa *i*: *capitânea* = *capitaena* = *capitaina*. // Se o contexto não esclarecesse, poderia alguém ficar em dúvida se foi *toda* a gente que recebeu benignamente a Monçaide ou se foi Monçaide que recebeu toda a gente. Em tais casos, quando o contexto não auxilia a compreensão, exige-se que o objeto direto venha precedido da prep. *a*. Esta preposição não invalida a qualidade do objeto direto, servindo apenas de recurso indicativo do complemento direto, a fim de obstar à confusão de sentido.

VII-29 (1) *O capitão o abraça, em cabo, ledo* — A expressão *em cabo*, formada de *cabo*, extremidade, interpreta-se como sendo: *extremamente*. É rara expressão que não nos ocorre ter encontrado em outros autores clássicos da língua.

VII-29 (2) *Ouvindo clara a lingua de Castela* — Ouvindo clara a língua: compreendendo-a facilmente porque Monçaide a falava bem.

VII-29 (3) *pronto e quedo* — Atento e silencioso.

VII-29 (4) *Qual se ajuntava em Ródope o arvoredo* — É o fato de que nos fala a mitologia: quando Orfeu tocava a lira, todas as árvores do monte Ródope se moviam, agrupando-se ao seu redor para bem ouvi-lo.

VII-29 (5) *amante da donzela Euridice* — Casou-se Orfeu com Eurídice, mas no mesmo dia das núpcias, quando ia toda alegre pelos prados, ao ver a horrorosa figura de Aristeu, pisou numa serpente que a picou e a matou. Levada à região da morte, lá desceu o cantor: penetrou no Inferno e de tal modo cantou a sua desgraça que Plutão lhe concedeu a vida de Eurídice, ressuscitando-a.

VII - 30 (1) *Não é sem causa, não, oculta e escura* — Monçaide não crê nas palavras do degredado português e acha que outra deve ser a causa de tão longa viagem, causa, talvez, secreta, que o interlocutor não pode ou não sabe explicar.

VII - 30 (2) *Tejo e Minho* — Justamente com o Douro formam a tríade dos rios principais de Portugal. Corre o Minho entre a Galícia e a terra portuguesa e tira o nome da cor de suas águas: *Minium*, vermelho. De *minium* vem-nos *miniatura*, desenhos de pequeno tamanho mas que eram feitos sempre com este elemento da pintura, o *mínio*.

VII - 31 (1) *Por isso só vos guia e vos defende* — Somente por isso, o serviço que Deus deseja ver executado pelos portugueses.

VII - 32 (1) *Saramá Perimal* — João de Barros (Dec. I - 9-33) escreve *Saramá Pereimal*. Segundo as crônicas antigas, viveu Saramá Perimal em Coulão, há 612 anos, data da entrada de Vasco da Gama nessa região. Foi convertido ao Corão pelos comerciantes árabes. Sentindo-se velho, dividiu o reino: a parte do Coulão foi dada a um parente brâmane. Deu a outra, Cananor e Calecut, a um sobrinho, seu antigo pajem, com o título de Çamorim, que quer dizer imperador. Os demais reis estavam sujeitos a este imperador. Saramá morreu em naufrágio, antes que chegasse a Meca, aonde ia em peregrinação, levando grandes presentes e com o intento de aí terminar seus dias devotamente.

VII - 33 (1) *De lá do seio Arábico* — Mar vermelho. // *Seio* traduz o latim *sinus*, golfo, baía.

VII - 33 (2) *de sábios e eloqüentes* — Pregar de sábios e eloqüentes, isto é, como sábios e eloqüentes: sábios porque bem conheciam a sua religião; eloqüentes porque todo missionário, em seu ardor de proselitismo, é sempre eloqüente.

VII - 33 (3) *prossupôs* — Hoje dizemos *pressupor*, mas a forma *prossupor* é do mesmo tipo de *prover, profetar, prognosticar*. Muda-se apenas o prefixo *pro* por *pre*, mas o sentido é sempre igual: *supor* de antemão, com adiantamento.

VII - 34 (1) *Lei publica* — Camões escreveu *lei pubrica*, como em outro lugar, *públrico teatro* (Episódio dos 12 de Inglaterra) — É sempre a velha alternância *l/r*.

VII - 35 (1) *A um Cochim e a outro Cananor* — Veja o comentário 1 da estrofe 32.

VII - 35 (2) *E os mais, a quem o mais serve e contenta* — Epifânio acha que deveria ser *as mais*, referindo-se a terras. Talvez assim não se deva entender porque, feita a enumeração dos diversos Estados (Cochim, Cananor, Chale, Coulão, Cranganor, etc.) *os mais* está em relação com *estados*, tanto que cada um deles se erigiu em reino sob a obediência suprema do Samorim, o imperador. Algumas edições trazem *o mais*, no sentido indefinido de *o restante*. Assim, porém, não se encontra na edição "princeps". Note-se ainda a repetição: *os mais*... a quem *o mais serve* e contenta.

VII - 36 (1) *De imperador* — *O Samorim* — Veja comentário 1 estrofe 32.

VII - 36 (2) *Isto feito* — Hoje dizemos: *Feito isto*. Até o tempo de Vieira ainda era corrente aquela construção: "*Isto suposto*, quero hoje à imitação de Santo António voltar-me da terra ao mar" (Serm. de Santo António). Mas no sermão do sábado quarto da quaresma: "*Suposto isto*, senhores, suposto que os homens são maiores e piores tentadores que o demônio..." No serm. da 3.ª quarta-feira da quaresma: "*Suposto este princípio* certo". Vê-se pelos exemplos de Vieira que se firmava a regra hoje estabelecida de vir primeiro o particípio e depois o substantivo ou pronome.

VII - 37 (1) *porque a nobre Naires chamados são* — Note-se a atração exercida pelo nome plural *Naires* sobre a concordância do verbo quando o sujeito real é *gente nobre*. A palavra *naire* procede do sânsc. *nayakas*, chefe, diretor; a fonte imediata é o malaiala *nâyar*. Houve, como se vê, metátase *nayra* e depois dissimilação do último *a* em *e*. Deu-se depois o nome de *naire* ao simples condutor de elefantes. Diogo do Couto escreveu: "Esta provincia Malabar é toda povoada de gentios idólatras, muito supersticiosos e diferentes em castas e ritos. Uns deles chamados Naires que são os principais do reino e mui dados ao exercício das armas em que todos são mui destros" (Dec. IV, VII, 14).

VII - 37 (2) *e a menos digna Poleás tem por nome* — Eis a explicação de Mons. Sebast. Dalgado: "*Poleá; polear*. Indivíduo da casta de escravos, considerada ínfima e impura no Malabar. Do malaiala *pulayan* (também usado em tamul e canarês), pl. *pulayar*, derivado de *pula*, poluição, porque o contacto desta gente polui as castas superiores. Os portugueses formaram do vocábulo os verbos *empolear*, contaminar com o contacto do *poleá*, e *despolear*, purificar da poluição". Depois, em nota, acrescenta "Manuel de Melo confunde *pariás* com *poleás*, termos de diferentes línguas e de diversos significados". Os escritores hodiernos, aceitando desta última língua (francesa) a palavra *pariá*, esqueciam o termo clássico *poleá*, já de séculos a uso dos historiadores das cousas da Índia. *Notas Lexicológicas*, 35.

VII - 37 (3) *A lei obriga não misturar* — Diríamos hoje: *A lei obriga a não misturar*. Refere-se o poeta à separação das castas na Índia, assunto de que trata na estrofe imediata.

VII - 38 (1) *De outro não podem receber consorte* — A obrigação de casar na mesma casta e de continuarem os filhos o mesmo ofício ou profissão dos pais.



VII - 38 (2) *quando algum se toca porventura* — Isto é, quando alguém se porventura toca, entra em contacto com um de outra classe, especialmente dos poleás, se considera impuro e deve purificar-se por meio de várias cerimônias. Esta idéia do contacto contaminador e da necessidade da purificação encontra-se também, não em castas, mas em certos estados fisiológicos, entre os judeus. O mênstruo feminino, a mulher que dera à luz produziam tais impurezas que eram purificadas com sacrifícios e orações no templo. Grande foi a campanha de Gandhi a favor dos *intocáveis* da Índia, mas com pequeno resultado. Apesar de toda a influência inglesa e das modernas idéias dos novos Estados, continua ainda esta horrível e inconcebível separação de castas nesse vasto país, por isso mesmo, um dos mais atrasados do mundo.

VII - 39 (1) *Samária* — Usou Camões desta acentuação, certamente, por causa da rima que para ele sempre teve grande poder. Nunca teve a menor dúvida de alterar a acentuação dos nomes próprios desde que assim exigisse a rima. A acentuação foi sempre *Samaria*, rimando com *Maria*.

VII - 39 (2) *Os Naires sós* — Unicamente os Naires podem ser militares.

VII - 39 (3) *adarga* — Escudo de couro, do ár. *ad-dargha*, forma popular; forma literária: *ad-arqâ*. // *Espada* — lat. *spatha*.

VII - 40 (1) *Brâmenes* — Dissimilação de *brâmanes* — A grafia originária foi sempre *brahmane*, algumas vezes escrita *brácmane, brágmane*, pela guturalização do *h*. Eram indivíduos da casta sacerdotal, a mais alta de todas, conselheiros e dirigentes dos reis.

VII - 40 (2) *preminência* — Do lat. *praeminere*, o mesmo que *proeminere*: ser superior aos outros, elevar-se acima dos demais.

VII - 40 (3) *que primeiro pôs nome à ciência* — Pitágoras é tido como o primeiro que usou *filosofia* para indicar, não propriamente a ciência (*sofia*), mas o amor, o gosto da sabedoria: *philos* (*amigos*) + *sophia* (*sabedoria, ciência*), aplicando a si mesmo o nome de *filósofo*. A doutrina de Pitágoras, a da metempsicose, coincidia com o ensino dos brâmanes e Camões não deixou de notar esta semelhança de crença. Pitágoras era grego, de Samos, do VI século A. C. Viveu em várias cidades da Grécia e da Magna Grécia, no sul da Itália. Havia certo esoterismo em sua filosofia, dando origem a uma semelhança de monges, ascetas. Diretamente muito pouco se conhece do seu ensino filosófico. Acreditam os hindus na transmigração das almas, aceitando a hipótese de que a alma de um ser humano possa encarnar-se no corpo de um animal irracional e por isto não comem carne de animal algum e veneram vários dentre eles.

VII - 41 (1) *Gerais são as mulheres, mas somente / Para os da geração de seus maridos* — Dentro da própria casta e mais ainda dentro da própria descendência do marido, havia a maior liberdade no trato sexual, verdadeira prostituição. João de Barros é mais explícito: "... depois que hũa molher deste sangue dos Naires hé de idade de dez annos ... pode dar entrada em sua casa a quantos Naires quiser, e também aos brâhamanes que são os seus religiosos. E são elles e ellas tão livres deste vinculo conjugal, que se hum aborrece ao outro, isto basta pera se apartarem per modo de repúdio" (Dec. I. Liv. IX-III).

VII - 41 (2) *A terra é grossa em trato, em tudo aquilo / Que as ondas podem dar* — O adjetivo *grosso, grossa* no sentido de rico, rica, era muito comum na língua clássica. A terra era rica de produção (trato) e também pelo comércio marítimo com a China e o Egito.

VII - 43 (1) Castanheda ministra-nos maiores informações: "Estando neste porto (Panderahe), deram-lhe um recado do Catual de Calicut, que é como corregedor da corte ... que podia desembarcar quando quisesse ... ao outro dia que foi segunda-feira, vinte oito de Maio, embarcou-se Vasco da Gama com os doze que digo todos ataviados o melhor que puderam: e os bateis com trombetas, que sempre foram tocando até se chegar à terra onde o Catual o estava esperando acompanhado de duzentos Naires" (I - 16).

VII - 43 (2) *O remo compassado fere frio* — Frio pode ser tomado adverbialmente: indiferentemente, ao ritmo dos remadores (compassado).

VII - 44 (1) *Já na terra, nos braços o levava* — Deu-lhe o Catual o braço e assim o levava, com esse gesto de afetuosidade.

VII - 44 (2) *E num portátil leito ũa rica cama* — Verso defeituosíssimo pela má distribuição dos acentos tônicos (*portátil leito*), pela seqüência desagradável de consoantes (*portátil leito — rica cama*) e ainda mais pela forçadíssima elisão de *ũa* como se tivesse uma única sílaba; se tal elisão não for feita, terá o verso onze sílabas. Espécie de liteira, andor ou sédia gestatória em que são transportados os maiorais na Índia.

VII - 44 (3) *ombros* — Do lat. *umerum*. Pensam muitos que de *ombro* venha o verbo *hombrear* e por isto escrevem *ombrear*, mas erradamente. Recebemos este verbo do espanhol *hombrear* tirado de *hombre*, homem. *Hombrear* quer dizer: ter atos de homem, não ser menos nem mais que outro homem, igualá-lo em força e carácter. Deve, pois, ser grafado *hombrear* de *hombre* e não *ombrear* de *ombro*.

VII - 45 (1) *Dest'arte o malabar, dest'arte o luso* — Dest'arte, deste modo,

deste jeito, isto é, de palanquim, segundo o costume da terra. O Poeta quer explicar com esta repetição que não iam ambos no mesmo "portátil leito", mas cada um no seu, separadamente, ainda que paralelamente. Castanheda escreveu: "Desembarcado Vasco da Gama, foi recebido do Catual com muito prazer... e depois de recebido foi tomado em um andor que lhe mandava el rei de Calicut pera ir nele. Cada andor destes quando ha de servir é levado por quatro homens aos ombros" (I-16).

VII-45 (2) *Os outros portugueses vão ao uso / Que infantaria segue, esquadra fera* — Os demais foram em formação militar, a pé, como faz a infantaria. // *Esquadra fera* — é possível que tal formação militar fosse desconhecida em Calicut e por isso causasse impressão no ânimo do povo, impressão de ferocidade, de valentia. Mas como disse Castanheda, eram os portugueses apenas doze, o que não poderia dar tanta impressão, havendo, portanto, em *esquadra fera*, um pouco muito de exagero patriótico de Camões.

VII-45 (3) Os curiosos indianos gostariam de fazer perguntas aos portugueses, mas não puderam pela diversidade de língua, diversidade que os antigos atribuíam à confusão havida na torre de Babel segundo a Bíblia.

VII-46 (1) *sumptuoso templo* — Eis a descrição de Castanheda: "Deste lugar... o Catual levou Vasco da Gama a um pagode de seus ídolos, dizendo-lhe que era uma igreja de muita devação... a igreja era do tamanho dum grande mosteiro levrada toda de cantaria. E indo por esta igreja viram muitas imagens pintadas pelas paredes e delas tinham tamanhos dentes que lhe saiam fora da boca uma polegada e outras tinham quatro braços e eram feias de rosto que pareciam diabos" (I-16).

VII-47 (1) *Vários de gestos* — De diversas fisionomias ou rostos. Note-se que Camões se esqueceu da concordância, pois, tendo antes escrito: *Ali estão das deidades as figuras*, — deveria ter escrito: *várias de gestos, várias de pinturas* — fazendo a concordância normal de *várias* com *figuras*.

VII-47 (2) *Quimera* — Era um dos monstros da terra, tinha hálito de fogo e o corpo era composto de cabeça de leão, cauda de dragão e a parte média, de bode. Produzia grandes estragos no reino da Lícia, tendo o rei Iobates procurado vários lutadores capazes de estruir o monstro. Deu-lhe grande oportunidade o cunhado Proetus que lhe enviava o formoso guerreiro Belerofonte. Na carta de apresentação, depois de exaltar as grandes qualidades do jovem, dizia que mandasse matá-lo porque suspeitava de que fosse amante de Antéia, mulher de Proetus e, portanto, irmã de Iobates. Belerofonte aceitou o pedido do rei e antes de partir para lutar com a Quimera, se dirigiu a Polyidus que lhe disse: "Somente com o auxílio do cavalo Pégaso poderá vencer a Quimera". Dirigiu-se então ao templo de Minerva onde passou a noite em oração. Durante o sono deu-lhe Minerva uma rédea com a qual poderia pegar Pégaso. Quando este estava bebendo água em Pirene, prendeu-o Belerofonte: pelos ares descobriu o monstro e matou-o. Depois de outros grandes serviços prestados a Iobates, sempre com a ajuda de Pégaso, Belerofonte se casou com a filha do rei e o sucedeu no trono. Note-se a expressão: "Carta de Belerofonte" que se tornou internacional quando se quer a gente referir a cartas de apresentação que encerram oculta intenção danosa ao apresentado.

VII-48 (1) *Júpiter Amon* — O nome da divindade egípcia era *AMMON* ou *RA*, o sol. Foram os romanos que acrescentaram *Júpiter* como os gregos *Zeus*. O seu templo principal estava na Líbia, no oásis depois chamado Silva. Aí davam oráculos os sacerdotes. Trazia o deus chifres de carneiro que representavam os raios do sol. Junto ao templo de Amon foi descoberto o *sal amoníaco*, *ammoniakòs* (gr.) ou *ammoniacum* (lat.).

VII-48 (2) *Jano* — O *Janus Bifrons*, o deus de duas caras com as quais olhava o futuro e o passado e ficou como símbolo dos hipócritas, dos homens de duas caras.

VII-48 (3) *Briareu* — O mesmo que Centimano, também chamado *Egeon* — Veja c. V-51.

VII-48 (4) *Anúbis* — Deus egípcio que acompanhava os mortos em sua viagem para a outra vida. Tinha a cabeça de cão, símbolo da fidelidade. // *Menfítico*, de *Mênfis*, cidade onde era especialmente venerado. Muitas vezes emprega o Poeta *menfítico* como sinônimo de *egípcio* como no c. IV-62.

VII-49 (1) *Direitos vão... pera onde estava o rei do povo vão* — Mau gosto do Poeta neste uso de homônimos se bem que sejam verbo e adjetivo. A este mau gosto acresce a seqüência desagradabilíssima de *povo vão*.

VII-49 (2) *telhados e janelas* — Os dois lugares ainda hoje preferidos pela multidão quando quer apreciar algum cortejo. // *Telhado* vem de *telha* e esta do lat. *tegula*, de *tégere*, cobrir, revestir, ocultar. // *Janela* é, ao pé da letra, *portinha*, de *januella*, diminutivo de *janua*, porta. O lat. *fenestra* deixou na língua arcaica *freesta* no mesmo sentido de janela. Hoje *fresta* é apenas uma fenda por onde penetra a luz.

VII-50 (1) *jardins* — Palavra de origem gótica que nos veio do francês *jardim*. No frâncico *gard*, que no fr. teve a gutural *g* passada a *j*. Em inglês está *garden*. Equivale ao grego *paradeisos*, ao lat. *paradisus*, que significa apenas *lugar cercado*. A Bíblia, na tradução de S. Jerônimo, traduziu exatamente por *hortus conclusus*, horto fechado, cercado.



VII-50 (2) *Edificam-se os nobres seus assentos* — Constroem os nobres suas casas para si. Note-se o pron. *se* em função indireta de dativo, lat. *sibi*, o que é raro nos clássicos, contrário à sintaxe da língua portuguesa onde o pron. *se* é sempre objeto direto e não indireto. É realmente uma sintaxe francesa, um galicismo. Releia-se o que ficou explicado no c. III-41.

VII-51 (1) *Pelos portais da cerca a sutileza* — Cerca, em Portugal, sobretudo nos autores clássicos, é o mesmo que muro. No Brasil, cerca não é muro: é sempre uma vedação de pau-a-pique. // *Sutileza* — Elegância, delicadeza, finura de arte.

VII-51 (2) *Dedálea faculdade* — Arte de construir em que foi exímio Dédalo, o construtor do labirinto de Creta que dele tomou o nome.

VII-51 (3) *antiga idade... antiguidade* — Faz Camões rimar a primeira expressão com a segunda num perfeito jogo de palavras e de sonoridade sem que possa alguém pensar que *antiguidade* seja apenas a coalescência de *antiga idade*, pois, o lat. *antiquitatem* é do tema de *antiquus*, velho, antigo.

VII-52 (1) *Hidaspe* — Veja c. I-55.

VII-52 (2) *capitão de fronte lisa* — Fronte moça, não enrugada. Baco é sempre representado jovem.

VII-52 (3) *frondentes tirsos* — O tirso era um bastão enramado de parras, insígnia ou cetro de Baco. Gr. *thyrsos*, lat. *thyrsus*. Camões, como todos os clássicos, escreveu *thyssos* pela assimilação de *r* a *s*.

VII-52 (4) *Nisa* — Cidade mitológica, fundada por Baco, mas de cuja situação duvidam os autores. Camões a coloca às margens do Hidaspes.

VII-52 (5) *Semele* — Mãe de Baco. Camões, sempre escravo da rima, alterou a acentuação, fazendo a palavra paroxítona.

VII-53 (1) *feminino senhorio* — O reinado de Semiramis. Veja c. III-100. É lendária a existência desta rainha. A moderna assiriologia não confirma os fatos que dela se contam como o do incesto com o próprio filho, que depois a matou, e mais a horrível narrativa de suas relações com um cavalo (*Com quem teria o filho competência*) bem como a historieta sentimental de se ter transformado em pomba. Apenas numa das inscrições cuneiformes aparece uma princesa *Samuramita*, cujo nome lembra o de Semiramis.

VII-53 (2) *feroz ginete ardente* — O cavalo com que tivera amôres a rainha. // *Ginete* do ár. *charneit*.

VII-54 (1) *tremulavam* — Esta é a forma atual, mas Camões usou *tremolavam* que Epifânio diz ser clássica. Ainda que fosse escrito *tremolavam*, certamente, a pronúncia já era a que depois se confirmou pela grafia *tremulavam*.

VII-54 (2) *Terceira Monarquia* — No c. I-24 — disse Camões: "Assírios, Persas, Gregos e Romanos", isto é, os grandes impérios de outrora. Vinha a monarquia grega em terceiro lugar. Era o sonho profético de Nabucodonosor, que se encontra no livro de Daniel — c. II: viu o rei uma enorme estátua, cuja cabeça era de ouro, o peito e os braços de prata, o ventre de cobre, as pernas de ferro e os pés, em parte, de barro. Daniel interpretou que os metais e o barro indicavam os grandes impérios na sucessão dos séculos desde os assírios, persas, gregos e romanos até que uma pedra, caindo do alto, destruiria a estátua de pés de barro. Seria então a mão de Deus, a pregação da nova lei, o Evangelho pelo qual todos seriam livres e iguais.

VII-54 (3) *capitão mancebo* — Alexandre, o Grande.

VII-54 (4) *Filipo* — Felipe de Macedônia, pai de Alexandre. O gr. *Philippos* — (*philos* = *amigo*), *hippos* (*cavalo*) pelo lat. *Philippus* dá o port. *Felipo* e não *Filipo*, pela normal dissimilação do primeiro *i* em *e*. A forma *Felipe* é posterior. // *Sem falta* = sem dúvida, certamente.

VII-54 (5) *De progénie de Júpiter* — Alexandre, o Grande, tendo consultado o oráculo de Amon, foi por este chamado filho de Júpiter. E ele acreditou, exigindo que assim o chamassem.

VII-55 (1) *Tempo cedo virá que* — *Cedo virá tempo* (*em*) *que outras vitórias abaterão estas que agora olhais*. Virão outras vitórias muito mais importantes do que estas.

VII-55 (2) *Aqui se escreverão novas histórias por gentes estrangeiras* — Sintaxe já abandonada no português moderno. Com a partícula apassivadora, omite-se o agente, o complemento de causa eficiente. Quando se quiser expressar este complemento, se deverá recorrer ao processo perifrástico, — auxiliar e particípio passado: *Aqui novas histórias serão escritas por gentes estrangeiras*.

VII-55 (3) *magos* — Eram os sacerdotes caldeus que entendiam de astrologia e pelos astros faziam seus prognósticos. Depois, estendeu-se o nome *mago* a todos os que se dedicavam a tais profecias astrológicas, fossem caldeus ou não, como aqui. Passou, enfim, a palavra a designar apenas feiticeiro, mágico, adivinho, charlatão. Lat. *magus, i*.

VII-56 (1) *por glória do vencido* — Como glória do vencido.

VII - 57 (1) *camilha* — Divã.

VII - 57 (2) *que não se iguala de outra alguma no preço e no lavor* — Que não é igualada por outra alguma no preço e no lavor. Quanto à sintaxe, veja o coment. 3 da estrofe 55 deste canto.

VII - 57 (3) *Um pano de ouro cinge* — Veste-se de brocado de ouro.

VII - 58 (1) *erva ardente* — É o *bétel* ou *bétele*, um dos mastigatórios do oriente. Apresenta as variantes: *bétele, bétel, betle, bétere, betre*. É proveniente do malaiala *béttila*, de *veru*, simples, e *ila*, folha, isto é, a folha verdadeira, a folha por excelência. Das virtudes desta erva diz um cronista: "Faz grandemente digerir, conforta o cérebro, arreiga os dentes, que os homens de cá, que o comem, são de oitenta anos e têm todos os dentes geralmente sem lhes falecer algum" (Tomé Pires — apud Dalgado. Glossário — 122).

VII - 58 (2) *ruminando* — Mastigando, remoendo com os dentes.

VII - 58 (3) *Pera o Gama vem com passo brando* — Se fizermos a elisão *Pero Gama*, contará o verso apenas nove sílabas.

VII - 59 (1) *pronto em vista* — Olhando atentamente.

VII - 59 (2) *aquista* — adquire, conquista. Verbo arcaico já fora de uso, do lat. * *adquisitare*, formado do partic. pas. *adquisitus* de *adquirere* de que temos *adquirir*.

VII - 59 (3) *Na opinião do rei e do povo todo* — Este verso, ao contrário do 6.º da estrofe precedente, é defeituoso pelas elisões forçadas a fim de haver dez sílabas. A conjunção *e* parece-nos ser demais. Em várias edições foi suprimida, o que achamos de bom aviso.

VII - 60 (1) Os 4 primeiros versos desta estrofe dizem apenas isto: *um grande rei do Ocidente*. A expressão de Camões é prolixa, retorcida e quase obscura. A segunda parte se resume apenas em: *quer contigo vínculo de amizade*. Estas ampliações com referências metafóricas e cheias de comparações faziam parte do estilo grandíloquo, da maneira elevada e pomposa que os tratadistas exigiam para os assuntos épicos.

VII - 60 (2) *O céu volúbil, com perpétua roda / Da terra a luz solar da Terra esconde* — Esconde a luz solar da terra com a terra, isto é, um hemisfério impede que o outro receba a luz do sol, sendo dia numa parte e noite em outra, conseqüências do contínuo giro da terra ao redor do sol.

VII - 60 (3) *escura noda* — A noite. *Noda* por *nódoa* com absorção do *o* como em *bato* de *battuo*, *coso* de *consuo*, etc. *Nódoa* é o lat. *nótula*.

VII - 60 (4) *Ouvindo do rumor* — Partitivo, como *beber do vinho, comer do pão*. // *Rumor*: boato, fama.

VII - 61 (1) *longos rodeios* — Refere-se às dificuldades da navegação empreendida desde Lisboa até Calecut.

VII - 61 (2) *a fria plaga de Gelanda* — A fria terra de Zelândia, Holanda. *Gelanda* é forma antiga que se encontra também em espanhol. Devemos notar a alternância vocálica *g/z* como em *espargir, esparzir, sergir, serzir*.

VII - 61 (3) *donde o Sol não muda o estilo* — Não faziam os clássicos distinção perfeita no uso de *onde, aonde, donde*, como fazemos hoje. Esta parte *onde* o sol não muda de estilo é o Equador onde os dias são iguais às noites em número de horas. // *Estilo* está por *modo de proceder*.

VII - 62 (1) *lianças* — Alianças, sem o *a* prostético, do lat. *ligare*, ligar, liar.

VII - 62 (2) *sacra e nua* — Sincera, despida de segundas intenções, *sacra* porque, em geral, com juramento ante imagens ou livros santos.

VII - 62 (3) *fazendas* — Produções, riquezas. Convém lembrar ao leitor que *fazenda*, quer no sentido de riqueza, posses, quer no de posse agrícola, sítio, terras de cultivo, é comum ao português do Brasil como o é em Portugal. Não constitui, portanto, como sempre se tem dito, ponto diferenciador entre as duas expressões da mesma língua.

VII - 63 (1) Toda esta estrofe encerra as propostas do que hoje diríamos: *pacto de assistência militar* defensiva e ofensiva entre Portugal e Calicut. Portugal, com ser um dos Estados menores da Europa, foi o país que inaugurou, na Ásia e na África, o que em termos do nosso tempo se chama *colonialismo*.

VII - 63 (2) *Me dês a mi certíssima reposta* — Temos neste verso um duplo emprego do mesmo pronome oblíquo: *me... a mi*, constituindo conhecido e autorizado pleonasmo. A finalidade é o esclarecimento da idéia, o reforço da expressão. Vieira escreveu: "O trigo não picou os espinhos, antes os espinhos o picaram *a ele*: o mesmo sucede cá. Cuidais que o sermão *vos* picou *a vós*, e não é assim; vós sois o que picais o sermão" (Sexagésima). // *Reposta* é forma dissimilada de *resposta*.

VII - 65 (1) *por que ceve de doce sono os membros trabalhados* — *Cevar*, alimentar, do lat. *cibare*, de *cibus*, alimento. Daqui *ceva*, deverbal de *cevar*, lugar onde se dá de comer a animais, *engorda*. Daqui *cevado*, porco engordado para o corte.



VII - 66 (1) *Agasalhados* — Houve primeiramente o substantivo *gasálho* e também *gasálio*, do gótico * *gasaljo*, acompanhamento, obséquio, atenção, cuidado, etc. Depois o verbo *gasaliar* e *gasalhar*. As formas *agasalho, agasalhar* são prostéticas.

VII - 66 (2) *por regimento* — O Catual já tinha recebido do rei ordens para bem se informar a respeito dos portugueses.

VII - 67 (1) *os ígneos carros* — O carro do sol, tomando-se o plural pelo singular, o que não é muito usual. Muito mais comum é tomar-se o singular pelo plural.

VII - 67 (2) *Délio* — Apolo, cujo templo estava em Delos.

VII - 67 (3) *pronto e curioso* — Atento e ávido de saber.

VII - 68 (1) *Informação mui larga* — Informações amplas. O adjetivo *largo* tem aqui o significado de *extenso, comprido*. Nesta significação, que é corrente em espanhol, já não se usa em português onde quer sempre dizer o contrário de *estreito*: *um rio largo*, em espanhol é um rio muito comprido, muito extenso; em português, um rio de grande amplitude, não estreito, podendo ser não muito extenso. Emprega-se, entretanto, em sentido translato: uma conversação que já *vai larga*; uma *larga* viagem.

VII 68 (2) *Onde o meu ninho e o Sol se banha* — Sujeito composto e anteposto ao predicado que, apesar disto ficou no singular. Em muitos outros lugares temos comentado esta concordância, referindo-nos a outros exemplos clássicos. Aqui houve ainda a razão da rima.

VII - 69 (1) *Profeta* — É Jesus Cristo, dito apenas *Profeta* para que o mouro pudesse compreender, pois, segundo a doutrina de Maomé, Jesus foi um grande profeta.

VII - 69 (2) *que gerado foi sem fazer na carne detrimento da mãe* — Aqui temos, no século XVI um testemunho da Imaculada Conceição. Nunca deixou de existir no catolicismo esta doutrina que somente no século XIX foi transformada em dogma pela Igreja Católica. Os dogmas são sempre definições oficiais de crença secular no meio cristão.

VII - 69 (3) *tal que por Bafo está aprovado do Deus que tem do mundo o regimento* — *Bafo* está por *espírito, sopro*. Podemos dar-lhe fácil explicação: a encarnação do Verbo, Cristo, segunda pessoa da Trindade, foi feita pelo Espírito Santo e traduziu Camões *spiritus* por *bafo, sopro*. Eis como escreveu Mateus: "Christi autem generatio sic era: Cum esset desponsata mater ejus Maria Ioseph, antequam convenirent, inventa est in utero habens de Spirito Sancto" (Mat. I - 18).

VII - 69 (4) *é vulgado* — Já se não usa o verbo simples *vulgar*, mas unicamente o composto *divulgar*. A base é *vulgo*, povo.

VII - 70 (1) *virtude sobre-humana* — Força, valentia extraordinária, que excede o comum do ser humano.

VII - 70 (2) *Do rico Tejo e fresco Guadiana* — A edição "princeps" traz *e fresca Goadiana*, que se encontra também na edição do Morgado de Matheus. Augusto Epifânio da Silva Dias corrigiu: *e fresco Goadiana*, ficando mais consentâneo com o que precede: *o rico Tejo* e também porque, com os nomes de rios, faz-se sempre a concordância siléptica com a palavra *rio*, como dizemos *o Paraiba, o Parnaiba, o Prata*.

VII - 71 (1) *esforço e manha* — Força física e astúcia, estratégia.

VII - 71 (2) *Pirene* — Os montes Pirineus — Veja c. III - 16.

VII - 71 (3) *Se tem que se conheçam por vencidos com lança estranha* — Notemos primeiro *por vencidos* = como vencidos, completivo objetivo de *se*; segundo, *vencidos com lança estranha*: complemento de causa eficiente, indicando o agente da voz passiva.

VII - 71 (4) *te afirmo e asselo / Para estes Anibais nenhum Marcelo* — O verbo *asselar*, garantir por meio de selo, selar, no próprio tempo de Camões já devia ser pouco usado. Usamos ainda *selar*, não só no sentido óbvio de colocar selo, mas também no figurado de *determinar, sentenciar*: o destino do enfermo já está *selado*. Tanto Camões como Gil Vicente, Heitor Pinto e outros clássicos empregaram sempre *Anibal*, com acento oxítono. *Marcelo* é o romano Caio Cláudio Marcelo, vencedor de Aníbal em Nola, na Campânia.

VII - 72 (1) *Do fundido metal* — Os canhões, a artilharia.

VII - 72 (2) *folgarás de veres* — Infinito pessoal que contraria todas as fictícias regras das gramáticas. Veja c. VI - 15.

VII - 72 (3) *a polícia portuguesa, na paz e na milícia* — A civilização, a cultura, e preparo de Portugal, quer na paz, quer na guerra, *milícia*, puro lat. *militia*, de *miles, militis*, soldado.

VII - 73 (1) *Já com desejos o idolatra ardia* — Usa Camões *idolatra*, com acento paroxítono, o que hoje não se admite. Explica-se pela forma primitiva *idololatra:* dando-se a haplologia de *lo*, resultou *idolatra*, de *idola* + *latra* e este do gr. *latreuo*, adoro. Note-se que, em latim, *idolum*, *idola* tem acento paroxítono. Foi o hiperbibasmo da acentuação românica *idolo* que nos levou a acentuarmos *idólatra*.

VII - 73 (2) *esquipar* — Equipar, prover do necessário. Do germ. *skipian*.

VII - 73 (3) *praia* — Do latim tardio *plagia*, costa, encosta do mar. O castelhano ainda conserva a forma *playa* mais vizinha do étimo latino.

VII - 73 (4) *Onde Paulo os recebe* — Paulo da Gama, irmão mais velho de Vasco da Gama e comandante de uma das naus da expedição. Não regressaria vivo a Portugal, falecendo, em viagem.

VII - 74 (1) *A tento nela os olhos apascenta* — A expressão adverbial *a tento*, com cuidado, examinando cuidadosamente, com cautela.

VII - 75 (1) *mas o Gama lhe pedia primeiro que se assente* — A correlação dos tempos e modos exige que seja *se assentasse*. Camões não respeita muito esta parte importante da língua desde que entre em jogo a rima. Diga-se o mesmo de *experimente: experimentasse*.

VII - 75 (2) *seita epicuréia* — Vem desde os romanos a errada interpretação das doutrinas de Epicuro. Pregava este filósofo a satisfação dos desejos do espírito como única razão de ser da felicidade. A maioria tomou tal satisfação de desejos pelo lado material, sobretudo, da mesa.

VII - 75 (3) *Que a seita que seguia lho defende* — Pensam alguns que empregar *defender* por *proibir* seja galicismo. Encontra-se em todos os clássicos: "A quem sob pena de excomunhão é *defeso* tocar-se com outra gente" (J. Barros — Déc. III - II - 3). "O qual *defendia* que daquela parte não viesse pera as nossas fortalezas provisão do Cairo" (Idem, Ibidem, III - IV - 9).

VII - 76 (1) *o diabólico instrumento* — A artilharia, os canhões.

VII - 76 (2) *A muda poesia* — A pintura. Em outro lugar diz da poesia: *pintura que fala*.

VII - 77 (1) *Alça-se em pé, com ele o Gama junto* — *Alçar-se em pé*, levantar-se, é expressão clássica também usada em castelhano. *Alçar-se* vem do lat. *altiare* derivado de *altus, alto*. Na edição "princeps" se lê: *os Gamas* e não *o Gama*. Foi Barreto Feio o primeiro a desconfiar deste plural, não podendo deixar de ser erro tipográfico, pois, na capitânea só está Paulo da Gama, permanecendo Vasco da Gama em terra, em negociações com o Samorim. Frei Francisco de Macedo traduziu: "Surgit Gama simul".

VII - 77 (2) *Coelho de outra parte e o mauritano* — Nicolau Coelho, comandante da nau "Bérrio" e Monçaide, da Mauritânia, norte da África.

VII - 77 (3) *no bélico transunto* — No retrato guerreiro.

VII - 77 (4) *velho branco* — A figura de Luso de quem se diziam os portugueses descendentes. Está vestido à moda grega e traz um ramo por insígnia, o tirso também usado por Baco. Veja c. VII - 52.

VII - 77 (5) *aspeito venerando* — Assim está na edição "princeps", mas desde Faria e Sousa é que muitos editores vêm substituindo *venerando* por *soberano*, sob a desculpa de que não haveria rima entre *mauritano, humano*. É necessário lembrar que entre *venerando* e *soberano* existe rima soante, o que era praticado desde os trovadores. Achamos, portanto, que devemos escrever *venerando* em respeito ao texto da edição "princeps", já que se salva a rima. Frei Francisco de Macedo traduziu por *venerabilis*.

VII - 78 (1) *cometo* — Eu que me atrevo a seguir caminho tão difícil. Invoca desta vez não só as ninfas do Tejo (Tágides minhas), mas também as do Mondego, rio que banha Coimbra onde as letras portuguesas foram sempre mais cultivadas por causa da Universidade e onde estudara o próprio Poeta.

VII - 79 (1) *Os perigos mavórcios* — Os perigos da guerra. Veja *Mavorte:* I - 41; II - 50; III - 89; VI - 58; VIII - 16.

VII - 79 (2) (3) *Cánace* — Era filha de Éolo. Tendo cometido incesto com o próprio irmão Macaréu, recebeu do pai uma espada para que se suicidasse. Antes de matar-se, Cánace escreveu uma carta a Macaréu, então, sacerdote de Apolo, em Delfos. Ovídio (Her. XI - 3) descreve Cánace com a pena em uma das mãos e a espada na outra: "Dextra tenet calamum; strictum tenet altera ferrum". É o pensamento que se repete no verso 8.°, mas que Camões aplica a si mesmo, ele que viveu sempre como soldado e poeta, tendo, portanto, na destra, a pena, o cálamo, e na esquerda a espada, o "ferro desembainhado": *strictum ferrum*.

VII - 80 (1) *aborrecida* — Camões escreveu, com a pronúncia vulgar, *avorrecido*. A troca do *b* pelo *v* é quase desconhecida no Brasil. Raramente dizem os rústicos *barrer, badio, bassora* por *varrer, vadio, vassoura*. Tal alternância vocálica é muito mais comum em Portugal.

VII - 80 (2) *Por hospícios alheios degredado* — Refere-se o Poeta aos seus exílios em terras estrangeiras e aos acolhimentos a que teve de recorrer de outras gentes. *Hospício* é tomado em seu sentido abstrato de *hospedagem*. Na língua do Brasil passou a designar o hospital de insanos e dementes.



VII - 80 (3) *Agora às costas escapando a vida* — Verso obscuro por causa do adverbial *às costas*. Faria e Sousa achou que tais *costas* eram as do Poeta; Epifânio entende que se trata do naufrágio padecido por Camões e que *às costas* se refere às costas do mar. Não há, na estrofe, a menor alusão a naufrágio nem a mar ou oceano de cujo contexto se pudesse tirar o sentido requerido por Epifânio. Achamos que se trate apenas disto: em tanto perigo, não teve o Poeta auxílio algum para se salvar, vendo-se entregue unicamente à sua própria responsabilidade, ao seu único esforço. Ainda hoje dizemos que tomamos às costas, ou que levamos às costas o fardo da vida.

VII - 80 (4) *rei judaico* — Trata-se de Ezequias que, avisado por Isaías de sua morte iminente, obteve de Deus mais quinze anos de vida para reparar seus pecados. (Isaías — XXXVIII).

VII - 81 (1) Queixa-se Camões às ninfas, mostrando-lhes a ingratidão daqueles portugueses, cujos feitos e nomes havia celebrado em verso. Em lugar de recompensas, de prêmios, deram-lhe apenas sofrimentos, acusações, encarceramentos, processos.

VII - 81 (2) *capelas de louro* — Coroas de louro com que se coroavam os poetas. A maioria interpreta *capela* como coroa, grinalda, e fazem provir a palavra do diminutivo de *capa*, baseando-se na história de São Martinho que repartiu com um pobre (Jesus Cristo) a sua capa. O pedaço restante, quando morreu o santo, foi encerrado como preciosa relíquia, num altar especial que passou a chamar-se também *capela*. Esta história explica o vocábulo quando aplicado a pequena igreja, ao aparato de experiências químicas, às pálpebras que são ditas *as capelas dos olhos*. Para *capela*, grinalda, coroa, devemos recorrer ao italiano *cappello*, chapéu, que nos deu a forma *capelo*, designativo da cobertura da cabeça nos trajes universitários. *Capela* é um feminino baseado em *capelo*. Mas o italiano *cappello* não procede do latim hipotético * *cappellus* derivado de *cappa*? Sim, mas por outra via, através do italiano. Queremos dizer que o português *capela* (grinalda) origina-se do italiano *cappello*, e, embora a forma italiana também provenha de *cappa*, a nossa não veio diretamente desta latina e sim daquela italiana.

VII - 82 (1) Ironicamente ataca os grandes de Portugal, prevendo que pela assistência e recompensa de tais senhores, nunca haverá, no futuro, poetas que possam celebrá-los.

VII - 83 (1) Diz Camões às ninfas que é absolutamente necessário (*é forçado*) que não lhe falte o auxílio delas, às suas inspirações (*me não faleça*).

VII - 83 (2) *Principalmente aqui, que sou chegado / Onde feitos diversos engrandeça* — Anuncia, com estas palavras, o assunto do oitavo canto: a fundação da monarquia lusitana, os seus heróis, as suas guerras, etc.

VII - 83 (3) *Que não no empregue em que o não mereça* — Toma o Poeta o compromisso com as ninfas de só cantar aqueles cujos feitos realmente sejam dignos de tanta glória. Os méritos e não a adulação; o valor e não a posição do indivíduo.

VII - 84 (1) Continua o mesmo assunto da estrofe precedente, afastando de sua inspiração os políticos mal intencionados, os ambiciosos de grandes cargos, os que não forem de procedimento reto, perante a religião e perante a lei do país.

VII - 85 (1) *Proteio* — Forma irregular de *Proteu*, exigida pela rima. A respeito de *Proteu* veja-se c. I - 19; c. VI - 20, 36; c. X - 7.

VII - 85 (2) *Camenas* — Veja c. V - 63.

VII - 85 (3) *Quem, com hábito honesto e grave, etc.* — Alude Camões, tomando o singular pelo plural, a todos os que, sob a aparência de procedimento honesto, com o disfarce de ajudar o rei (Dom Sebastião) ainda não habituado a governar pela sua pouca idade, outra cousa não faziam que *despir e roubar o pobre povo*. Faria e Sousa tomou a alusão muito concretamente, achando que *hábito honesto e grave* indicasse um eclesiástico, notadamente o jesuíta Luís Gonçalves da Câmara. Temos a impressão de que, tomando o singular pelo plural, atacasse o Poeta a todos os validos do rei. // *Hábito* não indica a veste talar, mas o modo de proceder, de aparentar honestidade falsa.

VII - 86 (1) Ainda hoje é assim: os aduladores dos potentados, reis, presidentes de República e até de Estado ou Província, acham que as leis, as ordens, os simples caprichos de tais mandões devem ser rigorosamente executados. Nada, porém, quanto aos seus deveres para com o povo! Este é a vítima, a presa de que aqueles devem sugar todo o sangue até a última gota. O nosso reparo é mais para o Brasil que para Portugal: nada temos com o governo e a política deste país.

VII - 86 (2) *Razões aprende* — Inventa motivos, razões inexistentes com tanto que lhe seja de proveito.

VII - 86 (3) *mão rapace e escassa* — *Rapace* para si e para o rei, mão voraz, mão ladra, mas para o povo, *escassa*, avarenta, miserável. Sempre foi assim e assim continua sendo. Parece que Camões, sendo profeta, antevia o futuro (hoje presente) do Brasil, a começar de 1930, com o famoso "Estado Novo", a mão por excelência *rapace e escassa*.

VII - 87 (1) O Poeta celebrará unicamente aqueles que fizeram a grandeza da pátria, embora, com o sacrifício da própria vida.

VII - 87 (2) *Apolo e as Musas me dobrarão a fúria concedida* — *A fúria*, isto é, a inspiração poética, aquela mesma que o Poeta havia pedido, no c. I - 5.

## Canto Oitavo

VIII - 1 (1) *Oitavo* — Na edição "princeps" está escrito *Octavo*, grafia que não corresponde à pronúncia do tempo, latinismo gráfico, por assim dizer, a fim de aproximar a palavra já evoluída (*oitavo*) da sua forma latina, literária.

VIII - 1 (2) *O mauritano sábio* — Monçaide. Não se sabe por que motivos lhe dá Camões o título de *sábio*. Talvez por conhecer o árabe, a língua de Calecut e a espanhola. Seria então poliglota.

VIII - 2 (1) Os adjetivos *bravos*, *feros*, relacionam-se com heróis, homens, representados pelas *figuras*, pelos *retratos* aí existentes. É um caso de sínese.

VIII - 2 (2) *donde a fama* — Este *donde* não é advérbio de lugar, mas pron. relativo: *de quem*, *do qual*.

VIII - 3 (1) *Foi filho e companheiro do Tebano* — Veja c. I - 30, 39; c. III, 21; c. VIII - 4. Camões ora diz que Luso ou Lisa era filho, ora que era companheiro de Baco (o Tebano). Estas opiniões eram correntes no tempo. Resende as consigna: "Lusum, Liberi patris filium, non autem socium, ut quidam contra loquendi usum interpretantur, una cum Lysa, nimirum Liberi socio, nomen Lusitaniae nostra dedisse" (Vicentius — II - 84). Resende aduz as duas opiniões, mas termina por dizer que Lisa era companheiro de Baco, de Libero, outro nome do deus do vinho.

VIII - 3 (2) *Já dito Eliseo* — Por simples e longínqua lembrança fonética entre *Lisa* e *Eliseo*, coloca o Poeta na Espanha os "Campos Elíseos" para onde iam as almas dos bons, segundo a crença grega. Diz Barbosa Bettencourt (Subsídios — pág. 212) que se chegou a identificar o rio Lima com o rio Letes (VIII - 27).

VIII - 4 (1) *O verde tirso* — Veja c. VII - 52.

VIII - 4 (2) *companheiro e filho amado* — Veja o comentário (1) da estrofe precedente.

VIII - 4 (3) *Vês outro* — Ulisses, pretenso fundador de Lisboa. Veja c. III - 57. A base desta lenda é ainda a simples lembrança fonética entre Ulisses e Olisipona, Ulyssipona. O historiador e geógrafo Solinus escreveu: "Ibi (na Lusitânia) oppidum Olisipone Ulixi conditum". Santo Isidoro de Sevilha: "Ulyssiponia ab Ulysse condita". Estrabão fala de uma cidade *Odysseia* onde havia um templo de Atenas, mas coloca-a na Turdetânia (Granada).

VIII - 4 (4) *Palas* — O mesmo que *Minerva*.

VIII - 5 (1) *a santa casa* — O templo.

VIII - 5 (2) *A deusa que lhe dá língua facunda* — Minerva ou Palas, a deusa da sabedoria.

VIII - 5 (3) *Que as Águias nas bandeiras tem pintadas* — Só para rimar escreveu Camões *pintadas* porque não podia ignorar que as águias, insígnias das legiões romanas, a partir de Mário, eram de prata e levadas na ponta de uma haste pelo *Signifer*, o porta-estandarte.

VIII - 6 (1) *Viriato* — Veja c. I - 26; c. III - 22.

VIII - 6 (2) *Pirro* — Rei do Epiro. Invadiu a Itália e venceu os romanos nas batalhas de Heracléia (280-A. C.) e Asculum (297-A. C.). Mas foi vencido em Benevento (275-A. C.).

VIII - 7 (1) *A vida lhe tiraram* — O general romano Quinto Servílio Cipião, não podendo vencer a Viriato, lealmente, pelas armas, subornou três dos mais achegados colaboradores do cabo de guerra, que o mataram à traição. O historiador romano Floro assim escreveu sobre o caso: "qui (Quinto Servilio Cipião) ducem (Viriato) per fraudem et insidias et domesticos percussores adgressus hanc hosti gloriam dedit, ut videretur aliter vinci non posse" (I - 33).

VIII - 7 (2) *Outro está aqui* — Sertório. Veja c. I - 26.

VIII - 8 (1) *Dessas aves de Júpiter validas* — As águias eram as aves dedicadas a Júpiter. Aqui, porém, trata-se das águias das legiões romanas. Veja estrofe V dêste canto.

VIII - 8 (2) *souberam ser vencidas de nós* — Pura construção latina, onde *souberam* está por *puderam*. É comum na voz ativa como neste exemplo de Ovidio citado por Epifânio: *vinci nescius armis*.

VIII - 8 (3) *sutis artes e maneiras tão fingidas pera adquirir povos* — Maneiras, recursos, meios falsos para conquistar povos, tão bem disfarçados que as vítimas não desconfiavam de suas reais intenções (*sutis artes*).

VIII - 8 (4) *A fatídica cerva* — Toma-se *fatídica* no sentido de adivinhadora, que antevia os fatos e os comunicava a Sertório. *Cerva*, femin. de cervo, veado, do lat. *cervus*. Não há diferença de pronúncia entre *cervo* e *servo* como alguns têm ensinado errôneamente. Alude ao fato de trazer Sertório consigo este animal, presente de um natural da Península, inteiramente domesticada ao ponto de sempre o acompanhar e atender ao seu chamado. Para maior influência sobre os seus comandados, fingia Sertório receber avisos e inspirações desta cerva. No "Epitome" de Valério Máximo, feito por J. Paris, se lê: "Sertorius in exercitu Hispano albam cervam habuit, quam persuasit barbaris monitricem sibi esse".



VIII - 9 (1) *O grão progenitor* — Usa Camões *progenitor* no sentido de primeiro pai, o tronco inicial dos reis, o avô dos demais que dele provieram. Na polêmica entre Rui Barbosa e Carneiro, foi este um dos pontos mais debatidos. Asseverava Rui que não se pode empregar *progenitor* como sinônimo de *pai*, mas sim de *avô*, antepassado. O seu ponto de vista era o etimológico, tomando a prep. *pro* como argumento decisivo. Retorquiu-lhe Carneiro que assim foi, mas que, na língua atual, *progenitor* é o mesmo que *genitor*, *pai*. Tinha toda a razão o professor Carneiro porque, consultando a própria formação do termo em latim, vê-se que o prefixo *pro* não queria dizer prioridade, antigüidade ou coisa semelhante. Era costume dos latinos lançar mão de tal reforço sem que o significado do semantema se alterasse. Eis o que nos ensina Meillet, quando nos diz que nenhuma diferença existe entre o simples *gignere* e o composto *progignere*: "Il y a tendence en latin à reforcer les formes de la racine *gena — avec le préverbe *pro*: ainsi *progigno*, *prognatus*, *progénero*, *progenitor*". Nem, portanto, a etimologia da palavra servia de base à opinião de Rui, cuja preferência ao termo simples *genitor* era também infundada porque desde o latim havia esta forma desaparecido do uso comum dos escritores, aparecendo raramente na linguagem da poesia. Por isto mesmo, os exemplos com que se abona Rui são de Castilho, em composições poéticas. *Progenitor*, portanto, tem o mesmo sentido que *genitor*, isto é, *pai* e não os antepassados, genericamente, tomados. Esta unificação de sentido entre *progenitor* e *pai* já se havia dado também em latim. Veja o nosso trabalho "Carneiro versus Rui" em "Jornal de Filologia" III - n.º 9.

VIII - 9 (2) *Nós húngaro o fazemos* — Já no c. III - 25 dissera o mesmo Poeta, mas acrescenta agora: "porém nado crêm ser em Lotaríngia os estrangeiros" — Eram as opiniões do tempo, como se vê em Duarte Galvão: "D. Anrique sobrinho deste conde de Tolosa, filho segundo genito de uma sua irmã e del rey Dungria". Resende, em seu "Vicentius" escreveu: "Nostri historici Pannoniae regis filium fuisse dicunt, Hispani Lathoringum faciunt". A *Lotaríngia* era a Lorena. Sabemos que Dom Henrique era filho do duque Henrique de Borgonha, segundo filho de Roberto, duque de Borgonha, irmão de Henrique, rei da França.

VIII - 9 (3) *A Casa Santa passa* — Entende-se que Dom Henrique tenha ido a Jerusalém, a Casa Santa, especialmente, o Santo Sepulcro. O cronista Duarte Galvão inverte a ordem dos fatos: depois da volta de Jerusalém é que Dom Henrique lutou contra galegos e leoneses, ao passo que o Poeta coloca a ida à Terra Santa depois de ter terminado suas guerras. No c. III - 27 já havia dito desta viagem, mas nada se sabe, ao certo, de que houvesse Dom Henrique tomado parte nalguma cruzada. Contudo, Duarte Galvão chega a dar-nos a data: "Em este tempo andando a era de Nosso Senhor de mil cento e trez, foy este Conde D. Anrique a ultramar à Casa Santa de Jerusalem".

VIII - 10 (1) *Quem é, me dize, êst'outro* etc. — Note-se a colocação do pronome oblíquo antes do imperativo, caso livre de colocação e não como alguns gramáticos ensinam: com o imperativo positivo vai o pronome depois. Não tem fundamento esta invencionice gramatical.

VIII - 10 (2) *tem roto* — Partic. pas. de *romper*, do lat. *ruptus*, de *rúmpere*. Já saiu do uso tal construção: dizemos sempre *tem rompido*. Usa-se *roto* como simples adjetivo.

VIII - 11 (1) *todo Portugal* — Quando *todo* equivale a *inteiro*, *completo*, na língua moderna é necessário antepor o artigo ao substantivo: *todo o Portugal*, *todo o Brasil*.

VIII - 11 (2) *Por quem no Estígio lago jura a Fama* — O juramento pelo rio ou lago Estige, que banhava o Inferno, era dos mais sagrados e costumava ser feito pelos deuses. Veja c. IV - 40.

VIII - 11 (3) *Com cujo braço o mouro doma* — De quem é o braço, a força? de Deus ou de Afonso? O texto é obscuro. Achamos que se refira ao auxílio de Deus. Desta sorte, Afonso é o sujeito de *doma*.

VIII - 12 (1) *Se César, se Alexandre Rei, tiveram* — O mais-que-perfeito pelo imperfeito do subjuntivo: *tivessem* e logo depois *estendessem*. Note-se a colocação do aposto *rei*: *Alexandre Rei*, imitação do latim *Alexander Rex*. O comum é *Rei Alexandre*.

VIII - 13 (1) *o rompido aluno mal sofrido* — Dom Afonso Henriques, em luta contra a sua progenitora Dona Teresa, deu-lhe combate em Guimarães sem o parecer de Egas Moniz, seu aio. Quando as suas fileiras já estavam rompidas e se esboçava a derrota do príncipe, foi-lhe em socorro Egas Moniz. Eis a reprimenda do aio ao aluno mal sofrido: "Non fizestes bem nem sizo dardes batalha sem mi, mas tornay e eu comvosquo, e espero em Deos que hahi prendamos vosso padrasto e vossa mãy, recolhey ha vós toda vossa gente que vem fogindo e tornemos ha peleyjar" (Duarte Galvão — 6).

VIII - 14 (1) *Vê-lo cá vai co'os filhos a entregar-se* — *Vê-lo*: vês + lo, com assimilação de *s* a *l*. // Note-se o cacófaton *cá vai* (*cavai*) que se repete na estrofe 16. Refere-se ao episódio de entregar-se Egas Moniz com mulher e filhos ao rei de Castela em resgate da sua palavra dada. Veja o episódio no c. III - 35-40.

VIII - 14 (2) *nu de seda e pano* — Despidos os trajes superiores, geralmente, de pano de seda. Veja c. III - 38.

VIII - 14 (3) *castelhano* — É complemento de *sujeitar-se* e não de *prometera*.

VIII - 14 (4) *Fez com siso e promessas* — Parece-nos que *siso* esteja por *razões, reflexões*, discussão de causas e conseqüências do ato.

VIII - 15 (1) *o cônsul* — Não foi um somente, mas dois os cônsules que sofreram a humilhação das Forcas Caudinas: Spurius Postumius Albinus e Veturius Calvinus. Caíram numa cilada que lhes prepararam os samnitas. Cercados nos desfiladeiros próximos a Caudium, hoje, Aírola, entre Benevento e Catália, nas Caudinae Fauces, donde Forcas Caudinas. Tiveram de passar sob o jugo, o que era grandemente afrontoso aos brios romanos. Fazia-se o jugo com uma lança posta horizontalmente sobre duas outras verticalmente afincadas na terra. Os cônsules e os oficiais maiores tiveram de passar sob o jugo, quase nus, despidos de suas vestes superiores, apenas com a túnica, isto é, só de camisa. O general samnita era Gavius Pontius. O senado romano não ratificou as condições aceitas pelos cônsules, mandando entregá-los de volta a Pontius. Fez-lhe nova guerra, venceu-o e submeteu os samnitas a Roma.

VIII - 15 (2) *os filhos naturais* — Não que fossem ilegítimos, e sim, em oposição a filhos adotivos.

VIII - 16 (1) *Vês este que, saindo da cilada* — Dom Fuas Roupinho, alcaide-mor de Mós (Porto de Moos), vencedor do rei mouro Guami, conseguindo levantar o cerco da vila.

VIII - 16 (2) *No mar*, etc. — Refere-se a uma batalha naval entre portugueses e mouros na altura de Setúbal ou do cabo Espichel, saindo vencedor Dom Fuas Roupinho. Segundo a opinião dos melhores historiadores, tal batalha não existiu. A figura deste herói é muito lendária.

VIII - 16 (3) *galés* — Navios, do fr. *galée* e este do ital. *galea*, cujo fundamento é o gr. bizantino *galaia*, propriamente, tartaruga. Foi dado tal nome a tal navio por certa semelhança entre ambos: a forma do navio e a disposição dos remos que lembravam as patas do animal. Uma das penas do tempo era a condenação a *galé perpétua*, isto é, a ser remador por toda a vida.

VIII - 17 (1) *Das mãos dos mouros entra a felice alma* — Pelas mãos dos mouros que o mataram na batalha. // *Felice* como *audace, veloce* e outras tantas formas semelhantes: não são exemplos de paragoge, mas formas anteriores às atuais: *felicem / felice / feliz*.

VIII - 18 (1) *um ajuntamento* — Refere-se à presença dos cruzados, alemães e ingleses que ajudaram Afonso Henriques a tomar Lisboa — Veja c. III - 57.

VIII - 18 (2) *Henrique, famoso cavaleiro* — Trata-se de Henrique de Bona (Bonn) morto no cerco de Lisboa. Em sua sepultura, no mosteiro de S. Vicente, nasceu uma palma que operava milagres de curas. Na "Crônica da Fundação do mosteiro de São Vicente de Lisboa" lê-se o seguinte: "... aveo que o sobredito Anrique, cabaleiro de Jesu Christo, que jazia sepultado no dito moesteiro de San Vicente, que mostrou Deos por ele grandes milagres, antre os quaes pareceu antre os omẽes un mui maravilhoso segundo o que del conta a escritura, na qual faz mençon que na cabeceira do moimento do dito cavaleiro se levantou ũa palma semelhavil a esta que tragem os romeus que vam en Jerusalem, e, levantada assi esta palma, começou d'enverdecer e deitar folhas e fazer verdura, e creceu sobre a terra e feze-se muit'alta" etc. — (S. Bueno, Antologia Arcaica — 68).

VIII - 18 (3) *Germanos* — Alemães. Diz-se hoje *germânico*, pois, *germano* tomou o significado de *legítimo*: *irmão germano*, depois *germão* e finalmente *ermão*, *irmão*.

VIII - 19 (1) *Contra Arronches* — Veja c. III - 55.

VIII - 19 (2) *enresta a lança* — Hoje: *enrista a lança*. Colocar a lança no *riste* para ter firmeza no ataque. O *riste* era, na armadura medieval, um dispositivo feito, fosse de metal, de couro ou de cordas, onde se introduzia a ponta inferior da lança a fim de dar-lhe apoio para o golpe. A forma primitiva, como demonstra o verbo *enrestar*, deve ter sido *reste*, como em inglês *rest*, tirado do fr. *reste*, deverbal de *rester*, ficar. Sendo, no verbo *enrestar*, átona a vogal *e*, passou a *i*, dando a forma atual *enristar*. Desta alteração vocálica do verbo foi que *reste* tomou a forma *riste* que hoje conhecemos. *Enrestar* ou *enristar* a lança, queria dizer, portanto, dispô-la para o ataque, elevando-a ou abaixando-a conforme os movimentos da luta. Daqui *enristar o dedo*, isto é, erguê-lo em gesto doutoral, quase agressivamente, como se fosse lança. Conhecida é a expressão: *de lança em riste*, pronto para o ataque.

VIII - 19 (3) *Teotónio Prior* — Prior de Santa Cruz a quem doara Afonso Henriques Leiria. Veja c. III - 55.

VIII - 19 (4) *a segurança* — O denodo, o arrojo, o sangue frio, o domínio de si mesmo.

VIII - 19 (5) *Da figura*, etc. — Trata-se de Mem Moniz, filho de Egas Moniz. Veja c. III - 55.

VIII - 20 (1) *Vê-lo cá donde Sancho desbarata* — *Vê-lo* = vês-lo com assimilação de *s* a *l*. // *Donde* = onde. // *Sancho* — Veja os fatos no c. III - 55-75-84.

VIII - 20 (2) *Vandália* — Terra dos Vândalos, Andaluzia. Veja c. III - 60.



VIII - 20 (3) *hispálico* — Sevilhano, de *Hispalis*, antigo nome de Sevilha.

VIII - 21 (1) *Olha aquele que desce pela lança* — Apresenta esta estrofe muitas incongruências: narra o fato da tomada de Évora, grande feito de Geraldo Sem Pavor. Apoiado na lança, ou como diz Resende, em estacas que metia pelos furos da torre de vigia, surpreendeu, alta madrugada, as sentinelas mouras, pai e filha. Arremessou esta abaixo e degolou aquele. Desceu depois, como diz Camões, *pela lança*, isto é, do mesmo modo pelo qual subira, trazendo as cabeças das vítimas. Abriu as portas da cidade aos companheiros que estavam ocultos a pouca distância. Este é o resumo da extensa narrativa de Resende em seu livro "De Antiquitatibus Lusitaniae", vol. I, pág. 339-346. O escudo de armas de Évora trazia a figura do guerreiro a ostentar nas mãos as cabeças dos que degolara. A narração camoniana é confusa neste ponto. Outra discussão se levanta quanto ao adv. *onde* (*onde a cilada esconde*): Epifânio acha que seja equivalente a *com que*, com as quais cabeças; J. Maria Rodrigues não enxerga dificuldade alguma, achando que *onde* é simples advérbio de lugar, referindo-se ao posto em que se encontram os companheiros. Achamos que este último comentarista está com a razão e não o primeiro. Note-se ainda que diz o poeta: "que as cabeças frias na mão levava" e, à primeira vista, parece-nos que Geraldo descia da torre, pela lança, levando nas mãos as cabeças frias, o que seria um tanto difícil. Mas Camões, nestes últimos versos, já deixou a história do Geraldo para passar a referir-se ao escudo de armas da cidade de Évora. Por tudo isto se vê que a estrofe é bastante obscura.

VIII - 21 (2) *feito nunca feito* — Bravura, proeza nunca realizada. Jogo de palavras do poeta, tomando *feito* em dois sentidos.

VIII - 22 (1) *um castelhano* — Dom Pedro Fernandes de Castro, vassalo de Afonso IV de Castela: indignado com o favoritismo do rei para com os odiados rivais, os condes de Lara, aliou-se aos mouros. Com estes invadiu Portugal, tomou Abrantes, Tomar e levou cativos muitos portugueses. Na retirada é acometido por Martim Lopes que liberta os portugueses e mata o castelhano.

VIII - 23 (1) *Martim Lopes* — É necessário combater o erro de muitos que pronunciam *Lopês, Martinês, Velês, Hernandês* somente porque eram tais nomes escritos com *z*: *Lopez, Martinez*, etc. A verdadeira grafia deve ser, realmente, com *z* e não com *s* como erradamente se faz em nossa língua, mas o *z* não tem força alguma para deslocar o acento da palavra. Este sufixo *ez* é o que nos resta do latino *ici*, muito usado na formação dos patronímicos: *Fernandici, Lopici, Martinici*, isto é, *filho* de Fernando, Lopo, Martim. A evolução exata de *ici* é *ez* e não *s*.

VIII - 23 (2) *eclesiástico* — O bispo de Lisboa, Dom Mateus como se vê na estrofe seguinte. Fora ele quem convencera os cruzados a tomar parte no cerco e tomada de Lisboa, pertencente ainda aos mouros.

VIII - 23 (3) *bago* — O mesmo que *báculo*, o cajado que serve de insígnia aos bispos. O báculo dos bispos termina sempre em curva, reproduzindo quase um ponto de interrogação: tem isto o seu simbolismo e quer dizer que o direito do bispo não é o supremo, mas está limitado pelo do Papa. O báculo do Papa é reto, símbolo do seu poder supremo.

VIII - 23 (4) *o sinal no céu* — Contam os cronistas que após o sermão do bispo, apareceu no céu, um homem "resplandecente como sol e no peyto tragia ho sinal da cruz".

VIII - 24 (1) *e não de espaço* — De vagar, como quem vai a passeio.

VIII - 24 (2) *Dom Mateus, o bispo de Lisboa* — Epifânio, citando Cunha, autor da "História da Igreja de Lisboa", afirma que o bispo se chamava Dom Sueiro Viegas e não Dom Mateus. O mesmo diz Barbosa Bettencourt em seus "Subsídios".

VIII - 25 (1) *Olha um Mestre* — Dom Paio Correia, Mestre da Ordem de Santiago, instituída pelo rei Ramiro de Castela, em 846, após a batalha de Clavijo, batalha em que, segundo a tradição, foram vistos os anjos e o Apóstolo a pelejar ao lado dos cristãos.

VIII - 25 (2) *lhe resista* — Admite o verbo *resistir* a regência transitiva direta: *quem o resista*.

VIII - 25 (3) *toma a escala vista* — Nas locuções adverbiais, não usa o Poeta a crase por faltar o artigo.

VIII - 25 (4) (5) *Tavila... sete caçadores* — Seis cavaleiros portugueses, aproveitando-se de momentânea trégua, saíram a caçar. Passando por Tavila, hoje, Tavira, foram atacados por numeroso grupo de mouros. Na luta foram ajudados por arreeiro cristão, mas dado o número desigual, morreram todos. Dom Paio Correia, em vingança, tomou Tavila em 1242.

VIII - 26 (1) *Mas não passes os três que em França e Espanha* — Trata-se dos cavaleiros andantes Gonçalves Rodrigues Ribeiro, Vasco Anes e Fernando Martins. Eis como a eles se refere o cronista Rui de Pina: "No mesmo tempo que o Mestre de Avis partio de Castella, chegárão á corte de el Rey de Castella tres cavaleyros portugueses que vinhão de França onde avia tres annos que andavão procurando e ganhando honra em feytos darmas; e estes avião nome Gonçalo Rodrigues Ribeyro, e Vasqueanes... e Fernão Martins de Santarem... e destes tres

Gonçalo Rodrigues em hũas justas reais que el Rey de Castella tivera em Leão quando elles hião para França o fez tão bem que venceo o grado de melhor justador..." (Pina — Dom Afonso IV — 14). Em outro lugar conta o cronista como Gonçalo Rodrigues Ribeyro venceu e matou Martin Gil de Catina. Venceu ainda a Dom Martinho de Lara em torneio em que tomou parte o próprio rei de Castela.

VIII - 26 (2) *justas e tornêus* — A justa era um combate singular de cavaleiro contra cavaleiro, como o de Gonçalo Rodrigues Ribeyro com Dom Martinho de Lara. É um deverbal de *justar*. Ainda hoje dizemos: *justar contas com alguém*. Lat. *juxtare*, isto é, estar colado a alguém, tão perto dele que assim o pareça: *juxta + stare*. O torneio ou como disse Camões *torneo* era ação de vários que simulavam combates. Vem de *tornear*, andar ao redor, em torno de, referindo-se especialmente às voltas dos cavalos em pleno desenrolar da peleja.

VIII - 27 (1) *Dos jogos de Belona verdadeiros* — Os jogos verdadeiros de Belona, a guerra, em oposição ao que está na estrofe precedente: justas e torneios que eram jogos de Belona, divertimentos de guerra, mas fingidos. *Belona* é a deusa romana da guerra, do mesmo tema de *bellum, i,* guerra.

VIII - 27 (2) *a lei Leteia* — A lei da morte, do eterno esquecimento. *Lathaeus, lethea*: adjs. derivados de *Lethes*, o rio do Inferno, cujas águas passavam as almas, perdendo a lembrança da vida anterior. Assim, quando novamente se encarnavam, segundo a teoria oriental da metempsicose, não se recordavam das primeiras existências já vividas. Veja c. I - 14, 26 ou c. X - 9.

VIII - 28 (1) *Atenta num que a fama tanto estende* — *Atentar em* — observar, prestar atenção. É Nuno Álvares Pereira (veja c. IV - 14-46) *que a fama tanto estende*: o suj. é *que* (*um*) e *fama* é o objeto direto de *estende*. — Frei F. de Macedo não entendeu, achando que *fama* era o sujeito: "Celebrat *quem* famaperennis / tantum ut non alium, etc." Esta interpretação não é acertada porque o pron. relativo *que*, representando *um*, continua claramente como sujeito de "se contenta", "sustenta". É sempre o herói Nuno Álvares Pereira.

VIII - 28 (2) *Não no vês tinto de ira* — Temos ainda uma vez o fenômeno da assimilação da nasal de *non* e da liquodental *l* da antiga forma do pron. *lo*: *non lo = non no = não no*. Para o restante da estrofe ver c. IV - 14-19.

VIII - 29 (1) *Vencer o povo ingente de Castela* — Refere-se à batalha de Aljubarrota. Veja c. IV - 23-45.

VIII - 29 (2) *Outro estrago* — A batalha de Valverde, na Andaluzia.

VIII - 29 (3) *Tarteso* — Aqui é o nome do Bétis, atualmente, Guadalquivir. É também o nome de um dos mais antigos povos que habitaram o sul da Espanha, a Andaluzia.

VIII - 30 (1) *Do capitão devoto* — Nuno Álvares Pereira que, durante o combate de Valverde, se retirou para rezar, voltando depois no momento em que os portugueses estavam sendo vencidos. Foi buscado por Rui Gonçalves a quem disse ser necessário primeiro terminar a sua oração e que tivesse confiança em Deus. O fato vem relatado por Fernão Lopes, na Crônica de Dom João I, vol. II - 57: "Entonce... Ruy Gonçalves se trabalhou de saber delle parte, andando o buscando trigoso, foy o achar fora da hoste... com os giolhos postos em terra, e as mãos, e os olhos alçados ao céo... e chegouse a elle e... lhe disse o dano que nelles fazião e elle muito quedo revolveo o rosto e mansamente respondeo e disse "Ruy Gonçalves amigo, inda nom he tempo; aguarday hum pouco, e acabarey de orar".

VIII - 31 (1) *Que inda não era tempo, respondia* — Veja o comentário (1) da estrofe precedente.

VIII - 31 (2) *Pompílio* — Numa Pompílio, segundo rei de Roma, que, em semelhante conjuntura, primeiro foi oferecer um sacrifício aos deuses e depois deu combate aos inimigos.

VIII - 31 (3) *a possança dos imigos a terra lhe corria* — A força das tropas inimigas já lhe havia entrado nos territórios, já lhe havia invadido a terra.

VIII - 32 (1) *em Deus se atreve* — *Atrever-se em* é ter confiança em. Já saiu do uso da língua tal modo de dizer. Vê-se ainda uma reminiscência deste significado de *atrever em* na frase: Não me atrevo a fazer isto ou aquilo — isto é, não tenho confiança em minhas forças para fazer tal.

VIII - 32 (2) *Português Cipião chamar-se deve* — A comparação é feita com Públio Cornélio Cipião que venceu Aníbal. A edição apócrifa, aparecida com a mesma data (1572) da genuína, escreveu: *Português Capitão*.

VIII - 32 (3) *se arreia* — Portugal mais se honra, mais se adorna com o nome verdadeiro de Dom Nuno Álvares Pereira do que com o de "Português Cipião".

VIII - 32 (4) *enquanto o Sol rodeia* — Devia ser *enquanto o sol rodear*, mas por causa da rima houve o descuido da correlação dos tempos e modos, como tantas vezes se notam em "Os Lusíadas".

VIII - 32 (5) *Este globo de Ceres e Netuno* — Este globo formado de terra (Ceres) e de mares (Netuno).

VIII - 32 (6) *aluno* — Latinismo, filho, discípulo.

VIII - 33 (1) Relato das façanhas de Pero Rodrigues, alcaide de Alandroal: com pouca gente desbaratou os comendadores de Alcântara e de Calatrava que tinham roubado, na comarca de Évora, 5.000 ovelhas e 1.500 cabras. Livrou a Álvaro Gonçalves Coitado que estava prisioneiro de Vasco Porcalho, de Vila Viçosa, aliado do rei de Castela.



VIII - 33 (2) *O preso amigo* — É Álvaro Gonçalves Coitado. Explica Bettencourt: "Este e Pero Rodrigues do Alandroal tinham tirado o governo a Vasco Porcalho, alcaide de Vila Viçosa por ser do partido de Castela. Porcalho, tendo obtido do Mestre de Avis a reintegração, prendeu Álvaro Gonçalves e mandou-o para Olivença. Pero Rodrigues, sabendo que os de Porcalho iam passar, esperou-os e libertou o prisioneiro" (pág. 221).

VIII - 34 (1) *Olha este desleal* — Paio Rodrigues Marinho, alcaide de Campo Maior, que, recebendo a Gil Fernandes para uma conferência, como representante do Mestre de Avis, faltando à palavra dada, prendeu a Gil Fernandes, impondo-lhe 2.000 dobras de resgate. Depois de resgatado, Gil Fernandes se encontrou com Paio Martins entre Elvas e Campo Maior, prendendo-o. Pouco depois, Martins Vasques, escudeiro de Gil Fernandes, degolou a Paio Martins.

VIII - 34 (2) *Rui Pereira* — Comandando três galés portuguesas, atacou uma nau castelhana da esquadra que cercava Lisboa (1383). Enquanto fazia este ataque, puderam as naus restantes da esquadra portuguesa passar e livrar-se do cerco. A façanha custou-lhe a vida.

VIII - 35 (1) *Olha que dezessete lusitanos* — Passou-se o fato no cerco de Alamada: eram muitos os castelhanos e os portugueses apenas dezessete que saíram a buscar água. Note-se *dezessete*, forma paralela a *dezassete*, ambas corretas, mas de diferente formação — *dezessete = decem et septem; dezassete = decem ac septem*. Dá-se o mesmo com *dezesseis* e *dezasseis; dezenove* e *dezanove*.

VIII - 35 (2) *pelos tomar* — Hoje dizemos: *por tomá-los*. Os clássicos uniam o pronome à preposição.

VIII - 35 (3) *defendem... ofendem* — A oposição marcada pelos prefixos: *de, ob* que modificam, já em latim, o verbo base *féndere: deféndere, offéndere*.

VIII - 35 (4) *eterno* — Qualifica *feito* e não *mundo*.

VIII - 36 (1) *Sabe-se antigamente que* — É o que diz Eutrópio: "Eodem tempore trecenti Lusitani cum mille Romanorum in quodam saltu contraxere pugnam in qua LXX Lusitanos, Romanos autem trecentos viginti interfectos Claudius refert".

VIII - 36 (2) *vencimentos* — Vitórias.

VIII - 37 (1) *Pedro e Henrique* — Dom Pedro que viajou por vários países da Europa, ganhando vitórias para os exércitos germânicos do Imperador Sigismundo, vencendo venezianos e turcos. Dom Henrique, o fundador da escola de Sagres, o iniciador dos descobrimentos marítimos de Portugal, e Dom Duarte, depois rei, fundaram a grandeza de sua pátria.

VIII - 37 (2) *com que a morte engane* — Com que se torne imortal.

VIII - 37 (3) *entrando as portas da cidade* — Admite o verbo *entrar* várias regências: *entrar as portas, entrar às portas, entrar nas portas*.

VIII - 38 (1) *O Conde Dom Pedro* — Dom Pedro de Meneses, conde de Viana, primeiro governador de Ceuta.

VIII - 38 (2) *outro Conde* — Dom Duarte de Meneses, filho natural do primeiro. Foi capitão de Alcácer Ceguer que defendeu de vários cercos. Protegeu a retirada de D. Afonso V, 1464, que se internara pela serra de Benacafu. Quase envolvido o rei pelos mouros salvou-o a custa da própria vida.

VIII - 39 (1) *pintariam* — Procede o nosso verbo *pintar* de um * *pinctare* formado pelo partic. pass. *pinctus* de *pingere*. A derivação, portanto, não foi do clássico *pictus* mas do vulgar *pinctus* que ainda encontramos, nos arcaicos, por *pintado* e hoje está substantivado para indicar o galináceo na infância.

VIII - 39 (2) *que as artes criam* — O subst. *artes* é objeto direto de *criam*, cujo sujeito é: *honra, prêmio, favor*.

VIII - 39 (3) *Em gostos e vaidades atolados* — Afundados, imersos, entregues. Hoje, *atolar* só se emprega por *afundar, imergir* na lama, no barro, no lodo, e, figuradamente, em vícios. Mas o primeiro significado foi imergir na água, mais concretamente numa tina ou num vaso, recipiente de água. Provém do frâncico * *dulia*, tina d'água, latinizado em *tullius*. Apesar de escrito *atolar*, a pronúncia correta, especialmente, em Portugal, é *atular, atuleiro, atulador*.

VIII - 40 (1) *geração que deles pende* — Que deles descende, que deles se originou. É um latinismo.

VIII - 40 (2) *seus menores* — Os descendentes, assim como dizemos *maiores* os ascendentes. É outro latinismo de Camões: "... nostrosque huius meminisse minores" (Verg., Aen. I - 733). Camões joga com o termo *menores*: não só descendentes, mas inferiores em virtudes e qualidades.

VIII - 40 (3) *descansos corrutores* — O ócio pela fartura que a Portugal veio após o descobrimento do caminho das Índias. *Corrutores* — assim está na edição "princeps".

VIII - 41 (1) *Sem nenhum tronco ilustre* — Sem ascendência nobre. Camões é do seu tempo e tem grande reverência à nobreza. Só depois da revolução francesa foi que estas idéias medievais começaram a desaparecer. Há alguns retardatários que ainda retêm essas idéias de classes sociais. Não é o berço, mas o procedimento que fundamenta a nobreza de qualquer pessoa.

VIII - 41 (2) *a privados* — Validos, pessoas de influência junto a outrem. Íntimos. Veja c. III - 91.

VIII - 41 (3) *A pintura, que fala* — A poesia, como da pintura disse o Poeta que é uma poesia muda.

VIII - 42 (1) *seus parentes* — Seus maiores, seus avós, antepassados.

VIII - 42 (2) *clarifica* — Torna ilustre. Lat. *clarificare*, de *clarus*, ilustre, e *ficare* do tema de *fácere*, fazer, tornar. No latim cristão, *clarificare* tomou o sentido de *glorificar*.

VIII - 42 (3) *a pintura* — A poesia, a glorificadora, por excelência, dos grandes varões.

VIII - 43 (1) *a vária tinta* — Expressão adverbial de modo: sob diversos aspectos. Note-se a ausência de crase pela ausência de artigo definido feminino.

VIII - 43 (2) *a douta mão* — D. Manuel tinha mandado fazer, nas Flandres, na França, os famosos "panos de armar", gobelins. Eram tapetes em que hábeis artistas reproduziam cenas, paisagens, figuras previamente desenhadas por notáveis pintores, os célebres "cartões". Nessas tapeçarias estavam representados vários episódios dos descobrimentos da Índia. Acham muitos que Camões se inspirou nestes "panos de armar" quando descreveu as pinturas das bandeiras e das naus que o Gama explicava ao catual.

VIII - 43 (3) *Os olhos tinha prontos e direitos* — Atentos e fixos.

VIII - 44 (1) *a alâmpada grande* — O Sol. *Alâmpada*, forma prostética de *lâmpada*, do lat. *lampas, lampadis*.

VIII - 44 (2) *Antípodas* — Que estão opostos pelos pés: gr. *anti* (contra), *pous, podòs*, pé.

VIII - 45 (1) *arúspices* — Pura palavra latina empregada pelo Poeta. *Haruspex, haruspicis*, adivinho que consultava as entranhas dos animais. *Haruspex* formado de *harus*, víscera, entranha, e *spex*, de *spécere*, observar.

VIII - 45 (2) *Sobre esta vinda* — A respeito desta vinda. Camões empregou freqüentemente *sobre* por "a respeito de", "relativo a", "acerca de", desmentindo os gramáticos que tal construção têm por galicista. Nunca foi galicismo.

VIII - 46 (1) *o Demo* — Do nominativo *daemon*. Existe o arcaico *demão* da mesma origem. Do lat. cristão *daemonium*, que é o gr. *daemonion*, diminut. de *daimon*, temos *demônio*, com a forma popular *demonho* // *verdadeiro* — Qualifica *sinal* e não *demo*.

VIII - 46 (2) *valia* — Importância social, prestígio político.

VIII - 46 (3) *agoureiro* — O mesmo que arúspice, adivinho. Derivado de *agouro* + *eiro*. *Agouro* procede do lat. vulg. *agurium*, lat. clás. *augurium*, com hipértese do *i*: *agoiro*, e forma paralela *agouro*.

VIII - 47 (1) ... *que um devoto sacerdote... Baco em sonhos aparece* — Temos aqui anacoluto, isto é, uma interrupção da ordem lógica do pensamento. Não se pode negar que a estrofe é confusa, tanto que, em algumas edições, acrescentaram: *a um devoto sacerdote... Baco em sonhos aparece*.

VIII - 47 (2) *não remoto* — Isto é, não isento dos ódios concebidos contra a divina fé. É uma expressão latina: *a culpa non remotus*.

VIII - 47 (3) *a divina Fé* — O catolicismo.

VIII - 47 (4) *Profeta falso e noto* — Falso e conhecido. *Noto* é o lat. *notus*, de *nosco*. Está fora de uso ainda mesmo em poesia. É Maomé.

VIII - 47 (5) *filho da escrava Agar* — Ismael.

VIII - 48 (1) *mal que se aparelha pelo imigo* — Mal que está sendo preparado pelo inimigo — Voz passiva com partic. *se* e complemento de causa eficiente expresso, sintaxe já caída em desuso.

VIII - 48 (2) *águas húmidas* — Já se viu água que não fosse úmida? Camões imitou a Vergílio: "Delphinum similes, qui per *maria humida* nando, etc." (Aen. V - 594). A citação desta passagem, em Epifânio, está errada. O pleonasmo de Vergílio e de Camões é desnecessário.

VIII - 48 (3) *que esteis* — Forma arcaica do pres. do subjunt. *estê, estês, estê, estemos, esteis, estem*, do lat. *stem, stes, stet, stemus, stetis, stent*.

VIII - 48 (4) *Isto dizendo* — Colocação clássica ainda empregada por Vieira. Hoje preferimos inverter a ordem: *Dizendo isto*.

VIII - 48 (5) *sonho usado* — Sonho comum, costumeiro.



VIII - 48 (6) *quieto* — Lat. *quietus* de *quiéscere*, descansar, repousar. Em *quieto* não só entendemos o repouso, a falta de movimento, mas também o silêncio: calado. Forma vulg. *queto*; forma literária *quedo*.

VIII - 49 (1) *Sem o qual foreis muitos batizados?* — Camões atribui a Baco idéias e conseqüências muito futuras: como teriam sido muitos batizados se nem sequer se iniciava, com a viagem de Vasco da Gama, a pregação católica? Devemos notar a forma *foreis* por *serieis*, o mais-que-perfeito do indicativo pelo imperfeito do condicional.

VIII - 49 (1) *Eu por ti, rudo, velo* — Eu vigio, velo por ti, rudemente, com muitas dificuldades e trabalhos.

VIII - 50 (1) Bela comparação entre a força crescente do poderio português na Índia e a força do sol.

VIII - 50 (2) *Ordena como em tudo se resista* — Ordena a maneira, o modo pelo qual haja resistência em tudo.

VIII - 51 (1) *Isto dito, ele e o sono se despede* — Notemos primeiro a colocação: *Isto dito*, que hoje deveria ser *Dito isto*. Segundo, a forçada concordância do verbo no singular quando o sujeito é composto: *ele e o sono se despede*. Ainda que haja outros exemplos desta concordância apenas com um dos componentes do sujeito, o sentido está claramente exigindo o plural. Não é sintaxe que se imite.

VIII - 51 (2) *agareno* — Descendente de *Agar*, o mesmo que *mouro*.

VIII - 51 (3) *dá conta estreita* — Dá conta minuciosa, estrita, tim-tim por tim-tim.

VIII - 52 (1) *Astutas traições, enganos vários* — Contou o Poeta *tra-i-ções*, como também contará, logo abaixo, *des-tru-i-ção*.

VIII - 52 (2) *Com peitas adquirindo os regedores* — *Peitar* procede de *pactar*, fazer *pactos*, com a vocalização da gutural *c*: * *paitar* e depois *peitar*. Veja c. VII - 44.

VIII - 53 (1) *Conciliam da terra os principais* — Fazem que os principais da terra aceitem o ponto de vista deles, tomando parte em suas decisões. Lat. *conciliare*.

VIII - 53 (2) *Mostram ser* (os portugueses) *perdição dos naturais* — Oração infinitiva, de imitação latina, uma das introduções do Renascimento literário. Muito mais natural e de acordo com a língua portuguesa é a oração integrante introduzida por *que*: *mostram que os portugueses são a perdição dos naturais*. Esta integrante com *que* reproduz a integrante do latim vulgar com *quod*. A primeira, a infinitiva, pertence ao latim clássico.

VIII - 53 (3) *piráticas rapinas* — Pirático, do gr. *piratikòs*, adj. de *piratès*, pirata.

VIII - 54 (1) *Quanto deve o rei de olhar* — Muitos verbos admitiam, na língua arcaica e clássica, a construção com *de*, hoje, posta fora de uso: *dever de*, *começar de*, *desejar de fazer*, *começar de dizer*, etc. Hoje omitimos a prep. *de*. Somente os escritores arcaizantes como Rui Barbosa é que se socorrem de tal sintaxe para efeitos estilísticos.

VIII - 54 (2) *superna cadeira* — O trono. *Superno* do lat. *supernus, a, um*, deriv. de *super*, acima, no alto.

VIII - 54 (3) *a língua conselheira* — A língua dos conselheiros, dos ministros, de cujo conselho se vale o rei.

VIII - 55 (1) *que tome tanto em grosso* — Sem examinar pormenorizadamente, tudo junto, englobadamente, como ainda se diz no comércio: vendas em grosso, em oposição a vendas a granel, isto é, miudamente. Diz-se ainda *grosso modo*, expressão italiana internacionalizada.

VII - 55 (2) *pobre e humilde manto* — Refere-se aos trajes dos monges, bispos e outros eclesiásticos, quase sempre ouvidos dos potentados, hábitos humildes e modestos que não correspondem aos ânimos ambiciosos dos que deles se revestem.

VIII - 55 (3) *Que mal com eles poderá ter conta* — Ter conta com alguém, ter confiança em alguém nos tratos sociais.

VIII - 55 (4) *em só Deus pronta* — Atenta, confiada somente em Deus.

VIII - 57 (1) *Nisto trabalha só* — Somente para isto trabalha, se esforça para obter unicamente isto.

VIII - 58 (1) *Falar ao rei gentio determina* — Toma a resolução de falar ao rei. *Falar*, lat. *fabulare*, usado quase sempre intransitivamente. Não nos parece correto empregar *falar* com objeto direto: *falar um discurso, falou que*. Nestes casos deve-se usar *dizer*: *dizer um discurso, dizer que*.

VIII - 58 (2) *Que já sentia impedir-se da malina gente quanto desejasse*. — Não está claro o pensamento do Poeta; pode-se entender 1) — que já sentia ser impedido pela malina gente quanto desejasse. Assim entendido, teríamos *impedir-se da malina gente* uma voz passiva de partic. apas. *se* e agente expresso, sintaxe fora de uso 2) — Que já sentia impedir-se quanto desejasse da malina gente. Assim entendido, *da malina gente* seria complemento de *desejasse* e não de *impedir-se*.

VIII - 58 (3) — *Não era de espantar* (de admirar) *se se espantasse* (se atemorizasse) — Observe-se o uso da conjunção *se* como integrante, em lugar de *que* — *Não era de espantar que se espantasse*. Observe-se ainda o trocadilho entre *espantar* (admirar) e *espantar-se* (atemorizar-se).

VIII - 59 (1) *o baixo peito* — Diminui-lhe a pouca coragem. O peito bem como o coração eram a sede dos sentimentos, sobretudo, da coragem.

VIII - 59 (2) *A quem está sujeito* — O antecedente de *quem* é *cobiça*: o antecedente de *quem* é sempre nome de pessoa. Raramente, nome de cousa.

VIII - 60 (1) *Sobre isto* — A respeito disto, relativamente a isto. Correta expressão sem ressaibos de galicismo.

VIII - 60 (2) *Executa o dinheiro seus poderes* — Deveria ser *executava*.

VIII - 61 (1) Note-se a acumulação de *quês*: *informado que, embaixada que, que é fingida*. A técnica de Camões, em muitos casos, merece reprimenda. Por este e outros versos foi que Castilho teve a afoiteza de dizer o que disse e aos camonistas exagerados tanto horror causou: "há versos em "Os Lusíadas" que nenhum poeta teria a coragem de assinar".

VIII - 61 (2) *Mas vagabundo vás passando a vida* — Errante, sem destino certo. // *Vás*, forma arcaica de *vais* com monotongação do ditongo *ai*. Confunde-se com a mesma pessoa do presente do subjuntivo.

VIII - 61 (3) *Que quem da Hespéria última alongada* — O interrogativo *que* posto antes de *quem* é sintaxe inteiramente posta de lado na língua. Hoje dizemos: *Pois quem* etc. Além disto, concorre para a dureza do verso. // *Hespéria última* — Veja o comentário ao c. II - 108. // *Alongada* — distante. Arcaísmo de *alongar, afastar*.

VIII - 62 (1) *Com peças e dões* — Hendiadis, como nota Epifânio, servindo o segundo substantivo de adjetivo ao primeiro: peças, objetos, cousas de presentear, de oferecer a outrem. *Peça* é o lat. *petia*, recebido do celta, pedaço, porção de um todo. // *Dões*, plural analógico, hoje *dons*. Este plural é analógico e não orgânico, por influência de outros nomes terminados em *om* (*coraçom, firmidom*, etc.) que passaram a *ão*: *coraçom, coraçons, corações; carvom, carvons, carvões*. Mas *dom* não passou a *dão*, continuando, portanto, a ser no plural *dons*. Aqui aparece como pertencente à primeira classe dos que passaram a *ão*. É o lat. *donum, dono, dõo, dom, dons*.

VIII - 62 (2) *Se lia* — Se liga, de *liar* (ligar). Já desapareceu da língua o verbo simples, ficando apenas o composto *enliar, desenliar*.

VIII - 62 (3) *Que sinal nem penhor não é bastante as palavras* — Entre clássicos e arcaicos não se repetia a negativa *nem* como se faz em nossos dias: *Que nem sinal nem penhor é bastante*. O predicado é deixou de concordar com o sujeito *palavras* para concordar, por atração, com o completivo predicativo *penhor*. Vieira foi mais claro nesta concordância excepcional: "As rédeas... era o ímpeto do espírito" (Sexagésima). Veja na "Gramática Normativa", pág. 356, nota 2.ª, outros exemplos desta sintaxe.

VIII - 63 (1) *de alta sorte* — De elevada posição social, de alta classe.

VIII - 63 (2) *toda a terra* — Modernamente diríamos *toda terra*, isto é, *qualquer terra*, suprimindo o artigo depois de *toda*. Assim praticou o Poeta no 7.º verso: *em toda idade*. No tempo de Camões e até nos dias do Romantismo, ainda não estava fixada esta regra bastante recente.

VIII - 63 (3) *ao mar usados* — É expressão que volta muitas vezes no poema: *acostumados ao mar, dados à vida marítima, à navegação*.

VIII - 64 (1) *Vênus Acidália* — Vênus era a protetora dos portugueses, mas o aposto *Acidália* tem especial significado: *Acidália* era uma das fontes inspiradoras dos poetas e oradores, colocada pela mitologia na Beócia, perto de Orcômenos. Nesta fonte banhavam-se as Graças, filhas de Vênus. Por isto usou o Poeta o verbo *influia: inspirava*.

VIII - 65 (1) *prisca idade* — Na idade antiga. Lat. *priscus, a, um*.

VIII - 65 (2) *Não causaram que o vaso da nequícia* — Não tivessem causado, não tivessem dado motivo a. // *Vaso de nequícia* — Hebraísmo que nos veio pela Vulgata: *vaso* é aplicado metaforicamente a *pessoa humana* como se fosse o continente da malícia. De S. Paulo se diz que foi o *vaso da eleição*: *vas electionis*. // *Nequícia* é pura palavra latina (*nequitia*), maldade, ruindade, que causa a morte. Este vaso de nequícia é o demônio e não Maomé como alguns intérpretes pensaram, pois, tal vaso de nequícia tem sido o açoute da humanidade desde as priscas eras, e Maomé é ainda muito posterior a Cristo.

VIII - 65 (3) *perpétua inimicícia* — Outro latinismo de Camões: *inimicitia, ae*.

VIII - 65 (4) *torpe seita* — O maometanismo, a seita de Maomé, seguida pelo Samorim e muitos de seus conselheiros.

VIII - 66 (1) *e em todo o feito* — Em qualquer ato. Veja acima 63 (2).

VIII - 66 (2) *Se não cresses a quem não crer devias* — Pode-se dizer: *crer alguma cousa, crer em alguma cousa, crer alguém, crer em alguém, crer a alguém*. Vieira dá-nos exemplos: "... e se pode dizer com verdade que nós os cristãos, e católicos não *cremos a Deus*?... se o *cremos* a ele ou não... *credes ao vosso apetite*. Vede se se deve contentar Cristo com tal invenção de crer: e se tenho eu razão de pregar que *cremos em Cristo*; mas não *cremos a Cristo*. (*Non creditis mihi*) (Serm. da 5.ª dominga da Quaresma).



VIII - 67 (1) *Undívago* — Puro latinismo *undivagus*, que vaga nas ondas, nos mares, navegantes.

VIII - 67 (2) *os antárticos frios* — As regiões frias do hemisfério sul, em oposição aos frios árticos, do hemisfério norte.

VIII - 67 (3) *Que sofrem do Carneiro os moradores* — Os habitantes do equador, pois, a constelação de Áries (Carneiro) corta o equador em um dos seus pontos.

VIII - 68 (1) *estranho clima* — Na antiga geografia, *clima* é o mesmo que *zona*, situação, colocação dentro das paralelas do equador. Ainda hoje dizemos: vivemos num clima tropical, num clima equatorial, etc.

VIII - 68 (2) *Com que minha tornada certifico* — O presente pelo futuro: *certificarei, provarei*. O particípio passado é, freqüentemente, usado como substantivo: *minha tornada, minha ficada, uma levada*, etc.

VIII - 69 (1) *Bem parece* — Bem está, é natural que.

VIII - 69 (2) *Maior crédito e fé de mais alteza* — Se o feito de vir a frota portuguesa parece ao rei cousa tão difícil, então, deveria exigir provas de maior valor que simples presentes. Note-se o cacófaton e *fé de mais alteza*.

VIII - 70 (1) *Sabe que há muitos anos que os antigos* — Modernamente omitiríamos a segunda conjunção *que*: *Sabe que há muitos anos os antigos*, etc.

VIII - 70 (2) *propuseram de vencer* — Veja c. VIII - 54 (1).

VIII - 71 (1) *ramo claro* — Descendente ilustre, o infante Dom Henrique.

VIII - 71 (2) *deitar do ninho caro o morador de Abila* — Expulsar de seu território os mouros de Ceuta. *Deitar de* = jogar, arremessar abaixo, fazer sair, cair, etc. Uma cousa é, por exemplo, *deitar da cama abaixo* e outra *deitar na cama*.

VIII - 71 (3) *Este, juntando num madeiro outro madeiro* — Dom Henrique, com a fundação da Escola de Sagres, deu início às navegações e aos descobrimentos marítimos, conseqüentemente, à construção de navios. *Madeiro* — é um masculino calcado no feminino *madeira*, do lat. *materia* que foi primeiro *materies*.

VIII - 71 (4) *a parte que faz clara de Argos, da Hidra a luz, da Lebre e da Ara* — a parte, o território que a luz das constelações Argos, Hidra, Lebre e Ara ilumina. São constelações todas do hemisfério austral. Note-se a colocação do sujeito *luz*, não no começo da enumeração, mas no meio.

VIII - 72 (1) *as Sete Flames* — O Setestrelo, a constelação da Ursa Menor ou da Ursa Maior, aplicando-se ainda, de modo geral, às Plêiadas.

VIII - 72 (2) *Quantos estão os trópicos queimando* — A quantos queimam os trópicos, isto é, os que vivem na zona tórrida.

VIII - 73 (1) *a última coluna* — Pensam alguns que haja referência às Colunas de Hércules, que, durante muito tempo, marcaram o ponto extremo da navegação grega e fenícia. Outros acham que se trate apenas dos costumados padrões que os portugueses costumavam colocar nos lugares por eles descobertos. Parece-nos que a primeira interpretação seja exata porque a chegada às Índias era o ponto extremo procurado pelos navegantes de Portugal.

VIII - 73 (2) *líquido estanho* — Em lat. *stagnum* ainda no singular podia significar água represada, lago. Mas só no plural era empregado como sinônimo de mar, como em Lucano: *Stagna rubri profundi* (O mar vermelho). Também Ariosto: "Portavan lieti pei salati stagni" (Orl. Fur. X - 15). Camões emprega o singular *estanho* e não o plural *estanhos*, por isto, muito acertadamente entendeu Faria e Sousa que houvesse o Poeta comparado o mar ao próprio metal estanho, mas líquido. Esta interpretação foi aceita por Storck e a ironia de Epifânio da Silva Dias não tem cabimento quando comenta esta passagem. Se *estanho* fosse *mar*, Camões teria cometido um vulgaríssimo pleonasmo quando lhe acrescentou o adjetivo *líquido*: *líquido mar*. // Este decassílabo, com acento na 4.ª e 7.ª sílabas, é da métrica lemusina. Veja c. IX - 46 (1).

VIII - 74 (1) *grémio* — Regaço, colo, seio. Lat. *gremium* e ainda em italiano *grembo, il grembo della madre*.

VIII - 75 (1) *sincera e não dobrada* — Sincera e não falsa, hipócrita, fingida. Conhecidas são as expressões: carácter dobrado, pessoa dobrada, a dobrez do carácter, todas com o mesmo sentido de falsidade, hipocrisia.

VIII - 75 (2) *Não me impidas* — Maneira arcaica e clássica de conjugar o verbo *impedir* bem como *despedir* e o simples *pedir*, conjugação ainda viva em espanhol. Vieira ainda escreveu: "Com esta última advertência *vos despido*, ou *me despido* de vós, meus peixes" (Serm. de Santo António). Hoje não se usa tal maneira de dizer.

VIII - 76 (1) *na segurança* — Na firmeza, na convicção.

VIII - 76 (2) *certa confiança* — Parece-nos que, no tempo de Camões, a po-

sição do adjetivo *certo* não alterava o significado, pois, aqui *certa confiança* é o que hoje dizemos *confiança certa*, segura, inabalável. *Certo* anteposto toma o sentido de indefinido. Assim: um *certo amigo*, um amigo qualquer; mas um *amigo certo* é outra cousa.

VIII - 76 (3) *enquanto proferia* — Enquanto falava, enquanto proferia a sua defesa. Uso de *proferir* como verbo intransitivo.

VIII - 76 (4) *abastança* — A suficiência, a força comprobativa das palavras e não a abundância, em número.

VIII - 77 (1) *O faz obedecer e ter respeito co'o capitão* — Temos dois verbos de regência diferente, mas com o mesmo complemento: *obedecer a, ter respeito com.* Camões poderia fugir a este ponto, escrevendo — *ter respeito ao capitão.* Não há, entretanto, maravilha alguma neste emprego de verbos diferentes em sua regência, tendo, contudo, o mesmo complemento. É comum em todos os grandes escritores: "... na minha cabana, *na qual podes entrar* sem temor, dormir sem perigo e *sair* sem saudade" (Rodrigues Lobo — O Pastor Peregrino — 20) — "Isto assim aparelhado, fazia por indústria de alguns criados fieis, *entrar* e *sair de uma cova* o dragão fingido..." (Bernardes — N. Fl. I - 357) — "Quem viu hoje *entrar* ou *sair* alguém *da porta* aqui defronte?" (Garrett — Arco de Santana, I - 60) — "Resta-me acrescentar que ainda me não decido *contra* nem *a favor* dos jesuitas" (Camilo — Mosaico, 25).

VIII - 77 (2) *Enfim ao Gama manda* — Mau ouvido de Camões.

VIII - 78 (1) *Que mande da fazenda, enfim, lhe manda* — Enfim lhe ordena (*manda*) que envie (*mande*). Trocadilhos comuns em Camões. Note-se o partitivo *Que mande da fazenda* — não toda a fazenda que tinha para negociar, mas parte apenas.

VIII - 78 (2) *faleça* — Falte, tenha necessidade. Já desapareceu da língua o uso dêste verbo em tal sentido.

VIII - 78 (3) *Donde a terra se acaba e o mar começa* — Ficou este verso célebre como a mais poética indicação de Portugal. Note-se *donde* por *onde.*

VIII - 78 (4) *está de largo* — Está distante — Ainda hoje se diz: *passar de largo,* distante de determinado lugar.

VIII - 79 (1) *cais* — embarcadouro. Do celta *cai,* fr. *quai.* Ainda hoje não se explicou a presença do *s* na forma portuguesa.

VIII - 80 (1) *Futuro sua partida diferisse* — Contou o Poeta *sua* como uma única sílaba.

VIII - 80 (2) *Já com tantas tardanças entendia / O Gama que o gentio consentisse / Na má intenção dos mouros* — Até esse momento, não está o Gama convencido de que também o Catual estivesse de acordo com os maquinadores mouros. Esta suposição se confirma com o último verso: *O que dele até'li não entendera.*

VIII - 81 (1) *por quem se governavam as cidades* — Velha sintaxe clássica, já fora de uso: por quem eram governadas as cidades. Com a partic. apass. se omite-se o agente.

VIII - 81 (2) *De suas esperanças não delira* — De suas esperanças não se afasta, não desiste. Usou Camões *delirar* no sentido primitivo, etimológico, de *afastar-se. Lira* é o sulco do arado onde se depositam as sementes para a germinação. Como a lavoura era então a única fonte de riqueza, tomou *lira* o significado de riqueza e, por isto, a moeda italiana se chama *lira.* Toda pessoa bem dirigida, de espírito bem formado, dedicava-se à agricultura, vivia da *lira.* Quando alguém se afastava deste meio de enriquecer-se, era sinal de que não estava de bom juízo e daqui *delirar,* isto é, afastar-se do reto caminho. Por extensão, enlouquecer. É um arcaísmo usado pelo poeta Camões.

VIII - 82 (1) *requere* — Tanto *quere* como *requere* são formas arcaicas. Pela lei da apócope do *e* desde que a consoante precedente possa formar sílaba com a vogal anterior, já se dizia *quer, requer.* Por esta mesma regra da apócope do *e,* tinhamos *sal* (*sale*), *sol* (*sole*), *val* (*vale*), *perdon* (*perdone*), *cal* (*cale*), *mês* (*mense*), *produz* (*produze*), *luz* (*luze*), *conduz* (*conduze*), *apraz* (*apraze*), *compraz* (*compraze*), *paz* (*pace, paze*), etc. Desde Gonç. Viana que se incrementou, em Portugal, a campanha para restaurar a vogal e em *quere, requere,* puro artificialismo, contrário aos fatos fonéticos do idioma. No Brasil onde nunca se ouviu tal pronúncia, alguns lusitanófilos, mais por espírito de imitação, se puseram a escrever *quere, requere.* Posteriormente, em face dos fatos e da resistência da maioria, os próprios portugueses desistiram da ressurreição do *e,* seguidos de seus acólitos brasileiros.

VIII - 82 (2) *e não lhe val* — Veja o comentário precedente.

VIII - 84 (1) *A terra Eoa* — Veja c. VI - 38.

VIII - 84 (2) *que lho defende o Regedor* — Porque o Regedor, o Catual, lho proibe. Usar *defender* por *proibir* é de velho uso clássico na língua sem o menor ressaibo de galicismo.

VIII - 84 (3) *Nem sem licença sua ir-se podia* — Verso estilisticamente defeituoso pela seqüência de *nem sem,* repetindo-se *en* (*licença*) e pela seqüência de sibilantes: *licença sua ir-se.*



VIII - 85 (1) *Responde o idolatra* — Mais uma vez aparece *idolátra,* acentuação totalmente fora de uso. Veja c. VIII - 73. Explica-se pela haplologia de *lo* na forma primitiva *idololatra,* que adora (*latreuo*) idolos (*idola*).

VIII - 85 (2) *Que lá tão longe a frota se alargasse* — Que pusesse a frota tão distante do porto, tão ao largo. Será, certamente, um verbo próprio da linguagem náutica, derivado de *ao largo.*

VIII - 85 (3) *do certo e fido amigo* — Do certo e fiel amigo. // *Fido* é puro latinismo de *fidus, fida, fidum,* de *fidere* e este de *fides,* fé, confiança.

VIII - 87 (1) *moço curioso* — Toma-se *moço* no sentido de *menino* e não de *jovem* como se encontra na literatura medieval.

VIII - 87 (2) *dessossegado* — Forma antiga de *de + sossegado.* Camilo usou *dessossêgo*: "Três dias de insônia, de *dessossego,* de aflição" (O Sangue, 106). Não se emprega na língua atual senão *desassossego, desassossegado.*

VIII - 88 (1) *Coelho* — Nicolau Coelho, comandante da "Bérrio".

VIII - 89 (1) *Tal há-de ser quem quer, co'o dom de Marte* — Verso defeituoso pela seqüência de monossílabos e pela freqüência de consoantes fortes.

VIII - 89 (2) *Não cuidei* — Não pensei, não previ, não me preocupei com o que poderia acontecer de inesperado.

VIII - 90 (1) *constante* — Firme, inabalável. // *Ira nobre,* digna, elevada, de justificados motivos.

VIII - 90 (2) *pôr em ventura* — Pôr em risco, expor a perigo.

VIII - 91 (1) *quando ordena* — Quando toma a resolução, quando se determina por. Em tal sentido não se usa *ordenar* na língua moderna.

VIII - 91 (2) *Comete-lhe o gentio outro partido* — Faz-lhe o mouro outra proposta, propõe-lhe outra solução.

VIII - 91 (3) *Se sabe* — Se soubesse.

VIII - 91 (4) *detinha* — O detivesse.

VIII - 92 (1) *a fazenda vendibil* — *Vendivel,* que pudesse ser vendida. Usa-se hoje *vendável.* Ambas as formas são corretas: *vendivel* ou na forma camoniana *vendibil* é o latim *vendibilis,* de *véndere; vendável* é de *venda + ável.* Cândido de Figueiredo, que, precipitadamente, condenou *vendável,* teve de aceitar a lição que lhe deu Heráclito Graça. Veja "Fatos da Linguagem", pág. 457. Está documentado na "Aulegrafia", pág. 153, de Jorge Ferreira e numa das cartas de Vieira: "Porque José, entre todos os seus irmãos, era o mais *vendável,* por isso foi o mais vendido".

VIII - 93 (1) *Concertam-se que o negro mande dar embarcações* — Entra em acordo. Note-se como até agora usou sempre Camões dos adjetivos *mouro, agareno, gentio;* neste ponto, porém emprega *negro,* com intuitos ofensivos, porque os indianos não eram negros.

VIII - 93 (2) *com que venha* — Subentende-se o assunto da estrofe anterior: com que venha a fazenda.

VIII - 94 (1) *Vem a fazenda a terra aonde logo a agasalhou* — Note-se a falta de crase em *a terra,* uso constante de Camões em "Os Lusiadas" porque, na linguagem náutica, nunca se emprega *terra* precedida de artigo: *estar em terra, vir de terra, ir para terra,* etc. Note-se a confusão entre *onde, aonde,* esclarecida apenas no uso atual do português.

VIII - 94 (2) *Alvaro e Diogo* — Alvaro de Braga e Diogo Dias.

VIII - 94 (3) *pelo que val* — Veja c. VIII - 82.

VIII - 96 (1) *Nas naus estar se deixa, vagaroso* — É quase a repetição completa do último verso da estrofe precedente: *Nelas* (*nas naus*) *estar se deixa descansado.* É um recurso da métrica medieval dos trovadores, quer como paralelística, isto é, repetindo, com pequeníssimas diferenças, o mesmo pensamento em versos seguidos, quer como cantiga de leixa-pren, (deixa e pega), tomando como início da estrofe segunda o último verso da estrofe anterior.

VIII - 97 (1) *A Polidoro mata o rei Treicio* — Polimnestor, rei de Quersoneso, na Trácia, era genro de Príamo, rei de Tróia. Para salvar o filho Polidoro, mandou-o com grandes riquezas à corte de Polimnestor. Depois que Príamo foi vencido, Polimnestor matou a Polidoro para ficar com a riqueza dele. (Vergílio — Aen. III - 49 - 57).

VIII - 97 (2) *Com a filha de Acriso a chuva de ouro* — Acriso ou Acrísio, rei de Tebas, foi informado pelo oráculo que seu neto, filho de Dânae, o mataria. Mandou encerrá-la numa torre de bronze. Júpiter, transformado em chuva de ouro, penetrou na torre, dando origem a Perseu, produto dessa visita à filha de Acrísio. Perseu matou Acrísio. Em outra versão, Acrísio mandou encerrar Dânae e Perseu num cesto e arremessá-los ao mar. Foi o cesto encontrado por Dictis, um pescador, que entregou Dânae e Perseu a Polidectes, rei de Sérifo. Quando Perseu se tornou homem, a pedido de Polidectes, matou a medusa que infelicitava o reino.

VIII - 97 (3) *Pode tanto em Tarpéia avaro vicio* — Conta Tito Livio (I - 11)

que a cidadela de Roma era guardada por Tarpeio. A filha dele, chamada *Tarpéia*, muito ambiciosa, vendo que os soldados samnitas traziam braceletes de ouro, comprometeu-se com Tácio, rei dos samnitas, em guerra com os romanos, a abrir-lhe as portas da cidadela a troco "do que traziam os soldados nos braços", isto é, os braceletes de ouro. Foi aceita a proposta, mas quando os samnitas invadiram a cidadela, deram com os escudos (que traziam nos braços) na cabeça de Tarpéia, matando-a.

VIII - 97 (4) *em pago* — Em pagamento, em recompensa. Diz-se mais comumente: *em paga*.

VIII - 98 (1) *Este, este, este... o ouro, o vil metal*.

VIII - 98 (2) *Faz tredoros e falsos os amigos* — É muito curiosa a forma *tredoros* empregada por Camões. A maioria dos editôres, a começar pela edição apócrifa *B* ou *E*, substitui *tredoros* por *tredores* ou *traidores*. Epifânio da Silva Dias afirma: "tredoro" ocorre em Castanheda, II, 113; D. Afonso, Hist. da vida... de Sto. Thomás, 97, 174". Apesar da afirmação de Epifânio e da documentação indicada por ele, não se encontra fundamento etimológico para *tredoro*: o lat. *traditorem* deu *traidor*, *treedor* (forma arcaica) e *tredor*. Como poderia dar *tredoro*?

VIII - 98 (3) *alguns perigos* — Nenhuns perigos. Hoje, com tal significado negativo, pospõe-se o adjetivo: *perigos alguns*.

VIII - 98 (4) *deprava* — Lat. *depravare* onde o prefixo *de* é intensivo e não negativo, como em *desinfeliz*, *desagreste*, *desnudo*. O prefixo *des* é composto de *de* + *ex*.

VIII - 99 (1) O dinheiro consegue que os advogados e juízes interpretem, a seu modo, os textos e anulem as leis.

VIII - 99 (2) *Mas não sem cor de virtude* — Mas não sem aspecto, aparência de virtude.

## Canto Nono

IX - 1 (1) *Sem vender-se a fazenda* — Sem que a fazenda fosse vendida. *Fazenda* é, ao mesmo tempo, mas sob diversos aspectos, sujeito de *vender-se* e objeto direto de *tiveram*.

IX - 1 (2) *Meca* — Cidade santa dos muçulmanos, onde nasceu Maomé, em 571, foi conhecida na antigüidade pelo nome de *Makoraba*, sendo um centro produtor de incenso e outras resinas perfumosas. Está a 100 quilômetros, mais ou menos, do Mar Vermelho, no reino de Hedjaz. Antes que Maomé fundasse a sua religião, já existia em Meca, uma enorme pedra preta pertencente ao culto idólatra dos kureischitas, tribo a que está ligado o Profeta. Depois, o maometanismo fez dessa pedra preta, a famosa *Kaaba*, o centro de sua fé. Todos os muçulmanos devem fazer, ao menos numa vez na vida, uma visita à Kaaba.

IX - 2 (1) *seio eritreu* — O Mar Vermelho — Veja c. VII - 33. *Eritreu*, do gr. *erythròs*, vermelho; *seio* é o lat. *sinus*, no sentido de golfo, baia.

IX - 2 (2) *Arsínoe* — O mesmo que *Cleópatra*, cidade fundada ao nordeste de Suez atual, existindo ainda as suas ruínas. Há várias *Arsínoes*, cuja pronúncia mais comum é *Arsinoé*. Parece-nos que Camões faça confusão quando diz: "Do nome da irmã sua assi chamada / Que despois em Suez se converteu". *Arsínoe*, princesa egípcia, filha de Ptolomeu XI, era irmã de Cleópatra. Sob o domínio de Júlio César, foi o reino dividido, ficando Cleópatra com o Egito e Arsínoe apenas com a ilha de Chipre. Revoltou-se esta e fez guerra àquela para lhe tomar o trono. Foi vencida e exilada numa cidade do Oriente. Antônio, a pedido de Cleópatra, mandou matá-la. Não houve fundação de cidade com o nome primeiro de Arsínoe e depois com o de Cleópatra. Houve outra *Arsínoe*, muito mais antiga, filha de Ptolomeu Lagus e que foi casada com vários príncipes inclusive Ptolomeu II, Filadelfo, seu próprio irmão. Este sim, fundou uma cidade com o nome de Arsínoe. Camões confundiu estas duas personalidades do mesmo nome.

IX - 2 (3) *o porto jaz da nomeada cidade Meca* — Este porto de Meca, mas distante uns cem quilômetros, é Gidá, no Mar Vermelho. Veja o primeiro verso da estrofe 3. Note o leitor a construção *cidade Meca* e não *cidade de Meca*. As duas são corretas e não constitui a primeira galicismo algum. É uma construção apositiva que recebemos do latim.

IX - 2 (4) *religiosa água* — Água da cisterna *Zemzem*, junto à Kaaba, de apregoadas virtudes terapêuticas.

IX - 3 (1) *aonde o trato de todo o Roxo Mar* etc. — Gidá, o porto de Meca, segundo está na estrofe precedente. Mais uma vez aparece *aonde* por *onde*. // *Trato* — o comércio.

IX - 3 (2) *O Soldão* — Forma arcaica e clássica de *Sultão*, do ár. *sultan*, rei, imperador.

IX - 5 (1) *o fim fadado* — O fim determinado pelo Fado, pelo Destino, a que não se pode fugir.

IX - 5 (2) *Influiu piadosos acidentes* — Inspirou acontecimentos de origem afetuosa. Refere-se à piedade despertada em Monçaide ao ver o que se tramava contra os portugueses, de que era amigo, sem que eles o merecessem nem estivessem preparados para impedi-los. Deus despertou neste mouro a piedade: influiu piadosos acidentes.



IX - 5 (3) *merecer por isso o Paraíso* — Mereceu fazer-se cristão e como cristão entrar no Paraíso.

IX - 7 (1) *Informa o cauto Gama das armadas* — Regência de *informar*: objeto direto de pessoa e indireto de cousa.

IX - 7 (2) *trovões horrendos de Vulcano* — Artilharia, canhões, bombardas. Veja c. VIII - 75.

IX - 7 (3) *mal apercebido* — Mal preparado para resistir à cilada dos mouros.

IX - 8 (1) *impida* — Veja c. VIII - 75.

IX - 9 (1) *com verdade* — Com fundamento, de acordo com a realidade.

IX - 9 (2) *represália* — Camões escreveu *represária*: houve dissimilação de *r* em *l*, tal qual em *animária*, *alimália*, *animália*. *Represária* vem de *represar*, *re* + *presar* e este de *preso*: tornar a prender. Eis o que nos conta Castanheda: "... ao outro dia que foy quarta-feyra quinze Dagosto, foy hũa só almadia a bordo da capitaina em que forão quatro moços que levavão a vender pedras finas... (Vasco da Gama) não quis lançar mão destes porque viessem outros mais e de mais preço em que faria represária... até que ao domingo seguinte forão seys homens honrrados com dezanove que levavão consigo em hũa almadia. E parecendo a Vasco da gama que por estes averia ho feytor e ho escrivão, fez neles represaria" (I - 23).

IX - 10 (1) *Da falta deles* — Pela falta deles se compreenderia que estavam detidos no mar, a bordo das naus portuguesas.

IX - 10 (1) *entre os melhores* — Entre os de mais alta qualificação social, entre os naires.

IX - 10 (2) *o cabrestante* — Espécie de sarilho ou roldana que serve para levantar a âncora.

IX - 10 (3) *amarra* — Corda, cabo que prende o navio aos dispositivos do porto. Do holandês *aanmarren* de que temos *amarrar*, sendo *amarra* deverbal.

IX - 10 (4) *quebram co'o peito duro a barra* — Exagero de Camões, estando *quebrar* por *virar*, girar, mover a barra do cabrestante. Como era pesada a âncora, não seria muito leve o esforço necessário para mover a barra.

IX - 11 (1) *se aqueixam* — O mesmo que *se queixam*, com *a* prostético, de origem vulgar como em *acurvar*, *avoar*.

IX - 12 (1) *Manda... com toda sua fazenda, livremente* — Não é verdade: somente os dois portugueses, Diogo Dias e Álvaro de Braga, e uma pequena parte da fazenda, foram restituídos. Apesar da espera de Vasco da Gama, o restante da fazenda não apareceu e, por isto, conservou muitos dos que tinha tomado como represália — "E estando surto ao domingo... foy ter coele hum Tone com certos Malabares, que lhe disserão que... ficavão de lhos (os dois portugueses) levar ao outro dia" (Castanheda — I - 24). "E mandou-lhe (O Samorim) que escrevessem a Vasco da Gama, que tratasse bem os homens que tomara, porque elle e seus companheiros estavam mui bem tratados em poder delle Çamorii e per elles e lhe queria mandar o despacho. Vasco da Gama com esta carta ficou mui contente; peró temendo alguma malícia dos Mouros, duas, ou tres vezes se fez na volta do mar e outras tantas surgiu diante da cidade porque as partes a que tocava a liberdade da gente que tinha tomado, clamassem ao Çamorii sua liberdade a troco dos nossos. Finalmente pela informação que teve da verdade, despachou Diogo Dias, mandando per elle a Vasco da Gama huma carta, que escreveu a El Rey D. Manuel, em que lhe dizia como recebera outra sua e ouvira seu Embaixador e lhe respondera... Com a qual carta, e algumas cousas, que deu a Diogo Dias, o espediu, mandando àquelles dous senhores gentios que o entregassem a Vasco da Gama com a fazenda que lhe era tomada, e houvessem delle os pescadores que tinha em represaria. O que elles fizeram com algumas cautellas no modo da entrega, querendo ainda os mouros usar de suas maldades; mas com tudo recolhidos todolos nossos, por causa d'alguma fazenda, que lhe não quizeram entregar, Vasco da Gama reteve certos Indios, que trouxe consigo e assim o fiel Monçaide, partindo logo aquelle dia, que eram vinte e nove de Agosto, havendo setenta e quatro dias que chegara àquella Cidade Calecut" (J. de Barros — Déc. I - IV - X).

IX - 12 (2) *de melhor mente* — Com maior satisfação. Os elementos *melhor* + *mente* que depois formaram o advérbio de modo, estavam sempre separados, como já se encontravam em latim. *Mente* é o conhecido substantivo feminino, disposição, e por ser feminino é que se diz na gramática: acrescenta-se o sufixo *mente* ao feminino dos adjetivos: *negra-mente* (*negramente*); *clara-mente* (*claramente*) para que haja concordância em gênero e número entre o adjetivo e o substantivo *mente*, funcionando aqui como sufixo.

IX - 12 (3) *Alguns negros* — Eram índios como se viu na transcrição feita de João de Barros. *Negros* por desprezo.

IX - 13 (1) *trabalhava em querer* — Esforçava-se por obter. Diz-se também: *trabalhar por.*

IX - 13 (2) *Certos sinais levando do que achara* — Sinais, provas, espécies, produtos (pimenta, cravo, noz, etc.) que servissem de documentos certos, de prova irrefutável da nova terra descoberta. No tempo de Camões, não havia ainda a distinção, que hoje fazemos, entre *certos sinais* e *sinais certos.* Eis o que diz Castanheda: "Vasco da Gama contentou-se com ter descoberto o que tinha... E em levar mostras de especiarias, droga e pedraria e doutras cousas que achava nela (Índia) ... que tudo lhe houve Bontaibo (Moçaide)" — (I - 25).

IX - 14 (1) *A seca flor de Banda* — A noz-moscada que vinha das Ilhas Banda. A *seca flor* é a massa que envolve o fruto.

IX - 14 (2) *o negro cravo, que faz clara nova ilha Maluco* — Oposição entre *negro cravo* que faz *clara* a ilha de Maluco, ainda que *clara* queira dizer célebre, famosa. // *Maluco,* hoje, *Molucas,* ilhas da Oceania.

IX - 14 (3) *co'a canela* — Liga-se logicamente a *seca flor de Banda não ficou,* i. é., que tanto como esta veio também a canela em as naus.

IX - 15 (1) *Quer no livro de Cristo que se escreva* — Quer que seja escrito no livro de Cristo, isto é, numerado entre os catecúmenos, entre os que aprendem a doutrina cristã para o batismo.

IX - 15 (2) *pátria verdadeira* — O céu.

IX - 16 (1) *A meta Austrina da Esperança Boa* — A ponta extrema do hemisfério sul, onde se encontra o Cabo da Boa Esperança.

IX - 16 (2) *reposta* — Forma antiga de *resposta,* do lat. *repósita.* Note-se que há também *reposta,* com o significado de depósito, lugar onde se guardavam móveis, alfaias. Daqui *reposteiro,* nome da pessoa encarregada desse depósito e hoje, da cortina que veda a entrada de uma sala.

IX - 17 (1) *A seus penates* — Os penates eram deuses protetores da família romana, representando a presença e proteção dos manes dos antepassados. Por isto, *penates* tomou o significado de *lares.*

IX - 17 (2) *Que o coração para ele é vaso estreito* — Ainda hoje se diz, quando a força das emoções é muita, que o coração estava para estourar, por não poder conter todas essas emoções e sentimentos.

IX - 18 (1) *a deusa Cípria* — Vênus, venerada em Chipre — Veja c. I - 34.

IX - 18 (2) *Padre Eterno* — Júpiter. Não se trata do Padre Eterno, a primeira pessoa da S. S. Trindade na crença católica.

IX - 18 (3) *Dar-lhe nos mares tristes alegria* — É o anúncio que o Poeta faz dos grandes festins preparados por Vênus, numa ilha fabulosa, para recompensar os navegantes de tantos reveses sofridos.

IX - 19 (1) *deus nascido nas Anfioneias Tebas* — Baco. Veja c. I - 30.

IX - 19 (2) *Anfioneias Tebas* — Os muros de Tebas foram construídos por Anfião: à medida que tocava a sua lira, iam as pedras sendo atraídas e colocadas adequadamente. Anfião era filho de Júpiter e Antíope. // *Tebas,* sendo o nome de uma cidade, ainda que tome a forma plural, tem significado singular. Nisto imitou Camões o lat. *Thebae, arum.* E por ser forma plural, colocou neste número o adjetivo: *anfionéias.* // Examine-se a frase: "Os trabalhos que se causaram pelo deus nascido" — em que aparece a velha sintaxe da voz passiva com *se* e agente claro ou expresso, sintaxe já fora de uso modernamente.

IX - 20 (1) *Refocilar a lassa humanidade* — Reanimar, revigorar, reavivar, do lat. *refocillare,* propriamente, tornar a aquecer, de *re* + *focillus* + *are,* onde *focillus* é o diminutivo de *focus,* fogo. // *Lassa humanidade* — A cansada, exausta condição humana dos marinheiros.

IX - 20 (2) *como interesse do trabalho* — Interesse aqui é o mesmo que juro, provento, ganho, lucro, como ainda se diz em inglês.

IX - 20 (3) *A seu filho* — A Cupido, o deus do amor.

IX - 20 (4) *faz descer os deuses... e subir os humanos* — Os dois infinitos, que deviam ser pessoais (descerem... subirem) estão no modo impessoal por serem objetos diretos do verbo principal. Nestes casos existe plena liberdade da parte dos escritores, dependendo o modo pessoal ou impessoal da clareza do pensamento.

IX - 21 (1) *insula* — Ilha, latinismo. De *insula* tivemos, no arcaico, *insua.*

IX - 21 (2) *esmaltado e verde arreio* — Enfeite, adorno de campos, flores, etc.

IX - 21 (3) *Que muitas tem no reino que confina* etc. — Vênus possui muitas ilhas no mar que se limita (*confina*) com a terra (*a mãe primeira*). Desde os romanos que a terra é chamada *Terra Mater, Tellus Mater.* S. Francisco de Assis, em suas poesias (I Fioretti) também disse *Laudate sia mio Signore per nostra madre terra.*

IX - 21 (4) *Da primeira co'o terreno seio* — Se admitirmos que esta *mãe primeira* é a terra, então, há inútil pleonasmo em *terreno seio.* A edição "princeps" não traz este verso como aqui aparece. Traz apenas: *Da primeira co'o terreno seio,* evidentemente errado porque tem apenas nove sílabas. Quem foi que acrescentou: *da mãe primeira?* Não se sabe. Segundo comenta Epifânio da Silva Dias, já na edição feita por Manuel Lyra, 1597, está feito o acréscimo da palavra *mãe.* Note-se, porém, que a edição do Morgado de Matheus, Paris, 1836, ainda reproduz o verso na redação da "princeps": para obter 10 sílabas, contou *co'o* como duas sílabas. Juromenha, edição de 1869, traz também a redação da "princeps", mas com pequena se bem que importante alteração — colocou trema no *i* de *primeira,* contando *pri-me-i-ra,* o que nos parece enorme absurdo. Nunca teria Camões assim pronunciado o adjetivo, destruindo o ditongo *ei.* É preferível o recurso do Morgado de Matheus porque são inúmeros os versos frouxos em "Os Lusíadas". Macedo traduz o verso com o acréscimo de *mãe: "Quod matris gremium terrenum limite tangit".* Neste tão debatido caso é de muito valor o testemunho de Manuel Correia, vigário da Mouraria, que disse: "Da primeira" e não "Da mãe primeira" foi o que o poeta escreveu". E acrescentou: "E assi o ouvi a Luis de Camões". Epifânio não aceita este testemunho, escrevendo um pouco afoitamente: "... mas o cura de S. Sebastião da Mouraria não é pessoa que mereça crédito" (II - vol. 162). — Mas, por que não merece crédito? Não está aí a edição "princeps" a comprovar o asserto? O P. J. M. Rodrigues (Algumas Observações... pág. 112) trata longamente deste caso. Acha, em resumo, que, no manuscrito, Camões não escreveu nem *"Da primeira",* nem *"Da mãe primeira"* porque ambas as expressões nada significam. Procura identificar, geograficamente, a expressão *terreno seio* para depois propor uma substituição. Para o ilustre camonista, o *terreno seio* era um golfo, uma baía, onde se encontraria a ilha dos prazeres aparelhada por Vênus aos portugueses. Descarta logo o golfo de Guiné porque já na ida da esquadra tinha sido evitado por Vasco da Gama por não ser um bom abrigo. Opta pela *"enorme curva"* delimitada nos seus extremos pela costa ocidental da Índia e pela oriental da África, curva que Lopes de Castanheda, um dos informantes de Camões, chama *hũa muyto grande enseada que ali faz a terra: a terra de Africa e a terra de Asia, é claro* (pág. 116). E continua o comentador J. M. Rodrigues, "é esta, pois, a indicação feita em IX - 21,6 e que foi substituída pela palavra *primeira.* Propõe que se leia a estrofe assim:

> *Isto bem revolvido, determina*
> *De ter-lhe aparelhada lá no meio*
> *Das águas algũa insula divina,*
> *Ornada de esmaltado e verde arreio,*
> *Que muitas tem no reino que confina*
> De Africa e de Asia *co terreno seio,*
> *Afora as que possui soberanas*
> *Pera dentro das portas Herculanas.*

"As palavras do poeta teriam sido riscadas no manuscrito pela mesma pessoa a que me refiro no n.º 64, a qual teria escrito ao lado a nota: *da primeira,* para que o verso fosse modificado, fazendo-se referência só à África, e depois o compositor teria feito a alteração supondo que a nota era destinada a substituir o texto" (pág. 116) — Como se vê, toda esta explicação de J. M. Rodrigues é absolutamente conjectural: não se conhece o manuscrito de "Os Lusíadas" e como poderá provar que houve tal resura? O mais seguro é voltarmos ao texto da edição "princeps" aceitá-lo como fez o Morgado de Matheus, embora fique frouxo o verso. Não se pode negar que toda a estrofe é muito obscura, mas não é a primeira de todo este poema que seja obscura. Diz ainda J. M. Rodrigues que foi o tradutor espanhol Caldera, publicada em 1580, o primeiro a acrescentar: *de la primera madre con el seno* (Opus. cit. 113).

IX - 21 (5) *portas herculanas* — As colunas de Hércules, Gibraltar.

IX - 22 (1) *as aquáticas donzelas* — As Nereidas.

IX - 22 (2) *trabalharem de contentar* — Diz-se hoje: *trabalharem por contentar:* esforçar-se por.

IX - 22 (3) *a quem se afeiçoarem* — A cada um daqueles que cair na simpatia das Nereidas.

IX - 23 (1) *Que de Anquises pariu* — Enéias, filho de Anquises e de Vênus. O verbo *parir* era muito decente até o tempo do Padre Vieira que dele usa em seus sermões, com referências até a Nossa Senhora e dentro dos templos. Hoje, entretanto, é substituído por outros eufemismos: *dar à luz, ter um menino,* etc.

IX - 23 (2) *a bovina pele tomou de espaço* — Conta-se que Dido, tendo fugido de Tiro para Cartago, após o assassínio do marido, o rei Siqueu, obteve dos cartagineses a permissão de considerar seu todo o terreno que pudesse ser coberto por um couro de boi. Astutamente retalhou o couro em finas tiras e as foi emendando umas nas outras, de tal modo que abrangeu respeitável espaço de terra. Aí construiu a cidadela de Birsa, em grego Byrsa, isto é, *pele, couro,* origem do lat. *bursa,* do português arcaico *borsa* e do moderno *bolsa.*

IX - 24 (1) *as aves que vão celebrando as exéquias* — Os cisnes. Veja c. IX - 36. Admitiam os antigos que os cisnes cantavam antes de morrer e, assim, celebram as suas próprias exéquias. Lê-se em Ovídio: "Carmina jam moriens canit exsequialia cycnus" (Metams. XIV - 430). Camões quase traduziu Ovídio.

IX - 24 (2) *E aquelas em que já foi convertida Peristera* — Conta a mitologia que Vênus numa competição com Cupido, para ver quem colheria mais flores, venceu a composição com o auxílio da ninfa Peristera. Cupido, para vingar-se, a transformou em pomba. O carro de Vênus, que era tirado só por cisnes, passou a ser puxado também por pombas.

IX - 25 (1) *Idalios montes* — Montanhas nas cercanias de Idália, cidade antiga de Chipre. A acentuação é proparoxítona, mas Camões fez a palavra paroxítona *Idalios*, rimando com *rios*. Do contrário, estará errado o verso, pois, cairá a cesura na quinta sílaba e terá o verso apenas nove sílabas. Epifânio, para salvar o Poeta, manda que não se faça elisão entre *sobre os*, o que não é admissível. Camões sempre alterou a acentuação das palavras desde que tal alteração fosse conveniente à rima ou à cesura. O próprio nome da cidade de Chipre era, em grego, *Idalia*, rimando com *Maria;* em lat. foi que se deu o recuo da acentuação para *Idália*.

IX - 25 (2) *o filho frecheiro* — Cupido. As formas *frecha*, *frecheiro* foram empregadas até pouco tempo. Somente depois do romantismo foi que passaram a *flecha*, *flecheiro*. É um dos muitos casos de alternância consonantal *r/l* como em *frauta*, *flauta; púbrico*, *público; crina*, *clina*, etc. Tal alternância já se encontra no indo-europeu: *ruç*, *luz*.

IX - 25 (3) *Ajuntando outros muitos* — Outros Cupidos, filhos das Ninfas, chamados *Amores*, *Amorinhos*. São sempre representados com carcás de flechas para com elas despertarem os sentimentos do amor nos mortais. Barbosa Bettencourt, em seus "Subsídios", cita estes versos de Claudiano:

"Mille pharetrati ludunt in margine fratres.
Ore pares, similes habitu, gens mollis Amorum.
Hos nymphae pariunt; illum Venus aurea solum
Edidit. Ille deos coelumque et sidera cornu
Temperat, et summos dignatur figere reges;
Hi plebem feriunt.
(Claud. Epith. 94 - 99).

Como se vê destes versos do poeta latino, os Amores, sendo filhos das Ninfas, feriam de amor somente a plebe; Cupido, filho de Vênus, os sumos reis.

IX - 26 (1) *Acteon* — Veja c. II - 35. Viram muitos, na narração deste episódio, na apresentação de Acteon, caçador que preferia uma rude caça à beleza de Diana, direta alusão a D. Sebastião que diferia o problema de seu casamento, todo entregue aos prazeres venatórios.

IX - 26 (2) *quer mostrar-lhe a fermosura de Diana* — Cupido fez que Acteon visse Diana a banhar-se para, assim, despertar nele o amor aos seres humanos.

IX - 27 (1) *E vê do mundo todo os principais* — Anacoluto: mudança violenta da seqüência lógica do pensamento: começa por falar no plural (todos os principais) e passa imediatamente ao particular (que nenhum no bem público imagina).

IX - 27 (2) *púbrico* — Camões escreveu *pubrico* como no c. VI - 60. Veja o comentário 2 da estrofe 25, deste canto.

IX - 27 (3) *Filáucia* — É o mesmo que egoísmo, amor a si mesmo e não aos outros. Forma-se de *philos*, amigo, e *autós*, a si mesmo, com o sufixo *ia: philautia*. Esta é a forma grega, com acentuação paroxítona, mas passou depois ao latim onde, pela prosódia desta língua, tomou a acentuação proparoxítona *philáutia*. Por causa desta deslocação do acento tônico é que se deu a assibilação da dental, dando-nos *filáucia*. Se tal deslocação do acento não se tivesse dado, não teríamos a assibilação.

IX - 27 (4) *Mondar-se o novo trigo florescente* — Alusão a Dom Sebastião comparado a trigo novo e florescente, que necessita de ser limpado, isto é, corrigido em seus defeitos.

IX - 28 (1) (2) *Vê que aqueles que devem à pobreza / Amor divino e ao povo caridade* — Referência direta à ganância do clero, mas do alto clero, bispos e abades, que enxameavam na corte portuguesa, esquecidos de sua missão divina, lembrados somente de suas mitras e abadias.

IX - 28 (3) *As em favor do povo só perecem* — Verso mal feito e de nenhuma harmonia com o pronome *as* a iniciar a frase, pronome em lugar de *leis*, portanto, pronome pessoal ou substantivo.

IX - 29 (1) *Senão o que somente mal deseja* — Epifânio acha que este verso está ligado intimamente ao primeiro, sendo o *que* objeto de *deseja*, cujo sujeito é o pron. *ninguém* do verso precedente: Vê que ninguém ama o que deve (amar) mas apenas deseja o que não deve desejar. O o liga-se a *mal* (*o mal*) e não a *que*.

IX - 29 (2) *Não quer que tanto tempo se releve o castigo* — Não quer que se adie por muito tempo o castigo, que se perdoe por mais tempo o castigo.

IX - 29 (3) *Exércitos conformes à peleja* — Exércitos preparados, adequados, treinados especialmente para esta classe de batalha.

IX - 30 (1) *Muitos destes meninos voadores* — Veja c. IX - 25 (3).

IX - 30 (2) *amolando*, *trabalhando*, *cantando*, *modulando* — A predileção dos clássicos foi sempre a oração perifrástica, formada de auxiliar e gerúndio, gosto que permanece no português do Brasil. Em Portugal moderno as preferências vão para os infinitos com *a*.

IX - 30 (3) *angélica a soada* — A toada, a música. Na língua dos cancioneiros era comum *ensoar* uma cantiga, isto é, dar-lhe música adequada. Executar uma cantiga, cantá-la, era então: *dizer um som*. Uma das qualidades requeridas era justamente que as cantigas fossem fáceis de reter pelo som, pela *soada*, pela música em que estava posta. *Soar* vem do lat. *sonare*.



IX - 31 (1) (2) *A viva flama, o nunca morto lume / Desejo é só que queima e não consume* — Bela definição do amor: viva flama, nunca morto lume, desejo que queima e não consume! Note-se a forma arcaica *consume* onde ainda não se havia dado umlaut ou metafonia que hoje temos: *consome*.

IX - 32 (1) *Alguns exercitando a mão andavam* — Ainda é corrente esta expressão: *exercitar a mão*, isto é, treinar, repetir muitas vezes o mesmo ato para adquirir a perfeição do hábito. Diz-se também *exercitar a pena* por treinar na arte de escrever.

IX - 32 (2) *crebros* — Freqüentes.

IX - 32 (3) *mal feridos* — Muito feridos, feridos gravemente.

IX - 33 (1) *triagas* — Remédios, contravenenos, antídotos. Lat. *theriaca*, do gr. *theriakè*, propriamente, remédio contra mordedura de animais. De *ther*, animal feroz. Na literatura usaram alguns a forma *teriaga*, sem síncope. Ramiz Galvão lamenta que não se diga *theriaga* e até *theriaca*, coisas impossíveis. A forma usada pelo genial Camões é correta.

IX - 33 (2) *ervas secretas* — Veneno de ervas desconhecidas da maioria, com as quais untavam mortalmente as flechas. Daqui a expressão: *setas* ou *flechas ervadas*, isto é, envenenadas.

IX - 34 (1) *o povo miserando* — Digno de compaixão, de dó pela sua miséria. Gerundivo latino muito do gosto de Camões.

IX - 34 (2) *amor nefando* — Amor proibido, geralmente, contra a natureza. De *nefas* proibido (de dizer). Conhecida é a expressão: *por fas* ou *por nefas*, isto é, que tal e tal ato será praticado, seja com permissão ou sem ela, seja lícito ou ilícito.

IX - 34 (3) *Bibli e Ciniréia* — *Biblis* era filha de Mileto e da ninfa Ciane; apaixonou-se pelo irmão Cauno e foi transformada em fonte. // *Cinereia*, filha de Cíniras, rei de Creta; usando de disfarces de tal modo que o pai não a reconheceu, cometeu incesto com ele e, por isto, foi transformada em mirra. Daqui o seu segundo nome *Mirra*. Deste incesto nasceu Adônis. Veja c. IV - 63; IX - 60; X - 135. Adônis foi amado por Vênus e morreu atacado por um javali.

IX - 34 (4) (5) *Um mancebo de Assíria, um de Judéia* — Autores como Barbosa Bettencourt acham que este mancebo foi Nino, filho de Semíramis, amante da própria mãe. Veja c. VII - 53. Outros, como Epifânio, dizem que foi Antíoco, filho de Seleuco, rei da Síria e não da Assíria. Apaixonou-se pela madrasta Estratônice. Camões tratou desta versão no auto "El-rei Seleuco". // *um de Judéia* — É Amnon, apaixonado de Tamar, ambos filhos de Davi. (Reis — II - 13) e (Samuel — II - XIII).

IX - 35 (1) *vulcâneas redes* — Vulcano surpreendeu a esposa Vênus em amores com Marte. Prendeu-os numa rede e chamou todos os deuses para que presenciassem o adultério. Depois exigiu que Júpiter, pai de Vênus, lhe devolvesse todos os presentes com que adquirira tão infiel esposa. (Veja-se "Odisséia" — VIII - 266 - 366).

IX - 35 (2) *É mais culpa a da mãe que a do menino* — A culpa é maior de Vênus (a beleza) que a do filho Cupido (o amor).

IX - 36 (1) *Dione* — Veja c. II - 21-33.

IX - 37 (1) *as armas tiféias* — Os raios com que Júpiter fulminou Tifeu, um dos gigantes em luta contra os deuses.

IX - 37 (2) *A socorrer-me a tua potestade / Me traz especial necessidade* — A crase em *à tua potestade* é de todo necessária se bem que Camões não a tenha indicado: *especial necessidade me traz a socorrer-me à tua potestade*. Frei Francisco de Agostinho Macedo bem compreendeu quando traduziu: *"ut nostra incoepta secundes, / Ade te confugio et supplex tua numina posco"*.

IX - 38 (1) *Parcas* — Divindades infernais, filhas do Érebo e da Noite. Eram três: *Cloto*, que tinha a roca, a dobadoura; *Láquesis* que fiava a vida humana; *Átropos* que cortava esse fio da vida humana.

IX - 40 (1) *no ponto fundo* — No mar profundo, ou: no fundo do mar. Usou Camões da palavra *ponto* em puro sentido latino de *pontus*, mar. Para os que, em seu tempo, não estavam imbuídos de latim, tal verso deveria ter ficado obscuro.

IX - 40 (2) *Que vêm de descobrir o novo mundo* — Aparece aqui o tão discutido problema: *vir de*. É galicismo ou não? Os mais sutis apresentam esta distinção: *vir de*, no sentido de *voltar de*, *chegar de*, é português correto; *vir de*, no sentido de *terminar*, *acabar*, é galicismo. Com esta distinção Camões não errou, pois, "Que vêm de descobrir o novo mundo" está por: Que voltam, que chegam de descobrir o novo mundo. A distinção, porém, não possui fundamento algum: que é que nos impede de interpretar o verso: "Que acabam, que terminam de descobrir o novo mundo"? Contra esta especiosa distinção se insurgiram Heráclito Graça (Fatos da Linguagem) e Rui Barbosa (Réplica), citando numerosos exemplos de clássicos e de contemporâneos em que a expressão *vir de* está por *terminar*, *acabar*. Rui Barbosa (Réplica — 461) escreveu: "Nesta categoria de equívocos, originados facilmente da coincidência entre as formas de dois idiomas, coincidência

ora casual, ora gerada pela ação de causas comuns a ambos, cai a tacha de galicismo, irrogada à locução *vir de* em frases como esta de C. Castelo Branco: "Vim de perder minha mãe". Essa expressão, com semelhar à francesa correspondente, é irrepreensivelmente vernácula". Seguem-se muitos exemplos de clássicos, sendo o primeiro o verso de Camões que nos serve de propósito a este comentário. Heráclito Graça (Op. cit. 460) enumera muitos exemplos dos quais citaremos alguns: "Topou o mesmo califa, que ia buscar, que *vinha de dar* uma batalha (J. Barros — Dec. I - 1 - c. 1) — "*Vindo* um dia El-rey D. João III, de Portugal, *de ouvir* missa na Annunciada" (N. Fl. V - II) "*Vinha* eu *de assistir* de Vesta ao culto" (Castilho — Fastos - III-127).

IX - 40 (3) *juntas e subidas* — Subidas porque as Ninfas ou as Nereidas se encontravam no mar profundo e deviam *subir* para a ilha.

IX - 40 (4) *De dons de Flora e Zéfiro adornada* — Flora é a deusa romana das flores, das vegetações. Camões não desconfiou do cacófaton. // *Zéfiro* é o mensageiro da primavera, esposo de Clóris que corresponde a Flora. Era um dos quatro ventos principais na mitologia romana e soprava do ocidente, trazendo frescura aos campos.

IX - 42 (1) *muro adamantino nem triste hipocrisia* — Note-se o uso de *nem* colocado sempre entre os dois substantivos, colocação já em desuso. Hoje se repete a negação antes de cada um dos substantivos: *nem muro adamantino nem triste hipocrisia*...

IX - 43 (1) *e o filho inico* — Ainda quando Camões escrevia *iniquo, grandiloquo*, a pronúncia era sempre *inico, grandiloco*. Só mais tarde foi que a grafia começou a influir na pronúncia, fazendo-se ouvir o *u*, como atualmente. *Inico* aqui é o mesmo que cruel, malicioso, cheio de iniqüidade, de pecado.

IX - 43 (2) *arco ebúrneo* — Arco de marfim. Lat. *eburneus*, adj. derivado de *ebur*, marfim.

IX - 43 (3) *A faetontéia morte* — Quando Faeton morreu, Cicno, rei da Ligúria chorou tanto que os deuses o transformaram em *cisne*. Note-se que em lat. *cicnus*, nome do rei, é o mesmo nome da ave *cisne*. *Faetontéia* é puro latim: *phaetonteus, phaetontea*, etc.

IX - 44 (1) *Uma famosa e célebre terceira* — Devemos tomar *terceira* por intermediária, como ainda hoje dizemos: F. falou ao Governador por um terceiro, isto é, por um intermediário.

IX - 44 (2) *A Deusa Gigantéia* — A Fama por ser irmã dos gigantes que se rebelaram contra os deuses. Tinha cem bocas, cem orelhas, com olhos até debaixo das asas. Camões dá-lhe mil bocas, o que já é ter boca em excesso.

IX - 45 (1) *gente navegante* e logo no quinto verso *Fama penetrante* são exemplos de particípios presentes com toda a sua força de verbo e não de simples adjetivo: gente que navega, Fama que penetra.

IX - 45 (2) *Fala verdade, havida por verdade, / Que junto a deusa traz Credulidade* — Isto é, a Fama anuncia como verdadeira toda e qualquer informação que, como tal, é trazida a Vênus pela deusa Credulidade. A Fama não vai apurar se o que Credulidade diz é, realmente, verdade, mas assim a proclama desde que a fonte informativa foi aquela. Quanto ao português, notar a expressão *falar verdade, dizer verdade*, sempre sem artigo.

IX - 45 (3) *Credulidade* — Ovídio, em "Metamorphos." (XII, 59, traz esta divindade *Credulitas*.

IX - 46 (1) *O louvor grande, o rumor excelente* — Verso lemusino, com acentuação na 4-7-10. Veja outro no c. VIII-73: "Rompendo a força do liquido estanho". Camões, que já praticava excelentemente o decassílabo renascentista ou italiano, de acentuação em sílabas pares, com certo escrúpulo, conserva a quarta acentuada. Os trovadores, porém, e ainda Sá de Miranda, colocavam as pausas na 3-5-10 ou 3-7-10: "Da serra de Sintra por Deus enviado" (5 - 10); "De que me aproveitou tudo? por certo..." (7 - 10); "Custoso à alma, custoso à vida" (4-7-10) são alguns exemplos de Sá de Miranda.

IX - 47 (1) *Cai qualquer, sem ver o vulto que ama* — Querem alguns comentarista que se conte como dissílabo o verbo *cai*, o que é simplesmente absurdo: *ai* é ditongo e não se podem separar as vogais que o formam. E isto por quê? Para salvar o número de sílabas e a cesura na sexta. Aqui está outro engano: a cesura deste decassílabo cai na 5.ª sílaba (ver), sendo um decassílabo lemusino. Salva-se o número de sílabas, não fazendo a elisão entre *que ama*. Mas ficará então o verso frouxo! Há inúmeros versos frouxos em Camões. É menor pecado deixar sem elisão *que ama* do que contar como duas sílabas *cai*. Para o caso de decassílabo lemusino, veja c. IX - 46 (1).

IX - 48 (1) *Os cornos ajuntou da ebúrnea Lũa* — Perifrase obscura para dizer que Cupido, querendo desferir com a sua máxima força a seta contra Tétis, tanto carregou nas cordas do arco, que as pontas, as extremidades dele, se juntaram. O arco, assim, com as extremidades aproximadas uma da outra, tinha certa semelhança com a lua crescente. Como eram de marfim, então, ebúrnea lua. // A forma anasalada *lũa* é um arcaísmo já desaparecido da língua. Quanto ao problema de *ũa* que deu *uma*; *lũa* que deu *luma*, compulsar o nosso livro "Formação Histórica da Língua Portuguesa" ou outro "O Auto das Regateiras de Lisboa", onde não aceitamos a explicação de Leite de Vasconcelos e apresentamos outra.

IX - 48 (2) *aljava* — Camões escreveu *aljaba*, do ár. *al-chaba*, o carcaz onde se guardam as setas, as flechas.



IX - 48 (3) *equóreos campos* — No mar. Lat. *aequoreus, a, um*, de *aequor, oris*, mar.

IX - 49 (1) *a medicina* — O remédio. Neste sentido está antiquada a palavra, hoje usada na indicação apenas de ciência médica. Forma popular *mezinha*, pronunciada sempre *meizinha*.

IX - 49 (2) *amoesta* — Forma arcaica de *admoesta*. A origem de *admoestar, amoestar*, é ainda discutida. Aceitamos a opinião de grandes lingüistas, baseando *admoestar* e o espanhol *admonestar* num derivado de * *monestus, a, um*, particípio passado, vulgar, que suplantou *mónitus, a, um*, de *monére*.

IX - 50 (1) *coréias* — Danças em coro, em conjunto, acompanhadas de canto. Do gr. *khoreia*, de *khoreuo*, danço.

IX - 51 (1) *Menônio* — Adjetivo derivado de *Menon*, rei da Etiópia, filho da Aurora e de Titão. Veja c. II - 92.

IX - 52 (1) *Acidália* — Veja c. VIII - 64.

IX - 53 (1) *Mas firme a fez e imóbil* — Pleonasmo: se a ilha era firme, já era imóvel.

IX - 53 (2) *Qual ficou Delos* — Delos era uma ilha flutuante, errática, mas desde que nela se refugiou Latona para dar à luz a Apolo (Febo) e Diana (a deusa à caça usada) se tornou ilha fixa, imóvel. Assim aconteceu com a ilha dos Amores desde que nela aportaram os portugueses.

IX - 53 (3) *ruivas conchas* — Lat. *rubeus, rubea*, derivado de *ruber*, vermelho. Houve hipértese do e que se passou a *i*: *rubea, ruvea, ruiva*.

IX - 54 (1) *outeiros* — Elevações, alturas, do lat. *altareus*, derivado de *altar, aris*, e este de *altus, alta, altum*. De *altareus* se fez *outeiro* pela vocalização do *l* velar em *u*, fenômeno ainda vivo no Brasil, cujo nome é dito *Brasiu*.

IX - 55 (1) *Onde ũa mesa fazem* — Claro está que são os outeiros que formam a mesa e não os rios, as claras águas. Os versos, entretanto, são obscuros e emaranhados.

IX - 55 (2) *afeitar-se* — Verbo arcaico substituído por *enfeitar-se*, adornar-se, aformosear-se. Muitos usam *afeitar-se* por *fazer a barba*, mas é uso castelhano e não português.

IX - 56 (1) *pomos* — Do lat. *pomum* que, embora tendo o sentido geral de fruto comestível, foi apropriado à maçã. Donde *pomar* seria apenas uma plantação de maçãs, quando hoje se aplica a plantações de frutos diferentes e variados. *Pomada* era a pasta, o ungüento feito de maçã e atualmente há pomada de tudo, até de zinco, menos de maçã.

IX - 56 (2) *fruito* — Esta é a forma verdadeira que se encontra na edição "princeps", corrente em toda a língua arcaica e clássica e viva na fala conservadora do povo brasileiro. Do lat. *fructu / fruito*, depois *fruto*.

IX - 56 (3) *Dafne* — Filha de Peneu, foi transformada em loureiro, em gr. *Daphnè*. Veja c. III - 1.

IX - 57 (1) *frondente coma* — Copa frondosa, ampla, basta, cheia de ramos. // *Coma* é o gr. *khomè*, cabeleira. // *Frondente* é o lat. *frondentem*, de *frons, frondis*, mas aqui part. pres. de *frondere*, ramada, que estende ampla copa. Desta forma, em *frondente copa*, não deixa de haver redundância, pois as duas palavras significam a mesma cousa.

IX - 57 (2) *Alemos* — É a forma usada por Camões, forma vulgar, com a dissimilação do segundo *a* (*álamos*) em *e*. De *álamos* temos o derivado *alameda*, plantação, conjunto de *álamos*, modernamente apenas rua plantada de árvores. Era a planta consagrada a Hércules, Alcides.

IX - 57 (3) *louro deus* — Apolo, Febo. Deu-lhe Camões a qualidade de *louro* por causa do *loureiro*, que lhe era consagrado.

IX - 57 (4) *Mirtos de Citeréia* — Mirto ou murta, planta querida de Vênus (Citeréia). Vergílio: "Formosae myrtus Veneri, sua laurea Phebo" (Ecl. VII-61-62).

IX - 57 (5) *pinheiros de Cibele* — Cibele é o nome latino da deusa chamada *Rhea* e *Ops* pelos gregos. Era grandemente cultuada na Frígia. Casara-se com Chronos (o Tempo) e fora mãe de Zeus. Tendo-se apaixonado pelo pastor Átis, vendo-se preterida pela ninfa Sangaris, tornou-o louco e, na loucura, Átis mutilou-se. Foi então transformado em pinheiro pela deusa vingativa.

IX - 57 (6) *cipariso* — Deveria ser *ciparisso*, nome grego do cipreste. Gr. *kyparissos*, lat. *cyparissus*.

IX - 57 (7) *etéreo Paraíso* — O céu, o paraíso como se diz na língua cristã, em oposição ao paraíso terrestre, o jardim onde foram colocados Adão e Eva.

IX - 58 (1) *Pomona* — Era uma simples ninfa, porém, amada por todos os

deuses. Casou-se com *Vertuno* e foi a protetora dos jardins, dos pomares, da fecundidade da terra.

IX - 58 (2) *Produze* — Ainda sem apócope.

IX - 58 (3) *As cereijas* — Camões assim escreveu o que hoje se grafa *cerejas*. O esforço muscular exigido pela sílaba tônica, desenvolve um som adicional, formando ditongo: *cereija, carangueijo, bandeija* são outros exemplos desta ditongação popular que a língua literária não aceita, mandando dizer e grafar *cereja, caranguejo, bandeja*.

IX - 58 (4) *As amoras, que o nome têm de amores* — Ligou o Poeta *amora* a *amores* por simples semelhança fonética. *Amora* é o lat. *mora* e o *a* é o artigo que se soldou ao substantivo, e, hoje, dizemos com reduplicação *a amora*.

IX - 58 (5) *O pomo que da pátria Pérsia veio* — É o pêssego, transformação de *persicus* (*malum persicum*).

IX - 59 (1) *Peras piramidais* — Várias hipóteses podem ser levantadas referentes a esta expressão: *peras piramidais* por causa da forma da pera que é, com certa boa vontade, uma pequena pirâmide; *peras piramidais* porque, vendo Camões, em latim, *pirum* (*pero*) escrito, algumas vezes, *pyrum* e *pyramidis*, pela semelhança fonética e gráfica da 1.ª sílaba, pensou nalguma semelhança de origem etimológica: *peras piramidais* apenas para obter a seqüência fonética, aliterada, *pera pira*. Modernamente, só se dá o epíteto de *piramidal* a qualquer cousa de grandes proporções, o que não cabe a uma simples pêra.

IX - 60 (1) *tapeçaria* — Relvado.

IX - 60 (2) *Aquemênia* — A Pérsia, cujas tapeçarias ainda hoje são famosas. O nome é tirado da dinastia dos Aquemênidas.

IX - 60 (3) *a flor Cifísia* — É o narciso. Este moço, de rara formosura, filho de Cefísio e de uma ninfa, resistiu aos amores da ninfa Eco e de todas as outras. Mas, um dia, bebendo numa fonte, viu nas águas a sua própria imagem e, pensando que fosse uma deidade ali oculta, dela se enamorou perdidamente. Quando tentava beijar o rosto refletido na fonte, quando queria abraçar essa formosa pessoa, tudo desaparecia porque era a própria imagem dele sem que o pudesse compreender. Assim, se tornou infeliz e pagou as mágoas causadas à ninfa Eco.

IX - 60 (4) *Sobolo tanque lúcido e sereno* — *Sobolo* = *sobre* + *lo* com a dissimilação da vibrante *r* e assimilação de *e* a *o*: *sobre / sobe / sobo / sobo* + *-lo* = *sobolo*.

IX - 60 (5) *filho e neto de Ciniras* — Quanto ao rei *Ciniras* veja c. IX - 34; c. IV - 63; c. X - 135. O filho e neto ao mesmo tempo era Adônis, nascido do incesto havido entre Ciniras e a própria filha Mirra, como diz Ovídio: "ille sorore natus avoque suo" (Met. X - 520-521) — Foi Adônis estraçalhado por um javali e Vênus, que o amava muito, fez nascer do sangue dele anêmonas ou rosas, segundo a diversa opinião dos autores. Pelo lugar citado de Ovídio, eram *anemonas*, do gr. *ánemos*, vento, mas na forma derivada: *anemóne*.

IX - 60 (6) *deusa Páfia* — Veja c. I - 34; c. IV - 63.

IX - 61 (1) *As violas da cor dos amadores* — É quase tradução do verso de Horácio na ode 10 do livro III: "Nec tinctus viola pallor amantium". Discutem os comentadores se se trata da violeta, que é roxa, e a cor roxa ficou como símbolo das "paixões recolhidas", ou da violeta branca, etc. Camões estava certamente alheio a estas distinções dos botânicos, ele que era apenas poeta e para a poesia a violeta, pela sua cor roxa, simbolizou sempre o amor um tanto triste dos amantes, e apaixonados.

IX - 61 (2) *reluze* — Ainda sem apócope, como *reduze, conduze*, etc.

IX - 62 (1) *cecem* — O mesmo que *açucena*. Na língua do povo diz-se *cencem*, com nasalação regressiva. É forma abreviada, do ár. *susan*. Tomando-se o árabe, vê-se que a grafia *cecem* está errada, devendo ser *sessem*, bem como a de *açucena*, que é o ár. *al-susan*, portanto, *assussena* como se escrevia outrora. Corominas traz a forma popular *al-susana, susana*, cuja pronúncia deve ser *al-sussana, sussana*.

IX - 62 (2) *manjerona* — Camões escreveu *manjarona*. No lat. medieval aparece *majorana* bem como no grego tardio *mazurana* e *mezurana*. Tanto De Battisti quanto Corominas ligam *maggiorana* (ital.) e *mejorana* (esp.) ao árabe vulgar *mardadus*, alteração do ár. clás. *mardaqus*, o que achamos foneticamente impossível. A forma portuguesa *manjerona* ou mais corretamente *mangerona* apresenta a nasalação proveniente do *m* inicial. Note-se que também se diz sem nasalação *magerona*.

IX - 62 (3) *Vêm-se as letras nas flores hiacintinas* — Conta a fábula que Apolo, jogando o disco com Hiacinto (Jacinto), espartano que muito amava pela sua beleza, involuntariamente o matou. Transformou-o então na flor que lhe conservou o nome. Viam os antigos (com muito boa vontade) nesta flor a letra y inicial de *Yacinto*, em grego; outros descobriam o ditongo *ai*, que reproduz a exclamação de dor de Apolo. Outra fábula dá *Yacinto* como nascido do sangue de *Aiax* (*Ajax*) e por isto traz o ditongo *ai*.

IX - 63 (1) *Filomela* — Era filha do rei Pandion, de Atenas, irmã de Progne que se casou com Tereu, rei dos Bistones, na Trácia. Este violou a cunhada Filomela e para ocultar o seu crime à esposa Progne, mandou encerrar Filomela numa torre, cortando-lhe a língua para que não pudesse falar. Conseguiu, porém, Filomela fazer chegar ao conhecimento da irmã o crime cometido por Tereu. Libertada a prisioneira, as duas irmãs tramam terrível vingança: matam o filho que Progne tivera de Tereu e lhe dão a comer as carnes em um banquete. Quando Tereu estava a comer o próprio filho, entrou Filomela e arremessou à mesa a cabeça do filho que haviam matado. Tereu tentou matar a ambas as irmãs, mas foram transformadas: Progne em andorinha; Filomela em rouxinol e Tereu em popa. (Veja Ovid. "Met.", VI - 424-674). *Filomela* é o gr. *Philos* (amigo) e *melos*, melodia.



IX - 63 (2) *Acteon* — Aqui *veado* porque Diana o transformou neste animal em castigo de tê-la visto nua no banho. Foi dilacerado pelos próprios cães. Veja c. II - 35; c. IX - 26.

IX - 63 (3) *fugace* — Como *veloce, atroce* é forma imediata de *fugacem / fugace / fugaz* sem paragoge alguma.

IX - 63 (4) *gazela* — Feminino de *gazel*, antílope, do ár. *gazel*.

IX - 64 (1) *floresta* — Lat. *foresta*; recebeu o *l* sob a influência de *flor*. Deu-se o mesmo em italiano *fioresta* sob a analogia de *fiore*. O inglês *forest* mantém a forma do latim.

IX - 64 (2) *como incautas* — Fingindo-se incautas, desprevenidas, sem juízo, como sempre costumam fingir as mulheres.

IX - 65 (1) *barões* — Veja c. I - 1; c. X - 108. Se em algumas destas passagens pode *barão* significar homem ilustre, aqui toma o significado de *varão*, em oposição a *homem*.

IX - 65 (2) *Posta a artificiosa fermosura* — Isto é, abandonadas as vestes, os adornos que concorrem artificialmente para aumentar a formosura.

IX - 66 (1) *Ericina* — Outro nome de Vênus que lhe vinha do templo erguido no monte Erix, na Sicília.

IX - 67 (1) *espingardas... bestas* — Ainda está por fazer-se a história da palavra *espingarda*. A maioria dos autores aceita que seja alteração do fr. *espingard*, alteração do antigo *espringale*, nome de uma balista da Idade Média e depois de um canhão pequeno. Bloch. — Wartbourg afirmam que a fonte é o frâncico * *springan*, dançar, saltar. Houve mudança de sufixo, tomando-se *ard* do germ. *ardt*. A *besta* era a funda, a balista de arremesso de pedras.

IX - 67 (2) *os cervos* — Os veados. Do lat. *cervus, i*. Na Idade Média, a palavra *cervo* tomou significação disfêmica, e foi substituída por *veado*, do lat. *venatus*, part. pas. de *venari*, simplesmente *caçado*. Quiseram as alterações da sociedade que, hoje, o significado pouco moral de *cervo* passasse a *veado* e se voltasse ao uso de *cervo* já isento de qualquer disfemismo.

IX - 67 (3) *altas sestas* — A *sesta* ou *sexta*, a hora de maior calor do dia, seguindo-se quase sempre ao almoço, passou a significar repouso, donde a expressão *fazer a sesta* ou o verbo *sestiar* por tomar o repouso dessa hora de calor. No verso de Camões *sesta* está simplesmente por calor: as sombras impedem os calores fortes (altas sestas).

IX - 68 (1) *seda diferente* — Seda de diversa cor.

IX - 69 (1) *esprito* — Forma vulgar, sincopada, usada ainda hoje pelo povo e aqui empregada para ajudar a métrica. Veja c. II - 64.

IX - 69 (2) *homens imprudentes* — Homens ignorantes, homens néscios, que não procuram saber as grandes cousas, ao passo que os prudentes, levados pela sua disposição natural refletem, raciocinam e aprendem.

IX - 70 (1) *ribeiras* — Encostas ou como já usamos modernamente: rios, regatos.

IX - 70 (2) *mais industriosas que ligeiras* — Mais astutas, espertas que apressadas.

IX - 71 (1) *e já releva* — E já se ergue, se levanta, de *re* + *elevar*.

IX - 72 (1) *topar* — Encontrar, bater, ir de encontro a. Ainda hoje dizemos *topada*, encontrão, dar ou levar uma topada.

IX - 73 (1) *acudindo à vergonha da deusa caçadora* — Refere-se ao que já foi explicado em outro lugar: Diana, surpreendida no banho, pelo caçador Acteon, fugiu envergonhada e vingou-se do curioso caçador, transformando-o em veado que foi devorado pelos seus próprios cães. Veja c. IX - 26 e 63; c. II - 35; c. IX - 53. Se Diana teve vergonha, esta ninfa ainda fingiu ter mais.

IX - 74 (1) *cão sagaz* — Que tem bom faro, cão sábio, cão que conhece pelo faro onde se oculta a caça. Lat. *sagax, cis*.

IX - 74 (2) *garcenha* — Diminutivo de garça, suf. *enha*. *Garça* provém do pré-celta **kárkia* e designa conhecida ave pernalta. Como adjetivo *garço, garça*, quase sempre aplicado a olhos, indica certa cor azulada, tendendo ao branco. O uso do suf. *enho, enha* como diminutivo é pouco usado, como por exemplo em *canhenho*. É mais freqüente o seu emprego em adjetivos pátrios: *madrilenho, portenho, panamenho, islenho*.

IX - 74 (3) *à que não era irmã de Febo* — É Diana, irmã de Apolo. Camões quer dizer que a ninfa perseguida pelo português não era tão pudica quanto Diana.

IX - 75 (1) *Lionardo* — Veja c. VI - 40.

IX - 75 (2) *não dera um só desgosto* — Isto é, apenas um desgosto, mas muitos.

IX - 75 (3) *prossuposto* — Forma correta que não necessita de ser substituída pela moderna *pressuposto*. Ao lado de *pre-supor*, havia *pro-supor*. Opinião. Veja c. III - 59.

IX - 76 (1) *Éfire* — Uma das muitas ninfas, filha de Tétis e de Nereu. A acentuação é proparoxítona.

IX - 76 (2) O que a natureza deu para ser dado, para ser oferecido.

IX - 77 (1) Para bem entender o verso, deveríamos dar-lhe esta pontuação: *Tu só, de mim só, foges na espessura:* Somente tu só de mim foges. A repetição de *só* é de pobreza vocabular muito notada em Camões e traz sempre confusão.

IX - 78 (1) *Não canses, que me cansas* — Outra vez a repetição camoniana: podia ser que, no seu tempo, fosse recurso de estilo; hoje, nenhum poeta faria tal.

IX - 78 (2) *Tra la spica e la man qual muro he messo* — Camões não citou corretamente o verso do soneto 43 de Petrarca. Vamos transcrevê-lo todo para que se veja a incorreção do Poeta:

"Se col cieco desir, che'l cor distrugge,
Contando l'ore non m'ingann'io stesso,
Ora, mentre ch'io parlo, il tempo fugge
Ch'a me fu insieme ed a mercè promesso.

Qual ombra è si crudel che'l seme adugge
Ch'al desiato frutto era si presso?
E dentro dal mio ovil qual fera rugge?
Tra la spiga e la man qual muro è messo?

Lasso, nol so, ma si conosco io bene
Che, per far più dogliosa la mia vita,
Amor m'addusse in si gioiosa spene.

Ed or di quel ch'i'ho letto mi sovvene:
Che innanzi al di dell'ultima partita
Uom beato chiamar non si convene".

O sentido da frase é que — no momento em que tudo parece estar obtido, surge inesperadamente um obstáculo de permeio. Corresponde ao ditado: "Da mão à boca ainda se perde o bocado". Não se sabe por que motivo citou Camões este verso de Petrarca, ele que não sabia italiano. Tanto não sabia que em lugar de *spiga*, colocou *spica*, pensando que a primeira não fosse italiana por ser igual à portuguesa.

IX - 79 (1) *imperador* — No sentido latino de *imperator*, comandante de exército.

IX - 81 (1) *E tu me esperarás... E se me esperas, não há mais que espere* — Velho gosto do Poeta no emprego e na repetição do mesmo verbo, o que, hoje, seria grave defeito de estilo.

IX - 82 (1) *Volvendo o rosto, já sereno e santo* — Este adjetivo *santo* foi buscado unicamente por causa da rima, porque, nada há de santo num rosto de ninfa que se vai entregar ao amante. Epifânio, citando Faria e Sousa, acha que *santo* queira dizer *benigno*...

IX - 84 (1) *Com palavras formais e estipulantes* — Com as palavras já consagradas pelos contratos, próprios da linguagem tabelioa; *estipulantes*, de *estipular*, determinar as condições de um contrato entre as partes. Lat. *stipulari*.

IX - 85 (1) *de Celo e Vesta filha* — Tétis. Veja c. I - 16; c. III - 115; c. IV - 49; c. VI - 36; c. VIII - 74; c. IX - 48; c. X - 75.

IX - 85 (2) *egrégia* — Ilustre, fora do comum, lat. *egregius, egregia*, que é formado de *ex-grege*, fora do rebanho, isto é, fora do comum, especial, extraordinária.

IX - 86 (1) *da unida Esfera* — A ordem é: Os segredos da unida Esfera da terra imensa e mar, isto é, do globo que se compunha, formando uma unidade, da terra e do mar.

IX - 88 (1) *a fermosa companhia estão passando* — Note-se a concordância do predicado com a idéia coletiva de *companhia*.

IX - 88 (2) *alma* — Alimentadora, reconfortante — Lat. *alma*.

IX - 89 (1) *Outra cousa não é* — O sujeito é *ninfa do oceano, Tétis e a ilha angélica*, mas o verbo foi atraído, em sua concordância, pelo completivo predicativo *outra cousa*.

IX - 90 (1) *as imortalidades* — Quer dizer: as condições de imortais, de divinos, condições que eram várias porque vários eram os sujeitos aos quais atribuía a antigüidade tal imortalidade.

IX - 90 (2) *a quem subia* — O sujeito é *antiguidade*.

IX - 91 (1) Temos nesta estrofe a teoria de Evêmero para quem todos os deuses da mitologia não passavam de homens mortais. Foram heróis disto ou daquilo, deste ou daquele modo, e por suas ações fora do comum receberam do povo a consagração divina. Camões, adotando o evemerismo, dá pública explicação do uso desse maravilhoso pagão em sua epopéia. Mostra que tais deuses não passavam de seres humanos, notáveis, sim, nunca, porém, deuses. Tal afirmação reaparecerá no canto X.



IX - 92 (1) *Indígetes* — O mesmo que *indígenas*, da terra, nacionais. É pura palavra latina. // *Magnos* — grandes, título que sempre se dava aos heróis e aos deuses. Note-se como escrevendo Camões *magnos*, tinha na mente *manho*, como se evidencia pelas rimas. Veja c. IV - 32.

IX - 93 (1) *tirania urgente* — Que *urge*, que oprime. Latinismo.

IX - 93 (2) Os dois últimos versos ficaram famosos, mas a politicalha do mundo continua a não observá-los, concedendo valor a quem não o merece, mas o tem por essa indignidade dos políticos, a pior lepra que o demônio deixou para tormento da humanidade.

IX - 94 (1) *Ou vos vesti nas armas* — Vestir-se em, é sintaxe correta, mas antiquada, preferindo a língua moderna *vestir-se de*. Ficou, porém, na forma composta *investir-se em*, investir-se num cargo.

IX - 95 (1) *ilha de Vênus* — A Ilha dos Amores por ela preparada aos navegantes portugueses, mera ficção de Camões. Apesar de ser criação poética do vate lusitano, muitos andaram tentando localizá-la. Segundo Manuel Correia, muitos pensavam que fosse a ilha de Santa Helena. Faria e Sousa achava que devia ser a ilha Achendiva. J. Gomes Monteiro procurou provar que era Zanzibar. Camões, contudo, a colocou nos mares do Oriente, continente muito rico em fantasias, feiticeiras, metamorfoses e outras cousas admiráveis que somente lá se passam.

## Canto Décimo

X - 1 (1) *amador da Larisséia* — Apolo, que matou a ninfa Coronis, de Larissa, na Tessália, por ter traído o seu amor com um mancebo. Foi um corvo que revelou a Apolo a falta de Coronis. Veja c. II - 1.

X - 1 (2) *inclinava os animais* — O sol (Apolo) já caminhava para o ocaso, dirigindo para lá os cavalos do seu carro de fogo.

X - 1 (3) *Temistitão* — Forma usada pelo Poeta que, assim, aportuguesou o nome asteca da cidade do México: *Tenochtitlan*. Barbosa Bettencourt (Subsídios) diz que *Tenoch* ou como ele grafa *Tenox*, é o nome do grande sacerdote *Tenox*, fundador da cidade. Nascentes (Dic. Etimol., II vol.) escreve: "Variam os étimos. Lugar do Nopal de pedra (*tetl*, pedra, e *nochtli*, nopal). Em 1325, um oráculo ordenou que se fundasse uma cidade no lugar onde se encontrasse uma serpente num nopal, saindo de uma pedra (Acosta, Buschman — Azt. on. 96, Peñafiel, apud Egli). Lokotsch (Amer. Wörter) confirma o étimo, dando apenas a forma *notschli* (notação alemã), figo do nopal. E. Tourinho, *Kukulan*, 152, deriva de *Tenoch*, grande sacerdote asteca. R. Moore Williams (Revista Municipal de Guayaquil, ns. 119, 121, pág. 108), dá: lugar em que os homens se convertem em deuses". A Enciclopédia Britânica diz que *Tenoch* era um dos sacerdotes e chefes dos astecas (*Tenoch*, one of their priests and leaders) ou de *tenuch*, o nome asteca do nopal (or from *tenuch*, the Indian name for the "nopal"). Não explica, porém, *titlan*. *Temistitão* encontra-se também em italiano *Termistitam*. Não é propriamente a atual cidade do México, mas a primitiva da qual saíram os astecas por causa das águas que a invadiam e foram fundar, em terreno próximo, porém, mais alto, a atual capital mexicana.

X - 1 (4) *Favônio* — O mesmo que Zéfiro, vento refrescante.

X - 3 (1) *dous e dous* — Pode-se dizer também *dous a dous*.

X - 3 (2) *de ouro finas* — O ouro é que era *fino*, de alta qualidade, mas o Poeta transferiu a adjetivação para *mesas*.

X - 3 (3) *a egipcia antiga fama* — Raramente se usa *quem* com antecedente de cousa, mas sempre de pessoa. Há referências aos famosos banquetes de Cleópatra onde se bebiam pérolas dissolvidas no vinho. Parece que a alusão é ao banquete dado a Antônio, que se encontra no c. III - 141.

X - 3 (4) *Atlântico tesouro* — Os jardins das Hespéridas, cujos pomos eram de ouro. Veja o c. II - 103. Não pode ser o tesouro submarino do Atlântico, segundo pensa Barbosa Bettencourt, porque, colocando-se a Ilha dos Amores entre a Índia e a África, na opinião de J. M. Rodrigues (c. IX - 21), não se encontravam os portugueses e as ninfas no Atlântico. Por isto mesmo diz o Poeta *trazidos lá do Atlântico tesouro*, indicando pelo part. pas. *trazido* e pelo adv. *lá* um lugar distante.

X - 4 (1) *itálico Falerno* — Vinho famoso na literatura latina. Horácio, na ode XX do I livro, contrapõe o Falerno aos vinhos pobres da Sabina:

"Caeculum et prelo domitam Caleno
Tu bibes uvam; mea nec Falernae
Temperant vites neque Formiani
Pocula colles."

"Vile potabis modicis Sabinum
Cantharis, Graeca quod ego ipse testa
Conditum levi, datus in theatro
Cum tibi plausus..."

*Falerna* era a região compreendida entre o monte Mássico e o rio Vulturno. *Falerno* era o nome geral dos vinhos aí produzidos, como hoje *Chianti:* nome dos vinhos feitos na região, no vale assim chamado. Entre as diversas espécies de Falerno havia o *Caecubum* que Horácio cita na ode referida e ainda o *Mássico,* o *Faustino,* etc.

X-4 (2) *ambrósia* — Discute-se a acentuação desta palavra grega. Uns acham que tanto o nome do manjar dos deuses como o nome próprio, de pessoa, ambos têm a mesma acentuação proparoxítona: *ambrósia, Ambrósia.* É a mesma palavra, cuja significação, em grego, é "imortalidade". Esta acentuação reproduz a latina. Outros querem que o nome do manjar divino tenha acento paroxítono: *ambrosía,* de conformidade com a prosódia grega: Ἀμβροσία, mas como nome próprio, de pessoa, seja *Ambrósia, Ambrósio.* Esta distinção, que não tem fundamento histórico, é a vulgar e se tem mantido nos dicionários. Ramiz Galvão assim se expressou: "*Ambrosía* — s. f. alimento dos deuses; manjar delicioso. De Ἀμβροσια. Nota. Não obstante a quantidade grega e latina (*ambrosĭa*), o uso sancionou a prosódia paroxítona, que todos os dicionários consignam. Não há mudar". Aqui é necessário corrigir Ramiz Galvão: confunde a quantidade grega (paroxítona) com a latina (proparoxítona). Devia ter dito que: não obstante a quantidade grega, a latina (*ambrosĭa*) prevaleceu no uso geral que os dicionários consignam. Gonçalves Viana (Palestras Filológicas) discorre sobre o assunto, concluindo que não se deve fazer a distinção de acento entre manjar e nome próprio de pessoa. Toma por base, não o substantivo *ambrosĭa,* mas o adjetivo *ambrosĭus,* imortal, com acentuação latina, proparoxítona. Em ambos os casos a pronúncia deve ser a mesma. Tal doutrina está repetida em nossa "Gramática Normativa", pág. 58. De fato, existe em grego αμβρόσιος, α, ον bem como em latim *ambrósĭus-a-um.* Em que ficamos? Nesta última opinião. Apesar de errar o povo na acentuação, os literatos devem observar a quantidade originária do adjetivo ou do substantivo segundo o latim, seguindo o exemplo de Camões. Para maiores documentações, consultar a nossa "Gramática Normativa" onde estão citados outros autores. Note-se ainda que *ambrósia* dos deuses era um manjar; a bebida dizia-se *néctar.* Muitos poetas, porém, desde Safo já haviam confundido ambas as cousas, tomando a *ambrósia* pelo *néctar.*

X-4 (3) *vasos onde em vão trabalha a lima* — Interpretam como sendo de diamante, em que a lima pouco faz por causa da dureza do mineral. Achamos, entretanto, que sejam vasos tão perfeitamente trabalhados que nada apresentem necessitado do aperfeiçoamento dado pela lima.

X-5 (1) *Mil práticas alegres se tocavam* — Adolfo Coelho e G. Amorim substituíram *tocavam* por *trocavam,* achando que houve erro de composição. Como bem pondera Epifânio da Silva Dias, não houve erro algum. *Tocar* está no sentido do fr. *effleurer, aflorar,* i. é., tocar de leve, superficialmente, como acontece nos banquetes em que os convivas conversam de muitos assuntos sem aprofundá-los.

X-5 (2) *apetitos* — Como *rudo, bailo, grudo,* formas paralelas a *apetite, rude, baile, grude.*

X-5 (3) *no profundo reino, os nus espritos* — No Inferno, no reino das sombras que são os *espritos nus,* isto é, sem corpo.

X-5 (4) *Fizeram descansar da eterna pena* — Alusão à entrada de Orfeu, no Inferno, quando foi reclamar o espírito de Eurídice: enquanto cantava à lira, todos os sofrimentos do Inferno tiveram uma pausa; Cérbero deixou de ladrar; as Fúrias se aquietaram; Sísifo deixou de rolar o rochedo, etc.

X-5 (5) *Sirena* — É o nome de uma ninfa da qual dirá na estrofe seguinte. Veja c. IX-89; c. V-88. Sirena é forma latina; em português é *sereia.*

X-6 (1) *E faz ir as águas, (faz) adormecer os brutos animais* — Quando o infinito é objeto direto do verbo principal, existe plena liberdade no uso do modo pessoal ou impessoal. A preferência de Camões é para o modo impessoal.

X-7 (1) *Com doce voz está subindo ao céu altos varões* — Sirena conta, em sua canção a história futura dos altos varões que serão imortalizados pelos Fados, fazendo-os elevar-se ao céu, erguendo-os até o céu.

X-7 (2) *Cujas claras idéias viu Proteu* — No c. II-20, Camões qualifica Proteu de profeta: "O profeta Proteu". Repete a idéia no c. VI-36. Nesta estrofe completa o Poeta a sua figura, afirmando que Júpiter dera a ver a Proteu, em sonhos, num globo oco, transparente, as idéias, os acontecimentos, que ora vai a Sirena cantando. De Proteu foi que ela ouviu tais fatos guardados de memória.

X-8 (1) *Matéria é de coturno, e não de soco* — É assunto de alta expressão e não de comum dizer. Este modo de expressar vem das letras latinas que distinguiam o gênero dramático ou trágico do gênero da comédia pelo calçado dos atores: usavam o coturno, calçado de cano alto, na tragédia; o soco, espécie de tamanco, na comédia. Petrarca escreveu:

"Materia da coturni, e non da socchi"
(Trionfo d'Amore — IV-88).

O coturno era o moderno borzeguim, de salto alto para aumentar a estatura dos atores. O soco era, mais ou menos, o tamanco português e o holandês, com solado de pau, calçado da plebe.

X-8 (2) *Qual Iopas não soube, ou Demodoco* — Iopas é o cantor que Vergílio mete em cena quando descreve o banquete oferecido a Enéias por Dido (Aen. I-744). *Demódoco* era o cantor que aparece em várias cenas de festins da Odisséia (Odis. VIII-71-72; 266, 366; 499-520; XIII-27-28). Camões deslocou o acento da palavra por causa da rima.



X-8 (3) *Calíope* — Veja c. III-1.

X-8 (4) *O gosto de escrever, que vou perdendo* — Triste confissão do Poeta, que, ao final do seu famoso poema, já se sente cansado, sem inspiração. Na estrofe seguinte continua Camões a descrever o seu desânimo.

X-9 (1) *Vão os anos decendo, e já do Estio* — É a idéia comum que fazemos com a nossa idade: até 50 anos dizemos que vamos subindo; depois, que vamos descendo. Parece-nos que Camões já tinha então mais de 50 anos. Isto se confirma com o verso seguinte: "Há pouco que passar até o Outono".

X-9 (2) *Mas tu me dá que cumpra* — Mas tu me concede, tu me permite que eu possa cumprir com o que quero à nação minha. Note-se mais uma vez a colocação do pronome antes do imperativo a provar que tal colocação é completamente livre.

X-9 (3) *que cumpra co'o que quero* — Observe-se a regência do verbo *cumprir com a alguém.* Diz-se mais comumente: *cumprir alguma cousa para com alguém* ou *com alguém:* cumprir com o dever à pátria, para com a pátria. Houve contaminação sintática, aparecendo o terceiro tipo: *cumprir com alguma cousa a alguém:* cumprir com o dever à pátria.

X-10 (1) Nesta e noutra estrofe conta a Sirena fatos futuros, mas que, no tempo em que Camões escrevia, já estavam realizados. São anacronismos que se encontram em todos os poetas, mas de modo especial em Milton. No "Paraíso Perdido" há anjos que lutam com armas modernas e tomam parte na batalha frades que não poderiam existir nessa idade anterior ainda à criação do homem em que se deu a rebelião dos anjos maus, chefiados por Lúcifer.

X-11 (1) *Canta de um que tem nos malabares* — Trata-se de Triumpara, rei de Cochim. Quando Saramá Perimal dividiu o reino, segundo vimos no c. VII-32-36, deu ao rei de Coulão o título de Cobritim, isto é, Sumo Sacerdote. No tempo de Vasco da Gama, tal dignidade de Cobritim era atribuição do rei de Cochim. (J. de Barros — Dec. I-IX-3). Resistiu aos ataques do Samorim de Calecu para não quebrar a sua aliança com os portugueses.

X-12 (1) Referem os 4 primeiros versos às armadas que partiram de Belém para a Índia: a de Afonso de Albuquerque em que ia o famoso Duarte Pacheco Pereira, autor do "Esmeraldo de Situ Orbis". Pensam alguns que Duarte Pacheco Pereira esteve no Brasil antes de Cabral. A segunda armada foi sob o comando de Francisco de Albuquerque. Partiu a 1.° a 6 de abril de 1503; a 2.°, a 14 do mesmo mês e ano. Como se vê, são fatos preditos pela Sirena, mas já passados no tempo em que Camões escreveu "Os Lusíadas".

X-12 (2) *O grão Pacheco, Aquiles lusitano* — Veja o comentário n.° 1. Vinha já dos romanos o costume de denominar Aquiles a todos os que se distinguiam na guerra.

X-12 (3) *Quando entraria* — Devia ser: *Quando entrasse; sentiriam quando entrasse.*

X-13 (1) *Mas, já chegado aos fins orientais* — Regressando a Portugal, deixaram os Albuquerques, em Cochim, a Duarte Pacheco Pereira com 150 homens, uma nau, duas caravelas e uma chalupa com dezoito peças de artilharia. Deu-se o combate entre portugueses e naires do Samorim, no estreito de Cambalão. Apesar do pequeno número, os portugueses derrotaram as forças de Calecu. Este estreito de Cambalão são "os braços do salgado e curvo rio" desta estrofe. Outros acham que seja o rio de Cochim. O texto camoniano é confuso.

X-14 (1) *Bipur, Tanor* — Regiões da costa do Malabar.

X-14 (2) *Narsinga* (veja c. VII-21).

X-14 (3) *Cananor* — Outra região da costa do Malabar.

X-14 (4) *De ambas as leis imigas* — As religiões maometana e bramânica. Inimigas entre si e ambas inimigas do cristianismo. A ordem direta é: "Mouros (maometanos) por mar, gentios (brâmanes) pola terra, de ambas as leis imigas (fará que se movam) para a guerra".

X-15 (1) *Em vão aos deuses vãos* — Note-se o jogo de palavras entre *vão* e *vãos.*

X-16 (1) *Aceso de ira, o Cão* — Camões, representante do ódio ocidental, ódio de religião, só tem palavras ofensivas quando se refere aos inimigos. *Cão* é uma das ofensas mais comuns na pena do insigne Poeta.

X-17 (1) *De sangue o tingirá no andor sublime* — Eis a curiosa narrativa de Castanheda: "E nisto se avivou mais a peleja porque chegou el rey de Calicut, que Duarte Pacheco conheceu por a bandeira e sombreiro que levava e mandou tirar com hum berço ao lugar onde parecia com tenção de ho matar, e não foy morto por se ele baquear do andor em que ho levavam, e ho pelouro matou dous homens junto dele... E indo el rey fugindo pela borda dum palmar defronte das caravelas: mandou-lhe Pero Rafael tirar com hũa bombarda grossa que lhe matou dum tiro treze homens e hum deles dava ho bétele a el rey, e matou ho tão perto dele que ho encheu de sangue: e el rey se baqueou do andor com medo" (Cast. I-75 — apud Epifânio da Silva Dias).

X-17 (2) *fará menos* — Não surtirá efeito.

X - 18 (1) *Máquinas de madeiros fora de uso* — Torres de madeira, construídas sobre lanchas, invenção de um tal Coje Ale. Fora de uso, isto é, que eram inteiramente novas para os portugueses. Nunca haviam tido oportunidade de lutar contra tais engenhos de guerra.

X - 19 (1) *Pela água levará serras de fogo* — Canoas, jangadas com inflamáveis.

X - 19 (2) *Mas a militar arte e engenho logo* — Verso defeituoso pela má distribuição dos acentos tônicos em *militar arte*, agravado ainda pela seqüência de *ar, ar*. Bastaria inverter a ordem destas palavras para sanar o mal: *Mas a arte militar e engenho logo.*

X - 19 (3) *Márcio jogo* — Na estratégia de guerra. Já encontramos esta expressão no c. IV - 39.

X - 20 (1) *Tantos Cães não imbeles* — Inimigos não desprovidos de coragem, de animo combativo.

X - 20 (2) *coração* — Coragem. Ambas as palavras (*coração* e *coragem*) procedem de *cor*. Pensaram sempre os homens que o sentimento da coragem, do denodo, e também do medo se localizasse no coração. Ainda hoje, no boxe, se diz de um pugilista medroso, — que não tem coração.

X - 21 (1) *Aquele que nos campos maratônios* — Milcíades, ateniense, que, na batalha de Maratona venceu a Datis e Atafernes, generais persas (490 - a. C.).

X - 21 (2) *com quatro mil lacedemônios* — A passagem das Termópilas onde Leônidas se imortalizou, combatendo contra Xerxes, rei da Pérsia (480 - a. C.). Os lacedemônios eram apenas 300 e não 4.000 como disse Camões.

X - 21 (3) *Cocles* — Horácio Cocles que defendeu a ponte *Sublícia*, no Tibre, atacada pelos etruscos. *Ausônios* em lugar de *romanos*. *Tusco* o mesmo que *etrusco*. Quinto Fábio é o famoso *cuntactor* (o vagaroso) que, dando tempo ao tempo, por meio de guerrilhas, conseguiu enfraquecer o exército de Aníbal e dar coragem aos romanos desanimados com as derrotas de Tecino, Trébia e Trasimeno.

X - 22 (1) *ronco* — O mesmo que *rouco*. Ainda hoje se diz *ronco* em espanhol e em português temos *ronquidão, ronqueira, roncar, roncador, ronquido.*

X - 22 (2) *Belisário* — General de Justiniano. Apesar de todas as suas vitórias, vencendo vândalos e ostrogodos, foi preso e privado de seus bens sob a acusação de conspirar contra o imperador. Foi absolvido e lhe restituíram os bens quando já se encontrava no fim da vida.

X - 23 (1) *galardão* — Dom, recompensa, pago, retribuição a um favor ou serviço. A origem é germânica, quer se tome * *widarlon*, quer * withralaun, como trazem Garcia de Diego e J. Corominas. Decompõe-se o último em *withra*, contra, em frente de, e *laun*, paga, agradecimento. A primeira transformação foi * *guedarlaun* que por metátese passou a * *guelardaun*. *Guelardon* aparece ao lado de *gualardon* nos mais antigos autores. Houve influência de *gala* para que o port. arcaico tivesse *galardom*. Fez-se depois o verbo *galardoar* onde está a influência de *doar*, do lat. *donare*.

X - 23 (2) *Morrer nos hospitais* — Duarte Pacheco Pereira foi injustamente tratado por Dom Manuel, caindo em completa miséria depois de tantos serviços prestados a Portugal. Damião de Góis, na crônica de D. Manuel, conta que a família de Duarte Pacheco Pereira vivia da caridade pública. Qual teria sido a causa desta reviravolta da fortuna? Em 1519, obteve Duarte Pacheco Pereira o lucrativo cargo de capitão do estabelecimento português de São Jorge da Mina, que desempenhou até 1522. Foi depois acusado de malversar as rendas desse posto. Como narra Damião de Góis, "o mandou el-rei trazer em ferros ao reino, e sem lhos tirarem dos pés, esteve muito tempo preso na cadeia, até que, por se saber serem parte das culpas, que lhe punham falsas, e as outras tão leves, que em um tal homem não podiam ter nome de culpas, o soltaram, tão pobre como era quando foi para a Mina. E assim viveu todo o mais do decurso da sua vida com muito desgosto, e tanta pobreza, que seu filho único legítimo, João Fernandes Pacheco, e sua mãe, que ao presente vivem, por lhe ele não deixar fazenda para se poderem manter como devem, passam tão estreita vida que são constrangidos a viver, ele não como os seus serviços (além dos de seu pai) merecem, e ela do pouco que lhe ele pode dar, e as esmolas que lhe fazem pessoas honradas" (Chron. de D. Manuel, parte I, cap. 100). Damião Peres, na introdução que escreveu para a edição de 1954 do "Esmeraldo de Situ Orbis" de Pacheco, defende D. Manuel e D. João III. Quando se deu a prisão de Pacheco, D. Manuel já estava morto. Quanto à miséria descrita por Damião de Góis, acha que foi má-fé do cronista para denegrir a D. Manuel. Cita documentos publicados por Rafael Bastos e Viterbo: o filho de Duarte Pacheco recebeu uma tença anual de 20.000 reais, correspondendo a uns 45 contos atuais, superior à de Camões (15.000). Quando Duarte Pacheco regressou da Mina, recebeu, em 1525, depois da sua absolvição, 300 cruzados (270 contos), pagamento parcial do valor das jóias que de lá trouxera. Desde 1524 recebia uma tença de 50.000 reais por ano. Pacheco faleceu em 1532. Após as citações dos documentos, conclui Peres: "A tradição de sua miséria final não é, portanto, segundo cremos, mais do que uma lenda, como aquelas a que, relativamente a outro período histórico, se referiu Herculano, dizendo-as inventadas para povoar de patranhas a solidão do passado. Que a Coroa tenha sido severa para com Duarte Pacheco, como Capitão de São Jorge da Mina, pode crer-se; mas que tenha sido cruelmente ingrata para com o glorioso militar e sábio cosmógrafo que ele foi, isso não" (Introd. XXV - XXIX).



X - 24 (1) *Aiace* — Hoje *Ajax*, o mais valente guerreiro grego depois de Aquiles. Disputou com Ulisses a posse das armas daquele herói e foi vencido no pleito pela eloqüência do competidor.

X - 25 (1) *tão mal pagado* — Veja o comentário da estrofe 23 (2).

X - 25 (2) *eu te fico* — Eu te garanto, eu responsabilizo-me pelo que te digo.

X - 26 (1) *Mas eis outro* — Dom Francisco de Almeida, 1.° vice-rei da Índia (1505-1509).

X - 26 (2) *O filho* — Dom Lourenço de Almeida.

X - 26 (3) *áspero castigo* — O rei de Quiloa não queria pagar as párias que devia e o vice-rei lhe tomou a cidade e o depôs.

X - 27 (1) *Mombaça* — Foi tomada e incendiada pelos Almeidas — Veja c. I - 103.

X - 27 (2) *passados malefícios* — A traição feita a Vasco da Gama e vingada pelo vice-rei. Veja c. II - 19.

X - 28 (1) *Das grandes naus do Samorim potente* — Diz Castanheda que foram "duzentas e oitenta velas".

X - 28 (2) *Que sai com trovão do cobre ardente* — O verso tem apenas nove sílabas e não se compreende a expressão *sair com trovão*. Gomes Amorim corrigiu *Que sai como trovão*, o que achamos correto e aceitável. Alguns comentadores, em lugar de aceitar a emenda sensata de G. Amorim, afirmam que, neste verso, o verbo *sai* se deve contar *sa-i*, o que é simplesmente absurdo contra a gramática e o bom senso.

X - 28 (3) *Fará pedaços* — Pode-se dizer com igual correção *fará em pedaços*. Exs.: "... pega do cântaro e dá com ele em uma pedra e o faz em pedaços" (Bern. N. Fl. V - 417). É a mesma construção usada por Vieira: "... e com as ações havia de fazer *em pó e em cinzas* os vícios" (Sexagésima).

X - 28 (4) *dentro nela* — O mesmo que *dentro dela*. Vieira escreveu: "Mandou-lhes Deus anunciar pelo profeta Jonas que dentro em quarenta dias se havia de abrir a terra" (5.ª Dom. da Quaresma).

X - 29 (1) *onde esforço nem prudência poderá haver* — Hoje se repete a negação: *onde nem esforço nem prudência*.

X - 29 (2) *Chaúl* — Ao sul de Bombaim, na costa do Decão.

X - 29 (3) *com fogo e ferro ferve* — Aliteração. Veja c. I - 35; c. II - 53; c. II - 54 e 93.

X - 29 (4) *As armadas do Egito e de Cambaia* — Tinha esta por comandante *Mir* (*Emir*) *Ocem*; aquela, *Málique Iaz*. Em Cantanhede *Mirocem, Meliquiaz*. Somavam 45 navios. Dom Lourenço pereceu na batalha.

X - 30 (1) *Sceva* — Centurião de César na guerra contra Pompeu. Apesar de ter vasado um olho, transfixado o fêmur e o úmero, com cento e vinte perfurações no escudo, defendeu e conservou a entrada do forte que lhe tinha sido confiado (Caesar — De Bello Civile — III - 53).

X - 31 (1) *Com toda ũa coxa* — Correto uso de *todo um, toda uma*. Rui Barbosa escreveu: "... *todo um* programa numa só palavra" (Apresentação do jornal "O Eco" — 30-10-1914). Heitor Pinto: "... Vem queimar *toda uma* casa". Bernardes: "Ver Deus por *toda uma* eternidade" (Apud M. Barreto — Últimos Estudos — 169). Não é galicismo.

X - 32 (1) *Quem o gerou* — Dom Francisco de Almeida, tendo de passar o governo a Afonso de Albuquerque, pediu adiamento da entrega para vingar a morte do filho, vingança que executou terrivelmente.

X - 32 (2) *De esperas, basiliscos e trabucos* — As *esperas* eram canhões pequenos, adornados de uma esfera (espera). *Espera* como se dizia como também *hemispério* pela possível transcrição do *ph* grego, ora por *f*, ora por *p*. // *Basiliscos* eram canhões maiores, espécie de catapulta para o arremesso de pedras e balas de ferro. // *Trabucos* — Veja c. III - 79.

X - 32 (3) *Mamelucos* — Tribo guerreira que de simples soldados do Egito passaram os seus descendentes a príncipes, dando duas dinastias ao país (1354-1515). Aqui são tomados como egípcios. No Brasil também se fala de *mamelucos* e *mamalucos*, mestiços de índio e branco.

X - 33 (1) *Trazendo fúria e mágoa por antolhos* — Por objetivo — de *ante* + *olhos*, como idéia fixa.

X - 34 (1) *no seio de Cambaia* — No golfo de Cambaia. *Seio* por golfo, baía, é latinismo, de *sinus*.

X - 34 (2) *Dabul* — Cidade da Costa do Decão. Foi passada a fio de espada a população e arrasada por incêndios a cidade. De Debul diz Castanheda: "E na cidade ha muytos nobres edifícios de casas de pedra e cal e de mesquitas: he povoada de muytos mercadores e por isso he de grande trato" (II - 95).

X - 35 (1) *que remos tem por malhas* — Obscuro o pensamento de Camões: parece-nos que queria dizer da pouca resistência oposta pela armada, cuja única defesa (malhas) foram os remos, valendo-se deles para fugir. Esta batalha é conhecida pelo nome de "batalha dos rumes" como diz o Poeta no c. X - 62: "De Dio os rumes feros afugenta", entendendo-se por tal nome o dos habitantes da Turquia. Torna a aparecer o nome de *rumes* na estrofe 68: "Persas feroces, abassis e rumes / Que trazidos de Roma o nome têm". Os cercos de Dio estão mencionados no c. II - 50; c. X - 62, 67, 71.

X - 35 (2) *Mélique Iaz* — Aparece escrito também *Meliquiaz* em Castanheda. *Mélique* equivale a rei, príncipe, emir, donde se poderá dizer: o rei, o príncipe, o emir *Iaz*.

X - 36 (1) *Verá braços e pernas ir nadando sem corpos de seus senhores* — Note-se mais uma vez a preferência que dá Camões ao modo impessoal do infinito: *Verá ir* e não *Verá irem*, que também, não estaria errado. Ambas as formas são corretas, tratando-se apenas de uma preferência.

X - 36 (2) *É fumo, ferro, flamas e alaridos* — Aliteração. Veja c. X - 29, verso 6.º.

X - 37 (1) *Um sucesso, que triste e negro vejo* — A morte do vice-rei na aguada de Saldanha, quando os cafres lhe atravessaram a garganta com uma zagaia. Veja c. V - 45. Conta Castanheda: "E perto daguada sahio dantreles (negros) hũa lança darremesso sem ferro e deu pela garganta ao visorey, e passoulhe a guela... e assi cahio morto" — I de março de 1510. (Cast. II - 122) — Ensinam os galófobos que *sucesso* por *êxito* é galicismo; por acontecimento, fato, é bom português.

X - 39 (1) *Melinde, Lamo, Oja, Brava* — Tristão da Cunha partiu de Lisboa com uma armada em 1506, levando Afonso de Albuquerque, sucessor de D. Francisco de Almeida. Batido por tempestades, veio dar às costas do Brasil, chegando tardiamente a Moçambique. Descobriu as ilhas que ainda hoje têm o seu nome, entre o sul da América e a África. Explorou a ilha de S. Lourenço (Madagascar). De caminho para Socotorá, tomou e saqueou Oja, a vinte léguas de Melinde, e Brava, a oitenta léguas de Oja que também aparece grafada *Hoja* em João de Barros, Damião de Góis e Castanheda. *Lamo* não se rendeu por força, aceitando pagar tributo aos portugueses.

X - 40 (1) *Albuquerque* — Afonso de Albuquerque, sucessor de D. Francisco de Almeida, separou-se de Tristão da Cunha e com armada própria foi atacar as cidades da costa da Arábia. Levava sete navios, partindo a 20 de agosto de 1507. Atacou Ormuz, Calaiate, saqueou e incendiou Curiate, Mascate, Orfacão, submeteu Soar.

X - 40 (2) *párseos* — Habitantes da Pérsia, mas também adoradores do fogo, sectários de Zoroastro ou Zaratustra.

X - 40 (3) *Que refusam o jugo honroso e brando* — Faria e Sousa achou que este jugo era o da religião, segundo as palavras de Cristo: "O meu jugo é leve". Pela narrativa, porém, dos cronistas, o jugo que os de Ormuz refusaram foi o de pagar tributo a Portugal. Deu-se uma grande batalha entre portugueses e párseos: "Ao terceyro dia despois da batalha quis nosso senhor manifestar ho milagre que fizera nalle por parte dos nossos. E foy que começarão daparecer sobre a agoa do mar muytos corpos mortos de mouros, pregados de muytas frechas, ho que foy dito ao capitão mor, que espantado daquilo mandou tomar alguns daqueles corpos: e vio que verdadeyramente erão de mouros, e as frechas taes como aquelas com que os mouros tiravão na batalha. E chorando de prazer disse a todos que ali conhecião ho milagre que nosso Senhor fizera por eles, que as mesmas frechas que os mouros lhe tiravão tornavão sobreles e os matavão... E oyto dias a reo sairão estes corpos sobre agoa: e por isso os mouros da cidade os poderão ver: e estavão pasmados de tal cousa, e dezião que deos pelejava pelos nossos" (Castanheda — II - 62). Depois desta batalha o rei de Ormuz se rendeu e aceitou o pagamento de um grande tributo a Portugal. Por toda esta narrativa se vê que o *jugo honroso e brando* não era o do Evangelho, mas o de Portugal. Seria realmente honroso e brando?

X - 40 (4) *Reciprocar-se, a ponta no ar virando* — Refere-se Camões ao fato acima narrado por Castanheda. *Reciprocar-se* neste sentido é latinismo: *reciprocare*, fazer ir e vir. Tertuliano escreveu: *reciprocare serram*, fazer ir e vir uma serra.

X - 40 (5) *que Deus peleja / Por quem estende a fé da Madre Igreja* — Releia-se o que ficou transcrito de Castanheda, no comentário 3 desta estrofe.

X - 41 (1) *Ali do sal os montes não defendem* etc. — Conta Castanheda que aí havia "hũa pequena serra que dhũa parte he hua pedreyra de sal e da outra he de veeyros denxofre" (II - 58).

X - 41 (2) *Gerum* — A ilha onde se encontra Ormuz. // *Mazcate* e *Calaiate* — Veja estr. 40 (1).

X - 41 (3) *Barém* — Arquipélago deste nome, muito rico em pérolas.

X - 42 (1) *Vitória* — A deusa das vitórias e por isto está com maiúscula. Os gregos a faziam filha de Estige e de Palas. Entre os sabinos tinha o nome de *Vacuna*. É representada com uma coroa de louros na direita e uma palma na esquerda.

X - 42 (2) *Goa* — Tomou-a Albuquerque sem muita dificuldade em 1509, mas por pouco tempo porque o rei fez contra-ataque com grandes forças e o capitão português teve de refugiar-se em suas naus, partindo para Cananor.



X - 43 (1) *santa Caterina* — Um ano depois de ter perdido Goa, Albuquerque voltou a atacá-la com forças maiores e a tomou no dia 25-11-1510, dia de Santa Catarina de Alexandria, vencendo o rei Hidalcão. Ainda hoje, nas armas da cidade de Goa se conserva a roda dentada, instrumento do martírio da santa padroeira da cidade.

X - 44 (1) *Malaca* — Grande entreposto comercial dos mares da China. Foi depois suplantada por Singapura. A acentuação de *Malaca* é paroxítona. Muitos, sob a influência de *Málaga*, lhe dão esta pronúncia. Mas é erro.

X - 44 (2) *Os crises* — Pequenos punhais malaios.

X - 44 (3) *Jaus* — Javaneses, naturais da ilha de *Java*, dita então *Jáua*.

X - 45 (1) *Mas alembrou-lhe uma ira que o condena* — Alusão à condenação à forca de Rui Dias que violentou uma das moças tomadas em Goa e destinadas à rainha de Portugal. Apesar dos rogos dos capitães, sobretudo, de Manuel Lacerda, parente de Rui Dias, não voltou atrás Albuquerque de sua decisão nem quis comutar a forca pela decapitação. O fato provocou grande indignação na armada.

X - 45 (2) *merque* — Verbo *mercar* já fora de uso, do lat. *mercari*, negociar, vender, comprar, trocar mercadoria. Em sentido depreciativo temos *mercadejar*. O tema principal é *mercis*, mercadoria, cousa própria de comércio. Derivam-se do tema *mercadoria, mercancia, mercenário*, etc.

X - 45 (3) *Mais há de ser um brando companheiro... que juiz cruel e inteiro* — Há de ser, antes de tudo, um companheiro afável e não um juiz cruel.

X - 46 (1) *Dar extremo suplicio pela culpa / Que a fraca humanidade e Amor desculpa.* Veja o comentário de 45 (1).

X - 47 (1) *Não será a culpa* etc. — Veja o comentário 1 da estrofe 45.

X - 48 (1) *Campaspe* — Uma das cortesãs gregas que acompanhavam Alexandre. Mandou que Apeles lhe fizesse o retrato por ser muito formosa. Enamorou-se Apeles de Campaspe. Alexandre lha cedeu, compreendendo a força do amor.

X - 48 (2) *Nem vendo-se num cerco duro e urgente* — Com o gerúndio não existe atração pronominal provocada pela presença de *negativa* ou de *que*: por isto escreveu Camões: *Nem vendo-se*. Vieira escreveu: "...porque *havendo-se* dado à mesma misericórdia tantos anos..." (1.º Dom. do Adv.) — Modernamente, já se vai fazendo a atração do pronome em tais casos, conformando-se o gerúndio com a regra geral que rege a colocação pronominal com outras formas verbais. Veja os casos discutidos em nossa "Gramática Normativa", pág. 424, nota c.

X - 48 (3) *Araspas* — Ciro confiou a Araspas a esposa do rei Abradates, de Susa, aliado dos assírios. Chamava-se tal esposa *Pantéia*. Araspas, apesar da palavra dada a Ciro, tentou seduzir a prisioneira. Perdoou-lhe o rei a fraqueza.

X - 49 (1) (2) *Por força, de Judita foi marido / O férreo Balduíno* — Note-se o aportuguesamento de *Judith*, nome hebraico. Refere-se o Poeta a Judita, filha de Carlos, o Calvo, rei da França. Tinha uma vida não muito correta e fugiu com Balduíno, o Braço de Ferro. Por interferência do Papa Nicolau I, houve reconciliação entre o rei Carlos, o Calvo, e Balduíno, em 862. Deu-lhe o rei o condado de Flandres e por isto ficou tradicional, na família real da Bélgica, este prenome Balduíno. Diz Camões que Balduíno se casou com Judita *per força*, o que não nos parece exato, dada a vida leviana de Judita e a recompensa de um condado...

X - 50 (1) *Soares* — Lopo Soares de Albergaria, 3.º governador da Índia, de 1515 a 1518.

X - 50 (2) *Medina abominábil* — Cidade santa dos muçulmanos onde se encontra o túmulo de Maomé. Veja c. VII - 34.

X - 50 (3) *Meca, Gidá* etc. — *Meca* (c. IX - 2). *Gidá* (c. IX - 3).

X - 50 (4) *Abássia* — o mesmo que Abissínia; *Barborá*, cuja pronúncia é também *Berberá*; *Zeila*, todas nas costas da atual colônia inglesa de Somalis. Eis o que conta Castanheda: "(Zeila) que está na costa da Etiópia... em onze graus da banda do norte... (e a cidade) ardeu toda em quatro dias que não ficou casa nem cousa nenhũa que não fosse queimada" (IV - 19). *Barborá* que fica a "vinte léguas de Zeila".

X - 51 (1) *Taprobana* — Ceilão — Veja c. I - 1 (2).

X - 51 (2) *cortiça cálida, cheirosa* — A canela: *cortiça*, casca, lat. *cortex, cis*. Veja c. IX - 14.

X - 51 (3) *Columbo* — A capital de Ceilão. *Columbo* quer dizer apenas porto, na língua do país.

X - 52 (1) *Sequeira* — Diogo Lopes de Sequeira ou Diogo Soares de Sequeira, 4.º governador da Índia (1518-1522). *Ondas eritréias* — Mar Vermelho.

X - 52 (2) *grande Império* — A Abissínia ou Etiópia.

X - 52 (3) *Candace e Sabá* — *Candace*, rainha da Etiópia, que invadiu o Egito e foi vencida por Petrônio (20 a. C.), governador romano da Província do Egito. // *Sabá*, lendária rainha do mesmo país, que foi a Jerusalém para conhecer Salomão. Dessa visita trouxe um filho chamado David de quem os reis da Abissínia ainda se gloriam de descender.

X - 52 (4) *Maçuá* — Hoje *Maçáua*, capital da Eritréia, até bem pouco tempo ainda colônia italiana.

X - 52 (5) *Arquico*, porto vizinho de Maçáua.

X - 53 (1) *Meneses* — Duarte de Meneses, 5.º governador da Índia (1522-1524), filho do conde de Tarouca. Foi antes governador de Tânger.

X - 53 (2) *Gama* — O mesmo e famoso Vasco da Gama, então, conde da Vidigueira e almirante do mar Índico, 6.º vice-rei da Índia. O desterro de que fala o Poeta não foi desterro por penalidade, mas apenas por estar longe da Pátria.

X- 54 (1) *régia dignidade* — Vasco da Gama partiu de Lisboa a 9 de abril de 1524. Já quando se achava em Goa começou a ficar doente: "... se lhe começou hũa doença de que despois morreo e antes que fosse em crecimento se partio pera Cochim onde falleceo aos 24 de dezembro de 1524".

X - 54 (2) *Outro Meneses* — Henrique de Meneses, 7.º governador da Índia (1524-1526). Era capitão de Goa e foi o primeiro a ser nomeado pelas "Cartas de Sucessão" levadas por Vasco da Gama. Estas "Cartas de Sucessão" previam as vacâncias da sede e davam a ordem dos nomes que devia suceder uns aos outros. Tinha apenas 28 anos, nascido em 1496.

X - 55 (1) *Panane com Coulete* — Cidades e portos de grande importância, sujeitos ao Samorim de Calecu, o maior inimigo dos portugueses.

X - 55 (2) *Cometendo as bombardas* — Enfrentando as catapultas e outras máquinas de arremesso.

X - 55 (3) *Vence os imigos da alma todos sete* — Os sete pecados capitais: ira, ódio, avareza, luxúria, gula, inveja e cobiça.

X - 56 (1) *as estrelas* — O destino estava determinado pelos astros, pelas estrelas. Morreu a 2-2-1526, aos 30 anos.

X - 56 (2) *Mascarenhas* — Pedro de Mascarenhas, nomeado governador pelas "Cartas de Sucessão" (Veja o coment. 2 da estrofe 54). Achando-se como capitão de Malaca, tomou o seu lugar, com a conivência venal das autoridades Lopo Vaz de Sampaio que não quis entregar o governo a Mascarenhas. A esta injustiça aludem os versos desta estrofe.

X - 57 (1) *Bintão* — Ilha ao sul de Malaca.

X - 57 (2) *Abrolhos férreos* — Abrolhos é o nome de uma planta espinhosa e dizem os etimologistas que é a contração da frase latina *aperi oculos* (*abra os olhos!*) com a qual se alertavam os trabalhadores do campo contra o perigo de ferir-se em tais espinhos. Passou depois à língua moral como símbolo de dificuldades, sofrimentos, provações.

X- 57 (3) *Tranqueiras* — Hoje diríamos *trincheiras*, dificuldades criadas ou apropriadas dos terrenos para impedir o avanço do inimigo.

X - 58 (1) Faz referências esta estrofe à injustiça sofrida por Mascarenhas que foi ludibriado por Lopo Vaz de Sampaio que conseguiu até meter em ferros a Mascarenhas em Cananor. Depois de algum tempo, o governador de Cananor, Simão de Meneses reconheceu os direitos de seu prisioneiro, deu-lhe liberdade e o reconheceu por governador. Dando um tribunal sentença contra os direitos de Mascarenhas, regressou a Portugal em janeiro de 1528.

X - 59 (1) *Sampaio* — Veja estrofes 52 e 58.

X - 59 (2) *Bacanor* — Porto no reino de Narsinga.

X - 59 (3) *Cutiale* — Comandante de uma frota de Calecut, derrotado por Lopo Vaz de Sampaio, em 1528. Tinha a frota 130 velas. Castanheda diz: "Cutiale de Tanor, valente cavaleiro".

X - 60 (1) *Chaul temerá* — O capitão de Chaul, Francisco Pereira de Berredo, pediu socorro a Lopo Vaz que se achava em Goa, contra numerosas fustas de Diu, séria ameaça a Chaul. Lopo Vaz partiu em socorro de Berredo, perseguiu as fustas que conseguiram fugir. Mas perto de Bombaim foram descobertas e atacadas por Heitor da Silveira. Foram tomadas 46 fustas e queimadas 3.

X - 60 (2) *o Troiano* — Heitor, filho de Priamo, o mais valente dos troianos, com o qual compara Camões o valente Heitor da Silveira, dando-lhe também o nome de Heitor Português.

X - 61 (1) *Cunha* — Nuno da Cunha, filho de Tristão da Cunha, 9.º governador da Índia — de 1529 a 1538. Por isto diz Camões: "que longo tempo tem o leme".

X - 61 (2) *De Chale as torres altas* — Refere-se à fortaleza construída para defender Chale ou Chalé segundo outros. Tendo tentado tomar Diu, sem êxito, mandou construir esta fortaleza em Chale que fica a duas léguas apenas de Calecut.



X - 61 (3) *Baçaim* — Cidade na costa do reino de Bombaim, ao norte de Cambaia. Conta Castanheda as peripécias da tomada desta praça fortificada: "...porque os portugueses não podessem desembarcar junto da fortaleza... fizerão hũa tranqueyra de valos de terra que começava do baluarte e se estendia até mea legoa alem da fortaleza pera a povoação, era de altura de braça e mea e muito larga e dos mesmos valos tinha muitos baluartes em que estavão assentadas trezentas peças dartelharia" (VIII-59). "Diogo da Silveira, Martim Afonso de Melo Jusarte e Manuel Dalbuquerque desbaratarão a tranqueira dos imigos" (VIII-61).

X - 62 (1) *Noronha* — Dom Garcia de Noronha, 10.º governador da Índia e 3.º vice-rei, de 1538 a 1540. // *Cujo auspício* — Emprega o Poeta *auspício* no sentido latino de boa estrela, sorte. O lat. *auspicium* está por *avispicium*, isto é, a consulta, o exame que se fazia do vôo das aves e muitas vezes das entranhas para daí tirar conclusão favorável ou desfavorável a algum empreendimento. O *auspicium* era feito sempre antes, por exemplo, de uma batalha, de uma expedição guerreira. Passou depois ao significado de proteção, mas proteção sempre baseada na consulta das aves e daqui a expressão *sob os auspícios de*, isto é, debaixo da boa estrela, da boa sorte, da inspiração de.

X - 62 (2) *De Dio os Rumes feros afugenta* — A praça forte de Diu foi atacada primeiramente em junho de 1538 pelas forças do rei de Cambaia sob o comando de Coge Sófar e Alu Can e por uma armada turca às ordens de Solimão II, pachá do Cairo. O capitão da praça, António da Silveira sustentou o cerco até novembro quando chegava o novo governador Noronha. Indeciso e medroso, Noronha juntou em Goa bom número de navios para ir em socorro de Silveira, mas em meio à sua indecisão lhe veio a notícia da fuga dos sitiantes, o que foi grande alívio ao pusilânime vice-rei. Por isso disse Camões: "*cujo auspício* (cuja sorte) de Diu os rumes afugenta". Estes *rumes* eram os turcos, os que habitavam o império romano do Oriente. A Trácia e outras partes eram chamadas Romênia, Romélia, derivações de *Roma* que, na pronúncia do tempo, passou a *Rume*.

X - 62 (3) *um teu ramo, ó Gama* etc. — Estêvão da Gama, segundo filho de Vasco da Gama, que foi o 11.º governador da Índia, de 1540 a 1542. Empreendeu uma expedição contra Suez para destruir os navios turcos ou egípcios que molestavam os portugueses. Tomou e destruiu Suaquem e Alcoar, mas nada conseguiu em Suez. Camões exagerando o feito de Estêvão da Gama, emprega o trocadilho: *o Roxo mar fará amarelo*, naturalmente, amarelo de medo.

X - 63 (1) *um que já será ilustrado no Brasil* — Martim Afonso de Sousa que estivera em S. Vicente e descera até o Rio da Prata, escrevendo o seu diário, um dos primeiros documentos escritos sobre o Brasil. Sucedeu a Estêvão da Gama no governo da Índia. É a única vez em que Camões emprega a palavra Brasil com referência à nossa pátria. Alguns estranham e até se ofendem com o silêncio do Poeta a respeito desta possessão de Portugal; a razão é muito fácil de compreender: toda a atenção de Portugal estava voltada para a Índia, cujas riquezas e cujo estado de adiantamento ofereciam grandes fontes de lucros. O Brasil, que nem sequer estava dividido em capitanias, nada poderia oferecer à ambição de Lisboa. Nenhum feito de vulto havia sido praticado aqui pelos portugueses para servir de tema a Camões. Ainda muito tempo depois, quando os holandeses invadiram Pernambuco e Bahia, muito pouco fizeram as armas de Portugal. A expulsão dos holandeses foi toda feita pelos próprios brasileiros.

X - 63 (2) *O pirata francês* — Martim Afonso de Sousa aprisionou, na altura do cabo de S. Agostinho, em Pernambuco, três naus francesas que estavam carregadas de pau-brasil. Não foi tão grande feito como enaltece o Poeta. Maiores feitos praticaram Mem de Sá e Estácio de Sá quando tiveram de combater os franceses no Rio de Janeiro e depois no Ceará, no tempo de Villegaignon e Dugais Trouin.

X - 63 (3) *Damão* — No golfo de Cambaia, ainda hoje possessão portuguesa. No ataque ao forte, conta Castanheda: "... tanto que Martim Afonso vio que Diego Alvares e os outros sobião pela escada, acodio a esforçar os que estavão à porta e a força d'ombros que pôs com outros deu com eles dentro". Foi o primeiro a entrar na fortaleza. Usa Camões *entra a porta*, sintaxe correta, mas já posta de lado. Hoje se diz *entrar à* ou *na porta*.

X - 64 (1) *o rei cambaico* — Nos territórios da Índia onde ainda hoje está Delhi ou Dehli, havia sido fundado o império do Grão Mogor, dito também Grão Mogol e modernamente *Mongol*, por Baber, descendente de Tamerlão. Em 1535 havia guerra entre este império e o reino de Cambaia, cujo sultão era Badur, com grandes desastres para este último. Por conselho de Coge Sófar, pediu o auxílio dos portugueses, assinando vários contratos e obrigações, entre as quais a de permitir que fosse construída por Martim Afonso de Sousa uma fortaleza em Diu que foi começada em novembro de 1535.

X - 65 (1) *Destruirá a cidade Repelim* — Note-se primeiramente a construção gramatical *cidade Repelim*, como simples aposto e não *cidade de Repelim*, como complemento restritivo, provando mais uma vez a antigüidade desta sintaxe que já nos veio do latim. *Repelim* era inimiga dos portugueses e amiga do rei de Calecu. Por várias vezes este monarca havia tentado chegar a Repelim para aí receber as homenagens dos vassalos, mas sempre fora impedido pelos navios portugueses. Buscou outra passagem, denominada a do *Vão*, mais acima, porém, Martim Afonso de Sousa, sabendo de tudo, aí apareceu e em duas batalhas destroçou os inimigos, afugentando o próprio rei então presente. Já antes havia tomado e queimado Repelim.

X - 65 (2) *Junto ao cabo Comorim* — Outra façanha de M. A. de Sousa: perseguindo a frota do rei de Calecu, depois de dobrar o cabo Comorim, conta Castanheda: "...proseguindo daqui em vusca dos mouros, foi os achar na enseada de Beadalá, hũa grande povoação perto dos baixios de Chilã". Venceu os inimigos numa batalha em terra, queimou-lhes 25 fustas.

X - 65 (3) *Márcio jogo* — Veja X - 19, verso 5.

X - 66 (1) *Virá despois com cetro a governá-la* — M. A. de Sousa voltou a Portugal em 1538, em companhia de Nuno da Cunha que faleceu na viagem. Foi nomeado governador da Índia e em 1541, chegando a Goa em 1542. Governou até 1545.

X - 66 (2) *Baticalá* — Diogo do Couto conta o que foi a destruição desta cidade governada por uma rainha, na costa ocidental da Índia, acima de Bacanor. Não querendo a rainha pagar os tributos atrasados nem entregar os navios que serviam à pirataria contra os portugueses, Martim Afonso de Sousa desembarcou suas tropas e depois de vencer o inimigo, entregou a cidade de Baticalá ao saque da soldadesca. Tudo foi roubado e todos foram violentados, não se respeitando sexo nem idade. Por fim foi incendiada e reduzida a cinzas, "sem ficar cousa em pé", diz o cronista. (Déc. V - 9, 2).

X - 67 (1) *Martinho* — Camões faz trocadilho, baseando-se na etimologia da palavra: *Martim* é a forma apocopada de *Martinho* e esta procede do lat. *martinus*, adjetivo de *Mars, Martis*, o deus da guerra.

X - 67 (2) *Castro* — Dom João de Castro, 13.º governador da Índia, de 1545 a 1548, 4.º vice-rei. Em sua companhia foram dous filhos: Fernando e Álvaro que o Poeta menciona na estrofe 70.

X - 68 (1) *Rumes* — Veja estrofe 62 (2).

X - 68 (2) *ao cerco* — Foi o segundo cerco de Diu ordenado pelo sultão Mahamude, sucessor de Badur. As tropas de Cambaia eram comandadas por Coge Sófar. Começou a operação bélica em maio de 1546 e foi até novembro. A Coge Sófar sucedeu, no comando o filho Rumecão. Nas tropas inimigas havia soldados de todos os aliados do sultão e por isto diz Camões: *mil nações*, em numeração indeterminada.

X - 68 (3) *os bigodes retorcidos* — Nota o Poeta o costume do Oriente e mais dos turcos de trazer os bigodes retorcidos, com as pontas voltadas para cima. Notamos a palavra *bigodes* até hoje ainda não explicada suficientemente. Querem alguns que venha da exclamação alemã *bei Got*, (por Deus), exclamação que tem muito de blasfema e era usada freqüentemente pelos soldados, os quais traziam com grande cuidado os pêlos do lábio superior como grande distintivo de masculinidade. Como tais soldados, que tinham tal ornato do lábio superior, diziam muito *bei Got*, se deu a tal ornato masculino a mesma expressão alterada em *bigote* (espanhol) e *bigode* (português). Outros preferem ver em *bigot*, *bigote* um diminutivo de *viga* e suf. *ote*, comparando o bigode a uma pequena viga atravessada na cara. Em nossa opinião, *bigode* procede de *bico*, designação disfêmica de lábio, como ainda hoje dizemos: dar uma *bicota*, uma bicada, um beijo. Houve depois abrandamento de *c* em *g* e de *t* em *d*.

X - 69 (1) *Basiliscos, leões* — Era costume dar aos canhões nomes de animais ferozes e fabulosos como o basilisco.

X - 69 (2) *Mascarenhas* — Trata-se de Dom João Mascarenhas, comandante da praça forte de Diu.

X - 70 (1) *Fernando, ramo da alta planta* — Fernando de Castro, filho de Dom João de Castro e por isto *ramo de alta planta*, de alta nobreza e fidalguia. Note-se que Camões escreveu *pranta* como escrevia *púbrico*, *frecha* etc. D. Fernando tinha apenas 19 anos.

X - 70 (2) *Álvaro de Castro* — Outro filho de D. João de Castro, enviado em socorro de Diu apesar de ser inverno e de estarem tempestuosos os mares, conseguiu terminar a expedição.

X - 71 (1) *Eis vem despois o pai* — D. João de Castro partiu com uma armada de doze galeões e outros navios de remo, a 17 de outubro de 1546, para levantar o cerco de Diu. Em duas batalhas desbaratou os sitiantes e levantou o cerco.

X - 72 (1) *amedrenta* — A formação do verbo *amedrentar* ou modernamente *amedrontar* é curiosa: de *medor*, formado de *medo* + *or*, como *calor*, *valor*, e sufixo *entar* = *a* + *medorentar*, com a prostético; com a síncope de o antetônico temos *amedrentar* que se encontra no verso camoniano. A forma *amedrontar* é posterior com a dissimilação do segundo e em o. De *medor* e o suf. *oso* temos *medoroso* e depois, por síncope, *medroso*.

X - 72 (2) *multidão quadrupedante* — A cavalaria, modo de dizer, porque no exército indiano, os cavalos estavam substituídos por elefantes. O adjetivo é latino: *quadrupedans, quadrupedantis* como se lê em Vergílio (Aen. VIII - 596 e XI - 614).

X - 72 (3) *Dabul* — Veja c. X - 34.

X - 72 (4) *Pondá, no sertão posta* — Cidade entre os rios Zuari e Candiapor. // *Sertão* — do lat. *sertum*, bosque, mata, floresta e suf. *anus* = *sertanus*, como de *pagus paganus*, de *urbs urbanus*, de *villa villanus*.

X - 73 (1) *Virão lograr os gostos* — Os prazeres, os gozos.

X - 74 (1) *alegres vodas* — Assim escreveu Camões, conservando a forma latina de *vota*, plural de *votum*. Hoje *bodas*, com timbre fechado.



X - 74 (2) *as rodas da Fortuna* — Velha expressão clássica. A mitologia a representa em forma de mulher cega, com asas nos pés, um dos quais está apoiado numa roda que gira sempre. É cega porque distribui os seus favores sem método, sem ordem, como ela deseja, caprichosamente.

X - 74 (3) *cônsona voz* — Em voz que corresponde exatamente ao ritmo da música, em concordância com outra. É latinismo, adjetivo de raro emprego na própria literatura latina.

X - 76 (1) *mercê* — Prêmio, benefício, recompensa, doação, do lat. *mercedem*.

X - 76 (2) *de veres co'os olhos corporais* — Pleonasmo intencional, distinguindo a visão física, com os olhos, da visão intelectual, do conhecimento através dos raciocínios e da razão.

X - 76 (3) *Sigue-me tu co'os mais* — Notemos primeiro o imperativo arcaico *sigue;* segundo a concordância de *sigue* apenas com *tu* e não *co'os mais* porque desejava o Poeta colocar em ressalto a pessoa do Gama. A regra da precedência das pessoas gramaticais sofre muitas exceções como se poderá ver na "Gramática Normativa" em seu lugar adequado.

X - 77 (1) *que divino chão pisava* — O verbo *pisar* além desta regência objetiva direta, tem a indireta com *em: pisar no chão*. Ambas corretas.

X - 78 (1) *Qual a matéria seja, não se enxerga* — Expõe Camões o sistema cosmográfico do tempo, o sistema de Ptolomeu. Somente em 1543 publicava Copérnico o seu novo sistema. Nada de admirar que Camões não se sirva da novidade porque ainda no tempo de Vieira, não estava inteiramente aceito: "Copérnico, insigne matemático do próximo século, inventou um novo sistema do mundo, em que demonstrou ou quis demonstrar (posto que erradamente) que não o sol o que se movia e rodava o mundo, senão que esta mesma terra em que vivemos, sem nós o sentirmos, he a que se move, e anda sempre á roda" (Prim. Dominga do Adv.). *Matemático* era então sinônimo de cosmógrafo, astrônomo. No sistema de Ptolomeu, a terra é o centro do Universo. Ao seu redor giram a Lua, Mercúrio, Vênus, o Sol, Marte, Júpiter e Saturno. Veja o c. I - 21. Eram sete os céus ou esferas. A terra estava cercada pelo ar, este pelo fogo. Veja c. II - 33.

X - 78 (2) *vários orbes... divina verga* — Os orbes ou mundos são as esferas presididas pelos planetas. Veja o comentário precedente. *Verga*, do lat. *virga*, varinha, a famosa vara mágica, vara de condão que tudo transformava ou criava. Os portugueses pronunciam *vêrga* e os brasileiros *vérga*.

X - 79 (1) *Arquetipo* — Camões não acentuou *arquétipo*, usando a acentuação errada. É o tipo modelo, existente na mente divina.

X - 79 (2) *transunto* — O resumo, a cópia em miniatura.

X - 80 (1) *Etérea e elemental* — *Etérea* está por superior, externa em oposição à *elemental*, interna, formada pelos elementos ar, água, fogo, terra. É a teoria do tempo. "A máquina (a construção) universal do mundo divide-se em duas regiões a saber: em etérea e elemental" (J. de Sacrobosco — Sphaera, II).

X - 80 (2) *Quem cerca* — Que dirige, sustenta, abrange.

X - 81 (1) *Este orbe que, primeiro*, etc. — Este primeiro orbe que, etc. — Este céu, esta esfera primeira é o *Empíreo* como declara no 5.º verso, o céu onde se passam os fenômenos de luz, onde estão as estrelas, os meteoros. O cristianismo tomou como sinônimo do céu onde estão as almas dos bem-aventurados. Gr. *émpyros*, ardente, inflamado, de *en* + *pyros*, fogo (*pyr*).

X - 81 (2) *De quem não há no mundo semelhança* — *Quem* com antecedente de cousa já saiu do uso. Diríamos hoje: *Do qual*.

X - 82 (1) *Divos* — Divinos. Latinismo. *Divus* era todo imperador romano divinizado, não, porém, de real divindade. No Renascimento foi o termo empregado como sinônimo de *santo*. Camões salva o seu catolicismo, fazendo que os próprios deuses se confessem fabulosos, fingidos.

X - 82 (2) *Só para fazer versos deleitosos* — Aqui está explicado pelo genial Camões o uso da mitologia pagã, do maravilhoso greco-latino: era um recurso poético, uma das receitas da épica dos tempos clássicos.

X - 83 (1) *Júpiter* — Era o deus máximo da mitologia, aquele que governava o Olimpo e a Terra. No Renascimento, muitos humanistas paganizantes chegaram a dar o nome de Júpiter ou de Zeus ao Padre Eterno; o de Apolo a Jesus Cristo. Não é sem fundamento que o Poeta diz: "a Santa Providência que em Júpiter aqui se representa".

X - 83 (2) *espíritos mil* — Os antigos já admitiam a existência de anjos, espíritos, bons e maus, que se imiscuíam na vida dos mortais. Henry Bardon, em seu interessantíssimo livro, "La Littérature Latine Inconnue" (II vol. — 265), escreve: "... lorsque Labéo développe la théorie néo-platonicienne des Démons, il remarque, dit P. de Labriolle, que d'autres appellent ainsi ces êtres intermédiaires des anges. Mais Porphyre distinguit déjà anges et démons; le mot *ange* n'est pas un terme spécifiquement chrétien". Segundo este autor, o gr. *ángelos*, lat. *angelus*, cujo significado era *mensageiro*, não tomou o sentido de *anjo*, entidade espiritual, por influência do cristianismo, mas já era assim considerado pelos filósofos pagãos. Muitos filósofos da Idade Média ensinaram que os próprios planetas e astros eram sustidos e mantidos por anjos. Milton aceitou esta idéia no poema "Lost Paradise". Santo Tomás de Aquino defendia a mesma opinião.

X - 83 (3) *a profética ciência* — As Sagradas Escrituras.

X - 83 (4) *exemplos bons e maus* — Camões quer dizer que o mundo, apesar de ser dirigido pela Divina Providência, apresenta fatos bons e maus, sendo todos úteis: os bons ajudam positivamente os homens; os maus, negativamente, incutindo-lhes medo.

X - 84 (1) *logo* — É conclusiva: por isto, pois, conseguintemente. // *pintura* — A poesia. Já em outros lugares disse Camões que a poesia era uma pintura que falava, e que a pintura, uma poesia muda. Veja c. III - 54; c. VIII - 43.

X - 84 (2) *o sacro verso* — A Bíblia.

X - 84 (3) *esse nome preminente* — O nome de Deus, deuses. Os demônios, anjos maus, maus espíritos, foram chamados deuses pelos Santos Padres. Afirma o P. J. M. Rodrigues que esta estrofe foi escrita a mandado do censor F. B. Ferreira para desculpar o Poeta perante a Inquisição.

X - 85 (1) *segundas causas* — As criaturas que obedecem a Deus, primeira causa de tudo.

X - 85 (2) *mundas almas* — As almas limpas de pecado, os justos. *Mundo* por limpo é latinismo. Na língua geral ficou apenas o composto *imundo*. Temos ainda o verbo *mondar*, alimpar, de *mundari*.

X - 85 (3) *que não anda* — O círculo, a esfera, o Empíreo era imóvel; as demais giravam em torno dele. É a doutrina de Santo Tomás: "Coelum autem empyreum non est mobile" (Summa — I - 66, 3).

X - 85 (4) *que não se enxerga* — Por causa da rapidez com que gira, parece à vista que está imóvel.

X - 86 (1) *rapto* — Impulso. O primeiro móvel dava o impulso que fazia girar os demais círculos ou esferas ou orbes, do oriente para o ocidente, em 24 horas.

X - 86 (2) *por obra deste, o Sol* — Causa desse impulso, desse rapto, dado pelo primeiro móvel, o Sol, executando o seu movimento de oriente para ocidente, produzia o dia e a noite.

X - 86 (3) *curso alheio* — Porque o movimento lhe era comunicado pelo primeiro móvel.

X - 86 (4) *Debaxo deste* — Debaixo do Empíreo vinha o cristalino, onde estava o elemento água é por isto também chamado *áqueo* — "Coelum nonum... a quibusdam aqueum, ab aliis chrystallinum appellatur". Marg. Phil. 526 — apud Epifânio, pág. 259, nota 5-8. Enquanto o Empíreo gira tão rapidamente que até parece estar imóvel, o cristalino se move vagarosamente. Pedro Nunes, em seu "Tratado da Sphera", citado por Epifânio, afirma que o cristalino, em 200 anos faz um grau e 23 minutos. Camões arredondou os números.

X - 87 (1) *Olha est'outro* — O terceiro céu ou esfera, o firmamento das estrelas fixas. Estas são "os corpos lisos e radiantes" de que fala o Poeta.

X - 87 (2) *axes* — Eixos, pólos; do lat. *axis*.

X - 87 (3) *Cinto de ouro* — O zodíaco.

X - 87 (4) *Aponsentos de Febo* — Camões escreveu *apousentos*, forma vulgar. Os *aposentos* ou *casas* são as divisões do zodíaco, geralmente, representadas por animais e outros signos em cada uma das quais entra o sol em seu giro ao redor da terra. Estes *aposentos* são *limitados*, isto é, cada qual tem o seu raio determinado de ação. Os astrólogos estudam sempre a conjunção do sol com um ou mais destes signos para daí tirar suas conclusões quanto à influência deles nas criaturas.

X - 88 (1) *a pintura que as estrelas fulgentes vão fazendo* — A disposição das estrelas, especialmente, das constelações, sugere ao povo a semelhança (a pintura) de animais e objetos: a *carreta* (a Ursa Maior), a *cinosura* (a Ursa Menor) ou como diz a palavra grega a cauda (*oura*) do cão (*kynos*). Ainda hoje falamos de *Cruzeiro do Sul*, as *Três Marias*, o *Boieiro* e nas próprias manchas da lua vemos S. Jorge, o dragão, etc.

X - 88 (2) *Andrômeda e seu pai* — Cefeu, rei da Etiópia, tinha por esposa Cassiopéia que desafiou, num concurso de beleza, as ninfas do mar. Revoltadas as ninfas com esta audácia, mandaram um monstro, em forma de serpente, atacar os mares da Etiópia. Disse o oráculo que Cefeu devia sacrificar sua filha Andrômeda para aplacar o monstro. Perseu, porém, matou a serpente e libertou Andrômeda. Toda a família foi posta no céu: *Andrômeda* é uma constelação do hemisfério boreal. *Cassiopéia* é outra constelação, nas vizinhanças do pólo norte. *Drago* ou dragão está entre a pequena e a grande Ursa.

X - 88 (3) *E do Orionte o gesto turbulento* — Orion era um gigante daqueles que atacaram o céu. Foi amado por Diana e colocado numa constelação. Apesar de gigante era de grande beleza. Veja c. VI - 86. O aparecimento de Orion prediz chuvas, ventos, tempestades. Por isto lhe dá Camões o adjetivo *turbulento*. Alguns, achando que *turbulento* não rima com *horrendo*, quiseram substituir por *metuendo*, *tremendo*, etc. Não podemos dizer que não existe rima entre *turbulento* e *horrendo*: existe rima imperfeita, mera assonância. É possível que o Poeta, pensando nas rimas da estrofe seguinte: *Firmamento, movimento*, por uma prolepse mental se tenha deixado influenciar, escrevendo *turbulento*.



X - 88 (4) *Olha o Cisne morrendo* — Veja a lenda no c. IX - 24 e 43. Todos os demais nomes são "figuras" que as constelações pintaram na imaginação do povo.

X - 89 (1) *o céu de Saturno* — É o sétimo céu. Segue-se a série dos círculos ou orbes presididos cada um por um planêta. Saturno é chamado deus antigo porque foi pai de Júpiter.

X - 89 (2) *O claro Olho do céu* — O sol.

X - 89 (3) *Mercúrio, de eloqüência soberana* — Mercúrio era o deus da arte de falar, aquele que dava aos homens o dom da expressão elegante. Devia ser assim porque era o mensageiro dos deuses, uma espécie de advogado profissional do Olimpo, encarregado de resolver todos os problemas dos homens e dos deuses.

X - 89 (4) *Com três rostos, debaixo vai Diana* — É a Lua que toma três nomes e se reveste de três personalidades: no céu é Lua; na terra é Diana; no inferno é Hécate.

X - 90 (1) *grave... leve* — Cada planeta tem o seu curso, a sua rotação diferente: uns vão mais depressa, outros mais devagar.

X - 90 (2) *Ora fogem do centro... ora da terra estão caminho* — No sistema apresentado, tendo a terra por centro, os planetas ora se afastam, ora se aproximam deste centro. Refere-se o Poeta à diferença de distância em que sempre se encontra a órbita dos planetas em relação à órbita da terra.

X - 90 (3) *Que o fogo... o ar... o mar*, etc. — Alguns dos elementos clássicos dos gregos: terra, ar, fogo, água.

X - 91 (1) *se contentam de sofrerem* — Infinito pessoal contra todas as regras das gramáticas. Deveria ser *se contentam de sofrer*.

X - 91 (2) *os insanos mares* — Mares tempestuosos, sempre agitados como loucos.

X - 92 (1) *em policia e fortaleza* — *Policia*, o mesmo que civilização, costumes determinados por leis. *Fortaleza* — Preparo militar, disposição guerreira.

X - 92 (2) *Co'o cabo que até'qui se vos negara* — O famoso Cabo Não e depois da Boa Esperança. A edição de Epifânio, por erro certamente de imprensa, mudou o pron. *vos* em *nos*, o que não tem sentido.

X - 92 (3) *terra que se habita dessa gente* — Voz passiva de partic. *se* e agente expresso, o que já saiu do uso moderno da língua. Hoje diríamos: *terra que é habitada por essa gente*.

X - 93 (1) *Benomotapa* — Apresenta, em J. de Barros, as variantes: *Bonomotapa, Monomotapa*. Império do sul da África onde hoje se encontram Sofala, Manica e a Rodésia.

X - 93 (2) *Gonçalo* — É Gonçalo da Silveira, missionário jesuíta, morto à instigação dos maometanos sob a acusação de ser feiticeiro. Foi morto a 16 de março de 1561 por ordem do monarca que ele havia batizado. Camões dedicou-lhe o soneto:

"Não passes, caminhante! — Quem me chama?  
— Uma memória nova e nunca ouvida,  
De um que trocou finita e humana vida  
Por divina, infinita e clara fama.

— Quem é que tão gentil louvor derrama?  
— Quem derramar seu sangue não duvida  
Por seguir a bandeira esclarecida  
De um capitão que a Cristo muito ama.

— Ditoso fim, ditoso sacrifício,  
Que a Deus se fez e ao mundo juntamente!  
Pregoando direi tão alta sorte.

— Mais poderás contar a toda a gente  
Que sempre deu na vida claro indício  
De vir a merecer tão santa morte.

Este jesuíta tinha um irmão Dom Simão da Silveira, que era poeta e devia ter sido amigo de Camões.

X - 93 (3) *Nace o metal* — Refere-se às minas de ouro. Era corrente já em latim a expressão *nascer o ouro, criar-se o ouro*, como se fosse o metal um ser animado.

X - 93 (4) *Cuama* — Hoje o *Zambeze*.

X - 94 (1) *Nhaia* — Pero de Nhaia, espanhol, que construiu um forte em Sofala. O rei do país veio depois atacá-lo com 6.000 homens. Nhaia os repeliu, matando o rei, em 1505. J. de Barros refere-se a Nhaia em Décadas — I - X, 3.

X - 95 (1) *cocodrilo* — Forma arcaica e ainda vigente em espanhol. Lat.

cocrodilus, do gr. *kokrodeilos*. Já em latim havia a variante *crocodilus* com metátase.

X - 95 (2) *Méroe* — Chamado depois Nubá. Os antigos pensavam que fosse uma ilha esta região por estar compreendida entre o Nilo Azul, Nilo Branco e o Astabar. Foi estado poderoso, dando uma dinastia ao Egito no séc. VIII a C.

X - 95 (3) *Nobá*, ou *Nubá* — Veja o comentário anterior.

X - 96 (1) *Dom Cristóvão* — Irmão de Dom Estevão da Gama, filhos de Vasco da Gama. Por mandado do pai, foi com pequena força socorrer a Etiópia invadida pelo xeque de Zeila, aliado dos turcos. O socorro foi solicitado pela rainha por ser o rei menor. Depois de algumas vitórias, vindo reforços turcos enviados pelo pachá de Zebid, foram batidos os portugueses e aprisionado Dom Cristóvão que foi degolado pelo xeque depois de muitas torturas. Os portugueses eram apenas 400.

X - 96 (2) *O Rapto rio* — É o rio *Rhaptus* dos geógrafos antigos. J. de Barros (Déc. III - 4, 1) dá-lhe também o nome de *Obii* e o faz nascer na Abissínia. O nome atual é *Uebe*. Camões, baseando-se em J. de Barros, confunde o Rapto com o Sabaqui. // *Romance* — A língua do país, a língua nacional, e não no sentido lingüístico de idioma, língua, dialeto derivado do latim.

X - 96 (3) *Quilmance* — É o nome da parte inferior do rio Obi e da povoação aí existente, uma légua ao norte de Melinde. Segundo Barbosa Bettencourt baseado em J. de Barros, *Quilimance* quer dizer: o rio da montanha e designou primeiro o Sabaqui.

X - 97 (1) *Arómata* — Palavra latina e grega *aroma, aromatis*, no plural neutro *aromata*. Hoje é o cabo *Gardafui*. O nome foi dado, de modo geral, a toda a costa da Somália donde vinham os perfumes, os aromas, as resinas de queimar e perfumar o aposento.

X - 97 (2) *Mar Roxo* — Veja c. II - 49. Diz Camões que a coloração vem do fundo do mar e pensavam os antigos que este fundo tivesse tal cor pela abundância de coral. Outros mais modernos acham que sejam algas submarinas que produzam tal coloração vermelha. Outros ainda atribuem o *vermelho* ao nome dos povos que habitavam a região, como *Edom* em hebraico, *Himyar* em árabe e *Punt* em egípcio. Todas estas palavras significam *vermelho*.

X - 97 (3) *Maçuá* — *Arquico* — Veja X - 52. *Suaquêm* escrito *Çuaquêm* é hoje *Suakin*, porto egípcio no Mar Vermelho.

X - 98 (1) *Héroas* — Já Plínio, o Antigo, cita esta cidade: *Heroon Oppidum* (N. H. VI - § 185). Nas proximidades desta antiga povoação está a moderna *Ismailia*. Quando lá estivemos, em 1952, a pronúncia era sempre paroxítona *Ismailia*, rimando com *Maria* e não como se ouve no Brasil *Ismailia*, proparoxítona, em rima imperfeita com *ilha*.

X - 98 (2) *Tem das frotas do Egipto a potestade* — É o porto militar do Egito.

X - 98 (3) *patente estrada* — Estrada aberta, do lat. *patens, patentis*, part. pres. de *patere*, abrir, franquear. // *Mousés*, variante de *Moisés*. Ouve-se ainda *Monsés* entre o povo. Veja c. IV - 63; c. VI - 81.

X - 99 (1) *Co'o sepulcro de Santa Caterina* — No mosteiro de Santa Catarina, no monte Sinai. Diz a lenda que para lá transportaram os anjos o corpo da santa que fora martirizada em Alexandria. É a mesma lenda do transporte do corpo de Santiago a Compostela.

X - 99 (2) *Toro, Gidá* — *Toro* é um porto na península de Sinai. *Gidá* veja c. IX - 3.

X - 99 (3) *as portas do estreito* — É o Bab-el Mandeb.

X - 99 (4) *serra de Arzira* — Segundo J. de Barros e Castanheda, o nome era *Arzina*, que passou a *Arzira*.

X - 99 (5) *pedra viva* — Pedra nua, sem vegetação alguma, como se diz *carne viva* a que não tem a proteção da pele.

X - 100 (1) *Arábias três* — Veja c. IV - 63.

X - 100 (2) *gente vaga e baça* — Nômades e de cor escura, oliva, sem ser preta.

X - 100 (3) *Outro estreito* — O de Ormuz.

X - 100 (4) *faz a traça* — Os contornos, a forma, a configuração: cabo *Fartaque*. Note-se para a gramática *cidade Fartaque* e não *cidade de Fartaque*.

X - 101 (1) *Dófar* — Só há ruínas desta povoação. Os árabes dizem *Dhâfar*, nome da planície onde estão as ruínas. A estas dão o nome de *El Balad*, a cidade.

X - 101 (2) *Roçalgate* — Cabo à entrada do golfo de Oman. Barbosa Bettencourt dá como formação árabe: *Ras* (monte), *el Hadd*, tendo-se dado a guturalização do *h* em *g*.



X - 101 (3) *Castel Branco* — D. Pedro de Castelo Branco, capitão de Ormuz, vencedor da esquadra turca.

X - 102 (1) *Asaboro* — Assim chamado por Ptolomeu, mas *Maçadão* ou *Moçadão* pelos naturais. J. de Barros traduziu por *Asaboro* o genitivo plural latino *asaborum promonturium*, o promontório dos asaboros.

X - 102 (2) *que é fechado* — Refere-se ao golfo pérsico, que está contornado pelas terras da Arábia e da Pérsia. Note-se que Camões usou *pérsias terras*, pérsias como adjetivo, como hoje dizemos *persas terras*. Epifânio da Silva Dias não entendeu o passo e transcreveu: *Da Arábia e Pérsia, terras abundantes*. A nossa transcrição é fiel à edição "princeps".

X - 102 (3) *Barém* — Veja c. X - 41.

X - 102 (4) *perlas ricas imitantes à cor da Aurora* — Verso muito citado pelas gramáticas como exemplo de particípio presente *imitantes*, em sua primitiva função de verbo ativo, transitivo, tendo, portanto, objeto próprio. Hoje diríamos *imitando* ou *que imitam*. O verbo *imitar* rege objeto direto, de modo que a crase posta em *imitante à cor* é desnecessária.

X - 102 (5) *Tigris* e *Eufrates* unidos formam o *Chat-el Arab* (o rio dos árabes) quando se lançam no golfo pérsico.

X - 103 (1) *Que se injuria de usar fundido cobre* — Existe aqui um problema de gramática: segundo os preceitos desta, não havendo verbos proparoxítonos, a acentuação é paroxítona, *injuria*, contando 4 sílabas. Neste caso está errado o verso com onze sílabas. Barbosa Bettencourt manda que se conte *injuria* de tal modo que as duas últimas sílabas (*i-a*) formem uma só. Epifânio da Silva Dias adota esta interpretação de Bettencourt o que é impossível, pois, o *i* é tônico e não pode fundir-se com *a*. G. de Amorim achou que Camões pronunciava *injúria*. Neste caso ficaria certo o verso com 10 sílabas. Depois da crítica acerba, exagerada, de Leite de Vasconcelos à edição que Amorim fez de "Os Lusíadas", ficou em moda entre os autores portugueses fazer pouco neste comentador de Camões, achado que basta ser de Amorim para ser errado. Não, não é tanto assim. Amorim está certo e errados estão Bettencourt e Epifânio: no Brasil ainda é assim que o povo pronuncia: *injúria* (verbo) com a mesma acentuação do subst. (*injúria*). Essa outra afirmação de que não há verbos proparoxítonos em português, muito aceita de João Ribeiro, é outra que não se admite. Não se diz *míngua, água, deságua, apazígua, enxágua, delínque?* Sabemos que há os que condenam estas pronúncias, mas sem razão alguma: estão documentadas desde os mais antigos poetas do nosso idioma. Os que tiverem dúvida, consultem a nossa "Gramática Normativa" no local indicado e verão os exemplos comprovantes. Portanto, devemos ler o verso: *Que se injúria de usar fundido cobre.*

X - 103 (2) *Gerum* — A antiga Ormuz estava no continente, em frente da ilha Gerum; por vários sucessos dos tempos, aquela Ormuz desapareceu, vindo-se a fundar nova *Ormuz* na ilha que, de Gerum, passou a chamar-se também Ormuz. É a *Harmózia* de Ptolomeu, *Armuza* de Camões, acomodações de Ormuz.

X - 104 (1) *Dom Felipe de Meneses* — Capitão de Ormuz, que venceu os persas da Lara, cidade do Laristão. São os párseos do Poeta.

X - 104 (2) *Dom Pedro de Sousa* — Capitão de Ormuz — 1563. Diz Epifânio que este capitão, filho de D. Manuel de Távora e Sousa, era parente de Luís de Camões.

X - 104 (3) *Ampaza* — Discute-se a localização de Ampaza e segundo Barbosa Bettencourt é a atual *Faza*, na costa do nordeste da ilha de *Pata*, no arquipélago de *Uitu*, ao norte de Melinde.

X - 105 (1) *Cabo de Jasque, dito já Carpela* — Na entrada do estreito de Ormuz. *Carpela* é o nome que tinha na geografia de Ptolomeu.

X - 105 (2) *Carmânia* — Veja c. IV - 65.

X - 106 (1) *Olha a terra de Ulcinde* — A região do baixo Sinde, o delta do Indo, junto a cuja boca mais ocidental ficava o porto de Diul (Dayul-i-Sind), diz Barbosa Bettencourt. Como se vê, *Ulcinde* é aportuguesamento de *Dayul-i-Sind*, aparecendo aqui o caso histórico desta grafia *Sind, Sindus*, e também *Índia, Indo*, ao lado de *Hindo, Hindostão, hindu*. É um erro de leitura feita pelos gregos da expedição de Alexandre à Índia e nunca mais se poderá corrigir. O erro proveio de ser *Sindhus*, na grafia devanárica com *S* inicial que se assemelha a um *H* incompleto. Os gregos leram *Indhus* mas com espírito forte que foi transcrito pelos latinos por *H, Hindhus, Hindus*. Como nas línguas românicas e no próprio latim o *h* não tem valor, deixou-se de escrevê-lo, surgindo as formas *Indus, Indo, Índia* ao lado de *Hindus, Hindo, Hindostão, hindu*, etc. Veja "Victor Henry — Les Littératures de l'Inde" — préface).

X - 106 (2) *Jáquete* — É o moderno golfo de Katch que os ingleses escrevem *Kutch*.

X - 106 (3) *Cambaia* — Cidade importante, capital do reino do mesmo nome. Veja c. VII - 21.

X - 107 (1) *cabo Comori* — Com a variante *Comorim* — Veja X - 65. *Cori* na geografia de Ptolomeu.

X - 108 (1) *Narsinga* — Veja c. VII - 21. Toma ainda os nomes de reino do Decão, de Bisnaga. *Narsinga* era o nome de um de seus reis.

X-108 (2) *Tomé* — Referência à passagem dos Livros Santos em que se conta a incredulidade de Tomé que, se não tocasse com o dedo a chaga do lado de Cristo, não creria em sua ressurreição, o que aconteceu, pois, Cristo, aparecendo-lhe, mandou-lhe que introduzisse o dedo em seu flanco aberto na cruz pela lançada de Longinho. Daqui o dito: Ser como São Tomé: ver para crer!

X-109 (1) *Meliapor* — Faz hoje parte de Madrasta, na parte oriental da Índia.

X-109 (2) *Longe do mar* — Diz J. de Barros (Dec. III-2, 1) "... estando a cidade de Meliapor doze léguas, ha mil e quinhentos e tantos anos, afastada do mar, comeu ele tanto da terra, que ao presente está um tiro de pedra desta povoação".

X-109 (3) *Tomé vinha pregando* — É tradição que o apóstolo pregou o Evangelho na Índia. Quando os portugueses chegaram ao Malabar, encontraram aí vários cristãos que seriam descendentes dos doutrinados por S. Tomé. Eram todos nestorianos, o que fala a favor de outra pregação cristã, muito mais próxima da chegada dos portugueses, talvez, emigrados da Pérsia, onde, em Nisibe, havia numerosos adeptos de Nestório. O nestorianismo havia sido condenado em 431, mas continuava muito vivo na Pérsia e daqui foi para a Índia. Segundo Eusébio, o pai da história eclesiástica, Santiago, o Menor, foi martirizado em Jerusalém, de modo que nunca chegou a sair da sua pátria. É lenda, portanto, que tenha pregado o cristianismo na Índia. Existe no Brasil igual lenda, tendo-se alterado o nome de *Tomé* em *Sumé*, o herói branco que ensinou o cultivo da terra aos silvícolas brasileiros. Tudo simples imaginação.

X-110 (1) *Fazer dele madeira* — Note-se a diferença que faz Camões entre *lenho*, qualquer pau, e *madeira*, o pau que serve de material de construção. Tal diferença já existia em latim entre *lignum* e *materia*.

X-110 (2) *alifantes* — Já se encontra em latim dos últimos tempos *oliphantes* por *elephantes*.

X-111 (1) *o núncio* — O mensageiro, o pregador — Lat. *nuntius*.

X-112 (1) Referência ao que vem em S. Mateus — XVII-10 — "Pois em verdade vos digo que se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: Passa daqui para acolá e ele passará. Nada vos será impossível."

X-113 (1) *que ao peito traz os fios* — Trazem os brâmanes como distintivo de sua classe um cordão, ao peito, formado de três fios.

X-114 (1) *Condenaram-no a morte* — Sem crase por falta de artigo definido como se vê em *condenar a trabalho forçado, a exílio*.

X-116 (1) *Que o rei se banha logo na água santa* — Batiza-se, faz-se cristão.

X-116 (2) *em fim de tudo* — Apesar de tudo, apesar do milagre operado.

X-117 (1) *Fingiram entre a gente um arruido* — J. de Barros é a fonte desta informação: "Estando um dia pregando ao povo dum tanque... era tão avorrecido dos Brammanes da terra, pelo credito que perdião em seus errores; que ordenarão hum arroido per alguns de sua opinião, na revolta do qual o santo foi apedrejado. E jazendo no chão quasi morto de pedradas, per derradeiro veyo hum daquelles Brammanes e com hũa lança o atravessou" (Déc. III-7, 11). Como ficou explicado no comentário 3 da estrofe 109, São Tomé nunca esteve na Índia e a narração de J. de Barros, resumida por L. Camões, confunde os pormenores da morte do apóstolo: conforme a narração de Eusébio de Cesaréia, S. Tiago, o Menor, foi morto, em Jerusalém, a pedradas e a pauladas.

X-119 (1) Áspera direta aos padres portugueses que ficavam inativos ou distraídos com as superficialidades da corte em lugar de ir pregar a fé na Índia e outras partes dos descobrimentos portugueses. Muitos anos depois renovava o Padre Vieira, do alto do púlpito de Lisboa, a mesma invectiva e contra o mesmo clero português: "Ah! no dia do Juízo! Ah! Pregadores! os de cá achar-vos-eis com mais *Paço*: os de lá, com mais *passos*" (Sexagésima). Notem o trocadilho terrível do grande orador: os de cá, os padres portugueses que viviam nas rodas da corte, achar-vos-eis com mais *Paço*, isto é, com mais *palácio*. Os de lá, aqueles que iam à Índia, ao Brasil, os verdadeiros missionários, se achariam com mais *passos*, com maiores caminhadas pela fé. Esta estrofe está cheia de referências a passagens do Evangelho.

X-120 (1) *Se faz curva a gangética enseada* — Inicia-se então a grande curva da baía de Bengala.

X-120 (2) *Orixá* — Outro reino entre o de Narsinga e o de Bengala.

X-121 (1) Nesta superstição vivem ainda os povos da Índia onde as religiões são o maior obstáculo aos simples métodos de higiene.

X-121 (2) *Catigão* — Porto na foz do Ganges.

X-122 (1) *Arrácão* — Reino existente ao norte de Bengala.

X-122 (2) *Pegu* — Outro reino, fazendo parte hoje da Birmânia.

X-122 (3) *soante arame* — J. de Barros assim explica: "... e torpeza de trazerem cascaveis (guizos) soldados no instrumento da geração: convem muito



com os siamês. Donde se pode crer ser verdade o que eles contam, que aquela terra se povoou do ajuntamento de um cão e uma mulher" (Dec. III-3, 4). *Arame* está por metal, bronze.

X-122 (4) *error nefando* — Error, vício, mau costume, procedimento errado. É um latinismo, de *error, erroris*. *Nefando*, que não é permitido contar, narrar, de *nefas* o contrário de *fas*, permitido.

X-123 (1) *Távai* — J. de Barros escreve *Táuay*, última cidade de Pegu, sobre o rio do mesmo nome, onde começavam os limites de Sião (Déc. I-9, 1).

X-123 (2) *Tenassari, Quedá* — Lugares hoje da Birmânia.

X-123 (3) *mar Grande* — O mar da China.

X-124 (1) *Samatra* — Forma correta, trazida à Europa pelos portugueses. O 1.º *a* tem o valor de *â* surdo, equivalendo quase a *eu* do francês. Os ingleses, querendo conservar este timbre do *a*, o substituíram por *u*: *Sumatra*. Teve fortuna a forma inglesa que suplantou a portuguesa até na própria língua de Portugal.

X-124 (2) *Quersoneso* — A antiga *Aurea Chersoneso* dos geógrafos latinos e gregos: é a península de Malaca. Gr. *khersos* (continental) e *nesos* (ilha): ilha que se liga ao continente ou como diz o latim com maior propriedade: *Peninsula*, de *paene*, quase, e *insula*, ilha: quase ilha. Não há falta de concordância em gênero na expressão *Aurea Chersoneso* porque *Khersonesos* é feminina em grego.

X-124 (3) *Ofir* — A terra de Ofir de que fala a Bíblia, país distante, imaginário, donde mandava Salomão vir ouro e prata para o templo de Jerusalém. Nunca pôde ser identificada esta terra: acham uns que era a Espanha, especialmente a Andaluzia no tempo dos tartessos, do rei Argantônio, riquíssima em prata.

X-125 (1) *Singapura* — Camões e os clássicos escreviam Cingapura, cujo nome sânscrito quer dizer a cidade do leão: de *sinh*, leão, e *pura*, cidade.

X-125 (2) *tornando a costa à Cinosura* — Dirigindo-se ao norte. Veja c. X-88.

X-125 (3) *Pam, Patane* — Pequenos reinos do sul de Malaca, sob a dominação atual da Inglaterra. *Pam* e *Pahang*.

X-125 (4) *Menão* — Corre este rio das montanhas de Laos, banhando a cidade de Ching-Mai.

X-125 (5) *lago Chiamai* — Com este nome supunha-se até o séc. XVI que existisse tal lago na China entre 32º e 34º. Tomavam por lago o nome da cidade de Ching-Mai ou Xieng-Mai que está na margem do rio Menão. O lago só tardiamente conhecido é o de Tonlé-Sap que recebe as águas do *Menão*. Na interpretação do povo o nome do rio quer dizer mãe d'água.

X-126 (1) *Laos* — Povo do reino de Sião: "... os povos Laos, que cercam todo este Reyno de Sião, assi per cima do Norte, como do Oriente ao longo do rio Mecon" (J. de Barros — Déc. III-2, 4), // *Avás*, que Barros escreve *Auás*, na Birmânia atual bem como *Bramás*; // *Gueos*, antropófagos, no sentir de Barros, que moram nas montanhas. "O outro (rio) de Pegu passa pelo Reyno Auá que he no interior da terra" (Déc. I-9, 1). "... dos povos Bramás, os quaes confinão dentro pelo sertão com Pegu" (Déc. III-2, 5). "hũas serranias... em que habitam os povos chamados Gueos... homens tão feros e crueis, que comem carne humana... estes Gueos geralmente se pintão e ferrão per todo corpo" (Tatuagem).

X-127 (1) *Mecom rio* — Grande rio que banha Camboja. O significado de "capitão das águas" está em Barros e reproduz, naturalmente, explicação popular. Capitão está por o maior, o principal dentre os rios.

X-127 (2) *Tantas recebe de outro só no estio* — Esta é a lição da edição "princeps". Epifânio da Silva Dias aceita a sugestão de J. M. Rodrigues e traz: *Tantas recebe de outros*. O fundamento desta correção é que, em João de Barros, onde certamente se informou Camões, se lê: "... aquele soberbo Mecon... ao qual se ajuntam tantos e tão caudais rios" (Déc. I-9, 1). Disto não se segue que se deva alterar o texto do Poeta. Não quis nomear todos os afluentes do rio, mas um dentre esses muitos. A segunda razão apresentada por Epifânio é ainda menos aceitável: acha que houve engano do impressor e o comentador compara esta passagem com outra do c. I-71: *Os segredos* — que Epifânio alterou em: *Ó segredos!* porque é um vocativo. Não vemos nenhuma comparação porque em *Tantas recebe de outro* não existe vocativo algum, não sendo, portanto, comparável à outra. Por tudo isto, respeitamos a lição da edição "princeps".

X-127 (3) *gente indiscreta* — Gente ignorante. *Discreto* tinha o significado de instruído, preparado, inteligente.

X-127 (4) *Que pena e glória* — Esta mesma infantilidade, a de que, na outra vida, os animais também terão castigo (pena) e recompensa (glória), defende o espiritismo moderno. Seria necessário que os animais tivessem inteligência e vontade livre de que decorre a responsabilidade moral do indivíduo. Segundo o uso feito desta vontade livre, deste livre arbítrio é que se avalia o castigo ou a recompensa na outra vida.

X-128 (1) *Este receberá... os Cantos* — Segundo a interpretação dos co-

mentadores, refere-se Camões aqui ao seu naufrágio na embocadura do Mecon, conseguindo salvar os manuscritos de "Os Lusíadas". Conta o poeta, com notável discrição, a sua infelicidade: preso pelo capitão de Macau sob a acusação de não gerir bem o pobre cargo de procurador de viúvas, defuntos, órfãos e ausentes, ia para Goa a fim de responder perante o tribunal pela sua acusação. Naufragou o navio nos baixos do Mecon, salvando-se o Poeta e o poema. Aí se deteve por alguns meses, partindo depois para Malaca e daqui para Goa.

X - 128 (2) *cuja lira sonorosa será mais afamada que ditosa* — Camões foi profeta de si mesmo, tomando o então presente pelo futuro que, hoje, é o nosso presente. Sempre foi a sua lira e o será sempre *mais afamada que ditosa*.

X - 129 (1) *Champá, Cauchichina* — Eis como a ambos os reinos se refere J. de Barros: "Passando este reyno Camboja entra outro reyno chamado Champá nas montanhas do qual nasce o verdadeiro lenholoe (lenho aloe) a que os mouros daquelas partes chamam Calambuc: com o qual confina o reyno a que os nossos chamam Cauchi China" (Déc. I - 9, 1). Note-se a grafia *Cauchi China* que Camões reproduz: *Cauchichina*. Hoje, por influência francesa dizemos *Cochichina* e também *Cochinchina*.

X - 129 (2) *E de Ainão vê a incógnita enseada* — J. de Barros: "... a região da China repartida em quinze governanças... contando da ilha de Aynão... que hé o princípio da governança de Cantão" (Dec. I - 9, 1).

X - 129 (3) *Cinto frio* — O circulo polar ártico. A geografia de Camões não está correta porque a China fica muito longe do circulo polar do norte. É que naquele tempo, Tibét, Sibéria, Mongólia, tudo era designado simplesmente pelo nome de China.

X - 130 (1) *Olha o muro* — As muralhas da China, construidas para obstar a invasão dos tártaros. Como nota Epifânio da Silva Dias, *muro e edifício* formam uma hendíadis, figura pela qual o segundo substantivo serve de adjetivo ao primeiro: *muro edificado*.

X - 130 (2) *Estes, o rei que tem, não foi nascido príncipe* — Esta informação de Camões não é verdadeira: a sucessão era hereditária, formando dinastias. Somente se interrompeu tal transmissão de poderes quando houve invasões ou revoluções internas.

X - 131 (1) Começa Tétis a mostrar a Vasco da Gama as ilhas depois de ter-lhe mostrado os reinos do continente.

X - 131 (2) *Esta, meia escondida* — Note-se a atração sintática exercida pelo adjetivo *meia* sobre o advérbio *meio* que concordou em gênero e número com o adjetivo quando deveria ficar invariável: *esta, meio escondida*. Tal atração sintática é muito comum na língua. // *que responde à China* — Que lhe fica fronteira, em face, mas muito distante.

X - 131 (3) *donde vem buscar-se* — Partia-se da China para chegar ao Japão.

X - 131 (4) *ilustrada será co'a lei divina* — Será esclarecida com a pregação do catolicismo levado por São Francisco Xavier.

X - 132 (1) *Tidore, Ternate* — Ilhas do arquipélago das Molucas.

X - 132 (2) *áureas aves* — Os pássaros chamados "aves do paraíso", de linda plumagem. Os viajantes contavam muitas lendas destes pássaros como essa que Camões reproduz: "que não descem nunca a terra e só mortas aparecem". Outros diziam que não tinham pés e a explicação está em que tais aves do paraíso não existiam nas Molucas; eram naturais da Nova-Guiné e os comerciantes mandavam prepará-las para vendê-las em outras partes. Os preparadores, não sendo muito hábeis, cortavam-lhes os pés, donde a crença, nas Molucas, de que não tivessem realmente pés e só aparecessem mortas.

X - 133 (1) *Banda* — Arquipélago ao sul das Molucas.

X - 133 (2) *o roxo fruto* — A noz moscada que vai tendo várias cores durante o processo de maturação.

X - 133 (3) *Lágrimas no licor coalhado e enxuto* — A cânfora é uma resina ou goma que se estila dos troncos das árvores desta espécie. A pal. *cânfora* é do ár. *canfur* e também *cafur* como traz Steiger. Com o artigo *al-canfur* donde o português *alcânfora* que na boca do povo passou a *alcanfor, canfor, canfrô, canfro*.

X - 134 (1) *Timor* — Uma das ilhas do arquipélago de Sonda, ainda hoje colônia portuguesa, com 18.982 km.

X - 134 (2) *Sândalo* — É o gr. *sántalon* de que o ár. fez *sândal*.

X - 134 (3) *Sunda* — No tempo de Camões designava-se com o nome de Suda, não o arquipélago que hoje tem tal denominação, mas a parte ocidental de Java. Por causa do grande rio Chiamo que aí se encontra, tão largo que fora considerado braço de mar, pensava-se que o território fosse uma ilha.

X - 135 (1) *que o tempo tornou ilha* — Samatra que foi separada da península de Malaca por um cataclisma.

X - 135 (2) *A fonte que óleo mana* — Nafta.



X - 135 (3) *Do cheiroso licor que o tronco chora* — Pode-se entender este licor de vários modos: cânfora, incenso, benjoim, que são todos resinas. Aqui, parece-nos, trata-se da mirra porque faz logo a afirmação: "Cheiroso mais que quanto estila a filha de Ciniras na Arábia onde ela mora". Esta filha de Ciniras é Mirra. Veja c. IV - 63; c. IX - 34 e 60. Para Barbosa Bettencourt é o benjoim. Assim também pensa Epifânio da Silva Dias.

X - 136 (1) *o monte se alevanta* — É o Pico de Adão. Eis a narração de Castanheda: "No meio desta ilha (Ceilão) se levanta uma serra mui alta, e sobrela um altissimo pico em que está um tanque dágua nadivel. E em una lágea que está junto dele está uma pegada d'homem, que dizem os mouros que é de nosso padra Adão... e creem que dali subiu aos céus" (II - 22).

X - 136 (2) *pègada humana* — Ainda há alguns mal informados que pronunciam *pegada*, proparoxitonamente, quando é palavra paroxítona, rimando com *achada, calada*, etc. O erro provém de colocarem os *portugueses* acento grave no primeiro e (*pègada*) para conservar o timbre aberto e pensarem, então, os menos avisados, que tal acento grave marque a sílaba tônica. Qual a origem desta palavra? A maioria aceita que seja o lat. *pedicata*. Há, porém, grave objeção: não existe tal palavra em latim! Encontra-se *pédica*, rastro do pé e também medida agrária, a extensão de um pé. Não será, portanto, o particípio passado de *pegar*? Se assim for, não há porque acentuar *pègada*, como no Brasil onde não se faz distinção de timbre entre *pegada* (rastro do pé) e *pegada*, de *pegar*.

X - 136 (3) *Nas ilhas de Maldiva nasce a planta* — São os cocos das Maldivas, cuja casca era muito estimada como contraveneno. Apareciam tais cocos nas Maldivas, mas levados pelas correntes marítimas e como não existissem, nessas ilhas, palmeiras que os produzissem, pensava-se que fossem submarinas tais árvores. Somente no séc. XVIII foi que o fato se esclareceu: cresciam as palmeiras nas ilhas Seichelles e os cocos, caindo no mar, eram levados pelas correntes marítimas até as Maldivas.

X - 136 (4) *veneno urgente* — De efeito rápido.

X - 137 (1) *Roxo Estreito* — O de Bab-el Mandeb que dá entrada ao Mar Vermelho, Mar Roxo na expressão do tempo.

X - 137 (2) *Socotorá* — Veja c. X - 39. // *Aloé* — Ainda não se chegou a uma única acentuação nesta palavra: do gr. *alóe*, lat. *áloe*. Ramiz Galvão manda acentuar *áloe*, condenando *aloé* que acha ser francesa. Em castelhano é também *áloe*, mas escritores antigos usaram *alóe* e *aloé*. Epifânio, neste lugar, escreveu: "O vocábulo *aloe* designa tanto o suco solidificado das folhas da planta como a mesma planta. A acentuação clássica e ainda na pronúncia popular é *aloé* (= *aloés*)". A explicação não satisfaz: acentuação clássica, diz o autor, mas a que clássica se refere? à latina? à grega? à dos autores portugueses do séc. XVI? Camões não acentuou a palavra e pela contagem das sílabas vê-se que pronunciava *alóe* e não *aloé* como trazem certas edições modernas. Esta acentuação é francesa *aloès*. Em Garcia da Orta (Coloquio Segundo do Aloes) escreve sempre *aloes* como nome singular: "Do *aloes* ha poucas cousas que dizer..." (pág. 25, I vol.) — "... quanto mais amaras (as ervas) tanto sam melhores, excepto o *aloes*" (pág. 30). Como não há acentuação, entende-se que o autor pronunciava *alóes* (*a-lóes*) como se vê no verso de Camões. O Conde de Ficalho, na nota (1) da pág. 36, escreveu: "Os conhecidos nomes, grego *aloés* e latino *aloë*, parecem derivar do siriaco *alwai* etc." Há vários erros em tão poucas palavras: o grego é *alóe* e nunca *aloés*; o latim é *aloë*. Pelo grego teremos *alóe* e pelo latim *áloe*, mas como esta pronúncia seria excepcional em português, temos de concluir que a verdadeira acentuação deve ser *alóe* como está em Camões e Garcia da Orta. A pronúncia *áloe* preconizada por Galvão e Corominas é impossível quer em português, quer em castelhano e a pronúncia oxítona *aloé* sofre influência do francês.

X - 137 (3) *A massa preciosa* — É o âmbar. Veja c. VI - 25. Do ár. *anbar*, nome do peixe em cujas entranhas se forma essa massa que depois aparece flutuando no mar, especialmente, entre o Japão e as Molucas, nas proximidades de Madagascar. Muitos admitem que também exista no mar das Antilhas.

X - 137 (4) *Madagáscar* — Esta é a acentuação dada por L. Camões e preconizada pelos tratadistas portugueses. Apesar de tudo, talvez por influência francesa ou da regra geral dos nomes terminados em *ar*, todos oxítonos, a pronúncia geral da maioria é *Madagascar*. É o que se passa com *Oscar*, acentuação oxítona para a totalidade dos brasileiros, mas que, na origem nórdica é paroxítona *Óscar*, como *nenúfar, aljofar*.

X - 138 (1) *Ponente* — Forma antiga de *Poente*, do lat. *ponentem*, part. pres. de *pónere*. No lat. vulg. já se acentuava *ponére* e assim passou ao portug. arcaico *põer, poer, poor, pôr*. Da forma *poer* é que temos *poente*.

X - 138 (2) *um lusitano* — Fernão de Magalhães. Veja c. II - 55; c. X - 140-141. Camões dá a razão pela qual o grande navegador, o que primeiro contornou o mundo e descobriu o estreito que ainda toma o seu nome, se foi colocar a serviço de Castela: *de seu rei mostrando-se agravado*. Por esta razão é sem justificativa o que diz o Poeta na estrofe 140: *O Magalhães, no feito, com verdade / Português, porém, não na lealdade*. A falta de lealdade foi do rei de Portugal e não do grande navegante.

X - 139 (1) *a grande terra* — A América recém-descoberta por Cristóvão Colombo a serviço de Espanha.

X-139 (2) *Vai de Calisto ao seu contrário Polo* — Vai do pólo norte ao pólo sul. Veja c. I-51.

X-139 (3) *De lançar-lhe o colar ao rudo colo* — Este colar é o da sujeição: a maioria da América, exceptuando-se o Brasil, pertenceu à Espanha como sua descobridora e colonizadora.

X-140 (1) *onde mais se alarga* — É o Brasil, a parte maior e mais larga da América do Sul.

X-140 (2) *co'o pau vermelho nota* — Conhecida (nota) pelo pau vermelho, isto é, pelo pau-brasil, especial para a tinturaria do tempo, e que depois deu o seu nome à nossa pátria. É a segunda referência de Camões ao nosso país. Veja a 1.ª no c. X-63. O nome *Brasil*, derivado de *brasa*, de um étimo germânico, queria dizer da cor do fogo, vermelho. Era já conhecido como simples adjetivo na Europa desde a Idade Média. No séc. XII já havia em francês *brésil; brézil* em provençal; em italiano *braxile* e *brasile*. O adjetivo *bras-il* derivou-se do subst. germ. *brasa*, com o mesmo sentido que tem hoje em português. G. G. Nicholson, em seu livro "Un Nouveau Principe d'Etymologie Romane" — pág. 78, nega esta origem, afirmando que tal palavra *brasa* não existe: "Mais le fait est qu'il n'y a trace en allemand ni de * *brasa* ni d'aucun mot d'où on puisse le tirer". Parece-nos que o engano dêste autor seja tomar *germânico* por *alemão*. Como ele próprio atesta, existe em sueco moderno *brasa* com o sentido de fogueira, fogo. Procura então outra origem para a palavra e propõe o lat. vulg. * *abarsare* de que se formou * *abrasare*, queimar, incendiar. De * *abrasare* recebemos *abrasar* e por aférese *brasar*, sendo então *brasa* um deverbal. De muito pouco adianta este trabalho de substituir * *brasa*, germânico, ainda hoje representado em sueco, por * *abarsare*, formado pelo prefixo *ab* + *arsare* e este de *arsus*, partic. pas. de *ardere*, verbo aquele muito mais hipotético que o vocábulo *brasa*. Além de tudo isto convém lembrar ao autor que não existe, em português, *brasar*.

X-140 (3) *Santa Cruz* — O 1.º nome do Brasil foi ilha de Vera-Cruz; o 2.º terra de Santa Cruz por ter sido descoberto a 3 de maio, festa da "Invenção da Santa Cruz".

X-140 (4) *O Magalhães* — Veja c. X-138 (2) — Como muito bem comentou Barbosa Bettencourt, "Fernão de Magalhães fez para o Atlântico ocidental e para a América, o que Bartolomeu Dias fizera para o Atlântico oriental e para a África: achou o extremo das terras e comunicações para outro mar" (pág. 291).

X-141 (1) *a via mais que meia* — Mais da metade da distância, mais de 45º de latitude sul.

X-141 (2) *Linha* — a linha do Equador.

X-141 (3) *Duma estatura, quase gigantéia* — Sempre houve exagero relativo à estatura dos patagões. São índios do extremo sul da América, da Patagônia e Terra do Fogo, até hoje ainda pouco estudados. Magalhães, ao ver o tamanho dos pés destes naturais da terra, aumentados pelas peles em que estavam envolvidos, foi quem lhe deu o nome de *patagões*, tomando os pés por patas. A estatura deles varia entre 1,70 e 1,85. A Patagônia pertence à Argentina.

X-141 (4) *o estreito que se arreia co'o nome dele agora* — O estreito de Magalhães. // *Arrear-se*, adornar-se, enfeitar-se.

X-141 (5) *Para outro mar* — Dá passagem para o Oceano Pacífico. Além da Terra do Fogo presumiu-se sempre que existissem outras terras, talvez, os territórios gelados da Antártida ainda em explorações.

X-144 (1) *Entraram pela foz do Tejo ameno* — Primeiro chegou a Cascais Nicolau Coelho que se separou dos demais à altura de Cabo Verde. Chegou a 10 de julho de 1499. Vasco da Gama, por vir muito enfermo o irmão Paulo da Gama, teve de ficar na ilha de Santiago. Tomando aí uma caravela, viu-se obrigado a aportar à ilha Terceira onde faleceu Paulo da Gama e está sepultado. Só chegou a Belém, donde partira, em setembro de 1499. Havia dois anos e dois meses que partira, a 8 de julho de 1497.

X-145 (1) *No'mais, Musa, no'mais...* — Esta estrofe é uma das mais belas de todo o poema: dá-nos a impressão de cansaço, fadiga, abatimento e tristeza em que se encontrava o grande Poeta após tão longo trabalho de tão alta composição literária. *No'mais* por *Não mais*, escrito simplesmente *nomais*, com assimilação da nasal de *non* à nasal de *mais*. Veja o c. III-67. Esta maneira de dizer vive ainda na boca do povo brasileiro. Aqui termina o poema, a narração que havia anunciado no c. I-1: *as armas:* os feitos militares; *os barões:* os grandes vultos da história de Portugal, as viagens de descobrimentos: *por mares nunca de antes navegados*. Tudo o que mais disser será complemento e aperfeiçoamento literário, fecho e remate da grande epopéia, a maior, no seu gênero, escrita na Europa cristã.

X-145 (2) *lira destemperada* — Lira desafinada pelo uso tão longo que foi dela feito. Ainda hoje se diz temperar uma viola, por afinar; temperar a voz, prepará-la para cantar.

X-145 (3) *venho cantar* — O mesmo que *venho de cantar*, termino, acabo de cantar, de celebrar em versos.

X-145 (4) *austera, apagada e vil tristeza* — Eram os anos terríveis do reinado efêmero de Dom Sebastião, desaparecido em Alcácer-Quibir, com a ameaça, depois certeza, do domínio espanhol em Portugal, com o pavor da perda da independência da pátria.



X-147 (1) *A golpes de idolatras e de mouros* — Veja c. II-54; c. VII-73.

X-148 (1) *Sem dar resposta* — Veja c. I-50; c. V-33; c. VII-63-65; c. IX-16.

X-148 (2) *Cometerão convosco* — Enfrentarão, arrostarão convosco, lutarão ao vosso lado.

X-149 (1) *desalivai-os* — Isto é, *desaliviai-os*. Verbo já fora de uso, de *alivar*, variante de *aliviar*, com o prefixo *des*, intensivo e não negativo, como em *desagreste, desinquieto, desinfeliz, desnudo*.

X-150 (1) *Segundo têm das vidas o talento* — Segundo a vocação, a aptidão natural que cada um apresenta a este ou àquele ofício, àquele modo de viver.

X-150 (2) *Tenham religiosos exercícios* — Emprega o Poeta *religiosos* no sentido exato da língua eclesiástica: frade, congregado, monge, enfim, pessoa que vive em convento. A vida conventual é dita *religião* e os que a ela se entregam são *religiosos*. Desta maneira, *religiosos* neste verso não é adjetivo que modifique *exercícios*. Por outras palavras diríamos: Tenham os frades exercícios de rogarem. Note-se ainda este infinito pessoal *rogarem*, contra as regras posteriormente engendradas por Soares Barbosa. Camões põe o dedo na chaga do tempo: os numerosíssimos frades de Lisboa, em lugar de tais deveres apontados pelo Poeta, levavam vida pouco edificante, ambiciosos e cúpidos. Por isto ironicamente remata: *Que o bom religioso verdadeiro / Glória vã não pretende nem dinheiro*.

X-152 (1) *que são para mandados* — Que são para serem mandados: elipse clássica do verbo ser.

X-152 (2) *posto que em cientes muito cabe*, etc. — Afirma Camões que não basta muita teoria, muita ciência, mas é necessária a prática e a prática minuciosa da experiência.

X-153 (1) *Formião* — Conta Cícero (De Oratore — II-18) que Aníbal, visitando, em Éfeso, o filósofo Formião, teve de ouvir longa dissertação militar em que se espraiou o filósofo e retórico grego. Interrogado depois Aníbal pelos companheiros a respeito do palavrório, responde que já tinha ouvido muito velho tonto, nunca, porém, um que dissesse tanto disparate como Formião.

X-153 (2) *Aníbal* — Com acento oxítono. Veja c. VII-71.

X-153 (3) *larga voz* — Prolixamente, empoladamente. // *Tratava e lia* — Ler, no sentido universitário de *lente*, aquele que ensina ex-cátedra. Cícero disse de Formião: *locutus esse dicitur homo copiosus aliquot horas:* homem copioso, loquaz, abundante em palavras e *aliquot horas*, durante algumas horas.

X-153 (4) *Sonhando, imaginando, estudando, vendo, tratando, pelejando* — Seis gerúndios de enfiada! É ainda a forma preferida na língua do Brasil e já, na de Portugal, substituída pelo infinito com *a: a sonhar, a imaginar, a estudar, a ver, a tratar, a pelejar*. Ambas as formas são corretas e manda a estilística que se use de ambas como gosto, variando, para que não advenha monotonia ao escrito pela predominância de um só destes tipos de expressão.

X-154 (1) *Mas eu que falo, humilde, baixo e rudo* — Três adjetivos, no masculino, em função adverbial de modo.

X-154 (2) *louvor acabado* — Perfeito.

X-154 (3) *honesto estudo* — A teoria, a ciência, o conhecimento haurido nos livros e com os mestres.

X-154 (4) *experiência* — A prática, os casos particulares em que foi aplicada a teoria.

X-154 (5) *engenho* — Talento inventivo, literário.

X-155 (1) *braço às armas feito* — Belíssima estrofe! Remate e prova cabal do que afirmara o Poeta quando, sem orgulho, porque era a verdade, disse que dispunha não só de ciência, não só de experiência, mas também de *engenho!* Havia lutado por Portugal na África, onde perdera uma vista; na Índia onde passara até fome e miséria, naufrágios e prisões. Tinha, portanto, o *braço feito às armas*, acostumado a brandir a espada, sem medo nem pavor. Mas tinha também *mente às Musas dada:* com maior ainda perfeição dedilhara a lira como meneado tinha a espada e tudo por quê? *Para cantar-vos*, isto é, para celebrar-vos em versos imortais.

X-155 (2) *Só me falece ser a vos aceito* — Só me falta ser aceito por vós, ter o vosso aplauso. Ainda aqui aparece a dedicação de Camões ao rei como representante máximo da Pátria: que importaria a um tão grande poeta o aplauso de um tão insignificante e inutilíssimo reizinho como Dom Sebastião? Não era assim: fosse ainda um rapazola, era o rei, era aquele que representava Portugal! Note-se a construção bastante rara da voz passiva, com o complemento de causa eficiente construído com a prep. *a: ser aceito a vós*. Veja c. V-50.

X-156 (1) *mais que a de Medusa* — Veja c. III-77.

X-156 (2) *Ampelusa* — Veja c. III-77.

X - 156 (3) *Trudante* — Cidade de Marrocos.

X - 156 (4) *Fico* — Estou certo de, responsabilizo-me por. Camões diz a Dom Sebastião que os seus versos, o seu poema, celebrarão no mundo os feitos do rei na guerra que se ia empreender contra Marrocos. Como dizem os historiadores, havia muita gente contrária a tal empresa para a qual não estava preparada a nação nem era chefe digno o monarca, ainda quase menino. Camões segue o partido dos que entusiasmavam Dom Sebastião a fazer tal guerra tão fatal que na primeira escaramuça, desapareceu o rei.

X - 156 (5) *De sorte que Alexandro* etc. — Conta-se que Alexandre, visitando o túmulo de Aquiles, não teve inveja dos seus feitos e façanhas, mas sim, de ter tido a Homero como cantor de sua valentia: "Quam multus scriptores rerum suarum magnus ille Alexander secum habuisse dicitur! Atque is tamen, cum in Sigeo ad Achillis tumulum adstitisset, "o fortunate" inquit "adulescens, qui tuae virtutis Homerum praeconem inveneris" (Cicero — Pro Archia, 24). Dom Sebastião não terá tal inveja porque Camões ai está para ser o cantor de seus feitos.